UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

ALLANA MEIRELLES VIEIRA

**Opiniões à venda:
oposições políticas e divisão do trabalho intelectual na mídia**

Versão corrigida

São Paulo
2021

ALLANA MEIRELLES VIEIRA

**Opiniões à venda:
oposições políticas e divisão do trabalho intelectual na mídia**

Versão corrigida

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e à École des Hautes Études en Sciences Sociales para a obtenção da dupla titulação de doutora em Sociologia.

Orientador: Sergio Miceli Pessoa de Barros

Coorientador: Julien Duval

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V 657o Vieira, Allana Meirelles
Opiniões à venda: oposições políticas e divisão do
trabalho intelectual na mídia / Allana Meirelles
Vieira; orientador Sergio Miceli Pessoa de Barros -
São Paulo, 2021.
465 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Sociologia. Área de concentração:
Sociologia.

1. Intelectuais. 2. Jornalismo. 3. Mídia. 4.
Mercado de Opiniões. 5. Direita e Esquerda. I.
Barros, Sergio Miceli Pessoa de , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Anuência do orientador

Nome da aluna: Allana Meirelles Vieira

Data da defesa: 27/09/2021

Nome do orientador: Sergio Miceli Pessoa de Barros

Nome do coorientador: Julien Duval

Prof. Dr. Sergio Miceli Pessoa de Barros	USP
Prof. Dr. Julien Duval	CNRS
Profa. Dra. Débora Messenberg Guimarães	UnB
Prof. Dr. Dmitri Cerboncini Fernandes	UFJF
Profa. Dra. Gisèle Sapiro	CNRS-EHESS
Profa. Dra. Marcia Cristina Consolim	UNIFESP

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/10/2021

Prof. Dr. Sergio Miceli Pessoa de Barros
Orientador

Às professoras e aos professores que deixaram marcas importantes em
minha vida, e à universidade pública, gratuita e de qualidade, que
transformou meus horizontes.

AGRADECIMENTOS

Chego ao fim do doutorado pouco mais de dez anos depois de ingressar como aluna em uma universidade pública. Nesses anos de intensa (trans)formação, pude contar com pessoas muito especiais, que compartilharam comigo mais do que os conhecimentos acadêmicos, mas também as alegrias e as amarguras da vida. Essas pessoas bem sabem que a escrita desta tese representou para mim muito mais do que um trabalho com vista a um título, sobretudo no momento trágico e sombrio em que vivemos. Por elas, guardo profunda gratidão e afeto.

À minha família, agradeço a sólida sustentação. Cada um a seu modo, com os recursos e as possibilidades que teve, ensinou-me persistência e dedicação. As trajetórias sociais de minha mãe, meu pai, meu irmão e Nina misturaram-se às leituras mais marcantes em minha formação, tendo papel fundamental na visão sociológica que adoto. A eles, devo mais do que muitas vezes acabo demonstrando. Em meio ao desenvolvimento da tese, tive duas imensas felicidades: à vinda de Ana Júlia para perto de nós e à chegada de Dulce, minhas amadas afilhadas. A doçura de tê-las por perto traz esperança à minha vida. Também Helena e Caio me encheram dessa alegria juvenil, de quem está a começar os caminhos que eu um dia iniciei. À Maria Paula, minha cunhada, agradeço as lembranças e palavras carinhosas de sempre. À Claudia e ao Sergio, minha sogra e meu sogro, à Lara e à Erika, minhas cunhadas, agradeço o acolhimento em São Paulo – fazendo-me sentir em casa, vocês contribuíram sobremaneira para a realização do doutorado.

Aos amigos de infância – Olívia, Rhayssa, Carlinhos e minha prima Thuila – e àqueles que encontrei no período da faculdade – Allan, Nara, Roberta, Luiza, Andréa, Ana Maria, Diogo, Inés e Marcos –, devo parte do que sou e do que penso. Ao Allan, agradeço também a ajuda na organização dos documentos para o processo seletivo da USP. À Luiza, os inúmeros contatos que conseguiu com os entrevistados desta pesquisa. À Rhayssa, as hospedagens no Rio de Janeiro para a realização das entrevistas.

Entre a entrada na UFJF em 2009 e a entrega desta tese, uma conversão importante aconteceu: a descoberta da Sociologia como vocação. Por essa mudança de rota, devo agradecer ao Dmitri Fernandes. Meu orientador na graduação em Ciências Sociais e um grande amigo, Dmitri contribuiu com esta tese, desde o apoio nas seleções para a USP e para a EHESS até a participação em minha qualificação, comitê de thèse e banca de defesa final. Das reuniões no grupo de pesquisa às conversas mais informais, das trocas intelectuais constantes à amizade sincera, agradeço por ter me ensinado a fazer sociologia, por acreditar firmemente em mim e por ser uma referência intelectual. Na transição para a Sociologia, os colegas do grupo de

pesquisa da UFJF também foram muito importantes. Agradeço a todos pelas leituras de meus textos e pelas trocas durante esses anos. À Mariana, agradeço os auxílios sempre muito prestativos com a ferramenta SPAD. Ao Fábio e ao José Wellington, as conversas instigantes sobre Sociologia e as leituras atentas e generosas de meus textos. Às Anas Carolinas, os debates intensos, o calor da amizade, o abraço nas horas de choro e angústia, mas também nas de cantoria e riso frouxo. À Ana Carolina Serpa, agradeço ainda a leitura de minha tese, as contribuições valiosas, mas sobretudo a presença constante em meus dias, compartilhando sonhos, estimulando minha criatividade e minha imaginação. Com Carol, guardo a afinidade intelectual e sentimental mais profunda.

Na USP, também tive a felicidade de encontrar pessoas incríveis. À Aline, agradeço a identificação instantânea que se tornou grande amizade. As trocas diárias sobre cada detalhe da pesquisa, as leituras conjuntas, as referências debatidas, as escolhas compartilhadas, os artigos escritos a quatro mãos, as leituras atentas e criteriosas de várias versões de minha tese foram certamente imprescindíveis. Mais do que isso, Aline foi a pessoa com quem dividi as pequenas conquistas e angústias desses quatro anos e meio de doutorado. Agradeço também à Dayana, pela amizade construída, pelos sentimentos e ideias compartilhadas. Aos colegas de minha turma do PPGS-USP e do grupo de *Sociologia da Cultura*, agradeço pelas diversas contribuições: a leitura do projeto no início de tudo ou de partes da tese já neste final, as discussões em aulas e reuniões ou as conversas em bares e corredores. Agradeço especialmente aos queridos amigos Luiz Antônio, Luiz Felipe, Marcello, Pedro, Vanessa, Wellington e William pelas leituras atentas da tese por inteiro ou de partes dela, pelas preciosas sugestões e reflexões. À Fernanda, agradeço os contatos no jornalismo e a prestatividade de sempre. A esses e a todos os outros colegas de turma e grupo, agradeço por fazer parte de um conjunto de pessoas extremamente talentosas.

No meio do doutorado, tive a oportunidade de viver um dos períodos mais incríveis de minha vida: a estadia em Paris. Agradeço a todas as pessoas que cruzaram meus caminhos nas ruas parisienses e que fizeram contribuições importantes à pesquisa, entre elas: as Barbaras, Eli, Heraldo, Janine, Jéssica, Jinsu, Jonathan, Maurício. Agradeço especialmente àqueles que se tornaram grandes amigos: Dioclésio e Gabriel, cujas trocas intelectuais e afetivas são um grande alento e uma grande motivação; e ao Tarcísio, pela leitura atenta de capítulos da tese e pelas conversas instigantes.

Agradeço aos professores Fernando Pinheiro e Luiz Carlos Jackson, pelas análises certeiras no grupo de *Sociologia da Cultura*. Ao Luiz Carlos Jackson, também pelas aulas valiosas no início do curso; e ao Fernando Pinheiro, pelas contribuições preciosas em minha

banca de qualificação. À Marcia Consolim, à Débora Messenberg e à Gisèle Sapiro, pelos comentários fundamentais na banca de defesa da tese. À Gisèle Sapiro, ainda por me receber em seu grupo de estudos na França e pela participação em meu comitê de thèse na EHESS. À Marcia Consolim e à Débora Messenberg, por escreverem o relatório de tese solicitado pela EHESS. E à Marcia também pela oportunidade de apresentar minha pesquisa em seu grupo de estudos, com comentários muito importantes aos passos finais da tese. Agradeço a Anne Marie pela correção detalhada da versão em francês da tese; ao Edison Bertencelo, pelos primeiros cursos de ACM; à Sylvia Gemignani Garcia, pelas contribuições no Seminário Discente; ao Michel Offerlé, por me receber em seu grupo de pesquisa em Paris; ao Duarte Rolo, pelas conversas em Paris; ao Louis Pinto, ao Dominique Marchetti, ao Yves Cohen e ao Afrânio Garcia, pelos seminários na EHESS.

Aos meus orientadores, reservo um agradecimento especial. Ao Sergio Miceli, agradeço o respeito a minha autonomia, a confiança demonstrada, as recomendações certas ao desenvolvimento da pesquisa. Suas obras escritas e suas leituras de outros autores são extremamente inspiradoras – há franqueza e brilhantismo incontestáveis. Ao Julien Duval, agradeço a oportunidade do doutorado em cotutela, a generosidade e a prontidão de sempre, os ensinamentos da ACM e o cuidado com a versão francesa do texto. Sinto-me verdadeiramente honrada por ter tido como orientadores grandes referências acadêmicas e intelectuais para minha pesquisa. Agradeço ainda a todos os professores que de alguma forma participaram desses mais de dez anos de trajetória acadêmica. Na impossibilidade de citar a todos e tendo tido a oportunidade de agradecê-los em outras ocasiões, dedico esta tese a eles.

Agradeço a todos os entrevistados, pela disponibilidade em conversar comigo e pela abertura com que me receberam. Busquei escrever esta tese mantendo o respeito a essa abertura, mesmo que com críticas profundas às suas tomadas de posição. Ao CNPq e à Capes, agradeço o financiamento da pesquisa e do período na França. Sem a universidade pública e sem os recursos que recebi dessas duas agências, no doutorado e em outras etapas de meu percurso acadêmico, eu não teria conseguido completá-lo.

Deixo para o fim aquele que me faz sorrir todos os dias: Felipe. A você, devo agradecer o adubo primordial de tudo que faço em minha vida: seu amor e seu apoio em todos os momentos. Obrigada por caminhar comigo, mesmo em meio a transformações e turbulências. Obrigada por ter me ouvido falar incansavelmente de cada etapa do doutorado. Obrigada por sempre me ajudar com as pequenas e grandes tarefas da pesquisa. Obrigada por ser meu primeiro leitor. Obrigada por ser meu porto-seguro e minha paz; meu melhor amigo e minha melhor companhia; meu companheiro e meu amor.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo analisar as condições sociais das tomadas de posição mais à direita ou mais à esquerda dos intelectuais midiáticos no Brasil contemporâneo. A proposta é tornar inteligíveis sociologicamente seus posicionamentos políticos, sobretudo, referentes a dois recentes momentos de crise: o impeachment de Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro. Ao tomar esses intelectuais midiáticos como objeto de estudo, tenho como recorte de análise uma zona fronteira, entre a universidade e o jornalismo, mas também com inter-relações com os campos político, econômico e literário – zona esta denominada, no trabalho, como “mercado de opiniões”. Para responder à questão principal da tese, estabeleci três principais vertentes de análise e, consequentemente, três objetivos específicos que estão analiticamente interligados: 1) a investigação das trajetórias, posições e tomadas de posição dos agentes estudados; 2) a análise das relações estabelecidas entre esses intelectuais e entre eles e seus públicos presumidos, a partir das formas de identificação, das disputas e dos tipos de produção simbólica; 3) a indicação do panorama de transformações contemporâneas no mercado de opiniões no Brasil. A tese que procuro defender neste trabalho é a de que existe uma correlação entre as tomadas de posição dos intelectuais midiáticos e as posições que eles ocupam nesse espaço – as quais são fruto das trajetórias traçadas, dos capitais acumulados e de suas disposições incorporadas –, estando o mercado de opiniões estruturado em hierarquias e polos: o dos especialistas, o dos acadêmicos, o dos jornalistas *mainstream*, o dos jornalistas blogueiros, o dos polemistas e o dos militantes. Esse mercado de opiniões, aliás, é marcado pela predominância das lógicas mais econômicas em relação às lógicas mais intelectuais.

Palavras-chave: Intelectuais. Jornalismo. Mídia. Mercado de Opiniões. Direita e Esquerda.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the social conditions of the position-taking on the right-wing or left-wing of media intellectuals in contemporary Brazil. The proposal is to make their political positions sociologically intelligible, especially regarding two recent moments of crisis: the impeachment of Dilma Rousseff and the election of Jair Bolsonaro. Taking these media intellectuals as the object of study, I analyze the borderline area, between university and journalism, but also the interrelationships with the political, economic and literary fields – this area, within this thesis, is called the “opinion market”. To answer the main question of the thesis, I established three main lines of analysis and, consequently, three specific objectives that are analytically interconnected: 1) the investigation of the trajectories, positions and position-taking of the agents studied; 2) the analysis of the relationships established among these intellectuals as well as between themselves and their presumed audiences, based on the forms of identification, the disputes and the types of symbolic production; 3) the indication of the panorama of contemporary transformations in the opinion market in Brazil. The thesis that I try to defend here is that there is a correlation between the position-taking by the media intellectuals and the positions they occupy in this space – which are the result of the trajectories traced, the accumulated capitals and their incorporated dispositions –, with the opinion market structured at the same time in hierarchies and poles: specialists, academics, mainstream journalists, journalist-bloggers, polemicists and activists. This opinion market, moreover, is marked by the economic logic to the detriment of the intellectual logic.

Keywords: Intellectuals. Journalism. Media. Opinion Market. Right-wing and left-wing.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à analyser, dans le cas du Brésil contemporain, les conditions sociales des prises de position à la droite ou à la gauche de l'échiquier politique des intellectuels médiatiques. L'enjeu est de rendre sociologiquement intelligibles leurs positions politiques, notamment en ce qui concerne deux récents moments de crise : la destitution de Dilma Rousseff et l'élection de Jair Bolsonaro. Ces intellectuels médiatiques s'inscrivent dans une zone frontalière qui est appelée dans cette thèse « marché des opinions » et qui se situe entre l'université et le journalisme, tout en entretenant des relations avec les champs politique, économique et littéraire. La thèse poursuit trois objectifs spécifiques qui s'interconnectent analytiquement : 1) l'investigation des trajectoires, positions et prises de position des agents étudiés ; 2) l'analyse des relations entre ces intellectuels et l'analyse de leurs relations avec leurs publics présumés, à partir des identités qu'ils revendiquent, des luttes qu'ils mènent et des types de production symbolique qu'ils proposent ; 3) l'indication du panorama des transformations contemporaines du marché des opinions au Brésil. La thèse défendue est qu'il existe une corrélation entre les prises de position des intellectuels médiatiques et les positions qu'ils occupent dans cet espace – qui sont le résultat de leurs trajectoires, du capital accumulé et de leurs dispositions incorporées. Nous soutenons, par ailleurs, que ce marché des opinions qui est structuré en trois pôles hiérarchisés (le pôle des spécialistes et des universitaires, celui des journalistes mainstream et des journalistes-blogueurs, celui des polémistes et des militants) est de plus en plus marqué par la logique économique au détriment de la logique intellectuelle.

Mots clés : Intellectuels. Journalisme. Médias. Marché d'opinions. Droite et gauche.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias ativas com maior contribuição para a formação do Eixo 1	36
Tabela 2 - Categorias ativas com maior contribuição para a formação do Eixo 2	36
Tabela 3 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)	39
Tabela 4 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)	39
Tabela 5 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas Mainstream)	40
Tabela 6 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas blogueiros)	40
Tabela 7 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e militantes mais próximos do jornalismo)	41
Tabela 8 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 2 (Polemistas e militantes mais próximos da academia)	41
Tabela 9 - Categorias suplementares referentes à origem social que se opõem no Eixo 1	42
Tabela 10 - Categorias suplementares referentes à origem social que se opõem no Eixo 2	42
Tabela 11 - Origens sociais dos mais especialistas e mais acadêmicos	104
Tabela 12 - Formação dos colunistas especialistas e acadêmicos	125
Tabela 13 - Dedicção à vida acadêmica dos colunistas especialistas e acadêmicos	162
Tabela 14 - Cargos ocupados pelos colunistas especialistas e acadêmicos	165
Tabela 15 - Origens sociais dos mais jornalistas	194
Tabela 16 - Cargos políticos e no sistema financeiro	254
Tabela 17 - Origens sociais dos mais polemistas e militantes	275
Tabela 18 - Atividades de consultoria bem como em ONGs e Think Tanks pelos mais polemistas e militantes	337
Tabela 19 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)	349
Tabela 20 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)	350
Tabela 21 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas Mainstream)	350
Tabela 22 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas blogueiros)	350
Tabela 23 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 2 (Polemistas e Militantes mais acadêmicos)	350
Tabela 24 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e Militantes mais jornalistas)	350
Tabela 25 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)	385
Tabela 26 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)	385
Tabela 27 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas Mainstream)	386
Tabela 28 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas blogueiros)	386
Tabela 29 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e Militantes)	387
Tabela 30 - Indicadores de qualidade da ACH	463
Tabela 31 - Informações dos clusters	463

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nuvem de indivíduos – Eixos 1 e 2.	34
Gráfico 2 - Nuvem de variáveis ativas – Posições no espaço social.....	35
Gráfico 3 - Nuvem de variáveis suplementares – Origens sociais.....	42
Gráfico 4 - Importância dos gêneros editoriais no faturamento do mercado.....	317
Gráfico 5 - Média de circulação dos jornais impressos (2000-2019).	324
Gráfico 6 - Fatia do “bolo publicitário” para cada meio de comunicação.....	325
Gráfico 7 - Respostas para a questão “O que gosta de fazer em seu tempo livre?”.....	326
Gráfico 8 - Nuvem de variáveis suplementares – instituições de ensino e meios de comunicação.....	349
Gráfico 9 - Nuvem de variáveis suplementares - tomadas de posição.....	383
Gráfico 10 - Nuvem de indivíduos – Eixos 1 e 2.....	384
Gráfico 11 - Dendograma da ACH.....	464
Gráfico 12 - Nuvem de variáveis ativas e suplementares (todas).	465

SUMÁRIO

PARTE I – INTELLECTUAIS NA MÍDIA	15
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 INTELLECTUAIS MÍDIÁTICOS: OS JOGOS DE CLASSIFICAÇÃO	20
1.2 DELINEANDO OS OBJETIVOS E O CORPUS DE ANÁLISE	24
1.3 METODOLOGIA, MATERIAIS E FORMAS DE ANÁLISE	28
1.4 O DESENHO DO ESPAÇO SOCIAL	30
1.5 AS FONTES DE PESQUISA	44
1.6 AS ENTREVISTAS	47
1.7 ESTRUTURA DA TESE	55
2 AS TOMADAS DE POSIÇÃO EM DOIS MOMENTOS DE CRISE	57
2.1 O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2016)	58
2.2 A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO (2018)	74
PARTE II – ESPECIALISTAS E ACADEMICOS	90
1 EXPERTS, POLICY MAKERS, CONSULTORES E AGENTES DO MERCADO	90
1.2 PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E “INTELLECTUAIS PÚBLICOS”	94
2 ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA	100
2.1 HERANÇAS FAMILIARES: OS PAIS INTELLECTUAIS, POLÍTICOS E EXECUTIVOS	110
2.2 A PRIMEIRA FORMAÇÃO: RELIGIÃO, POLÍTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO	115
2.3 ASCENSÃO SOCIAL E MARCAS DE CLASSE	117
3 AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA	121
3.1 A CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL: ENTRE O EXÍLIO E O INTERCÂMBIO ACADEMICO	126
3.2 A “EXCELÊNCIA ACADEMICA” EM DISPUTA: OS MODELOS DE UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO	131
3.3 OS INTELLECTUAIS DA MARIA ANTÔNIA: ENTRE A NOSTALGIA E AS TRANSFORMAÇÕES	140
3.4 OS CIENTISTAS POLÍTICOS ENTRE ECONOMIA E SOCIOLOGIA: AMERICANIZAÇÃO <i>VERSUS</i> MARXISMO	144
3.5 A DOMINÂNCIA DOS ECONOMISTAS: ORTODOXOS <i>VERSUS</i> HETERODOXOS	148
3.6 OS NOVOS FILÓSOFOS: MUDANÇAS NO CAMPO INTELLECTUAL	153
4 AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER	158
4.1 INTELLECTUAIS E JORNALISTAS: SOCIALIZAÇÕES NAS REDAÇÕES DE JORNAIS	170
4.2 OS EXPERTS COMO FONTE: TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	175
PARTE III – JORNALISTAS MAINSTREAM E JORNALISTAS BLOGUEIROS	181
1 JORNALISTAS DA GRANDE IMPRENSA	181
1.2 JORNALISTAS DA BLOGOSFERA	186
2 ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA	192
2.1 HERANÇAS FAMILIARES: POLÍTICA E BOA VONTADE CULTURAL	199
2.2 A FORMAÇÃO NAS CIDADES DO INTERIOR: ENTRE LIBERDADE E CONSERVADORISMO	201
3 AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA	205
3.1 AS REDAÇÕES COMO ESCOLAS DE JORNALISMO: OS PERIÓDICOS QUE MARCARAM UMA GERAÇÃO	212
3.2 JORNALISMO POLÍTICO E ECONÔMICO: UMA ELITE ANCORADA NAS EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E RELAÇÕES SOCIAIS	222
3.3 OS COLONISTAS NO JORNAL: PRESTÍGIO RELATIVO E DISPUTAS ENTRE PARES	232
3.4 OS CHEFES-JORNALISTAS: A DISSOLUÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE O POLO CULTURAL E O POLO COMERCIAL	239
3.5 OS CORRESPONDENTES: A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO TRUNFO	241

3.6	A “INDEPENDÊNCIA” EM DISPUTA: OS GRANDES CONGLOMERADOS VERSUS OS BLOGS POLÍTICOS	244
4	AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER	252
4.1	OS JORNALISTAS E SUAS FONTES: TROCAS ENTRE DOMINANTES E DOMINADOS	257
PARTE IV – POLEMISTAS E MILITANTES		262
1	ESCRITORES, PROFESSORES E POLEMISTAS	262
1.2	ESCRITORES, PROFESSORES E MILITANTES	268
2	ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA	273
2.1	HERANÇAS FAMILIARES: AS ORIGENS MAIS ABASTADAS	281
2.2	ASCENSÃO SOCIAL: OS FILHOS DAS CLASSES MAIS POPULARES	288
3	AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA	296
3.1	OS FILÓSOFOS CONSERVADORES VERSUS AS FILÓSOFAS FEMINISTAS ...	297
3.2	OS CIENTISTAS SOCIAIS, A MILITÂNCIA POLÍTICA E A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	303
3.3	OS ECONOMISTAS, O MERCADO FINANCEIRO E O EMPREENDEDORISMO 306	306
3.4	OS ESCRITORES-JORNALISTAS E OS JORNALISTAS-ESCRITORES	308
3.5	AS NOVAS LÓGICAS DO JORNALISMO: ENTRE TELEVISÃO E INTERNET	322
4	AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER	335
4.1	A CIRCULAÇÃO PELAS FACULDADES PRIVADAS, OS CURSOS LIVRES E ONLINE	339
4.2	OS <i>THINK TANKS</i> ATIVISTAS OU MILITANTES	342
4.3	OS MOVIMENTOS SOCIAIS	346
PARTE V – ESPAÇO SOCIAL E TOMADAS DE POSIÇÃO		348
1	TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE OPINIÕES	348
1.1	A LÓGICA DA DISTINÇÃO	356
1.2	A LÓGICA DA CIRCULAÇÃO	363
1.3	A LÓGICA DA SIMULAÇÃO DO DEBATE	370
2	DIREITA E ESQUERDA NO MERCADO DE OPINIÕES	381
2.1	A REAÇÃO À CHEGADA DE UM PARTIDO MAIS À ESQUERDA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA	389
2.2	A LÓGICA DA DISTINÇÃO: A NATURALIDADE NA ANÁLISE SOCIAL E NA (AUTO)DEFINIÇÃO POLÍTICA	392
2.3	A LÓGICA DA BOA VONTADE CULTURAL: A LEGITIMAÇÃO DA DOMINÂNCIA	395
2.4	A LÓGICA DA NECESSIDADE: A LUTA POR UMA CAUSA OU A DEPENDÊNCIA DE UMA PERFORMANCE	399
3	AFINIDADES ELETIVAS E RELAÇÕES DE HOMOLOGIA	402
3.1	ESPECIALISTAS E ACADÊMICOS: ENTRE TOMADORES DE DECISÃO E FORMADORES DE OPINIÃO	403
3.2	JORNALISTAS <i>MAINSTREAM</i> E JORNALISTAS BLOGUEIROS: “DE RABO PRESO COM O LEITOR”	406
3.3	POLEMISTAS E MILITANTES: DOS FÃS AOS HATERS	409
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	413
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		418
APÊNDICES		454
APÊNDICE A – CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DA ACM E DA ACH		454
APÊNDICE B – TABELAS REFERENTES À ACM E À ACH		463

PARTE I – INTELECTUAIS NA MÍDIA

1 INTRODUÇÃO

Com a eleição e o crescimento de políticos situados mais à (extrema) direita do espectro político em diferentes países do mundo (como no Brasil, nos Estados Unidos e em diversos países da Europa e da América Latina) e a emergência de grupos que defendem e difundem ideias classificadas como conservadoras, reacionárias ou autoritárias, entre outras nomeações, esse tema passou a ocupar um lugar central na agenda do debate público, mas também acadêmico, nos últimos anos.

No Brasil, desde a eleição presidencial de 2014, anuncia-se, na imprensa e em trabalhos acadêmicos, a intensificação da chamada polarização política – à época, evidenciada entre os dois principais candidatos à presidência: Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). A reeleição da presidenta Dilma Rousseff por um partido historicamente associado à esquerda e, ao mesmo tempo, a eleição do congresso mais conservador desde a redemocratização do país¹ foram acompanhadas de uma crise política – que, há que se ressaltar, já remontava às Jornadas de Junho de 2013 –, cuja consequência foi o processo de impeachment da presidenta, finalizado em 31 de agosto de 2016. A eleição presidencial seguinte levou ao Poder Executivo o capitão reformado Jair Bolsonaro, até então um deputado federal do “baixo clero”, conhecido por polêmicas e discursos preconceituosos, contra os direitos humanos, de defesa da tortura, da ditadura e contra os “comunistas”, “esquerdistas” e “petistas”.

Durante as campanhas eleitorais citadas e o processo de impeachment, diversos agentes sociais – como artistas, intelectuais, jornalistas, pesquisadores, professores, ativistas de movimentos sociais, militantes de partidos políticos etc. – participaram do debate público e tomaram posições acerca dos objetos centrais das crises, seja nos meios de comunicação, nas redes sociais ou nas ruas. Nesse período, passou-se a anunciar a emergência de uma “nova direita” e a discutir o papel das redes sociais nesse fenômeno. A mobilização nessas redes, a visibilidade crescente e a ocupação das ruas por novos movimentos identificados como mais à direita do espectro político – como Movimento Brasil Livre (MBL), o Vem pra Rua e o Revoltados Online, por exemplo – contribuíram para a formação dessa agenda de reflexão. Porém, a atuação de determinadas figuras ligadas a esses movimentos não se iniciou na crise,

¹ Enquanto o número de parlamentares religiosos, ruralistas, militares aumentou, a bancada de políticos em defesa dos trabalhadores e movimentos sociais foi reduzida (QUEIROZ, 2014).

bem como a chegada do PT ao governo federal foi acompanhada, desde seu início, de uma reação por parte de setores da sociedade, incluindo alguns intelectuais midiáticos.

Foi nesse contexto que esta pesquisa se originou e se desenvolveu. Ao final de 2013 e início de 2014, surgiram meus primeiros sinais de interesse no tema, a partir da observação dos acontecimentos políticos, dos movimentos midiáticos e das leituras e discussões promovidas em uma disciplina do mestrado em Ciências Sociais da UFJF, *Intelectuais, mídia e poder*, ministrada pelo professor Dmitri Cerboncini Fernandes, e no grupo de estudos coordenado pelo mesmo professor, *Autoritarismo, preconceito e ideologia*. A partir de então, comecei a trabalhar esse tema, de forma ainda difusa e pouco estruturada, em artigos que abordavam as tomadas de posição mais à extrema direita por parte de agentes da mídia. O projeto desta pesquisa, porém, tomou sua primeira forma, em 2016, na seleção de doutorado para o Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP. Por uma coincidência, o último dia do prazo de entrega do projeto foi também o dia em que se concretizou o impeachment. E, mais uma vez, coincidentemente, a banca de qualificação foi realizada um dia após o segundo turno das eleições de 2018, que deu vitória a Jair Bolsonaro. Cito essas datas para evidenciar uma das características desta tese: ela foi pensada, estruturada, trabalhada e escrita em meio ao desenrolar dos acontecimentos.

Os sucessivos avanços na crise política foram, por um lado, impondo ajustes e reajustes ao desenho da pesquisa e, por outro, oferecendo indícios e materiais que contribuíram na confirmação de pressupostos, hipóteses e conclusões então parciais. Ao longo do processo, busquei aperfeiçoar minhas estratégias e meu objeto, no intuito de me afastar das análises conjunturais e responder da forma mais consistente sociologicamente as perguntas que me inquietavam desde 2013. Assim, procurei também caminhos de pesquisa que me permitissem observar a disputa ideológica, sem nela adentrar, evitando reverberar os lugares-comuns que fazem mais parte dela do que da explicação sociológica que a mesma requer – um desafio nem um pouco irrelevante diante de um objeto dinâmico, vivo e que desperta tantas paixões. Nesse sentido, busquei conduzir a pesquisa no intuito de alcançar o olhar que “não é nem o ponto de vista bastante parcial dos agentes engajados no jogo nem o ponto de vista absoluto de um espectador divino” (BOURDIEU, 2013, p. 57), entendendo que “a visão científica representa a totalização mais sistemática que pode ser realizada, em um determinado estágio dos instrumentos de conhecimento, à custa de uma objetivação tão completa quanto possível, e do dado histórico, e do trabalho de totalização” (Ibid.).

Nesse caminho, o projeto que, a princípio, visava estudar apenas o polo vitorioso da disputa pelo impeachment – qual seja, o dos intelectuais midiáticos identificados como mais à

direita do espectro político – passou a incluir também os nomes mais à esquerda, no intuito de oferecer um mapeamento das posições inscritas nesse espaço social e uma visada sociológica efetivamente relacional, possibilitando, assim, uma melhor compreensão das forças em disputa e das bases sociais das tomadas de posição. Espaço esse que também oferece grandes desafios à pesquisa por ser fruto da interseção entre vários outros, a começar pelo intelectual e o jornalístico.

Levando em consideração os diversos estudos sobre “intelectuais” (PINHEIRO FILHO, 2011; PINTO, 2009; SAPIRO, 2009; MICELI, 2001b; DUVAL, 1998; GRAMSCI, 1982; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 1996b; BOURDIEU, 1969; WILLIAMS, 2011; BOBBIO, 1997) assim como aqueles que abordam as identificações “direita” e “esquerda” (e tomadas de posição mais conservadoras, reacionárias, autoritárias) (SAPIRO, 2018; DURAND; SINDACO, 2015; CRUZ et al., 2015, BOURDIEU, 2014; BOBBIO, 1995; SINGER, 2000; HABERMAS, 1991; PIERUCCI, 1989; PIERUCCI, 1987; MANNHEIM, 1953; ADORNO, 1950), meu ponto de partida foi adotar noções menos essencialistas ou definitivas dos termos, no intuito de confrontá-las com meu objeto empírico (sobre os intelectuais, ver o próximo subcapítulo). Assim, parti das formas de classificação utilizadas pelos polos em disputa para mapear meu objeto. No processo de impeachment, a oposição direita *versus* esquerda – reconvertida em “coxinhas *versus* mortadelas”, “antipetistas *versus* petistas/petralhas” – foi mobilizada pelos meios de comunicação e analistas para caracterizar as figuras a favor da deposição ou que legitimaram o processo *versus* aquelas que se colocaram contra o que chamaram de golpe, respectivamente. A oposição “direita *versus* esquerda” também foi acionada na eleição de 2018, com variantes como “bolsominions *versus* petralhas”, “bolsomito *versus* geração lacradora”, “fascistas *versus* comunistas”. Sendo assim, adotei de antemão uma noção geral dos termos direita e esquerda, considerando-os de maneira relativa², em que um se define a partir da oposição ao outro, podendo ser distribuído em um *continuum*, no qual podem-

² Nesse sentido, considero o alerta de Gisèle Sapiro sobre o “uso das categorias de ‘direita’ e ‘esquerda’ no campo literário”: “A abordagem essencialista, entretanto, levanta duas armadilhas epistemológicas. A primeira concerne à pertinência do uso dessa oposição binária como um princípio de classificação. Pertinência que não negaremos aqui, com a condição de não pouparmos uma reflexão sobre os métodos de aplicação, ou melhor, de transposição dessa oposição nos universos culturais – aqui no campo literário –, e sobre os parâmetros específicos aos quais ela deve se relacionar dentro deles. A segunda armadilha decorre da primeira: se essas categorias oferecem a vantagem de serem padrões de percepção aos quais atores e seus contemporâneos (jornalistas, críticos) recorrem frequentemente para classificar e se classificar, também apresentam, pelas mesmas razões, um risco, a da falsa familiaridade, que só pode ser superada à custa de um trabalho de historicização do sistema de classificação indígena e da significação social das categorias que dele são produto no universo específico que estamos estudando. (...) Vamos insistir mais particularmente nas abordagens empíricas, da polaridade espacial como esquema de percepção do mundo social, a saber a assimetria e o princípio relacional (mesmo repulsivo) sem os quais nenhum dos dois polos existe” (SAPIRO, 2018, p. 40).

se reunir diferentes correntes de pensamento, grupos intelectuais, partidos políticos e movimentos sociais – como, por exemplo, reacionários, fascistas, tradicionalistas, conservadores, neoliberais, ultraliberais, liberais, social-democratas, socialistas, comunistas, anarquistas etc.

Nesse sentido, a proposta do trabalho não passa por enquadrar os nomes aqui estudados dentro dessas classificações nem os definir de maneira essencialista como sendo de direita ou de esquerda, mas sim compreender a conexão entre suas posições no espaço social, as formas de identificação que adotam, os sentidos que dão para essas classificações e suas tomadas de posição. A partir da pesquisa, foi possível confrontar essas categorizações com os diferentes parâmetros, modos de justificação e mediação, mobilizados pelos agentes estudados para se classificarem e classificarem os outros. Considerando que foi essa noção geral e relativa que me guiou no percurso da pesquisa, chegando ao final a uma formulação mais consistente sobre essas posições, optei por apresentar essa análise na última parte.

Essa abordagem relacional e o esforço em desenhar o espaço social se diferenciam em alguma medida dos trabalhos atuais acerca do tema no Brasil. As análises acadêmicas e conjunturais sobre a emergência da direita se tornaram mais frequentes com a verificação da guinada ideológica no país. Houve, nos últimos anos, uma ampliação considerável das produções e debates sobre o tema: em artigos e dossiês de revistas acadêmicas³, livros⁴, eventos, palestras e *lives*, além das colunas e reportagens na imprensa, blogs e canais audiovisuais⁵. Parte dessa produção (inclusive, acadêmica) conta com a autoria e a participação de agentes que são objeto dessa pesquisa por ocuparem simultaneamente o lugar de colunistas e pesquisadores. Dentre esses estudos, há diferentes frentes de análises, indo desde aquelas que investigam as dinâmicas próprias do campo político-partidário (ANDERSON, 2019; SINGER, 2018; CODATO, BOLOGNESI, ROEDER, 2015; FAGANELLO, 2015); as que se voltam para as dinâmicas de classe (SINGER, 2018; SINGER; LOUREIRO, 2016; BRAGA, 2016); as que se

³ Para citar alguns exemplos, foram publicados os seguintes dossiês: Um espectro ronda o Brasil (à direita) na *Revista Plural*, em 2018; Direitas no Brasil contemporâneo, na *Revista Teoria e Cultura*, em 2018; Faces da nova direita no Brasil, na *Revista Estudos de Sociologia*, em 2017; Direitas latino-americanas no século XXI, na *Revista Leviathan*, em 2017.

⁴ Alguns exemplos desses livros são: *Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia*, de Marcos Nobre, de 2020; *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*, de vários autores, de 2019; *Sobre o autoritarismo brasileiro*, de Lília Schwarcz, de 2019; *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*, organizado por Camila Rocha e Esther Solano, em 2019; *Brasil em colapso*, organizado por Esther Solano, de 2019; *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, publicado em 2018; *O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil*, organizado por Esther Solano, de 2018; *As contradições do lulismo – a que ponto chegamos?*, organizado por André Singer e Isabel Loureiro, de 2016; *Por que gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*, de vários autores, de 2016; *Direita, volver!*, organizado por Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Codas, de 2015.

⁵ Muito desse material vai ser citado ao longo do trabalho.

dedicam a estudar as manifestações de rua e os novos movimentos sociais (ROCHA, 2018; TATAGIBA, 2018; ALONSO, 2017; SOLANO; ORTELLADO; MORETTO, 2017; TELLES, 2016; ORTELLADO; SOLANO, 2016; TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015); e aqueles mais próximos ao meu objeto, que pesquisam os intelectuais de direita e suas instituições, como *think tanks*, mercado editorial e mídia (ROCHA, 2018; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2018; CARLOTTO, 2018; MESSENBURG, 2017; ALEXANDRE, 2017; CHALOUB; PERLATTO, 2015; SILVEIRA, 2013).

Alguns desses trabalhos tendem a enfatizar os elementos discursivos que unem a direita, em especial a mais extrema e, portanto, a mais agressiva – análises necessárias ao entendimento do fenômeno. Ainda assim, ao considerar a extrema direita em relação a outros polos do espectro político – como a direita mais legitimada, a mais próxima ao centro e a esquerda –, busco fugir da produção de essencializações acerca de uma direita caricata, mas também passo a enfatizar as relações de força estabelecidas entre as diferentes posições.

Ao traçar a estrutura desse mercado de opiniões⁶, acredito fornecer elementos para se pensar a emergência de uma extrema direita nesse espaço. Ou seja, como a correlação de forças entre os agentes, que são ao mesmo tempo produto e produtores desse espaço social, foi se estruturando de maneira a possibilitar que os discursos mais polêmicos e mais radicais ganhassem proeminência. Dessa maneira, busco ir além também das teorias baseadas em um simples determinismo tecnológico, que atribuem às redes um efeito causal, negligenciando a inter-relação com os fatores do mundo social. Da mesma forma, também me afasto das análises – presentes, principalmente, na imprensa – que tomam um “guru” – no caso, Olavo de Carvalho –, por mais ativo e influente que seja, como figura responsável pela emergência dessa direita – argumento que, inclusive, reitera a representação que o mesmo promove sobre si, como será visto.

Ademais, esses trabalhos, focados na necessária sistematização das ideias-chaves dos colonistas de uma suposta “nova direita”, não se debruçam em sua maioria sobre as propriedades sociais e as posições sociais dessas figuras – abordagens imprescindíveis para a inteligibilidade sociológica das tomadas de posição. Há que se ressaltar, porém, que esses trabalhos se desenvolveram em um contexto de carência de estudos que abordem o tema a partir das tradições, metodologias e teorias próprias da sociologia (FERNANDES; MESSENBURG, 2018, p. 2), contribuindo de todo modo para a elaboração desta tese.

⁶ Utilizo a expressão “mercado de opiniões” para fazer referência ao que Bourdieu descreveu como “mercado dos discursos produzidos e oferecidos pelos detentores dos instrumentos de produção de problemas e de opiniões legítimas” (BOURDIEU, 2015, p. 371).

Algumas hipóteses que expliquem essa carência são levantadas por Fernandes e Messenberg, no texto de apresentação do dossiê *Um espectro ronda o Brasil (à direita)*, publicado na revista *Plural*, em 2018: 1) o enfoque do assunto a partir do “autoritarismo de Estado” em detrimento do exame sobre a reverberação do fenômeno em instâncias da sociedade civil; 2) a possível preterição do tema enquanto objeto legítimo da sociologia; 3) e a apropriação do assunto pela ciência política (Ibid., p. 2).

De maneira similar, a mídia enquanto objeto de investigação da sociologia brasileira também ocupa esse mesmo lugar de desprestígio (PINHEIRO; BERGAMO, 2018; ROCHA, 2011). Ao tomar esse objeto a partir do ponto de vista sociológico, buscando evidenciar as estruturas, as dinâmicas e as representações envolvidas nesse mercado de opiniões, esta tese contribui também para uma sociologia do jornalismo e uma sociologia dos intelectuais, mais especificamente, e para sociologia da cultura, em geral. Isso porque articula as trajetórias sociais dos agentes com os processos de transformação e conformação do espaço, contribuindo também para traçar seu estado contemporâneo.

1.1 INTELLECTUAIS MIDIÁTICOS: OS JOGOS DE CLASSIFICAÇÃO

Tanto as classificações “direita” e “esquerda” quanto as de “intelectual”, em geral, e “intelectual midiático”, em particular, fazem parte dos jogos de competição, cooperação e distinção no qual esses agentes se inserem. Assim, se está em disputa entre eles qual é a “verdadeira esquerda”, a “verdadeira direita” ou a “direita legítima” (ver Parte V), também está quem pode ou não ser chamado de “intelectual”. Nesse sentido, a própria definição do termo é um dos “móveis centrais que impulsionam a concorrência entre os diversos tipos de produtores em luta pela monopolização da autoridade de legislar em matéria cultural” (MICELI, 2001b, p. 247).

No contexto francês e no escopo da sociologia de Pierre Bourdieu, os “intelectuais midiáticos” se caracterizam pela oposição ao “intelectual universal” ou ao “intelectual crítico” (PINTO, 2009). A transformação do papel do intelectual contemporâneo está, assim, diretamente atrelada à ampliação da influência midiática e jornalística nas produções culturais e simbólicas (BOURDIEU, 1994; BOURDIEU, 2005), borrando cada vez mais as fronteiras

entre acadêmicos⁷ e jornalistas⁸. Nessa zona fronteira, onde se situam os “mais jornalistas dos intelectuais” e os “mais intelectuais dos jornalistas”, as diferenças são atenuadas, o capital acumulado é relativamente heterogêneo e a comunicação se estabelece por meio de uma *doxa* própria (PINTO, 2009).

Desse modo, o objeto de estudo deste trabalho se situa na fronteira entre diferentes espaços, a começar pelo acadêmico e pelo jornalístico⁹. Este último, em si mesmo, concilia dois universos sociais antagônicos: o polo intelectual e o polo econômico do campo do poder, relação personificada na figura do “intelectual midiático” (CHAMPAGNE, 1995). Nessa posição, o jornalismo desfruta de poder simbólico e, ao mesmo tempo, é também dominado e controlado, principalmente pelos campos político e econômico (Ibid.). A história do jornalismo, segundo Champagne, seria, então, a história de uma autonomia impossível ou, ao menos, de uma autonomia a ser conquistada, já que está sempre ameaçada.

Já a história do campo intelectual está intimamente relacionada à autonomização dos campos de produção cultural. O emprego do termo “intelectual” remonta ao caso Dreyfus, nos fins do século XIX na França (SAPIRO, 2019), quando o escritor Zola, evocando os princípios e normas do campo literário, interveio no campo político em favor do oficial francês e judeu de origem alsaciana, Dreyfus – Bourdieu considera essa intervenção como o “ato inaugural” do campo intelectual na França (BOURDIEU, 1996b). Esse tipo de manifestação só se tornou possível com o desenvolvimento da autonomia do campo literário, ou dito de outra maneira, com a conquista de um alto grau de independência em relação aos poderes políticos. Assim, o campo intelectual também se situa em uma interseção, dessa vez entre o campo político e aquele da produção cultural específica. Ademais, como afirma Sapiro (2004, p. 101), “toda etapa de autonomização suscita uma nova forma de dependência”.

⁷ Como Pinheiro Filho (2011) afirma, o campo intelectual, em seu desenvolvimento, produz suas hierarquias de prestígio, suas instâncias de consagração e suas instituições, sendo a universidade seu espaço mais específico. Para uma sociologia do campo científico e universitário, ver o dossiê *Sociologia do campo científico e universitário* (CONSOLIM; BORDIGNON, 2018).

⁸ Sobre a relação entre esses dois espaços de produção simbólica – a universidade e o jornalismo – no Brasil, ver CHIARAMONTE, 2015.

⁹ Se a heteronomia dos intelectuais midiáticos e do espaço fronteira que ocupam incita a problematização do emprego do conceito de campo, parece-me que ela não impede a adoção do ferramental analítico que o acompanha para o estudo do objeto proposto. Aliás, o próprio Pierre Bourdieu se utilizou do termo para tratar do jornalismo não apenas no texto *Sur la télévision* – proveniente de sua participação em dois programas transmitidos pelo canal de TV, Paris Première, em 1996, e, portanto, formulado com menor rigor acadêmico –, mas também no artigo *L'emprise du journalisme* – publicado na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1994, e incluído no livro *Sur la télévision*. Ademais, o debate sobre a possibilidade de consideração do jornalismo como um campo não se configura como meu interesse central. Mais importante do que isso é conseguir me apropriar do modo de análise sociológica proposto por Bourdieu para o estudo dos intelectuais midiáticos. Sendo assim, tomarei o ferramental analítico bourdieusiano para o desenho metodológico da pesquisa, que será apresentado ao longo desta introdução.

Certamente, as inter-relações estabelecidas entre esses diferentes espaços sociais engendram dificuldades metodológicas para as pesquisas que adotam como objeto as figuras que se situam nessas interseções, já que a complexidade das conexões dificulta a circunscrição da posição dos indivíduos e suas relações. Por outro lado, a proposição de um estudo acerca de um espaço e de figuras heterônomos, se bem delineada, pode trazer significativas contribuições sociológicas, inclusive no que concerne à metodologia. Adoto como referência o argumento proposto por Miceli, no texto *Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatólios)*, acerca de sua própria pesquisa: trabalhar campos que não são dotados de grande autonomia relativa pode permitir captar determinantes sociais da atividade intelectual bem como a forma como essa atividade contribui no trabalho de dominação, processos que acabam despercebidos ou dissimulados em um campo mais autônomo, no qual aparelhos de celebração atuam no encobrimento dessas condições sociais (MICELI, 2001b, p. 17).

Interessante notar que, nesse espaço contemporâneo de interseção e heteronomia, também as disputas acerca da caracterização “intelectual” se complexificam. Se alguns lutam, justamente, por esse lugar; outros conseguem se manter na disputa pelo monopólio de arbitrar sobre a vida política, econômica e cultural fazendo justamente o contrário: negando tal categorização. Entre esses estão alguns jornalistas, que se veem mais como mediadores entre os intelectuais e o público; mas também alguns professores e escritores que, sem terem alcançado no campo literário ou acadêmico um lugar de prestígio, acionaram como estratégia de legitimação uma postura até mesmo anti-intelectual (ou antiacadêmica) – fenômeno que será observado ao longo do trabalho.

Por outro lado, aqueles que disputam em alguma medida lugares mais prestigiosos no campo intelectual buscam ora se afastar dos complementos que tenham conotações de desqualificação, ora assumi-los, também como estratégia de garantir um lugar nesse espaço social. Assim, especificações do termo “intelectual”, tais como “pop”, “da mídia”, “no poder”, “híbrido” são, por vezes, ressaltadas pelos nomes aqui estudados e, por vezes, rechaçadas. Quando se apropriam delas, buscam dar a suas posições e tomadas de posição um viés democratizante e um afastamento do que consideram como certo elitismo ou um isolamento na “torre de marfim”, ressaltando suas atuações em prol, segundo eles, da difusão do conhecimento, da democratização do saber e das transformações sociais, buscando legitimar suas presenças em espaços de desprestígio diante dos pares. Quando se afastam delas, justificam-se a partir dos critérios de distinção social, no intuito de se afirmarem como parte do polo mais consagrado. Parece haver entre eles uma preferência pela expressão “intelectual público” – que os mesmos utilizam com constância para se caracterizarem – em detrimento da

ideia de “intelectual midiático”, revelando, de antemão, o desprestígio que esse espaço da mídia carrega, inclusive, pelos agentes que nela atuam.

É nesse sentido que se pode entender o incômodo possivelmente gerado – inclusive, nos agentes aqui estudados – pela utilização do termo “intelectuais midiáticos” para me referir ao conjunto de figuras aqui estudado assim como pela inclusão no corpus de análise de nomes com diferentes níveis de prestígio e variados capitais específicos. Por um lado, esse desconforto advém dos riscos, já apontados por Bourdieu, de se ler os enunciados dos discursos científicos sobre o mundo social como eles operam em seu uso ordinário (BOURDIEU, 2013, p. 44). Empregados em seu senso comum, os termos utilizados para traçar algumas conclusões analíticas acerca do espaço social e das posições ocupadas por cada agente – tais como “menos ou mais prestigiosos”, “menos ou mais consagrados”, “menos ou mais dominantes ou dominados” – podem soar como julgamentos de valor, quando são somente resultados das operações de análise sociológica. Por outro lado, esse desconforto – quando atinge outros leitores – também pode ser lido como um sinal mesmo da eficácia simbólica das estratégias de distinção dos agentes. Reiterar as definições que esses intelectuais adotam para si próprios, seria:

lidar apenas com as representações que os intelectuais dominantes oferecem de si mesmos, logrando o tento de reduzir as relações que mantêm com seus patrocinadores e com seu público aos modelos de perfeição ética, estética e política, de que se valem no trabalho de administrar sua imagem oficial (MICELI, 2001b, p. 247).

Assim, o exercício de nomeação coloca-se sempre como um desafio ao sociólogo:

dar a um indivíduo ou a um grupo o nome que ele se dá (o Imperador, a nobreza) é *reconhecê-lo*, aceitá-lo como dominante, admitir seu ponto de vista, aceitar em tomar dele o ponto de vista de perfeita coincidência que ele toma sobre si mesmo; mas pode-se também dar-lhe outro nome, o nome que lhe dão os outros e principalmente seus inimigos e que ele recusa como insulto, calúnia, difamação (o Usurpador). Pode-se enfim dar-lhe seu nome *oficial*, conferido por uma instância oficial, reconhecida como legítima, isto é, pelo Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima (as categorias socioprofissionais do INSEE). No caso particular, o sociólogo, ao mesmo tempo juiz e participante, tem poucas chances de ver reconhecido em si esse monopólio da nomeação. Em todo caso, há todas as chances para que suas designações funcionem rapidamente na lógica ordinária, e que o leitor as remeta ao exterior, do lado do inimigo, do estrangeiro, portanto do insulto, quando se trata de si mesmo e de seu próprio grupo, e que ao contrário ele as anexe e as deturpe em seu proveito, ainda do lado do insulto, da agressão polêmica, quando elas realizam a objetivação dos outros, do *out group*. (BOURDIEU, 2013, p. 51).

Tendo em vista esses alertas, é importante ressaltar que os nomes analisados neste trabalho não são considerados como indivíduos singulares (BOURDIEU, 2013, p. 45-6), na medida em que meus objetivos não repousam na constituição de um perfil particular de cada

um deles, mas sim na estrutura do espaço social e nas relações que eles estabelecem entre si. Assim, parto de suas trajetórias para lidar com o “indivíduo construído”:

definido por um conjunto finito de propriedades explicitamente definidas que diferencia, por um sistema de diferenças atribuíveis, os conjuntos de propriedades, construídos segundo os mesmos critérios explícitos, que caracterizam outros indivíduos; mais exatamente, ele recupera seu referente não no espaço ordinário, mas num espaço construído de diferenças produzidas pela própria definição do conjunto acabado das variáveis eficazes (...) Enfim, ele é definido pela posição que ocupa no espaço que suas propriedades contribuíram para construir (em parte que também contribui para defini-lo). (...) o indivíduo epistêmico não contém nada que escape à conceituação; mas esta transparência em si da construção é a contrapartida de uma redução, e o progresso da teoria como *ponto de vista*, princípio de visão seletiva, surgirá da invenção de categorias e de operações próprias a integrar à teoria propriedades provisoriamente excluídas (por exemplo, as que o psicanalista construiria) (BOURDIEU, 2013, p. 45).

Nesse sentido, tendo como objeto esse espaço social intermediário entre, principalmente, a universidade e o jornalismo (mas também, como se verá, entre os poderes político, econômico e literário) e os agentes que nele se situam, adoto como termo referente “intelectuais midiáticos”. Além de conseguir abarcar os mais “intelectuais dos jornalistas” e os mais “jornalistas dos intelectuais” (BOURDIEU, 2013; PINTO, 2009), ele também coloca ênfase em um dos fenômenos apontados por este trabalho: a influência da lógica midiática (no sentido de visibilidade, polêmica e entretenimento) na produção intelectual, mas também jornalística (na sua concepção mais autônoma). Dito de outro modo, o que se observa é um elevado grau de heteronomia em relação aos interesses mercadológicos, mediados pelos critérios de visibilidade e sucesso midiático. Essa heteronomia se expressa, por exemplo, nos diferentes critérios de legitimação adotados por esses agentes, os quais serão analisados ao longo deste trabalho.

1.2 DELINEANDO OS OBJETIVOS E O CORPUS DE ANÁLISE

Feitas as considerações acima, cabe explicitar o objetivo principal desta pesquisa: investigar as condições sociais das tomadas de posição dos intelectuais midiáticos, tanto aqueles situados mais à direita do espectro político quanto os mais à esquerda. Para chegar à questão principal, estabeleci três principais vertentes de análise e, consequentemente, três objetivos específicos que estão analiticamente interligados: 1) a investigação das trajetórias, posições e tomadas de posição dos intelectuais estudados; 2) a análise das relações estabelecidas entre esses intelectuais e entre eles e seus públicos presumidos, a partir das formas de identificação, das disputas e dos tipos de produção simbólica; 3) a indicação do panorama de transformações

contemporâneas no mercado de opiniões no Brasil, considerando as mudanças no jornalismo e nas universidades, principalmente.

Por um lado, a influência do polo econômico sobre esse conjunto de intelectuais torna imprescindível a análise do mercado jornalístico, universitário e editorial assim como da relação estabelecida entre esses intelectuais e seus públicos. Por outro, também faz sentido a consideração das trajetórias e das posições dessas figuras. Ainda que a autonomia não seja a marca desse espaço social, não é plausível supor que as influências externas se exerçam da mesma maneira e com a mesma intensidade sobre todos os integrantes desse espaço. Portanto, é possível pensar que a zona fronteira entre a intelectualidade e o jornalismo também se estrutura a partir de polos e que as determinações sociais se impõem sobre os agentes de maneira desigual de acordo com as posições que ocupam nesse espaço.

Quanto à abordagem dos públicos, sigo uma das hipóteses levantada por Bourdieu, em *As regras da Arte*: a da homologia estrutural e funcional entre os espaços ocupados por autores e consumidores. Tal homologia se basearia então na “correspondência entre a estrutura social dos espaços de produção e as estruturas mentais que autores, críticos e consumidores aplicam aos produtos” e na “coincidência que se estabelece entre as diferentes categorias de obras oferecidas e as expectativas das diferentes categorias de público” (BOURDIEU, 1996b, p. 187). Essa equivalência, porém, não se explica apenas pelo cálculo cínico de ajuste entre oferta e demanda, ainda que ele esteja presente, principalmente no polo comercial. Como Bourdieu explica, ao defenderem seus próprios interesses, os críticos também defendem com maior sinceridade e, conseqüentemente, maior eficácia simbólica, os interesses de sua clientela. Aliás, tal sinceridade só é possível e efetiva se houver “um acordo perfeito, imediato, entre as expectativas inscritas na posição ocupada e as disposições do ocupante” (Ibid., p. 190). A homologia entre as estruturas objetivas do campo de produção e as categorias de percepção e apreciação das diferentes posições explicaria, por exemplo, o acordo estabelecido entre jornalistas, jornais e seus públicos – de modo que essa hipótese me parece adequada para a compreensão do papel dos intelectuais midiáticos aqui estudados. Na impossibilidade de auferir com precisão as características sociais desses públicos – no sentido de executar uma pesquisa específica sobre eles –, busquei ao longo das análises evidenciar os indícios que as produções e as representações desses “intelectuais midiáticos” oferecem em termos de caracterização desse público.

O conjunto dos intelectuais midiáticos analisados é composto por uma diversidade de nomes com características sociais heterogêneas: os doutores em economia Alexandre Schwartzman, Gustavo Franco, Laura Carvalho, Luiz Gonzaga Belluzzo, Monica de Bolle e

Samuel Pessôa; os doutores em ciência política André Singer, Bolívar Lamounier, Emir Sader e Leonardo Sakamoto; o doutor em sociologia Jessé Souza; o doutor em geografia humana Demétrio Magnoli; os doutores em filosofia Denis Rosenfield, Fernando Schüller, Luiz Felipe Pondé, Marcia Tiburi, Marilena Chaui e Vladimir Safatle; a mestre em filosofia Djamila Ribeiro; o doutor em história social Marco Antonio Villa; o doutor em estudos comparados sobre as Américas Murillo de Aragão; o mestre em economia Fabio Giambiagi; os economistas Eduardo Moreira, Rodrigo Constantino e Ricardo Amorim; os jornalistas Antonio Prata, Arnaldo Jabor, Augusto Nunes, Bernardo Mello Franco, Bob Fernandes, Carlos Alberto Sardenberg, Cynara Menezes, Diogo Mainardi, Dora Kramer, Eliane Cantanhêde, Fernando Gabeira, Fernando Morais, Florestan Fernandes Jr., Guilherme Fiuza, Joice Hasselmann, Leandro Narloch, Luís Nassif, Marcelo Rubens Paiva, Mario Sergio Conti, Merval Pereira, Míriam Leitão, Paulo Moreira Leite, Paulo Henrique Amorim (que faleceu em 2019), Reinaldo Azevedo e Rachel Sheherazade; o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho. Há que se ressaltar, porém, que o conjunto, apesar de amplo, não se pretendeu exaustivo.

A construção desse *corpus* levou em conta os seguintes critérios: 1) a atuação, no presente ou no passado recente, como colunista ou comentarista de veículos de comunicação do Brasil (imprensa escrita, canais de rádio e televisão, portais e blogs de relativo alcance); 2) a publicação de livros com críticas à esquerda (predominantemente associada ao PT e seus seguidores) ou à direita (que passou a ser identificada com o bolsonarismo); com análises políticas e conjunturais; ou com soluções políticas, econômicas e/ou morais para o Brasil; 3) a participação no debate sobre o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, tendo, por um lado, defendido a legitimidade do mesmo e, por outro, o considerado um golpe.

O primeiro critério justifica-se pela importância que os veículos de comunicação ainda detêm na disputa pela definição do real – mesmo que este lugar tenha sido abalado nos últimos anos. Ainda que as redes sociais tenham ganhado uma relevância inquestionável na visibilidade desses intelectuais e na propagação de suas ideias, a atuação em veículos de comunicação garante em alguma medida uma estabilidade econômica a esses profissionais assim como permite certo grau de credibilidade e legitimidade, a depender do veículo e do público de que tratamos (essas questões serão trabalhadas com mais detalhamento ao longo do trabalho). Optei também por considerar alguns intelectuais que atualmente não estão vinculados a um canal específico, mas que já estiveram, a fim de que o objeto não seja afetado pelas recorrentes transições profissionais. O segundo critério permite uma redução do objeto a níveis plausíveis de execução da pesquisa assim como privilegia aqueles intelectuais que se dispuseram a

formular análises e ideias de solução para o país e que, assim, colocam-se mais incisivamente no debate.

Quanto à utilização do debate em torno do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, parti da ideia de que o momento de crise leva os agentes sociais a fazerem escolhas e proclamarem-nas, de modo que as situações nas quais não escolher é também uma escolha se multiplicam (BOURDIEU, 2013). Assim, o momento de crise provoca a construção de uma problemática política comum, de um espaço de tomadas de posição constituídas, no qual as pessoas não podem evitar situar-se ou serem situadas (Ibid.).

Em um processo circular, a formulação do *corpus* de análise acompanhou também a construção das hipóteses mais consistentes que guiaram esta pesquisa. As mesmas são apresentadas de forma separada, apenas no intuito de tornar mais evidentes os passos de sua construção, já que elas estão analiticamente interligadas.

- 1) A primeira delas diz respeito à suposição de que essas tomadas de posição mais à direita ou mais à esquerda podem ser explicadas a partir das propriedades sociais dos agentes – fugindo tanto de julgamentos morais quanto das análises que enfatizam as propriedades psicológicas. Mais, especificamente, minha hipótese é que a inter-relação entre características sociais – associadas à origem, aos capitais acumulados e às posições ocupadas – podem tornar inteligíveis as tomadas de posição – muitas vezes, mediadas e mediadoras de outras oposições.
- 2) A segunda aponta para a existência de um sistema de relações sociais com polos opostos, estabelecidos a partir dessas propriedades sociais dos intelectuais midiáticos e, conseqüentemente, do prestígio e status que carregam. Tais polos estariam relacionados às trajetórias sociais dos agentes e à inter-relação entre suas disposições e as mudanças e conformações no espaço social. Nesse sentido, já nas análises exploratórias pude observar uma estruturação do espaço em três principais hierarquias, cada uma delas com um polo mais à esquerda e um mais à direita.
- 3) A terceira refere-se à predominância, nesse mercado de opiniões, das lógicas midiáticas e econômicas, as quais passam a concorrer também nos polos mais legitimados nesse espaço.

A partir dessas hipóteses, a tese que procuro defender neste trabalho é a de que existe uma correlação entre as tomadas de posição dos intelectuais midiáticos e as posições que eles ocupam no mercado de opiniões, estruturado em hierarquias e polos assim como marcado pelas lógicas mais econômicas em detrimento das lógicas mais intelectuais.

1.3 METODOLOGIA, MATERIAIS E FORMAS DE ANÁLISE

A pesquisa foi realizada a partir de um extenso levantamento de diferentes materiais – como reportagens, entrevistas, currículos, apresentações em redes sociais e sites, colunas e vídeos – assim como por meio de entrevistas (com 31 nomes do conjunto estudado). Ambas as etapas visaram coletar informações acerca da origem e das trajetória sociais, traçando as relações que os intelectuais midiáticos estabelecem com¹⁰: 1) o poder político – incluindo nele a burocracia estatal, os governos de momento, os partidos políticos, os movimentos sociais, os *think tanks* e outras organizações de atuação política; 2) o poder econômico – expresso nas instituições do mercado financeiro, nas agências de consultoria e em outras empresas; 3) o poder midiático – a partir de seus cargos e relações com as empresas de comunicação, além dos investimentos em redes sociais e blogs; 4) o campo acadêmico – seja por meio de cargos em faculdades públicas e privadas ou em instituições de pesquisa; 5) o campo literário e artístico – a partir da publicação de obras por parte de determinadas editoras, do investimento em determinados nichos editoriais, das premiações e vendas de livros.

Devo ressaltar que as posições dos agentes, embora tenham sido mapeadas também em relação aos outros espaços pelos quais eles circulam e aos quais se ligam, foram analisadas a partir de suas atuações no espaço intermediário da produção de opiniões públicas. Assim, não me detenho na análise das posições que eles venham a ocupar nos campos de produção específica. Ou seja, embora aponte a circulação, os postos ocupados, as relações, não reconstruo o espaço de forças nos campos específicos – acadêmico, literário, político e econômico –, de modo que não tenho respaldo empírico para apontar mais do que alguns indícios acerca dessas posições.

Quanto à análise dos capitais e disposições desses intelectuais, investiguei: 1) os indicadores de capital econômico, político e social, herdados ou adquiridos – por meio de dados como a profissão e a escolaridade dos avós, pais e irmãos, o lugar de nascimento e criação, a religião da família, a participação familiar na política, o local de residência atual; 2) os indicadores de capital cultural, herdado ou adquirido – por meio das características do ensino básico (se em escola pública ou privada; confessional ou laica; técnica ou regular); das características do ensino superior (se em faculdade pública ou privada; localizada na capital ou no interior; em qual curso; com intercâmbio internacional; com pós-graduação ou não; com

¹⁰ Como Bourdieu aponta (1996), os efeitos dos capitais e das disposições incorporadas, os quais constituem o *habitus*, dependem dos estados dos campos de produção e reprodução (contexto de atualização). Assim, a tendência simplificadora de tomar a origem social como explicação única deve ser substituída pela relação entre *habitus* e campo (Ibid., p. 102).

bolsas de estudo ou não); das práticas culturais e estilo de vida (o domínio de línguas estrangeiras, os gostos e preferências, a prática de atividade artística); 3) os indicadores do capital social midiático – em quais veículos de imprensa, programas de TV ou rádio possuem coluna ou espaço de comentário; se possuem redes sociais, qual o número de seguidores e o grau de interação; se são funcionários das empresas de comunicação ou convidados; se escreveram livros de grande circulação e qual o nível de venda deles. Busquei também reconstituir as carreiras desses agentes, tanto nas empresas de comunicação quanto em outros espaços, traçando elos entre suas trajetórias pessoais e profissionais e os contextos específicos a partir dos dados levantados.

A apresentação dos dados foi sendo superposta por reflexões acerca das transformações e manutenções no mercado de bens simbólicos ao longo dos anos, especialmente, após a década de 1960. Historicamente, essas mudanças têm engendrado modificações no trabalho intelectual assim como foram influenciadas por estas (BOURDIEU, 1996b; MICELI, 2001b). Nesse sentido, a consideração de fatores morfológicos é imprescindível para a compreensão dos processos de formação do campo e da alteração das relações entre a produção cultural e o mundo político (BOURDIEU, 1996b, p. 71). Sendo assim, busquei apontar algumas mudanças e conservações, principalmente, no jornalismo, na universidade e no mercado editorial. Há que se ressaltar, porém, que, por se tratar de um espaço intermediário entre vários outros, essa análise não se pretendeu exaustiva, tendo como intenção ancorar o estudo das trajetórias e apontar as linhas gerais dessas mudanças e permanências.

Por fim, algumas indicações acerca da relação entre esses intelectuais e seus públicos também foram realizadas ao longo do texto. Dentro dos campos de produção de bens simbólicos, as disputas favorecem estratégias de distinção (BOURDIEU, 1996b, p. 400). Nesse sentido, determinadas performances e construções discursivas dos intelectuais midiáticos podem ser tomadas como exemplos dessas estratégias, que distinguem não apenas produtores como também seus públicos. Ainda que, concentrada no polo comercial e mais heterônomo do campo de produção simbólica, a maioria desses intelectuais não desfrute do prestígio e da legitimidade daqueles que ocupam os polos mais “puros” ou eruditos, parece ser possível encontrar em operação a lógica da distinção em um conjunto do qual fazem parte tanto os intelectuais que se valem de capitais específicos para impor uma visão de mundo e disputar as definições legítimas do real, bem como aqueles que, desprovidos desse capital, preferem formar suas imagens a partir de valores como: coragem, ousadia, irreverência. De forma correspondente, é possível supor que os públicos a que se dirigem também encarnam essas estratégias de distinção, assumindo a cumplicidade com determinadas figuras, mas negando

outras. Assim, embora não tenha sido possível realizar uma pesquisa com os públicos em si, as análises de algumas produções desses intelectuais midiáticos bem como das estratégias e performances utilizadas em suas tomadas de posição deixaram entrever alguns elementos dessa relação e das características desses públicos a que eles se destinam.

As análises das tomadas de posição se dividiram em dois principais momentos de crise: o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro. Desse modo, foi possível analisar as conversões em termos de posicionamento e, assim, ter uma base empírica mais consistente para as análises acerca da oposição direita e esquerda. Considerando o grande volume de produção desses intelectuais midiáticos, as análises não se pretenderam exaustivas e se concentraram, sobretudo, nas colunas e comentários publicados entre 2015 e 2016 (antes do impeachment); e em 2018 (antes das eleições presidenciais). Assim, o intuito não foi esmiuçar o pensamento e o argumento de cada um dos colunistas, mas sim apresentá-los em conjunto, a partir de seus pontos de destaque, aproximação e distanciamento, sem, no entanto, me concentrar em nuances muito específicas – dados os interesses deste trabalho e as possibilidades de execução do mesmo. Além disso, como minha atenção recaiu sobre suas atuações nesse espaço intermediário da produção de opiniões, também não me detive com mais vagar sobre as obras acadêmicas ou ficcionais, por exemplo, preocupando-me, sobretudo, com as produções voltadas a esse debate público.

1.4 O DESENHO DO ESPAÇO SOCIAL

Antes de apresentar a estrutura desse espaço social, cabem algumas considerações gerais sobre o perfil social desse conjunto. Dos 51 nomes estudados, apenas 11 são mulheres, sendo uma delas negra. Embora com origens sociais diversas, que serão esmiuçadas ao longo do trabalho, eles se concentram, atualmente, no eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, ou no exterior. A maioria tem origens sociais de classe média escolarizada – embora de diferentes frações –, com alguns poucos oriundos das camadas mais baixas da população brasileira¹¹. Como figuras públicas, agentes autorizados a expressar suas opiniões em meios de comunicação, possuem um lugar de dominância (ainda que essa posição varie entre eles) no

¹¹ Nesta tese, entendo “classe” não apenas como renda ou propriedade, mas também como estilos de vida, gostos e práticas, acessos a bens culturais e simbólicos, adotando uma perspectiva bourdieusiana (BOURDIEU, 2015a). Para auferir a posição dos agentes, utilizei os dados de entrevistas – a mim concedidas ou publicadas na imprensa – sobre as características de suas famílias e de si próprios. Por vezes, eles mencionavam expressões como “classe média baixa”, “classe média intelectualizada”, para classificarem a si próprios ou às suas famílias. Parti dessas percepções e de dados objetivos, como profissões dos pais e avós, escolas em que estudaram, práticas culturais etc., como foi citado no capítulo sobre a metodologia do trabalho.

sentido de que: 1) conseguem difundir suas visões de mundo em espaços com elevado alcance e visibilidade; 2) possuem, em maior ou menor medida, capital e posição necessários à validação de suas (auto)representações – ainda que para grupos específicos; 3) dominam os termos do debate, elaborando eles próprios conceituações sobre o que seja “direita” e “esquerda” e/ou sobre “intelectuais”, por exemplo.

A despeito dessas características, esses agentes, em sua maioria, correspondem a uma fração média dos agentes que ocupam o espaço midiático e jornalístico – não estando nem abaixo, como poderia ser, por exemplo, as posições de youtubers sem prévio ou consequente reconhecimento dos meios de comunicação ou da academia; nem acima, como os intelectuais mais consagrados historicamente no país¹². Assim, como agentes em disputa por esses lugares de prestígio, os nomes estudados são, em geral, aqueles que mobilizam com maior fervor os mecanismos de distinção e as estratégias de luta pela definição do espaço social em si mesmo.

Consideradas essas linhas gerais, há entre eles diferenças em termos de posição. Os polos delineados neste trabalho e que sustentam a estrutura de organização da tese foram traçados a partir dos dados acerca das trajetórias dos intelectuais midiáticos, especialmente daqueles que se referem às relações que eles estabelecem com os diferentes poderes: acadêmico, midiático, político, econômico e editorial. Ancorada nessas informações, realizei a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM)¹³ associada à Análise de Classificação Hierárquica (ACH – também conhecida como análise de cluster)¹⁴, com o fito de traçar as posições que essas figuras ocupam no espaço social. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, essas análises foram sendo atualizadas, tendo, em um primeiro momento, uma proposta exploratória, no sentido de traçar preliminarmente a estrutura de posições dos agentes analisados no espaço social¹⁵. Foi sendo, porém, refeita conforme o avanço da investigação, o acúmulo de novos dados, a conferência de outros assim como diante do desenvolvimento de outras partes da pesquisa. Desse modo, a ACM pode ser encarada como uma representação e uma descrição

¹² Uma exceção é a filósofa Marilena Chaui, que já alcançou na universidade brasileira e em sua área específica, a filosofia, uma posição consagrada, mas que foi incluída nesse *corpus* justamente por ser um dos alvos mais frequente dos intelectuais midiáticos de vários polos.

¹³ Sendo um método de análise fatorial, a ACM é empregada na construção de “zonas teóricas”. Muito utilizado por Bourdieu, em livros como *Homo Academicus*, *A Distinção*, *La Noblesse d'État*, esse tipo de estatística se relaciona com a teoria dos campos e possibilita “‘representações estenográficas’ de regiões do ‘campo social’ (La Distinction) ou ‘microcosmos’” (DUVAL, 2015, p. 218). Para uma explicação detalhada da técnica, ver Le Roux; Rouanet (2010).

¹⁴ A ACH agrupa os nomes com propriedades mais semelhantes, de modo a “garantir maior homogeneidade interna a cada cluster e maior heterogeneidade entre eles” (BERTONCELO, 2016, p. 17). Os clusters são caracterizados pelas variáveis e modalidades mais predominantes, sendo representados por elipses. Quanto maior a proximidade entre os agentes que compõem um cluster, maior a concentração dessas elipses (KLÜGER, 2018, p. 91).

¹⁵ Um primeiro esboço deste espaço pode ser visto no artigo *A direita mora do mesmo lado da cidade – especialistas, polemistas e jornalistas* (MEIRELLES; FERNANDES, 2019).

sociologicamente significativas desse espaço social. Essa técnica é útil “para estudar ao mesmo tempo esses espaços ideológicos¹⁶, vagos e frouxos, e, no entanto nem um pouco indeterminados, e também os grupos correspondentes” (BOURDIEU, 2014, p. 439).

Neste momento, passo à apresentação dos gráficos e dados gerados, a qual será relativamente breve a fim de apresentar apenas as características mais gerais dos mesmos, já que eles serão desdobrados ao longo de toda a tese. Considerando que eles farão mais sentido ao final do percurso, retorno a eles na Parte V do trabalho, em que as linhas gerais das forças que compõem esse espaço social voltarão a ser detalhadas em conjunto, em relação às análises empreendidas nas três partes centrais.

Sobre a leitura dos gráficos, é importante ressaltar que a ACM gera uma nuvem de indivíduos e outra de variáveis, sendo o desenho de uma correspondente ao da outra. Ou seja, os nomes que se situam no quadrante superior direito do gráfico de indivíduos, por exemplo, são os que mais conjugam as propriedades que também se situam no quadrante superior direito do gráfico de variáveis. Para melhor visualização, optei por apresentar os gráficos de variáveis ativas¹⁷ e suplementares¹⁸ separadamente, lembrando, porém, que eles também são correspondentes. Nos apêndices do trabalho, apresento o gráfico com todas as variáveis projetadas. A ACM também gera diferentes eixos de oposição, sendo importante reter os que possuem maior porcentagem explicativa. No caso deste trabalho, os dois primeiros apresentaram 92,9% de explicação (84% no eixo 1 e 8,9% no eixo 2), de modo que apenas eles foram considerados, também por serem os mais sociologicamente significativos.

Os critérios para a construção das variáveis ativas e suplementares estão explicados em detalhe nos apêndices deste trabalho. Para uma leitura mais adequada dos gráficos, faço, porém, um resumo das categorias ativas incluídas. É importante ressaltar que as categorias são seguidas pelo símbolo de “+” quando indicam a posse de tal propriedade e pelo símbolo de “-” quando indicam a ausência dessa propriedade. Foram considerados então: o trabalho no sistema financeiro (Sistema financeiro+; Sistema financeiro-); a ocupação de cargos políticos (Cargos políticos+; Cargos políticos-); a atuação como consultor (Consultoria política e econômica+;

¹⁶ Na citação, Bourdieu se referia ao estudo do jansenismo e do esquerdismo, propondo uma abordagem que não fosse substancial, na qual historiadores disputam incessantemente sobre o conteúdo ideológico e a composição social do movimento. Sobre o esquerdismo, ele afirma que “era um conjunto de posturas, de palavras muito vagas – “repressão”, “repressivo”, “antirepressivo” etc. –, um conjunto de conceitos-slogans, isto é, de conceitos funcionando na lógica da participação mística muito mais que na lógica do pensamento lógico” (BOURDIEU, 2014, p. 438). Tal análise parece se coadunar com os resultados obtidos nesta pesquisa.

¹⁷ As modalidades ativas são aquelas que contribuem para a “construção dos eixos e para o cálculo das distâncias relativas” (BERTONCELO, 2016).

¹⁸ As modalidades suplementares são aquelas que são projetadas no gráfico, mas “não interferem no cálculo das distâncias relativas e na orientação dos eixos” (BERTONCELO, 2016).

Consultoria em outras áreas; Consultoria-); a ocupação de posições de destaque na imprensa (Posições importantes na imprensa+; Posições importantes na imprensa-); o alcance de prestígio jornalístico (Prestígio jornalístico+; Prestígio jornalístico-); a atuação no jornalismo *mainstream versus* a atuação no jornalismo blogueiro (Jornalistas mainstream; Jornalistas blogueiros; Jornalistas-); a atuação como comentarista ou apresentador em programas de rádio e televisão (Rádio e TV+; Rádio e TV-); a posse de canais no *YouTube* (YouTube+; YouTube-); a caracterização como best-seller (Bestseller+; Bestseller-); o fato de ter escrito ou não ficções (Ficção+; Ficção-); o nível de escolaridade (Doutorado+; Mestrado+ – projetada como suplementar por sua baixa ocorrência; Graduação+; Graduação-); a atividade de docência (Docência pública – para os que dão ou deram aulas em universidades públicas; Docência privada – para os que dão ou deram aulas em faculdades privadas; Docência-); e a dedicação acadêmica (Dedicação acadêmica+; Dedicação acadêmica-). Foram, portanto, 30 categorias ativas, organizadas em 13 variáveis.

Gráfico 1 - Nuvem de indivíduos – Eixos 1 e 2. Fonte: Gerado pela autora com auxílio da ferramenta SPAD.

Tabela 1 - Categorias ativas com maior contribuição para a formação do Eixo 1¹⁹.

Variáveis	Categorias	Peso	Coordenada	Contribuição
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico+	12,000	-1,212	7,1
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa+	18,000	-0,977	6,9
Jornalismo <i>Mainstream</i> x Blogueiros	Jornalistas <i>mainstream</i>	17,000	-0,977	6,5
Nível de formação	Graduação+	20,000	-0,783	4,9
Docência	Docência-	30,000	-0,744	6,6
Cargos políticos	Cargos políticos-	23,000	-0,688	4,4
Zona Central				
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa-	33,000	0,533	3,8
Cargos políticos	Cargos políticos+	28,000	0,565	3,6
Comentarista ou apresentador em Rádio e TV	Rádio e TV-	18,000	0,747	4,0
Jornalismo <i>Mainstream</i> x Blogueiros	Jornalistas-	26,000	0,858	7,7
Docência	Docência privada	12,000	1,058	5,4
Nível de formação	Doutorado+	20,000	1,066	9,1
Docência	Docência pública	9,000	1,069	4,1
Consultoria	Consultoria política e econômica+	11,000	1,160	5,9
TOTAL				79,8

Fonte: Elaborada pela autora e sistematizada com auxílio da ferramenta SPAD.

Tabela 2 - Categorias ativas com maior contribuição para a formação do Eixo 2.

Variável	Categoria	Peso	Coordenada	Contribuição
Sistema Financeiro	Sistema financeiro+	9,000	-1,362	14,7
Consultoria	Consultoria política e econômica+	11,000	-0,957	8,8
Docência	Docência privada	12,000	-0,853	7,7
Ficção	Ficção+	8,000	-0,767	4,1
Zona Central				
Docência	Docência pública	9,000	1,520	18,2
Dedicação Acadêmica	Dedicação acadêmica+	5,000	2,145	20,2
TOTAL				73,7

Fonte: Elaborada pela autora e sistematizada com auxílio da ferramenta SPAD.

¹⁹ O peso se refere ao número de indivíduos associado àquela categoria. A coordenada é a localização no eixo do gráfico. E a contribuição de cada categoria é calculada da seguinte maneira: “a contribuição resulta da combinação da massa da modalidade e de sua distância em relação ao ponto central, seguindo a seguinte fórmula: a contribuição de uma modalidade K para o eixo 1 (C_{trk1}) será igual à massa relativa da modalidade (número de respondentes que escolheram aquela modalidade (n_K) dividido pelo número total de respondentes (n_{total}), dividido pelo número de questões ativas (Q)) multiplicada pelo quadrado da distância da modalidade K até centro (G) no eixo 1 (d_{KG1}) – olhar a coordenada do ponto no eixo 1 – e dividida pelo valor próprio do eixo 1 (λ_1)” (LE ROUX; ROUANET, 2010, p. 40 apud KLÜGER, 2018, p. 85).

Para análise dos gráficos, é relevante citar as modalidades que mais contribuíram para a formação dos eixos – a posição de cada uma delas está expressa no gráfico, mas também nas tabelas 1 e 2. Nos gráficos, quanto maior o símbolo relacionado a uma categoria, mais pessoas detêm a mesma. No eixo 1, a oposição se estabeleceu entre os referenciais de trajetória jornalística (quadrantes à esquerda) e os de capital acadêmico (quadrantes à direita): de um lado, situam-se aqueles que tiveram posições de importância nas grandes redações de jornal do país assim como os que ganharam prestígio jornalístico (materializado nas citações em livros sobre a história da imprensa brasileira e nos principais prêmios da categoria profissional); do outro, situam-se as figuras com mais capital acadêmico (expresso nos diplomas de doutorado, na docência em universidades públicas e privadas), mas também mais capital político (indicado pelos cargos políticos já ocupados e pelas consultorias de política e economia). Já no eixo 2, a oposição se estabelece entre as figuras de maior percurso acadêmico: de um lado (quadrante direito superior), aquelas que se dedicam à docência e à pesquisa em universidade pública; de outro (quadrante direito inferior), aquelas que circulam entre as universidades privadas, as consultorias políticas e econômicas e o sistema financeiro – opondo, portanto, os nomes que têm mais capital específico (acadêmico) aos que têm mais capital político e econômico.

Assim, o eixo 1 opõe capital acadêmico *versus* capital jornalístico (ou também poderia ser lido como o eixo que opõe maior volume de capital – político, econômico, intelectual – *versus* menor volume desse capital); e o eixo 2 opõe capital acadêmico *versus* capital político e econômico (ou poderia ser lido como a oposição entre capital cultural – ligado ao acadêmico – *versus* capital econômico).

Quanto mais ao centro, mais as variáveis e os indivíduos estão próximos às propriedades mais comuns desse espaço. No conjunto de agentes estudados neste trabalho, as posições na academia, no sistema econômico e no jornalismo são propriedades distintivas, já que é a ausência desses trunfos que caracteriza a maioria dos intelectuais midiáticos. Por outro lado, essa maioria é best-seller e atua em programas de TV e Rádio assim como tem um número considerável de seguidores nas redes sociais. Nesse espaço, figuras como Olavo de Carvalho – com tomadas de posição à direita do espectro político – e Djamila Ribeiro – com tomadas de posição à esquerda do espectro político – são as que mais se aproximam das características (em termos de posição no espaço) mais comuns entre esses intelectuais midiáticos. Isso se coaduna com o fato de também serem eles com frequência apontados, contemporaneamente, como influenciadores de um ou outro lado do espectro político.

Observando os gráficos de indivíduos e variáveis, é possível perceber que, de um lado (à direita), há uma oposição clara entre os grupos; enquanto do outro (à esquerda), há uma

distância menor entre os agentes, de modo que eles compartilham entre si mais propriedades sociais do que os outros. Ou seja, no polo mais acadêmico, as distinções são mais marcantes; enquanto no polo mais jornalístico, elas são menos definidas – o que se combina com a maior heteronomia do jornalismo. De todo modo, com a aplicação da Análise de Cluster, é possível circunscrever também esses agentes em polos que condensem com maior significância sociológica suas propriedades sociais. Foram retidos seis clusters, de modo a assegurar que a variância interna de cada um fosse menor do que a variância entre eles (os dados da ACH estão nos apêndices do trabalho) e a garantir a pertinência sociológica.

A partir dessas análises assim como da pesquisa realizada, foi possível identificar três principais níveis hierárquicos na organização desses colunistas, traçando seis polos, com seus equivalentes à esquerda e à direita em cada nível, os quais podem ser sinteticamente caracterizados das maneiras seguintes: especialistas, acadêmicos, jornalistas *mainstream*, jornalistas blogueiros, polemistas e militantes. Passo agora a uma breve descrição dos mesmos:

- 1) os polos dos *especialistas*²⁰ (cluster 1) e *acadêmicos*²¹ (cluster 3) são constituídos pelos colunistas que detêm um volume maior e mais diferenciado de capital escolar e, conseqüentemente, menor volume de capital midiático; são os que, apesar de se valerem do espaço jornalístico, traçaram uma trajetória externa a ele. Enquanto os primeiros caracterizam-se por uma circulação por universidades privadas, agências de consultoria política e econômica, cargos políticos e passagens pelo sistema financeiro (tendo a maioria tomado posições mais à direita); os mais acadêmicos são as figuras que mantêm cargos em universidades públicas, dedicam-se mais fortemente à pesquisa e à docência, ainda que possam ter ocupado algum cargo político (tendo a maioria tomado posições mais à esquerda). Essas propriedades ficam visíveis nas tabelas abaixo, em que as categorias marcadas em azul são aquelas mais frequentes no cluster referente do que nos outros; e, em laranja, as menos frequentes no cluster referente do que nos demais.

²⁰ Compõem esse polo: Alexandre Schwartzman, Bolívar Lamounier, Fabio Giambiagi, Fernando Schüler, Gustavo Franco, Monica de Bolle, Murillo de Aragão e Samuel Pessoa. No gráfico, o filósofo Denis Rosenfield se localiza no cluster dos mais acadêmicos. No entanto, sua posição e atuação contemporâneas (considerando os outros dados de análise) o aproximam mais do conjunto de especialistas, sendo, portanto, considerado na interseção entre esses dois polos. Tendo mais convergências com os mais especialistas, sua trajetória e suas tomadas de posição foram consideradas em conjunto com esses assim como nos trechos das entrevistas não referenciadas ele foi indicado como “um dos mais especialistas”.

²¹ Compõem esse polo: André Singer, Emir Sader, Jessé Souza, Laura Carvalho, Luiz Gonzaga Belluzzo, Marilena Chaui e Vladimir Safatle.

Tabela 3 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)

Characterization by the categories of categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 1/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Docência	Docência privada	4.80	100	23.53	66.67	0.0000	9.302	8	12
Consultoria	Consultoria política e econômica+	4.10	87.50	21.57	63.64	0.0000	9.302	7	11
Sistema Financeiro	Sistema financeiro+	3.68	75	17.65	66.67	0.0001	6.977	6	9
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas-	2.81	100	50.98	30.77	0.0025	41.86	8	26
Nível de formação	Doutorado+	2.65	87.50	39.22	35	0.0040	30.233	7	20
Cargos políticos	Cargos políticos+	2.58	100	54.90	28.57	0.0049	46.512	8	28
Bestseller	Bestseller-	2.03	87.50	49.02	28	0.0213	41.86	7	25
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa-	2.02	100	64.71	24.24	0.0218	58.14	8	33
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa+	-2.02	0	35.29	0	0.0218	41.86	0	18
Bestseller	Bestseller+	-2.03	12.50	50.98	3.85	0.0213	58.14	1	26
Nível de formação	Graduação+	-2.24	0	39.22	0	0.0124	46.512	0	20
Consultoria	Consultoria-	-2.52	12.50	58.82	3.33	0.0058	67.442	1	30
Cargos políticos	Cargos políticos-	-2.58	0	45.10	0	0.0049	53.488	0	23
Docência	Docência-	-3.41	0	58.82	0	0.0003	69.767	0	30
Sistema Financeiro	Sistema financeiro-	-3.68	25	82.35	4.76	0.0001	93.023	2	42

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 4 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)

Characterization by the categories of categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 3/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Docência	Docência pública	5.55	100	17.65	88.89	0.0000	2.326	8	9
Dedicação Acadêmica	Dedicação acadêmica+	4.07	62.50	9.80	100	0.0000	0	5	5
Nível de formação	Doutorado+	3.54	100	39.22	40	0.0002	27.907	8	20
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas-	2.81	100	50.98	30.77	0.0025	41.86	8	26
Cargos políticos	Cargos políticos+	2.58	100	54.90	28.57	0.0049	46.512	8	28
Comentarista ou apresentador em R...	Rádio e TV-	2.12	75	35.29	33.33	0.0171	27.907	6	18
Comentarista ou apresentador em R...	Rádio e TV+	-2.12	25	64.71	6.06	0.0171	72.093	2	33
Nível de formação	Graduação+	-2.24	0	39.22	0	0.0124	46.512	0	20
Cargos políticos	Cargos políticos-	-2.58	0	45.10	0	0.0049	53.488	0	23
Docência	Docência-	-3.41	0	58.82	0	0.0003	69.767	0	30
Dedicação Acadêmica	Dedicação acadêmica-	-4.07	37.50	90.20	6.52	0.0000	100	3	46

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

- 2) os polos dos *jornalistas mainstream*²² (cluster 5) e dos *jornalistas blogueiros*²³ (cluster 6) são formados pelos profissionais que, graduados ou não em jornalismo, possuem uma trajetória profissional consolidada na imprensa, com anos de experiência nas grandes redações e nos principais meios de comunicação do país, possuindo amplo reconhecimento do público e dos pares assim como fazendo parte das narrativas memorialísticas da profissão. Os mais *mainstream* caracterizam-se por atuarem contemporaneamente nos grandes veículos de comunicação, inclusive como comentadores de canais de rádio e televisão (tendo a maioria tomado posições políticas mais à direita); enquanto os blogueiros estão hoje fora da grande mídia, embora também tenham traçado uma trajetória nas grandes redações (tendo tomado posições políticas mais à esquerda).

²² Compõem esse conjunto: Augusto Nunes, Bernardo Mello Franco, Carlos Alberto Sardenberg, Dora Kramer, Eliane Cantanhêde, Fernando Gabeira, Mario Sergio Conti, Merval Pereira e Míriam Leitão. Desse conjunto, Bernardo Mello Franco e Mario Sergio Conti são os que mais se afastam em termos de tomada de posição do padrão do grupo (ver subcapítulo 2.1 e 2.2 desta Parte).

²³ Compõe esse conjunto: Bob Fernandes, Cynara Menezes, Fernando Moraes, Florestan Fernandes Jr., Luís Nassif, Paulo Henrique Amorim e Paulo Moreira Leite.

Tabela 5 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas *Mainstream*)

Characterization by the categories of categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 5/6 (Count = 9 Percentage = 17.647)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas mainstream	4.31	100	33.33	52.94	0.0000	19.048	9	17
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa+	4.16	100	35.29	50	0.0000	21.429	9	18
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico+	3.54	77.78	23.33	58.33	0.0002	11.905	7	12
Consultoria	Consultoria-	2.60	100	58.82	30	0.0047	50	9	30
Docência	Docência-	2.60	100	58.82	30	0.0047	50	9	30
Comentarista ou apresentador em R...	Rádio e TV+	2.24	100	64.71	27.27	0.0127	57.143	9	33
YouTube	YouTube-	2.11	100	66.67	26.47	0.0172	59.524	9	34
YouTube	YouTube+	-2.11	0	33.33	0	0.0172	40.476	0	17
Comentarista ou apresentador em R...	Rádio e TV-	-2.24	0	35.29	0	0.0127	42.857	0	18
Nível de formação	Doutorado+	-2.48	0	39.22	0	0.0066	47.619	0	20
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas-	-3.21	0	50.98	0	0.0007	61.905	0	26
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico-	-3.54	22.22	76.47	5.13	0.0002	88.095	2	39
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa-	-4.16	0	64.71	0	0.0000	78.571	0	33

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 6 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas *blogueiros*)

Characterization by the categories of categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 6/6 (Count = 7 Percentage = 13.725)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas blogueiros	5.27	100	15.69	87.50	0.0000	2.273	7	8
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico+	2.55	71.43	23.33	41.67	0.0054	15.909	5	12
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa+	2.54	85.71	35.29	33.33	0.0056	27.273	6	18
Docência	Docência-	2.11	100	58.82	23.33	0.0176	52.273	7	30
Nível de formação	Doutorado+	-2.00	0	39.22	0	0.0227	45.455	0	20
Posições de destaque no jornalismo	Posições importantes na imprensa-	-2.54	14.29	64.71	3.03	0.0056	72.727	1	33
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico-	-2.55	28.57	76.47	5.13	0.0054	84.091	2	39
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas-	-2.64	0	50.98	0	0.0042	59.091	0	26

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

3) os polos dos *polemistas* (cluster 4 e 2) e *militantes (ou ativistas)* (cluster 4 e 2)²⁴ são compostos por figuras definidas menos por seus diplomas e trajetórias profissionais e mais pelo volume de seguidores nas redes sociais, pelos livros vendidos e pela adesão a uma causa específica. Suas identidades se constroem, em parte, por meio da negação ou questionamento dos critérios e princípios do meio acadêmico ou do jornalístico. A distinção entre polemistas e militantes é menos explícita no gráfico, já que tanto o cluster 4 quanto o cluster 2 agregam indivíduos situados nesses polos. Como o gráfico se estrutura, sobretudo, na oposição entre capital acadêmico e capital jornalístico, o que se observa é que enquanto o cluster 2 se refere aos mais próximos da academia dos polemistas e militantes (sendo os mais polemistas, politicamente, mais identificados como à direita; e os mais militantes, mais à esquerda), o cluster 4 corresponde aos mais jornalistas dos polemistas e militantes (de novo, estando os mais polemistas identificados politicamente como mais à direita; e os mais militantes como mais à

²⁴ Entre os mais polemistas mais à direita estão: Arnaldo Jabor, Demétrio Magnoli, Diogo Mainardi, Guilherme Fiuza, Joice Hasselmann, Leandro Narloch, Luiz Felipe Pondé, Marco Antonio Villa, Olavo de Carvalho, Rachel Sheherazade, Reinaldo Azevedo, Ricardo Amorim e Rodrigo Constantino. Entre os militantes mais à esquerda estão: Antonio Prata, Djamila Ribeiro, Eduardo Moreira, Leonardo Sakamoto, Marcelo Rubens Paiva e Marcia Tiburi.

esquerda). No entanto, as classificações polemistas e militantes têm pertinência sociológica e descritiva desse espaço social, tendo em vista outros indícios coletados ao longo da pesquisa.

Tabela 7 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e militantes mais próximos do jornalismo)

Characterization by the categories of categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 4/6 (Count = 12 Percentage = 23.529)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Docência	Docência-	3.27	100	58.82	40	0.0005	46.154	12	30
Nível de formação	Graduação+	3.25	83.33	39.22	50	0.0006	25.641	10	20
Ficção	Ficção+	3.06	50	15.69	75	0.0011	5.128	6	8
Bestseller	Bestseller+	3.02	91.67	50.98	42.31	0.0013	38.462	11	26
Cargos políticos	Cargos políticos-	2.75	83.33	45.10	43.48	0.0030	33.333	10	23
Jornalismo Mainstream x Blogueiros	Jornalistas mainstream	2.40	66.67	33.33	47.06	0.0081	23.077	8	17
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico-	1.97	100	76.47	30.77	0.0246	69.231	12	39
Prestígio jornalístico	Prestígio jornalístico+	-1.97	0	23.53	0	0.0246	30.769	0	12
Docência	Docência privada	-1.97	0	23.53	0	0.0246	30.769	0	12
Cargos políticos	Cargos políticos+	-2.75	16.67	54.90	7.14	0.0030	66.667	2	28
Bestseller	Bestseller-	-3.02	8.33	49.02	4	0.0013	61.538	1	25
Ficção	Ficção-	-3.06	50	84.31	13.95	0.0011	94.872	6	43
Nível de formação	Doutorado+	-3.13	0	39.22	0	0.0009	51.282	0	20

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 8 - Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 2 (Polemistas e militantes mais próximos da academia)

Characterization by the categories of categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 2/6 (Count = 7 Percentage = 13.725)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Consultoria	Consultorias em outras áreas	3.79	85.71	19.61	60	0.0001	9.091	6	10
Nível de formação	Graduação+	-2.00	0	39.22	0	0.0227	45.455	0	20
Consultoria	Consultoria-	-2.17	14.29	58.82	3.33	0.0151	65.909	1	30

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Projetando como suplementares algumas variáveis de origem social, é possível observar a correlação entre algumas propriedades e os seis polos identificados, a qual será melhor trabalhada nas três partes centrais do trabalho. De todo modo, cabe ressaltar que o espaço também se estrutura na oposição entre aqueles com maior volume de capital herdado da família (à direita) e aqueles com volume mediano (à esquerda), tendo ao centro, os com menor volume; e entre aqueles com uma estrutura de capital herdado mais ligada ao capital cultural (acima) e mais ligada ao capital econômico (abaixo).

Gráfico 3 - Nuvem de variáveis suplementares – Origens sociais. Fonte: Gerado pela autora com auxílio da ferramenta SPAD.

Tabela 9 - Categorias suplementares referentes à origem social que se opõem no Eixo 1.

Variável	Categoria	Peso	Coordenada
Categoria Profissional dos Pais	Funcionário público	11,000	-0,825
Hierarquia profissional dos pais	Hierarquia média	15,000	-0,527
Cidade de nascimento	Interior de São Paulo e Minas Gerais	12,000	-0,517
Zona Central			
Categoria Profissional dos Pais	Atividade política e intelectual	11,000	0,476

Fonte: Elaborada pela autora e sistematizada com auxílio da ferramenta SPAD.

Tabela 10 - Categorias suplementares referentes à origem social que se opõem no Eixo 2.

Variável	Categoria	Peso	Coordenada
Profissão das mães	*Missing value*	8,000	-0,911
Categoria Profissional dos Pais	Executivo-profissional	14,000	-0,657

Envolvimento Político da Família	*Missing value*	13,000	-0,614
Zona central			
Envolvimento Político da Família	Política nacional	13,000	0,436
Ano de nascimento	Década de 40	12,000	0,456
Hierarquia profissional dos pais	Hierarquia média	15,000	0,522
Categoria Profissional dos Pais	Comerciante	8,000	0,563
Categoria Profissional dos Pais	Atividade política e intelectual	11,000	0,585

Fonte: Elaborada pela autora e sistematizada com auxílio da ferramenta SPAD.

Os gráficos não devem ser interpretados de uma forma estanque como se esses polos fossem absolutos, já que há também identificações e trocas entre as figuras de cada um deles. A divisão entre esses seis polos (que correspondem a três níveis) estrutura esse conjunto – argumento que será fortalecido ao longo deste trabalho com a apresentação de outras evidências que não contribuíram diretamente para a elaboração da ACM, como, por exemplo, a construção de suas autoidentificações, a percepção acerca de seus papéis sociais, as trajetórias profissionais, os períodos de formação e as origens sociais. É interessante notar como o uso da técnica não diz respeito a uma aplicação em que os “dados falam por si”, já que as próprias variáveis foram sendo construídas a partir da compreensão crescente do espaço, assim como as ACM’s anteriores foram contribuindo para a exploração desse espaço, em um desenvolvimento circular da pesquisa. Além disso, deve-se ressaltar que a ACM explicita relações de correlação e não de causa e efeito assim como trabalha com a ideia de afinidades eletivas entre várias propriedades sociais (afastando-se, assim, de determinações unilaterais). Ademais, as caracterizações dos polos podem ser lidas como tipos ideais (DUVAL, 2015, p. 230; KLÜGER, 2018, p. 80-81). Nesse sentido, nem todos os nomes de um polo vão compartilhar todas as propriedades do mesmo, há vários que se situam e que atuam na fronteira entre diferentes polos e essas posições também não são fixas no tempo bem como podem se modificar se mudarmos o ponto de referência.

Os gráficos e clusters poderão ser mais bem compreendidos conforme a apresentação dos dados da pesquisa ao longo da tese, os quais vão tornando-os mais inteligíveis. Por isso, recomendo que o trabalho seja lido com um retorno frequente aos gráficos e tabelas acima. Devido à inter-relação nas etapas de pesquisa, esse retorno contribui no entendimento da distribuição do espaço social assim como o texto possibilita a compreensão da disposição nos gráficos.

1.5 AS FONTES DE PESQUISA

É interessante notar como a própria disponibilidade de fontes de informação acerca desses nomes e os tipos de material encontrados os aproximam mais de um polo que de outro, assim como expressam, em alguma medida, as posições que ocupam nos espaços pelos quais transitam.

Enquanto os currículos dos mais especialistas e mais acadêmicos estão, em geral, publicados em plataformas oficiais, como o *Lattes*, em redes sociais voltadas para o *networking*, como o *LinkedIn*, ou nos textos de apresentação nos jornais em que escrevem, nas faculdades que lecionam e nos *think tanks* que integram, os dados disponíveis acerca de suas origens sociais são, em geral, escassos. Aqueles mais consagrados, no entanto, possuem suas trajetórias registradas em entrevistas ao CPDOC, em livros como *Conversa com economistas brasileiros* e *Conversas com filósofos brasileiros*. Em alguns casos, ainda consegui informações complementares em entrevistas da imprensa especializada (em revistas de economia, por exemplo), na imprensa geral e, em poucos casos, em entrevistas na televisão. Além dessas fontes, busquei também nas colunas escritas por eles e em suas redes sociais possíveis referências às origens sociais – como local e data de nascimento, profissão dos pais, escolas que frequentaram etc.

A ausência de informações sobre suas trajetórias pessoais e familiares se explica, por um lado, pelo fato de que esses especialistas e acadêmicos se legitimam, primordialmente, por seus diplomas e cargos de importância, de modo que suas vidas pessoais não aparecem como alvos principais de interesse dos meios de comunicação. Eles geralmente são convidados pela mídia no intuito de oferecerem suas análises sobre o mundo social, político e econômico, e não para falarem sobre suas vidas pessoais. A exceção é quando alcançam posições de maior relevância política ou de prestígio acadêmico, que os levam a ter suas trajetórias registradas em livros e banco de dados de pesquisa.

Por outro lado, os mais jornalistas (sejam eles *mainstream* ou blogueiros) não têm seus currículos publicados no *Lattes* ou *LinkedIn*, mas desfrutam em alguns casos dos registros de suas trajetórias pessoais e profissionais em livros sobre a memória e a história do jornalismo, como, por exemplo: *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*; *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*; *Jornalistas*; *Protagonistas da Imprensa Brasileira* – nesses casos, sobretudo, os mais *mainstream*. Ou são citados como figuras importantes na história da imprensa em geral ou de veículos em particular, como nos livros: *Notícias do Planalto*; *História da Imprensa Paulista*; *Jornal da Tarde – uma ousadia que reinventou a*

imprensa brasileira. Além dos livros, revistas especializadas no jornalismo e na mídia também têm em seus arquivos diversas entrevistas sobre a trajetória desses jornalistas, tal como a *Revista Imprensa e a Jornalistas & Cia*.

Segundo Moraes, os trabalhos biográficos e memorialísticos dos jornalistas se expandiram justamente no período de crise da identidade profissional, com o conflito entre diferentes gerações: os mais antigos apresentados como militantes e românticos, e os mais jovens caracterizados como graduados e apolíticos²⁵ (MORAES, 2017, p. 21). Nesse contexto, essas produções contribuiriam para a “edificação simbólica do modelo de jornalista”, especialmente daquele que combinava a atividade na imprensa, a literatura e a militância política (Ibid.). Essa monumentalização das trajetórias colaboraria, assim, para elevar ainda mais ou, ao menos, garantir as posições de prestígio que esses jornalistas ocupavam na imprensa, mas que se encontravam ameaçadas pela inserção de um novo tipo de profissional (Ibid.).

Somam-se a essas obras, as frequentes entrevistas que essas figuras concedem a programas consagrados do gênero – como o *Programa do Jô e Marília Gabriela entrevista*, na *Rede Globo*; *De frente com Gabi*, no *SBT*; *Roda Viva e Provocações*, na *TV Cultura*. Aliás, a promoção de seu próprio corpo de funcionários é prática constante nos canais de televisão, com destaque no polo dos jornalistas para a *Rede Globo*. As fontes de informação sobre os jornalistas incluem ainda livros, documentários e reportagens (auto)biográficos. Alguns nomes mantêm também sites pessoais com dados sobre suas trajetórias e publicações.

Já no caso dos polemistas e militantes, as fontes são bastante heterogêneas. Se, por um lado, alguns deles, por suas inserções nas universidades, possuem currículo *Lattes*, por outro, esses mesmos nomes frequentam programas de auditório – como o programa do Raul Gil²⁶, do Sílvio Santos e da Eliana, no *SBT*; ou o *Na Moral* e o *Amor e Sexo*, na *Globo* –, programas de entrevistas com humoristas – como o *The Noite*, apresentado por Danilo Gentili²⁷ – e produções apresentadas como de interesse do público feminino – como o *Saia Justa*, no canal *GNT*, e a revista *Marie Claire*. Há uma parcela dos polemistas e militantes que também circula pelos programas consagrados em que os jornalistas são entrevistados – principalmente, os que têm

²⁵ Para uma crítica sobre essa divisão entre “antigos” e “jovens”, ver Bergamo, 2020b.

²⁶ O programa do Raul Gil é um programa de auditório, exibido aos sábados no canal *SBT*. Nele, há o quadro *Para quem você tira o chapéu?*, no qual celebridades aplaudem ou condenam outras celebridades e figuras públicas, instigando conflitos, indiretas, provocações e deboches ou, por outro lado, declarações de admiração e afeto – alguns dos polemistas já participaram do programa.

²⁷ Danilo Gentili é um humorista e apresentador do programa *The Noite*, do *SBT*. Identifica-se explicitamente com a direita, sendo comuns seus pronunciamentos contra o PT, a esquerda e os comunistas. Adere ao humor politicamente incorreto e já esteve em meio a várias polêmicas.

certa proximidade com a academia ou origens sociais mais elevadas. Além disso, dão entrevistas a canais do *YouTube*, como, por exemplo, o da Leda Nagle²⁸.

Os dados biográficos desses polemistas e militantes também puderam ser coletados a partir dos vídeos que publicam na Internet – alguns deles voltados justamente para o relato de suas vidas – e das descrições em suas redes sociais, canais e blogs pessoais. Eles falam com mais frequência de suas vidas pessoais, seus hábitos privados e seus gostos íntimos; enquanto os jornalistas enfatizam suas trajetórias profissionais, suas atuações na modernização da imprensa bem como suas histórias de militância e resistência à censura durante a ditadura militar; e os especialistas e acadêmicos abordam seus diplomas, cargos de prestígio e trajetórias acadêmicas e políticas.

A heterogeneidade dessas fontes produz também assimetrias em termos de confiabilidade dos dados. Além disso, esses materiais têm em sua maioria um viés laudatório. Também por esses motivos, decidi empreender as entrevistas, as quais também implicam o risco de se tomar como verdade as representações que os agentes têm de si. Pelas fontes e pelas entrevistas, os riscos da ilusão biográfica se colocam (BOURDIEU, 2006), já que as narrativas construídas pelos próprios intelectuais midiáticos ou por outros agentes sobre eles tendem a tomar as histórias de vida como um “percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional” e um “conjunto coerente e orientado” (BOURDIEU, 2006). Ainda assim, cotejando as informações coletadas em diferentes fontes e as entrevistas assim como localizando-as em meios às transformações no espaço social, foi possível alcançar um maior nível de confiabilidade e complexidade, dentro das possibilidades materiais de meu contexto de investigação.

Também é interessante ressaltar que, no caso das análises acerca das mudanças no mercado editorial, jornalístico e acadêmico, pude, por um lado, contar com outras pesquisas sociológicas (ou de outras áreas, como comunicação e ciência política); mas também precisei mobilizar relatos memorialísticos – sobretudo, no caso da história do jornalismo, mas também nas análises sobre o campo da filosofia no país. A escassez de estudos sociológicos sobre o jornalismo no Brasil tem como efeito o fato de ter que em alguns casos referenciar obras produzidas pelos próprios agentes em disputa. Nesse sentido, minha estratégia foi também

²⁸ A jornalista Leda Nagle, prima de Fernando Gabeira, nasceu em Juiz de Fora, em 1942. Durante 20 anos, ela foi apresentadora do programa *Sem Censura*, exibido primeiramente pela *TVE Brasil*, e depois pela *TV Brasil* e pela *TV Cultura*. Em 2016, Leda Nagle foi demitida da *TV Brasil*, migrando, então, para um canal no YouTube, no qual entrevista personalidades heterogêneas, mas com uma presença frequente de figuras representativas da direita.

localizar, em cada momento, o lugar dessas produções no espaço social, tentando objetivar, portanto, a construção dessas representações.

1.6 AS ENTREVISTAS

Além da coleta de dados dos agentes estudados nas fontes mencionadas no subcapítulo anterior, também realizei entrevistas com os mesmos²⁹, no intuito de preencher as informações ainda faltantes, aprofundar alguns aspectos de suas trajetórias e atuações contemporâneas, e compreender melhor algumas guinadas e decisões tomadas. As entrevistas iniciadas em setembro de 2019³⁰ foram feitas presencialmente, em um primeiro momento, passando à videoconferência, em 2020, devido à pandemia gerada pela Covid-19.

Com duração média de duas horas (chegando, em alguns casos, a três horas e meia), a entrevista semiestruturada foi organizada em seis blocos de perguntas: 1) Origens sociais; 2) Práticas culturais e estilo de vida; 3) Trajetória acadêmica; 4) Trajetória profissional (fora da academia e da imprensa); 5) Trajetória midiática e editorial; 6) Atuação política. Considerando que antes de iniciá-las, eu já havia feito um trabalho de prosopografia e, assim, partia para a entrevista com informações prévias sobre suas trajetórias sociais e profissionais, algumas perguntas foram sendo adaptadas de acordo com o entrevistado – no intuito de aprofundar ou confirmar informações encontradas em outras fontes –, ainda que mantendo-se a estrutura geral da entrevista. Também foram feitos ajustes tendo em vista o tempo de conversa disponibilizado pelos agentes – alguns, por exemplo, dispuseram-se a falar somente por uma hora – e a abertura que os mesmos demonstravam em relação à entrevista – ou seja, aqueles que se dispunham a dar mais detalhes em cada resposta eram estimulados a falar livremente e foram inseridas uma ou outra pergunta que pudessem complementar minha compreensão sobre a trajetória, as relações estabelecidas e mesmo sobre suas visões em relação aos funcionamentos dos espaços sociais em que se inserem; por outro lado, com aqueles que se mostraram mais fechados ou

²⁹ As entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização dos entrevistados. Nas entrevistas presenciais, os participantes assinaram um termo simples, ao final, autorizando o uso das informações na elaboração da tese. No caso das entrevistas em videoconferência, devido à dificuldade de alguns retornarem com o documento assinado, optei por pedir a autorização oralmente no início da conversa.

³⁰ Considerando o volume de informações disponíveis sobre as trajetórias e posições dos agentes estudados nos materiais trabalhados no subcapítulo anterior, minha primeira intenção era desenvolver a pesquisa a partir apenas das fontes secundárias. No contexto político em que esta tese foi elaborada e diante de casos de reações mais agressivas por parte de alguns nomes estudados em relação a entrevistadores, também era de se desconfiar que pudesse haver uma certa hostilidade em relação à pesquisa – motivo pelo qual, em um primeiro momento, optei por conduzir a tese sem as entrevistas. Porém, com o avanço da investigação, fui percebendo cada vez mais a necessidade de realizá-las. Com o contato presencial, os receios do início da pesquisa mostraram-se desnecessários.

objetivos, busquei retirar ou não acrescentar perguntas mais acessórias no intuito de evitar algum constrangimento ou mesmo a interrupção da entrevista. Mas, mesmo nos casos em que o entrevistado se colocou menos aberto no início da conversa – que continha as perguntas sobre as origens sociais –, no decorrer dela ou até mesmo ao fim da entrevista, quando eu os perguntava se queriam acrescentar alguma informação, eles passavam a revelar mais detalhes e aspectos de questões anteriores. A sensação é de que, ao longo da entrevista, iam percebendo que as perguntas eram menos ameaçadoras. Assim, alguns chegaram a falar: “Várias coisas, eu não vou me meter na matéria dos outros, mas eu fiquei: por que ela quer saber com que trabalhava meu avô? Mas, tudo bem, alguma razão você deve ter...”; “Nunca ninguém me fez tanta pergunta na vida”; “Tua pesquisa está me ajudando a fazer justiça... justiça aqui na minha cabeça mesmo”; “Eu nunca contei isso aí”.

Embora nenhum dos entrevistados tenha me solicitado a ocultação do nome na tese (apenas um ou outro me pediu que eu não publicasse determinada fala, sendo respeitados nesse sentido), optei por não referenciar parte das citações de suas entrevistas, indicando apenas o polo em que se situam, no intuito de manter os nexos entre posições e representações³¹. Nesses casos, as falas se referiam exatamente às representações que possuem sobre o mundo social e suas próprias posições, as indicações de gostos e preferências. Ainda assim, não pude fugir de indicar os nomes dos entrevistados nas análises específicas sobre as trajetórias, sob risco de prejudicar o entendimento das mesmas e considerando que os entrevistados são pessoas públicas, que tiveram participações nos processos políticos do país. Da mesma forma, por uma questão de respeito aos direitos autorais, as citações de outras fontes ou entrevistas foram referenciadas. A opção por ocultar os nomes em algumas das falas se deve ao fato de que não é meu objetivo traçar perfis individuais – muito menos, produzir constrangimentos ou julgamentos dos indivíduos estudados –, mas sim trabalhar com a ideia dos indivíduos construídos.

O primeiro contato com esses colunistas – assim como as diferenças entre as fontes – já oferece de antemão indícios sobre suas posições no campo. Quanto mais célebres eles são, mais difícil se torna encontrar seus endereços de e-mail e telefone; assim como menores são as chances de aceitarem conceder a entrevista. Enquanto os e-mails de alguns foram encontrados em currículos na Internet, na coluna do jornal, nas notas de rodapé dos artigos acadêmicos publicados (no caso daqueles que possuem uma trajetória acadêmica), em outros casos consegui os contatos com os próprios entrevistados (que mantinham relações próximas com outros dos

³¹ Foram suprimidas das falas, quando possível, marcadores do gênero feminino (já que a maioria dos intelectuais midiáticos é homem) assim como referências a cargos que pudessem identificar os autores dos trechos.

nomes estudados) ou com colegas que já trabalharam em empresas jornalísticas. Assim, me vali das relações sociais estabelecidas durante minha primeira graduação, em jornalismo, e das experiências que tive na área, mas também de colegas vindos do jornalismo que conheci na USP, o que me possibilitou recorrer a funcionários atuais ou antigos da *Globo News*, da *Jovem Pan*, d’*O Estado de S. Paulo*, da *Folha de S. Paulo* e da *Revista Piauí*. Com isso, consegui chegar, em sua maioria via WhatsApp, a alguns dos nomes aqui estudados.

O primeiro contato foi feito a partir de uma mensagem genérica, cuja estrutura era praticamente a mesma, com apenas algumas pequenas alterações (conforme eu ia notando a eficácia do pedido ou a melhor adequação à posição do entrevistado). De maneira geral, a mensagem era a seguinte:

Prezado/Prezada,
 Meu nome é Allana, sou estudante de doutorado e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre os principais formadores de opinião do Brasil contemporâneo, reconstituindo suas trajetórias pessoais e profissionais. Venho realizando entrevistas com os principais colunistas do país e gostaria de entrevistá-lo também. A proposta é estritamente acadêmica e tem como foco a sua trajetória familiar, acadêmica, profissional e jornalística.
 Estou à disposição para mais esclarecimentos.³²

Ressalto o fato de que optei por enviar mensagens pouco detalhadas, a fim de evitar qualquer possível resistência dos entrevistados em relação à pesquisa. Esperava, no entanto, que retornassem com perguntas sobre mim e sobre o projeto, mas, para minha surpresa, apenas alguns poucos nomes, já no e-mail ou na mensagem, quiseram saber onde eu fazia o doutorado, em que área e pediram mais informações sobre a pesquisa. Habitados a serem chamados a falar na imprensa, a serem entrevistados ou entrevistar, a contarem suas trajetórias, os agentes analisados, em geral, demonstraram abertura à entrevista e às perguntas feitas. É interessante notar que os professores universitários foram os que, em geral, apresentaram mais boa vontade em participar da pesquisa, respondendo aos e-mails ou mensagens no WhatsApp em um curto prazo e aceitando rapidamente as entrevistas – o que revela, em alguma medida, a importância que dão às pesquisas acadêmicas. Os mais jornalistas apontaram as dificuldades de agenda para a conversa, mas também reagiram de forma positiva. Com alguns dos mais polemistas e

³² Um dos elementos que se alterou com mais frequência entre uma mensagem e outra foi a forma de designação do conjunto de agentes estudados, já que me gerava alguma dúvida a utilização dos termos com o sentido do senso comum – tais como colunista, comentarista, formador de opinião – ou aqueles que têm na pesquisa um sentido mais sociológico – tais como “intelectual”. Nas primeiras tentativas de entrevista, optei por utilizar o termo “intelectual”, sem o qualificativo “midiático”, já que ele poderia ser entendido no sentido mais ordinário, causando uma resistência por parte dos contactados. Posteriormente, considerei mais adequado excluir o termo “intelectual”, pelas disputas que envolve (conforme discutido no subcapítulo 1.1 desta Parte), e fazer referência somente pelos termos “colunista”, “comentarista”, “formador de opinião”, que designam suas atuações na mídia mais propriamente.

militantes, tive mais dificuldade em conseguir a entrevista. Do conjunto como um todo, alguns contatos não foram encontrados assim como alguns e-mails ou mensagens nunca foram respondidos, outros alegaram ausência de espaço na agenda ou impossibilidade contratual, e poucos pararam de responder depois de pedirem mais explicações sobre a pesquisa. Dos 51 nomes estudados, consegui entrevistar 31.

Em apenas um caso, o possível entrevistado questionou um artigo que publiquei, em 2019, na *Novos Estudos*, intitulado *A direita mora do mesmo lado da cidade – especialistas, polemistas e jornalistas*, com coautoria de Dmitri Cerboncini Fernandes. O artigo que trazia os primeiros dados desta pesquisa e buscava traçar um primeiro esboço do espaço social, na tentativa inclusive de expor alguns dos argumentos às críticas e aos questionamentos dos pares, analisava os agentes que defenderam o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O colunista questionou, então, uma informação sobre sua atuação profissional – que, de fato, estava errada, mas que não modificava em nada as análises e as conclusões do artigo, tendo aparecido apenas no quadro sinóptico – e a sua inserção no grupo dos defensores do impeachment. Nesse caso, diante de minha resposta, que indicava os posts no *Twitter*, as entrevistas e colunas em que sua posição se explicitava com maior ou menor clareza, ele afirmou:

Oi Allana, te agradeço a resposta e a correção. Sobre o tema do impeachment, uma rápida observação que me parece tem alguma relevância acadêmica. Minha posição sempre foi a de que o processo de impeachment era “constitucional”, isto é, formalmente correto e democrático. E de fato ele foi, tanto que cancelado pelo Supremo e pelas instituições brasileiras. **Eu nunca me manifestei, no entanto, sobre o “mérito” da questão.** Isto é, nunca, em nenhum momento, disse que Dilma deveria ser “impichada”, e isto faz uma enorme diferença. **Acho que o trabalho deveria ter feito esta distinção**, que é essencial para entender a posição dos intelectuais sobre o processo. **Acho que teu trabalho teria ganho, do ponto de vista acadêmico**, se tivesses feito esta distinção. Este é meu ponto. Eu, de fato, nunca tive nenhuma convicção a respeito. Apenas me desagradou muito, e até hoje me desagrada, esta ideia de que “as instituições estão funcionando quando as decisões tomadas pelas instituições me favorecem”. Não é assim que funciona a democracia. É preciso saber ganhar e perder, ser contrariado etc., etc. Obviamente, quem sofre o impeachment tende a dizer que é um “golpe”. Trump fez isto agora, Collor fez isto à época. **Mas a academia não pode tomar este ponto de vista.** Sobre o conceito de “direita”, penso que também valeria uma especificação maior. Fiquei em dúvida sobre qual exatamente o critério que foi utilizado. O fato de que alguém, em um certo momento, se coloca contra as posições do PT ou dos partidos da esquerda tradicional, não deve levar necessariamente à conclusão de que esta pessoa é de “direita”. Isto seria transformar em critério acadêmico algo que é, de fato, uma adjetivação da disputa política. O mundo político tem uma complexidade muito maior do que a métrica “esquerda” x “direita”. **Eu, por exemplo, não me encaixo em nenhuma dessas definições.** Acho que valeria a penas pensares em formular algo nesta linha no trabalho que estás desenvolvendo, abraços.

Reproduzo a mensagem acima por sua capacidade de ilustração da posição dos mais especialistas dos colunistas: eles intentam se colocar no lugar de analistas neutros do mundo social, que fogem à polarização e à ideologização – esta última, aventada pelos mesmos como

dominante nas universidades públicas, sobretudo nos cursos de humanas. Assim, uma das características de suas tomadas de posição acerca do impeachment foi a de contestar a narrativa de “golpe” sem necessariamente e claramente pedir a deposição da presidenta (ver próximos capítulos). Por outro lado, os artigos e posts em redes sociais vinham seguidos de críticas contundentes à Dilma Rousseff e seu governo, afirmações sobre a necessidade das reformas, elogio à condução do processo de impeachment e aos opositores do governo, e até mesmo a sugestão de que a renúncia de Dilma Rousseff seria uma saída. Assim, as nuances no discurso, que de fato existem entre os diferentes colunistas (como será visto nos próximos capítulos), são mobilizadas por eles, porém, no intuito de contestar os agrupamentos que têm como proposta tornar as posições sociologicamente inteligíveis. Nesse sentido, a resposta do colunista também expõe a dificuldade que os indivíduos têm de se verem objetivados e reduzidos a determinadas características sociais – operação necessária para a compreensão desses indivíduos não em suas singularidades, mas em suas posições sociais. Considerando que, em geral, eles têm o domínio de suas autorrepresentações – ao contrário dos grupos mais dominados (BOURDIEU, 2008) –, conseguindo impor as visões que têm de si mesmos nos espaços da imprensa, eles demonstram uma certa dificuldade em lidar com objetivações que venham de encontro com as imagens que mantêm de si mesmos – demonstrando que, apesar de dominarem as lógicas e dinâmicas das entrevistas e dos debates públicos, eles, em sua maioria, não dominam os conceitos nem o ponto de vista sociológico.

Mas, além disso, o tom da mensagem também revela, em alguma medida, minha posição diante de parte dos entrevistados. A interação no contato prévio à entrevista e durante a conversa me possibilitou, para além das respostas às perguntas em si, observar a disposição corporal, as entonações, as formas de se vestir; o ambiente que frequentam, trabalham ou moram; as reações às perguntas, os interesses em relação à pesquisa e à pesquisadora; a maneira como me viam e me posicionavam, em alguma medida. Embora nenhum outro entrevistado tenha dado sugestão para a pesquisa, como no trecho da mensagem acima, havia entre os mais especialistas e acadêmicos, um certo tratamento equivalente ao de professor-aluno, evidenciado nas perguntas sobre os pressupostos da pesquisa, dos autores que eu conhecia, dos livros que já tinha lido. Também era comum que alguns deles – independente do polo – sondassem o meu conhecimento sobre os cargos pelos quais eles passaram, os livros que escreveram, as colunas que publicam nos jornais, os canais que mantêm nas redes sociais, os programas de televisão por que passaram.

Ao longo da conversa, alguns perguntavam de onde eu era, em que universidade estudava e qual era a área do meu doutorado. Algumas reações, mesmo sutis, evidenciavam as

posições de distanciamento e aproximação entre nós assim como o nível de reconhecimento da atividade acadêmica, em geral, e da sociologia, em particular. Alguns dos acadêmicos e especialistas – que não fossem cientistas sociais – demonstravam um certo domínio na minha área ou em áreas adjacentes à minha formação:

Por outro lado, eu sempre me interessei muito em estudar o Brasil, ler os autores clássicos, eu tenho uma erudição de história econômica, de história do Brasil e formação econômica brasileira (...) eu também senti uma necessidade muito grande de estudar ciência política (...) e li muito a literatura produzida pelos cientistas políticos brasileiros, Fernando Limongi, Argelina Cheibub, Fábio Santos, Octavio Amorim, Marcos André Melo, Carlos Pereira (Entrevista com um dos mais especialistas³³).

Por outro lado, em alguns momentos, acabavam revelando as imagens rebaixadas que tinham em relação a minha formação: “Eu sei que você é socióloga, mas... simplesmente, depois, começando Sociologia, eu descobri que o fato de gostar de política não significava que eu fosse gostar de Sociologia né” (Entrevista com um dos mais especialistas); “A família não viu com bons olhos a primeira opção de Sociologia, como talvez tenha acontecido com você. Em geral, os pais não gostam quando a gente escolhe essas matérias um pouco diferentes, pela questão de mercado de trabalho etc.” (Entrevista com um dos mais especialistas).

No caso dos mais jornalistas, algumas entrevistas revelaram uma posição de boa vontade cultural, com a expressão de um certo respeito pela academia, em geral, e pela USP, em particular. Boa vontade que se expressa também ao se referirem a determinadas figuras políticas como mais “intelectuais”, “acadêmicas” e, portanto, mais bem preparadas – como será visto em outras partes do trabalho.

Entrevistado: Você faz onde [o doutorado]?

Allana: Na USP.

Entrevistado: Ahhhh, mas é uma moça que passa nas provas [risada]. Uma moça que passa nas provas... é diferente.” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Não, eu nunca fui professor, mas eu faço muita palestra né para universidades e tal. (...) Você viu que você me pediu a entrevista automaticamente eu já topei. Você reparou isso? Não foi aquele negócio... a minha agenda é ocupadíssima, mas você falou... é quase uma prioridade para mim. (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Mas eu fico com um pouquinho de dor de cotovelo. Hoje, quando eu li o teu negócio [artigo mencionado acima] de manhã, fiquei pensando: “Pô, podia também...” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

³³ Os entrevistados serão referenciados como “mais especialista”, “mais acadêmico”, “mais jornalista” etc. no intuito de demarcar a visão relacional adotada acerca dessas posições, evitando essencializações desses indivíduos.

Por outro lado, alguns dos mais polemistas à direita – ainda que mais ou menos disfarçadamente, buscando não causar um constrangimento na conversa – expressaram seu anti-intelectualismo e oposição às ciências humanas e à USP: “eu sempre tive uma espécie de preconceito contra o saber acadêmico (...) Pode parecer injusto – talvez, esteja sendo injusto –, mas a experiência que eu tenho de observação desse universo é essa” (Entrevista com um dos mais polemistas).

Além dessa visão mais genérica da academia e da atividade intelectual, as insinuações sobre a dominância de certa ideologia nas ciências humanas também estiveram presentes em um diálogo mais direto comigo: “Na universidade, como você sabe, tem muita política, (...) você sabe como é que é a universidade” (Entrevista com um dos mais polemistas); “Muito dominado pela esquerda, né... Sua área?” (Entrevista com um dos mais polemistas). Apenas um dos entrevistados (mais próximo ao polo dos polemistas) questionou minha posição política, ao final da conversa, que foi respondida como sendo “mais à esquerda”. Considerando-se um militante da direita, ele fez questão de me perguntar se as entrevistas com pessoas como ele e outras figuras da direita contribuíram para que eu mudasse minhas opiniões sobre elas, demonstrando que a concessão da entrevista era parte da militância, visando converter posições.

Todas as pessoas que entrevistei se portaram de maneira solícita, cordial e respeitosa. É possível perceber que quanto mais dominantes no espaço social, com mais naturalidade as figuras conseguiam controlar a narrativa de suas biografias e menos incomodadas demonstravam estar com as perguntas – o que revela também como estão habituadas a falarem sobre si e expressarem seus pontos de vista. Quanto mais ocupavam uma posição de dominadas, mais insegurança demonstravam, buscando calibrar as respostas, mas deixando revelar determinados aspectos que não gostariam de ver publicados: “Tudo que eu falar aqui que te parecer cabotino, você corta”; “Sobre lazer... fumar maconha, pode falar? Não, estou brincando.”; “Videogame é atividade cultural?”; “Chato falar eclético, né?! Pera aí, deixa eu pensar.”; “Desculpa se eu não... se eu fiz alguma coisa, se eu disse alguma coisa que não era da sua expectativa e agradeço então e desejo boa sorte”; “Será que eu falo isso? É melhor eu mentir para você. Vai ser a única vez que eu vou mentir no depoimento”.

Por outro lado, com elogios à pesquisa e à condução da entrevista, esses nomes mais acostumados à vida pública expressavam não apenas gentileza – buscando, inclusive, se afastar de determinadas imagens possivelmente criadas pelas polêmicas nas quais já se envolveram –, mas também uma possível estratégia de ter a pesquisadora como aliada: “se for relevante para você, eu não quero corromper o seu trabalho. Se é uma coisa que, para o teu discernimento, e eu já vi que você tem um grande discernimento na maneira como você está conduzindo. Se for

importante, você cita; se não for, censura, entendeu?!”; “Acho que você perguntou bastante e bem (...) Você fique absolutamente à vontade para completar o que quiser”; “Qualquer dificuldade em entrevistas, fala comigo (...) sem constrangimento”; “Esses mais velhos, mais antigos, ficam com essa frescura, não gosto, pode falar comigo...”; “Pergunte à vontade, eu respondo imediatamente... Pergunte o quanto quiser...”; “Também vou começar a cometer indiscrições. Você está entrevistando vários colegas? (...) Precisa de alguma ajuda? Tem alguém que você está com dificuldade? Se eu tiver contato...”.

Além dessas falas, a cordialidade também se expandia para posturas amigáveis, em que eu era conduzida pela casa para ver algo a que o entrevistado se referia ou pelo local de trabalho para conhecer o espaço; em que era apresentada aos colegas de ofício ou familiares presentes no momento da entrevista; em que ganhava um livro do entrevistado com a seguinte dedicatória “Para a Allana, excelente entrevistadora, com um beijo do...”. Se, em alguns casos, entendi algumas das gentilezas como comuns no tratamento civilizado e sinais apenas de uma possível simpatia gerada; em outros, elas me pareceram evidências de uma posição relativamente mais dominante – ou seja, como homens, mais velhos, com posições de visibilidade e prestígio – com vistas a ganhar a simpatia da entrevistadora mulher, mais jovem e na posição de “estudante”.

Os locais de realização das entrevistas também me permitiram fazer algumas análises sobre os capitais e posições desses nomes. Alguns me receberam em suas agências financeiras em prédios empresariais da Faria Lima; outros nas redações dos jornais e canais de TV e rádio em que trabalham; alguns em suas salas comerciais; outros nas salas de professores das universidades em que lecionam; alguns em um café ou restaurante e vários nas próprias casas. Todos os encontros se deram, porém, em bairros nobres de São Paulo e Rio de Janeiro.

Para além da oferta de indícios sobre as posições que esses agentes ocupam no espaço social – seja por meio das respostas, seja pela dinâmica de interação –, a condução das entrevistas produziu em mim também um processo de autoanálise e objetivação de minha posição. Observar as distâncias e proximidades em termos de trajetória social e disposição, seja em relação àqueles com os quais mantenho também proximidade ideológica, seja com aqueles dos quais discordo, foi importante também para me localizar nesse espaço. Nesse sentido, apesar de minha profunda oposição às ideias difundidas por muitos deles, busquei adotar certo “perspectivismo”, sem, por outro lado, cair no lugar comum do “relativismo subjetivista, que conduziria a uma forma de cinismo ou de niilismo” (BOURDIEU, 2008, p. 12). Esse relativismo tende também a dar a aparência de simétricas às diferenças que não o são – mascarando, assim, as relações mais estruturais de poder. Meu exercício de interpretação

buscou um movimento entre as assimetrias mais estruturais e “as misérias da condição”³⁴. Assim, a despeito dos impactos que possam ter me causado o contato com o caráter mais humano e singular desses indivíduos – ainda que dominantes –, busquei construí-los como indivíduos epistêmicos. Do mesmo modo, tomei como norte as palavras de meu orientador, nos agradecimentos de sua dissertação de mestrado: “Cada um de nós, a seu modo, é vítima das ilusões simbólicas vizinhas. A distância que nos separa, no plano objetivo decorre das condições de existência social que fizeram de mim, provisoriamente, o sujeito que investiga, de longe, um objeto em que vocês participam de maneira direta.” (MICELI, 1972, p. 11).

1.7 ESTRUTURA DA TESE

A tese está estruturada em cinco partes. A primeira e a última correspondem à introdução e à conclusão, respectivamente. Já as três centrais equivalem a cada um dos “níveis” dos polos identificados no espaço social: 1) Os especialistas e os acadêmicos; 2) Os jornalistas *mainstream* e os jornalistas blogueiros; 3) Os polemistas e os militantes. Assim, cada uma delas conta com uma estrutura similar, começando por uma introdução em que é apresentada a representação que os agentes têm sobre suas posições neste espaço social, as múltiplas oposições a partir das quais essas posições se definem (ou seja, as diferenças em relação aos outros polos do trabalho) e as lutas em torno dos termos dos debates em que se inserem e dos agentes habilitados a participar dos mesmos. Passo, em seguida, à apresentação dos dados de origem social; formação acadêmica ou profissional; posições contemporâneas no campo do poder, no espaço profissional específico e no espaço midiático. Transversalmente, foram sendo

³⁴ A explicação de Bourdieu em relação a essa posição me parece propícia para pensar meu objeto de pesquisa: “A peça de Patrick Süskind, *O contrabaixo*, oferece uma imagem particularmente feliz da experiência dolorosa que podem ter do mundo social todos aqueles que, como o contrabaixista no meio da orquestra, ocupam uma posição inferior e obscura no interior de um universo prestigioso e privilegiado, experiência tanto mais dolorosa sem dúvida porque este universo, do qual eles participam justo o suficiente para provar seu relativo rebaixamento, está situado mais alto no espaço global. Esta *miséria de posição*, relativa ao ponto de vista daquele que a experimenta fechando-se nos limites do microcosmo, está votada a parecer “totalmente relativa”, como se diz, isto é, completamente irreal, se, tomando o ponto de vista do macrocosmo, ela for comparada à grande miséria de condição; referência quotidianamente utilizada para fins de condenação (“você não tem do que se queixar”) ou do consolo (“há coisa muito pior, você sabe”). Mas estabelecer a grande miséria como medida exclusiva de todas as misérias é proibir-se de *perceber* e compreender toda uma parte de sofrimentos característicos de uma ordem social que tem, sem dúvida, feito recuar a grande miséria (menos, todavia, do que se diz com frequência), mas que, diferenciando-se, tem também multiplicado os espaços sociais (campos e subcampos especializados), que têm oferecido as condições favoráveis a um desenvolvimento sem precedentes de todas as formas da pequena miséria. E não se teria dado uma representação justa de um mundo que, como o cosmos social, tem a peculiaridade de produzir inumeráveis representações de si mesmo, se não se tivesse feito seu lugar no espaço dos pontos de vista para essas categorias particularmente expostas à pequena miséria que são todas as profissões que têm por missão tratar a grande miséria ou falar dela, como todas as distorções ligadas à particularidade de seu ponto de vista.” (BOURDIEU, 2008, p. 13).

apresentadas as identificações políticas assim como as transformações nos mercados específicos – como universidade, jornalismo e mercado editorial. Também ao longo do trabalho, optei por acrescentar quadros ilustrativos de determinadas formas de representação e autorrepresentação desses intelectuais midiáticos, na imprensa e nas entrevistas. Separados do texto, esses quadros permitiram trazer à luz indícios que confirmam essa estruturação social, sem terem passado necessariamente por uma sistematização tal como os dados do corpo do texto, não sendo, porém, dispensáveis.

O texto foi estruturado de modo a intercalar o material empírico coletado, com as descrições e análises dos processos. Embora essas análises se baseiem no vasto material trabalhado, além das ACMs e ACHs realizadas, optei por elencar alguns trechos como forma de evidenciar mais nitidamente os apontamentos que faço.

Nos próximos capítulos desta primeira parte, apresentarei ainda as tomadas de posição dos agentes em torno de dois momentos de crise: o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro. Quanto à conclusão (Parte V), divido-a em três capítulos, conforme os objetivos e hipóteses deste trabalho: 1) a primeira versa sobre as transformações e conservações no mercado de opiniões e algumas das lógicas que predominam na produção de conteúdo desse mercado; 2) a segunda se debruça sobre a relação entre origem, posição, tomada de posição e lógicas de identificação política; 3) a terceira aborda as afinidades eletivas entre os intelectuais midiáticos, suas clientelas e públicos presumidos, buscando traçar relações de homologia.

2 AS TOMADAS DE POSIÇÃO EM DOIS MOMENTOS DE CRISE

Além da análise das tomadas de posição acerca do impeachment de Dilma Rousseff – momento de crise que serviu para a construção do *corpus* de análise deste trabalho, também foram analisados os posicionamentos sobre a eleição de 2018, dois anos depois. Se alguns reforçaram seus argumentos adotados na crise de 2014 a 2016, outros converteram suas posições diante da emergência de uma extrema direita. No campo da esquerda, aqueles que se opuseram ao impeachment mantiveram em alguma medida suas posições e estratégias de argumentação. De forma geral, eles apontaram, ao longo de 2018, os riscos à democracia no caso de uma vitória de Bolsonaro, elencando suas falas e posturas autoritárias, violentas, ditatoriais e preconceituosas; demonstrando as ameaças aos direitos das minorias, dos trabalhadores e mais pobres; traçando paralelismos com a ditadura militar, o fascismo e o nazismo; demonstrando quão corrupto também era o candidato que bradava contra a corrupção nos governos petistas; trazendo à tona a falta de preparo de Bolsonaro e sua equipe assim como o autoritarismo de seus apoiadores. Esses colunistas, assim como na crise do impeachment, adotaram estilos diferentes: uns com posturas mais analíticas – históricas, políticas, econômicas, sociais e filosóficas; outros seguindo as práticas e estilos do “jornalismo profissional”; alguns utilizando as ironias e artifícios das escritas mais livres dos “escritores”; e havia ainda os que mantinham posturas mais militantes. Também dentro do espectro da esquerda, possuem diferentes posicionamentos: há os lulistas e/ou petistas; os mais ligados ao PSOL; os suprapartidários; os que consideraram Ciro Gomes uma saída mais apropriada; os que defenderam uma frente ampla de oposição a Bolsonaro; os críticos ao PT; os mais ao centro e os mais radicais.

De todo modo, considerando que a estrutura dessas posições na eleição de 2018 se manteve de forma semelhante à que se observou na crise do impeachment, apenas com manifestações mais incisivas dado os riscos também mais evidentes com a eleição de Bolsonaro, optei por analisar mais pormenorizadamente os dois polos na crise do impeachment e apenas as tomadas de posição dos pró-impeachment na crise de 2018, já que entre eles houve diferentes movimentos. Enquanto uns radicalizaram suas posições, fazendo campanha para Bolsonaro, outros votaram envergonhadamente no capitão reformado, alguns optaram por anular o voto ou demarcar a característica de polos equivalentes dos candidatos, mas também houve quem se converteu, já nas eleições, em uma oposição mais ferrenha ao ex-militar, assumindo-o como o “mal maior”. Não considero aqui as conversões que aconteceram depois

do início do governo de Bolsonaro e, principalmente, da pandemia do coronavírus, já que esses períodos demandariam uma ampliação do escopo de análise impraticável para esta tese.

2.1 O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2016)

A reeleição de Dilma Rousseff, em 26 de outubro de 2014, por uma pequena margem de votos (51,6% em relação aos 48,3% de Aécio Neves) foi acompanhada imediatamente por reações de questionamento do processo eleitoral assim como de sugestões de impeachment. No dia 30 de outubro, quatro dias depois, o PSDB solicitou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) uma auditoria especial do resultado das eleições. Entre as justificativas, afirmava a existência de “uma somatória de denúncias e desconfiâncias por parte da população brasileira”, ressaltando sobretudo as manifestações nas redes sociais em “descrença quanto à confiabilidade da apuração dos votos e a infalibilidade da urna eletrônica” (apud FOLHA, 2014).

Nas ruas, já no dia 1º de novembro de 2014, houve uma manifestação, convocada nas redes, em que críticas ao governo se misturaram a defesas de impeachment, afirmações de fraude no processo eleitoral até pedidos de intervenção militar (URIBE et al., 2014). Segundo Rocha (2018, p. 167), esta manifestação foi a que reuniu, pela primeira vez, figuras ligadas ao ultraliberalismo, integrantes do movimento *Revoltados Online* e nomes que passaram a ser identificados como representantes da “nova direita”, como Eduardo Bolsonaro, Lobão e Olavo de Carvalho. Dali em diante, outras manifestações foram sendo convocadas, outros movimentos de contestação das eleições foram realizados e outras figuras foram se associando à defesa do impeachment.

No dia 18 de dezembro de 2014, o PSDB entrou com o pedido de cassação do registro de candidatura de Dilma Rousseff e Michel Temer (TSE, 2014). Dentro do partido, três linhas concorriam entre si: Aécio Neves esperava provocar novas eleições e sair vitorioso; Geraldo Alckmin apostava no enfraquecimento do PT durante o governo Dilma e na possibilidade de sua vitória nas eleições de 2018; já José Serra se aproximou do PMDB e de Michel Temer, na defesa do impeachment (SINGER, 2018, p. 61). Foi apenas em 2 de dezembro de 2015, depois de vários pedidos de impeachment e várias articulações do governo e da oposição³⁵, que o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou a denúncia por crime de responsabilidade contra a presidenta Dilma Rousseff, elaborada pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale e Janaína Paschoal (JÚNIOR; CESAR, 2015), dando início ao processo.

³⁵ Para uma análise mais detalhada do desenrolar dos eventos e dos passos tomados pelos agentes do campo político, ver Singer (2018).

Esses movimentos, apresentados de modo bastante resumido nos parágrafos acima – já que foge do escopo deste trabalho uma análise mais pormenorizada –, foram acompanhados também por ações dos intelectuais midiáticos aqui estudados. Antes mesmo da eleição, no dia 09 de outubro de 2014, o polemista Diogo Mainardi já havia sugerido o impeachment de Dilma em sua conta no *Twitter*: “‘Tesoureiro do PT operava desvios na Petrobras’. Dilma tem dois caminhos: aposentadoria ou impeachment.” (MAINARDI, 2014a). Dois dias antes da votação, no dia 24, ele ainda publicou: “Impeachment? Mais do que isso: o registro do PT terá de ser cassado” (MAINARDI, 2014b). Já, no dia 01 de janeiro de 2015, dia da posse, Diogo Mainardi – que também fez parte da bancada do *Manhattan Connection*³⁶, da *Globo News* – lançou o site *O Antagonista*³⁷, cujo objetivo foi explicitado em seu primeiro post, intitulado *Rolando Rampa Abaixo*: “É o primeiro item da lista de bons propósitos deste jornal: trabalhar pelo impeachment de Dilma Rousseff” (O ANTAGONISTA, 2015). Nele, os autores citavam a Lava Jato e expressavam a certeza de que o PT e Dilma eram culpados. Além disso, ainda afirmavam: “Se não houver pressão, o Congresso Nacional, que participou alegremente do estelionato na Petrobras, nem cogitará incriminar a presidente. E tucano só é bom de bico. O destino de Dilma Rousseff, portanto, depende das ruas. E *O Antagonista* já está batendo as panelas” (Ibid.).

Outro polemista, Reinaldo Azevedo também falou em impeachment, na revista *Veja*, antes mesmo da eleição, no dia 24 de outubro de 2014, depois que a revista publicou informações da delação premiada de Alberto Youssef sobre o suposto envolvimento de Dilma no *Petrolão* e de contas do PT no exterior (AZEVEDO, 2014a). Também colunista da *Folha*, em 5 de dezembro de 2014, ele publicou:

A primeira pessoa que transformou as palavras “Dilma” e “impeachment” em unidades sintáticas, formando um todo harmônico, foi este rottweiler amoroso, no dia 24 de outubro. Não me orgulho nem disso nem de ter criado o já dicionarizado termo “petralha”. Preferiria cultivar, como o poeta, neologismos celestes, colhendo uma poesia menos perturbada. É claro que a minha oração principal tinha – e tem – uma subordinada adverbial condicional: “Se Dilma sabia da roubalheira na Petrobras, o impeachment é inevitável”. Essa não é a gramática do golpe, mas a do Estado de Direito. Golpista é querer recorrer à legitimidade conferida por um processo legal – as eleições – para violar garantias que pertencem às instituições, não aos homens. (AZEVEDO, 2014b).

Entre 2014 e 2016, outros colunistas e comentaristas passaram a aderir à defesa do impeachment de Dilma Rousseff. Apesar das diferenças entre as formas de engajamento dos nomes aqui estudados, essas defesas eram sempre associadas, no discurso, a um processo

³⁶ Diogo Mainardi pediu demissão do programa em 2021, após o episódio em que xingou um dos convidados (G1, 2021).

³⁷ De viés de direita e antipetista, o site *O Antagonista* foi criado por Diogo Mainardi e Mário Sabino, que dividiram a sociedade da empresa com a consultoria *Empiricus Research*, entre 2016 e 2020. Nesse ano, a parte da *Empiricus Research* foi passada para o sócio da consultoria, Caio Mesquita (JARDIM, 2020).

“democrático”, ao “Estado de Direito”, assim como “as ruas” e o “povo” eram constantemente acionados como decisivos na disputa. Buscava-se, assim, não apenas a deposição da presidenta como também a legitimidade daqueles que defendiam a queda do governo.

Entre os polemistas e militantes mais à direita, estudados neste trabalho, concentram-se aqueles que, mais do que contestar a “narrativa de golpe” ou apontar o impeachment como uma saída melhor para o país, empenharam-se em uma campanha pela deposição de Dilma, seja por meio de seus espaços opinativos nos veículos de comunicação, seja em suas redes sociais, seja participando das manifestações de rua contra o governo. Além do site *O Antagonista*, a rádio *Jovem Pan* reuniu neste período nomes dedicados a tal projeto, entre eles: Rachel Sheherazade, Marco Antonio Villa, Reinaldo Azevedo, Joice Hasselmann, Rodrigo Constantino e Augusto Nunes. Da mesma forma, a revista *Veja* também foi um dos espaços de reverberação desses posicionamentos. Em 2014, primeiramente voltada para a cobertura das eleições, foi lançada a *TVeja*, apresentada por Joice Hasselmann, tendo como comentaristas Reinaldo Azevedo, Marco Antonio Villa e Augusto Nunes – que também ocupou o lugar de apresentador de alguns dos programas, como o *Aqui entre nós*. Além disso, o portal da revista ainda mantinha os blogs dos mesmos e também de Leandro Narloch e Rodrigo Constantino. Nesses blogs, eles não apenas publicavam suas visões do processo como também chamavam para as manifestações de rua³⁸.

Da mesma forma, na *TVeja*, os programas iam além da suposta informação jornalística, com explícitas defesas do impeachment e campanhas em favor da deposição. Em tons de intimidade, com oscilações entre as risadas, as pequenas brincadeiras e o tom indignado, os participantes – jornalistas e comentaristas –, em cumplicidade, falavam sobre corrupção, incapacidade do governo e do desejo de impeachment por parte do “povo”³⁹. Buscando uma identificação com os espectadores e ouvintes, esses agentes colocavam-se como representantes desse povo, opositores dos corruptos e vigilantes do poder. Na construção dessa identificação, iam mobilizando expressões como “cidadãos de bem”; diálogos sobre a vida pessoal ou o humor do comentarista naquele dia; referências a Deus (como no caso de Rachel Sheherazade, evangélica⁴⁰); apelo aos tons de indignação; e afirmação das simpatias entre os colegas.

³⁸ Para um exemplo, ver publicação de Reinaldo Azevedo (AZEVEDO, 2015).

³⁹ Para um exemplo, ver NUNES; VILLA, 2015.

⁴⁰ O crescimento das expressões conservadoras do movimento evangélico no Brasil, mas também em toda a América Latina, foi abordado por Villazón (2015). De acordo com o autor, por meio de partidos, associações “pró-vida” e “pró-família”, esse movimento tem atuado principalmente na oposição ao aborto e ao casamento igualitário, a partir da construção do que ele chama de “cosmos sagrados orientados à estabilidade/segurança” (VILLAZÓN, p.167), como reação ao enfraquecimento dos laços familiares tradicionais. Esse movimento evangélico, principalmente o pentecostal, contava já na década de 1980 de grande espaço midiático, com as igrejas eletrônicas e o televangelismo (PIERUCCI, 1987).

Também na *TVeja*, transmitida na Internet, Joice Hasselmann mantinha um quadro denominado *Salto Agulha*, destinado a detratar determinadas figuras políticas. Na posição semelhante à de âncora de telejornal, a apresentadora proferia suas palavras, com ênfases e expressões faciais contundentes, sempre com um ar de indignação, elencando adjetivos negativos, repetindo determinadas frases ou expressões, falando diretamente ao espectador, mobilizando aspectos morais e hipérboles. Dilma e Lula foram seus alvos em alguns desses vídeos. Para ilustrar esses discursos, reproduzo um deles:

O salto agulha da semana é endereçado a duas figuras **terríveis**, das **piores** que a política já conheceu. Uma dupla que **roubou sem qualquer pudor** uma parte significativa **do futuro** do Brasil. Sim. **Roubou parte do seu futuro**, do futuro dos **seus filhos**, dos **seus netos**. **Ela a presidente mais rejeitada, mais odiada da história**, ameaçada de ser **jogada para fora** do Palácio do Planalto. A mulher que mentiu, enganou, que errou tudo que era possível e entrou na linha dos erros **impossíveis de serem pensados** para quem tem o mínimo de raciocínio. Promoveu a **esquizofrenia** da política e da economia. O ser humano que mais deu prejuízo ao país, a presidente **menos competente da história**. Aliás, incompetente e com iniciativa – um grande risco. A mulher que agora entrega o governo ao mentor do maior esquema de corrupção da **história do mundo**, o homem que **tem no DNA** o prazer por **dilapidar** o patrimônio público, um **corrupto dos piores** que comandou o saque ao Brasil, a roubalheira, que institucionalizou a corrupção como método de governo e que pensando apenas em manter os nacos suculentos de poder colocou ela, nossa personagem da dupla, no poder. Ele que se **enraizou como um câncer** no país, agora, aplica um golpe – faz um terceiro mandato sem ter mandato. **Um covarde dos piores**, capaz de qualquer coisa. O salto agulha da semana vai para **a presidente mais detestada da história** que quer fugir do impeachment e para o corrupto especialista em esquemas de corrupção que quer se livrar da cadeia. A dupla Dilma e Lula (HASSELMANN, 2015).

Assim, *O Antagonista, Veja* (e a *TVEJA*) e *Jovem Pan* foram alguns dos veículos que adotaram um posicionamento bastante explícito de campanha pela deposição de Dilma, com ataques agressivos a ela, a Lula, ao PT e até mesmo à esquerda em geral. Reproduzindo alguns dos elementos do jornalismo mais consagrado e profissional no país (ver Parte III e Parte V), com o uso de bancadas de telejornal ou posição de repórter de TV, no caso dos produtos audiovisuais, assim como com recurso a fontes e fatos, em geral, eles se afastavam, por outro lado, desse jornalismo mais consagrado ou profissional pelo uso exacerbado de adjetivações, exagero constante e escolha por palavras mais agressivas.

Também as fontes e referências que utilizavam se diferenciavam dos outros jornalistas. No dia 23 de março de 2015, por exemplo, Rachel Sheherazade fez um comentário na emissora de rádio, intitulado *Olavo tem razão*, sobre as manifestações do dia 15 de março (SHEHERAZADE, 2015a; SHEHERAZADE, 2015b). Nele, ela recorria aos argumentos de Olavo de Carvalho, sobre o *Foro de São Paulo* – apresentado como “uma entidade estratégica das esquerdas na América Latina, fundada pelo ditador, Fidel Castro, e cujas resoluções são cumpridas pelo Partido dos Trabalhadores” – e o *MST* – descrito como “entidade paramilitar

(...) treinada para atividades de guerrilha, especializada em invadir e destruir propriedades rurais e em bloquear o direito de ir e vir do cidadão”, além de citar os empréstimos do BNDES a países como Cuba (SHEHERAZADE, 2015b). A reprodução, por parte de Rachel Sheherazade, dos argumentos de Olavo demonstra não apenas a influência que ele exerceu sobre alguns dos nomes aqui estudados, mas também como suas ideias sobre uma ameaça “comunista” no país foram mobilizadas nas defesas pró-impeachment. No artigo *Queda de braço*, Olavo afirmava que o impeachment era “não apenas legal, mas obrigatório”. Com chavões que acionavam, por um lado, a “elite política e midiática”, por outro, “o povo” e “a massa indignada”, Olavo ainda falava da “reforma política bolivariana”, da “amoralidade psicopática”, de um “ritual grotesco de legitimação do crime e da iniquidade” e da ausência de “diálogo nem conciliação possível” (CARVALHO, 2015b). Colocava-se, assim, como um *outsider* que entende e defende os interesses desse povo. Também aqui expressões morais se misturavam às patológicas e policiais. Acima, no discurso de Joice, vemos os termos: “esquizofrenia”, “DNA”, “câncer”, “roubou”, “esquema de corrupção”, “dilapidar”, “roubalheira”; no de Olavo, vê-se expressões como “psicopática”, “insanável”, “sofrimento”, “fraudulenta”, o que sugere, portanto, soluções que não passam pela via da política. Antes do artigo publicado em 2015, em 2 de dezembro de 2014, ele publicou em sua página do *Facebook* o seguinte texto:

É claro que sou a favor do impeachment da Dilma, mas sou MUITO MAIS a favor do **desmantelamento completo da máquina golpista da esquerda**, incluindo “movimentos sociais”, ONGs, hegemonia editorial, grupelhos de **interproteção mafiosa na mídia, nas universidades e igrejas**. etc. Na vida há obstáculos que não podem ser “vencidos”: só podem ser DESTRUÍDOS. (...) VIVEMOS NUMA DITADURA MUITO PIOR QUE A DOS MILITARES. (...) Mais importante do que tirar a Dilma da presidência é **expulsar os comunistas** da sua escola, da sua igreja, da sua sociedade de bairro, do seu clube. Isso não depende de grandes mobilizações, depende só da coragem e iniciativa de cada um. **Isso não é nem política: é dever pessoal**. Denuncie **cada filho da puta, atire na cara dele, em público, todo o mal que ele representa e personifica**. Recuse-lhe amizade, tolerância ou respeito, mesmo em pensamento. Esses canalhas vivem da generosidade das suas vítimas. **Discrimine quem o discrimina, oprima quem o oprime, achincalhe quem o achincalha**. Faça justiça a si mesmo. Comece agindo por si. Logo vira moda. Nunca esqueça: Cada comunista trama dia e noite a morte de quem achesse, mesmo por descuido, o caminho da maldita revolução. **Chamar um comunista de assassino é redundância** (CARVALHO, 2014b).

No texto do *Facebook*, o vocabulário torna-se ainda mais agressivo, passando a instigar a ação pessoal, com caráter persecutório, contra aqueles vistos como “inimigos”. Essa característica aparece também nas publicações de outros colunistas, sobretudo daqueles que ocupam o polo dos mais polemistas. Da mesma forma, a “ameaça comunista” aparece, nos textos de outros intelectuais midiáticos mais à direita, em maior ou menor medida, explicitamente desta forma ou transmutada e nuançada nos riscos trazidos pelo “materialismo

dialético marxista”, pela “agenda socialista do Brasil”, pela “agenda bolivariana”, pelo “socialismo bolivariano”, pelo suposto autoritarismo e populismo do “esquerdismo”, pelo “petralhismo”, “leninismo” “stalinismo”, tal como Luiz Felipe Pondé (PONDÉ, 2016a), Reinaldo Azevedo (AZEVEDO, 2016b; AZEVEDO, 2016a), Demétrio Magnoli (MAGNOLI, 2016), Marco Antonio Villa (VILLA, 2016) e Arnaldo Jabor (JABOR, 2016b) já escreveram em jornais, dessa vez, consagrados, como *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Assim, esses agentes compartilham em maior ou menor medida os argumentos apresentados por Luiz Felipe Pondé, à época do impeachment:

Mesmo após o teatro do impeachment, **a história do Brasil narrada pelo PT continuará a ser escrita e ensinada em sala de aula**. Seus filhos e netos continuarão a ser educados por professores que ensinarão esta história. Esta história foi criada pelo PT e pelos grupos que orbitaram ao redor do processo que criou o PT ao longo e após a ditadura. Este processo continuará a existir. **A “inteligência” brasileira é escrava da esquerda e nada disso vai mudar em breve**. Quem ousar nesse mundo da “inteligência” romper com a esquerda, perde “networking”. (...) Erra quem pensa que o PT desaparecerá. O do Lula, provavelmente, sim, **mas o PT como “agenda socialista do Brasil” só cresce**. O **materialismo dialético marxista**, mesmo que aguado e vagabundo, com pitadas de **Adorno, Foucault e Bourdieu**, continuará formando aqueles que produzem educação, arte e cultura no país. Basta ver a adesão da camada “letrada” do país ao combate ao impeachment ao longo dos últimos meses. (...) A única saída é se **as forças econômicas produtivas que acreditam na opção liberal financiarem jovens dispostos a produzir uma teoria e uma historiografia do Brasil que rompa com a matriz marxista, absolutamente hegemônica entre nós**. Institutos liberais devem pagar jovens para que eles dediquem suas vidas a pensar o país. Sem isso, nada feito. Sem essa ação, não importa quantas Dilmas destruírem o Brasil, pois elas serão produzidas em série. **A nova Dilma está sentada ao lado da sua filha na escolinha** (PONDÉ, 2016a).

É preciso ressaltar que há diferenças importantes entre as visões de mundo dos autores citados acima. Para mencionar um exemplo, enquanto a solução apresentada por Olavo de Carvalho, no excerto anterior, é a expulsão dos comunistas, um dever pessoal; a construída por Pondé é o financiamento institucional das ideias liberais. Ainda assim, como a análise é do conjunto e não dos indivíduos particularizados, o que pretendo destacar é a repetição de determinadas ideias – estejam elas mais exageradas ou mais nuançadas –, como a associação do PT ao socialismo, ao comunismo, ao bolivarianismo, ao marxismo, à Venezuela e a Cuba – termos repetidos como sinônimos de um mal maior. Além disso, percebe-se também, em meio à defesa do impeachment, o ataque às universidades públicas, aos cursos de ciências humanas e seus intelectuais. A afirmação de uma hegemonia de esquerda no pensamento intelectual e cultural é acionada como forma de demonstrar que o impeachment não é o ponto final da guerra que estariam travando – adotando em muitos momentos a postura anti-intelectual e/ou antiacadêmica. Nesse contexto, uma das salvas propostas é o liberalismo – apresentado, tal como os outros termos, apenas como um fantoche, sem maiores explicações.

Se, em certos momentos, “o povo”, “a massa indignada”, “as ruas” são mobilizadas por esses colunistas a fim de legitimar a defesa da deposição; em outros, a acusação de “populismo” tem como alvo a “esquerda”, o PT, Dilma e Lula. Em artigos como os de Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza e Leandro Narloch, apenas para elencar alguns exemplos, a estratégia é contestar as acusações de elitismo atribuído aos antipetistas assim como afirmar a falsidade ou ironizar o caráter popular do PT e seus líderes, especialmente Lula. Nesses casos, acionam-se expressões e frases como: “falso ídolo popular”; “narrativa de vitimização das “minorias” contra as “elites”” (CONSTANTINO, 2016b); “estratégia populista de dividir o país e se dizer vítima da conspiração de elites” (NARLOCH, 2016); ou ironicamente, “elite branca egoísta está querendo perseguir o filho do Brasil”; “elite que não suporta ver o sucesso de um pobre”; “Um sujeito que vive toda uma vida se fazendo de vítima” (FIUZA, 2016). Nos textos desses colunistas citados e de outros aqui analisados, vão se traçando as oposições e os inimigos a serem combatidos: “as máfias sindicais que representam o atraso”, “os grupos de interesses e a patota encastelada no governo, mamando em privilégios” (CONSTANTINO, 2016b); “os cantores, atores, jornalistas e intelectuais”; o “pessoal da MPB” (FIUZA, 2016); os “funcionários-militantes” (VILLA, 2016). Assim, é contra os funcionários públicos, os sindicatos e movimentos sociais, os professores universitários, os intelectuais e artistas que esses colunistas vão se colocando, associando-os à “malandragem”, à “falta de caráter”, à “corrupção”, à “ideologização”, à “incompetência” – todos esses termos pinçados nos artigos desses autores.

Ora com tons de ironia e sarcasmo dos “contra o politicamente correto”, ora com a indignação dos “cidadãos de bem”, as intervenções dos mais polemistas ocuparam os textos dos jornais, os programas de rádio e os comentários na TV. Essas tomadas de posição foram ganhando legitimidade e eficácia simbólica, conforme se moviam das redes sociais, passando pelos veículos que se posicionaram mais abertamente (citados no início deste subcapítulo) e chegando aos jornais mais *mainstream*, como *Folha*, *Estadão* e *O Globo*, além dos canais de televisão do *Grupo Globo* – tanto em seus telejornais, como em programas como o *Globo News Painel*, comandado à época por William Waack e transmitido na *Globo News*; e o *Manhattan Connection*, transmitido no *GNT* – e da *TV Cultura* – em comentários do telejornal *Jornal da Cultura*.

Sobre a posição dos grandes jornais, é interessante lembrar que Fernão Lara Mesquita, um dos herdeiros do jornal *O Estado de S. Paulo* e membro do Conselho de Administração do Grupo, participou em outubro de 2014, nas vésperas do segundo turno da eleição, de um ato pró-Aécio, no qual carregava um cartaz com os dizeres: “Foda-se a Venezuela”. Nesse sentido,

ainda que a campanha pró-impeachment tenha sido, em um primeiro momento, mais explícita nas redes sociais dos colunistas e em canais mais identificados com um posicionamento abertamente de direita, os jornais *mainstream* também deram espaço para mobilizações como as mencionadas acima, sobretudo a partir do acolhimento da denúncia por parte de Eduardo Cunha, em dezembro de 2015.

Ao mesmo tempo, figuras também mais legitimadas no mercado de opiniões, que antes chegaram até negar as condições para o impedimento, passaram a defendê-lo com veemência em 2016 – movimento que, aliás, acompanhou também o caminho adotado pelo então maior partido de oposição, o PSDB; e a própria imprensa, haja vista a evolução de seus editoriais. Além disso, em 2016, também cresceram fortemente as manifestações de rua defendendo o impeachment da presidenta: no dia 13 de março de 2016, os protestos superaram em número o movimento de *Diretas já*, sendo apontados como a maior manifestação da história do país⁴¹ (ESTADÃO, 2016; FOLHA, 2016).

Algumas abordagens pontuais sobre o impeachment foram feitas por jornalistas mais *mainstream* em 2014 e início de 2015, passando a ocupar as colunas de 2016 quase que diariamente. Uma das explicações para isso é o fato de que as colunas dos mais jornalistas – sobretudo, os *mainstream* – se diferenciam daquelas escritas por outros colunistas do conjunto global de nomes estudados neste trabalho justamente por uma maior proximidade com as

⁴¹ Alguns trabalhos (SINGER, 2018; RIDENTI, 2018) abordam a frustração estrutural como um dos mecanismos propulsores das manifestações de 2013 e 2016 (pró e contra impeachment). Ridenti (2018) apontou como hipótese para a crise política e social que o Brasil vem passando desde 2013 justamente a centralidade das lutas sociais que mobilizam as “classes médias escolarizadas”. A partir de dados sobre as manifestações de 2013 e 2016 (tanto à esquerda quanto à direita), a expansão do ensino superior no país – público, mas sobretudo privado – e a massificação do acesso a certos bens culturais, Ridenti indicou um descompasso entre as expectativas criadas por essas ampliações (nas vias da democratização e da massificação) e a quase inexistente transformação efetiva na estrutura social do país (com manutenção dos lugares sociais e acirramento das competições). A partir do perfil social dos agentes que foram às ruas em São Paulo – nas manifestações dos dias 20 de junho de 2013; 13 de março de 2016; e 18 de março de 2016 –, Ridenti observou a predominância dos manifestantes com ensino superior – em torno de 78% nas três ocasiões. Embora semelhantes nesse aspecto, em termos de renda, as três manifestações apresentaram distinções importantes: as manifestações pró-impeachment, mais à direita, atraíram os mais ricos (com 6% ganhando até 2 salários mínimos por mês; 25% de 2 a 5; 50%, entre 5 e 10 salários mínimos por mês; e 13% ganhando mais de 10 salários mínimos por mês). Os participantes das manifestações contra o impeachment, mais à esquerda, também tinham uma renda relativamente privilegiada para a realidade brasileira, concentrando-se, porém, nas faixas mais intermediárias (9% contavam com até 2 salários mínimos por mês; 35% entre 2 e 5 salários; 46% recebendo entre 5 e 10 salários; e 6% com mais de 10 salários mínimos). E a manifestação de 20 de junho de 2013 concentrou, em relação a esses três protestos, os mais pobres (15% com até dois salários mínimos) e os mais ricos (23% com mais de 10 salários mínimos), enquanto as faixas intermediárias tiveram percentuais menores do que as outras manifestações (30% entre 2 e 5 salários mínimos; e 26% entre 5 e 10 salários mínimos). Sobre o perfil dos protestos de 2013, Singer afirmou: “Analisando as pesquisas disponíveis, penso que as manifestações de junho foram simultaneamente as duas coisas – a saber, tanto expressão da classe média tradicional como reflexo na nova classe trabalhadora. Fala a favor da hipótese compósita a impressão visual de estarem na avenida tanto profissionais engravatados como jovens proletários que haviam conseguido o primeiro emprego na década lulista, com um perfil de, como vimos no capítulo anterior, baixa remuneração, alta rotatividade, más condições de trabalho e escolaridade superior à de seus pais” (SINGER, 2018, p. 40).

características de uma notícia – ou seja, com maior vínculo com o factual (ver Parte III). Nesse sentido, as tomadas de posição dessas figuras, em geral, são expressas de forma menos evidente do que as dos nomes analisados até aqui. Essas colunas, construídas a partir da cobertura e análise dos acontecimentos políticos e econômicos, expressam as tomadas de posição sobretudo na fala das fontes utilizadas, na escolha de determinados aspectos a serem comentados, na seleção dos argumentos elencados. Respalçadas pela enunciação de certos episódios, por trechos da Constituição, pela análise de terceiros, pelo confronto entre determinadas falas dos personagens políticos (seja com afirmações dos mesmos em outros momentos, seja com a contestação por opositores ou mesmo aliados), as tomadas de posição mais explícitas apareceram em poucas linhas ao longo dos textos. Nesses casos, o tom buscado foi o do equilíbrio. Como se o jornalista – sem vínculos partidários concretos, pretensamente sem ideologia, afirmando a profissão como valor e finalidade últimos –, tivesse uma posição de relativa neutralidade diante dos fatos. Assim, entre eles, o argumento principal foi o de contestação da “narrativa de golpe”.

Ainda assim, já no dia 24 de outubro de 2014, mesmo dia em que Reinaldo Azevedo cogitou a possibilidade de impeachment, o jornalista Merval Pereira também o fez no jornal *O Globo*, por conta da delação de Alberto Youssef, chegando a afirmar que, comprovadas as denúncias, “o impeachment da presidente será inevitável, caso ela seja reeleita no domingo” (PEREIRA, 2014b). Em 18 de novembro de 2014, logo após as eleições, Merval, que vinha sendo acusado de “golpista” na Internet, escreveu o artigo *Sem golpismos*. Nele, buscava marcar uma distinção entre aqueles que pediam intervenção militar, caracterizados como “uma minoria golpista” (tidos como não legítimos), e aqueles que se manifestaram pelo impeachment dias depois da presidenta ser eleita (tidos como legítimos) (PEREIRA, 2014a).

Os argumentos do texto de Merval foram construídos exatamente da maneira explicitada acima: com citações à Constituição, menção à fala de Lula sobre o impedimento de Fernando Collor de Mello, levantamento dos casos de corrupção no governo. Argumentos semelhantes a esses apareceram em artigos publicados em 2015 pelos também colunistas de *O Globo*, Carlos Alberto Sardenberg, Fernando Gabeira e Míriam Leitão, e as então colunistas do *Estadão*, Dora Kramer e Eliane Cantanhêde. Todos eles foram enfáticos em se contrapor à ideia de que seria necessariamente um golpe a discussão e o processo de impeachment. Porém, durante o ano de 2015, seus posicionamentos tinham algumas nuances: alguns nomes questionavam os pedidos de deposição naquele momento (CANTANHÊDE, 2015; KRAMER, 2015); outros ponderavam sobre o respeito aos procedimentos constitucionais para que o processo não se configurasse como golpe (LEITÃO, 2015); alguns sugeriam a terceirização do governo (SARDENBERG,

2015); e outros já afirmavam a incapacidade de Dilma continuar na presidência (GABEIRA, 2015). Mas, mesmo aqueles que, a princípio – em 2014 e início de 2015 –, se colocaram contra os pedidos de impedimento, buscaram criar a ideia de um polo autoritário do lado petista.

Assim, enquanto a maior parte dos mais polemistas fazia campanha pelo impeachment em 2015, os mais jornalistas ainda oscilavam entre as críticas ao PT e à Dilma e a dúvida sobre a viabilidade política e jurídica do processo. Acompanhavam de alguma maneira também os movimentos da oposição – especialmente do PSDB –, que, em parte, já atuava pela deposição da presidenta, e por outra parte, dizia não ver condições para tanto (SINGER, 2018). Alguns colonistas – de vários polos – chegaram a defender uma saída por meio da renúncia de Dilma. Essa posição se modificou, porém, em 2016, quando os textos dos colonistas – assim como o PSDB – passaram a enfatizar, por um lado, a legitimidade do processo e, por outro, a ilegitimidade de Dilma, pelo que apontavam como fracasso econômico, inabilidade política, rejeição popular, casos de corrupção ou características negativas da presidenta. Assim, ressaltaram a necessidade de reformas – como a da Previdência –, de ajuste fiscal e as melhores condições para realizá-las em um governo que não fosse o de Dilma. Da mesma forma, citaram com frequência a Lava Jato e suas ações pretensamente em combate à corrupção.

Também contra a “mitologia do golpe” (SCHWARTSMAN, 2016) é que os colonistas mais especialistas escreveram em 2016, apoiando mais ou menos explicitamente a deposição da presidenta Dilma. Jornalistas *mainstream* e especialistas compartilhavam o argumento de que seus textos eram frutos de análise e embasamento – seja nos fatos, nos números, seja nas interpretações especializadas – e que, portanto, não necessariamente defendiam o impeachment, mas sim esclareciam sua viabilidade e legitimidade procedimental, jurídica e política.

Os economistas empenharam-se em explicitar o fracasso econômico do governo. Nesses casos, a crítica ao PT e à Dilma foi mediada pelas oposições em relação aos economistas “keynesianos” ou heterodoxos (SCHWARTSMAN, 2016). O economista Samuel Pessôa, em parceria com Marcos Lisboa e Mansueto Almeida Jr., publicou o ensaio *O Ajuste inevitável - ou o país que ficou velho antes de se tornar desenvolvido* (2015), que inspirou, segundo Singer (2018), o documento *Uma ponte para o futuro*, lançado por Michel Temer, que assumia um programa próximo ao do PSDB, em uma costura com os empresários (SINGER, 2018, p. 62).

Atrelada sobretudo à necessidade de reformas – como a da Previdência –, a queda do governo passou a ser defendida com frequência pelos especialistas que escreviam nos jornais sob o argumento de que esta seria a única saída para resolver os problemas econômicos do país. Ainda assim, buscavam ressaltar a base legal do processo. Em texto intitulado *Roda Viva*, a economista Monica de Bolle iniciava com uma epígrafe: “A gente vai contra a corrente / Até

não poder resistir / Na volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir / Chico Buarque, Roda Viva”. Nele, referia-se à Dilma como “a presidente arrogante” e afirmava:

Que fique claro, não é pela péssima gestão econômica que ela está sendo julgada, tampouco por ter participado, de forma direta ou indireta, do pior escândalo de corrupção do País. Esse é o desatino. **Dilma não tem condições técnicas, morais, éticas para liderar o Brasil, mas não será removida por essas razões. Será removida porque infringiu leis**, as principais leis do arcabouço fiscal brasileiro. (...) A interinidade serviu para que Temer e parte do PMDB consolidassem **a remoção necessária daquela que talvez tenha sido a pior dirigente que o Brasil já teve**. Agora virá a cobrança, o preço, o pedaço de **carne shakespeariano**. Rodamoinho, roda pião. Rodarão ministros para que se arme o velho Centrão. Sem o Centrão **as reformas não passarão, a animação dos mercados haverá de se estancar de repente**, inequivocamente. (DE BOLLE, 2016).

Diante da fragilidade da acusação das pedaladas, os experts acionaram, ainda, o “conjunto da obra” para justificar a deposição assim como sugeriram uma agenda de transformações necessárias, as quais, porém, não foram as aprovadas nas eleições de 2014:

Pode-se contar a história de Dilma Rousseff, na melhor versão, ainda que um tanto inverossímil, como **um fracasso econômico honesto. Ideias heterodoxas, genuinamente de esquerda, com tonalidades brizolistas e taninos populistas, implementada por subordinados descritos como “radicais porém sinceros”,** uma expressão consagrada no governo militar para conferir indulgência a alguns psicopatas disparando fogo amigo. (...) É curioso que **os piores feitos da presidente não façam parte do processo formal de impeachment**, como a destruição da Petrobrás, na qual teve responsabilidade direta, e suas conexões, aí incluída a omissão deliberada, com as quadrilhas envolvidas na Lava Jato que drenaram ao menos R\$ 6 bilhões, conforme reconhecido no balanço da empresa, para a corrupção e para a campanha do PT. Note que o TST registra que a campanha presidencial de Dilma custou menos de R\$ 300 milhões. **Felizmente, a partir de certo ponto, o julgamento do impeachment se torna político**, o que introduz uma subjetividade por onde os senhores parlamentares podem **apreciar o conjunto da obra**, inclusive **o temperamento a la Trump** e **o descuido com o idioma**, que deu novos sentidos ao verso de Fernando Pessoa: “A gramática é mais perfeita que a vida. A ortografia é mais importante que a política”. Para o bem do País, ela **já podia ter renunciado**, e acabado com “essa agonia”, nas palavras dela, em vez de vagar sonâmbula, cada vez menor, perdendo o nosso tempo. (...) Por ora, enquanto o dia amanhece, já é possível enxergar uns vultos importantes que o nevoeiro ideológico vinha mantendo encobertos. Já se fala com sobriedade e equilíbrio sobre **reformas trabalhistas, na Previdência e em privatizações. E também, entre tantas possibilidades, em mudar o absurdo funcionamento do FGTS, eliminar o imposto sindical, lipoaspirar o sistema “S”, rever a gratuidade das universidades públicas. (...) O País precisa de competição, meritocracia, produtividade e do primado do talento, e não mais da tutela mal-intencionada do Estado, sempre disposto a promover um assistencialismo mal-ajambrado, onde as segundas intenções são mais importantes que as primeiras.** (...) A equipe econômica de Michel Temer se tornou seu melhor ativo, sua face mais bonita e seu passaporte para o futuro, se, evidentemente, puder trabalhar com liberdade, desligada das **métricas políticas clássicas, e equivocadas, do que é “popular”**. Em vista da máxima, amplamente comprovada, segundo a qual nada é mais bem-sucedido que o sucesso, segue-se que **nada é mais popular que a prosperidade econômica duradoura sustentável**. O pior inimigo da mesma, tenha-se claro, é a prosperidade efêmera criada por **vigarices populistas**, tentação permanente nas terras altas do Brasil central (FRANCO, 2016b).

Reproduzo o trecho longo do artigo de Gustavo Franco porque ele mobiliza argumentos e estratégias discursivas comuns entre os mais especialistas. Se, entre os polemistas, a oposição ao “populismo” se associa, ao mesmo tempo, à fala exaltada de apelo ao “povo”, às “massas” e às “ruas” e, assim, a uma suposta defesa dos interesses “populares”; entre os mais experts, as propostas econômicas assim como a linguagem se distanciam mais nitidamente do “popular”. A fala coloquial adotada pelos mais polemistas, visando uma proximidade entre comunicadores e ouvintes ou espectadores, dá lugar, entre os mais especialistas, a textos em que poetas, artistas, escritores são citados em meio a argumentos econômicos e propostas para um país de “prosperidade econômica”. Ainda que aqui também se reivindique o que é melhor para o “povo” assim como o que de fato é “popular”, o “nós” presente mais ou menos explicitamente nas tomadas de posição dos mais polemistas desaparece. Os especialistas não se colocam como parte do povo, mas sim como detentores de um saber específico, capaz de definir o que é de fato bom para a sociedade. Ainda assim, o incômodo com as acusações de elitismo – que também aparece entre alguns dos mais polemistas – perpassa esses textos:

A ideia de que Dilma Rousseff foi afastada porque os “brancos de olhos azuis” foram às ruas ano passado incomodados com a ascensão dos mais pobres **é moralmente ofensiva, além de economicamente indigente**. A suposição de que há um **antagonismo inevitável de interesses é própria de uma interpretação obtusa do funcionamento da economia**. Esta não é um jogo de soma zero, onde para alguém ganhar outro precisa perder. **O progresso econômico pode se encarregar de gerar uma melhora de bem-estar para todos os grupos** — e progresso foi, justamente, o que não tivemos em 2015 e 2016, quando a economia encolheu (GIAMBIAGI, 2016).

A ideia que tentam passar, portanto, é a de que é possível conciliar os interesses de uma elite e do povo. Uma “reunificação nacional” – que seria possível, para Denis Rosenfield, com a liderança de Michel Temer – passa então a ocupar os argumentos desses especialistas. Denis, aliás, era consultor pessoal de Michel Temer, vocalizando, portanto, em suas colunas, os interesses do mesmo. Da mesma forma, foi um dos nomes que trabalhou na aproximação de Temer com os militares (Entrevista de Denis Rosenfield à autora, 2019). O nome de Denis chegou, inclusive, a circular na imprensa como possível indicação de Michel Temer para o Ministério da Defesa (SADI, 2018; O ANTAGONISTA, 2018; NUNES, 2018b). Além das justificativas econômicas, defendidas sobretudo pelos economistas, esses especialistas também acionaram a corrupção, a Operação Lava Jato, a incompetência e a ineficácia de Dilma, a defesa da democracia (ROSENFELD, 2016; LAMOUNIER, 2016; SCHÜLER, 2016; ARAGÃO, 2016).

O que se percebe é que, durante o período do processo de impeachment, desde os mais polemistas até os mais especialistas reproduziram a ideia de que o PT, Dilma e Lula eram não

apenas incompetentes e teriam levado o país a um fracasso econômico e político, como também seriam autoritários e que a deposição não enfraqueceria, mas, pelo contrário, fortaleceria a “democracia”. A disputa pelo impeachment parece não ter se restringido a uma luta pela queda do governo, mas também pela própria definição de democracia e de legitimidade política.

Assim como os movimentos pela deposição de Dilma Rousseff começaram logo após a sua reeleição, também as reações a eles se iniciaram já em novembro de 2014. No dia 6 deste mês, Luís Nassif publicou em seu portal *GGN*, o artigo *O Xadrez da batalha do impeachment*, em que, além de retomar outros casos de “golpe” no Brasil (citando Getúlio Vargas, João Goulart e Fernando Collor de Mello), traçou uma análise dos grupos de poder em torno da disputa pelo impedimento da presidenta. Além do papel do STF e do Congresso, o jornalista ressaltou o lugar de outros agentes, como os grupos de mídia e as manipulações da Operação Lava Jato: “A capa de Veja – com informação falsa sobre declarações de Alberto Yousseff – é comprovante de que haverá farto uso político da Operação Lava Jato, com vazamento seletivo de informações e a disseminação de boatos”; assim como traçou a posição do PSDB em tal disputa, afirmando: “Essas circunstâncias colocam o PSDB inevitavelmente na aposta do impeachment – sem Forças Armadas, é claro” (NASSIF, 2014b).

A argumentação de Nassif aponta para uma estrutura que vai se repetir em alguma medida nas intervenções de outros colunistas mais à esquerda, sobretudo aqueles que escrevem fora do *mainstream*: a crítica aos chamados abusos, exageros e manipulações da Lava Jato; a oposição aos grandes grupos de mídia; a crítica ao PSDB, mais especificamente a Aécio Neves. Da mesma forma, vão acionar o argumento de proteção da democracia: “O que está em jogo não é o governo A ou B, mas a normalidade democrática e a necessidade de interromper esse terceiro turno para superar o momento econômico atual” (NASSIF, 2014a).

Nos argumentos dos jornalistas mais próximos ao polo dos jornalistas blogueiros, frisava-se a corrupção presente também em outros partidos; a ideia de que, apesar de ruim, o legítimo seria dar continuidade ao governo de Dilma; a atuação de figuras políticas historicamente ligadas à corrupção e ao autoritarismo nas articulações para depor a presidenta (FERNANDES, 2016). Com posicionamentos mais ou menos exacerbados, os jornalistas blogueiros iniciaram o alerta contra o “golpe”, passando a atuar em defesa do mandato de Dilma e contra a campanha do impeachment. Ao longo de 2015 e 2016, os blogs chamados “progressistas” – por seus defensores – ou “sujos” – por seus detratores (ver Parte III) – tornaram-se trincheiras de defesa de Dilma, Lula e o PT. Em textos, vídeos, debates entre jornalistas, acadêmicos e políticos, buscavam embasar a tese do “golpe”, a partir do relato de alguns fatos selecionados e da explicitação dos interesses que estariam por trás dos mesmos.

Entre esses blogs, além do já citado *GGN*, havia também o *Nocaute*, de Fernando Morais; o *Socialista Morena*, de Cynara Menezes; o *Conversa Afiada*, de Paulo Henrique Amorim; o *Diário do Centro do Mundo (DCM)*; e o *Brasil247*, em que vários jornalistas e acadêmicos escrevem, como Paulo Moreira Leite, Florestan Fernandes Jr., Jessé Souza e Emir Sader. Neles, as tomadas de posição se tornaram mais explícitas, adotando também a forma de uma campanha contra o chamado “golpe”. Já no dia 13 de março de 2015, Cynara Menezes publicou em seu blog o texto *Porque sou contra o impeachment*, com fotos em que ela aparecia com uma camisa rosa com os dizeres: “#NãoVaiTerImpítima” e sete razões para ser contra o processo (MENEZES, 2015).

Conforme o destino final do governo Dilma se aproximava, mais as tomadas de posição também se tornavam mais contundentes, com comparações do processo ao fascismo, ao nazismo e à ditadura militar brasileira (LEITE, 2016a). Assim, enquanto argumentos pró-impeachment associavam o PT ao populismo, ao bolivarianismo, ao comunismo e ao stalinismo, muitas das intervenções contra o impeachment mobilizaram comparações, paralelismos e continuidades com os regimes autoritários de extrema direita ou com o neoliberalismo.

No dia 7 de setembro de 2016, quando o impeachment já havia se concretizado, a *TV dos Trabalhadores* (TVT) exibiu uma entrevista com o jornalista Fernando Morais, apresentado como um dos maiores biógrafos e escritores do país. A conversa entre Morais e os jornalistas Kiko Nogueira e Marcelo Godoy, do *Diário do Centro do Mundo* (DCM), se passou em torno de uma mesa, com posters de livros escritos por Morais na parede, como *Olga* e *Chatô – o rei do Brasil*. Ao fundo dos três jornalistas, uma estante de livros e uma bandeira preta com a inscrição: “Levante popular da juventude”. Morais usava uma camisa escrita “Bernie” e, enquanto conversava, fumava um charuto (ver subcapítulo 1.1 da Parte V). Em determinado momento da entrevista afirmou:

Agora, só um idiota completo pode imaginar que esse povo deu esse golpe, envolvendo **Globo, envolvendo FIESP, envolvendo a extrema-direita, envolvendo Folha, Estado, Editora Abril, Ministério Público, Polícia Federal, para depois entregar a Presidência da República de bandeja para o Lula**, de novo. Não tem sentido. Esse golpe só vai ter, só vai parar em pé, na hora que o Lula for inabilitado. **Mas é um horror, para minha geração**, eu sou mais velho que vocês, eu era adolescente quando rolou do Golpe de 64, era alienado, tinha 16 anos, **penei muito durante o golpe**. Nada que se compare às pessoas que apanharam, não sofri tortura, não fui para o exílio. Mas, penei muito, fui censurado... esconder gente, esconder coisa... enfim, um inferno. Eu não imaginava, nunca, nunca, nunca, nem nos piores pesadelos, passou pela minha cabeça **que a gente fosse voltar a viver uma tragédia como essa no Brasil e dessa maneira** (MORAIS, 2016).

Além dos comentários dos jornalistas, esses canais também foram promovendo entrevistas com acadêmicos – como Jessé Souza, Emir Sader e Luiz Gonzaga Belluzzo. Da mesma forma, Emir Sader e os jornalistas Luís Nassif, Paulo Moreira Leite e Florestan Fernandes Jr., comentaristas da *TV Brasil*, também iam colocando suas análises na TV aberta, dessa vez, porém, em uma de baixíssima audiência (LEITE, 2016b; LEITE, 2015; SADER, 2016). Embora com posicionamentos diferentes, o tom dessas intervenções no telejornal da *TV Brasil* guardava semelhanças com aquele observado nos telejornais da *TV Globo* e da *Globo News*. Figuras vestidas com terno e gravata, com ar de seriedade, traçavam suas análises da conjuntura política oferecendo argumentos e fatos, que eram apresentados quase que como autoevidentes. Na TV aberta, as tomadas de posição mais explícitas ou mais enfáticas deram lugar a um discurso ameno, que tinha como estratégia representar o equilíbrio.

Nesse sentido, os jornalistas blogueiros e alguns acadêmicos oscilaram entre a postura mais próxima do *mainstream*, qual seja, a do “jornalismo profissional” e a do comentário pouco exaltado; e a postura do militante, com roupas, bandeiras e cenários que os associavam a figuras, partidos e movimentos de esquerda, assim como com formas de engajamento e expressão mais enfáticas e explícitas.

Na mídia *mainstream*, os jornalistas Bernardo Mello Franco e Mario Sergio Conti expressaram também críticas ao processo de impeachment, sugerindo até mesmo que fosse um “golpe”, porém, de forma mais nuançada e com um tom bem distante dos mais blogueiros (FRANCO, 2016a; CONTI, 2016). Dessa maneira, apesar de, em termos de tomada de posição, estarem mais próximos aos mais à esquerda do espectro político, eles adequavam-se, em termos de estilo e estrutura argumentativa, aos parâmetros do jornalismo praticado pelos grandes jornais do país e aos outros jornalistas *mainstream*.

A lógica dos “dois lados”, ainda que se penda para um, perpassa o argumento dos que escrevem na grande imprensa e que possuem uma posição mais próxima ao jornalismo. Assim, ainda que tomem posição sobre o assunto, ela vem, em geral, na desconstrução do argumento daqueles a quem se opõem. E isso foi feito, no caso da oposição ao impeachment, não apenas pelos mais jornalistas Mario Sergio Conti e Bernardo Mello Franco, mas também pelos escritores Antonio Prata e Marcelo Rubens Paiva, que se situam entre os mais militantes (PRATA, 2016; PAIVA, 2016). Também foram acionados nesses textos os riscos à perda de direitos, no caso da concretização do impedimento. Leonardo Sakamoto traçou um paralelo com o machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e o preconceito (SAKAMOTO, 2016). Da mesma forma, militantes feministas associaram o golpe em curso ao sexismo (TIBURI, 2016; RIBEIRO, 2016a).

Já os mais acadêmicos que escreviam na mídia mais *mainstream*, no caso o jornal *Folha de S.Paulo*, além de também destacarem os riscos de perda de direitos, traçaram análises históricas e políticas do processo, buscando demonstrar a fragilidade dos embasamentos jurídicos e políticos, além das ameaças à democracia brasileira e a profunda ruptura que o impeachment geraria. André Singer afirmou: “Mas, por baixo da capa de legalidade, está em curso um atentado, que pode ser mortal, ao espírito da Constituição de 1988”, complementando ainda que “o tema de fundo é a política econômica desenvolvida pela presidente afastada no seu primeiro mandato” (SINGER, 2016b). Vladimir Safatle escreveu: “Não é por acaso que um processo como esse só poderia ser levado a cabo por uma advogada afeita a discursos evangélico-fascistas e um advogado filho de um integralista. Na verdade, Dilma caiu porque a Nova República já não existia de fato” (SAFATLE, 2016). Assim, eles buscaram também traçar os interesses das elites políticas, econômicas e midiáticas, e como a deposição da presidenta beneficiaria as mesmas, sem, por outro lado, negarem o fato de que também o PT contribuiu com essas elites. Laura Carvalho questionou: “Mas, se não é a população a beneficiada por esse processo tumultuado, quem, até agora, ganhou na esteira do golpe?”, elencando esses agentes: “Os primeiros ganhadores são os que conseguiram vender caro o seu apoio ao impeachment”; “No mercado financeiro, podem ser identificados outros beneficiários da volatilidade do processo”; “Há lugar a bordo também para a meia dúzia de famílias que controlam nossos meios de comunicação, cujos índices de venda e audiência só crescem com o medo e o tumulto institucional” (CARVALHO, 2016b).

Já Marilena Chaui afirmou: “É contra eles [os explorados, humilhados e oprimidos] que a classe dominante está se mobilizando neste país, tendo sempre como seu acompanhante favorito esta classe média autoritária e proto-fascista” (CHAUÍ, 2015). E também sobre a classe média, Jessé Souza escreveu: “Parte da classe média sofria profundo incômodo diante dessa nova proximidade em shopping centers e aeroportos, mas “pegava mal” expressar o descontentamento em público. Pior, a classe média temia que essa classe ascendente pudesse vir a disputar os seus privilégios e os seus empregos” (SOUZA, 2016). Nos discursos, as oposições oscilavam em relação às elites e à classe média. Além disso, buscaram apontar saídas mais à esquerda para a crise:

Se conseguir livrar-se de uma certa síndrome de Estocolmo, a esquerda brasileira pode aproveitar-se da derrota histórica para unir-se à autocrítica feita hoje por muitos social-democratas no mundo. (...) Economistas progressistas de dentro e de fora do *mainstream* vêm trabalhando em propostas cada vez mais radicais, algumas das quais foram incorporadas até mesmo na plataforma de Hillary Clinton, graças à força da candidatura de Bernie Sanders nas primárias norte-americanas. Democratas de todo o mundo: uni-vos. (CARVALHO, 2016a).

Eles [Dilma e o PT] nunca entenderam que o país precisava livrar-se de uma era histórica baseada na inércia resultante da obrigação de sempre compor com o atraso, sempre respeitar os interesses das oligarquias, até o ponto em que todos os que ocupassem o poder se desfigurassem, tornando-se irreconhecíveis. Até o último momento, foi questão de negociar o que não se negocia com quem vê a política só como um negócio. (...) No entanto, será necessário que a esquerda faça aquilo que ela teima ridiculamente em não fazer, a saber, uma profunda e dura autocrítica. (SAFATLE, 2016).

E outros ainda afirmaram a capacidade de resistência da esquerda:

Em segundo lugar, que a esquerda é especializada em resistir. Por ter nascido e crescido em oposição à ordem estabelecida, sabe melhor que ninguém como sobreviver em condições desfavoráveis. Não foi acaso que Lula, de camiseta vermelha, mencionou no discurso pronunciado quinta-feira (16) o orgulho de haver criado o maior partido de esquerda da América Latina. A mesma esquerda, por vezes, tão maltratada em outras frases suas. Vai ter luta.” (SINGER, 2016c).

As soluções propostas por esses agentes podem apontar, em alguma medida, para as nuances entre as vinculações e identificações partidárias e ideológicas no campo da esquerda: uns mais próximos e outros mais distantes do PT; uns mais ao centro e outros mais radicais; uns mais pragmáticos e outros mais idealistas; uns mais próximos à social-democracia e outros, do socialismo. Como representantes da esquerda, esses acadêmicos atuaram tanto nas colunas de jornais quanto também vêm se empenhando na produção dos sentidos e interpretações sobre a guinada à direita no Brasil, sobre o processo de impeachment e sobre a eleição de Jair Bolsonaro, em livros e artigos acadêmicos.

2.2 A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO (2018)

Uma música country. Em plano aberto, com uma câmera aérea em *travelling* frontal, aproximando-se do objeto, um Porsche branco se movimenta em uma rua ladeada por uma casa e um canteiro de árvores. / Com a câmera focada no espelho do retrovisor, uma mulher loira retoca o batom alaranjado. / Enquadrando o chão e a parte inferior do veículo, a câmera filma a abertura da porta e um pé com salto alto saindo do carro. / Mãos femininas abrem o porta-malas do carro. / A partir do interior do porta-malas, a câmera identifica a mulher misteriosa: Joice Hasselmann. / Entre malas e cases, Joice abre uma delas, verde musgo, em que se encontra um fuzil semiautomático AR-15 de última geração. A personagem manuseia o fuzil, buscando demonstrar familiaridade com o objeto. / Ela abre outra case, revelando uma pistola e coloca o carregador na arma. / Ela fecha o porta-malas e sai carregando as duas cases. A câmera lhe filma dos ombros para baixo, de costas, andando pela rua, de salto alto, com passos determinados. / Joice balança os cabelos loiros ao colocar o protetor auricular. / Joice carrega o fuzil. E a câmera intercala o foco entre o armamento, os olhos de Joice e o alvo. Os fragmentos de cena antecedem o momento em que ela vai atirar. São três tiros. Um deles atinge de forma certa o centro do alvo. / Joice carrega a pistola. E, mais uma vez, a sequência se repete, entre o foco na arma, nos olhos e rosto de Joice, no projétil saindo da pistola. / Com a câmera focada em seu rosto, já sem o protetor auricular, ela retira os óculos de proteção. / Com o plano aberto, a câmera filma rapidamente ela andando pela rua e retornando ao carro. / Com o plano fechado em seu rosto, Joice gira o rosto para a câmera. / A imagem muda para uma tela preta, com as inscrições “SEXTA FEIRA 27 JANEIRO” e o símbolo de sua série *Pensando*

Juntos, acompanhada da voz de Joice: “Vem aí, a partir da última sexta-feira de janeiro, uma nova série semanal, inédita, instigante e muito ousada. Estamos caprichando para você. Curta e compartilhe muito, muito, muito esse vídeo. O Brasil precisa de todos nós. Vamos em frente. Pensando Juntos.”

Alguns comentários selecionados entre aqueles posicionados na primeira página do post do vídeo no *YouTube*⁴²:

“Poderia ter colocado uma foto do lula no alvo”
 “Poderia ter colocado uma foto do lula no alvo. KKKKK”
 “Parabéns guerreira, é isso aí”
 “Rapaz essa Loira já é perigosa..e agora armada !! Te cuida Lula kkkk”
 “Sexy sem ser vulgar... exemplo a ser seguido...Parabens.”
 “Aí sim mulher de verdade não faz drama faz história e essa faz história”
 “Quanta opressão em único vídeo! Os esquerdopatas, as feminazis, os idiotas uteis e imbecis vão a loucura!!! Parabéns pelo seu ótimo trabalho Joice!! Fica com Deus!!”
 “Hummm...Poderosa Joice. Ta linda. Muito bom. Bolsonaro 2018. Voto impresso e canhão na cinta.”
 “Ja estava na hora de você da esse presente aos seus fans inscritos fiéis! Muito criativo esse vídeo bem profissional, congrats.”
 “Joice vc já era linda aramada e dado tiro então Perfeição vc é verdadeira mulher maravilha!!!!”
 “Nossa mãe, esta sim é a mulher brasileira kkkk”
 “SENSACIONAL JOICE!! LINDA, INTELIGENTE E SEMPRE SURPREENDENDO!!!!“PENSANDO JUNTOS”, JA ESTOU”
 “Agora que as mocreias vão pirar de vez...”

O vídeo descrito acima foi publicado em 12 de dezembro de 2017 no canal de Joice Hasselmann no *YouTube*, com o seguinte título, grafado exatamente assim: “ARMAS!? VAI ENCARAR??? PENSE BEM. VEM AÍ UMA NOVA SÉRIE, UM NOVO BRASIL” (HASSELMANN, 2017a). Era um anúncio da série *Pensando Juntos*, em que a jornalista Joice Hasselmann misturou depoimentos sobre sua vida, visões sobre o Brasil, entrevistas e encenações de situações, segundo os vídeos, baseadas em fatos reais.

A narrativa pessoal era construída a partir do apelo à emoção, sendo acompanhada de músicas tristes, choros e ênfases às dificuldades vividas e à superação alcançada pela “mulher guerreira” (HASSELMANN, 2018b). Ao contar aspectos tristes de sua infância e adolescência, revelar a pobreza e a violência em que viveu, Joice aproximava sua história da de vários espectadores, inclusive aqueles que figuram em certos quadros identificados como “sensacionalistas” dos programas de auditório da televisão brasileira.

Quanto às visões de mundo, ela acionava os clichês e palavras-comuns entre a direita e a extrema-direita, que passaram a caracterizar a candidatura de Bolsonaro: a defesa do porte de armas e da redução da maioridade penal⁴³; o ativismo no combate à corrupção e o apoio à

⁴² Os comentários foram reproduzidos da forma como foram escritos.

⁴³ Alguns trabalhos que se debruçaram sobre as classes mais populares e o consumo midiático (RIBEIRO, 2016; RIBEIRO; FERNANDES, 2019) ou a adesão ao bolsonarismo e a tomadas de posição mais à extrema direita (CARDOZO, 2019) demonstraram uma afinidade entre determinadas frações das classes mais baixas com ideias como redução da maioridade penal, porte de armas, linchamento de bandidos e aversão aos direitos humanos. A

Operação Lava Jato e ao juiz Sergio Moro – sobre quem escreveu, inclusive, uma biografia – ; a defesa da meritocracia, do Estado mínimo e do que chamou de “capitalismo real”⁴⁴; a oposição à universidade, aos professores universitários e à classe jornalística e artística; a alusão aos “cidadãos de bem” e o ataque aos “comunistas, socialistas, intelectuais” (HASSELMANN, 2018b).

Nas encenações, Joice representava a si mesma, ao dramatizar o encontro com delatores encapuzados, que queriam lhe fornecer informações sobre corrupção de políticos e empresários (Ibid.). Na produção, misturava o imaginário sobre a jornalista investigativa, destemida, que enfrentava os riscos para revelar informações que poderosos queriam manter em segredo, com os estereótipos dos filmes de ação americano *Blockbuster*: carros de luxo, salto alto, armas e diálogos misteriosos afastavam a encenação da real prática jornalística e a aproximavam dos filmes de ficção.

Da mesma forma, a cena que abre este capítulo traz os mesmos elementos estereotipados das heroínas dos filmes de ação, ao mesclar os símbolos da mulher feminina – representada no enfoque à maquiagem retocada, ao salto alto, ao giro de cabelo, ao andar e olhar sedutores – com os símbolos viris – como a posse de um carro de luxo, o manejo das armas, o tiro certeiro, a postura de coragem. Dentre os 579 comentários do vídeo, ordenados segundo o critério de importância disponível no site do *YouTube*, alguns deles confirmavam o efeito simbólico de tal

associação feita entre os direitos humanos e a defesa de “bandidos” entre as parcelas mais conservadoras da sociedade brasileira já tinha sido observada na década de 1980 por Pierucci (1987) e Caldeira (1991). A adesão de certos formadores de opinião identificados como uma “direita que saiu do armário” a pautas relacionadas à segurança pública, como redução da maioridade penal, endurecimento das punições, crítica ao desarmamento também foi identificada por autoras como Messenberg (2017).

⁴⁴ Essa defesa por parte de uma direita mais popular se contrasta com a tendência observada por Pierucci nos anos 1980. Em seu estudo sobre os janistas e malufistas de São Paulo, Pierucci (1987) observou que, a despeito de haver, à época, a ideia de que o “espírito da empresa” colocava a sociedade em movimento, essa empresa não precisava ser privada. A defesa da intervenção do Estado na economia, portanto, não era oposta ao pensamento de direita. Isso se diferencia do que Cavalcante (2015) observou sobre o conservadorismo liberal na chamada classe média brasileira – o qual seria marcado, a priori, por “uma combinação singular de ideais meritocráticos com uma histórica dificuldade ou aversão à inclusão social e política de amplo alcance” (CAVALCANTE, 2015, p.178). Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo, *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*, de 2017, demonstrou algumas afinidades em termos de representação com alguns dos mais polemistas. Entre as conclusões da pesquisa, observou-se a percepção dos entrevistados de que “a ascensão social está relacionada à coragem, ousadia e disciplina e é tratada como um resultado individual derivado da força de vontade” (PERSEU ABRAMO, 2017) – características e lógicas acionadas justamente pela maior parte dos mais polemistas. Além disso, também fez parte das percepções dos pesquisados a ideia de que o confronto social não se daria entre ricos e pobres, mas sobretudo entre Estado e cidadão, com uma sobrevalorização da meritocracia individual e a ideia de que “Todos são ‘vítimas’ do Estado que cobra impostos excessivos, impõe entraves burocráticos, gerencia mal o crescimento econômico e acaba por limitar ou “sufocar” a atividade das empresas” (PERSEU ABRAMO, 2017). Sobre isso, Singer (2018) afirmou: “Se a pesquisa da FPA tiver captado uma tendência consistente, o ideal de classe média teria se fixado em determinadas faixas das camadas populares” – classe média, portanto, ligada mais fortemente a pautas antiestatais, anticorrupção, à ideia de meritocracia, de sucesso individual e empreendedorismo. Essas ideias também foram observadas entre certos formadores de opinião no artigo de Messenberg (2017).

produção. Demonstravam, em geral, a aprovação de um público que espera que uma mulher seja “sexy sem ser vulgar”, que não faça “drama”, mas sim “história”, que seja uma “guerreira”, mas também “maravilhosa” opondo-a às “esquerdopatas”, “feminazis”, “idiotas úteis”, “imbecis” e “mocreias”, tal com as expressões utilizadas por seus espectadores. Mas, além disso, os comentários elencados – com a sugestão de que o alvo dos tiros fosse a foto de Lula e a repetição do slogan “Bolsonaro 2018” – também explicitavam as afinidades políticas que viriam a definir a eleição presidencial seguinte.

Em maio de 2018, mais próxima da posição de candidata do que de jornalista, Joice lançou o *JHN Channel*, “o canal que irá ENDIREITAR o Brasil”, conforme sua descrição no *YouTube*, em que dialogava com figuras da (extrema) direita, como Paulo Guedes e o general Hamilton Mourão – que se tornaram ministro da Economia e vice-presidente, respectivamente, do governo Bolsonaro. Além disso, trazia boletins diários sobre os acontecimentos políticos nacionais. Assim, essas produções misturavam símbolos do jornalismo profissional, estereótipos de ficção, estratégias de programas sensacionalistas e elementos de campanha eleitoral.

Nesse período, Joice foi passando da posição de jornalista e comentarista a de candidata à deputada federal pelo PSL, então partido de Bolsonaro, chegando a ser eleita com mais de 1 milhão de votos, batendo o recorde para uma candidata mulher à Câmara dos Deputados. Chegou a afirmar, em diversas situações, que queria ser “o Bolsonaro de saias” (BALLOUSSIER, 2018) ou “o Bolsonaro de cabelo loiro” (HASSELMANN, 2018a). Em 2014, Joice fez uma entrevista com o capitão reformado acerca do episódio em que ele afirmou que não estupraria Maria do Rosário “porque ela não merece”. Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, depois da eleição, Hasselmann afirmou que se identificou de início com o então deputado e que eles teriam “almas parecidas”. Tornou-se líder do governo na Câmara (BALLOUSSIER, 2018).

De modo semelhante, Olavo de Carvalho, apontado como uma espécie de guru do governo Jair Bolsonaro, também busca emular os símbolos de uma prática social legitimada – dessa vez, a de professor e intelectual – ao mesmo tempo em que os associa às marcas de um “homem comum”. Em seu filme *O Jardim das Aflições*, as estantes de livros se misturam às armas, o passeio a um sebo de livros ao chapéu de cowboy, a música clássica ao preparo do copo de leite e do café pela esposa de Olavo, as elucubrações do autointitulado filósofo ao almoço em família – com oração antes da refeição, a esposa servindo o marido, talheres empilhados em um pote, copos de plástico e garrafinhas de Coca-Cola pela mesa, buscando demonstrar o aspecto “popular” do professor.

No *YouTube*, Olavo mantém um canal em que divulga trechos de aulas do seu *Seminário de Filosofia*, vendido na Internet e voltado sobretudo para aqueles sem formação anterior alguma (PIRES, 2020; ver Parte IV); faz comentários sobre o país e o governo; além de atacar seus opositores. Com tom coloquial, xingamentos constantes, Olavo fala aos seguidores, geralmente, sentado atrás de uma mesa, tendo ao fundo uma estante de livros. Por vezes, traz um cachimbo na mão. Já tendo feito transmissões no *YouTube* com Flávio Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro (COLETTA, 2018; PIRES, 2020), ele chegou a afirmar que não aceitaria os cargos de Ministro da Cultura ou da Educação e que o único posto possível seria o de Embaixador nos Estados Unidos (CARVALHO, 2018c). Não chegou a nenhum desses lugares, mas indicou ministros, influenciou medidas no governo e inspirou a chamada ala “olavista” do Executivo (COLETTA, 2018). Além disso, passou a ser apontado como um dos principais articuladores da emergência da chamada “nova direita” (COLETTA, 2018). Sobre a candidatura de Bolsonaro, chegou a afirmar:

Então, eu acho que esses movimentos de **2013, 2015 e, agora**, essa campanha pelo Bolsonaro, tudo isso tem uma coisa, você vê **o povo inteiro participando**. Então, muito bem. Temos uma história presente, na qual todo mundo está participando. É aí que nós temos que apostar. Essa é a nossa imagem, essa é a nossa identidade agora. O que que é o Brasil no momento? **O Brasil é um povo que está tentando se livrar duma elite né, criminosa, que o explora, que abusa dele, que goza da cara dele e tá tentando pela primeira vez na vida criar uma democracia**, que tudo que se fala de democracia hoje, quando o pessoal fala democracia hoje, vocês sabem o que quer dizer, quer **dizer a dobradinha tucano-petista**. É isso que eles chamam, como é?, “a nossa ordem democrática”. Isso é tudo uma farsa. A verdadeira democracia tem que entrar, **a vontade do povo tem que valer alguma coisa, porra, né**. Agora, no Brasil, o povo vota um negócio num plebiscito, e daí vem a elite e desobedece tudo e chamam isso de democracia. Eu falo: “não, perai”, estão invertendo tudo. Então, nós estamos treinando uma democracia agora, no presente. Então, a partir disso aí, se a gente intensifica a consciência disso, a gente começa a entender o nosso passado de uma outra maneira. Mas a história do Brasil, para mim, **é a história da revolução brasileira**. O que que é a revolução brasileira? É a busca da democracia. **É o povo contra a elite**, contra o estamento burocrático, desde o tempo da colônia até agora. **E o povo sempre se ferra. Ele sempre perde a briga**. Agora, pela primeira vez na nossa história, nós temos uma chance. **A chance apareceu em 2015, quando o pessoal foi tudo para rua e conseguiu pelo menos derrubar a Dilma**. Eu era contra derrubar a Dilma, falava “derrubar a Dilma não adianta. Você tem é que anular a eleição e fazer tudo de novo”. Daí, fizeram um acordo entre o povo e a elite e entregaram a cabeça da Dilma e deixaram o resto como estava. Então, foi uma vitória de Pirro, mas nós podemos obter outras vitórias que não sejam de Pirro. Agora, nós podemos, por exemplo, **eleger Bolsonaro, sem precisar comprometer nada, sem precisar entregar nada para esses vagabundos**. Então, vamos dizer, a aspiração nacional se condensou mal ou bem na pessoa do Bolsonaro. Então, é o que nós temos. **O Bolsonaro é o Brasil. Se o Bolsonaro sobrevive, o Brasil sobrevive. Se não, não**. Agora, se botarem lá um Alckmin ou coisa assim, aí acabou, daí esse estamento burocrático conseguiu estrangular completamente a vontade nacional. **Eles conseguiram fazer um sistema em que essa elite dominante, ela controla tudo, ela controla a opinião pública, controla o legislativo, controla o judiciário, controla a mídia, controla a universidade, controla até movimento de rua** e, portanto, só se faz o que ela quer. E nós estamos conseguindo quebrar isso aí pela primeira vez. (...) Então, agora que nós estamos, vamos dizer, empenhados nessa luta contínua desde 2013 até agora, nós não podemos deixar isso apagar. Nós temos que dizer: “isso é o

Brasil”. Isso que tá acontecendo agora, pela primeira vez, é o povo brasileiro falando. Então, isso é a nossa identidade. (CARVALHO, 2018a).

Entre a figura do professor e a do homem comum, Olavo se coloca “ao lado do povo” contra a “elite criminosa”, que controlaria tudo. Assim, no excerto acima, mistura termos-chaves e defesas associadas historicamente à esquerda, como “revolução”, “povo”, “participação”, a um pensamento, mais do que conservador, reacionário. Ao chamar de farsa a democracia brasileira baseada na “dobradinha tucano-petista”, dizer que “Bolsonaro é o Brasil” e que “pela primeira vez, é o brasileiro falando”, ele não apenas buscou deslegitimar os opositores de Bolsonaro como associar a ele a ideia de uma “verdadeira democracia”, como expresse também no vídeo intitulado “Democracia, o caralho” (CARVALHO, 2018b), respondendo assim às análises que viam o ex-militar como uma ameaça. Além disso, ele aciona com frequência as estratégias discursivas de construção de uma identificação não mediada entre si e seus seguidores, entre Bolsonaro e o “povo” – seja por meio do vocabulário utilizado, das imagens mobilizadas, dos argumentos construídos.

A associação de jovens ultraliberais com o olavismo e o bolsonarismo (ROCHA, 2018) pode ser ilustrada aqui pela figura de Rodrigo Constantino. Ex-funcionário de Paulo Guedes, um dos criadores do *Instituto Millenium*, presidente do *Instituto Liberal*, escritor de livros antipetistas, defensor do liberalismo e autoidentificado como de direita, tendo se filiado em um primeiro momento ao Partido Novo, Rodrigo Constantino também apoiou Jair Bolsonaro. No dia 3 de outubro de 2018, publicou um vídeo em seu canal do *YouTube*, em que pretendia conversar com os mais moderados e de centro. Usando uma camisa em tons patrióticos, mais um dos símbolos que ficaram associados aos defensores do impeachment e da eleição de Bolsonaro, pretendia convencer os espectadores de que a volta do PT seria o pior mal para o país, adotando um tom mais ameno que o seu de costume: “se Bolsonaro ganhar, você pode se tornar oposição a ele no dia seguinte e torcer para que alguém mais de centro, moderado, venha após quatro anos de governo vencer as eleições. Mas, se o PT vencer, acabou a brincadeira: é a morte da própria democracia” (CONSTANTINO, 2018a).

Em seus artigos na *Revista IstoÉ*, durante o período eleitoral, Constantino continuou publicando colunas de crítica e ataque ao PT. Afirmou que “Fernando Haddad é um “intelectual” especialista em marxismo e sistema soviético. É, de forma bem direta, um comunista, assim como sua vice” (CONSTANTINO, 2018d), chegando a criticar o fato de que “parte do establishment” estivesse pintando o candidato como um “moderado pragmático”, “como se não fosse um socialista de carteirinha, representando uma quadrilha que mira no modelo venezuelano”. Somaram-se às típicas referências ao comunismo e à Venezuela, o

levantamento dos problemas econômicos e casos de corrupção dos governos petistas. Por outro lado, Constantino elogiou a “incrível resistência” de evangélicos à “degeneração moral promovida pela esquerda” (CONSTANTINO, 2018c) e falou sobre o combate ao crime – demonstrando duas linhas de força importantes nos argumentos daqueles que defenderam Bolsonaro:

Não basta armar os cidadãos de bem ou conceder uma licença para matar aos policiais. O buraco é bem mais embaixo. **Mas certamente uma drástica mudança de mentalidade se faz necessária, em que o bandido deixa de ser uma “vítima da sociedade”.** Bolsonaro precisa seguir os passos de Giuliani em Nova York e adotar a política de “tolerância zero”, inclusive para pequenos delitos. Não é “bandido bom é bandido morto”, como pedem alguns em desespero, mas sim enfrentar com determinação a marginalidade (CONSTANTINO, 2018b).

Com a eleição de Bolsonaro, Rodrigo Constantino chegou a postar no *Twitter*: “Antes que a Carta Capital ou o Catraca Lixo façam, eu mesmo faço. Eis aí um organograma do poder, inspirado no powerpoint do Dallagnol com Lula ao centro. Mas aqui é a turma do bem. E estamos no poder! Melhor jair se acostumando...”. Em resposta, o filho do presidente, Carlos Bolsonaro respondeu: “‘Estamos no poder’? Vai com calma, Constantino! Não é bem assim que a banda toca” (BOLSONARO, 2018). Em entrevista concedida a mim, Constantino explicou: “Muita gente até hoje usa isso para falar que eu cedi à tentação do poder. Acho que ele não entendeu o recado, o recado era justamente o seguinte: ‘Nós, liberais, estamos juntos, querendo ou não, com esse governo. Nós temos uma obrigação de ajudá-lo e de fazer com que ele dê certo’ (Entrevista de Rodrigo Constantino com a autora, 2020).

Outro entusiasta de Paulo Guedes e do Partido Novo, Leandro Narloch, que em outros momentos fez críticas a Bolsonaro, amenizou declarações do candidato durante as eleições, afirmando achá-las até mesmo engraçadas e irreverentes. A oposição ao que chamou de “intelligentinho da Vila Madalena” (inspirado em Luiz Felipe Pondé), “intelligentsia”, “sacerdotes da imprensa e das universidades”, “intelectuais de palanque” foi o fio condutor mobilizado em algumas das tomadas de posição de Narloch (NARLOCH, 2018b). Em seus textos, ele associava falas preconceituosas à irreverência, à autonomia intelectual, à iconoclastia, à liberdade de criação e humor, e outros adjetivos similares, contribuindo não apenas para legitimar e minimizar a postura de Bolsonaro, como também para associá-lo a uma figura de contestação da autoridade e do poder. Embora no mesmo artigo Narloch negasse o voto em Bolsonaro, ele afirmava: “Com tanta gente no *Facebook* apedrejando quem exhibe o menor sinal de pecado ou que ouse discordar de minorias, o gesto de Bolsonaro é uma heresia, um grito de liberdade”. E ainda acrescentou: “Vota-se em Bolsonaro não pelas virtudes do candidato, mas pelo desprezo à intelligentsia que tenta determinar o que é permitido pensar.

Não acredito que estou dizendo isso, mas talvez o voto em Bolsonaro seja uma tentativa de autonomia intelectual” (NARLOCH, 2018b). A oposição ao que chamam de “politicamente correto” e a defesa de certa “irreverência” é observada também nos textos de outros colunistas – como Guilherme Fiuza e Luiz Felipe Pondé, por exemplo – e em programas de humor – como o de Danilo Gentili, no *SBT*, o *Pânico* e o *Morning Show*, da *Jovem Pan*, dos quais vários dos colunistas aqui estudados já participaram.

Ao mesmo tempo em que esses colunistas associam a heresia ao deboche e à desconsideração com artistas, intelectuais, professores, eles, por outro lado, fazem defesa de “empresários milionários”, “banqueiros”, “mercado”, “família”, “religião” e outras instituições de poder. Textos de Narloch e Pondé demonstram isto, por exemplo:

É lindo ver **empresários milionários** como candidatos à Presidência. (...) Intelectuais de palanque —**historiadores e sociólogos em geral inebriados por ideologias**— costumam desprezar os homens de negócio e suas atividades mundanas. Tipos assim são um perigo quando entram para a política, pois **recusam o mundo real** em nome de ideias tiradas de livros. Já os homens de negócio tendem a ser menos perigosos: **governam para pessoas como elas são, e não como devem ser**. (NARLOCH, 2018a).

Religião, família e costumes são três palavras que tiram o sono de muito **inteligentinho**. (...) **Em vez de tentarem compreender o processo, viraram o rosto para a população** e reincidiram em suas obsessões históricas de classe (e em seus empregos, redes de amizades, convites para jantares e festivais de cinema). (...) **A esquerda é um fetiche de rico**. Não entenda “rico” aqui como milionário. Entenda como gente que reúne certas condições materiais, sociais e psicológicas que dão uma sensação de segurança difusa ao cotidiano. **Gente “comum” valoriza a religião, a família e os costumes**. E temas como esses podem ser recobertos, inclusive, por diferentes orientações sexuais, ao contrário do que pensa nossa vã filosofia “engajada”. (...) **Ideias caretas demais? Talvez**. Pensando **como niilista**, talvez Deus não exista mesmo, as famílias sejam uma farsa e os costumes nada mais do que modos ultrapassados e opressores de viver. Quem sabe, em quatro anos, tenhamos um candidato niilista e, aí então, teremos alguém que nos represente (PONDÉ, 2018b).

É interessante notar que, a despeito de estarem falando de grupos diferentes – ou seja, o primeiro excerto se refere aos burgueses milionários e o segundo à “gente comum” –, ambos mobilizem a dificuldade que intelectuais da academia e do debate público teriam em identificar “as pessoas como elas são, e não como devem ser”. Narloch, nesse excerto, opõe aos intelectuais, os homens de negócio; mas, no anterior, é Bolsonaro que ocupa este lugar. Pondé, embora em um tom mais analítico, aproveita também para associar a esquerda aos ricos e o conservadorismo aos pobres. De todo modo, é interessante ressaltar na conjunção das duas falas a defesa dos milionários, banqueiros e do mercado, por um lado, e o apelo aos “interesses reais” do povo e da “gente comum”, por outro, em uma espécie de oscilação entre argumentos de verniz elitista e populista.

Outros nomes também votaram no Partido Novo no primeiro turno, movendo-se em direção ao apoio a Bolsonaro no segundo, tal como Diogo Mainardi. O autointitulado “militante da Lava Jato” afirmou: “João Amoêdo quer vender a Petrobras e o Banco do Brasil, cortar as aposentadorias, abolir o fundo partidário, investir no ensino básico em detrimento do ensino superior e eliminar as regalias fiscais às empresas. Eu também quero” (MAINARDI, 2018b). Depois, no segundo turno, disse: “Entre o voto envergonhado em Jair Bolsonaro e o voto sem-vergonha em Fernando Haddad, eu escolho, é claro, o voto envergonhado em Jair Bolsonaro” (MAINARDI, 2018d). Além disso, publicou artigos como *É preciso varrer o petismo*: “Os eleitores votaram contra o petismo, que é muito mais vasto e daninho do que o próprio PT. Ele está enraizado em setores da sociedade, e tem de ser arrancado sem dó, porque é a única maneira de se derrotar o atraso” (MAINARDI, 2018a).

Também Guilherme Fiuza e Augusto Nunes se empenharam em atacar o PT, durante as eleições. Citando a corrupção, eles acionaram argumentos como “Fernando Haddad, candidato a presidente, é o mais stalinista dos sacerdotes do PT” (NUNES, 2018a) ou “Acha uma escolha miserável? [Bolsonaro] Anula. Declara que não é sócio do emburrecimento do país que impôs a polarização sonhada pelo PT e lava as mãos. Mas não finja que Adolf Hitler ressuscitou no Brasil e está te obrigando a sancionar a gangue do Lula” (FIUZA, 2018). Assim, os argumentos apresentavam dois caminhos: por um lado, acionavam o fantasma do comunismo; por outro, negavam o autoritarismo ou a associação de Bolsonaro com o fascismo ou o nazismo.

Assim, ao se empenharem, durante a campanha eleitoral, em marcar o PT como autoritário e antidemocrático, esses colunistas apontaram a escolha por Fernando Haddad como sendo o mal maior. Não à toa, receberam apoios do governo após a eleição. Para ficar com apenas um exemplo em cada caso, os filhos de Bolsonaro saíram em defesa de Augusto Nunes na briga com o jornalista Glenn Greenwald em 2019 (ver primeiro capítulo da Parte IV). Já em 2020, a imprensa publicou uma lista de influenciadores digitais produzida por uma empresa de comunicação contratada pelo governo federal, em que detalhava o perfil de, nos termos do arquivo, “detratores” e “apoiadores” do governo – entre esses últimos, figurava o nome de Guilherme Fiuza (VALENTE, 2020). De maneira geral, o antipetismo foi acionado por esses colunistas, seja como forma de explicar a eleição de Bolsonaro, seja como modo de amenizá-la (VILLA, 2018; PONDÉ, 2018a).

Outros polemistas, porém, converteram suas posições. Rachel Sheherazade participou da campanha #EleNão e já em janeiro de 2018 publicou críticas a Bolsonaro e seus apoiadores em suas redes sociais, perdendo quase 40 mil seguidores (SHEHERAZADE, 2018; BEZERRA, 2018); Arnaldo Jabor publicou um vídeo em que afirmava que “Bolsonaro é uma ameaça para

o país” (JABOR, 2018); Reinaldo Azevedo escreveu um artigo sobre algumas práticas fascistóides de Bolsonaro e converteu suas posições sobre a Lava Jato diante dos abusos identificados na prisão de Lula (AZEVEDO, 2018b), passando a ser compartilhado na Internet inclusive por pessoas da esquerda; Demétrio Magnoli afirmou que não se tratava de opostos equivalentes (MAGNOLI, 2018a; MAGNOLI, 2018b); já Eduardo Moreira, que foi às manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff (apud ALMEIDA) e publicou artigos otimistas sobre 2016 (MOREIRA, 2016), converteu de forma mais radical sua posição, tendo feito campanha para Ciro Gomes e passando a se identificar como de esquerda, a conviver com o MST, a escrever em blogs progressistas, a manter parcerias com Jessé Souza e a fazer *lives* com acadêmicos, jornalistas e políticos de esquerda (inclusive, com Lula). Ele foi também identificado como o criador do movimento 70%, de oposição a Bolsonaro (FERRAZ; VASCONCELOS, 2020).

Enquanto alguns dos nomes que se situam entre os mais polemistas expressaram seus posicionamentos acerca da eleição de Jair Bolsonaro de maneira incisiva – seja apoiando-o, seja promovendo uma campanha contra o PT –, os que se situam em outros polos e também alguns dos polemistas tiveram outras formas de engajamento, já observadas em alguma medida na análise sobre as tomadas de posição acerca do impeachment.

No segundo turno das eleições, quando a escolha se tornou dual, entre Bolsonaro e Haddad, os especialistas se posicionaram mais ou menos envergonhadamente a favor de Bolsonaro ou declararam o voto nulo. Apenas Monica de Bolle converteu sua posição de forma mais explícita, apontando o ex-militar como o risco maior ao país, ainda que visse também elementos autoritários no PT: “O bolsonarismo é o petismo no espelho com o sinal trocado – não fosse assim, as eleições de 2018 teriam sido diferentes” (BOLLE, 2019b). A economista, que escreveu um livro crítico ao modelo econômico do governo Dilma e apoiou o impeachment, começou a mudar suas tomadas de posição a partir do governo Temer. Se, em alguma medida, manteve-se próxima ao grupo de liberais na defesa da Reforma da Previdência⁴⁵ – ainda que entre eles, pudesse haver divergências em torno de aspectos específicos –, ela se afastou em certa medida em outros pontos. Um de seus movimentos foi apresentar certo arrependimento por ter defendido o impeachment, tal como expresso na coluna de março de 2018, intitulada *Azedume* (BOLLE, 2018). Além disso, durante as eleições de 2018, a economista defendeu uma terceira via em relação à dicotomia PT e Bolsonaro, com apoio a Ciro Gomes. Embora tenha

⁴⁵ Monica de Bolle escreveu sobre a Reforma da Previdência em vários artigos publicados entre 2016 e 2019 (BOLLE, 2019a). Para uma análise mais detalhada sobre os posicionamentos de colunistas-economistas acerca das reformas no Brasil, ver MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019.

considerado boa a proposta de Reforma da Previdência apresentada por Paulo Guedes, ela também direcionou críticas duras ao Ministro da Economia, como ficou claro na entrevista concedida à *Revista Exame* e intitulada *Monica de Bolle: Paulo Guedes está preso nos anos 1970* (AMORIM, 2019a).

Por outro lado, a maioria dos especialistas, ainda que pudesse demonstrar certo desconforto em votar em Bolsonaro, viu com ele a possibilidade de levar a cabo uma agenda econômica liberal e tentou justificar-se a partir do pragmatismo, do argumento de que não enxergava uma ameaça à democracia ou de que o PT seria ainda pior (FRANCO, 2018a; FRANCO, 2018b; GIAMBIAGI, 2018; SCHÜLER, 2018b; LAMOUNIER, 2018a; LAMOUNIER, 2019; ARAGÃO, 2018; AMORIM, 2018). Como afirmou Gustavo Franco: “não votarei hoje por amor, simpatia ou convicção, mas com o fígado e por cálculo, como nas associações com gente em quem não se pode confiar. Meu voto é utilitário e egoísta, como é próprio do homo economicus que todos sabemos ser quando vamos ao supermercado” (FRANCO, 2018b). Ele ainda acrescentou: “definitivamente não compartilho com os pavores quanto ao futuro da democracia no País e por uma simples razão: resistimos ao ataque empreendido pelo PT” (Ibid.), mencionando um dos colegas que também ocupa o polo dos mais especialistas: “Tenha-se claro, como bem observou Bolívar Lamounier, em matéria de democracia, ‘a folha corrida do PT é um milhão de vezes pior que a de Jair Bolsonaro’, inclusive porque foi bem além da garganta” (Ibid.). A partir de uma distinção entre regimes autoritários e totalitários, Lamounier defendeu, à época, que o PT seria o mal maior: “Em comparação, o petismo tem claros traços de um projeto de dominação total, vale dizer, de um regime totalitário. A existência de uma ideologia totalizante (geralmente reforçada por uma polícia secreta) faz toda a diferença” (LAMOUNIER, 2018a).

É interessante notar que vários desses especialistas foram cogitados a ocupar cargos no governo Bolsonaro: Gustavo Franco foi sondado para o posto de presidente do Conselho de Administração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 2019 (BÔAS, 2019); Fabio Giambiagi foi apontado, em dezembro de 2018, como um dos integrantes do conselho consultivo de Reforma da Previdência formado por Paulo Guedes (CRUZ, 2018); e Murilo de Aragão foi cotado a assumir o posto de embaixador do Brasil nos Estados Unidos, em 2019 (OLIVEIRA, 2019). Entre os mais especialistas, Denis Rosenfield, menos envergonhado que os outros, declarou abertamente o voto no ex-capitão e afirmou, em entrevista posterior, ter feito campanha para ele, apresentando argumentos próximos, em alguma medida, daqueles proferidos por certos nomes mais próximos ao polemismo:

A **histeria anti-Bolsonaro**, conduzida pela esquerda e por **setores da classe média politicamente correta**, está chegando ao paroxismo. (...) A qualificação de extrema direita está sendo de grande comodidade para todos os que continuam presos a seus velhos esquemas de pensamento. É como se Jair Bolsonaro fosse uma espécie de personificação do mal, que deveria ser extinta graças às boas intenções dos que se apresentam como “democratas”, seja lá o que esse termo signifique para boa parte deles. Alguns, açodados, já pensam numa aliança entre PSDB e PT para conjurar esse perigo. Ou seja, entre os social-democratas e os que levaram o Brasil ao fundo do poço, num assalto aos cofres públicos. **As pautas social-democrata e social estão sendo usurpadas por aqueles que se caracterizaram por atividades criminosas, com a anuência de tucanos de boa consciência.** Há uma manobra diversionista em curso. O problema do Brasil seria Bolsonaro, e não o PT, com seu legado de PIB negativo, inflação em alta, juros estratosféricos, desemprego exorbitante, apropriação “privada-partidária” de empresas estatais e corrupção generalizada. Seriam esses, então, os “democratas” que procuram evitar a volta da “extrema direita”! **“Democratas”, aliás, que não cessam de defender o “socialismo do século 21”** de Chávez e Maduro, que conduziu a Venezuela a uma crise sem precedentes, caracterizada por sua essência criminosa e liberticida. São eles que se colocam na posição de dar lições aos demais. Santa paciência com tanta impostura! Acrescenta-se que são eles mesmos que sempre atacaram e atacam o processo reformista conduzido pelo presidente Michel Temer, como se estivessem lutando contra a “herança maldita” do atual governo, quando este nada mais fez do que resgatar o País da verdadeira herança maldita petista. De um lado, seria o governo Temer e, de outro, a candidatura Bolsonaro, como se eles fossem no presente e numa espécie de futuro antecipado os culpados pela crise atual. **Trata-se de evidente transferência de responsabilidades, com o intento de encobrir o que foram os governos petistas** (ROSENFELD, 2018).

Por outro lado, Alexandre Schwartzman e Samuel Pessôa declararam o voto nulo. Para o primeiro, ainda que Bolsonaro se convertesse “ao liberalismo econômico e à austeridade fiscal”, ele não seria uma opção: “Elogios à ditadura militar, louvor a um conhecido torturador e outras manifestações do mesmo calibre tornam impossível, para mim, votar em Bolsonaro. Simplesmente não cabem no meu credo (...)” (SCHWARTSMAN, 2018). Apesar de ter sido colega de mestrado de Fernando Haddad e considerá-lo “um amigo” e “uma pessoa de bem”, Schwartzman afirmou que ele representaria “forças políticas cujo compromisso com a democracia me convence ainda menos que o liberalismo econômico de Bolsonaro” (Ibid.). Mais uma vez, o argumento do PT antidemocrático foi acionado: “Que me desculpem os amigos que pretendem votar no Fernando em nome da defesa da democracia, mas um partido com tais posições não tem nenhum comprometimento com a causa democrática, além de usá-la como trampolim para “tomar o poder” (Ibid.).

Já Samuel Pessôa chegou a afirmar em uma de suas colunas que: “Votarei nulo ou em Haddad. Bolsonaro é o mal maior. No entanto, deverá ganhar. O PT tem dado mostras de que não está à altura de sua hora maior” (PESSÔA, 2018a). Nela, assim como Schwartzman, também elogiou Fernando Haddad por ser um “democrata convicto”, mas afirmou que ele estaria cego por não enxergar os erros do PT, comparando o partido a “movimentos

autoritários” (PESSÔA, 2018a). As tomadas de posição de Samuel Pessôa foram explicitadas também em entrevista concedida ao *Valor Econômico*:

O fígado [de Samuel Pessôa] explica boa parte do objeto de um dos debates: o impeachment de Dilma Rousseff. Mas não abarca toda a complexidade de Samuel Pessôa: um físico que se versou em economia e gostaria de ser político; um admirador do PSDB que foi filiado a um único partido (PT) e optou por Lula, e não José Serra, na eleição presidencial de 2002; um fervoroso defensor da socialdemocracia, mas ansioso por um projeto liberal para o Brasil, e que votou em branco no segundo turno das eleições de 2018, mas torce pela reeleição de Jair Bolsonaro (SAFATLE, 2019a).

Na matéria, Pessôa expressou ainda a “enorme concordância” com a área econômica do governo, além de considerar “Paulo Guedes um economista de primeira grandeza” (SAFATLE, 2019a). Sua avaliação ficou clara no excerto abaixo:

“Tudo o que eu vi acontecer desde a eleição para cá me deixou mais calmo, embora sempre haja riscos”, diz, em relação à prática democrática. “Hoje estou com menos medo que em outubro.” Ele se recorda, durante a campanha, de ter sofrido pressão imensa para assinar manifestos em defesa da democracia. “Acho que tem o momento de assinar o manifesto, o momento de jogar o jogo democrático e o momento de ir para a rua. Considero que a gente ainda está no momento de jogar o jogo da democracia.” A essa altura, não lhe havia ocorrido uma questão: **estaria pronto para fazer debates com o novo governo? Na parte econômica, que é sua praia, sim.** Mas, favorável à legalização do aborto e pai de duas meninas, **classifica como “estranhos” temas do tipo “meninos de azul e meninas de rosa”**, apregado pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. Além disso, **nunca pensou que um dia teria de ler os livros de Olavo de Carvalho.** E também não se vê em condições de debater com o atual ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. **“O máximo que faço é vir de camisa rosa.”** (SAFATLE, 2019a).

Esse trecho é ilustrativo de uma das características das tomadas de posição dos mais especialistas e aponta em alguma medida o papel dos chamados “liberais” na eleição de Jair Bolsonaro. Sem afinidades com ele em termos de *habitus* social, eles se identificavam muito mais com outros candidatos, como Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles, João Amoêdo e até mesmo Fernando Haddad. Compartilhavam com esses, as origens de classe, a passagem pela universidade, a boa vontade cultural e o respeito a algumas liberdades individuais (ver Parte II). Ao contrário de Joice Hasselmann, por exemplo, que viu em Jair Bolsonaro uma “alma parecida”, os mais especialistas expressaram até mesmo um certo desprezo pela figura do capitão reformado. Por outro lado, o “casamento”, tal como caracterizou Gustavo Franco, com Paulo Guedes e o compromisso com reformas defendidas por esses especialistas foram suficientes para que não votassem no candidato opositor. As acusações de que o PT seria autoritário e antidemocrático contribuíram, nessa disputa, para legitimar suas posições e justificar assim o voto em uma figura de extrema-direita e com um histórico de declarações em favor da tortura e da ditadura ou ao menos o voto nulo. Esse foi um dos “casamentos” que permitiu a Jair Bolsonaro se tornar palatável para boa parte da chamada classe média.

Outro “casamento” comemorado por parte dos colunistas estudados neste trabalho foi com o juiz Sergio Moro. O grupo dos mais jornalistas, neste caso os *mainstream*, divulgou durante o período eleitoral críticas enfáticas a Bolsonaro e os receios em relação às ameaças do candidato à democracia. Ainda assim, eles acabaram equiparando os polos em disputa, como se ambos apresentassem ameaças a instituições, perfis autoritários e prejuízos equivalentes ao país; ressaltaram, ao fim das eleições, o funcionamento da democracia; e alguns elogiaram a escolha de Moro para o Ministério da Justiça como um sinal de compromisso com o combate à corrupção.

No artigo intitulado *Um voto impossível*, publicado no jornal *O Globo*, Sardenberg argumentou: “eleger Fernando Haddad é absolver Lula e condenar a Lava Jato; eleger Bolsonaro é absolver o capitão da direita radical e populista e condenar a tolerância política e moral” (SARDENBERG, 2018). Dora Kramer, que se referiu algumas vezes a Bolsonaro como “o bruto” ou “brucutu”, chegou a sugerir que ele seria “fantasma do mal maior que ronda o Brasil” (KRAMER, 2018c). Da mesma forma, classificou Haddad como “homem de formação acadêmica, por estilo pessoal e profissional comprometido com a responsabilidade social, a consciência, o intelecto e a lógica” (KRAMER, 2018b). Ainda assim, afirmou que ele estaria incorporando o seu contrário para encarnar o chefe, Lula, e se adaptar às estratégias do PT. Além disso, durante a campanha, lembrou os erros do PT de um lado e os riscos de Bolsonaro do outro. Ao final, porém, afirmou a estabilidade da democracia: “Se o país pôde resistir às tentações autoritárias de um governante de aceitação quase uniforme, por mais razão saberá bloquear tentativas arbitrárias de um dirigente fruto de ambiente marcadamente divergente” (KRAMER, 2018a).

Esse tom também foi adotado por Cantanhêde, que disse que Bolsonaro era o “novo Lula, mas às avessas”, já que esse tinha “a fidelidade cega de artistas, intelectuais e da Igreja Católica cativando um eleitorado inabalável no Nordeste e entre os de baixa renda e escolaridade” e que aquele “domina a classe média e se enraizou por todos os segmentos alavancado pelos ricos com diploma que emergiram como força política em junho de 2013” (CANTANHÊDE, 2018). Também Merval Pereira adotou argumentos semelhantes: “Haddad, aliás, escreveu um livro, justamente no ano da queda do Muro de Berlim, cujo objetivo é demonstrar que a revolução comunista de 1917 não conseguiu implantar o verdadeiro socialismo” (PEREIRA, 2018a). Fez, assim, comparações em termos dos riscos de autoritarismo, negando que o apoio ao PT representasse “a “civilidade” contra a “barbárie”” e enfatizando que essa defesa “não está conectada com a realidade da atuação política dos petistas, nem com a relação que mantém com seus adversários, que sempre foram tratados como

inimigos a serem destruídos” (PEREIRA, 2018b). Ainda assim, também foram enfáticos nas colunas publicadas durante o período em criticar a violência da campanha eleitoral promovida por Bolsonaro.

Já Fernando Gabeira contribuiu para amenizar as ameaças do capitão reformado, com quem, afirmou, ter uma “relação cordial”: “Foram 16 anos de divergência no campo dos costumes sem que se tenha perdido o diálogo. Da mesma forma, conheço quase todos os outros candidatos. Admiro sua coragem.” (GABEIRA, 2018a). Ademais, atribuiu à esquerda um dos maiores problemas das declarações de Bolsonaro: “Ao defender a tortura em nome de grandes ideais, a direita cai no mesmo equívoco da esquerda. Adota o lema: os fins justificam os meios” (GABEIRA, 2018b). Além de amenizar os riscos que ele traria à democracia, equipará-los aos do PT, também demonstrou apoio a algumas de suas propostas: “Sua proposta em segurança tem uma vantagem sobre todas as outras. Reconhece a limitação do Estado e envolve o indivíduo, que teria sua própria arma”. Para ele, porém, a solução seria um pouco diferente: “Já a critiquei e propus uma outra forma de participação social: a informação, através dos novos recursos tecnológicos. Concordamos num ponto em que os outros silenciaram: sem a adesão da sociedade, fica difícil atenuar o problema da violência” (GABEIRA, 2018c)⁴⁶.

Essa e outras afirmações de jornalistas e especialistas sobre as propostas em relação à segurança pública de Bolsonaro, mais ou menos enfáticas, demonstram que a adesão a ele não se deu apenas pela política econômica – encarnada na figura mais palatável, para essa classe média, de Paulo Guedes – ou pelo combate à corrupção – representado, para eles, por Sergio Moro. A oposição entre o cidadão de bem e os bandidos parece ter contribuído também para que essa classe média⁴⁷ embarcasse no projeto de extrema direita.

⁴⁶ Os artigos de Fernando Gabeira foram republicados no blog de Augusto Nunes, na *Veja*, demonstrando uma afinidade em termos de tomada de posição.

⁴⁷ Singer (2012), ao analisar “os sentidos do lulismo” apontou a posição dessa “classe média” na política dos governos de Lula: “Eis o motivo de o ex-presidente insistir que “nunca na história deste país...”. Irritados, os supostos “formadores de opinião” não percebem que Lula não está se dirigindo a eles e martelam a tecla de que a história não começou com Lula, o que é verdade. Contudo, ouvido vários degraus abaixo, o bordão adquire sentido distinto: Nunca na história dos mais humildes o Estado olhou tanto para eles. O relativo desinteresse de Lula pelos “formadores de opinião” significa que o deslocamento de classe tirou centralidade dos estratos médios, que eram importantes no alinhamento anterior. Nele, a esquerda organizava o proletariado e segmentos da “classe média”, notadamente servidores públicos, em torno de uma ideologia de esquerda, isto é, do discurso classista. O centro agregava as “classes médias” privadas ao redor da modernização do capitalismo, e a direita mobilizava o subproletariado contra a esquerda nos momentos cruciais. O conflito político geral era filtrado pelo debate entre os setores ilustrados.” (SINGER, 2012, p. 81-82). Nesse sentido, a perda de centralidade, os riscos de desclassificação e as expectativas frustradas podem ser apontados como fatores estruturais que deslocaram parte das classes médias para uma oposição ferrenha ao lulismo e à esquerda. Mas, além disso, a ideia de “modernização do capitalismo”, apontada por Singer, é levantada por boa parte dos colunistas aqui estudados – sobretudo os mais ligados às lógicas privatistas – desde aqueles situados no polo dos mais especialistas até os mais polemistas.

Entre os jornalistas *mainstream*, Míriam Leitão, embora também tenha ressaltado o funcionamento das instituições e a moderação dos candidatos ao final das eleições assim como tenha atribuído a ambos um “radicalismo” (LEITÃO, 2018), chegou a enfatizar que os dois candidatos não representavam polos equivalentes:

Míriam Leitão: Há muita gente que compara os dois e na verdade **eles não são equivalentes**. Jair Bolsonaro sempre teve um discurso autoritário. O PT, de vez em quando fala uma palavra aqui outra ali, ele tem declarações como declarações de grupos que apoiam a Venezuela, mas na verdade é um partido que nasceu, cresceu na democracia, ele sempre jogou o jogo democrático e governou respeitando as instituições democráticas. Ontem, Jair Bolsonaro já começou falando, mesmo tendo essa votação consagradora, ele já começou falando que, colocando em dúvida, em suspeição, o processo eleitoral e as urnas eletrônicas. É um mau sinal.

Chico: Míriam, muito obrigado. Continue aí na sua **análise incansável** dessas eleições, porque é muito trabalho.

Míriam: **Lutamos muito pelo direito de voto**. Então, no momento do voto, é um momento muito muito interessante. (BOM DIA BRASIL, 2018).

O diálogo do excerto acima, que aponta para o lugar que os jornalistas desenham para si, qual seja, o de defesa da democracia e de trabalho incansável em prol disso, diz também da imagem que todos os intelectuais midiáticos têm ou procuram transmitir de si mesmos: o de defensores da democracia. Os critérios que a definem, porém, são móveis da disputa entre esses agentes, a partir das posições que eles ocupam no espaço social, como foi possível perceber nesses dois subcapítulos, mas como também será abordado ao longo do trabalho. Nas próximas partes, me debruço sobre as propriedades sociais que definem cada um dos polos desse espaço.

PARTE II – ESPECIALISTAS E ACADÊMICOS

1 EXPERTS, POLICY MAKERS, CONSULTORES E AGENTES DO MERCADO

Eu sei do teatro, **dos meus estudos shakespearianos** e tudo. É o seguinte: você **faz tudo para plateia, para o público**, que vai aplaudir ou vaiar. E, também, como *policy maker* que eu fui, **você tem que persuadir**, tem que convencer, sobretudo, num **cargo público**, o sentido do público é porque é público mesmo, porque você está em público, você está atuando na frente de um público interessado e você tem que fazê-lo entender o que você está fazendo, **influenciá-los a gostar do que você está fazendo**. Portanto, a face pública do **profissional de economia** hoje é muito importante. Muitos economistas hoje têm esse **perfil público de alta voltagem**, porque é o jeito de participar dos **grandes debates nacionais** (Entrevista com um dos mais especialistas, grifos meus).

Nunca pretendi **ser apenas um acadêmico**; eu sempre tive uma **veia muito política**. Então, eu sempre tive **participação na imprensa**, eu sempre escrevi para jornais. Eu acredito que deva ter sido um dos primeiros a escrever na **página três da Folha**, por exemplo, **ciência política**, análise política (LAMOUNIER, 2013, grifos meus).

Os trechos acima deixam entrever algumas propriedades das posições que os mais especialistas dos intelectuais midiáticos têm no espaço social bem como as representações que mantêm sobre o papel que devem exercer. Entre a academia, a política, o mercado e o jornalismo, esses colunistas-especialistas se movem, buscando participar e influenciar o debate nacional. O trânsito entre as universidades e a imprensa complementa as ocupações nos altos cargos da burocracia estatal, as assessorias políticas, as consultorias econômicas, os negócios no setor privado, os debates em *think tanks* e as palestras pelo Brasil. Os mais especialistas dos colunistas trabalham, portanto, na construção e na divulgação de ideias e soluções possíveis para o que enquadram como os problemas econômicos, políticos e sociais do país.

Se, por um lado, eles dizem fugir da restrição aos pares da academia ou da profissão, ampliando o alcance de suas ideias; por outro, não é para os leigos que eles falam primordialmente – ao contrário, portanto, dos mais jornalistas, polemistas e militantes (ver Parte III e IV). Esses experts têm como interlocutores principais tomadores de decisão, sejam eles formuladores de políticas públicas, políticos, empresários, executivos ou mesmo jornalistas (ver subcapítulo 3.1 da Parte V). Seus artigos configuram-se como vitrines de seus pensamentos e análises, podendo atrair mais clientes para suas diferentes frentes de trabalho bem como convites para cargos importantes, seja no setor público, seja no privado:

Isso [o trabalho de colunista] **auxilia a minha atividade aqui na empresa**. Aqui é uma empresa que a gente vende a nossa capacidade técnica, a nossa capacidade de auxiliar o nosso cliente a cuidar bem do dinheiro dele. **Mas também a gente vende confiança. Ter uma presença pública, isso dá uma segurança para o cliente**. Também essa **demandas por palestrar aumenta** quando você escreve para *Folha*, escreve para um jornal que tem a importância da *Folha de S.Paulo* (Entrevista com um dos mais especialistas, grifos meus).

Se a presença no jornal confere credibilidade ao profissional, na dinâmica do jornalismo atual, a direção de uma empresa ou a ocupação de algum cargo importante gera convites e legitima a participação dessas figuras na mídia, como fonte, debatedor ou colunista (ver subcapítulo 4.2 desta Parte). Com relação íntima com jornalistas (sobretudo os mais *mainstream*), os especialistas atuam como fontes frequentes – seja como *policy makers*, que precisam conceder à imprensa informações sobre as decisões tomadas; seja como experts, prontos a fornecer explicações sobre a conjuntura política e econômica assim como avaliações sobre os rumos das políticas adotadas. Especialistas e jornalistas constroem uma relação de dependência entre si: ao mesmo tempo em que os primeiros precisam selecionar e articular as informações e os argumentos de modo a fazer com que as publicações lhes convenham, convencendo os jornalistas antes mesmo do público, os profissionais da imprensa precisam convencer os experts a compartilhar furos e explicações (ver também Parte III e o capítulo 4 desta Parte). Se os jornalistas precisam garantir as falas e fontes legitimadas no jornal, os especialistas buscam conquistar e manter a visibilidade midiática. Essa relação de cumplicidade e dependência é explicitada no prefácio escrito por Míriam Leitão para o livro do economista Gustavo Franco:

Ao longo das últimas décadas tenho vivido do lado de cá o que o autor [Gustavo Franco] viveu do lado de lá: **a relação entre jornalistas e economistas**. Foi proveitosa para ambos. Os **jornalistas** querem que haja cada vez **mais produtos**, perecíveis ou não, nas prateleiras dos **supermercados das ideias**. Estão particularmente **atentos à embalagem porque querem seduzir o consumidor de informação**. Os **economistas** eram inicialmente resistentes ao que consideravam – muitos ainda consideram – **uma pressão por simplificação de ideias complexas**. Os **que não resistiram à nossa oferta de palavras mais simples conquistaram mais leitores** para os seus textos. Os **jornalistas que se esforçaram para entender os economistas** aumentaram a **densidade da sua compreensão** dos fatos cotidianos (LEITÃO, 2006b, p. 20, grifos meus).

Quanto mais identificação se estabelece entre uns e outros, mais cumplicidade pode ser observada, a ponto de especialistas se tornarem “mestres” dos jornalistas⁴⁸. Quanto mais dominantes simbolicamente esses experts se tornam, mais facilmente conseguem impor suas visões de mundo e as representações que têm de si, dos pares e adversários nas páginas de jornais. Quanto mais prestigiados os jornalistas, mais os especialistas se valem deles em

⁴⁸ Foi assim que Míriam Leitão se referiu, por exemplo, a Mário Henrique Simonsen, no artigo que escreveu em homenagem ao economista, publicado no livro de memória *Mário* (LEITÃO, 2017, p. 198). Da mesma forma, Gustavo Franco atuou como fonte-professor, ao dar aulas sobre história econômica e hiperinflação à jornalista, em meados dos anos 1980 (LEITÃO, 2006b, p. 86). Essa relação entre economistas e jornalistas, aliás, remonta às experiências da *Gazeta Mercantil*, que foi pioneira no jornalismo de negócios e de *expertise* no país. O jornal chegou até a fazer convênios com a Unicamp e a FGV de São Paulo com a finalidade de ensinar economia aos jornalistas (MÜLLER FILHO apud ABREU; LATTMAN-WELTMAN; ROCHA, 2003, p. 233-234).

estratégias de legitimação de suas posições também como escritores e fontes. No prefácio escrito por Míriam Leitão, ela elogia ainda o “texto claro, elegante, irônico e leve” de Gustavo Franco, que seria, segundo ela, exceção entre os economistas. Escrever o prefácio do livro de Franco dá à Míriam um lugar privilegiado entre os jornalistas, assim como os elogios que direciona a ele contribuem na legitimação do economista no espaço da imprensa – em uma associação em que ambos se beneficiam relativamente, ainda que assimetricamente. Nessa relação, os especialistas também vão atuando no sentido de definir o modo correto de atuação do jornalista (ver também Parte III e subcapítulo 4.4 desta Parte):

Nessas disputas no campo da política econômica, o “alternativo” se apresenta com o mesmo estatuto da sabedoria do *mainstream* da profissão, amadores e profissionais são colocados em pé de igualdade a serviço das correntes políticas em confronto. **O jornalismo deveria ajudar o distinto público a discernir a boa da má ciência econômica, o que, infelizmente, não parece ser o que se ensina nas escolas de jornalismo, ao menos a julgar pelo manual da USP.** Passou o tempo da crítica indiscriminada e do combate à ditadura, e parece começar uma era de objetividade, de análise e de informação bem trabalhada. **O jornalista econômico precisa ser um pouco economista**, para ter discernimento e decodificar um mundo econômico cada vez mais complexo. **O economista precisa ser jornalista para alcançar a opinião pública**, melhor explicar seu ofício e persuadir. Se alguma conclusão podemos tirar, é que **as barreiras ao comércio entre as duas profissões devem ser rompidas** (FRANCO, 2003, p. 92, grifos meus).

Já em relação aos mais polemistas, os especialistas podem chegar a ser citados ou criticados, mas raramente se designam a responder. Há, porém, parcerias que também se estabelecem entre esses polos. O polemista Guilherme Fiuza já escreveu uma orelha de livro para Gustavo Franco, em *Crônicas da Convergência: ensaios sobre temas já não tão polêmicos*, assim como publicou o livro *3000 dias no bunker*, no qual se baseou o filme *Real: O Plano por Trás da História*, ambos dedicados a relatar os bastidores da criação do Plano Real e que tinham Gustavo Franco como protagonista.

Ademais, há também entre os especialistas quem, vez ou outra, acione as mesmas estratégias dos colegas que mais vivem da polêmica. Gostar de “uma boa briga” é o que, em alguns casos, os leva a entrar em embates públicos – nestes, o domínio de certo nível de “civilização”, tal como os mesmos se referem, é o que acionam como elemento de distinção em relação aos que não são dotados dos mesmos capitais. Assim, se a polêmica não é por eles negada, já que os projeta em novos debates bem como lhes amplia a visibilidade, sobretudo em tempos de redes sociais, o modo como ela se desenrola bem como os adversários contra quem se estabelece é o que lhes garante certa legitimidade. Os “debates apimentados, mas cordiais” (SAFATLE, 2019a) são a marca de distinção deste grupo. Para citar um exemplo, o livro *O valor das ideias*, organizado por Marcos Lisboa e Samuel Pessôa, com artigos publicados na imprensa contendo debates entre economistas e intelectuais, foi apresentado como “exemplo

singular de diálogo civilizado em tempos de polarização” (LISBOA; PESSÔA, 2019); “um sonho de consumo intelectual. O que mais falta no universo acadêmico brasileiro é debate sério. Ou seja, entre pessoas qualificadas, com argumentos bons, divergindo, mas se respeitando” (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Na disputa pelos termos legítimos do debate, a performance é um dos móveis centrais: aos adjetivos “civilizado”, “sério”, “qualificadas”, utilizados nos excertos acima, opõem-se “selvagem”, “fajuto”, “desqualificado” – não mencionados, mas sendo os termos antagônicos, passíveis de serem intuídos –, que seriam direcionados, portanto, a esse outro sem nome, referenciado indiretamente nos trechos. De antemão, se estabelece uma identificação entre esses acadêmicos, especialistas, intelectuais em contraposição aos que consideram não se enquadrar nesses termos. O acordo sobre aqueles com quem vale a pena debater, porém, é constantemente revisto. O livro citado acima e publicado em 2019, depois da eleição de Jair Bolsonaro reaproximou, em alguma medida, agentes fortemente distanciados no momento do impeachment de Dilma Rousseff – ou seja, a intelectualidade ligada ao PT e ao PSDB. Ademais, tendo sido publicado em meio aos discursos acerca da polarização política, os textos de apresentação do livro tentaram marcar uma oposição em relação a outros debates com presença midiática (ver Parte IV).

Mas, mesmo nos polos mais dominantes dos intelectuais midiáticos estudados neste trabalho – ou seja, os dos especialistas e acadêmicos –, há figuras que flertam com mais frequência com o tipo de polêmica menos legitimada. Em embates com outros colunistas, pares ou com políticos, partidos e instituições, os termos legítimos são mais ou menos definidos por intervenções como manifestos de repúdio ou de apoio⁴⁹, que vão buscando garantir certa liberdade de crítica – opondo-se a medidas judiciais advindas de agentes externos, por exemplo –, ao mesmo tempo em que definem os seus limites – rechaçando alusões depreciativas aos colegas – e circunscrevem os participantes autorizados desses debates. Mais ou menos acalorados, esses contenciosos em que os especialistas se envolvem, em geral, trazem os termos

⁴⁹ Para citar um exemplo, o economista Alexandre Schwartzman foi alvo de manifestos de repúdio e apoio, em 2014 e 2015. No primeiro ano, foi processado pelo Banco Central, por conta de críticas direcionadas à gestão da instituição. Recebeu, então, o apoio de um grupo de mais de 60 economistas, que assinaram uma petição exaltando os valores democráticos, o respeito à crítica e opondo-se à judicialização. Entre os assinantes estavam os economistas também estudados neste trabalho Samuel Pessôa, Gustavo Franco, Fabio Giambiagi e Luiz Gonzaga Belluzzo, segundo o site *Petição Pública* (MANIFESTO SOBRE..., 2014). Já em 2015, Schwartzman recebeu uma nota de repúdio, assinada por 154 professores e intelectuais, por ter se referido aos colegas Leda Paulani e Luiz Gonzaga Belluzzo, com quem mantinha divergências públicas, como “leitoa” e “porco”, ou “Dona Anta” e “jumentinho italiano”, respectivamente (FAGNANI, 2015). Entre os signatários do manifesto de repúdio, estava a economista Laura Carvalho, que também compõe o conjunto de colunistas estudado neste trabalho (NOTA..., 2015). O manifesto foi respondido por outros colunistas, que saíram em defesa de Schwartzman, com o abaixo-assinado *Por uma democracia sem mordaca* (RIZÉRIO, 2015).

que mediam as identificações políticas. Bastante marcante nesse polo (e no dos mais acadêmicos), por exemplo, é a oposição entre economistas ortodoxos e heterodoxos (ver subcapítulo 3.5 desta Parte), os quais protagonizam diversas divergências públicas – inclusive, por meio de suas colunas – com constantes estratégias de deslegitimação do argumento opositor ou mesmo críticas *ad hominem* mais contundentes.

Em relação aos mais acadêmicos, há movimentos de aproximação e distanciamento, já que ora os especialistas exaltam os títulos escolares e o prestígio na academia, ora procuram se distanciar dela, sendo considerada como “fechada em si mesma, enclausurada”:

Entrevistado: A vida universitária é uma vida de pequenas rivalidades, que se disputam por poderes inexistentes.

Allana: Isso incomodava?

Entrevistado: Na época, até me engajei nesse troço, mas você briga por bobagem. Desculpa, por bobagem. Depois que eu tive a experiência em Brasília, pelo menos aí, tu estás brigando por alguma coisa que... é o destino do país né. Se você negocia com os militares, negocia a Reforma Trabalhista, se você negocia com os meios de comunicação, você está no meio do que acontece no país, você tem voz nos destinos no país. Agora, que voz você tem disputar a coordenação de pós-graduação ou a chefia de departamento? É um troço que não tem o menor sentido. Mas as pessoas vivem nisso o tempo todo, e eu também. Felizmente, eu saí disso e tenho visão crítica disso (Entrevista com um dos mais especialistas).

A crítica ao enclausuramento e às disputas internas se soma ao diagnóstico de que as universidades públicas estariam dominadas pelo pensamento partidário e de esquerda (ver subcapítulo 3.2 desta Parte). A partir dessa crítica, também se estabelece uma contraposição em relação aos acadêmicos – ora criticados por não saírem da “torre de marfim”; ora classificados como ideológicos ou partidários. Assim, a figura do especialista vai sendo associada na imprensa a expressões como “intelectual híbrido” (TREFAUT, 2013), “tradutor qualificado da política” (DUBEUX et al., 2016), agentes capazes de “influenciar as cabeças das pessoas comuns” (CAIXETA, [1996?]). Em suas atividades de *policy makers* e consultores, esses agentes acumulam capital de relações sociais, informações sobre o funcionamento da máquina pública, sobre os interesses do mercado bem como sobre o perfil de empresários, políticos e outros decisores que os colocam na posição de analistas privilegiados, tanto para clientes como para a imprensa (ver capítulo 4 desta Parte). Ao mesmo tempo, os capitais acadêmicos e os elementos que compõem a imagem de “intelectual” – tais como uma extensa biblioteca, o domínio da teoria, a postura mais solitária etc. – são também frequentemente mobilizados, nas entrevistas que concedem, no intuito de legitimar suas falas no mercado de opiniões.

1.2 PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E “INTELECTUAIS PÚBLICOS”

Eu, efetivamente, **sou uma intelectual**. Sendo uma intelectual, eu considero que a melhor maneira de se participar da atividade política é através de **intervencões**

públicas, debates, polêmicas, participação nas atividades de discussão do partido, mas eu não tenho nenhuma vocação para atividade administrativa. Foi um sacrifício para mim, foi muito complicado, foi muito difícil e não é o meu lugar. Eu não faço nem com gosto nem com prazer (CHAUI, 1999, grifos meus).

Ao contrário de vários membros de governos que, ao deixarem seus cargos, **montam empresas de consultoria**, Singer voltou ao emprego anterior. “Eu sempre ambicionei **fazer uma carreira universitária e intelectual** consistente e tenho me esforçado para isso”, diz ele. A experiência de permanecer por quatro anos no núcleo do governo é descrita como “um **aprendizado espetacular** para se entender como funciona, na prática, a Presidência da República” (SINGER, 2016a, grifos meus).

Os dois excertos acima expressam uma diferença central nas posições que acadêmicos e especialistas ocupam no espaço social. Enquanto estes se afirmam como “intelectuais híbridos”, que circulam entre as faculdades privadas, a burocracia estatal, as empresas e agências de consultoria, os acadêmicos dedicam suas carreiras à universidade pública, ainda que com breves experiências fora dela (ver capítulo 4 desta Parte). Os especialistas – sejam eles economistas, cientistas políticos ou filósofos – guardam afinidades com a atividade administrativa, enquanto os mais acadêmicos fazem questão de demonstrar seus descontentamentos ou mesmo suas inaptidões e seus desconfortos nessas funções. O circuito de atuação dos mesmos se estabelece entre a universidade pública, a imprensa, os debates, os partidos e algumas experiências em cargos políticos.

Além de colunistas de jornal, comentaristas de rádio e televisão, esses acadêmicos também estabelecem interlocuções consistentes com um grupo de jornalistas, sobretudo os mais alinhados à esquerda, entre eles, os apartados da mídia tradicional, que mantêm blogs e portais na Internet (ver subcapítulo 4.1 da Parte III). Mas também figuram com certa frequência nos grandes jornais, não exatamente como os especialistas, acionados no intuito da explicação conjuntural – com constância mais elevada nas páginas de mercado e política –, mas, principalmente, em cadernos de cultura, em debates, entrevistas e resenhas⁵⁰ (ver capítulo 4 desta Parte).

A experiência ou a militância política desses agentes aparecem sempre ligadas à trajetória intelectual e de pesquisa: “É uma trajetória intelectual e política ao mesmo tempo. (...) no meio intelectual, poucos militam; e na prática política, poucos têm uma atividade teórica e

⁵⁰ Foi feito um levantamento das menções aos colunistas-especialistas e aos colunistas-acadêmicos nos acervos dos três principais jornais generalistas do país: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Verifiquei o volume de citação em cada década e as páginas em que são mais citados. O levantamento não foi exaustivo, já que não considerei possíveis variações dos nomes nem conferi uma vasta quantidade de matérias para me certificar de que se tratava exatamente dos colunistas aqui estudados, mas a busca por meio dos sobrenomes usualmente utilizados em suas colunas e nas matérias e entrevistas que analisei mais detidamente reduzem a margem de erro. Além disso, são poucos os que possuem nomes mais comuns, passíveis de se repetirem para outras figuras. Desse modo, com o intuito de explorar o objeto, os dados levantados apontam para a tendência explicitada no parágrafo acima.

intelectual. Eu tento combinar os dois” (Entrevista com um dos mais acadêmicos, 2020). Por outro lado, esses acadêmicos fazem questão de marcar certa distância entre esta prática política e o exercício do poder, no intuito de afirmar suas independências intelectuais. Para citar um exemplo, em entrevista ao *Roda Viva* de 1999, Marilena Chaui foi questionada por Reinaldo Azevedo sobre a compatibilidade entre a atividade intelectual e o poder. Ao que ela respondeu:

Marilena Chaui: [...] Não são compatíveis. Não são compatíveis porque o poder exige de você a velocidade da ação, e da ação eficaz, e a impossibilidade da reflexão. **Enquanto a vida intelectual, primeiro, ela não deseja poder nenhum e ela tem uma lógica e um tempo próprios que não são incompatíveis com a ação...** não são, de maneira nenhuma, incompatíveis com a ação política, com uma vida política. Mas elas **são incompatíveis com o exercício do poder**, pela lógica e pela velocidade da ação que é requerida a cada instante sob a forma de táticas para cumprir uma estratégia [...].

Reinaldo Azevedo: A senhora conseguiu ser uma **intelectual no poder**?

Marilena Chaui: De jeito nenhum! E nem pretendi. Nem pretendi. Sabia que não havia nenhuma possibilidade. Tanto é que, quando eu era entrevistada na época da Secretaria de Cultura, enfatizava-se muito o fato de eu ser uma intelectual. Eu dizia: “É um engano, é um engano. A lógica da atividade governamental e a dinâmica do exercício do poder não têm nada a ver...” (CHAUÍ, 1999, grifos meus).

Destaco este trecho a fim de ressaltar as lógicas diferentes que movem especialistas e acadêmicos. Para os experts, a independência estaria ligada ao afastamento da militância, e os cargos na burocracia estatal ou a proximidade com certos poderes políticos e econômicos não demonstrariam vinculações políticas; para os mais acadêmicos, é esse poder que os afasta da independência e não o exercício da militância. Assim, uns e outros tentam legitimar suas formas de prática política, a partir das posições que ocupam e dos espaços pelos quais circulam, disputando os critérios de independência intelectual.

Além da proximidade com a militância, os acadêmicos também figuram em diversas polêmicas públicas – assim como os especialistas. Se, em certos contextos, tais termos (militância e polêmica) assumem conotações depreciativas (ver Parte IV), em outros, eles não aparecem como apartados do mundo intelectual, do prestígio nas áreas de estudo, da carreira acadêmica consagrada. Mas, nos polos e espaços mais dominantes, os limites dessas práticas (militantes e polemistas) têm definições mais estritas. Esses agentes, portanto, promovem constantes embates para definir os interlocutores e parâmetros legítimos. O artigo *Sem resposta*, escrito por Vladimir Safatle em reação aos ataques feitos pelo colunista Reinaldo Azevedo (mais próximo do polo dos mais polemistas deste trabalho), ilustra certos movimentos nesse sentido:

“**O estilo é o próprio homem.**” Essa frase do conde de Buffon, enunciada à ocasião de sua entrada na Academia Francesa, merece ser levada a sério. Ela nos lembra como determinados homens sabem que nada lhes é mais importante do que **conservar um certo tom**, uma forma que aparece, sobretudo, na palavra escrita. Eles sabem que, se perderem tal forma, **trairão o que lhes é mais importante, a saber, um modo de ser**. Isso talvez explique porque eles nunca responderão a situações nas quais a palavra

escrita resvala para o pugilato, **nas quais ela flerta com as cenas da mais tosca briga de rua com seus palavrões e suas acusações “ad hominem”**. Seria, simplesmente, ignorar a força seletiva do estilo. **Ele aproxima certas pessoas, mesmo que suas ideias sejam radicalmente antagônicas, assim como afasta definitivamente outras** (SAFATLE, 2011, grifos meus).

A despeito das diferenças em termos de posicionamento, o domínio de certo tom é acionado tanto por acadêmicos como por especialistas como meio de delimitar o espaço daqueles aptos a participar do debate legítimo. As diferenças em termos de estilo relacionam-se, assim, não somente às oposições de ideias, mas também aos mecanismos de distinção social, separando alguns agentes e unindo outros. Nessas batalhas, os dominantes têm maior eficácia simbólica na definição das regras e no estabelecimento das fronteiras, as quais nunca são aceitas de forma pacífica pelos excluídos ou dominados. Da mesma forma, quando agentes externos tentam influenciar os contornos de tal espaço bem como delinear os critérios válidos, o conjunto se une e reage, por meio de manifestos e notas de apoio ou repúdio⁵¹.

Por outro lado, há também controvérsias que se desenvolvem entre acadêmicos e ganham as páginas dos jornais. No artigo *Reconstruir a Esquerda*, Ruy Fausto escreveu: “Para além dos velhos laços de amizade e de lealdades acadêmicas, é preciso afirmar com todas as letras: o discurso político de Marilena Chaui tem representado uma verdadeira catástrofe para a esquerda”. O texto foi publicado originalmente na *Revista Piauí*, em 2016, e republicado no livro *O valor das ideias*, organizado pelos economistas Samuel Pessôa e Marcos Lisboa (FAUSTO, 2019, p. 54). O artigo de Fausto mobilizou a reação dos colegas de departamento

⁵¹ Para citar um exemplo, um conjunto de intelectuais – incluindo Vladimir Safatle, também estudado neste trabalho – assinou um manifesto em defesa de Emir Sader quando este foi condenado por injúria em processo iniciado pelo senador Jorge Bornhausen, presidente do PFL. Em 28 de agosto de 2005, Sader publicou o artigo *O ódio de classe da burguesia brasileira*, na *Agência Carta Maior*, onde rebatia as declarações proferidas pelo senador em uma palestra em São Paulo. No contexto do mensalão, ao ser questionado por uma integrante da plateia se estava desencantado com tudo que estava acontecendo no Brasil, Bornhausen respondeu: “Desencantado? Pelo contrário. Estou é encantado, porque estaremos livres dessa raça pelos próximos 30 anos” (BORNHAUSEN, 2005). O artigo de reação de Emir Sader incluía adjetivações como “fascista”, “direitista”, “adepto das ditaduras militares”, “racista”, “repulsivo”, “odioso”, “pessoa abjeta”, “explorador” e “assassino de trabalhadores” (CARVALHO, 2006a; SADER, 2005), rendendo-lhe um processo judicial e a condenação a um ano de prestação de serviços à comunidade, além da perda do cargo de professor na UERJ – condenação mais tarde revertida. O manifesto em defesa de Sader destacava o ataque à “livre-expressão”, a criminalização do “pensamento crítico” e a “ameaça à autonomia científica”. O caso ganhou reações também por parte do jornalismo. O editor de “Brasil” da *Folha de S. Paulo* à época, Fernando de Barros e Silva, publicou um artigo no jornal comentando a polêmica, o qual foi intitulado *Zero à esquerda*. No texto, apesar de qualificar a sentença como “absurda”, ele afirmou que “como intelectual, Emir Sader é um zero à esquerda”, além de dizer que “a reeleição de Lula destampou a sanha vingativa de parte do baixo clero petista e reacendeu a tentação autoritária que ronda certos áulicos do Planalto, no governo e na mídia. A esquerda intelectual deve estar muito ocupada com a defesa de Sader” (SILVA, 2006). O contencioso ainda resultou em uma reação do Ombudsman da *Folha*, com artigo com título *Opiniões e direitos* e subtítulo “O episódio Sader é outro capítulo do enfrentamento que marca a relação cada vez mais tensa entre imprensa e petistas” (BERABA, 2006). Esse episódio demonstra, portanto, os embates que envolvem posições partidárias, agentes da imprensa e acadêmicos, evidenciando a circulação de tais polêmicas bem como a delimitação das relações de cumplicidade e conflito entre imprensa, partido e universidade.

da filósofa, com o texto *Um frágil diagnóstico sobre Marilena Chaui e as esquerdas*, publicado na revista *Cult*, de novembro de 2016 (SANTIAGO et al., 2016). Além disso, a crítica abriu também ao economista Samuel Pessôa a possibilidade de endossá-la, demonstrando como Marilena Chaui configura-se como um alvo recorrente entre os agentes de diferentes polos estudados neste trabalho⁵²:

O professor da USP chama atenção, em particular, para a **agressiva estratégia** de avestruz adotada por sua colega Marilena Chaui. Com relação a Chaui, o que me impressiona é o **grau de ódio e de intolerância** que ela nutre por quem não pensa como ela. Se a revolução leninista dos anos 1960 tivesse sido vitoriosa no Brasil, não seria difícil **imaginar a filósofa na linha de frente dos responsáveis por selecionar quem deveria ser mandado para algum gulag nacional** – um campo que, em vez da Sibéria, teria lugar em qualquer ponto longínquo da floresta amazônica. De uniforme cáqui, ao estilo castrista, Marilena Chaui comandaria um grande centro de triagem na Estação da Luz. Com sua enorme capacidade de reconhecer, pelo olhar, desvios pequeno-burgueses, ela separaria na fila as pessoas que deveriam ser levadas de trem para nosso gulag equatorial (PESSÔA, 2019, p. 91, grifos meus).

Além disso, Pessôa, tomando como base o artigo de Fausto, afirmou que o “oposto ideológico” seria composto por “pensadores e figuras midiáticas”, como Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé, também abordados pelo filósofo da USP. Nesse mesmo sentido, a controvérsia entre dois sociólogos, Jessé Souza⁵³ (professor da UFABC, parte do meu *corpus* de análise) e Ruy Braga (professor da USP), chegou em comparações semelhantes. Iniciada nas redes sociais, abordada pela imprensa – como a *Revista Piauí*, em matéria intitulada *Duelo na rede* – e com o convite a um debate nas universidades como desfecho final, o contencioso teve como auge a afirmação de Ruy Braga, em 22 de outubro de 2017: “Tá bom... Tá bom... O cargo de ‘Olavo de Carvalho da esquerda’ já está ocupado. Retificando, então: Jessé está a um passo de se transformar no Leandro Narloch da esquerda brasileira” (BRAGA apud SAYURI, 2017).

⁵² É interessante ressaltar que Marilena Chaui, dentre os nomes aqui estudados, é provavelmente a figura que mais consagração tem hoje no campo específico em que se insere – qual seja, o da Filosofia – e, consequentemente, menor dependência dos embates ou da presença midiática. Digo “provavelmente” porque não me debruço, nesta pesquisa, sobre a posição dos agentes em seus campos específicos, embora, é claro, eu tenha também levantado indícios nesse sentido. Apesar de outros nomes também serem reconhecidos em suas áreas específicas – como a economia ou a ciência política –, Marilena conjuga posições de prestígio, reconhecimento dos pares nacional e internacionalmente, obra referencial na área de Filosofia e o maior número de citações acadêmicas entre os agentes aqui estudados. Sua inserção no *corpus* de análise se deu, aliás, pela constante citação que recebe de outros colonistas e por suas atuações mais frequentes na mídia em anos anteriores. Sua posição de prestígio no campo intelectual parece ter como consequência os ataques recorrentes no mercado de opiniões midiático.

⁵³ Na entrevista que realizei com Jessé Souza, por exemplo, ele ressaltou tanto o reconhecimento de pares estrangeiros como principal elemento de consagração – em oposição aos prêmios acadêmicos ou literários, como o Jabuti – assim como a importância de atingir as classes populares. Excluindo de seus critérios os pares brasileiros, dos quais têm recebido recorrentes críticas, ele prefere acionar sua circulação acadêmica internacional associada à sua popularização no Brasil como forma de garantir sua legitimidade.

Tomo esses dois exemplos de polêmica porque eles parecem revelar um aspecto importante na relação entre os diferentes polos estudados neste trabalho. Em primeiro lugar, revelam o fato de que os mais acadêmicos dos intelectuais midiáticos são alvos frequentes de todos os outros polos (inclusive, de pares da academia). A comparação com polemistas é realizada, em ambos os casos, como forma de crítica e detração. Essas disputas, reverberadas na grande imprensa (com destaque na *Revista Piauí*) e nas redes sociais, demonstram a introdução de efeitos midiáticos nas lutas específicas do campo acadêmico. Para os envolvidos, o efeito de tais embates se expressa no âmbito de suas próprias disciplinas, podendo rebaixá-los, a depender do nível de reconhecimento interno que já detêm; por outro, os projetam em alguma medida no debate público. Para manter suas posições de “intelectuais públicos”, eles precisam equacionar o prestígio diante dos pares e a aceitação dentro da academia e, ao mesmo tempo, o alcance de suas ideias, sob o risco de ou se afastarem da arena midiática ou serem rebaixados à categoria de meros polemistas. Já para os polemistas citados, a referência feita pelos intelectuais com maior legitimidade, por um lado, os coloca na disputa, por outro, os mantém rebaixados e excluídos da interlocução direta.

Ademais, embora a atividade acadêmica seja privilegiada pelos colunistas-acadêmicos, eles também tentam se distanciar da imagem de intelectuais enclausurados. Entre o desejo de participar do debate público e o de desenvolver uma “carreira universitária e intelectual consistente”, eles tentam fugir da pecha de “intelectuais da torre de marfim”, mas também da de “intelectuais midiáticos” – classificações acionadas nas disputas frequentes do campo intelectual.

Antônio Abujamra: Você é **um filósofo da mídia**? Você fala a língua do povo?
 Vladimir Safatle: Ah... Não... [vacilação]. Mas acho que essa não é a questão. Talvez, a questão é em que condições você é capaz de fazer com que uma ideia circule dentro do tecido social. E, muitas vezes, essa circulação pode servir-se de vários espaços, desde **a imprensa até a própria universidade**. Então, nesse sentido, todo filósofo fala, de uma certa maneira, a língua do povo (SAFATLE, 2013, grifos meus).

Quanto às lutas entre os colunistas estudados nesta parte do trabalho, se os mais especialistas direcionam críticas à universidade e sua suposta ideologização, utilizando, portanto, as afinidades políticas dos acadêmicos como forma de avaliação, os colunistas-acadêmicos também se opõem aos especialistas, vistos como agentes do mercado. Assim, se especialistas e acadêmicos mantêm relações de oposição, concorrência e cumplicidade com jornalistas, polemistas e militantes, eles também o fazem entre si. Os dois polos estudados nesta parte guardam, porém, algumas semelhanças em termos de posições ocupadas no espaço social e de origens familiares.

2 ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA

Embora façam parte de diferentes gerações e guardem distinções em termos de origem social, os mais especialistas e mais acadêmicos dos colunistas se aproximam entre si e se distanciam dos mais jornalistas, polemistas e militantes justamente pela centralidade dos capitais escolares enquanto meios de ascensão ou reprodução social. A maioria dos nomes que compõem esse conjunto é filha de pais com diplomas de ensino superior – ou mesmo neta de avós diplomados –, que seguiram carreiras de professores universitários ou profissionais liberais – como medicina, advocacia e engenharia. Considerando os índices de escolaridade no país ainda hoje⁵⁴, o fato de virem de famílias com histórico de acesso ao ensino superior demonstra a posição social relativamente privilegiada de que dispuseram – ao contrário de parte dos mais polemistas e militantes, por exemplo.

De famílias com origens majoritariamente urbanas, com avós ou pais imigrantes de diferentes nacionalidades⁵⁵ ou migrantes do Norte e Nordeste do país, esses especialistas e acadêmicos nasceram e viveram, em sua maioria, nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo, em bairros de classe média e classe média alta. Apenas o cientista político Bolívar Lamounier teve uma infância no ambiente rural, embora já na adolescência tenha se mudado para a capital mineira, Belo Horizonte.

Com irmãos que também seguiram o percurso universitário, os especialistas e acadêmicos fazem parte, em linhas gerais, de herdeiros dos relativos capitais econômico, social, cultural e/ou político, acumulados pelos progenitores e familiares. A entrada na universidade, sobretudo para os mais jovens, foi, portanto, um caminho tido como “natural”. As escolas privadas e religiosas de elite foram importantes na formação cultural de várias dessas figuras, possibilitando que, assim, elas pudessem acumular trunfos para além daqueles disponíveis no seio de suas famílias. Dessa maneira, a ascensão ou a manutenção econômica dos pais garantiram o investimento na formação escolar de seus herdeiros – e as escolas católicas e judaicas ofereceram justamente esta formação, possibilitando a socialização de tais alunos

⁵⁴ De acordo com dados da PNAD Educação 2019, do IBGE, em 2019, 51,2% da população brasileira com 25 anos ou mais não tinham concluído o ensino médio – desses 6,4% eram sem instrução, 32,2% tinham ensino fundamental incompleto, 8% tinham o ensino fundamental completo e 4,5% tinham o ensino médio incompleto. Apenas 17,4% das pessoas tinham ensino superior completo (AGÊNCIA IBGE, 2020).

⁵⁵ Na década de 1920, havia uma predominância dos imigrantes, principalmente italianos, em São Paulo, sendo que dois terços da população eram estrangeiros ou filhos de imigrantes, ultrapassando 30% dos habitantes da cidade (DEAN, 1971, p. 58 apud LIMONGI, 2001, p. 141; RODRIGUES, 1966, p. 22 apud LIMONGI, 2001, p. 141). Miceli aborda a inserção dos filhos desses imigrantes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP assim como na Escola Livre de Sociologia e Política. Além da maioria italiana, havia também aqueles de origem japonesa, espanhola e árabe. Ademais, havia em ambos os cursos, um número considerável de estudantes judeus, entre 1936 e 1955 (MICELI, 2001a, p. 94-95).

dentro dos valores e hábitos de uma certa elite⁵⁶. Nessas escolas, não apenas adquiriam gostos, costumes e valores, mas também uma rede de relações sociais.

Para os filhos dos agentes aqui estudados ou para os mais jovens entre eles, uma das estratégias de reprodução e acumulação – em vez do investimento nas instituições religiosas – foi a escolha por escolas bilíngues ou estrangeiras, quando não a experiência internacional antes mesmo do ingresso nas universidades (ver também subcapítulo 3.1 desta Parte). Há também, sobretudo entre os mais velhos, os que estudaram em grupos escolares, considerados de qualidade – seja porque viveram em cidades pequenas, seja pelas condições econômicas da família, seja por uma ideologia dos pais. De todo modo, a escola pública era complementada pela influência cultural e política dos familiares, pelo convívio com intelectuais próximos aos parentes e pelo investimento em complementos, como os cursos de línguas.

A educação artística dos pais ou irmãos assim como dos próprios é outro elemento presente entre as propriedades sociais desses agentes que, assim como engendra determinados estilos de vida, contribui para forjar afinidades sociais e políticas. Do mesmo modo, a educação política familiar, a militância estudantil e a associação com partidos políticos dos avôs, tios, pais e irmãos – ou a oposição a eles – também atuam como estratégias de socialização, reprodução ou ascensão social bem como de construção de identificações políticas e modos de vida.

Algumas diferenças, porém, vão sendo observadas entre as diferentes gerações que compõem o conjunto de especialistas e acadêmicos bem como entre esses dois polos. Para os mais novos, o ensino privado foi se tornando regra assim como os investimentos em língua estrangeira; para os mais velhos, a militância política e a religião católica são dois elementos mais recorrentes. Os mais jovens são oriundos de famílias mais bem estabelecidas econômica e culturalmente, mas convivem com um ambiente intelectual e acadêmico mais descentralizado em termos geográficos.

Entre os acadêmicos e especialistas, algumas diferenças também podem ser traçadas. Os mais acadêmicos vêm de famílias mais politizadas, com um capital de militância acumulado, havendo filhos de exilados políticos, ex-guerrilheiros ou parentes que exerceram cargos na burocracia estatal; a religião, sobretudo católica, é apontada por alguns dos mais velhos como o ponto de partida para o desenvolvimento de certo humanismo e solidariedade com os menos abastados. Já os mais especialistas ressaltam o afastamento da família em relação à política;

⁵⁶ Alguns trabalhos abordam a socialização das elites nos colégios católicos, tais como: Chaves (2008); Chaves (2010/2011). No trabalho de Klüger (2017), o papel dessas escolas também fica evidente a partir da trajetória dos economistas e outros membros da elite dirigente do país.

quanto à religião, embora possam ter estudado em alguma escola católica ou judaica, sua influência é relatada no máximo do ponto de vista da tradição cultural ofertada; vários deles apontam, inclusive, para a ausência de qualquer importância, além de se considerarem ateus, agnósticos ou sem religião (o que também passa a crescer entre os acadêmicos mais jovens e é mais frequente entre os economistas) – como exceção, dois dos mais especialistas seguem enquanto religião o judaísmo e o luteranismo.

Por fim, em termos de capital econômico, as famílias dos especialistas têm maior acúmulo, já que compostas por avôs e pais com profissões de prestígio e/ou até mesmo com empresas de alto investimento e rendimento, como bancos. Dados sobre o estilo de vida também apontam nesse sentido, de modo que esses mais especialistas também foram responsáveis por reproduzir ou elevar o capital econômico familiar. Enquanto isso, em relação aos especialistas, os acadêmicos herdaram mais capital cultural do que econômico. Embora as famílias de ambos os subgrupos tenham acumulado relativo capital de relações sociais, entre os mais acadêmicos, as relações com escritores, jornalistas e professores universitários – sociólogos e filósofos – são mais citadas; enquanto os mais especialistas vêm de famílias que dominam a interlocução com economistas ligados aos governos militares e com grandes empresários ou banqueiros.

“Eu fui educado em **música erudita** quando eu estava no seminário (...). De todos, eu gosto mais de Bethoveen, mas gosto de Mozart também, Brahms, Stravinsky, que é de outra geração, Weber. **Gosto muito de ópera**, sobretudo, Turandot” (Entrevista com um dos mais acadêmicos).

“Eu tenho um **gosto muito amplo**. Olhando, assim, pelo que eu tenho nos meus playlists aqui de música, tem muito **clássico, jazz, tem tudo**” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Eu gostava muito de ir à Europa, **Paris**, que é a cidade que eu mais gosto no mundo (...). Gostava, no caso de Paris, de ir ao **cinema, ao teatro** fui, não só em Paris, em Londres também. Gosto de **Londres** também. Cinema, teatro e a gastronomia né, no caso da França, porque na Inglaterra não dá para gostar de **gastronomia**” (Entrevista com um dos mais acadêmicos).

“Eu viajo muito. **Os destinos habituais são Paris e Londres**. Londres tem muita **gastronomia**... sobretudo em Londres, **tem o teatro**, que eu gosto muito. No capítulo cultural, aí eu tenho uma **paixão pela literatura**, escrevi várias coisas com base nisso e **uma dessas paixões tem a ver com Shakespeare**. E, na Inglaterra, sempre tem rolando alguma coisa no assunto, que só se acha lá” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Joguei muito futebol, quando era... desde os 10 anos de idade, até um pouco antes... Eu jogo futebol em time organizado mesmo. **Joguei (...) no time do grupo escolar (...). Eu tinha paixão por jogar futebol**. (...) Joguei no time da faculdade, joguei 20 anos na várzea.” (Entrevista com um dos mais acadêmicos).

“O senhor pratica algum esporte?

Pratico sim. **Tênis e caça submarina**, já não mais, a idade já não me permite. Esses foram os esportes que, em algum momento da vida, eu competi. (...)

“O senhor costuma acompanhar partidas de futebol?

Sim. Meu pai foi sempre muito ligado ao Botafogo. Eu herdei esse problema. (...)

Acompanha em casa ou no estádio?

Em casa. Já não vou mais ao estádio.

Mas costumava ir?

Quando criança, sim. Meu pai era um entusiasta, **ele tinha essas cadeiras perpétuas no Maracanã** e, então, nós íamos sempre ao Maracanã, nessas cadeiras. Quer dizer, as cadeiras perpétuas foram vendidas no momento da construção do Maracanã, ele comprou um monte. Então, toda minha juventude eu fui ao Maracanã nessas cadeiras” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Meu pai tem uma casa de praia em São Sebastião. **Eu sempre velejei muito.** Eu adoro velejar.” (Entrevista com um dos mais especialistas).

A menção à música clássica, à leitura e ao teatro assim como a referência a Londres e a Paris como destinos preferidos estão presentes nos relatos dos mais acadêmicos e especialistas. A formação cultural proporcionada pelos colégios católicos e de elite bem como os investimentos familiares nas estratégias de distinção cultural se correlacionam com tais expressões de gosto. Já as práticas esportivas marcam mais fortemente a assimetria em termos de capital econômico e social, com preferências que colocam em evidência a distinção social⁵⁷. Nesse sentido, enquanto alguns elementos de gosto – quanto mais legítimo for o domínio – se relacionam mais fortemente com o capital escolar, outros – relacionados a domínios menos legítimos – estão mais relacionados à trajetória social e à estrutura do capital (BOURDIEU, 2015a, p. 83-84).

⁵⁷ Para trabalhos sobre gosto cultural e distinções de classe no Brasil e na França contemporaneamente, ver PULICI; FERNANDES, 2019.

Tabela 11 - Origens sociais dos mais especialistas e mais acadêmicos

Nomes	Ano de nascimento	Cidade de nascimento	Profissão dos avós	Origem dos Pais	Origem das mães	Profissão Pai	Profissão Mãe	E. Superior Pai	E. Superior Mãe	Militância, atuação e participação política da família	Religião da família	Escola
Alexandre Schwartzman	1963	São Paulo	Avô materno era médico e avó, professora primária; avós paternos tinham uma alfaiataria e uma loja de roupa (imigrantes da Rússia e Argentina)	Campina Grande (PB)	São Paulo / Franca (SP)	Advogado	Nutricionista	Direito	Nutrição	Família afastada da política	Judaísmo	Escola privada e judaica
André Singer	1958	São Paulo	Avós imigrantes (Áustria). Avô materno era engenheiro químico e avó, advogada. Os avós paternos eram pequenos comerciantes	Viena (Áustria)	Paris (França)	Economista; professor titular da USP; secretário do Planejamento do município de São Paulo na gestão de Luiza Erundina (1989-1992); titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego, no governo Lula	Socióloga	Graduação em Economia e Administração (USP); Doutorado em Sociologia (USP)	Ciências Sociais (USP)	Avós maternos eram do Partido Comunista Austríaco. Pai foi ativista sindical (liderando a histórica greve dos 300 mil de 1953); fez parte do PSB e participou da fundação do PT	Judaísmo	Escolas privadas (Equipe). Passou por escola religiosa e pública
Bolívar Lamounier	1943	Dores do Indaiá	Avós eram pequenos agricultores	Itapepecirica (MG)	Estrela do Indaiá (MG)	Pequeno proprietário rural; negociante de fazendas; dono de armazém	Professora primária rural	Sem diploma	Sem diploma	Família ligada ao PSD, participante da política local.	Catolicismo	Escola pública e privada (curso técnico)

Denis Rosenfield	1950	Porto Alegre	Avós imigrantes (Polônia, Turquia e Rússia). Avós eram pequenos comerciantes e avós eram donas de casa	Cachoeira (RS)	Porto Alegre (RS)	Comerciante (loja de material de construção)	Dona de casa	Economia	Sem diploma	Família afastada da política: “Detestavam isso”	Judaísmo (Denis é praticante)	Escola privada judaica
Emir Sader	1943	São Paulo	Avós imigrantes (Líbano). Avós eram pequenos comerciantes e avós eram donas de casa	Líbano	Bragança (SP)	Mascate; comércio de roupas	Professora de piano; comércio de roupas	Sem diploma	Sem diploma (tios maternos eram médico e sociólogo)	Tio, Aziz Simão, era militante socialista, vinculado ao PSB	Catolicismo	Escolas públicas
Fabio Giambiagi	1962	Rio de Janeiro	Avós imigrantes (Itália e Uruguai). Avô materno era comerciante e o avô paterno era funcionário da Rede Ferroviária Federal. Avós eram donas de casa – a materna estudou psicologia tardiamente	Buenos Aires (Argentina)	Buenos Aires (Argentina)	Professor universitário – Química	Professor universitário – Física	Doutorado em Química (UBA)	Doutorado em Física (UBA)	Pais eram ativistas na política científica da Argentina. Foram cassados pela ditadura argentina e exilados no Brasil. Um tio foi sequestrado pela ditadura, mas reapareceu.	Agnósticos de terceira geração	Escola Pública
Fernando Schüler⁵⁸	1965	Porto Alegre				Professor de História e Teologia					Luteranismo	

⁵⁸ Informações encontradas em entrevistas publicadas na imprensa: MELLO, 2014; MARASCIULO, 2017.

Gustavo Franco	1956	Rio de Janeiro	Avós maternos eram de uma prestigiosa família mineira, Otoni. Avós paternos, do Amazonas e Ceará, eram comerciante e professora primária	Itacoatiara (Amazonas)	Teófilo Otoni (Minas Gerais)	Começou a carreira no Banco do Brasil. Foi jornalista. Tornou-se amigo e assessor direto do presidente Getúlio Vargas. Foi chefe de gabinete de dois ministros da Fazenda – Gastão Vidigal (1946) e Horácio Lafer (1951-1953) – e participou da fundação do BNDE, escrevendo seu estatuto e integrando a sua primeira diretoria. Foi sócio do Banco Garantia	Dona de casa	Contabilidade	Sem diploma	Pai era amigo próximo de Getúlio Vargas	Catolicismo	Escola privada (Colégio São Vicente de Paulo e Sion)
Jessé de Souza	1960	Natal	Avô materno era barbeiro e avô paterno era mestre de escola. Avós eram donas de casa	Palmares (Pernambuco)	Currais Novos (Rio Grande do Norte)	Militar; comerciante; montou um negócio e faliu; ficou desempregado e conseguiu emprego como caixa de banco	Funcionária pública – Escrevente do Poder Judiciário	Sem diploma	Sem diploma	Tios foram prefeito de Natal e senador (pela Arena)	Pai era espírita e a mãe não tinha religião, mas misturava catolicismo com umbanda	Escola privada (Colégio Marista)
Laura Carvalho	1984	São Paulo	Avô materno era executivo em empresa multinacional. Avô paterno era caixeiro viajante e avó era	Interior do Maranhão	Recife (Pernambuco)	Jornalista (jornais, ONGs); foi secretário especial do Ministério do Meio Ambiente nos governos de Lula e Dilma	Professora universitária na Unirio	Filosofia (Paris Nanterre - França)	Matemática na UFPE; mestrado no IMPA; doutorado	Pai fez parte do MEP, foi exilado durante a ditadura e participou da criação do PT. Mãe	Avós católicos e pais ateus	Escola privada, bilíngue (Liceu Molière)

			funcionária pública do BNDES (formada em contabilidade e direito)						o na UERJ	também já foi do PT		
Luiz Gonzaga Belluzzo	1942	São Paulo	Avô materno era fazendeiro que quebrou na crise de 1929 e avô materna tinha uma pensão, que acolhia estudantes. Avô paterno era cobrador de impostos	Bariri (SP)	Guaíra (SP)	Juiz	Professora Primária	Direito (Faculdade de Direito de SP)	Normalista	Pai foi do PRP na faculdade; depois, tornou-se getulista	Catolicismo (Belluzzo chegou a pensar em ser padre)	Escola pública e privada (São Luiz e Santo Inácio)
Marilena Chauí	1941	São Paulo	Avô materno era juiz de paz, ligado ao PRP. Família paterna era árabe. Avô paterno era professor de literatura árabe e de literatura francesa no Colégio Sírio-Brasileiro, foi cônsul da Síria em São Paulo. Família migrou para Pindorama e abriu uma loja de fios			Jornalista - <i>A Hora, Diários Associados</i>	Professora primária; foi diretora de escola			Avô era do PRP. Os pais foram integralistas, getulistas e janistas	Catolicismo	Colégios públicos e colégio de freiras

			em que avó paterna trabalhava (mas o avô abominava) ⁵⁹									
Monica de Bolle⁶⁰	Início dos anos 1970	Rio de Janeiro				Economista; passou pelo FMI; foi professor da PUC; assessor de Mario Henrique Simonsen e presidente da FINEP		Economia (UFRJ), com pós-graduação na FGV		Pai foi assessor de Mario Henrique Simonsen, em governos militares		
Murillo de Aragão⁶¹	1958	Rio de Janeiro	Avô paterno foi operário			Funcionário do Banco do Brasil; advogado com empresa própria		Direito		Mãe tinha “sólida amizade com parentes de JK” (ARAGÃO, 2011a).		
Samuel Pessoa	1963	São Paulo	Avô paterno foi um médico famoso, pesquisador e professor da USP; avô tinha curso técnico de farmácia. Avô materno era gerente da indústria têxtil da família	São Paulo	São Paulo	Engenheiro Civil (empresa própria)	Professora universitária - Faculdade de Educação USP	Engenheiro Civil (USP)	Letras – Alemão (USP)	Avós paternos eram comunistas, filiados ao PCB e foram contra a ditadura. Família materna era mais conservadora, avô materno era udenista.	Família do pai é ateia e a da mãe é católica	Escola privada

⁵⁹ Informações encontradas na entrevista que Marilena Chaui concedeu ao CPDOC, em 2007 (CHAUI, 2007).

⁶⁰ Informações encontradas em entrevistas e teses, como: BARCELLOS, 2014; KLÜGER, 2017, p. 473.

⁶¹ Informações encontradas no site da empresa de advocacia de Murillo de Aragão (ARKO ADVICE) e em artigos escritos por ele: ARAGÃO, 2011a; ARAGÃO, 2011b.

Vladimir Safatle	1973	Santiago do Chile	Avô materno era delegado de trânsito e avó materna era advogada, que trabalhava na Polícia Federal. Avô paterno era fazendeiro	Catalão (GO)	Goiânia (GO)	Economista, IPEA; Secretário do Planejamento no governo de Goiás no governo Henrique Santillo	Funcionária pública (Ministério do Trabalho)	Economia (UnB)	Economia (UnB)	Família paterna bastante política, tio do pai foi um dos fundadores do PCB na região. Pai foi da Ação Libertadora Nacional (ALN), exilado no Chile. Participou da fundação do PT e PSDB na região. Ocupou cargos políticos	Mãe se converteu ao protestantismo e se tornou missionária evangélica	Colégios privados e católicos
-------------------------	------	-------------------	--	--------------	--------------	---	--	----------------	----------------	--	---	-------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora com base nas entrevistas realizadas e nas fontes diversas descritas na Parte I.

2.1 HERANÇAS FAMILIARES: OS PAIS INTELECTUAIS, POLÍTICOS E EXECUTIVOS

O hábito de escrever longas cartas, madrugada adentro, no Rio de Janeiro, para os amigos que viviam na Argentina ajudou o economista Fabio Giambiagi, 51, a desenvolver a prática da escrita, a disciplina e a capacidade de dormir pouco. O gosto pela leitura foi adquirido dos **pais intelectuais**. “Fui criado brincando em **um apartamento típico de classe média, mas com uma biblioteca que ocupava uma parede inteira**”, lembra ele. Para Giambiagi, não há como dissociar as características que desenvolveu desde a infância de sua **profícua produção de livros** ao longo das últimas duas décadas e meia (FRAGA, 2014, grifos meus).

Além de contar com **um piano de armário na casa da avó**, no qual a família toda **tocava**, a mãe de Vladimir Safatle o incentivava bastante a tocar o instrumento. Por essa razão, contratou uma professora que residia próximo à quadra onde moravam, em Brasília, para lecionar piano para o garoto, que chegou a escrever histórias sobre compositores para que um dia virassem um livro. “**Meu pai tocava, meu avô tocava violino**, então fazia parte de uma ideia de educação que você tivesse uma **formação musical**.” (BOZZO JÚNIOR, 2020, grifos meus).

Os trechos das entrevistas com o economista Fabio Giambiagi e o filósofo Vladimir Safatle revelam algumas das características das famílias de alguns dos mais especialistas e mais acadêmicos dos colunistas, como, por exemplo, a inserção no mundo intelectual e cultural. Vários dos mais acadêmicos aqui estudados, mas também alguns dos mais especialistas, são filhos de professores universitários ou jornalistas, que traçaram uma carreira ligada à atividade político-intelectual, muitos deles ganhando projeção nacional e tendo militado contra a ditadura militar. Assim, esses nomes tiveram, desde muito cedo, diversos incentivos à carreira intelectual, ao percurso acadêmico, ao conhecimento de línguas e à atividade política.

Com origens sociais muito próximas, o cientista político André Singer, a economista Laura Carvalho e o filósofo Vladimir Safatle caracterizam-se também por proximidades em termos de tomadas de posição – mais à esquerda, ainda que haja diferenças substanciais entre eles em termos de interpretação do mundo social –, além de manterem uma série de colaborações e trabalhos conjuntos na contemporaneidade⁶². Vindos de regiões diferentes, eles se aproximam pelas heranças intelectuais e de militância política dos pais, ampliadas por suas próprias trajetórias: militantes políticos, os progenitores dos três foram exilados durante a ditadura, participaram da criação do PT e ocuparam postos políticos.

O pai de Vladimir Safatle foi militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), exilando-se no Chile durante a ditadura e retornando ao Brasil após o golpe de Augusto Pinochet.

⁶² Como professores da USP e ex-colunistas da *Folha de S.Paulo*, os três compartilham mesas de palestras, eventos e *lives* assim como já escreveram textos em conjunto. Em 24 de abril de 2020, por exemplo, assinaram com outros autores o artigo *Coronavírus reforça urgência da união de forças democráticas contra Bolsonaro*, publicado na *Ilustríssima da Folha* (SINGER et al., 2020).

Economista pela UnB, trabalhou como Técnico em Pesquisa e Planejamento do IPEA por 25 anos e esteve sempre muito ligado à atividade política, participando da criação do PT e do PSDB de Goiás, além de ter ocupado cargos no governo do estado (FERNANDO..., 2018; ALAMEDA EDITORIAL). O pai de Laura Carvalho participou do Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP) e se exilou em Paris, onde se graduou em Filosofia. Jornalista, ele passou por veículos como *Jornal do Brasil*, *Veja* e *Gazeta Mercantil* e foi diretor de comunicação em ONGs ligadas à causa ambiental; participou da fundação do PT, chegando a ser secretário especial do Ministério do Meio Ambiente, nos governos de Lula e Dilma.

André Singer é filho do economista Paul Singer, que foi professor da USP e também participou da fundação do PT. Paul Singer assumiu o posto de Secretária do Planejamento do município de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina e, a partir de 2003, foi titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária, pertencente ao Ministério do Trabalho e Emprego, do governo Lula – época em que o próprio André Singer também compôs o governo. Paul Singer, além disso, trabalhou como técnico de eletrotécnica antes de se formar em economia, filiando-se ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, onde teve atuação intensa, destacando-se na greve dos 300 mil em 1953 (SANTOS, 2018; LUNA, 2018). Mais tarde, ingressou no Partido Socialista Brasileiro (PSB), onde manteve contato com intelectuais socialistas, decidindo ingressar na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP. Assim como os pais de Safatle, também a mãe de Singer se exilou no Chile, durante a ditadura. Ela e as mães dos outros dois acadêmicos também têm diplomas universitários.

Outros nomes que se situam entre os mais acadêmicos também compartilham, em alguma medida, parte dessas propriedades sociais, sendo, porém, de uma geração anterior: Marilena Chaui é filha de um jornalista e uma professora primária; Luiz Gonzaga Belluzzo é filho também de professora primária e de um juiz; Emir Sader, embora filho de pais sem diploma universitário, é sobrinho do sociólogo, que foi professor da USP, Aziz Simão. Vinculado ao PSB, Aziz foi uma grande influência na trajetória política e intelectual de Sader e seu irmão, Eder Sader, também sociólogo, formado pela Faculdade de Filosofia da USP. O tio, que ficou cego, contava com os sobrinhos para a leitura de livros e jornais assim como para levá-lo à faculdade. Inseridos desde cedo nesse ambiente cultural e político, ambientados às leituras clássicas das ciências sociais, convivendo com intelectuais e participando de discussões políticas, as afinidades culturais e políticas dos dois foram sendo forjadas desde muito cedo.

Assim, também os acadêmicos mais velhos compartilham com os mais jovens o fato de terem crescido em famílias com relativo capital cultural, com pais exercendo atividades mais intelectuais – o que aponta para o fato de tais ambientes forjarem em alguma medida

disposições, por um lado, para o exercício da atividade acadêmica e, por outro, para tomadas de posição mais progressistas.

Dentre os acadêmicos, aquele que mais se afasta em termos de herança familiar é Jessé Souza, filho de pais sem diploma universitário. Nascido em Natal, mas tendo vivido parte da juventude em Brasília – onde Safatle também viveu – ele foge em certa medida do ambiente que forjou uma parte dessa intelectualidade. O trecho abaixo fornece alguns elementos de sua origem tanto em relação ao conjunto social quanto à própria família:

Ainda adolescente, com 16 ou 17 anos, Jessé José Freire de Souza decidiu que assinaria seu nome como Jessé Souza: “Eu sou filho do meu pai, eu escolho de onde eu sou, de onde eu venho”. Aquele ato de afirmação identitária, quando ainda **estudava no Colégio Marista**, em Natal (RN), tem a mesma origem do que seria mais tarde a sua teoria, e que pode ser considerada como uma nova tradição na Sociologia Brasileira. Oriundo da **classe média**, Jessé define a própria família como **os primos pobres de uma família rica e que ascendeu politicamente. O seu tio Jessé Freire foi senador e outros parentes ocuparam vários cargos públicos**, inclusive o de **governador do Rio Grande do Norte**. “Essa relação foi muito importante para mim e isso tem a ver com você não saber direito qual é o seu lugar, tem a ver com **humilhação** daquelas que você sente calado e ouve calado, as humilhações que meu pai sofreu e porque é meu pai, eu me identifico com elas, eram minhas” (COSTA, 2018, grifos meus).

Embora o excerto aponte uma origem relativamente favorecida, ele também enfatiza a posição dominada no seio da família. Assim, em vez da atuação política dos tios – sobretudo, pelo partido da Arena – ter gerado certa identificação em Jessé, a posição de rebaixamento social de seu pai bem como as “humilhações” recordadas contribuíram para engendrar posições políticas avessas às da família. Jessé e seus irmãos ascenderam, sobretudo, via sistema escolar, a partir dos investimentos em colégios privados e católicos.

Para além dos mais acadêmicos, também alguns dos mais especialistas são filhos de pais ou mães professores universitários e com atuação política (embora mais ou menos distintas das atuações dos pais dos mais acadêmicos), tal como os economistas Fabio Giambiagi, Monica de Bolle e Samuel Pessôa. O primeiro é filho de argentinos que vieram para o Brasil fugidos das perseguições do regime militar no país vizinho. Doutores em Química e Física pela Universidade de Buenos Aires (UBA), ambos eram militantes ativos nos temas de política científica. O ambiente intelectualizado dos pais de Giambiagi, que recebiam amigos com quem conversavam sobre política, combinava-se à própria politização do contexto.

De modo semelhante, as relações de amizade estabelecidas pelo pai de Monica de Bolle também foram importantes para forjar suas afinidades culturais e políticas bem como suas escolhas profissionais. Monica é filha de Alfredo Luiz Baumgarten, economista que trabalhou com Mário Henrique Simonsen quando este foi ministro da Economia (nos governos militares),

foi professor da PUC-Rio e atuou no FMI – caminho seguido também pela filha. Além da rede de relações sociais herdada, a profissão do pai também permitiu que ela vivesse, durante cinco anos, em Washington, acumulando, assim, habilidades e disposições propícias a uma carreira internacional, como ela veio a seguir.

Já o economista Samuel Pessôa é filho de um engenheiro civil, formado pela USP, e de uma professora de Prática de Ensino de Alemão, aposentada pela Faculdade de Educação também da USP. Além deles, o avô paterno, de quem Samuel herdou o nome, ficou conhecido no país pelas pesquisas sobre parasitologia médica, tornando-se professor catedrático da mesma universidade. O avô foi filiado e militante do Partido Comunista do Brasil (PCB) e, sendo uma inspiração profissional para o neto (SAFATLE, 2019a), proporcionou à família, juntamente com a avó, um ambiente politizado e de esquerda. Mesmo o pai de Samuel, que não gostava muito de tal politização, era contrário à ditadura militar: “isso deve ter tido algum impacto na vida empresarial dele. Talvez, os negócios dele poderiam ter crescido mais do que cresceram se ele tivesse algum tipo de vínculo com a ditadura, mas ele nunca teve nada com a ditadura”, afirmou Pessôa (Entrevista de Samuel Pessôa à autora, 2019).

Embora tenha se afirmado em entrevista como de centro-esquerda, Samuel Pessôa também já se caracterizou como “meio intelectual, meio conservador” – em uma referência ao título do livro do escritor Antonio Prata, *Meio intelectual, meio de esquerda* (ver Parte IV). A contradição entre suas tomadas de posição, aliás, já ficou expressa em algumas entrevistas. Em uma delas, apontou: “Fui o menino rico da zona oeste paulistana. Quando vejo alguém com a minha história bem esquerdista, costumo chamar de ‘rico culpado’. É o cara criado a Danoninho, que frequenta clube bom e passa férias em alguma praia do litoral norte”, ele afirmou em entrevista ao jornal *Valor Econômico* (apud SAFATLE, 2019a).

É interessante notar que, oriundos dessa classe média (alta) de São Paulo, André Singer e Samuel Pessôa tenham compartilhado características que os levaram a posições próximas durante a juventude: Singer atuou na corrente Vento Novo do movimento estudantil da USP, com a qual Pessôa também mantinha proximidade; ambos se filiaram ao PT em seu início. Dos anos 1990 em diante, porém, tomaram rumos diferentes: André continuou próximo ao Partido dos Trabalhadores, indo atuar como Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto (2005-2007) e porta-voz da Presidência da República no primeiro governo de Lula (2003-2007). Samuel afastou-se do Partido, devido a sua oposição ao Plano Real, aproximando-se, então, do PSDB. Na mesma época em que André ocupava o cargo na gestão petista, Samuel era assessor do senador Tasso Jereissati. Mais tarde, em 2014, trabalhou ainda na campanha de Aécio Neves. De maneira semelhante, os economistas Laura Carvalho e Fabio Giambiagi estudaram na

mesma instituição – a UFRJ –, cresceram em um ambiente mais à esquerda, mas passaram a posições diferentes: Laura com tomadas de posição mais à esquerda; e Fabio com tomadas de posição mais próximas à direita.

Embora alguns dos especialistas sejam filhos de professores, os pais da maior parte deles se caracteriza por exercer profissões liberais e executivas: os de Alexandre Schwartzman e Murillo de Aragão foram advogados; o de Samuel Pessôa, como já dito, foi engenheiro civil, trabalhando em empresa própria; e o de Gustavo Franco começou a vida como funcionário público do Banco do Brasil, ajudou a criar o BNDES e terminou a vida como banqueiro, tendo fundado a corretora de valores Garantia. Já o pai de Denis Rosenfield, formado em economia, foi dono de uma loja de material de construção em Porto Alegre. Com diplomas e dotados de certo capital econômico, os pais dos mais especialistas conseguiram investir na formação de seus filhos, de modo que eles pudessem reproduzir ou até mesmo ampliar seus capitais.

A figura que mais se afasta da origem social de especialistas, mas também acadêmicos, é Bolívar Lamounier. Criado em um ambiente predominantemente rural – mais próximo, nesse sentido, dos mais jornalistas ou mesmo de alguns dos mais polemistas e militantes dos colunistas (ver Parte III e IV) –, ele é filho e neto de uma classe média rural. Seu pai, que faleceu quando ele tinha dois anos e meio de idade, negociava fazendas no oeste mineiro até se instalar em Estrela do Indaiá, onde cultivava café, criava gado bovino e mantinha um armazém, vendendo alimentos, tecidos e calçados. Com a morte do progenitor, os irmãos mais velhos assumiram o sustento da família, investindo em duas olarias para a produção artesanal de tijolos (Ibid., p. 44), onde, desde a infância, Lamounier começou a trabalhar. Segundo ele, desde os sete ou oito anos, não havia uma diferença entre trabalho e lazer (Entrevista de Bolívar Lamounier à autora, 2019) – experiência que se distancia em boa medida daquela vivida pelos outros nomes desses dois polos.

Além disso, sua família era intensamente participante da vida política local, sendo ligada ao PSD de Juscelino Kubitschek. Um dos irmãos chegou a ser eleito vereador, mas morreu antes de assumir o cargo. A mãe, professora primária, era ativa no alistamento de eleitores: “Quando da candidatura deste [Juscelino Kubitschek] à Presidência da República, em 1955, minha mãe percorreu áreas rurais ensinando roceiros a assinar o nome para que se habilitassem a votar, instando-os a votar em Juscelino” (Ibid., p. 38). Nesse sentido, Bolívar se aproxima em maior medida das origens sociais dos mais jornalistas ou dos acadêmicos mais velhos dos intelectuais midiáticos, cujas famílias se envolviam na política local.

De maneira geral, os pais com profissões liberais ou ligadas aos negócios contribuíram para a formação de disposições mais liberais em termos de economia em seus herdeiros,

enquanto os professores universitários – sobretudo, nas áreas de humanas – e os jornalistas legaram aos seus filhos elementos para a constituição de disposições mais à esquerda e mais próximas a uma visão “socialista” – que vários deles dizem compartilhar. As diferenças em termos de modelo econômico, porém, dão lugar ao compartilhamento de certas posturas e posicionamentos em relação às questões dos costumes – já que vários deles, embora se reconheçam como mais à direita nos critérios econômicos, se dizem mais à esquerda nas discussões sobre comportamento (ver Parte V). Essa proximidade parece advir do ambiente intelectual e cultural com o qual os nomes situados nesses dois polos conviveram na infância e adolescência. Assim, quanto mais afastados desse contexto, mais alguns dos nomes dos especialistas e acadêmicos parecem adotar posicionamentos mais conservadores em termos de costume.

2.2 A PRIMEIRA FORMAÇÃO: RELIGIÃO, POLÍTICA E INTERNACIONALIZAÇÃO

De um lado, a naturalidade com que minha família encarava a **educação pública laica** (minha mãe é professora primária), fazendo-me frequentar o Grupo Escolar, em que fui despertada para o patriotismo, e, de outro, a ausência inicial de uma educação religiosa propriamente dita, embora, de família católica, eu frequentasse a Igreja. (...) A partir dos 10 anos, porém, por problemas familiares, **fui enviada para um colégio de freiras**, na cidade vizinha, Catanduva, e, aí sim, tive uma formação religiosa intensa. (...) É evidente que na época eu não o percebia, mas **duas influências diametralmente opostas se reuniram dentro da minha cabeça**, deixando como marca, seja através da vida católica, seja através da via Lobato, uma sensibilidade enorme para as situações de injustiça – pessoais ou sociais –, combinada com um componente do maravilhoso (vindo do próprio Lobato, dos romances de cavalaria, das vidas de santos, do cinema e do gibi), fazendo-me ter uma **concepção heroica do mundo e da ação humana**. Esse heroísmo da ação individual abnegada, que traz a justiça para dentro do mundo, levou-me, numa certa altura, ao desejo de ser freira e tornar-me missionária na África (CHAUI, 2000, p. 300, grifos meus).

O relato de Marilena Chaui condensa não apenas sua própria experiência, como também aponta para os espaços de primeira formação de vários dos colunistas mais acadêmicos e mais especialistas: de um lado, as escolas públicas e laicas consideradas de qualidade; de outro, as escolas privadas e religiosas, formadoras das elites. A passagem por escolas católicas não é uma exceção, já que mais da metade dos intelectuais midiáticos analisados na tese como um todo estudaram, em algum período, em instituições de ensino religiosas.

Além do perfil dessas escolas, é interessante notar também a importância que os mais acadêmicos atribuem a elas para as suas próprias formações – o que, como será visto na Parte IV deste trabalho, se contrasta com a relação que outros nomes mantiveram com as instituições formais de ensino. Além do trecho acima, Marilena, por exemplo, afirmou ainda que o Colégio Presidente Roosevelt, onde fez o colegial clássico, era “um dos melhores colégios de São

Paulo”, “uma escola pública, com professores extraordinários”, e que teria sido ele que definiu, “particularmente, a minha vida adulta e a minha vida profissional e as opções políticas” (CHAUI, 2007).

Nascida um ano antes de Luiz Gonzaga Belluzzo, também em São Paulo, Marilena compartilha com ele a ênfase na formação cristã oferecida nos colégios católicos como um dos elementos importantes à constituição de uma preocupação com as injustiças do mundo. Tanto Marilena quanto Belluzzo estudaram nos colégios religiosos na década de 1940 e 1950, quando predominava entre essas instituições um trabalho pastoral mais intenso e a adoção de políticas mais populares, pautando o processo de evangelização por ações com a finalidade de promover a justiça social (MAINWARING, 2004, p. 52 apud CHAVES, 2008, p. 9). Para além dos valores cristãos, as escolas também eram meios de garantir a reprodução de determinado estilo de vida, gosto e pensamento, próprios dos filhos de elite de então.

Já Emir Sader sempre estudou em colégios públicos, chegando a atuar no movimento estudantil secundarista de São Paulo. Ele vendia o jornal da Liga Socialista Independente, que junto a outros grupos originou a Política Operária (POLOP), da qual ele e seu irmão fizeram parte (CARVALHO, 2006a). Assim, ao contrário de Marilena e Belluzzo, cujas linhas centrais de formação intelectual, política e cultural envolviam a religião católica, para Emir Sader, as afinidades eletivas se formaram no bojo da luta política e do ambiente cultural da USP, onde depois todos viriam a estudar. Também se assemelhariam, mais tarde, nas lutas políticas, na proximidade com o Partido dos Trabalhadores e na identificação à esquerda e com o marxismo. Ao contrário das influências políticas de esquerda no caso de Emir Sader, o pai e a mãe de Marilena foram “profundamente nacionalistas”, de “um nacionalismo patriótico”, sendo integralistas na juventude. Posteriormente, tornaram-se getulistas e, então, janistas. A posição política dos pais – que, inicialmente, parecera à Marilena contraditória – foi o que, segundo ela, influenciou o tema de seu primeiro texto: uma crítica ao integralismo. Assim como os mais velhos desses dois polos, Bolívar Lamounier também encontrou nas escolas públicas um espaço de formação importante. Ele estudou na Escola Normal que, de acordo com suas palavras, era “realmente esplêndida” para os padrões da região e da época. A ela, ele atribui a “sólida base” responsável pelo “certo destaque” que atingiu entre os cientistas sociais brasileiros.

Por outro lado, as gerações mais jovens, filhas de pais mais bem estabelecidos economicamente, moraram em bairros da classe média de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Tiveram dos pais os investimentos nos estudos, na formação cultural e política. Tendo a maioria estudado em colégios privados de elite, eles conseguiram acumular capitais suficientes para

seguir uma carreira acadêmica de relativo sucesso – com doutorados em instituições de prestígio, como a USP, ou no exterior, além do exercício da docência.

As habilidades linguísticas também diferenciam esses agentes, em um contexto em que elas se colocam como mais decisivas no mercado de trabalho, sobretudo, intelectual. Foram adquiridas pelos investimentos dos pais em escolas bilíngues e de idiomas assim como pelas experiências internacionais. A importância desses processos de internacionalização será vista mais detidamente no subcapítulo 3.6. De todo modo, é interessante notar que, embora de gerações diferentes, esses agentes passaram por instituições formais de ensino consideradas de qualidade na época e no lugar em que cresceram. Em seus relatos, enfatizam os aprendizados nessas escolas, por um lado, e o complemento à formação, por outro, com os cursos de línguas, as viagens e vivências internacionais, o acompanhamento dos pais e as formações artísticas.

2.3 ASCENSÃO SOCIAL E MARCAS DE CLASSE

Sempre escutei em casa que a convivência entre [Roberto] Campos e [Guilherme] Arinos no BNDE era uma guerra permanente – **o liberal e o getulista, o professor e o bancário** –, em torno da vocação do recém-criado banco de desenvolvimento. Meu pai nada me contou sobre o teor desses debates, mas tenho a impressão de que a diatribe com Campos, com o qual Arinos manteve boas relações ao longo de toda a vida, talvez tenha servido para que Arinos, **um funcionário de carreira do Banco do Brasil de origem humilde, investisse bastante na educação de seu único filho economista**, para que ele **jamais entrasse em desvantagem em querelas profissionais por conta de deficiência em titulação** (FRANCO, 2012, p. 15, grifos meus).

Luiz Gonzaga comenta que, em 1947, quando seu pai fez o exame para a magistratura, “havia um certo preconceito contra os ‘italianinhos’, ele era uma pessoa muito talentosa, meu pai escrevia muito bem, estudioso, estudiosíssimo, mas ele **sofreu discriminação na magistratura**” (Entrevista de Luiz Gonzaga Belluzzo à autora, 2014). Além do mais, **era getulista**, ao contrário da **maior parte dos professores e colegas da Faculdade de Direito** que encarnavam o espírito da Revolução de 1932 e seu pai achava que 1932 era “um retrocesso, uma tentativa da oligarquia paulista cafeeira de voltar para trás”. Belluzzo relata ter sido “criado com essa visão. Não se podia em São Paulo falar desse assunto, se falasse era mal considerado [...]. Isso era uma coisa bem paulista” (BELLUZZO, 2011, p. 428). (apud KLÜGER, 2017, p. 538, grifos meus).

Os excertos acima introduzem algumas similaridades e diferenças nas origens sociais dos economistas Luiz Gonzaga Belluzzo e Gustavo Franco. Tomo-os como casos a serem analisados mais detidamente, já que suas trajetórias são interessantes para se pensar as aproximações e afastamentos em termos de origens, posições e tomadas de posição. Além disso, as distinções nas trajetórias dos dois também apontam para mudanças sociais que produziram a valorização de determinados capitais em detrimento de outros.

A referência aos preconceitos enfrentados pelos pais, às origens sociais menos favorecidas e a afinidade dos mesmos com Getúlio Vargas marcam os dois trechos. Tanto Belluzzo quanto Franco destacam o fato de seus pais terem sido bons alunos, o que contribuiu, para um, na inserção na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, para outro, na aprovação no concurso do Banco do Brasil (Entrevista de Gustavo Franco à autora, 2019). Nos dois ambientes, as origens sociais eram sentidas como marcas de desvantagem, que os levariam a desejar trajetórias distintas aos seus filhos, embora em profissões afins.

O contexto de disputas em que os pais estavam inseridos, porém, engendraram diferentes estratégias de ascensão, já que os trunfos reconhecidos em um espaço não se aplicavam da mesma forma em outro. Ou seja, formado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e sofrendo preconceitos no âmbito da magistratura, no final dos anos 1940, Luiz Gonzaga Belluzzo, o pai, estava lidando com uma antiga elite brasileira, que, herdeira de proprietários rurais, havia garantido pela Faculdade de Direito uma “integração intelectual, política e moral” assim como a “legitimidade escolar” (MICELI, 2001b, p. 115). A Faculdade, até meados da República Velha, exercera o papel de “instância suprema em termos de produção ideológica, concentrando inúmeras funções políticas e culturais”, além de atuar na “importação e difusão da produção intelectual europeia” (Ibid.). Nesse sentido, a afirmação na esfera das práticas e gostos culturais legítimos – no caso, aqueles importados da Europa – se colocava como central.

Por outro lado, Guilherme Arinos, pai de Gustavo Franco, localizava-se no centro da discussão sobre a modernização do Estado Brasileiro, no interior de uma instituição constituída no âmbito das propostas de racionalização da burocracia estatal, o BNDES, criado em 1952. O debate em que ele estava circunscrito opunha os “técnicos cosmopolitas” – no caso, Roberto Campos – aos “técnicos nacionalistas” – entre os quais, Guilherme Arinos –, mas, mais do que isso, contrapunha os “técnicos” aos “políticos” – ou seja, aqueles que dispunham de formação universitária e técnica em oposição aos que não detinham tais credenciais. Roberto Campos, o adversário citado no excerto que abre este subcapítulo, não vinha de famílias de elite e tinha ascendido por intermédio das instituições de ensino católicas, mas ocupara posições centrais na condução da política econômica do país bem como na formação do espaço dos economistas (KLÜGER, 2017). Aqui, o “técnico” se sobrepõe, ainda que também esteja relacionado, aos capitais culturais dos bacharéis – bacharéis, estes, que antes dominavam a política brasileira.

Os embates em que os progenitores se envolveram situavam-se, assim, no processo de transição dos tipos ideais de elite dirigente no país: indo dos políticos-bacharéis para os técnicos-políticos (DEZALAY; GARTH, 2000). A migração geográfica dos pais, aliás, pode

ser ilustrativa desse afastamento ou aproximação em relação às elites dirigentes – o pai de Belluzzo, criado no interior, formou-se na capital em uma instituição prestigiada, mas passou a trabalhar como juiz em pequenos municípios do interior de São Paulo, levando consigo a família; já o pai de Gustavo Franco, nascido no Amazonas, circulou por cidades pequenas como funcionário do Banco do Brasil, mas acabou por se instalar no Rio de Janeiro, a partir da aproximação com Getúlio Vargas, da atuação no BNDES e, posteriormente, dos investimentos no setor privado. Eram os bacharéis se afastando, relativamente, da elite dirigente, e os técnicos ganhando espaço.

A ilustração intelectual de um lado e o saber técnico especializado do outro opõem, assim, os pais dos economistas, mas também as trajetórias seguidas por cada um deles. Ambos estudaram em colégios de elite católicos, mas há diferenças entre eles que vão além das distinções paternas e dos 14 anos que distanciam o nascimento de um e outro, mas que guardam íntima relação com esses fatores. Luiz Gonzaga Belluzzo, por conta das mudanças de cidade do pai, estudou também em escolas públicas e conviveu com colegas de origens sociais distintas, inclusive, por meio do futebol:

Eu tenho uma convicção muito clara de que, por exemplo, tem algumas coisas que me marcaram muito, né. Quando eu ouço as pessoas dizerem, falarem de mérito, essa coisa da sociedade, eu me lembro dos meus amigos de infância e adolescência, com os quais eu convivi, sobretudo, em Cananeia e Socorro. **Convivi com eles, eles eram gente muito pobre, continuaram pobres e eu, filho de juiz, tive condições de superar. Claro, meu pai tinha uma biblioteca**, né. Então, esse negócio de mérito no Brasil dá vergonha você falar que tem mérito (Entrevista de Luiz Gonzaga Belluzzo à autora, 2020, grifos meus).

À biblioteca do pai se combinava a formação do mesmo, expressa por Belluzzo ao justificar a oposição que ele teve em relação à sua profissão: “‘Economia? Você vai estudar Economia? Isso não tem cabimento!’ Meu pai é um juiz, uma pessoa que tem uma cultura humanística bastante além do razoável. Era a visão, em geral, que se tinha do economista: um técnico.” (BELLUZZO, 1996, p. 254). As heranças paternas foram complementadas pela formação oferecida pelos colégios privados católicos: o Colégio São Luís e o seminário do Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro⁶³. O economista, de família católica, cogitou ser padre, mas acabou desistindo e prestando vestibular para Direito, mantendo, porém, a identidade cristã. Na época da faculdade trabalhou na Livraria José Olympio Editora⁶⁴, onde seu tio era

⁶³ No Colégio Santo Inácio, uma das principais escolas católicas do Rio de Janeiro, estudaram vários filhos e membros da elite política do país (KLÜGER, 2017, p. 165), tais como os economistas Mário Henrique Simonsen, Pedro Malan, Armínio Fraga, Elena Landau e Pedro Luiz Bodin (KLÜGER, 2017). Além deles, os polemistas Arnaldo Jabor (JABOR, 2016a) e Paulo Francis (FRANCIS, [sem data]).

⁶⁴ Nos anos 1930, a *Livraria José Olympio Editora* era uma “das mais importantes e prestigiadas editoras” (PONTES, 2001, p. 427). Nas décadas seguintes, seu prestígio se reduziu com a entrada de novas editoras no

gerente, entrando em contato com importantes escritores brasileiros, como Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Gilberto Freyre e José Lins do Rego (Entrevista de Luiz Gonzaga Belluzzo à autora, 2020; BELLUZZO, 2011). Assim, entre os grupos escolares e os colégios religiosos de elite, o interior de São Paulo e as capitais, os colegas pobres e os escritores famosos, Belluzzo conviveu com profundas assimetrias sociais.

Por outro lado, vivendo sempre na Urca, no Rio de Janeiro, Gustavo Franco estudou sempre em escolas católicas e de elite, o Colégio São Vicente de Paulo e o Sion. Seu pai tornou-se um homem dos negócios: foi diretor do grupo industrial Monteiro Aranha, atuando na instalação da primeira fábrica da Volkswagen no Brasil; e criou a corretora de valores, Garantia, que depois se tornou banco. Entre os sócios, estava Jorge Paulo Lemann, o segundo brasileiro mais rico do país em 2019 (OSCAR, 2019). No fim da vida, Guilherme Arinos ainda tinha um pedaço do banco, passando a viver de rendas (CAIXETA, [1996?]). Tendo acumulado volumoso capital econômico, além de relações sociais com a elite econômica do país, ele não hesitou em investir na carreira do filho único.

Assim, se as origens sociais dos pais de Gustavo Franco e Luiz Gonzaga Belluzzo mantinham similaridades, os percursos seguidos com a ascensão social os separaram. Da mesma forma, se há entre Franco e Belluzzo algumas semelhanças em termos de posição social – ambos economistas formados, com doutorado e docência em escolas de prestígio, que ocuparam cargos de importância em governos federais, participaram da elaboração de planos de combate à hiperinflação e têm presença constante na imprensa –, por outro lado, eles se distanciam fortemente em termos de: 1) filiações a correntes e escolas econômicas – a heterodoxia, a Unicamp e a Cepal, do lado de Belluzzo; a ortodoxia, a PUC-Rio e Harvard, no caso de Franco; 2) experiências de internacionalização – Belluzzo saiu do país na época da ditadura e circulou por países da América Latina e Europa; Gustavo Franco fez seu doutorado nos Estados Unidos; 3) posições políticas – mais à esquerda, no caso do primeiro; mais à direita, no segundo; 4) padrões de carreira – no setor público, seja em cargos políticos seja na academia, no caso de Belluzzo; na conjunção com o setor privado, em termos de instituição de ensino ou de carreira profissional, no caso de Gustavo Franco, além dos postos políticos (ver capítulo 4 desta Parte). Tais distinções foram sendo traçadas a partir desses pontos de partida e no seio das relações sociais estabelecidas em cada período.

mercado, como a *Editora Martins*, ainda que “continuasse a ser – e por longo tempo – uma das editoras mais sólidas e bem sucedidas do país” (PONTES, 2001, 441).

3 AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA

Às vésperas do vestibular, ela [Monica Baumgarten de Bolle] cogitava cursar medicina, encantada pela possibilidade de fazer diagnósticos. Isso apesar do fascínio pelo trabalho de Baumgarten no Fundo Monetário Internacional (FMI), que ela acompanhou de perto nos cinco anos em **que a família morava em Washington e recebia para jantar convidados ilustres, como o ex-ministro Mário Henrique Simonsen**. “Tenho uma lembrança dele de menina: ficava ouvindo as conversas e observando seus dentes, muito amarelos, de cigarro”, recorda. “Era alguém de grande capacidade intelectual.” Antes da inscrição para medicina, **o pai aconselhou-a a visitar o departamento de economia da PUC-Rio, onde trabalhava “tio Dionísio”, que ela conhecia desde pequena** — eram vizinhos de porta no bairro da Gávea. “Quero fazer medicina”, disse Monica a Dionísio. “Eu também queria”, respondeu o fundador do departamento acadêmico que então revelava uma nova geração de macroeconomistas. Conversaram a tarde inteira, apenas sobre medicina. “Percebi ali que poderia estudar economia e manter o meu interesse por outras coisas, exatamente como ele, que lia sobre tudo e queria entender o mundo de forma abrangente, por vários pontos de vista”, relata. **Seu pai chegou a ter a satisfação de vê-la entrar para a faculdade**, mas morreu naquele mesmo ano de 1990, seis meses depois do inesperado diagnóstico de câncer (BARCELLOS, 2014, grifos meus).

Meu pai era doutor, minha mãe era doutora, meu tio era doutor, minha tia era doutora, assim, para mim, desde criança: “O que você vai ser?” “Eu vou ser doutor”. Eu achava que eu iria ser doutor em alguma coisa, mas não sabia em quê. **Mas era o natural, eu nunca pensei alguma coisa diferente**. Então, fazer o mestrado era um passo para fazer o doutorado. Quando eu entrei no BNDES, é que mudou a minha visão sobre o tema (Entrevista de Fabio Giambiagi, 2019, grifos meus).

Graduados, em geral, em filosofia, ciências sociais e economia, os mais acadêmicos e especialistas dos intelectuais midiáticos conseguiram reproduzir ou ampliar seus capitais herdados a partir das trajetórias acadêmicas que traçaram em instituições de ensino de elite no Brasil e no exterior. Em comparação aos colunistas mais jornalistas (ver Parte III), polemistas ou militantes (ver Parte IV), é possível observar um maior investimento das famílias nas formações superiores dos filhos. Com pais e tios professores universitários, vários deles, como já visto, conviveram com intelectuais e professores desde muito cedo — de modo que as carreiras acadêmicas eram tidas como algo quase natural. Mas, além disso, a orientação dos pais em termos de escolhas profissionais bem como a possibilidade de cursarem faculdades de elite — como medicina⁶⁵ — aparecem mais explicitamente no relato dos mais especialistas e acadêmicos do que nos de outros colunistas.

Assim como o pai de Monica influenciou na escolha da filha pela economia, também o fez o pai de Gustavo Franco. Com pais que estavam envolvidos nas disputas do campo econômico, tanto Monica quanto Gustavo inseriram-se na Economia já dotados dos capitais valorizados na área e, relativamente, conscientes das lutas internas ao espaço dos economistas

⁶⁵ Enquanto alguns mantinham esse desejo (além de Monica de Bolle, André Singer também afirmou essa vontade), outros vinham de famílias de médicos, que criaram os filhos para seguir essa profissão (tal como afirmaram os economistas Alexandre Schwartzman e Samuel Pessôa).

e das diferentes possibilidades de carreira na área, detendo, assim, vantagens relativas. Ambos dispunham, de antemão, de disposições propícias a uma afinidade precoce com os professores, quando já não os conheciam.

Quase como um pai, Dionísio acolheu a caloura aplicada e interessada [Monica de Bolle] em tudo; tornou-a sua monitora na graduação e orientou-a no mestrado (BARCELLOS, 2014, grifos meus).

Na graduação, eu conheci já o Edmar Bacha e o Rogério Werneck, que depois no mestrado eu me aproximei mais. **Aí fiquei estagiário e assistente de pesquisa do Bacha**, inclusive, logo me colocou como assistente dele num curso oferecido para graduação. Então, eu me vi dando aula para gente como eu, poucos anos atrás. Ele estava escrevendo um livro sobre macroeconomia, então **meu primeiro trabalho acadêmico foi auxiliá-lo nessa empreitada** – isso eu já era estudante do mestrado, começando. Ai, que eu tive **uma interação mais próxima com os professores do mestrado da PUC** – que, na verdade, todos eram recém-chegados (Entrevista de Gustavo Franco à autora, 2019, grifos meus).

Assim, as heranças familiares traduziram-se em ingressos em departamentos voltados para a formação de uma elite intelectual ou de uma elite dirigente no país, em que as relações entre professores e alunos se davam de maneira bastante próximas, evidenciando afinidades sociais, culturais, políticas e acadêmicas – não só nos casos de Monica e Gustavo, mas também de outros acadêmicos e especialistas. Aliás, essas relações com os professores e com os departamentos em que fizeram suas graduações, mestrados e doutorados são muito frisadas nas entrevistas que esses agentes me concederam, mas também nos relatos que fazem em livros, artigos e textos na imprensa. O período de formação acadêmica é mencionado como importante não apenas na constituição de um repertório de referências da área específica, mas também no engendramento de determinadas visões de mundo e escolhas interpretativas bem como no estabelecimento de uma rede de relações importantes para as trajetórias seguintes.

Além disso, os professores têm centralidade nesses relatos, seja como inspirações e apoios, seja como decepções. Ao contrário dos trechos citados acima, em que a proximidade fica bastante nítida, outros agentes atribuem aos professores determinadas reconversões nas carreiras e nas tomadas de posição. Alexandre Schwartzman, por exemplo, pretendia tornar-se professor universitário, mas acabou seguindo no mercado financeiro; Fabio Giambiagi, cujas origens apontavam para a continuação na academia, com o doutoramento, acabou considerando-o pouco vantajoso em relação a sua carreira no BNDES.

A verdade é que parte dos problemas do mestrado na USP era exatamente isso. **A PUC, a EPGE-FGV, no Rio, eles tinham uma tradição e mantêm essa tradição, os professores basicamente ajudam a encaminhar alunos para os programas de pós [no exterior]**. Então, pegam os melhores alunos, um mínimo de orientação. Eu fui [para o doutorado no exterior] absolutamente no escuro, porque **não tinha nenhum professor minimamente interessado nesse assunto**, no mestrado da USP, na época em que eu estava lá (...) Isso é um contraste grande com outros

departamentos no Brasil: **na época, PUC e EPGE, pelo contrário, eram departamentos que abriam os braços para os alunos que vinham de algum departamento forte, contratavam essas pessoas, tentavam de alguma forma incorporá-las**, principalmente para trazer esse conhecimento novo. E a USP não. (Entrevista de Alexandre Schwartzman à autora, 2019, grifos meus)⁶⁶.

Fabio Giambiagi: No sentido de, grosso modo, passar a pensar o oposto do que eu pensava na graduação em relação a uma série de questões sobre a economia.

Allana: Ao que o senhor atribui essa mudança?

Fabio Giambiagi: À vida, não é?! Duas coisas: o próprio processo de amadurecimento natural do ser humano, passar a pensar e incorporar novos conhecimentos, ler coisas que inicialmente você não lia etc. E, certamente, também influenciou muito a experiência do Plano Cruzado, em que eu vi **alguns dos meus professores irem para o governo, teoricamente para fazer as políticas que eles acreditavam e fracassarem rotundamente**. Então, isso foi um choque para mim, uma experiência marcante que me levou a repensar até que ponto uma série de coisas que eu tinha aprendido eram corretas ou não, e passar a pensar mais e ler outros tipos de visões etc. (Entrevista de Fabio Giambiagi à autora, 2019, grifos meus).

Tendo feito graduação e mestrado na UFRJ, inclusive, com orientação da professora Maria da Conceição Tavares, o economista Fabio Giambiagi afirma-se como “um herege”, já que adotou posteriormente uma visão econômica distante da heterodoxia associada ao departamento em que se formou e à orientadora que teve. Assim, as narrativas das trajetórias, das conversões profissionais e ideológicas desses especialistas e acadêmicos vão sendo traçadas com bastante proximidade em relação às instituições de ensino e às experiências nelas vivenciadas. Muitos deles se tornaram, inclusive, professores das faculdades por que passaram. É o caso de Marilena Chaui, Emir Sader, André Singer e Vladimir Safatle na FFLCH-USP, mas também dos economistas Samuel Pessôa e Alexandre Schwartzman na FEA-USP (ainda que por um período curto), Fabio Giambiagi na UFRJ (também por um curto período), Monica de Bolle e Gustavo Franco na PUC-Rio.

O percurso de Gustavo Franco, aliás, pode ser tomado como um caso exemplar do padrão de carreira seguido pelos egressos da faculdade em que estudou assim como o próprio contribuiu na constituição da identidade do departamento, tendo sido ele quem escreveu o capítulo sobre a faculdade para o livro *Ensaio de História do Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo*.

Ocupei cargos de administração, coordenação e planejamento acadêmico, orientei dezenas de monografias e teses, ofereci cursos de natureza diversa e contribuí de forma relevante para a produção acadêmica no Departamento em várias áreas. Assim sendo, assisti, **mas também fui protagonista do desenvolvimento do projeto acadêmico** que se iniciou ao final dos anos 1970, e que **levou o Departamento de**

⁶⁶ A ausência de interlocução mais intensa entre professores e estudantes pode ser explicada, primeiro, pelo fato do departamento de economia da USP, à época, ser mais amplo do que o da PUC-Rio e o da EPGE, por exemplo (KLÜGER, 2017, p. 481). Além disso, seu pluralismo – em contraposição às características mais monolíticas da PUC-Rio, da EPGE e da Unicamp (LESSA, EARP, 2007, p. 225) – permitia identificações mais diversas em seu interior.

Economia da PUC-Rio a se tornar um dos mais destacados centros de excelência na disciplina no país (FRANCO, 2007, p. 229, grifos meus).

A confluência entre as disposições prévias, a carreira realizada, o prestígio alcançado pela instituição e as afinidades ideológicas de Gustavo Franco permite que ele mescle as trajetórias, quase como se fossem uma só. Frases, como “eu entrei no 3º ano que o curso de mestrado foi oferecido, ainda um pouco verde – eu e o mestrado, os dois. Mas, a partir dali, tudo cresceu de uma forma muito bacana” (Entrevista de Gustavo Franco à autora, 2019), deixam evidente essa mescla entre a história institucional e a trajetória pessoal do economista. Esse imbricamento também pode ser observado na relação de estudantes e professores com a Faculdade de Filosofia da USP, especialmente, aquela localizada na rua Maria Antônia (ver subcapítulo 3.3), e também na trajetória de Luiz Gonzaga Belluzzo⁶⁷, um dos criadores do Instituto de Economia da Unicamp. Criado no intuito de constituir-se como uma “elite intelectual alternativa” (LESSA, EARP, 2007, p. 217), o departamento da Unicamp congregou professores da Cepal (instituição em que Belluzzo estudou) e orientações políticas de oposição à ditadura⁶⁸.

Os mais velhos dos acadêmicos contaram com a abertura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP à entrada de mulheres e descendentes de famílias de origem imigrante, provindos de setores tradicionais empobrecidos, filhos de pais professores secundários, servidores públicos ou profissionais intelectuais e culturais (MICELI, 2001a, p. 94-95) – justamente o perfil de origem social de acadêmicos como Marilena Chaui e Emir Sader, cujas socializações passaram pelo ambiente da FFCL da rua Maria Antônia. Faculdade vista, por um lado, por seu aspecto “democratizante”, já que nela ingressavam “diferentes níveis das classes

⁶⁷ Graduado em Direito, Belluzzo seguiu o padrão de formação de uma geração de economistas anteriores ao processo de institucionalização da área, iniciado nos anos 1960. Na época, o perfil social dos ingressantes dos cursos de graduação em economia era de jovens de origem mais baixa – egressos de escolas profissionalizantes, sobretudo, contadores e de escolas técnicas de comércio. Foi somente a partir dos anos 1970 que esse perfil começou a se modificar, passando de jovens de origem mais baixa para aqueles provenientes de camadas sociais mais elevadas (LOUREIRO, 1997, p. 37). Assim, a maior parte dos economistas consagrados da época formavam-se em Engenharia e Direito, cursos de maior prestígio, estudando economia apenas na pós-graduação ou como autodidatas (LOUREIRO, 1997, p. 63).

⁶⁸ A Cepal foi uma das instituições centrais na formação do campo dos economistas no Brasil – e na América Latina – bem como do pensamento sobre o desenvolvimento econômico no país e no continente, a partir dos anos 1950 (KLÜGER, 2017, p. 31; LOUREIRO, 1997, p. 26). “Os membros da Cepal participavam de uma instituição nova, que pretendia afirmar sua identidade latino-americana e marcar sua posição de autonomia frente aos EUA. Eram, em geral, jovens saídos das escolas de direito, economia ou ciências sociais de diversos países da América Latina, alguns com estudos em escolas norte-americanas, e que foram reunidos em Santiago do Chile sob liderança de Raúl Prebisch, o “Grande Heresiarca” argentino, fundador do Banco Central de seu país e, na época, “despejado da Argentina peronista”. Assim, eram muito grandes as possibilidades de inovação teórica, ou de posicionamento heterodoxo, por parte desse grupo. Além da situação de perseguição política vivida por Prebisch, muitos, como Celso Furtado, iniciavam na época suas carreiras e faziam seus investimentos mais importantes nos estudos econômicos. Estavam portanto mais abertos às novas teorias” (LOUREIRO, 1997, p. 45). Ver também BARBOZA, 2018.

sociais médias” e, por outro, por sua “função de formar novos quadros intelectuais, formalmente designados como elites” (SIMÃO, 1988, p. 13). Por meio da proximidade entre alunos e professores, ia se formando naquele espaço uma rede de trocas e afetos (LEBRUN, 1988; GIANNOTTI, 1988) assim como um conjunto de nomes que se tornaram presentes nos debates públicos do país. Bolívar Lamounier, que também está entre os mais velhos dos intelectuais midiáticos, não se formou naquele ambiente, contando, porém, com a estrutura e a condição de bolsista na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais (FACE-MG), outro reduto de formação de nomes que se tornaram participantes do debate intelectual público anos mais tarde (ver subcapítulo 3.4).

Já os economistas, cuja formação acadêmica se deu entre a década de 1970 e a de 1980, conviveram com as disputas em torno dos departamentos de economia, que ganharam também um status privilegiado, sobretudo, com a emergência desses profissionais enquanto elite dirigente do país (LOUREIRO, 1997; ver subcapítulo 3.2 e 3.5 desta Parte). Os mais jovens – de cursos variados – têm a trajetória de formação em um contexto de maior diversidade e complexificação do sistema universitário brasileiro. De todo modo, as disputas entre os diferentes departamentos que se destinaram à formação das elites intelectuais e dirigentes brasileiras serão abordadas em mais detalhes nos próximos subcapítulos, já que trazem uma série de elementos importantes para se pensar como foi se forjando o debate intelectual contemporâneo e as escolhas políticas dos agentes.

Tabela 12 - Formação dos colunistas especialistas e acadêmicos

Nomes	Graduação	Mestrado e Especialização	Doutorado
Alexandre Schwartzman	Economia na USP (1981-1986); Administração de Empresas na FGV-SP (1981-1984)	Economia na USP (1987-1990) – CNPq ou Capes	Economia em Berkeley (1991-2000) - Capes
Bolívar Lamounier	Sociologia e Política na FACE-UFMG (1961-1964) – Bolsa da FACE	Ciência Política na UCLA (1965-1968)	Ciência Política na UCLA (1968-1974) – Bolsa EUA (Fundação Parvin) (LAMOUNIER, 2018b, p. 82)
Denis Rosenfield	Filosofia na Universidade Autônoma do México (1972-1976)	-	Doutorado de Estado em Filosofia na Universidade de Paris I – Panthéon Sorbonne (1978-1982) - CNPq
Fábio Giambiagi	Economia na UFRJ (1980-1983)	Economia na UFRJ (1984-1986)	Sem doutorado
Fernando Schüler	História na Faculdades Portoelegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) (1982-1985); Ciências Jurídicas e Sociais na UFRGS (1990 - sem conclusão)	Especialização em História do Brasil na FAPA (1986-1987); Especialização em Políticas Públicas e Gestão Governamental pela Escola Nacional de Administração	Filosofia na UFRGS (1999-2007) – CNPq

		Pública (1996); Especialização em Gestão Cultural e Cooperação Ibero-americana na Universidade de Barcelona (1996-1997); Mestrado em Ciência Política na UFRGS (1989-1995) – Capes	
Gustavo Franco	Economia na PUC-Rio (1975-1979); Administração na EBAP-FGV (1975 - sem conclusão)	Economia na PUC-Rio (1980-1982) – Capes	Economia em Harvard (1982-1986) – CNPq
Monica de Bolle	Economia na PUC-Rio (1990-1993)	Economia na PUC-Rio (1994-1996)	Economia na LSE (1996-2000) – CNPq
Murillo de Aragão	Direito no CEUB (1978-1983)	Ciência Política na UnB (1990-1992)	Estudos Comparados Sobre As Américas na UnB (1997-2000)
Samuel Pessôa	Física na USP (1981-1984)	Física na USP (1985-1987)	Economia na USP (1988-1994) – CNPq
André Singer	Ciências Sociais na USP (1976-1980); Jornalismo na USP (1982-1986)	Ciência Política na USP (1990-1993)	Ciência Política na USP (1994-1998)
Emir Sader	Filosofia na USP (1962-1965)	Filosofia na USP (1967-1968)	Ciência Política na USP (1984-1990)
Jessé de Souza	Direito na UnB (1978-1981)	Sociologia na UnB (1982-1986) – CNPq	Sociologia na Karl Ruprecht Universität Heidelberg (1987-1991) – DAAD
Laura Carvalho	Economia na UFRJ (2002-2006)	Economia na UFRJ (2006-2008) – CNPq	Economia na New School for Social Research (2008-2012) – Capes
Luiz Gonzaga Belluzzo	Ciências Jurídicas e Sociais na USP (1962-1965); Ciências Sociais (1962-1966, sem obter diploma)	Especialização em Desenvolvimento Econômico e Programação Industrial na Cepal/Ilpes (1966-1969)	Economia na Unicamp (1972-1975)
Marilena Chaui	Filosofia na USP (1960-1965)	Filosofia na USP (1966-1967)	Filosofia na USP (1967-1971)
Vladimir Safatle	Comunicação na ESPM (1990-1994); Filosofia na USP (1991-1994)	Filosofia na USP (1995-1997) - CNPq	Filosofia Paris VIII (1998-2002) – Capes

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados fornecidos em entrevista e disponíveis nos currículos *Lattes* dos colunistas.

3.1 A CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL: ENTRE O EXÍLIO E O INTERCÂMBIO ACADÊMICO

Além de se formarem em universidades brasileiras de prestígio, os mais especialistas e acadêmicos dos colunistas estudados neste trabalho recorreram também à circulação internacional, sobretudo, com a realização do doutorado no exterior. Esse processo de internacionalização – que contribuiu para o aumento de prestígio das faculdades de economia no Brasil assim como esteve ligado à consolidação do sistema de pós-graduação das ciências sociais no país (LOUREIRO, 1997; MICELI, 1995a; MICELI, 1995b) – passou também a

ocupar lugar central nas disputas pela composição das elites dirigentes e intelectuais, como apontam diversos trabalhos (CARLOTTO, 2018; CANÊDO, 2013; HEY, 2008; ALMEIDA, 2008; ANUATTI NETO, 1997; LOUREIRO, 1997).

Longe de ser homogênea, tal circulação internacional deve ser compreendida a partir das diferentes modalidades de realização, diferenciando, assim, gerações da chamada elite, como aponta Carlotto (2018). Se os ocupantes dos mais altos postos de poder até os anos 1960, os chamados “herdeiros”, valeram-se dos recursos familiares para a realização de intercâmbios, posteriormente, investimentos estrangeiros – da Fundação Ford, da FLACSO – assim como nacionais – com bolsas da Capes e CNPq – possibilitaram a realização de estudos no exterior por parte de uma nova geração de estudantes – não necessariamente despossuídos (Ibid., p. 83). Mais recentemente, ao analisar os líderes de *think tanks*, o que Carlotto observa é que entre eles predomina o investimento familiar em etapas iniciais da formação – seja em cursos de inglês pré-universitários, graduações integrais, especializações e MBAs ou mestrados (CARLOTTO, 2018, p. 83). A distinção entre os modos de acesso a essa experiência assim como entre os cursos e lugares de destino não apenas engendra o acúmulo diferencial de capitais, em termos de volume e tipo, como também é mobilizada pelos agentes em disputa de modo a valorizar as próprias trajetórias.

Enquanto os colunistas nascidos na década de 1940 tiveram suas experiências de internacionalização, direta ou indiretamente, ligadas ao exílio durante a ditadura militar, para os mais jovens, ela faz parte de investimentos familiares associados a bolsas de estudos brasileiras que começaram a se ampliar, sobretudo, a partir dos anos 1980. No exílio, das décadas de 1960 e 1970, intelectuais e militantes estabeleceram novas relações sociais – com outros exilados bem como com intelectuais, políticos e militantes de outros países –, uma parte deles conseguiu ampliar seus capitais acadêmicos – estudando ou dando aulas em instituições de prestígio internacionais – assim como também desenvolveu novas articulações políticas. Porém, distanciados do país de origem, de familiares e amigos, essas experiências também deixaram nos exilados marcas afetivas. Em entrevista ao programa *Provocações*, por exemplo, como resposta à pergunta “Qual foi a maior imprudência da sua vida?”, Emir respondeu:

Emir Sader: Muitas imprudências na clandestinidade.

Antônio Abujamra: Fala alguma coisa grande. Se não, a gente pensa pior do que você falar.

Emir Sader: Eu acho que é viver na clandestinidade na Argentina, na época do terror.

Antônio Abujamra: Repete.

Emir Sader: Viver na Argentina na época do terror, onde eu perdi a companheira da minha vida, que foi sequestrada e até hoje não foi encontrada (SADER, 2003, grifos meus).

Emir Sader passou 13 anos fora do Brasil durante o regime militar brasileiro; Luiz Gonzaga Belluzzo saiu do país por conta das perseguições políticas em 1975; Marilena Chaui conviveu com exilados no período em que estudou na França:

Era em Paris que eu ficava sabendo do que se passava no Brasil, dos acontecimentos da rua Maria Antônia; e foi a Paris que, no início de 1969, começaram a chegar os exilados, os professores cassados pelo AI-5, as notícias do desmantelamento do Departamento de Filosofia. E resolvi antecipar a minha volta, inicialmente prevista para 1970, e voltar em 1969 para ajudar a preservar o que restara do Departamento, que havia sido esfacelado e que, a duras penas, a professora Gilda de Mello e Souza dirigia (CHAUI, 2000, p. 305).

Assim, o intercâmbio internacional dessa geração se confundiu com as lutas políticas da época e com a experiência de exílio direta ou dos colegas. Entre os colunistas-acadêmicos mais jovens, o exílio foi vivenciado pelos pais, como visto no capítulo 2. Assim, entre a luta política, a carreira acadêmica, as relações sociais estabelecidas e as marcas afetivas, o exílio pode ser considerado como um dos momentos decisivos na constituição das subjetividades desses agentes assim como nos rumos posteriores de suas carreiras e atuações políticas.

Já Bolívar Lamounier, que também está entre os mais velhos, diferencia-se deles pois completou o doutorado nos Estados Unidos, na *Universidade da Califórnia* em Los Angeles (UCLA). Tendo partido para o mestrado em 1965 e completado em 1968, Lamounier só conseguiu defender o doutorado em 1974, devido às perseguições políticas que sofreu nos retornos ao Brasil, além das dificuldades econômicas, que o levaram a combinar a pesquisa com outras atividades, como algumas no jornalismo. Antes da pós-graduação e também em um período anterior àquele em que os colunistas-acadêmicos partiram para outros países, em 1963, no terceiro ano da graduação, Lamounier foi convidado a participar do *Brazil Student Leader Seminar*, na *Universidade da Califórnia*, com apoio do Departamento de Estado norte-americano. Como ele afirma em seu livro autobiográfico, o conjunto dos estudantes brasileiros selecionados, afirma Lamounier (2018, p. 76), “pendia para a direita, mas nós, Amaury e eu, situávamos mais à esquerda”. A temporada nos Estados Unidos contribuiu para os rumos seguintes na trajetória acadêmica de Lamounier, já que ele foi convidado a realizar a pós-graduação na UCLA.

Essa experiência inaugural no exterior associou-se às mudanças que já começavam a acontecer em seu curso de graduação em Sociologia e Política na UFMG. O intercâmbio de alunos em fase de conclusão de curso na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) levou a transformações no departamento, com o declínio da influência francesa de até então e a ascensão dos padrões norte-americanos de ciência política. Tais transformações, segundo Lamounier, foram fomentadas ainda pelos investimentos da Fundação Ford

(LAMOUNIER, 2018b, p. 75). Nesse contexto, ele se converteu aos padrões americanos de ciência política: “Mas, eu tinha realmente chegado à conclusão de que era perda de tempo ficar lendo a literatura francesa daquela época, porque não tinha nada a acrescentar ao que eu já sabia. (...)” (Entrevista de Bolívar Lamounier à autora, 2019).

A narrativa do cientista político sobre suas experiências internacionais fornece alguns elementos interessantes de análise: 1) primeiro, a importância das instituições estrangeiras, como FLACSO e Fundação Ford, no processo de internacionalização dos departamentos e dos estudantes, já no início dos anos 1960, como alguns autores já apontaram (MICELI, 1995a; LOUREIRO, 1997); 2) e em segundo lugar, as referências às identidades políticas e acadêmicas – mais à direita e mais ligada aos padrões norte-americanos de ciência política – da experiência de Bolívar se contrapõem ao ambiente militante, de esquerda e predominantemente francês ou latino-americano em que Emir Sader, Marilena Chaui e Luiz Gonzaga Belluzzo experienciaram no exterior.

Essa geração – que aprendeu outros idiomas nos colégios e faculdades, nas leituras estrangeiras e já nas experiências no exterior; que vivenciou o intercâmbio mesclado à experiência de exílio; que não teve investimentos familiares diretos na internacionalização – contrapõe-se aos mais jovens, que mesclaram o acesso a bolsas de estudo do governo brasileiro, como Capes e CNPq, aos recursos familiares desde cedo, seja no aprendizado de outras línguas, seja em intercâmbios pré-universitários, seja na ajuda financeira durante o período de pós-graduação, seja morando no exterior devido aos trabalhos e exílios dos pais.

Na Tabela 12, é possível observar que, dentre os economistas, apenas Luiz Gonzaga Belluzzo, Samuel Pessôa e Fabio Giambiagi não fizeram cursos de pós-graduação no exterior. Os outros, Alexandre Schwartzman, Gustavo Franco, Monica de Bolle e Laura Carvalho, realizaram o doutorado pleno nos Estados Unidos ou na Inglaterra, com financiamento da Capes e do CNPq. Franco, Schwartzman, de Bolle e Carvalho realizaram seus doutorados em universidades estrangeiras de prestígio – Harvard, Berkeley, London School of Economics (LSE) e New School of Social Research (NSSR), respectivamente⁶⁹ –, as quais são recorrentemente apontadas como instituições de formação das elites econômicas brasileiras

⁶⁹ No trabalho de Elisa Klüger, a partir de uma análise de redes referente aos agentes e instituições centrais no espaço econômico brasileiro no período que vai de 1990 a 2003, Harvard está mais próxima à posição neoliberal enquanto Berkeley situa-se em torno da heterodoxia matematizada. Já a LSE e a NSSR não aparecem na rede que a autora elaborou com referência a esse período. No site da LSE, o departamento de economia se apresenta como voltado a garantir a apresentação de “todo o espectro da economia *mainstream*”. Já a NSSR afirma seu diferencial a partir da ênfase em disciplinas como história econômica, economia política e história da economia, incluindo abordagens keynesiana, pós-keynesiana, marxista, estruturalista e outras heterodoxas (NEW SCHOOL; LSE).

(KLÜGER, 2017; PERISSINOTTO et al., 2017; OLIVIERI, 2007)⁷⁰. Além dos recursos familiares, outro elemento importante na realização da formação no exterior foi o apoio e a influência dos professores na escolha e na aprovação no doutorado, como fica evidente no relato do economista Gustavo Franco:

O ambiente todo da PUC, vamos dizer que, induzia a essa escolha. Os professores todos tinham doutorado em universidades americanas ou inglesas de primeira linha. Então, a carreira acadêmica ali para todos, naquele ambiente, era natural ir para uma universidade no exterior de primeira linha e depois voltar para encorpar mais o projeto acadêmico da PUC. Foi exatamente o que eu fiz (Entrevista de Gustavo Franco à autora, 2019).

No caso de Franco, portanto, o intercâmbio internacional esteve ligado a um projeto institucional da PUC-Rio de fortalecimento da internacionalização. Trabalhos como o de Loureiro (1997) demonstram como este departamento, junto com a EPGE-FGV, investiu fortemente nesse processo, contratando professores que cursaram a pós-graduação no exterior assim como investindo na circulação internacional dos mesmos, via “presença em congressos ou seminários internacionais; publicação em revistas estrangeiras, especialmente norte-americanas; participação em sociedades científicas etc.”, além da passagem por “agências econômicas internacionais como o FMI, o Banco Mundial etc.” (LOUREIRO, 1997, p. 68-74). A “afinação com os padrões internacionais da boa prática profissional” aparece no texto de Gustavo Franco sobre o departamento de economia da PUC-Rio como justamente o elemento de excelência do mesmo.

Se os economistas tiveram como destino principal os Estados Unidos, os filósofos se direcionaram principalmente para Paris. Além de Emir Sader e Marilena Chaui, que realizaram pesquisas na capital francesa, Denis Rosenfield e Vladimir Safatle fizeram seus doutorados na Universidade de Paris I e na Universidade de Paris VIII, respectivamente.

A valorização da experiência internacional enquanto diferencial na formação perpassa o discurso dos colunistas-acadêmicos e dos colunistas-especialistas. Nos jogos de distinção, algumas estratégias de valorização da própria trajetória são lançadas como meio de aumentar o valor dos diplomas conquistados no mercado de bens simbólicos. Assim, para além de terem realizado os doutorados no exterior, eles também ressaltam alguns aspectos das condições de tal realização, com argumentos que marcam a superioridade de suas experiências e o maior grau de dificuldade de seus feitos, o que demonstra o ambiente altamente competitivo em que se

⁷⁰ Estes estudos se debruçam sobre as trajetórias dos diretores do BNDES (KLÜGER, 2017) e sobre os critérios de recrutamento dos diretores e presidentes do Banco Central do Brasil (PERISSINOTTO et al., 2017; OLIVIERI, 2007) – instituições, portanto, tomadas por estes trabalhos como definidoras da elite econômica.

inserem. Competição, aliás, que se estabelece entre as instituições e áreas de formação, como será visto nos próximos subcapítulos.

3.2 A “EXCELÊNCIA ACADÊMICA” EM DISPUTA: OS MODELOS DE UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO

Cresci numa família paulistana de classe média em que o nome do Departamento de **Filosofia** da Universidade de São Paulo, quando pronunciado, gerava reações de **reverência** do tipo que no **passado** provavelmente era reservado a santos ou cardeais. Tínhamos a impressão, na década de 1980, de que as teorias e interpretações que saíam da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas ainda eram capazes de deixar os **franceses** de queixo caído. Anos antes, aquela havia sido a escola do “seminário Marx” – quando professores da casa se dedicaram a ler em detalhe e interpretar de maneira inovadora a complexa obra do pensador alemão. Era também, como sabíamos, a escola de Marilena Chauí, uma das maiores especialistas em Spinoza; de José Arthur Giannotti e Ruy Fausto, os grandes conhecedores de Marx; de Paulo Arantes, autoridade em Hegel. Ainda hoje não sei dizer se a **imagem de excelência** que associávamos àquele departamento, na minha juventude, correspondia à verdade. Com o passar dos anos ficou-me a impressão de certo **provincianismo** paulista nos **festejos**. Seja como for, a importância do departamento para a profissionalização da filosofia no Brasil é inegável (PESSÔA, 2016, grifos meus).

O parágrafo que abre o artigo do economista Samuel Pessôa, publicado originalmente na *Revista Piauí* em dezembro de 2016 e, posteriormente, no livro *O valor das ideias* em 2019, oferece alguns elementos para se analisar as bases sociais das tomadas de posição dos especialistas em contraposição às dos acadêmicos, mas também para se pensar as críticas comumente remetidas à USP, especialmente aos cursos de humanas, por parte de vários dos intelectuais midiáticos. Nesse sentido, este subcapítulo se debruça sobre as disputas entre as instituições de ensino e as áreas de conhecimento às quais os especialistas e acadêmicos se vinculam, tendo em vista a centralidade das mesmas em suas trajetórias, nas definições de suas visões de mundo e nas bases interpretativas que mobilizam. Além disso, compreender as disputas entre essas instituições pode contribuir também para o entendimento de suas traduções no espaço midiático.

Retomando o trecho acima e observando os termos grifados, os quais são associados ao departamento de Filosofia da USP – outrora dominante na constituição de uma interpretação sobre o Brasil –, é possível formar pares de oposição: provincianismo *versus* cosmopolitismo; passado *versus* futuro; reverência *versus* irreverência; franceses *versus* anglo-saxões; excelência *versus* militância; filosofia *versus* matemática; festejo *versus* monotonia; entre outros possíveis⁷¹. As expressões que preenchem tais pares são termos recorrentemente citados

⁷¹ Esses pares não constituem oposições essenciais, de modo que fazem sentido apenas no contexto estabelecido e como termos síntese, que simplificam os esquemas de pensamento acionados com frequência pelos especialistas aqui estudados. Matemática e filosofia, por exemplo, não são, essencialmente, antagonistas; a primeira é, inclusive,

nas narrativas autobiográficas e nos textos dos agentes aqui estudados. Um desses, escrito por Gustavo Franco sobre o departamento de economia da PUC-Rio e publicado no livro *Ensaio de História do Pensamento Econômico no Brasil contemporâneo*, oferece uma contraposição nesse sentido:

O episódio [da controvérsia sobre distribuição da renda] foi muito educativo, tanto sobre polêmicas no Brasil quanto sobre essa época confusa em que, genericamente, e para o bem da construção do nosso **futuro**, era preciso lidar com as feridas deixadas pelo regime militar, e na qual a academia estava a caminho de deixar a **militância** e retornar à **monotonia** meritocrática da busca pela **excelência**. Aliás, “retornar” talvez não fosse bem o termo, porque o mundo acadêmico brasileiro, como depois ficaria mais claro, não era propriamente um templo ordenado pela máxima **anglo-saxã** do *publish or perish*. Antes pelo contrário, havia “**historicismo**” e aversão à **matemática**, à direita e à esquerda, com honrosas exceções. Talvez apenas após o desembarque das primeiras levas de PhDs formados no exterior é que a academia brasileira foi se ajustando, e bem lentamente, ao **cânone internacional** (FRANCO, 2007, p. 231, grifos meus).

Embora não se refira ao Departamento de Filosofia da USP e tenha como enfoque as disputas referentes à área de Economia, Gustavo Franco constrói um retrato do que seria, para ele, a academia brasileira e do que ela deveria se tornar. O que esses dois trechos deixam entrever é a disputa em torno dos critérios de “excelência acadêmica” que vai mediar os discursos desses acadêmicos e especialistas bem como os modelos de universidade que serão acionados por uns e por outros como o ideal. Enquanto a Faculdade de Filosofia da USP é representada por Samuel Pessôa como a excelência do passado, agora questionada, e o lugar anteriormente legítimo de produção de teorias e interpretações sobre o mundo social; a PUC-Rio é apontada por Gustavo Franco, justamente, como o centro brasileiro que conquistaria o ideal acadêmico projetado. A “monotonia meritocrática”, própria, segundo o olhar de Franco, da economia ortodoxa matematizada realizada na PUC-Rio (ver subcapítulo 3.5 desta Parte), se oporia ao “festejo” militante que nessas narrativas estaria associado ao Departamento de Filosofia da USP e àquela economia que mais se aproximaria dele. A oposição entre meritocracia e militância é acionada com frequência nos discursos dos experts, compondo uma das estratégias das batalhas intelectuais desse conjunto, no contexto contemporâneo. Desse modo, ainda que a contraposição direta e explícita entre a Filosofia da USP e a Economia da PUC-Rio não esteja presente nos debates nem os departamentos se constituam como adversários imediatos, são esses os dois modelos acionados: o primeiro, pelos colunistas mais

tributária da segunda, tendo se desenvolvido em extensa relação. No contexto atual, porém, alguns debates midiáticos acabam por colocá-las em oposição, seja enquanto disciplinas, seja enquanto métodos científicos, ou ainda em suas relações com determinados departamentos acadêmicos. Também a militância e a excelência, em outros contextos, não são dotadas de sentidos antagonistas, sendo a oposição aqui estabelecida pelos agentes. Ver: BOURDIEU, 1996a.

acadêmicos; o segundo, pelos mais especialistas, sobretudo os economistas (ver gráficos do capítulo 2 da Parte V).

Entre os tipos ideais aqui construídos – PUC-Rio, economia ortodoxa matematizada e Rio de Janeiro *versus* USP, filosofia e São Paulo –, situam-se variadas vertentes do pensamento, áreas do conhecimento, instituições e lugares do país que tornam a batalha acadêmica, parte da “guerra cultural” contemporânea, um caldo ainda mais complexo e que fazem a mediação a partir de combates específicos. Embora os embates de ideias não se deem diretamente entre a Filosofia da USP e a Economia da PUC-Rio, os antagonismos forjados no campo acadêmico acabam por aludir às oposições acima mencionadas, assim como em todas elas a figura da Faculdade de Filosofia da USP se coloca como uma referência. Essas oposições se desdobram, porém, em outros níveis: no âmbito da ciência econômica, já disputaram Unicamp e UFRJ, mais próximas de uma heterodoxia, com PUC-Rio e FGV, mais ligadas à ortodoxia, e FEA-USP no intermédio (LOUREIRO, 1997; KLÜGER, 2017) (ver subcapítulo 3.5 desta Parte); entre economia e filosofia, as ciências sociais engendraram disputas entre a “escola de sociologia paulista” e a ciência política forjada na UFMG com proximidades às ciências sociais do Rio de Janeiro (KEINERT; SILVA, 2010) (ver subcapítulo 3.4); dentro da própria USP, os conflitos acerca da política universitária contrapuseram duas figuras do departamento de Filosofia: Marilena Chaui e José Arthur Giannotti (CHIARAMONTE, 2015; HEY, 2008) (ver subcapítulo 3.3) – apenas para citar alguns exemplos. Esses antagonismos vão se retraduzindo dentro dos próprios departamentos e universidades bem como no universo mais amplo do debate público sobre o sistema de ensino superior no Brasil e mesmo sobre o modelo de educação mais adequado ou mais ideal para o país.

As disputas mais diretas e específicas de cada área vão mediando a batalha acadêmica, cujos móveis centrais são o critério de “excelência acadêmica” e, consequentemente, o modo legítimo do saber científico e social. A hegemonia reconhecida do Departamento de Filosofia da USP enquanto espaço de produção intelectual legítimo – que em alguma medida monopolizara a produção e a difusão do conhecimento social e fora o espaço de formação dos grandes intelectuais públicos brasileiros – é colocada em xeque e atacada por diversas frentes no mercado de bens simbólicos, após um processo de expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil e também dos espaços de produção cultural, na metade do século passado. Mais do que isso, o estilo de vida intelectual ali forjado passa a ser o alvo de ataque não apenas no ambiente acadêmico – sobretudo, por um modo de se fazer ciência mais associado à expertise – mas também na esfera do debate público – com ataques vindos do jornalismo

(CHIARAMONTE, 2015), do polemismo e da militância que em outros momentos lhe foram cúmplices (ver Parte IV).

Tomando as histórias familiares dos especialistas e acadêmicos estudados neste trabalho, mais uma vez, observamos a centralidade do departamento de Filosofia da USP enquanto lócus de socialização, formação e admiração. Mesmo aqueles, como Samuel Pessôa, que têm como parâmetros de excelência outros que não os seguidos por este departamento, referem-se a ele como um modelo a ser superado. Por outro lado, embora a PUC-Rio seja referência quase exclusiva, neste trabalho, dos economistas, ela paira sobre os mais à direita como o exemplo de excelência ou mesmo como o espaço de formação⁷².

O lugar do departamento de economia da PUC-Rio foi sendo construído a partir do final dos anos 1970, tendo se consolidado com a participação de professores da instituição na formulação do Plano Real, nos anos 1990. Assim, se não se pode falar de uma hegemonia da instituição – até mesmo pelo processo de expansão e descentralização universitária –, o modelo representado pelo departamento e seguido também por outros, como a EPGE-FGV, constituiu-se a partir de uma oposição a determinados padrões de ensino e pesquisa, seja dentro do próprio âmbito da economia (LOUREIRO, 1997; KLÜGER, 2017), mas também no sistema acadêmico como um todo. Já o que o Departamento de Filosofia da USP – sobretudo aquele situado na Rua Maria Antônia – representava não constitui mais o lócus de formação dos estudantes de ciências sociais e filosofia, embora ainda detenha certo poder simbólico, capaz de despertar tantas reações de oposição, seja dentro da academia, seja na mídia.

Para a constituição desse quadro, faço um recuo no tempo, a fim de brevemente expor a emergência da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP como centro da produção intelectual do país. O delineamento da cidade de São Paulo como metrópole, centro econômico e cultural, com uma diversificação de atividades e lugar da vanguarda da modernização brasileira, teria sido o terreno fértil para a criação de uma universidade tal qual a USP (ARRUDA, 1995).

⁷² A pós-graduação em Economia da PUC-Rio segue um modelo, em maior ou menor medida, defendido por vários desses *experts* como o ideal para a academia brasileira. Além de ser privada e não contar com um regime de estabilidade dos profissionais: 1) seus professores têm doutorados no exterior, sobretudo nos Estados Unidos – em universidades como Cambridge University, Harvard University, MIT, New York University, Princeton University, Stanford University, University of California at Berkeley e University of Chicago – ou na própria PUC-Rio; 2) segundo o site do próprio departamento, entre 2006 e 2016, 38% dos dez primeiros e 40% dos 20 primeiros colocados no concurso da ANPEC, necessário para a entrada em um programa de pós-graduação em economia, optaram pelo mestrado na PUC-Rio; 3) as teses e dissertações são escritas em inglês; 4) os professores publicam em periódicos internacionais, como *American Economic Review*, *Econometrica*, *Quarterly Journal of Economics*, *Journal of Political Economy* e *Review of Economic Studies*; 4) vários professores e alunos receberam o *Prêmio Haralambos Simeonidis*, da ANPEC, e o do BNDES (DEPARTAMENTO DE ECONOMIA PUC-RJ).

A rigor, só existiu uma vida acadêmica, na acepção das experiências europeias e norte-americanas, na Universidade de São Paulo, entendendo-se por isso uma atividade profissional permanente de docentes e pesquisadores em condições de fazer da universidade o centro de sua vida pessoal (afetiva e profissional), o lugar de suas realizações, o espaço prioritário de sociabilidade, o horizonte último de suas expectativas de melhoria social, a instância decisiva de reconhecimento do mérito científico e intelectual (MICELI, 2001a, p. 107).

Nesse contexto, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se tornara o centro da sociabilidade universitária, e o mito construído em seu entorno, referenciado pela rua Maria Antônia, estaria relacionado, segundo Arruda (1995, p. 138), “ao período inicial de constituição da carreira universitária, principalmente, na área de humanidades”. A instituição de um saber “pautado pelos cânones científicos”, relativamente distante dos “problemas candentes do Brasil”; de um ambiente inspirado no “modelo universitário francês”; da dominância da “disciplina”, do “trabalho ascético” e de um “tecnicismo” se oporia à tradição do pensamento social brasileiro, tomado como ensaístico e pouco autônomo (Ibid., p. 139-140). Como afirma Arruda, “apesar das limitações, constituiu-se, na Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia, o padrão de reflexão acadêmica” (Ibid., p. 141). Nesse sentido, a intelectualidade e a academia paulista se diferenciariam daquela desenvolvida no Rio de Janeiro.

A despeito da proximidade das elites paulistas no projeto de criação da USP, esta teria se afastado paulatinamente desses interesses a partir da inserção dos grupos emergentes na Faculdade de Filosofia e na Escola Livre de Sociologia e Política. Já os cientistas sociais cariocas seriam em geral integrantes das elites políticas e culturais (MICELI, 2001a, p. 108). Assim, enquanto o ISEB manteria uma estreita vinculação com a política, “contribuindo para entronizar os modelos de interpretação desenvolvimentista como critério de relevância intelectual”, cuja hierarquia se estabelecia a partir da “relevância para o debate político mais amplo”, nessas escolas da USP teria prevalecido uma “hierarquia propriamente acadêmica, privilegiando os métodos de apropriação científica (a começar pelo trabalho de campo) e os focos de interpretação, substituindo a relevância política pela excelência intelectual” (MICELI, 2001a, p. 104).

Enquanto, em São Paulo, os cientistas sociais atuantes na Escola de Sociologia e Política e na Universidade de São Paulo como pesquisadores e docentes encontraram aí um emprego de tempo integral, seus contemporâneos isebianos (alguns nem mesmo pertencem à universidade) fazem de seus encargos acadêmicos um bico prestigioso entre inúmeras outras atividades, cargos, atribuições e negócios pessoais (MICELI, 2001a, p. 103).

Nesse sentido, as diferenças entre os padrões de carreira dos mais acadêmicos dos colonistas em relação aos mais especialistas assemelham-se em alguma medida às distinções

que marcavam os intelectuais da USP em relação aos isebianos. Entre as oposições analisadas por Miceli no excerto acima e as diferenças entre os intelectuais midiáticos de hoje, há, porém, todo um processo de institucionalização das ciências sociais e humanas no Brasil que reconfigurou o espaço de concorrências, antagonismos e cumplicidades. Esse processo esteve atrelado aos financiamentos advindos das agências internacionais – como a Fundação Ford – e brasileiras – como Capes, CNPq, FAPESP e Finep, por exemplo –, bem como à criação de programas de pós-graduação e associações acadêmicas.

Por um lado, em suas origens, tanto a Faculdade de Filosofia, as escolas de ciências sociais quanto os departamentos de economia se opuseram, em sua constituição, a um tipo de conhecimento próprio dos bacharéis, que então dominavam a prática intelectual e política no país⁷³. Por outro, enquanto os economistas, representantes do modelo dos “técnicos-políticos” ou experts, substituem os “políticos-bacharéis” enquanto elite dirigente do país (DEZALAY; GARTH, 2000; KLÜGER, 2017); aqueles formados na FFLCH-USP ganharam certa dominância intelectual e acadêmica (ARRUDA, 1995; MICELI, 2001a).

A partir de meados dos anos 1980 e com mais força nos anos 1990, os debates, que se acumulavam desde as décadas passadas, engendraram a dominância do modelo de expertise – cujo tipo ideal seria o economista⁷⁴ – também na agenda de discussão acerca do ensino superior no Brasil (HEY, 2008; CHIARAMONTE, 2015; DEZALAY; GARTH, 2000). A emergência desse modelo está atrelada à internacionalização e, mais especificamente, a uma “americanização” da ciência econômica, fortalecida ainda pelos investimentos da Fundação Ford, concentrados no início da década de 1960, sobretudo, nos cursos de economia e administração do Brasil (MICELI, 1995a). Paralelamente, os processos de institucionalização

⁷³ Se, por um lado, a Escola de Sociologia e Política assim como a Faculdade de Filosofia da USP seriam vistas como concorrentes no mercado até então monopolizado pelos bacharéis em direito, por outro, nem uma das duas conseguiu se constituir, em um primeiro momento, em “alternativas satisfatórias para uma trajetória profissional à altura das ambições dos herdeiros dos setores dirigentes” (MICELI, 2001a, p. 123). Para outros textos sobre como as formações sociológicas, das ciências sociais ou da Faculdade de Filosofia se contrapunham à cultura dos bacharéis, ver: ALMEIDA, 2001; ARRUDA, 1995.

⁷⁴ A emergência dos economistas enquanto elite dirigente no Brasil, em outros países da América Latina e nos Estados Unidos, associa-se a uma transição entre o modelo de “políticos-bacharéis”, marcados pelo conhecimento generalista, para o dos “técnicos-políticos”, cujo conhecimento técnico e especializado é o distintivo (LOUREIRO, 1997; DEZALAY; GARTH, 2000). Desde a segunda metade do século passado, esses economistas vêm substituindo os bacharéis nos cargos de conselheiros e assessores políticos, mas também como dirigentes, em órgãos como o Ministério da Fazenda, do Planejamento e o Banco Central (LOUREIRO, 1997). Se a emergência dos economistas enquanto elite dirigente no Brasil remete-se ao período que vai de 1930 a 1964, tendo os órgãos governamentais e as instituições de pesquisa aplicado papéis centrais na construção de uma identidade desses profissionais e na formação do campo (Ibid., p. 24), é somente depois da chegada dos militares ao poder que os cursos de pós-graduação em economia vão se instalar no país e a internacionalização dos agentes se torna alvo de investimento, fortalecendo a estrutura de formação acadêmica (Ibid.). Foi a partir de 1964 que o prestígio das faculdades de economia começou a se modificar – transformação atrelada, principalmente, à criação dos cursos de pós-graduação e à internacionalização da ciência econômica (Ibid.).

das ciências sociais no Brasil foram também fortemente influenciados pelos investimentos da Fundação Ford:

Talvez o aspecto mais negativo desse processo de institucionalização das Ciências Sociais tenha sido o crescente insulamento da Economia no conjunto das operações latino-americanas. Tal fato acabou provocando em alguns países, inclusive o Brasil, uma duplicidade de tratamento, quer no plano estritamente orçamentário, quer no tocante à divisão do trabalho de acompanhamento, avaliação e consultoria, produzindo-se, no limite, uma situação de “dois pesos, duas medidas”, contribuindo, entre outras razões, para orientar a Economia mais para a “direita”, próxima aos governos, às arenas decisórias da política econômica, e confinando as demais Ciências Sociais nos espaços à esquerda do espectro político-doutrinário, ancoradas nas universidades e centros de investigação (MICELI, 1995a, p. 362).

Tais processos se relacionam intimamente com as trajetórias dos colonistas estudados nesta parte do trabalho. Tributários dessas lutas e da emergência do expert, não apenas nos cargos do Estado, mas na academia e em outros espaços de produção cultural, como a imprensa, os mais especialistas dos colonistas travam uma disputa com outros agentes, como filósofos e cientistas sociais⁷⁵. Cristalizando outros modelos como atrasados, esses especialistas tomam para si o lugar de agentes da modernização do Estado brasileiro, da academia, da economia, do jornalismo e da política⁷⁶.

Para pontuar algumas das atuações contemporâneas desses especialistas nas disputas do campo acadêmico, é interessante mencionar o papel do economista Samuel Pessôa, que vem produzindo diversos estudos sobre educação no país, apontando propostas tanto para o ensino básico e fundamental quanto para o superior. Além da participação em grupos de trabalho sobre o assunto na FGV, Pessôa já publicou diversos *papers* sobre o tema em revistas acadêmicas bem como colunas de jornais e um livro, organizado com Fabio Giambiagi, Fernando Veloso e Ricardo Henriques, intitulado *Educação Básica no Brasil*. Da mesma forma, outros economistas, mesmo que não tenham se especializado no assunto, como Fabio Giambiagi e Alexandre Schwartsman, também já abordaram o tema. De maneira geral, esses economistas

⁷⁵ Como Miceli afirma, dados os modos de financiamento das ciências sociais no Brasil, a partir de agências internacionais ou agências públicas, as lideranças intelectuais passaram a manter relacionamento privilegiado com certos setores dirigentes da burocracia estatal, levando assim a adotar certas modalidades de trabalho político cultural e político: “Assim, seja por conta dos serviços prestados de consultoria, pelo assessoramento às lideranças partidárias ou às equipes governamentais, seja por força da contribuição que fazem à definição das agendas públicas de discussão nas diversas áreas de política social, seja pela explicitação nas mídias das lutas envolvendo os diversos grupos de interesse no que talvez seja a especialidade mais característica de sua competência profissional, seja pelo projeto constantemente renovado de exercer influência mesmo fora das cidades da ciência, seja enfim por esse estado de permanente disponibilidade para o trabalho político, os cientistas sociais brasileiros são parte integrante do sistema político e por essa razão tendem quase sempre a se comportar como atores políticos cômicos, senão do espaço a que podem almejar, de seus instrumentos de combate” (MICELI, 1995b, p. 11).

⁷⁶ Sobre as discussões acerca da modernização do Estado brasileiro, sobretudo via universidade, ver Hey (2008); sobre as lutas em torno da modernização econômica, ver Loureiro (1997); sobre as disputas em torno da modernização do jornalismo, ver Ribeiro (2003) e Chiaramonte (2015).

defendem práticas como a avaliação e a perda de estabilidade dos professores, o critério de meritocracia para avaliação de seus salários, a ênfase em questões mais práticas da vida e a desideologização do ensino (PESSÔA apud AZEVEDO, 2018a; GIAMBIAGI; SCHWARTSMAN, 2014, p. 543-544). Na lógica muitas vezes apresentada por eles, o desenvolvimento econômico do país estaria ligado a uma “educação de qualidade”, nesse caso, associada àquela capaz de elevar a “produtividade no país”, o que seria supostamente dificultado pelo distanciamento das teorias em relação à prática cotidiana bem como pela “ideologia” presente em algumas disciplinas, sobretudo aquelas mais ligadas às humanas (PESSÔA, 2018b; GIAMBIAGI; SCHWARTSMAN, 2014, p. 322-323).

Essas ideias também estão presente no discurso de outros colonistas-especialistas (SCHÜLER, 2018a), além de acompanhar as propostas em relação ao ensino superior, que sugerem o fim da estabilidade dos servidores e professores, o modelo baseado na elevada publicação e até mesmo a cobrança de mensalidades nas universidades públicas. Samuel Pessôa, Gustavo Franco e Fabio Giambiagi são vozes que já defenderam a revisão da gratuidade dessas universidades (PESSÔA, 2014; FRANCO, 2016b; GIAMBIAGI; PINHEIRO, 2006, p. 276). Já Fernando Schüller foi além, no artigo *Cobrar mensalidade não é a melhor solução para universidades públicas*, no qual propôs que o “modelo” como um todo fosse discutido. Afirmando a simpatia de setores “pró-mercado” com a proposta de cobrança de mensalidades em contraposição à “nossa velha e conhecida corporação pública”, que, segundo ele, como era de se esperar, acionou “os argumentos de sempre: o ensino deve ser “público e gratuito”, é preciso combater a lógica privatizante, a universidade presta relevantes serviços, é um “direito”. Coisas assim” (SCHÜLER, 2017). Para Schüller, a ideia da cobrança não é “de todo absurda”, mas “é apenas comum”, já que não propõe uma modificação “na estrutura de gestão das universidades”, fazendo com que a classe média tenha que lidar com mais um custo: “a mesma [classe média] que já paga saúde pública e contrata saúde privada; que paga a escola pública e contrata a escola privada e cada vez mais faz o mesmo com previdência e mesmo segurança” (SCHÜLER, 2017). Como outros autores também argumentam, os exemplos anglo-saxônicos são mobilizados por Schüller como bem-sucedidos:

Um país se faz de escolhas. O mundo anglo-saxônico escolheu erguer, ao longo de sua história, uma rede de universidades independentes, **organizadas como instituições filantrópicas**, com fundos de “endowment” (o maior é o de Harvard, com ativos de US\$ 37 bilhões), **gestão profissional e programas agressivos de doações, cátedras, alumni e filantropia**. Nossa opção foi pela **burocracia pública**, essa é a verdade. Cada um pode fazer a gritaria que quiser, e todos podemos fazer de conta que tudo isso é muito natural, que sempre foi assim, que talvez nem tivemos opção. Mas não é verdade, sabemos disso (SCHÜLER, 2017, grifos meus).

Essas propostas elencadas pelos experts se contrapõem à ideia de excelência e ao modelo de universidade que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP evocava e ao ambiente em que boa parte dos acadêmicos aqui estudados se formou. O trecho da entrevista de Marilena Chaui ao Roda Viva de 1999 deixa clara essa distinção:

De alguma maneira **essa ideia da universidade de resultados, dessa universidade operacional, eficaz, rápida, que treina e que desfaz a própria ideia de formação e de pesquisa...** de alguma maneira, ela se tornou uma ideia hegemônica, você conversa com os universitários e eles consideram que é assim. Eles sequer vislumbram que a universidade não só não precisa ser assim, mas seria melhor se ela não fosse assim. Agora, o contrário disso... de um modo geral, **é do lado da filosofia e do lado de uma parte das ciências sociais que você percebe a reação contra isso.** Então, eu diria que a filosofia tem um papel dentro da política universitária, que é de lembrar, primeiro: a universidade que se propõe hoje não precisa ser assim e não deve ser assim, e que há alternativas. **A filosofia pode repor a ideia de formação, no sentido amplo da formação cultural, e ela pode recolocar o sentido profundo da noção de pesquisa.** Ao invés da pesquisa ser entendida como achar uma resposta pontual a um problema pontual, é repor a ideia da pesquisa como uma investigação e uma interrogação que abrange toda uma experiência contemporânea. **Então, eu diria que o fato de essa universidade querer que a filosofia fique de escanteio produz resultado contrário.** Quer dizer, a filosofia tem muito que falar. Agora, o que seria o trabalho em termos de política universitária? Eu diria que há vários. Eu diria que se trata, em primeiro lugar, de pensar-se o modo de inserção da universidade ditado pela ideia neoliberal. O que é a ideia neoliberal? Na ideia neoliberal, a política é a economia, a economia é a finança, a finança é o mercado e o mercado é um jogo. É isso. **Agora, se você insere a universidade nesse contexto, você insere a universidade, portanto, no mercado e no jogo.** Eu penso que a primeira tarefa que nós temos, em termos de política universitária, **é refutar que o que se faz na universidade tenha que ser determinado pelas exigências e necessidades do mercado. Porque essa é a quebra da racionalidade da universidade** (CHAUÍ, 1999, grifos meus).

As propostas acima demonstram como a figura do especialista passou a atuar também nas modificações do espaço universitário, concorrendo com as lógicas mais acadêmicas. Em uma relação íntima com as lutas no campo do poder⁷⁷, as batalhas intelectuais e acadêmicas foram sendo por elas modificadas e circunscritas ao mesmo tempo em que iam também transformando-as e reestabelecendo seus limites. Para compreender essas diferenças de

⁷⁷ Como Bourdieu afirma, “o campo do poder é um campo de forças estruturalmente determinado pelo estado de relações de poder entre formas de poder, ou diferentes formas de capital. É também, e inseparavelmente, um campo de lutas de poder entre os detentores de diferentes formas de poder, um espaço de jogos no qual aqueles agentes e instituições possuindo capital específico suficiente (econômico e cultural em particular) para poder ocupar as posições dominantes dentro de seus respectivos campos confrontam-se usando estratégias que buscam preservar ou transformar essas relações de poder” (BOURDIEU, 1996c, p. 264-265, tradução minha). Este campo vai se formando a partir da diferenciação de um núcleo inicial e da criação de “cadeias de dependência”: “ali onde havia uma pessoa vai haver um conjunto de agentes ao mesmo tempo cúmplices e adversários — cúmplices no uso do poder e adversários na concorrência pelo monopólio do poder e na concorrência pelo monopólio do uso legítimo do poder, ou pelo monopólio de uma forma particular de poder que se reivindica como a única legítima: será o conflito entre o Parlamento e o rei, e assim por diante. [É preciso estudar] como as redes se alongam e como se apresenta, em favor dessa diferenciação, o problema das relações entre os poderosos: com as guerras palacianas etc.” (BOURDIEU, 2014, p. 380).

posições e tomadas de posição, abordo nos próximos subcapítulos alguns dos espaços e disputas em que se inseriram as instituições e áreas às quais os agentes se vinculam.

3.3 OS INTELECTUAIS DA MARIA ANTÔNIA: ENTRE A NOSTALGIA E AS TRANSFORMAÇÕES

Colunas greco—romanas sustentam a fachada avarandada. No hall de entrada, painéis com as fotografias dos primeiros professores e formandos da **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**. (...) A direita e à esquerda, salas de aula: sobre um pequeno tablado, a **cátedra** (modesta mesa, cadeira de espaldar alto), mesas onde se instalam os alunos, dois a dois. O tratamento de professores e estudantes é cerimonioso — senhor, senhora (**nunca, porém, o “Vossa Excelência” do largo de São Francisco**). De volta ao saguão, descendo a escada, almoxarifado, centros estudantis. Um pátio. A direita, biblioteca central. Em frente, Grêmio e restaurante. Pelo interior do Grêmio, um lance de escada conduz ao prédio vizinho, instalação das **Exatas e das Letras**. Prosseguindo pelo pátio, mais à esquerda, **Economia e Administração, instalação moderna**, porta da frente abrindo para a Dr. Vila Nova (CHAUI, 1988, p. 240-241, grifos meus).

A descrição do prédio em que se instalava a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, na rua Maria Antônia, e dos hábitos de seus alunos e professores é feita por Marilena Chaui para o livro *Maria Antônia: uma rua na contramão*. Aquele ambiente, onde parte da intelectualidade brasileira se formou, é lembrado, neste livro, por diversos intelectuais como o espaço de socialização, formação cultural, intelectual e política (SANTOS, 1988). Entre os autores do livro, diversos familiares dos mais acadêmicos: a própria Marilena Chaui; Eder Sader, irmão de Emir Sader, assim como o tio de ambos, Azis Simão; e Paul Singer, pai de André Singer.

No relato de Marilena, o caminho percorrido no espaço concreto aponta para alguns elementos que evocam proximidades e distâncias simbólicas. Por um lado, “senhor, senhora” já marcavam uma mudança em relação ao “Vossa Excelência”, do Largo São Francisco, ou seja, do espaço de formação dos bacharéis em Direito, outrora hegemônico na reprodução e integração política, intelectual e moral das classes dominantes (MICELI, 2001b, p. 115). Luiz Gonzaga Belluzzo, por exemplo, é uma figura que se formou nos dois espaços. Por outro, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras também se distinguia da Faculdade de Economia e Administração, caracterizada pela “instalação moderna” (CHAUI, 1988, p. 241; SINGER, 1988, p. 82). Enquanto a FFCL foi descrita pelo economista Paul Singer como “intelectualmente brilhante, engajada, com vida política fervilhante”, a FCEA foi avaliada como “opaca, voltada para dentro de si, quase sem vida política, exceto querelas internas, motivadas por disputas pessoais ou de pequenos grupos” (SINGER, 1988, p. 82). O pai de André Singer também traçou uma trajetória na interseção entre as duas faculdades.

O espaço físico também apresentava mais uma das oposições diversas a partir das quais a Faculdade de Filosofia da Maria Antônia e seus professores e alunos se definiam: naquela rua, situava-se também a Universidade Presbiteriana Mackenzie, representante da “mentalidade conservadora tradicional” (CANDIDO, 1988, p. 38), alinhada à ditadura. Nesse caso, a oposição mais acirrada resultou em conflito físico, no que ficou conhecido como a Batalha da Maria Antônia, que inclusive levou à morte de um estudante secundarista, além do incêndio, da invasão e do fechamento do prédio da Faculdade de Filosofia, que iria, então, transferir-se para a Cidade Universitária (BATALHA..., 2008).

Aos olhos da opinião convencional, a coisa devia se configurar mais ou menos assim: no Mackenzie, a ordem, os bons costumes, a tradição, escorada em mestres confiáveis e rapazes de famílias bem organizadas; na Faculdade de Filosofia, a subversão, a baderna, a ameaça à estabilidade, por parte de uma juventude solta no mundo, sem amparo familiar, mal orientada por professores rebeldes (CANDIDO, 1988, p. 38).

Assim, a partir da oposição, mais ou menos ferrenha, em relação aos bacharéis do Largo São Francisco, aos economistas da FCEA e aos conservadores do Mackenzie, é que foi se forjando as identidades dos agentes formados na Faculdade de Filosofia. A cátedra, então, convivia com a proximidade entre alunos e professores (LEBRUN, 1988; GIANNOTTI, 1988): “Na Maria Antônia os departamentos eram pequenos e os contatos face a face. Nossos amigos e nossos amores, tudo girava em torno daquele pessoal da Maria Antônia” (GIANNOTTI, 1988, p. 45). Nesse sentido, o espaço físico e o tamanho institucional do departamento contribuíam para a formação e a reprodução de uma nova elite, por meio de relações de afeto e proximidade⁷⁸. As contradições daquele espaço são inclusive mencionadas por Chauí:

Entre a recíproca emulação de grupos auto-referidos, confiantes em sua excelência, e os ressentimentos nascidos de disputas e discriminações; em meio ao despotismo da cátedra e à louca competição por ela desencadeada, é estroçando impiedosamente vidas, carreiras e esperanças tanto quanto estimulando o florescer de outras; laica, livre-pensadora, racista, machista, mesquinha e fecunda, ciosa de sua autonomia e liberdade, conflituosa, distribuidora de privilégios contestáveis e, no entanto, malgrado injustiças, também capaz de reconhecimento pelas obras que fazia nascer, a Maria Antônia se preparava, na gestão de Ulhoa Cintra, para sua primeira reforma universitária. Sob sua orientação, almejava-se criar verdadeiramente uma

⁷⁸ A esse ambiente se somaria a mentalidade do corpo docente – o qual era formado, em parte, pelos professores vindos da missão francesa no país, caracterizados como “antifascistas e adeptos da Frente Popular em seu país” (SIMÃO, 1988, p. 13). Tida como “um lugar para as vocações que não tinham lugar” (SIMÃO, 1988, p. 14), a FFCL teria, segundo Simão, satisfeito “vocações antes marginalizadas”, expandindo o saber, “que se processou de certo modo revolucionário em nosso quadro cultural da época”. Para Giannotti, a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1934, já havia marcado “uma ruptura com um tipo de intelectual humanista que militava em São Paulo. Esse aspecto humanista, meio ensaísta, esteve presente de Oswald de Andrade, passando por Mário de Andrade, até os intelectuais da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito ou da Escola Politécnica” (GIANNOTTI, 1988, p. 44). Sua primeira geração teria sido chamada por Oswald de Andrade de “chatoboy” – sendo justamente a geração Clima; enquanto a segunda, que havia entrado nos anos 1950, era da qual Giannotti fazia parte. “Em particular, tivemos a sorte de viver um clima de interdisciplinaridade, de contato que começou no Grêmio e as associações de ensino e continuou pela carreira de pesquisa, discutindo conjuntamente de Filosofia até a Física e a Matemática” (Ibid.).

universidade em sentido pleno e não mero nome para um conglomerado de escolas rivais (CHAUI, 1988, p. 244).

Já naquela época, segundo Chauli, a reforma universitária era colocada como agenda de debate, “ameaçando o ensino público e gratuito (cobrança de anuidades, taxas, criação de “fundações”), tentando transformar as universidades em empresas e modificando os vestibulares” (CHAUI, 1988, p. 248). Por outro lado, no interior da Maria Antônia, ocupada, o que se propunha, era “abrir vagas, ampliar o corpo docente, aumentar verbas e recursos, criar cursos básicos para integração de toda universidade, pôr um fim na tirania da cátedra, instaurar os departamentos com seus colegiados”, sob o som de palavras de ordem como “Fora com a universidade elitista e de classe!” (Ibid.).

A mudança de localização da Faculdade, porém, viria a modificar aquele ambiente, que fora tema dos relatos nostálgicos que compõem o livro de homenagem ao prédio da Maria Antônia. A “época de muita atividade intelectual, de liberdade e muita familiaridade entre todos nós” seria substituído por um “campus inóspito, de difícil comunicação”, cujo isolamento fora reforçado pela repressão da ditadura (GIANNOTTI, 1988, p. 47). “A cultura paulista começou a passar por outros caminhos que não a própria universidade. Essa geração experimentou uma espécie de perda do contato real com todo o movimento cultural brasileiro, que também estava fragmentado pela repressão”, afirmou ainda Giannotti (Ibid.).

Além das modificações na arquitetura em que esses intelectuais se instalavam, “o trabalho comum, a convivência nos bares” de então passaram a se contrapor a um departamento “composto por mais de trinta professores e não há trinta cadeiras em torno de uma mesa de bar” (GIANNOTTI, 1988, p. 46). Por outro lado, o professor de filosofia também enxergava um certo grau de provincianismo e ingenuidade ao período da Maria Antônia: “Estávamos [na época da Maria Antônia] começando a ter contato com um mundo novo que viera com a missão francesa, a ambição era estar em Paris, e nos entusiasmava a ideia de conseguir encaixar um livrinho na Presse Universitaire de France”, além de certa dose de “mediocridade”: “havia muito curso ruim, muito sacador e muita incompetência. Sob esse aspecto a universidade “engrandeceu” em seus defeitos e qualidades” (GIANNOTTI, 1988, p. 46). Essas transformações dariam ensejo a reconversões em termos de posicionamentos e visões sobre a universidade, que viriam a acompanhar a fragmentação da esquerda no processo de redemocratização do país. A ideia de formação de uma elite intelectual – direta ou indiretamente ligada àquela Faculdade –, nos moldes das relações estabelecidas naquele período, viria encontrar um desafio com a massificação do ensino, iniciada nos anos 1970 (HEY, 2008, p. 26):

Nós sabíamos que nossos alunos iam ser professores universitários. Hoje não sabemos o que fazer com os alunos que estão aparecendo pela faculdade. Para muitos deles, o futuro, como filósofo, é o desemprego, ou ir trabalhar em outras profissões. Ninguém assumiu que o público e a função da faculdade são diferentes. A atual estrutura já é uma restrição de um projeto maior, aquele da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, uma espécie de **“faculdade das faculdades”, que formava o “intelectual dos intelectuais”**. A partir de 64 houve uma perda setorializada e a faculdade virou um resíduo. Ela perdeu sua função estimuladora. A solução, a meu ver, é criar vários institutos, soltar os departamentos no espaço para encontrarem suas diferenças e acabar com essa necessidade mitológica de “estar todo mundo junto” (GIANNOTTI, 1988, p. 47-48, grifos meus).

Quanto ao período da minha graduação, para entendê-lo é preciso ter em conta que foi feito num **Departamento de Filosofia anterior à ditadura e à reforma proveniente do projeto MEC-USAID, isto é, do projeto de massificação e de mera escolarização a que foi reduzida a universidade pública**, destinada, doravante, a servir de trampolim para a ascensão social de uma classe média que serviu de suporte ideológico para os ditadores e para fornecer diplomas para currículos voltados para a competição no mercado de trabalho. O Departamento que frequentei era universitário no sentido forte do termo: poucas disciplinas, poucas horas-aula, aulas preparadas por escrito e ministradas com esmero, muito tempo para leituras e trabalhos, diversidade de perspectivas docentes e de investigação. (...) Era também um Departamento **com pluralidade de perspectivas políticas**, indo da posição liberal à trotskista, mas atento aos riscos da ideologia, ainda que, como iria observar anos depois o Paulo Arantes, estivesse impregnado de espiritualismo francês (CHAUÍ, 2000, p. 303, grifos meus).

Os debates que dominaram a agenda de discussão acerca do modelo de ensino superior, nos anos 1980 e 1990, teriam José Arthur Giannotti justamente como uma figura dominante, associado a outros nomes como José Goldemberg, Simon Schwartzman e Eunice Durham, que comporiam o grupo com maior força para impor, em grande medida, a agenda de pesquisa sobre ensino superior, além de terem atuado no fortalecimento de uma elite intelectual e política, sobretudo aquela ligada ao PSDB (HEY, 2008, p. 23; p. 25; CHIARAMONTE, 2015).

O grupo, ao qual o próprio Giannotti é um tipo ideal, é aquele da antiga Maria Antonia, o mesmo dos estudos interdisciplinares em torno d'O Capital, realizados entre 1959 e 1964, o mesmo que qualifica os intelectuais do Rio de Janeiro, no mesmo período, como menos dotados de compostura acadêmica, os contrários ao “sincretismo” de Florestan Fernandes, o mesmo que toma os intelectuais de 1930, em torno da USP, como aqueles com a tarefa de criar uma *intelligentsia*, ou melhor, como um grupo dotado de objetivos claros e relacionados com outras forças sociais, ou com tantos outros esquemas classificatórios que foram cunhados e legitimados no universo acadêmico das Ciências Sociais brasileiras (HEY, 2008, p. 36).

Com debates que circularam entre a universidade e a imprensa, a esses agentes viria se opor Marilena Chauí, mais ligada, por sua vez, ao PT (CHIARAMONTE, 2015). Foi nesse espaço da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que boa parte dos acadêmicos aqui estudados e de seus familiares forjaram suas afinidades sociais, culturais e políticas, constituindo uma elite intelectual não apenas ligada diretamente à disciplina de Filosofia, mas também aos cursos de Ciências Sociais e até mesmo de Economia. E vai ser em oposição a essa

intelectualidade, a seus critérios de excelência e ao seu modelo de formação e de universidade que vão se colocar boa parte dos colunistas-especialistas, mas também alguns jornalistas e polemistas (ver Partes III e IV), seja direta ou indiretamente.

3.4 OS CIENTISTAS POLÍTICOS ENTRE ECONOMIA E SOCIOLOGIA: AMERICANIZAÇÃO *VERSUS* MARXISMO

Olhando para trás, eu fico tentando interpretar, arranjar uma teoria que corresponda ao que eu vivi. Eu acho que uma coisa que inicialmente eu via de forma negativa e passei a ver de forma positiva é que nós [na Ciência Política da FACE-UFMG] não tivemos uma direção forte demais, de uma escola ou de um professor. Em São Paulo, a figura do Florestan era muito pesada para... Era assim: pegar ou largar. As pessoas estudavam e...

H.B. – Era uma condição, não é?

B.L. – Praticamente obedeciam ao Florestan. No Rio, não havia, naquela época, um currículo... na [Faculdade de] Filosofia, não havia um currículo muito bem organizado, naquela época, mas a grande influência no Rio era o Iseb [Instituto Superior de Estudos Brasileiros] – o Guerreiro Ramos; o Álvaro Vieira Pinto; o Hélio Jaguaribe –, que também, se você compara, tinha um pensamento muito canalizado, aquela doutrina nacionalista, formulada em termos muito taxativos, e as interpretações todas passaram por ali. Então, comparando, eu acho que a nossa formação foi meio anárquica. (LAMOUNIER, 2013).

Este excerto da entrevista de Bolívar Lamounier expressa algumas das oposições que definem sua formação e a de outros intelectuais que estudaram na FACE-UFMG, incluindo a contraposição em relação aos estudantes da USP. Ao relatar sua trajetória, Lamounier com frequência faz referências à experiência uspiana. Em São Paulo, no espaço de socialização universitária oferecido pela Maria Antônia, forjou-se uma Ciências Sociais dominada sobretudo pela Sociologia; influenciada pelos mestres estrangeiros, vindos principalmente da França; e cuja trajetória exemplar tem como personagem Florestan Fernandes (ARRUDA, 1995). Com as perseguições do regime militar no fim dos anos 1960, que levaram à aposentadoria compulsória e ao exílio de diversos professores da Faculdade, a hegemonia da Escola Paulista de Sociologia começou a declinar, abrindo espaço para o desenvolvimento de um outro campo disciplinar, qual seja, o da Ciência Política, cujo processo de autonomização remonta ao fim dos anos 1960 e a uma geração formada em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, da qual Bolívar Lamounier faz parte (KEINERT; SILVA, 2010, p. 79-80).

Assim como a economia (ver subcapítulo 3.5 desta Parte), a institucionalização da ciência política no Brasil esteve relacionada aos investimentos internacionais, advindos sobretudo da Fundação Ford (KEINERT; SILVA, 2010). Constituindo-se como o maior financiamento externo direcionado às Ciências Sociais, eles, como afirma Miceli, foram centrais, “tendo moldado decisivamente o processo de expansão e consolidação desse campo do conhecimento” (MICELI, 1995a, p. 351). A inauguração dos investimentos da Fundação

Ford nas Ciências Sociais se deu justamente no Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, onde Bolívar Lamounier estudava. A aproximação entre este departamento e aqueles que inicialmente concentraram os recursos da Fundação Ford (como economia, agricultura, administração pública), como afirma Miceli (1995, p. 356), “estreitou os contatos dos jovens representantes liberais com alguns dos igualmente jovens líderes emergentes do que viria a ser a primeira geração de cientistas políticos”. Esse departamento, juntamente ao IUPERJ – que também recebeu o apoio da Fundação e teve Lamounier como um de seus personagens centrais –, está ligado ao “processo de autonomização disciplinar da ciência política” (KEINERT; SILVA, 2010, p. 79). A geração de estudantes que se encaminhou aos Estados Unidos para realizar seus estudos foi construindo então um cânone disciplinar “articulando as novidades trazidas dos Estados Unidos com referências ligadas aos ensaios de interpretação sobre a história política do Brasil” (Ibid., p. 79).

Vários fatores foram fomentando, nas Ciências Sociais de Minas Gerais, um novo paradigma de profissionalismo e cientificidade, que se apresentava como “moderno” face às referências acadêmicas da geração da Escola Paulista de Sociologia, que vinham perdendo hegemonia⁷⁹ (KEINERT; SILVA, 2010, p. 80). Entre esses fatores estavam os financiamentos externos, as viagens dos alunos aos Estados Unidos e as disposições internas do departamento de Sociologia e Política da UFMG – bastante próximo da Faculdade de Administração e Ciências Econômicas e mais direcionado aos “temas mais políticos como o desenvolvimentismo *à la Iseb*” (ARRUDA, 2001, p. 320), além de expressar uma certa demanda por uma ciência política “mais especializada e aplicada” (KEINERT; SILVA, 2010). Sobre a importância desses investimentos externos, sobretudo da Fundação Ford, no desenvolvimento institucional dos diferentes centros de pesquisa em ciências sociais no Brasil, Miceli afirma:

O lance mais acertado da Fundação Ford consistiu justamente em oferecer os recursos que garantissem a continuidade e eventualmente reorientassem esses experimentos institucionais, maximizando as vantagens desse conjunto de condições extremamente favoráveis e logrando assim notável rentabilidade sobre seus investimentos. O Cebrap se explica tanto à luz do apoio externo quanto em função da existência prévia de uma geração inteira de cientistas sociais talentosos treinados no interior da Universidade de São Paulo. O Iuperj torna-se incompreensível sem o amálgama da herança isebiana e dos quadros intelectuais mineiros educados em Belo Horizonte e depois nas universidades americanas. A gênese do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais se explica pelos bons resultados alcançados

⁷⁹ Segundo Sergio Miceli, “Apesar das resistências suscitadas por seu perfil intelectual moldado à imagem e semelhança do sistema acadêmico francês, com seu lugar de honra atribuído à reflexão filosófica, as dificuldades em lidar com o modelo de excelência uspiano, às vezes visto pelo pessoal científico dos novos programas como ‘obsoleto’ e ‘tradicional’, acabaram sendo contornadas adiante, por ocasião da criação da Anpocs, expressão do novo equilíbrio de forças entre programas de pós-graduação, centros de pesquisa, disciplinas, tradições de pensamento e de prática científica e seus respectivos praticantes e lideranças” (MICELI, 1995a, p. 364).

pelo experimento anterior na Faculdade de Ciências Econômicas e pela passagem de alguns de seus integrantes pela Flacso chilena (MICELI, 1995a, p. 363).

É interessante notar que Lamounier circulou por todos esses espaços⁸⁰: foi bolsista da FACE, enquanto estudante da UFMG, compondo a elite dos alunos (ARRUDA, 2001, p. 304); teve contato com colegas que fizeram intercâmbio na FLACSO; contribuiu na criação do IUPERJ e passou um período trabalhando no Cebrap (onde se aproximou de Fernando Henrique Cardoso); além de ser amigo de Peter Bell, representante da Fundação Ford no Brasil. A bolsa conquistada por Lamounier durante a faculdade permitiu a ele compor uma elite universitária. Também foram financiados por essa bolsa: os cientistas políticos Amaury de Souza, Antonio Octavio Cintra, Fábio Wanderley Reis; os cientistas sociais Simon Schwartzman, Vilmar Faria e Herbert José de Sousa; os economistas Edmar Bacha e Vinicius Caldeira Brandt.

Segundo Lamounier, a seleção “tinha um efeito muito forte de canalizar as pessoas para a vocação, para o estudo acadêmico” (LAMOUNIER, 2013). Tal financiamento possibilitou a ele a dedicação aos estudos assim como o estabelecimento de uma rede de sociabilidade com outros nomes que viriam a compor uma elite acadêmica (CANÊDO, 2013). Segundo Canêdo (2013), em contraposição aos “herdeiros políticos”, cujas competências e vocações foram transmitidas pelas famílias, a geração de Lamounier adquiriu a predisposição para a “‘defesa de uma causa política’ no ambiente escolar, nos movimentos trotskistas e católicos e também na luta armada contra o governo militar” (Ibid., p. 1). Em geral, esses estudantes, assim como Lamounier, formaram a primeira geração com diploma de curso superior nas famílias (Ibid.). A rígida seleção presente na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FACE) de Minas Gerais⁸¹ criou uma série de oposições: “bolsistas x não bolsistas; pessoal do teatro e da

⁸⁰ Além de Bolívar Lamounier, Luiz Gonzaga Belluzzo também teve experiências no Cebrap e no Iseb. Ele chegou a afirmar: “Eu e João Manuel éramos, no fundo, muito críticos da visão da USP. Éramos alunos de lá e tínhamos mais afinidades com uma pessoa como o Fernando Novais, que estava muito mais próximo da outra visão do desenvolvimento, a do Iseb (...). Eu tinha essa coisa nacionalista, até pelo lado familiar. Meu tio, Luiz Gonzaga de Mello, morreu brizolista. (BELLUZZO apud ISMAEL, 2011, p. 427).

⁸¹ Criada em 1941, a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais (FACE) foi incorporada, em 1948, à UFMG. Com o fito de formar uma elite burocrática que seria responsável pela modernização de Minas Gerais, em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo, os professores da faculdade eram representantes do empresariado financeiro mineiro e das associações patronais (Federação das Indústrias e Comércio) (CANÊDO, 2013). Em Minas Gerais, as ciências sociais se desenvolveram no interior da Faculdade de Ciências Econômicas, contando com a participação de empresários e políticos. Sobre isso, Arruda afirma: “a sustentação empresarial [dada à Faculdade de Ciências Econômicas] expressa consciência da debilidade e não de força, correspondendo à percepção do atraso de Minas, tanto mais clara quanto mais cresciam as vozes dos desenvolvimentistas. Daí, a concentração de recursos e quicá de esperança na Faculdade de Economia, diferentemente da elite paulista que pôde se voltar para a Faculdade de Filosofia” (ARRUDA, 2001, p. 299). Essa inserção do curso de Sociologia e Política na FACE produziu também currículos semelhantes em relação aos cursos de Administração Pública, de modo que “a faculdade formava um cientista social muito mais próximo das questões do Direito e dos princípios constitucionais do Estado, do que propriamente um profissional das Ciências Sociais” (Ibid., p. 307).

crítica de cinema x grupo cristão; grupo cristão x grupo marxista, etc.” (Ibid.). E as diferenças de trajetória entre os estudantes da FACE engendraram diferentes carreiras políticas:

O doutoramento em ciências políticas em universidades americanas, por exemplo, propiciou aos estudantes considerados “brilhantes” na FACE a possibilidade de assessorar associações e organizações nacionais ou internacionais (Canêdo, 2009) onde são geradas influências normativas de grande importância, em especial no campo das políticas públicas. O percurso pelo exílio, com apoio da Igreja Católica, levou os ex-militantes cristãos à criação, no Brasil, das importantes ONGS apoiadas pela CNBB, e aos movimentos para criação de associações humanitárias, movimentos anti-globalização, sem falar na introdução, no Brasil, de categorias novas de mobilização (anti-Aids, contra fome, etc.). O percurso pelo SUL-SUL percorrido pela segunda geração levou a ações voltadas ao fortalecimento do sindicalismo do setor público, o qual se transformou na via de acesso de professores (escolas públicas) e bancários (bancos estatais) às organizações políticas (CANÊDO, 2013).

Os doutorados em universidades americanas somados à militância contra a ditadura se converteram em competência e autoridade intelectual para a análise de fenômenos políticos (CANÊDO, 2013). “Introduziram, assim, a ciência política no interior do ensino superior, nos centros de pesquisas, nas instituições de Estado e nos mercados de expertises, dando origem a novos modelos de interpretação da realidade nacional” (Ibid.). Esse papel também foi exercido por Bolívar Lamounier, que dirigiu o IUPERJ e presidiu o IDESP. Nos anos 1990, esse grupo de intelectuais, como parte do que assumiu o poder, transformou-se em assessores de políticas públicas – função que Lamounier também passou a exercer, com ligações estreitas com o PSDB (Ibid.).

Em contraposição, a segunda geração estudada por Canêdo, que foi expulsa da escola com menos de 20 anos, pelo AI-5 de 1968, não conquistou tais diplomas de prestígio e não circulou pelas potências democráticas de então (CANÊDO, 2013). Esse grupo foi composto por pessoas que foram presas, mortas ou exiladas antes de se diplomarem. Com a abertura política, em vez de se destinarem às áreas acadêmicas e aos trabalhos para ONGs, os representantes dessa geração foram encaminhados para sindicatos de profissionais liberais (economistas) e de funcionários públicos (professores). Ademais, juntaram-se a partidos como o PDT, de oposição, e contribuíram para a fundação do PT – como Dilma Rousseff, Patrus Ananias, Fernando Pimentel e Luiz Dulci. Esses nomes ocuparam, a partir de 2004, postos no governo de Lula (Ibid.), e Dilma chegou à presidência da República.

Em seus relatos, Bolívar Lamounier, que se tornou mais próximo dos intelectuais que viriam a apoiar e assessorar Fernando Henrique Cardoso, reforça com frequência a oposição ao marxismo em sua formação e em seu processo de socialização. Ele se insere, assim, em uma geração que:

Apesar de críticos das perspectivas mais assumidamente doutrinárias que marcaram os intelectuais do Iseb e o marxismo que se difundia no meio intelectual brasileiro, os

estandartes da cultura cientificista que era introduzida em fins dos anos de 1960 não se furtaram a emitir proposições normativas sobre o processo de “modernização” do país. Assim, a geração de especialistas ligava-se a um gênero de atuação política compatível com a linguagem científica que era acionada: a da intervenção técnica (KEINERT; SILVA, 2010, p. 95).

Nesse sentido, a geração de Lamounier se aproximava em termos de sociabilidade e visões de mundo dos economistas, cujas disputas serão tratadas no próximo tópico.

3.5 A DOMINÂNCIA DOS ECONOMISTAS: ORTODOXOS *VERSUS* HETERODOXOS

Ele [Roberto Campos] **tinha muitas desconfianças de Fernando Henrique Cardoso e de seus economistas da PUC** (Pontifícia Universidade Católica), e a memória do Plano Cruzado, que ele havia desancado impiedosa e merecidamente na imprensa, não ajudava. Ele parecia esperar de nós outro “camelo”, conforme a sua versão da velha piada, ou seja, **um cavalo desenhado em conjunto por economistas da Unicamp** (Universidade Estadual de Campinas) e **da PUC**. (...) **Campos tinha sido companheiro de Guilherme Arinos, meu pai**, na primeira diretoria do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), constituída em julho de 1952: ele como diretor, até julho de 1953, quando se demitiu junto com Glycon de Paiva, e Arinos como membro do Conselho de Administração, até julho de 1956, quando seu mandato se esgotou. Guilherme Arinos tinha sido o arquiteto da Lei n.1.628/52, que criou o BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), projeto em que trabalhou “com afinco e competência”,⁸ e estava entre os homens de confiança do presidente Vargas. **A época era de muitas disputas entre esses “técnicos nacionalistas” e os “técnicos cosmopolitas”,** entre os quais se incluía Campos, de acordo com a descrição de Lourdes Sola.⁹ **Sempre a mesma disjuntiva entre ortodoxos e heterodoxos, cuja designação e termos de referência vão mudando com o tempo** (FRANCO, 2012, p. 11-15, grifos meus).

No prefácio de seu livro *As leis secretas da economia – revisitando Roberto Campos e as leis do Kafka*, Gustavo Franco narra sua relação com o economista de cepa liberal durante o período de elaboração do Plano Real, em que começaram a almoçar juntos com regularidade, no apartamento de Campos em Brasília. A oposição entre “heterodoxos” e “ortodoxos” é acionada no discurso de Gustavo Franco, que retoma uma das antigas versões de categorização: “técnicos nacionalistas” *versus* “técnicos cosmopolitas”⁸². Essa se traduz em outras, utilizadas, em diferentes momentos, para definir os núcleos das disputas no seio da política e da ciência econômicas: desenvolvimentistas *versus* neoliberais; nacionalistas *versus* entreguistas;

⁸² A disputa entre os técnicos desenvolvimentistas cosmopolitas ou não-nacionalistas – especialmente, Roberto Campos – e os nacionalistas é abordada por Klüger (2017, p. 103 e p. 133). Na literatura, os técnicos cosmopolitas receberam também denominações como: “desenvolvimentistas cosmopolitas (SOLA, 1998), técnicos internacionalistas (LEOPOLDI, 1992), desenvolvimentistas do setor público não nacionalistas (BIELSCHOWSKY, 2000a), popularmente conhecidos como “entreguistas” (TAVARES, 2009, p. 167)”, de um lado, e “desenvolvimentistas nacionalistas (SOLA, 1998) ou desenvolvimentistas do setor público nacionalistas (BIELSCHOWSKY, 2000a)”, do outro (apud KLÜGER, 2017, p. 133). Os termos se referiam, então, à oposição entre aqueles que apoiavam as cooperações internacionais e aqueles que defendiam a importância do Estado e do capital nacional no desenvolvimento (Ibid.).

estatistas *versus* privatistas; estruturalistas *versus* monetaristas⁸³. Tais termos compõem um sistema de classificação, com frequência, mobilizado por economistas, jornalistas e, também, estudiosos do campo dos economistas, para posicionarem e se referirem a agentes, instituições, modos de pensamento, esquemas teórico-metodológicos e políticas nacionais, em diferentes épocas.

Embora as antigas oposições – tais como “técnicos nacionalistas” *versus* “técnicos cosmopolitas” – se mantenham em alguma medida retraduzidas em novas alcunhas (LOUREIRO, 1997, p. 70), elas vão tomando a forma de conflito explícito com o processo de institucionalização e diferenciação do campo dos economistas (KLÜGER, 2017, p. 358). Assim, se antes, os especialistas em economia – fossem eles “cosmopolitas” ou “nacionalistas” – cooperavam entre si, opondo-se àqueles que consideravam como meramente “políticos” nas lutas pela ocupação de cargos na burocracia estatal no governo Vargas, com a diferenciação interna, as oposições deixam de ter o caráter de cooperação (Ibid.). A criação de novas escolas na década de 1960 e, conseqüentemente, a entrada de novos agentes no espaço dos economistas possibilitaram disputas em torno das regras e princípios das práticas e teorias. Aliás, um dos motores para a inauguração desses novos departamentos foi justamente os conflitos políticos provenientes do apoio e da oposição à ditadura, “visto haver demanda por ambientes nos quais pudessem ser feitas livres críticas ao governo que, na área econômica, tinha como representantes máximos justamente os membros mais poderosos dos departamentos de economia da USP e da FGV” (KLÜGER, 2017, p. 358): Antônio Delfim Netto e Mário Henrique Simonsen, respectivamente.

Tais oposições passaram, então, a se configurar em conexão com os diferentes departamentos de ensino e pesquisa na área, tendo se complexificado e se reconfigurado no decorrer do tempo. Com o fim da ditadura, nos anos 1980, o surgimento de novos partidos políticos – e, portanto, a fragmentação da oposição – bem como a ampliação dos cursos de pós-graduação engendraram novas polarizações, inclusive, entre aqueles que, durante os governos militares, estiveram juntos na oposição (KLÜGER, 2017, p. 642). Se, em um primeiro momento, de redemocratização, houve entre esses economistas certa cooperação visando à “solidificação da economia do regime democrático” (Ibid., p. 646), depois de ocuparem cargos no governo federal, na burocracia estatal e de atuarem na elaboração e implementação de planos econômicos, novas fraturas se deram no espaço dos economistas (Ibid.). Essas reconversões, a partir dos anos 1980 e seguindo pelos anos 1990, resultaram na oposição mais explícita entre,

⁸³ Para análises mais detalhadas sobre os usos de tais termos em cada época e em cada grupo, ver KLÜGER, 2017 e LOUREIRO, 1997.

de um lado, a EPGE-FGV e a PUC-Rio – mais próximas à uma “ortodoxia matematizada” e às ideias “neoliberais” – e, de outro, a Unicamp e a UFRJ, associadas à “heterodoxia desenvolvimentista” (KLÜGER, 2017, p. 784). Já a USP, de caráter mais plural, ficava no intermédio, entre uma “heterodoxia matematizada” e os “não-liberais desenvolvimentistas” (Ibid.).

A EPGE-FGV (onde Samuel Pessôa veio a dar aula) e a PUC-Rio (onde Gustavo Franco e Monica de Bolle fizeram parte de suas trajetórias acadêmicas) se tornaram referência em termos de ênfase na matemática, na internacionalização (com mais de 80% dos professores formados nos Estados Unidos, com maiores índices de publicações em inglês e produções em revistas internacionais) e integração ao *mainstream*⁸⁴ (LOUREIRO, 1997, p. 70). Seus membros foram denominados “privatistas”, tanto por se situarem em instituições privadas de ensino como pela relação com empresas privadas, bancos e agências de consultoria, resultando em defesas do mercado (Ibid., p. 76). Por outro lado, a Unicamp (que teve Luiz Gonzaga Belluzzo como um de seus criadores) e a UFRJ (onde Laura Carvalho e Fabio Giambiagi se formaram) se destacaram pela valorização de abordagens históricas, sociais e políticas, por membros ligados à Cepal e pela preocupação com questões estruturais, com críticas às medidas neoliberais, sendo definidos como “estatistas”. Já a USP (onde Samuel Pessôa e Alexandre Schwartzman fizeram parte da formação e chegaram a dar aula; e de onde, hoje, Laura Carvalho é professora) se situava em um meio termo, com professores com doutorado na própria USP, mas também com um número significativo daqueles formados nos Estados Unidos e com orientações teóricas e práticas mais pluralistas (Ibid.).

O intercâmbio dos termos que marcam os embates acerca da política econômica e aqueles próprios da ciência econômica evidencia um sistema de classificação e critérios de consagração que se confundem entre um espaço e outro, demonstrando a heteronomia da ciência econômica no Brasil⁸⁵. Desse modo, a consagração de teorias, estudos, figuras e instituições na área acadêmica guarda relação com o sucesso na formulação de planos na política nacional assim como tal sucesso depende da legitimação dessas pessoas e pensamentos no espaço acadêmico. Essa conexão é ilustrada de passagem no relato de Gustavo Franco, que abre este capítulo, ao se referir aos economistas da PUC e aos da Unicamp como os

⁸⁴ Segundo Loureiro (1997, p. 70), o *mainstream* da época se caracterizaria por: “a) suposição de ação racional por parte dos agentes econômicos; b) reforço da crença no rigor permitido pelo instrumental matemático e econométrico, considerado a única linguagem aceitável nas análises econômicas; c) ideia de que o mercado, mesmo não tendendo automaticamente para a o equilíbrio, deve funcionar com reduzida intervenção do Estado”.

⁸⁵ A heteronomia do campo dos economistas também é verificada no caso da França, como Lebaron apontou: “Ao mesmo tempo coexistem diferentes instâncias de consagração, distintas fontes de capital simbólico que, freqüentemente, concorrem entre si e remetem a diferentes definições de economista” (LEBARON, 2001, p. 15).

formuladores dos planos de combate à hiperinflação, nos anos de 1980 e 1990, tendo eles fracassado no caso do Plano Cruzado – o que colocaria em dúvida suas competências⁸⁶. Segundo Loureiro, os efeitos negativos de tal fracasso recaíram mais fortemente sobre os professores da Unicamp do que os da PUC (1997, p. 82). A autora apresentou como hipótese o fato de que os primeiros teriam chegado ao governo por meio de suas relações com os partidos políticos – como “economistas do PMDB” – enquanto os outros teriam participado por suas “competências técnicas”. Além disso, estes teriam saído do governo antes da clara falência do plano (Ibid.).

Ao debate entre as posições mais técnicas e as mais políticas se soma ainda o trabalho memorialístico promovido pelos agentes em disputa que reconstroem suas histórias e as de seus departamentos com vistas a consagrá-los como símbolos de excelência acadêmica – cujo sentido é, inclusive, disputado. Na visão de Gustavo Franco, por exemplo,

o departamento [da PUC-Rio] era um caso de empreendedorismo do terceiro setor. Era preciso buscar *funding* externo para a pesquisa em bases competitivas. (...) Em boa medida, a mesma meritocracia que ordenava as métricas individuais de produção acadêmica servia para o conjunto do Departamento quando este se apresentava perante seus financiadores (FRANCO, 2007, p. 237).

O financiamento da atividade de pesquisa do departamento, até início da década de 1990, vinha de entidades como Fundação Ford⁸⁷, IDRC, OCDE, UNCTAD e até mesmo FINEP, Capes e CVRD. Na linha de pensamento construída por Franco, a meritocracia seria, portanto, confirmada por esses financiamentos – em maior escala, privados e internacionais – assim como estaria ligada ao espírito empreendedor, ilustrando o pensamento “privatista” dos egressos da PUC (LOUREIRO, 1997). A conquista de tais verbas é narrada por Franco como um comprovante do caráter meritocrático e técnico da PUC.

Por outro lado, a Unicamp, fundada no intuito de ser uma alternativa às escolas tradicionais, é associada, nos relatos memorialísticos (LESSA; EARP, 2007; CANO, 2007), à função de resistência política que historicamente exerceu em relação à ditadura e de alinhamento à esquerda em oposição às teorias consideradas de direita das outras escolas, além de adotar uma postura crítica em relação à sacralização da matemática. Enquanto a narrativa elaborada por Franco tende a ocultar as relações políticas de sua escola, o texto de Lessa e Earp, que compõe o mesmo livro, afirma, por exemplo, a importância do MDB no governo de São

⁸⁶ O trabalho de Klüger (2017) também demonstra esse entroncamento, já que transformações no espaço dos economistas no Brasil são, muitas vezes, derivadas de discussões no âmbito da política econômica e da política geral.

⁸⁷ A PUC-Rio foi a instituição que mais recebeu recursos da Fundação Ford entre 1962 e 1992, com um montante de 2.658.331 dólares, distribuídos entre as disciplinas de Economia, Demografia e Relações Internacionais (MICELI, 1995a, p. 393).

Paulo para a ampliação do financiamento da pós-graduação da Unicamp (LESSA; EARP, 2007, p. 217).

Com critérios de excelência que se distinguem, as próprias narrativas sobre os departamentos, elaboradas por economistas participantes dessas histórias (FRANCO, 2007; CANO, 2007; LESSA; EARP, 2007) e, portanto, com o intuito de produzir uma memória legitimadora, interferem nas imagens criadas sobre cada centro. De um lado, os ortodoxos, vinculados à PUC-Rio e à EPGE-FGV, são associados, por seus opositores, à implementação de um pensamento norte-americano no Brasil, portanto, sob influência direta dos organismos financeiros internacionais – além, é claro, da EPGE ter sido uma das escolas de sustentação dos governos militares; por outro, os heterodoxos, ligados à Unicamp e à UFRJ, são acusados de ideológicos, por suas ligações históricas com partidos políticos de esquerda e por adotarem outros métodos que não apenas aqueles matemáticos.

Se as pechas atribuídas a um e outro grupo são acionadas por ambos os polos, o que diferencia é o fato de que os economistas da PUC conquistaram uma dominância que os permitiu também impor, nos debates e na imprensa, suas representações – de si próprios, dos departamentos, dos adversários e até mesmo do que seria “meritocracia” e “excelência acadêmica” no espaço dos economistas. Reforçando certa legitimidade alcançada anteriormente – mas, antes, disputada por outros grupos –, o sucesso atribuído ao Plano Real foi a consagração final dos professores que fizeram parte de sua formulação assim como da instituição a que se vinculavam, a PUC-Rio.

O fato é que, especialmente no período 1999-2005, o modelo econômico do **esquerdismo nacionalista jurássico** (...) ficou reduzido a um punhado de radicais que deixaram o **Partido dos Trabalhadores** a bordo de uma melancólica Kombi cor de sangue (FRANCO apud FIUZA, 2006, grifos meus).

Durante os anos em que estive em Brasília o **mainstream** avançou rápida e decisivamente em espaços como a ANPEC, sem, todavia, isolar completamente os “**alternativos**”, os “**marxistas**” e **esquisitos** em geral, ainda muito influentes. A meritocracia avançou na direção de se tornar a linguagem universal da academia, de tal sorte que os “dissidentes” cada vez mais se dedicam a carreiras, não mais na academia, mas nas páginas dos jornais, ou no circuito de conferências e publicações “peso leve”, onde o rigor acadêmico é bem menor, ou mesmo em cargos públicos” (FRANCO, 2007, p. 239, grifos meus).

No processo de combate à hiperinflação, a batalha entre heterodoxos *versus* ortodoxos; nacionalistas *versus* cosmopolitas; atrasados *versus* modernos; Unicamp *versus* PUC-Rio; esquerda *versus* direita; PT *versus* PSDB é narrada como uma vitória dos segundos – no campo

da política e, também, no da academia⁸⁸. Este episódio da história econômica do país é, inclusive, acionado com frequência no relato dos colunistas-economistas aqui estudados como justificativa para escolhas acadêmicas – como, por exemplo, a transferência para o curso de economia, a escolha do tema de pesquisa – e também para as conversões em termos de identificação política. Desse modo, as oposições entre esquerda e direita se encontram, no espaço dos economistas, mediadas pelas disputas no âmbito da política e da ciência econômicas.

3.6 OS NOVOS FILÓSOFOS: MUDANÇAS NO CAMPO INTELECTUAL

Para Schüller é sempre um mistério tentar entender por que certos projetos culturais emplacam e conseguem um tipo de demanda e outros não. Recentemente, num momento de entusiasmo excessivo, ele chegou a dizer, em uma entrevista, que gostaria que o evento [o Fronteiras do Pensamento] fosse o “U2 do pensamento”. Confrontado com a frase, ri com embaraço e retifica a comparação de imediato. “Foi um certo exagero. Modéstia é uma coisa boa. Tomara que fosse... Na verdade, eu queria marcar um ponto de vista. **Existem certos tabus no meio intelectual. Se um concerto de rock pode ser espetacular, por que uma conferência de filosofia não pode?**” (...) Na história do evento constam mais de 130 conferências, que resultaram em 17 filmes de média-metragem e outros tantos documentários. “O grande foco do Fronteiras é fazer com que o debate das ideias **vá para o grande público. Não gosto da palavra democratização. Mas propomos uma ponte entre o pensamento acadêmico, científico e o mercado das ideias**”. (TREFAUT, 2013, grifos meus)

A comparação de uma conferência de filosofia a um show de rock, empreendida por Fernando Schüller, em entrevista ao jornal *Valor Econômico*, intitulada *O mercador de ideias* e publicada em 2013, marca uma grande diferença em relação aos filósofos e cientistas sociais que se forjaram no âmbito da Maria Antônia. Nesse relato, a filosofia unida a lógicas econômicas mais se aproxima dos cursos de marketing e administração que vão se ampliar fortemente no Brasil, com a expansão da publicidade e da propaganda bem como a criação de departamentos universitários na área. Referido na matéria como “empreendedor cultural”, “administrador e gestor cultural”, “intelectual híbrido”, Fernando Schüller é o idealizador do *Fronteiras do Pensamento*, um evento ocorrido anualmente, composto de uma série de conferências internacionais com nomes de certo prestígio nacional e internacional, mas com posições bem diferentes entre si⁸⁹.

O tratamento mercantil dado ao evento e ao conhecimento acadêmico, evidenciado pelos termos utilizados para se fazer referência a Fernando Schüller, é reforçado quando ele

⁸⁸ Sobre estudos que abordem o sucesso e o fracasso dos planos de combate à hiperinflação, ver: LOUREIRO, 1997; NOVELLI, 2005; KLÜGER, 2017.

⁸⁹ Já participaram do evento, por exemplo: Beatriz Sarlo, Carlo Ginzburg, Edgar Morin, Manuel Castells, Marshall Berman, Mia Couto, Marina Silva, Fernando Henrique Cardoso, Ferreira Gullar, Leandro Karnal, Lilia Schwarcz, Fernando Gabeira, Djamila Ribeiro, Luiz Felipe Pondé, apenas para citar alguns exemplos.

prefere ressaltar “a ponte entre o pensamento acadêmico, científico e o mercado das ideias” em contraposição à perspectiva de “democratização”:

Quanto custa o evento é algo que Schüler não diz. Afirmo apenas que a venda dos ingressos (R\$ 2.380 o passaporte para as oito conferências, em São Paulo, e R\$ 925, em Porto Alegre, para dez) não paga nem metade dos gastos. Ele justifica a diferença de preços entre as duas cidades pelos **custos** mais elevados de São Paulo e diz que a **gestão cultural** serve, justamente, para **equacionar** questões como essas. Segundo ele, o público do Fronteiras provém de estratificações de renda muito diferentes. Em Porto Alegre, por exemplo, 30% são médicos. Na capital gaúcha, também há o projeto Fronteiras Educação, que atinge 15 mil crianças com fascículos didáticos, nos quais os temas das conferências são traduzidos numa linguagem acessível para a geração Z. Mas se o ciclo de debates começou apenas como um encontro físico, a proposta é que se expanda cada vez mais no mundo digital via o site www.fronteiras.com, onde o formato é ajustado para ser **consumido** em tablet ou smartphone. A utopia de Schüler é que as conferências sejam acessadas tanto por um **executivo** que está no metrô de Nova York como por um estudante de escola da periferia de Luanda (TREFAUT, 2013, grifos meus).

A visão gerencial e empreendedora de Schüler fez com que ele ocupasse cargos como o de diretor executivo do Grupo IBMEC e, atualmente, professor do Insper, instituição que se originou a partir de uma cisão entre os sócios da primeira – Paulo Guedes e Claudio Haddad. O IBMEC fundado em 1970, no Rio de Janeiro, foi pioneiro no MBA em finanças no Brasil (CUNHA, 2017), criando graduações em administração e economia nos anos 1990. Como o economista Gustavo Franco afirmou, a instituição seguiu o “modelo de negócio”: “Lembro-me bem de Paulo Guedes, seu fundador, falando na “AMBEV do ensino”, enquanto entretinha a possibilidade de trazer fundos estrangeiros de *private equity* para investir no negócio” (FRANCO, 2007). Essa visão viria a dividir os sócios, Paulo Guedes e Claudio Haddad, em 2003: enquanto Guedes desejava abrir novas unidades pelo país; Haddad preferia uma instituição sem fins lucrativos, tendo como inspiração “o modelo de Harvard, do sistema de financiamento com base em doações à arquitetura das salas de aula”, como se tornou o Insper (AMORIM, 2013). Modelo, aliás, próximo àquele anglo-saxão, das instituições filantrópicas, que Schüler sugeriu como melhor do que o da “burocracia pública” adotado no Brasil para o ensino superior, no artigo *Cobrar mensalidade não é a melhor solução para universidades públicas*, publicado em 2017 na *Folha de S.Paulo* e mencionado no subcapítulo 3.2 desta Parte. Esse modelo viria concorrer com a PUC-Rio e a antiga EPGE-FGV, modificando, inclusive, seus próprios parâmetros (FRANCO, 2007, p. 239).

No Insper, Fernando Schüler é titular da *Cátedra Insper e Palavra Aberta*, segundo o site da faculdade, “voltada à reflexão sobre a liberdade de expressão e imprensa”. Ele é graduado em História, mestre em Ciências Políticas, doutor em Filosofia e tem várias especializações em cursos de gestão. Assim, entre a filosofia, a ciência política e a administração, Schüler dedica-se a uma carreira que combina cargos no setor público, atividade

de professor em instituições privadas, gestão de empreendimentos culturais e análise política na mídia – tal como o padrão de carreira dos experts. Sua trajetória acadêmica e profissional coaduna-se, assim, às tomadas de posição acerca dos eventos de Filosofia e do sistema de ensino superior, explicitadas ao longo desta parte do trabalho, assim como diferencia-se fortemente das visões de mundo dos mais acadêmicos – como pode ser observado no trecho da entrevista de Marilena Chaui ao *Roda Viva* de 1999:

Paulo Markun: (...) Professora Marilena, tem várias perguntas aqui dos telespectadores mencionando o descaso com as disciplinas das ciências humanas, o desinteresse em que essa área está sendo analisada. (...) A de Carlos Euni, que é estudante de filosofia da Universidade Estadual do Ceará, e acho que introduz aí a gente nesse universo do Spinoza. Ele pergunta o seguinte: "Por que estuda-se filosofia? Queria entender... falta uma cadeira de marketing no curso de filosofia ou o que estamos produzindo não ecoa de forma eficiente aos outros ouvidos?"

Marilena Chaui: Bom! Não, Deus nos livre! Deus nos livre da necessidade do marketing (CHAUÍ, 1999).

Marilena tornou-se uma das vozes *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*, tal como o título de um de seus livros, publicado em 2018, é exemplo – termos, aliás, que já foram depreciados por Schüler, como foi possível observar em diversos excertos citados. Criticando justamente a visão da universidade como empresa, operacional e voltada para os resultados, Marilena se opõe assim ao sistema de educação defendido pelos experts, sobretudo a esses mais ligados a um modelo de universidade como “empreendimento comercial”.

Cotejando alguns dados da trajetória do mais especialista Fernando Schüler com o mais acadêmico Vladimir Safatle – os quais fizeram parte ou toda a formação nos anos 1990 –, é possível observar alguns elementos que forjaram as diferentes posições desses agentes (aliás, é interessante fazê-lo também com a trajetória de outros filósofos cuja formação coincide no período temporal, mas cuja posição se aproxima aos polos dos mais polemistas e militantes, analisados na Parte IV). Safatle chegou a cursar *Propaganda e Marketing* na ESPM, além de Filosofia na USP – em uma época em que aquele ambiente da rua Maria Antônia não mais existia. Tendo seguido a carreira acadêmica, fazendo o mestrado também na USP, de onde se tornou professor, e o doutorado na Université de Paris VIII, Vladimir conseguiu traçar uma trajetória de legitimidade dentro do campo disciplinar escolhido, a Filosofia, o que o leva a comentar com certo desconforto a primeira faculdade em certas entrevistas:

Mas como minha família é uma família de imigrantes e eu era um sujeito meio perdulário, quando falei que faria filosofia a reação foi desesperadora. Achavam que passaria a vida gastando dinheiro de terceiros, que nunca conseguiria me sustentar. Por isto, acabei por inventar um curso para esconder que havia passado em filosofia e poder morar sozinho em São Paulo. Ao mesmo tempo, eu fazia propaganda e marketing na ESPM. Meu pai só ficou sabendo que estava fazendo filosofia ao final do curso (SAFATLE, 2015).

Assim, se a família o teria levado a cursar *Propaganda e Marketing*, o sucesso alcançado, posteriormente, na carreira acadêmica em filosofia o permitiu se esquivar da faculdade vista com maus olhos pela intelectualidade com a qual dialoga no departamento uspiano. O texto de apresentação no programa *Provocações* faz questão de marcar tal contradição:

Impossível encontrar por aí alguém que vivendo da Filosofia, de sua articulação com a estética musical e a psicanálise, seja também formado em Propaganda e Marketing. Quase impossível não é?! Mas não é completamente impossível. O nosso convidado de hoje é a prova. Uma vez por semana, ele é o filósofo da Hora na tela do *Jornal da Cultura*, dessa mesma *TV Cultura*, e nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, e nem de longe as coisas que ele diz tem a ver com o universo **apequenado da Propaganda** (ABUJAMRA apud SAFATLE, 2013, grifos meus).

Essa proximidade entre filosofia e publicidade assim como entre vida acadêmica e investimentos em palestras, cursos em instituições culturais, eventos e consultorias apontam para as transformações no campo intelectual, que ficarão mais evidentes na Parte IV deste trabalho. Por um lado, Safatle, como outros agentes, marca um distanciamento em relação à “torre de marfim” da academia: “A universidade é um instrumento de intervenção, não é só de circulação endógena de saber, principalmente na ciência social. (...) Isso significa não só que você vai procurar fazer alguma coisa que possa circular, e acho que a filosofia se aproxima de atividades artísticas né, de criação...” (Entrevista de Vladimir Safatle à autora, 2020). Por outro, ele também busca estabelecer uma diferença em relação ao espaço da mídia:

À parte dessa coisa de ter muitos convites para palestras, essas coisas, na minha vida acadêmica [a visibilidade midiática] influenciou muito pouco. Muito pouco. Muito pouco, porque... É por isso, talvez, que aconteça uma coisa que, para alguns, já me falaram, é meio esquizofrênica: meus livros são acadêmicos. Muito raramente, assim, um ou outro livro um pouco mais de intervenção, e normalmente eles são políticos. Mas eu nunca quis fazer, sei lá, filosofia... fazer livros, como alguns fazem, livros de filosofia para grande público. Por uma razão muito simples: porque eu tinha... eu tinha não, ainda tenho, eu tenho um horizonte... eu sei mais ou menos onde eu quero chegar e sei que isso exige um tipo de pesquisa e de reflexão a qual eu sou bastante fiel (Entrevista de Vladimir Safatle à autora, 2020).

O que as experiências de Schüler e Safatle deixam entrever são as modificações no espaço acadêmico, com a descentralização e a diversificação do sistema de ensino acompanhadas de trajetórias mais heterogêneas do ponto de vista social e acadêmico. Ambos com doutorados completados nos anos 2000 e graduações realizadas entre os anos 1980 (para Schüler) e os 1990 (para Safatle), eles traçaram, porém, trajetórias diferentes, já que o primeiro conseguiu uma circulação entre a burocracia estatal, os empreendimentos no mercado cultural, as agências de consultoria, as universidades privadas e a imprensa; já o segundo, com formações

em instituições de prestígio nacionais e internacionais, alcançou o posto de professor da USP, tornando-se referência acadêmica na área, tendo ainda uma inserção na mídia e uma atuação de militância política. Se Schüller sugere inserir as lógicas mercantis – materializadas nos “shows de rock” – nos debates sobre filosofia assim como tem propostas privatizantes para a universidade pública; Safatle, embora critique a vida acadêmica fechada em si mesma, ainda sugere um certo distanciamento de suas produções de fôlego em relação à lógica midiática assim como defende o caráter público da universidade, como expressou em artigos como *A universidade pública forte* (SAFATLE, 2010) ou *Uma velha má ideia* (SAFATLE, 2019c). Neles, defendeu a independência das universidades públicas em relação aos interesses econômicos assim como afirmou que elas se tornaram “um dos raros espaços na vida nacional no qual há um retorno efetivo de investimentos para setores pauperizados e vulneráveis da sociedade. Cobrar mensalidade seria, mais uma vez, socializar os custos da crise para os mais pobres” (SAFATLE, 2019c). As diferentes posições alcançadas pelos mais especialistas e os mais acadêmicos serão analisadas com mais detalhes no próximo capítulo, mas guardam semelhança com essas aqui descritas.

Além disso, em relação aos mais velhos do conjunto estudado nesta parte, as trajetórias dos dois filósofos apontam para transformações que se tornam mais evidentes nos percursos traçados pelos mais polemistas e militantes e que serão analisados na Parte IV. Refiro-me aqui ao fato de que, embora algumas instituições tenham ainda um poder de integração mais forte do que outras, as afinidades eletivas entre agentes e escolas de formação passam a conviver com outros modos de identificação e socialização, com uma circulação mais intensa entre espaços com lógicas diferentes, que vão concorrer nas definições das tomadas de posição.

4 AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER

Os capitais acadêmicos acumulados pelos mais especialistas e mais acadêmicos dos colonistas – materializados nos diplomas de doutorado em instituições de prestígio e nas experiências como professores de universidades reconhecidas ou de elite – atraem convites para ocupação de cargos na administração pública ou na assessoria de políticos. Para os especialistas, sobretudo os economistas, a trajetória acadêmica pode ainda abrir portas em bancos privados e organizações financeiras internacionais (ver Tabela 14). Tais vivências se convertem em mais trunfos que passam a ser mobilizados na criação de empresas de consultoria e novos postos de trabalho. Em um movimento de portas-giratórias, a passagem pelo governo ou pela assessoria de algum político garante aos experts o acúmulo de informações, conhecimentos e contatos que serão aproveitados pelo setor privado assim como o currículo construído neste setor é considerado nas indicações aos postos da administração pública⁹⁰. A multiposicionalidade é, aliás, uma característica central da elite dirigente do país (KLUGER, 2017; PERISSINOTO et. al, 2017; OLIVIERI, 2017; REIS; GRILL, 2017; HEY, 2017)⁹¹.

Assim, após a passagem pelo governo, esses especialistas não tendem a voltar à docência como principal atividade: “Eles [os economistas] preferem seguir carreira no setor privado, abrindo empresas de consultoria, nas quais têm oportunidade de rentabilizar os “capitais” de informação e de conhecimento acumulados durante sua experiência em organismos governamentais” (LOUREIRO, 1997). Essas figuras se valem, assim, da circulação entre diferentes espaços, configurando a base de uma expertise, que os permite falar sobre o mundo social, como analistas, mas também atuar como decisores e executores. Sobre a circulação dos economistas em diferentes esferas, Loureiro faz um comentário que também poderia incluir os outros especialistas:

Independentemente de suas orientações teóricas ou ideológicas, todos eles contribuíram, devido aos padrões estabelecidos de acesso ao poder e de gestão de políticas econômicas, para o reforço do centralismo decisório. Além disso, contribuíram também para o desenvolvimento de práticas neopatrimonialistas, ao transformarem sua passagem pelo governo em um “capital” de conhecimento e informações (sobre a máquina governamental, o sistema decisório e os recursos públicos disponíveis) passível de ser rentabilizado no mercado. As inúmeras firmas de consultoria de ex-ministros ou ex-dirigentes de agências econômicas governamentais são reveladoras dessa situação (LOUREIRO, 1997, p. 98).

⁹⁰ Essa circulação entre o setor privado e o público é verificada, por exemplo, em estudos sobre elites econômicas no país: ao analisar os diretores do Banco Central, Perissinotto et al. (2017) e Olivieri (2007) demonstram o caráter misto da carreira dos diretores, que acumulam tanto postos no serviço público quanto no privado, o que também se observa no trabalho de Klüger (2017).

⁹¹ Ver Boltanski, 1973. Lebaron (2001) também observou essa multiposicionalidade no campo dos economistas franceses no fim dos anos 1990.

Enquanto isso, os mais acadêmicos são professores de universidades públicas, e a atuação em algum posto de indicação política configura-se como uma experiência a ser levada para a sala de aula, sendo, assim, seguida pelo retorno à docência. Com cargos de professores efetivos, a maior parte dos colunistas-acadêmicos tem livre-docência e é bolsista de produtividade do CNPq (ver Tabela 13). A produção intelectual desses colunistas é voltada em maior medida para os pares, com livros acadêmicos e artigos científicos, ainda que possam também escrever alguns livros de divulgação. A partir dos currículos *Lattes* desses colunistas, verifica-se que os acadêmicos possuem um volume mais elevado de publicação de artigos em revistas especializadas, contam com maiores índices de citação no *Google Acadêmico*, além de também escreverem mais em língua estrangeira e terem uma média de atualização do *Lattes* mais recente do que os especialistas. Esses, por sua vez, ressaltam em seus discursos os ganhos econômicos das conversões realizadas na carreira:

Experimentei uma vida de assessor político, agora estou no setor privado, virei colunista, ganho muito mais dinheiro do que eu ganharia se estivesse naquela atividade [professor], tenho uma ação na sociedade muito mais efetiva (Entrevista com um dos mais especialistas).

Parte dessa decisão é puramente pecuniária: ganhava, ganhei, ganho muito mais do que quem foi para uma carreira estritamente acadêmica (Entrevista com um dos mais especialistas).

Salário universitário não dá para viver. E como eu tive muitos casamentos, muitos filhos, eu tenho muitas responsabilidades (Entrevista com um dos mais especialistas).

Assim, concorreram com a carreira na universidade pública, outras oportunidades de trabalho mais vantajosas do ponto de vista econômico e as quais conseguiram render a esses experts um reconhecimento simbólico que eles não encontraram na competição acadêmica. Por um lado, eles ressaltam a “progressão”, a participação em grandes projetos, as experiências “inigualáveis” no mercado e na política; por outro, alguns demonstram certa frustração por não terem conseguido seguir na academia.

As disposições sociais forjadas nas famílias e nas escolas; as afinidades eletivas que foram se construindo ao longo de suas trajetórias; os tipos e volumes de capitais acumulados nos anos de formação; a rede de relações sociais herdadas e constituídas; além, é claro, das ofertas disponíveis em cada contexto e das transformações nas universidades são elementos que ajudam a explicar o encaminhamento de uns para a atividade de dedicação exclusiva à vida acadêmica e outros para a atuação no dito “mercado”. Mas é interessante notar que enquanto os mais experts fazem questão de exprimir as vantagens econômicas e, por vezes, o poder de influência sobre agentes decisores, os mais acadêmicos tendem a destacar os prazeres e a

elevação espiritual da vida universitária, da atividade docente, além de seus feitos culturais e acadêmicos. Alguns dos especialistas lamentam a “chatice” das consultorias e atividades no setor privado; os acadêmicos, por vezes, reclamam da burocracia universitária e das disputas internas. Assim, uns e outros contribuem para reforçar o lugar e a representação sociais das universidades públicas e da atividade intelectual; ao mesmo tempo em que disputam os termos dessa atividade: investindo também nela, os experts agem como forças de modificação conservadora nesse espaço, ao contribuírem na inserção e no fortalecimento de lógicas econômicas (BOURDIEU, 2018).

“Ela [Monica De Bolle] contou a ÉPOCA como foi lidar com a crescente **onda de ataques** que começou ainda no ano passado, quando apoiou o voto a Ciro Gomes (PDT) no primeiro turno das eleições presidenciais, e com a **misoginia de quem trabalha em um setor reconhecidamente machista: o mercado financeiro**.

Como os ataques começaram?

A onda começou, claramente, quando eu defendi o voto em Ciro Gomes no ano passado e culminou nessa reação a um artigo sobre a reforma da Previdência, que inclusive elogiava parte dela, mas dizia que seria difícil de ser aprovada. Eu rastreei essas pessoas e descobri que elas são todas do mercado financeiro, comentam e curtem coisas em comum, são provavelmente amigos de rede social e possivelmente se conhecem. Parece algo orquestrado. Sei **que outras mulheres e economistas também passam por** isso, mas parece particularmente mais difícil para mim porque eu era uma voz crítica à gestão do PT, e é como se eles não aceitassem que eu possa ser crítica a esse governo também.” (DE BOLLE apud LIBÓRIO, 2019).

“Carvalho é também uma das **poucas economistas mulheres com voz de destaque no debate nacional** — e prova disso é que todos os demais pré-candidatos contam com homens como principais assessores econômicos. Mas em **um ambiente majoritariamente masculino, em que ainda há certa ideia de que “fazer contas não é algo para mulheres”, não apenas o machismo e o sexismo dão as cartas**. “Há também uma ideia de que economistas tem que ter certo discurso, certa cara de quem está vindo do mercado, **de terno e gravata** e que fala coisas que as pessoas não entendem. Há **um respeito excessivo pelo homem que chega falando economês**. E todo meu esforço tem sido desde sempre em não falar economês”, explica.” (BETIM, 2018).

“Marieta de Moraes – E qual era a **presença feminina** no departamento?

Marilena Chaui – Dona Gilda de Mello e Souza, que era professora de estética. Ela tinha feito... Ela e Antonio Candido fizeram um período em que filosofia e sociologia era um único departamento, então eles fizeram filosofia e sociologia. E depois, Antonio Candido faz trabalho em sociologia e vai para as letras; e dona Gilda começa na sociologia, vai para a estética, e fica na filosofia. **Ela era muito maltratada**. Muito maltratada.

M.M. – Era a única mulher.

M.C. – **Era a única mulher**. O professor Cruz Costa **era muito machista; e, além de machista, ele desqualificava a Estética**. Ele achava que a Estética era perfumaria. Então, você tinha uma mulher que dava aula de **perfumaria**. Ela era muito respeitada e muito valorizada pelo Bento Prado e pelo Lívio Teixeira mas não pelos outros. Era uma professora extraordinária. E depois, quando houve as cassações, ela chefou o departamento e ela fez o departamento permanecer vivo; ela criou a revista do departamento. Uma mulher extraordinária. Mas era só ela. O resto eram homens, todos homens. E houve uma longa discussão a respeito da minha contratação, porque eu seria a segunda. Entre as várias discussões, uma delas, o professor propôs **(eu estava grávida da minha filha) o professor propôs que eu assinasse um termo de compromisso de me esterilizar**.

M.M. – Que loucura!

M.C. – Exatamente. Aí o outro professor disse: “Nós vamos ali na esquina, eu vou acertar isso com você no soco.” Essa foi a discussão em torno da minha contratação. Quando eu estava grávida da minha filha, o professor Cruz Costa se aposentou, e houve a festa da aposentadoria. Eu fui à festa. Ele bateu na minha barriga e disse: “Dona Chaui, **a senhora é muito bonita, a senhora é muito inteligente, mas ficar parindo filho, não dá**.” Para vocês terem uma ideia do ambiente. **E isso era tudo gente de esquerda. Certo? Não era a extrema direita, não**.

A. F. – A elite intelectual de esquerda.

M.C. – **A elite intelectual de esquerda da Maria Antonia**. Tinha essa relação excelente com a gente.” (CHAUÍ, 2007).

“Sou um homem **muito objetivo** e, desculpe, **eficaz, eficiente**. Se as coisas não funcionam, **eu fico louco**. E sou rápido” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Eu sou um homem que **bebo bastante**, adoro vinho. Vinho ruim, eu não tomo. Eu gosto muito de **Vodka**.” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Magro e com 1,98 m de altura, Fernando Schüller atrai olhares aonde quer que vá. “**Você tem que saber quem você é**”, diz, dando a entender que lida bem com o biotipo que, na adolescência, o levou a praticar salto em altura e a ser **campeão** brasileiro juvenil da modalidade. O tempo, gradativamente, **apagou o esportista e deu lugar ao intelectual**” (TREFAUT, 2013).

“Não bastasse [Gustavo Franco] estar à frente de uma das **áreas mais sensíveis e polêmicas** do programa de estabilização econômica, a calibragem da taxa de câmbio, Franco **defende suas ideias com a convicção de quem não acredita em vida inteligente nos meios onde possam ser rejeitadas**. De fato, ele não se preocupa **em ferir suscetibilidades** quando se põe a defender os pontos de vista que fizeram dele, **goste-se ou não**, referência obrigatória da política econômica deste governo” (CAIXETA, [1996?]).

“O economista e consultor Alexandre Schwartzman, ex-diretor do Banco Central, critica a falta de programa econômico dos candidatos à Presidência da República. **Conhecido no mercado por seus comentários bastante ácidos**, ele **não poupa** Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT)” (HESSEL, 2018).

Os trechos acima que, em um primeiro olhar, parecem não conter pontos de análise em comum, apresentam diferentes tipos de evidência acerca da dominação masculina (BOURDIEU, 2002) nos ambientes em que os acadêmicos e especialistas circulam. Se as práticas intelectuais – principalmente, aquelas voltadas à literatura, às humanidades, às artes – podem se ligar a um processo de feminização dos seus praticantes (MICELI, 2001b); os universos do mercado financeiro, do lobby e da assessoria política, das tomadas de decisão são marcados por expressões de uma certa masculinidade. Esta é reforçada pelos traços de personalidade e temperamento destacados pelos jornalistas e pelos próprios experts nas entrevistas que concedem, mas também nas exhibições de gostos, práticas esportivas e hábitos de vida. Além disso, as formas de apresentação das posições e perfis desses experts – com expressões como “não poupa”, “goste-se ou não”, “defende com a convicção de quem não acredita em vida inteligente (...)”, “comentários bastante ácidos”, “se as coisas não funcionam, eu fico louco” – tendem a valorizar a imagem de quem tem “pulso firme”, “eficácia”, “agilidade”, características reproduzidas como necessárias para as tomadas de decisão no mundo da política e da economia. Por outro lado, esses mesmos experts, que fazem a ponte entre o mundo das negociações e aquele das “ideias”, destacam, em outros momentos, suas criatividades, talentos artísticos e refinamentos culturais. Nesses ambientes, dominados pela figura masculina, a inserção das mulheres é vista como ameaça da própria imagem que esses homens constroem sobre si mesmos⁹². Mesmo nos ambientes intelectuais e à esquerda, a divisão do trabalho, entre tarefas mais femininas e outras mais masculinas, engendra assimetrias que marcam a trajetória dessas figuras. Ademais, as resistências à participação de mulheres nesses departamentos, áreas e debates ficam evidentes nos relatos dessas especialistas e acadêmicas.

⁹² Como Bourdieu afirmou: “ao defender seus cargos contra a feminilização, é sua ideia mais profunda de si mesmos como homens que os homens estão pretendendo proteger, sobretudo no caso de categorias sociais como os trabalhadores manuais, ou de profissões como as das forças armadas, que devem boa parte, senão a totalidade, de seu valor, até mesmo a seus próprios olhos, à sua imagem de virilidade” (BOURDIEU, 2002, p. 109). Poderíamos acrescentar a essas atividades também o mercado financeiro e o de *lobby*, ainda que a expressão dessa virilidade se dê de outras maneiras.

Tabela 13 - Dedicção à vida acadêmica dos colonistas especialistas e acadêmicos

	Instituições de docência	Bolsista de Produtividade do CNPq (Fev. 2020)	Livre-docência (Fev. 2020)	Atualização <i>Lattes</i> (verificado em fev. 2021)	Google Acadêmico - citações (verificado em fev. 2021)
Alexandre Schwartzman	Inspere (2012-2017); Ibmece (1996); PUC-SP (1988-1991); USP (temporário)	Não	Não	Não	193
Bolívar Lamounier	USP; PUC-SP (em torno de 20 anos)	Não	Não	Não	-
Denis Rosenfield	UFRGS (1982-2018)	Não	Não	2014	-
Fabio Giambiagi	PUC-Rio (segunda metade dos anos 1990); UFRJ (1985-1992)	Não	Não	Não	-
Fernando Schüler	Inspere (2015-atual); Ibmece (2011-2014); Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) (1998-2006); PUC-RS (1998-1999)	Não	Não	2020	-
Gustavo Franco	PUC-Rio (1986-1993; 1999-2000)	Não	Não	2020	-
Monica de Bolle	PUC-Rio (1994-1996; 2006- ?); Escola de estudos internacionais avançados - Universidade Johns Hopkins (2015-2018)	Não	Não	2012	-
Murillo de Aragão	Columbia University (visitante – 2018- ?); UnB (1997-2000)	Não	Não	2018	192
Samuel Pessoa	IBRE-FGV (atual); EPGE-FGV (1998-2011); USP (1995-1998); FGV-	Não	Não	2020	-

	SP (1991-1995); Unicamp (1991-1995);				
André Singer	USP (1990-Atual)	Bolsista Nível 2	USP (2011)	2021	3825
Emir Sader	UERJ (2000-Atual); Unicamp (1984-1985); USP (1988-1997)	Não	Não	2021	-
Jessé Souza	UFABC (Atual); UFF (2014-2016); UFJF (2005-2014); UENF (2004-2005); IUPERJ (2001-2004); UnB (2001)	Bolsista 1B	UNI FLENSBURG (2006)	2020	8316
Laura Carvalho	USP (2015-Atual); FGV (2012-2014)	Bolsista 2	USP (2019)	2021	985
Luiz Gonzaga Belluzzo	Unicamp (1969-2001); Facamp (2000-atual)	Não	Não	2018	-
Marilena Chaui	USP (1967-Atual)	Bolsista Nível 1A	USP (1977)	2020	27971
Vladimir Safatle	USP (2003-atual); ESPM (2003); UNIP (1995-1998)	Bolsista Nível 1D	USP (2009)	2020	4115

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponíveis no *Lattes* e nas entrevistas realizadas.

Como pode-se observar na Tabela 14, enquanto os colonistas-economistas ocuparam cargos em Ministérios da Fazenda, Banco Central, BNDES, IPEA, além de postos em organismos internacionais, como BID e FMI; os não-economistas se dividiram entre órgãos e postos de articulação política e comunicação ou aqueles mais ligados à cultura e à justiça. A trajetória profissional dos economistas centra-se, principalmente, no sistema financeiro, seja ele público ou privado. A maior parte passou por instituições consideradas como “ilhas de excelência técnica do governo federal” (OLIVIERI, 2007, p. 149), como BNDES, BCB e IPEA⁹³. Essa imagem de tais organismos se coadunou com aquela construída pelos economistas mais ortodoxos sobre si mesmos, qual seja, a de agentes “técnicos”, cujas tomadas de posição se ligam à busca por eficiência e resultados e não às afinidades ideológicas – o que, segundo

⁹³ A desmistificação dessa ideia de insulamento político e de oposição entre técnica e política nesses organismos tem sido operada por trabalhos sociológicos que se debruçam sobre os padrões de recrutamento de tais dirigentes (PERISSINOTTO et al., 2017) bem como sobre os discursos dessa elite burocrática (KLUGER, 2015).

eles, guiariam outros agentes, sejam eles economistas heterodoxos, políticos ou outros analistas do mundo social. Nesse contexto, o emprego de tais economistas mesmo em governos com posições políticas a priori contrárias assim como o fato de atuarem com grande proximidade aos grupos de poder permitem a eles uma manutenção de conexões sociais importantes, que garante a circulação por espaços decisórios, mais relações com figuras que detêm poder econômico e político e, conseqüentemente, mais clientes de consultoria. Por outro lado, aqueles experts cuja vinculação partidária e política parece ser mais forte que o capital de relações sociais nos setores econômicos e cuja imagem de “técnico” não conseguiu se sobrepôr a de “ideólogo” de um partido acabam tendo seus negócios de consultoria fortemente dependentes dos governos do momento.

As vinculações ou proximidades partidárias, porém, estão presentes em quase todos esses colonistas, inclusive, naqueles que mais reforçam suas análises “técnicas”, como é possível observar na Tabela 14. A trajetória nos postos da burocracia estatal bem como na assessoria de partidos e políticos está ligada às afinidades políticas e partidárias dos especialistas e acadêmicos, ainda que alguns nomes circulem por governos aos quais não necessariamente se alinhem e ainda que tentem fugir de uma associação direta entre a atividade de assessoria e a filiação partidária. De todo modo, há uma maior proximidade dos mais especialistas com políticos do PSDB (em menor medida, com o NOVO) e dos mais acadêmicos com políticos do PT (e, em alguma medida, do PSOL). Além disso, alguns dos mais especialistas também mantiveram proximidade com Michel Temer (PMDB) e/ou foram cogitados a integrar postos no governo Bolsonaro. Também alguns especialistas chegaram a ocupar cargos nos governos do PT.

Além de dotar os especialistas de trunfos para atuar no setor privado, a passagem pela burocracia estatal ou pela assessoria de políticos e partidos serve tanto a esses experts quanto aos acadêmicos como forma de projeção no debate público. A partir de tais vivências, eles começam a ser convidados a dar entrevistas e, com um tempo, podem chegar a ocupar a posição de colonistas ou de intelectuais públicos, ouvidos em entrevistas e debates sobre a conjuntura política e econômica, chamados a interpretar o Brasil na imprensa, em palestras privadas ou em eventos públicos: “Foi uma experiência importante para mim e obviamente, no [cargo ocupado], eu tive a oportunidade de me tornar uma figura pública, uma figura nacional e tal, sair do campo universitário. (...)” (Entrevista com um dos mais acadêmicos). As diferenças entre a vida pública, a assessoria política e a vida acadêmica são recorrentemente mencionadas pelos entrevistados:

O ritmo é diferente. O ritmo acadêmico, você fica seis meses analisando um negócio, expõe um *paper* etc. Assessor de ministro tem que fazer uma nota, não sabe absolutamente nada, tem que fazer uma nota sobre algo que você não sabe nada, em menos de 24 horas. Se vira, né. Você aprende um tipo de agilidade que é ótimo profissionalmente e, com o tempo, cansa, né. Ninguém aguenta ser assessor a vida toda. Mas, é útil, depois, como experiência para outros campos de trabalho (Entrevista com um dos especialistas).

Nesse sentido, tal experiência assemelha-se à produção jornalística no que diz respeito ao tempo de produção e à agilidade demandada, contrapondo-se aos investimentos mais acadêmicos. Ademais, as atividades de consultoria estão ligadas não apenas ao conselho direto a um cliente, seja ele pessoa física ou jurídica, mas também à realização de palestras – em uma mistura da posição de expertise com a de “*entertainer*”, como um dos especialistas descreveu: “A palestra está cada vez mais no ramo do entretenimento”. Essa fala abre uma hipótese interessante, que será tratada com mais detalhamento na Parte IV: a do espraiamento da lógica do entretenimento para os diversos espaços sociais, sejam eles acadêmicos, jornalísticos, políticos ou econômicos.

Tabela 14 - Cargos ocupados pelos colonistas especialistas e acadêmicos

Colonistas	Cargos na Burocracia Estatal	Assessorias e Missões políticas	Sistema financeiro	Consultoria
Alexandre Schwartzman	- Diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (2003-2006)	-	- Indosuez (1995-2001) - BBA (2001-2002) - Unibanco (2003) - ABN AMRO Real (2006-2008) - Santander (2008-2011)	- Schwartzman Consultoria (mercado financeiro, bancos e administradores de recursos)
Bolívar Lamounier	-	- Comissão Afonso Arinos (1985-1986) - Missões políticas durante os governos Sarney (PMDB) e FHC (PSDB)	-	- MCM ⁹⁴ - Augurium Consultoria ⁹⁵ (associações de classe, empresas de grande porte ou bancos)
Denis Rosenfield	- Presidente do CNPq (1999) - Cotado para assumir o Ministério da Defesa no governo Temer	- Consultoria direta para o vice-presidente e presidente Michel Temer (PMDB)	-	- Empresa própria (entidades empresariais, sindicais e bancos)

⁹⁴ A MCM foi criada em 1990, prestando consultoria econômica. Dela, foram sócios Maílson da Nóbrega, Gustavo Loyola e Claudio Adilson Gonçalves. Os dois primeiros foram para a *Tendências Consultoria*. Já Gonçalves permaneceu na MCM, que foi comprada por outra empresa de consultoria, a LCA, em 2013 (MODÉ, 2013).

⁹⁵ A Augurium Consultoria é a empresa criada por Bolívar Lamounier para a realização de suas atividades de consultoria (AUGURIUM CONSULTORIA).

Fabio Giambiagi	- Funcionário de carreira do BNDES (desde 1984) (assumiu cargos de chefia de departamento, superintendência e assessoria da presidência do BNDES) - Pesquisador e coordenador de conjuntura do IPEA	- Assessoria Econômica do Ministério de Planejamento e Orçamento (Gestão de José Serra (PSDB) – 1995)	- BID (1993-1994)	-
Fernando Schüler⁹⁶	- Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul (2007-2010) - Chefe do gabinete de Francisco Weffort no Ministério da Cultura (1995-1997) - Prefeitura Municipal de Porto Alegre (1989-1995)	-	-	- Consultor de empresas e organizações civis nas áreas de cultura, ciências políticas, gestão e terceiro setor (SCHÜLER)
Gustavo Franco	- Presidente do Banco Central (1997-1999) - Diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (1993-1997) - Secretário Adjunto de Política Econômica (1993)	- Economista que foi ligado ao PSDB - Plano Econômico do Partido Novo nas eleições de 2018	- Empresa própria (Rio Bravo Investimentos ⁹⁷) (Pessoas físicas, investidores institucionais, investidores do mercado financeiro).	- Serviços de consultoria, conselheiro de empresas, bancos e governos
Monica de Bolle⁹⁸	-	-	- FMI (2000-2005) - Banco BBM (2005-2006)	- Galanto Consultoria (sócia de Dionísio Carneiro) (2006-2016)
Murillo de Aragão⁹⁹	- Cotado para assumir o posto de embaixador do Brasil nos Estados Unidos pelo governo de Jair Bolsonaro ¹⁰⁰ . - Foi membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da	- O filho, Thiago Gonçalves de Aragão, foi nomeado como “assessor de estratégia para articulação política na Presidência da	-	- Arko Advice (tendo como clientes empresas <i>Fortune 500</i> de diferentes setores e indústrias) ¹⁰²

⁹⁶ Informações retiradas do currículo Lattes de Fernando Schüler e de seu site pessoal (SCHÜLER).

⁹⁷ A *Rio Bravo* foi fundada em 2000 e apresenta-se como “uma gestora de investimentos independente com foco em quatro estratégias de investimentos: fundos imobiliários, renda fixa, renda variável e multimercados”. Além disso, em seu site, em 2020, afirmava ter sob gestão R\$ 13 bilhões, além de ser parte da Fosun, um grande conglomerado chinês (RIO BRAVO).

⁹⁸ Informações disponíveis no currículo de Monica de Bolle apresentado ao Senado Federal (BOLLE).

⁹⁹ Informações disponíveis no currículo Lattes de Murillo de Aragão. Acesso em: 01 maio de 2020.

¹⁰⁰ Cf. reportagem de *O Globo* (OLIVEIRA, 2019).

¹⁰² A *Arko Advice*, fundada em 1982, apresenta-se como “a principal empresa brasileira de análise política, estratégia e *public affairs*”, tendo mais de 100 clientes (ARKO ADVICE).

	Presidência da República (2007 - 2018). - Presidente do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional (2017) - Membro do Conselho Superior do Centro de Altos Estudos em Controle e Administração Pública do TCU (2017)	República” na gestão de Michel Temer ¹⁰¹ (PMDB).		
Samuel Pessoa	-	- Assessor de Tasso Jereissati (PSDB) (2003-2010) - Assessor de Aécio Neves (PSDB) na campanha de 2014	- Reliance Consultoria	- Tendências Consultoria ¹⁰³ (2011-2012) - Reliance Consultoria ¹⁰⁴ (2012-atual) (empresas e famílias endinheiradas)
André Singer ¹⁰⁵	- Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto (2005-2007) - Porta-voz da Presidência da República no primeiro governo Lula (2003-2007)	- Porta-voz da campanha de Lula (PT), em 2002	-	-
Emir Sader	-	- Assessor de Marilena Chaui na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (Governo de Luiza Erundina - PT) - Assessor da Presidência da Febem de São Paulo (Governo de Franco Matoro – PMDB)	-	-

¹⁰¹ Cf. reportagem do *Estadão* (FABRINI; MOURA, 2015).

¹⁰³ A *Tendências Consultoria* foi fundada em 1996 e apresenta-se como uma empresa voltada para “soluções em economia e finanças corporativa”. Ela tem como sócios, além de outros nomes, o ex-presidente do Banco Central (1992-1993; 1995-1997), Gustavo Loyola, e o ex-ministro da Fazenda (1988-1990), Maílson da Nóbrega. Entre seus parceiros, está a *Agência Estado* – a empresa de consultoria produz o serviço *Tendências On-Line*, que é distribuído pelo *Broadcast*, serviço de informação econômica em tempo real da *Agência Estado*. Além disso, ela faz parte de uma rede de consultorias econômicas da América Latina, a *Aliança Latino-Americana de Consultorias Econômicas* (LAECO) (TENDÊNCIAS).

¹⁰⁴ A *Reliance* foi criada em 1998 e apresenta-se como voltada para a “consultoria e gestão de patrimônio para indivíduos e famílias no Brasil”. Em 2019, ela foi vendida para um banco suíço, o *Grupo Julius Baer* (RELIANCE).

¹⁰⁵ Informações presentes no currículo *Lattes* de André Singer. Acesso em: 01 maio de 2020.

Jessé Souza	<ul style="list-style-type: none"> - Presidente do IPEA (2015-2016) - Diretor do Departamento de Direitos Humanos do Ministério da Justiça (1996-1997) 	-	-	-
Laura Carvalho	-	<ul style="list-style-type: none"> - Assessoria no Plano Econômico do candidato Guilherme Boulos (PSOL) na campanha de 2018 - Assessoria no Plano de governo do candidato Marcelo Freixo (PSOL) à prefeitura do Rio de Janeiro em 2016 	-	-
Luiz Gonzaga Belluzzo	<ul style="list-style-type: none"> - Conselheiro da Fapesp - Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (1985-1987) - Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (1988-1990) - Secretário de Relações Internacionais do Estado de São Paulo (1991-1994) 	- Assessor de Ulysses Guimarães (PMDB) (1974 - 1992)	-	- Serviço de consultoria e conselhos
Marilena Chaui¹⁰⁶	- Secretária Municipal de Cultura de São Paulo no governo de Luiza Erundina (1989-1992)	-	-	-
Vladimir Safatle	-	<ul style="list-style-type: none"> - Participação na elaboração do programa de cultura da candidatura de Fernando Haddad (PT) à prefeitura de SP, em 2012 - Cotado para candidato ao governo de São Paulo pelo PSOL, em 2014. 	-	-

Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados obtidos em entrevistas e nos currículos disponíveis online.

¹⁰⁶ Informações presentes no currículo *Lattes* de Marilena Chaui. Acesso em: 01 maio de 2020.

Outros espaços de circulação dos colunistas-especialistas são alguns *think tanks*¹⁰⁷ acadêmicos e voltados para a construção de políticas públicas¹⁰⁸, como o IBRE-FGV, o CDPP e a Casa das Garças (ver distinção em relação aos *think tanks* ativistas ou militantes no subcapítulo 4.2 da Parte IV). Os dois últimos promovem debates sobre temas econômicos, políticos e sociais, elaboram estudos e propostas de políticas públicas. Além disso, promovem uma rede de sociabilidade entre professores universitários, empresários e políticos:

Eu virei assessor do [nome do político], passei a ter uma visibilidade, passei a dar entrevista com alguma frequência, aí eu passei a circular entre um grupo de economistas. Quando eu estava no Rio, eu era convidado com muita frequência, não cheguei a ser participante, mas era convidado com muita frequência a ir ao equivalente ao CDPP no Rio, que é até anterior ao CDPP, que é a Casa das Garças, liderada pelo professor Edmar Bacha, pessoal da PUC, Gustavo Franco é muito presente lá. Então, eu passei a circular neste meio. Economistas que foram ministros, economistas mais tucanos, porque eu fui ser assessor do [nome do político] e me aproximei do mundo tucano (...). (Entrevista com um dos mais especialistas).

Olha, tem debates interessantíssimos acontecendo lá, de todo nível. Então, pode ser desde políticos que venham falar (...). Foram candidatos à presidente lá também conversar, mas também vai gente acadêmica apresentar trabalhos acadêmicos. Nada extraordinariamente sofisticado, porque a audiência também não é extraordinariamente sofisticada do ponto de vista acadêmico, são sofisticados em outros graus. Mas, então, sei lá... teve gente do Banco Central apresentado paper acadêmico, teve o Ricardo Paes de Barros apresentando alguns resultados dele sobre educação, distribuição de renda, crescimento. Sempre tem coisas legais rolando. Fernando Henrique foi lá um par de vezes, o próprio Fernando Haddad foi quando era prefeito. Tem coisas legais assim. (Entrevista com um dos mais especialistas).

Já o IBRE-FGV, onde Samuel Pessôa atua como pesquisador, produzindo pesquisas econômicas aplicadas bem como estatísticas macroeconômicas que visam “o aperfeiçoamento das políticas públicas ou da ação privada na economia brasileira” (IBRE-FGV). Criado em 1951, em seu site, o IBRE afirma “o posicionamento da FGV como “*think tank*” das questões econômicas e sociais do país”. A instituição FGV, aliás, ocupou o 5º lugar no ranking de *think tanks* mundiais do *Global Go to Think Tank*, de 2019 (MCGANN, 2019). O conjunto desses *think tanks* (somado aos mais ativistas e militantes que serão analisados na parte IV) contribui na propagação e no fortalecimento de determinados esquemas de pensamento e propostas econômicas, políticas e sociais para o país, além de reforçar a lógica da expertise.

¹⁰⁷ Uma definição genérica é a de Camila Rocha, que os caracteriza como institutos que atuam na produção de informações e análises com o objetivo de influenciar tanto políticas públicas quanto a opinião pública (ROCHA, 2015). Mas há também aqueles que agem sobretudo na divulgação de ideias visando um combate na guerra cultural, tais como os *think tanks* ativistas ou militantes (SILVEIRA, 2013; ROCHA, 2015; ROCHA, 2018).

¹⁰⁸ Para diferenciação entre *think tanks* acadêmicos, “*contractors* ou empreiteiros de políticas públicas” e os de tipo militante ou “*advocacy*”, ver Silveira, 2013.

“Fora **os livros**, os **bons vinhos** são um de seus **poucos luxos** [de Fernando Schüler]. **Consumista? Nem um pouco.** “Me identifico muito com o livro do Max Weber, 'A Ética Protestante' e o 'Espírito do Capitalismo' [sic]. Não sou um capitalista, mas tenho **um estilo de vida quase minimalista. Uso o mesmo sapato até gastar.**” O terno é um item essencial de sua indumentária, e Schüler se recusa a despir o paletó quando está sendo fotografado. “Sem paletó vocês vão tirar minha identidade”, brinca, e conta que o terno se tornou um hábito tão vital que o usa mesmo quando não tem reunião alguma. Depois, quase em tom confidencial, mostra o quanto é avesso a modas ao revelar que **seu terno está tão surrado** que tem alguns furos no tecido (TREFAUT, 2013).

“**Sou meio caipira**, não gosto de viajar, não gosto de vir para Zona Sul [da cidade de São Paulo]” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Nas redes sociais, eu participo todo dia. Eu sempre gostei muito de fotografia. **Então, nas redes sociais, eu ponho fotos dos meus gatos**, eu tenho um casal de gatos (...) Eu ponho fotos de gatos, de flores e um pouco de literatura, muito de música. **Toda noite, eu ponho música.** Música é uma coisa constante na minha vida. Cheguei a estudar um pouco de música na juventude, desisti para o bem dos vizinhos” (Entrevista com um dos mais especialistas).

“Eu fui durante quatro anos **conselheiro do meu prédio**, que é uma coisa assim que eu recomendo a qualquer cidadão. (...) **É uma boa experiência cívica.** (...) Aí você entende como é complicado aprovar leis, onde você tem 513 indivíduos, cada um respondendo a um lobby diferente.” (Entrevista com um dos mais especialistas).

Ainda que os experts tenham herdado e acumulado capitais econômico e cultural suficientes para diferenciá-los socialmente, nas entrevistas realizadas, eles oscilam entre a afirmação de seus trunfos sociais, culturais e materiais e a demonstração de certos hábitos e práticas associados a uma vida pequeno burguesa. Assim, entre a exibição de uma “vida comum” e a valorização de seus capitais, ora eles se direcionam a uma legitimação perante a elite com a qual mantêm interlocução e que compõe parte de suas clientelas; ora promovem identificação com a pequena classe média que os lê nos jornais e revistas para os quais escrevem. Nos cargos que ocupam, nas empresas em que trabalham, nas colunas em que escrevem, nos *think tanks* em que circulam, esses experts lidam com setores da elite dotados de elevados volumes de capital econômico, cultural e social. Ao mesmo tempo, dada a diferenciação no mercado financeiro, com o qual também mantêm interlocução, essas figuras lidam, em maior ou menor medida, tanto com grandes banqueiros como com pequenos operadores. Assim, a eficácia de suas ideias depende dessa oscilação de autorrepresentações, as quais, por se ajustarem às suas trajetórias e práticas, colocam-se como ainda mais convincentes. Além disso, a expressão de modos de vida austeros contribui para a legitimação das tomadas de posição que esses experts têm em relação às finanças públicas, coadunando-se com o vocabulário recorrentemente acionado, com expressões como “arrumação da casa”, “lição de casa”, presentes nas colunas desses especialistas e identificadas por Grün como parte da *doxa* da economia financeira (GRÜN, 2015).

4.1 INTELECTUAIS E JORNALISTAS: SOCIALIZAÇÕES NAS REDAÇÕES DE JORNAIS

A relação entre imprensa e universidade, jornalistas e professores no Brasil não é novidade. A Universidade de São Paulo originou-se, aliás, a partir da “aliança entre as vanguardas intelectuais e empresários culturais como o grupo Mesquita” (MICELI, 2001a, p. 105), com a adesão do jornal *O Estado de S. Paulo* na campanha de criação da universidade (LIMONGI, 2001, p. 176). Os empreendimentos culturais do grupo Mesquita constituíam-se,

inclusive, como centrais no mercado de trabalho dos intelectuais da época, ao lado do sistema de ensino (Ibid.). Mas se, em sua origem, a USP foi concebida como um projeto dessa elite, ela foi “progressivamente rompendo os laços com esse mecenato e reivindicando um espaço próprio de funcionamento e autoridade” (MICELI, 2001a, p. 105). Dessa maneira, como Miceli afirmou: “os grupos sociais emergentes privilegiados por essa expansão do ensino superior arrombaram o projeto universitário acalentado pelas elites” (MICELI, 2001a, p. 107). Ainda assim:

Apesar de inúmeras características da vida intelectual sofrerem ao longo do período transições por vezes bruscas, mesmo o espaço institucional dotado desde o início das condições necessárias para operar como o centro do mercado de Ciências Sociais (a USP) não conseguiu furtar-se a certas transformações impostas de fora, pela ingerência inevitável das principais instâncias do sistema de produção cultural da época, a começar pelos grandes jornais e revistas ilustradas, passando pelas editoras comerciais, instituições culturais, até aquelas instâncias fazendo as vezes de desaguadouros para as obras dos cientistas sociais, como, por exemplo, as revistas de cultura e de militância político-partidária (MICELI, 2001a, p. 179).

Assim, a imprensa também se configurava como uma possibilidade profissional para os jovens intelectuais, sendo a coluna de crítica literária ou de arte um dos projetos para os mais ambiciosos (MICELI, 2001a, p. 126-27). Também com a *Folha de S.Paulo*, que teve em suas redações ex-alunos da USP e em suas páginas os professores da universidade paulista, a relação que se constituiu historicamente mesclou certa dependência e, ao mesmo tempo, concorrência (CHIARAMONTE, 2015; ver subcapítulo 3.1 da Parte III). Por um lado, os acadêmicos sempre ocuparam espaços de prestígio nas páginas de jornais, enquanto intelectuais, fontes tidas como qualificadas a explicar o mundo, além de participarem, em muitos casos, como colaboradores frequentes e assessores, influenciando até mesmo nos processos de criação e reformulação de certos jornais e revistas. Por outro, esses mesmos jornais também se tornaram espaços que lançaram grandes intelectuais acadêmicos a um público mais amplo¹⁰⁹ (LIMA, 2013, p. 130-131).

Dessa relação de cooperação, porém, a imprensa passou a ocupar um lugar de crítica, direta ou indireta, à universidade pública e aos seus docentes. Os anos de 1980, que consolidaram a profissionalização e a modernização dos jornais, são apontados como um momento de inflexão, em que essas disputas se tornaram mais frequentes e potentes. Um dos casos ilustrativos é o que se tornou objeto de estudo de Aline Chiaramonte, qual seja, o da lista

¹⁰⁹ A presença de Antonio Candido na *Folha*, por exemplo, é abordada por Marcelo Lima (2013, p. 131). Se o professor da USP e crítico na *Folha* – que também lançou nomes como Lourival Gomes Machado e Florestan Fernandes a um público maior – tinha lugar de destaque em suplementos como o *Folhetim*; a partir dos anos 1990 ele apareceu pouco como autor de textos, mas continuou sendo evocado como referência intelectual pelos jornalistas ou colaboradores (Ibid.)

dos improdutivos, publicada em 1988 pela *Folha de S.Paulo*, com vistas a elencar os professores da USP com baixa produtividade (CHIARAMONTE, 2015). Desde então, os jornais se tornaram divulgadores e produtores de rankings universitários, além de terem desenvolvido editoriais específicas do jornalismo de educação, em uma busca por pautar os debates sobre os rumos da universidade¹¹⁰.

Ao rastrear a estreia dos colunistas-acadêmicos e especialistas aqui estudados nos principais jornais da época – *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e o *Jornal do Brasil* –, foi possível perceber que o cientista político Bolívar Lamounier, a filósofa Marilena Chaui, o sociólogo Emir Sader e o economista Luiz Gonzaga Belluzzo (todos nascidos na década de 1940) figuram nas páginas dos periódicos desde os anos 1960 e 1970, tornando-se mais frequentes nos anos 1980. Esses professores atuaram como colaboradores regulares, seja assinando colunas opinativas, prestando consultorias aos jornais ou ainda trabalhando como repórteres. Além disso, os relatos desses colunistas deixam evidentes as conexões íntimas entre acadêmicos e jornalistas da época, cujas afinidades, as relações estabelecidas na universidade, o alinhamento na oposição política à ditadura e a convivência ampliada nos jornais produziram um espaço de troca e influências mútuas.

O cientista social André Singer faz parte de uma geração de transição deste modelo. Ele ocupou papéis centrais na história da imprensa brasileira, sendo secretário de redação do jornal *Folha de S.Paulo*, entre 1987 e 1988, antes de se tornar professor da USP, em 1990, e completar seu mestrado (1990-1993) e doutorado (1994-1998). Singer trabalhou na *Folha*, durante toda a década de 1980, tendo sido editor de Política, editor do Painel e secretário de redação, participando do *Projeto Folha* (Entrevista de André Singer à autora, 2020). Graduado em jornalismo (1982-1986) e ciências sociais (1976-1980), ele se inseriu na imprensa, não como colaborador externo (na posição de acadêmico e professor), mas como funcionário da empresa. Já com o título de cientista social e trabalhando na *Folha*, acabou optando por fazer também a faculdade de jornalismo.

Chiaramonte (2015), em seu trabalho sobre a contenda em torno da “lista dos improdutivos”, apontou a participação de André Singer como mediador de um debate sobre a universidade, entre professores da USP, promovido pela *Folha*. “Ao mesmo tempo jornalista e sociólogo”, o jornal pretendia criar para Singer e para *Folha de S.Paulo* a seguinte posição: “simultaneamente ponto neutro da discussão e parte implicada nela”, tal como Otavio Frias Filho se referiu (08/03/1988 apud CHIARAMONTE, 2015, p. 28). Nessa época, André Singer

¹¹⁰ Essas observações têm sido feitas por Aline Chiaramonte em pesquisa de doutorado que se desenvolve em paralelo à minha, também no Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP.

exercia a profissão de jornalista. Essa posição se modificou a partir de sua inserção mais intensa na universidade, enquanto professor e pesquisador, ainda que continuasse atuando como jornalista (nos anos 1990, trabalhou na *Editora Abril*, chegando a diretor de redação da *Superinteressante*; nos anos 2000, voltou à *Folha* como repórter especial; além de ocupar o cargo de porta-voz e secretário de imprensa da Presidência da República). Em novembro de 2012, Singer inaugurou uma coluna no mesmo jornal onde trabalhou, desta vez, na clara posição de cientista político.

A trajetória de Singer marca uma transição em termos de modalidades de circulação entre a imprensa e a universidade. Esse lugar intermediário entre um espaço e outro é hoje exercido, sobretudo, pelos colunistas. Se nos anos de 1950 a 1970, essa interlocução se dava com mais afinco, já que intelectuais, escritores e professores atuavam em jornais até mesmo como contratados, em um ambiente de socialização mais intensa, ela se tornou mais rara com o processo de profissionalização, a expansão dos cursos de graduação na área e a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão (instituída pelo Decreto-Lei n. 972, de 1969). Nesse sentido, o lugar dos intelectuais no jornalismo passou a ser circunscrito às entrevistas, aos artigos de opinião e aos cadernos especiais. Esse processo é acompanhado pelo que Singer observa como uma predominância da técnica na profissão:

a minha geração acho que foi parte de uma transição entre o que eu chamaria de jornalismo mais romântico, digamos assim, até o final dos anos 70, e o jornalismo mais de tipo técnico que começa com a minha geração, mas eu tenho impressão que a gente ainda, eu ainda, quando eu cheguei na redação, ainda tinha muito o clima do passado. As coisas não terminam assim, elas vão terminando lentamente. Então, eu diria que hoje, há dez anos, a sensação que eu tinha era de uma coisa bastante mais técnica, sempre nessa direção, de mais especializada, mais técnica, menos politizada, mais distante de um engajamento (Entrevista de André Singer à autora, 2020).

Escrevendo de suas casas ou escritórios, esses acadêmicos e também os especialistas não adentram mais o espaço de convivência e socialização que as redações de outrora podiam configurar. A ligação entre os dois mundos se converte em outros espaços de sociabilidade, como os jantares entre amigos, os debates promovidos pelos próprios jornais e alguns institutos.

Da experiência como consultores e colaboradores das empresas jornalísticas até os jantares e as relações familiares, esses acadêmicos e especialistas mantêm certa proximidade com o mundo jornalístico. Mais do que a relação de repórter e fonte, editor e colunista, o estabelecimento de vínculos de amizade garante a essas figuras um capital de relações sociais importante para suas manutenções na grande imprensa. Entre alguns a relação remonta às proximidades familiares ou às experiências universitárias, entre outros, ela se estabeleceu em momentos mais avançados da carreira. De todo modo, para além delas, os capitais acadêmicos e as trajetórias profissionais também são decisivas na inserção de tais nomes na imprensa. Eles

ganham visibilidade de diferentes maneiras: 1) a partir da ocupação de algum cargo de importância – na assessoria política ou em postos da burocracia estatal – por meio dos quais passam a dar entrevistas constantes e a estabelecer diálogos frequentes com repórteres, nos cadernos de política e economia; 2) da participação em polêmicas acadêmicas, que de algum modo ganham divulgação na imprensa; 3) do sucesso editorial, que os projeta em páginas de cultura e os leva a receber convites para entrevistas – em cadernos como o *Mais!*, o *Ilustrada* e o *Ilustríssima*; 4) da contribuição e do alinhamento com partidos políticos, que os tornam, em certa medida, expressões intelectuais dos mesmos. Outrossim, a atividade como colunista também os projeta em cargos, polêmicas, sucesso editorial e tomadas de posição política.

Analisando os textos de apresentação dos colunistas-acadêmicos e especialistas, na época de suas estreias, no jornal *Folha de S.Paulo*, essa relação de cumplicidade também pode ser verificada. A importância da tradução da linguagem e dos temas acadêmicos e especializados bem como o tratamento de assuntos da imprensa por um viés mais analítico são elementos destacados entre as falas desses novos colunistas em tais textos de apresentação: “Para ele [Vladimir Safatle], a discussão deve ser feita com a opinião pública, e não só na universidade” (FOLHA, 2010); “Será uma coluna leve, direta e trazendo, eventualmente, alguma referência do mundo acadêmico de maneira didática” (SCHÜLER apud FOLHA, 2017); “segundo ele [André Singer], uma coluna pode ‘ajudar na compreensão da lógica dos acontecimentos’, já que o noticiário político em geral é muito fragmentado” (FOLHA, 2012).

Projetando a imagem de lugar “neutro” e “plural”, os jornais também vão angariando nomes de diferentes matizes políticas que, ao mesmo tempo em que reforçam essa projeção de diversidade, contribuem para afirmar as posições que os próprios colunistas pretendem para si. Não importando tanto, nesse caso, se mais à esquerda ou mais à direita, além da ênfase na diversidade, o caráter de novidade coloca-se como central: “o filósofo [Vladimir Safatle] diz que pretende mostrar ‘como o pensamento de esquerda é capaz de sintetizar problemas novos e encontrar respostas inesperadas para os antigos’” (FOLHA, 2010); “Os textos manterão os debates no plano das ideias, tentando resistir a discussões fáceis que, muitas vezes, acontecem na vida política e que acabam criando mais desinformação e até uma polarização vazia” (SCHÜLER apud FOLHA, 2017). Nesse sentido, é interessante notar como as tomadas de posição dos colunistas-acadêmicos e especialistas podem ser também molas propulsoras para o convite para a participação como colunistas. Nesse jogo, vale o prestígio alcançado em outros campos – cultural, acadêmico, econômico e político –, o capital de relações sociais, mas também o verniz de novidade, o capital político e a capacidade das ideias expressas mobilizarem contenciosos e polêmicas.

Mais recentemente, um outro elemento passa a compor essa equação, ainda que com menor impacto do que no polo dos mais militantes e polemistas: a atuação e os reconhecimentos nas redes sociais (ver Parte IV). Elas podem também ser um caminho de entrada, embora mais incomum, para os acadêmicos e especialistas, como foi o caso de um dos entrevistados. Ademais, os blogs e sites alternativos, que mantêm alinhamentos políticos mais declarados, configuram-se também como novos espaços para jornalistas, militantes, polemistas, mas também acadêmicos e especialistas.

4.2 OS EXPERTS COMO FONTE: TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

O modelo do expert – que tem como espécie de tipo ideal os economistas – se tornou dominante nos cargos da burocracia estatal, mas também adentrou a produção jornalística e editorial com mais intensidade a partir dos anos 1990¹¹¹. Desde a ditadura militar, no entanto, o crescimento do jornalismo econômico¹¹² vem se intensificando assim como a íntima relação entre economistas e jornalistas (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003). A ausência de uma formação específica na área econômica levou os profissionais da imprensa a estabelecer uma relação de “aluno e mestre” com suas fontes (Ibid.): pesquisadores e professores, mas também autoridades que atuavam em empresas públicas e privadas, ministros da Fazenda e empresários. Os almoços, seminários e entrevistas tornavam-se salas de aula, em que os mestres especialistas ensinavam seus alunos-jornalistas (Ibid.; ABREU; ROCHA, 2006, p. 86).

Os ministros da Fazenda dos governos militares, Antônio Delfim Netto e Mário Henrique Simonsen, exerciam sobre os profissionais da imprensa admiração, medo e dominação.

¹¹¹ Embora a participação desses especialistas na imprensa seja mencionada em trabalhos que têm como objetivo analisar os padrões de carreira desses agentes sociais, ainda são poucos os estudos sobre o papel da imprensa na construção de “reputações” dos *experts*, sobre os efeitos nos rumos da carreira dos especialistas ou mesmo sobre a influência nas disputas específicas desse conjunto de profissionais. Alguns trabalhos analisam o jornalismo econômico e a influência dos economistas nessa prática profissional, mas são raros aqueles que tomam a imprensa como atuante no espaço econômico, empresarial, financeiro etc.

¹¹² Com uma pesquisa sobre o jornalismo econômico na França, Julien Duval observou a relação entre o desenvolvimento dessa editoria e o poder do pensamento econômico e liberal. Naquele contexto, a difusão de um vocabulário e de um modo de pensar específicos do mundo econômico influenciaram o discurso jornalístico assim como outras esferas, como a política, a educação, a saúde, o esporte e a cultura, a ponto de todos os domínios serem penetrados pelo pensamento administrativo e pela lógica da gestão (DUVAL, 2004, p. 18). No Brasil, a elite do jornalismo econômico também compartilha da *doxa mainstream* sobre a economia com os agentes eficientes do campo econômico (PEDROSO; UNDURRAGA, 2009). Isso porque esses agentes mantêm relações entre si assim como porque ao empregarem os princípios de visão de mundo dos dominantes do campo econômico, os jornalistas também realizam sua *illusio* profissional (PEDROSO; UNDURRAGA, 2009).

Ele [Delfim Netto] conversava pessoalmente com os editores de economia e exercia seu poder de ‘economista brilhante’ passando a imagem de que só conversava com jornalistas altamente qualificados. Tornava-se assim motivo de vaidade e orgulho profissional ser eleito para conversar com o ministro. Essa era uma das estratégias de manipulação utilizadas pelo poder (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003, p. 29).

Enquanto Delfim controlava as informações passadas aos jornalistas, Simonsen é retratado como uma figura que permitia a contestação das políticas econômicas, buscando influenciar os jornalistas por meio do convencimento e não do controle: “Mas se você ligasse para ele [Mário Henrique Simonsen] e dissesse: ‘Não estou entendendo o que está acontecendo’, ele lhe dava uma aula brilhante”, afirmou Míriam Leitão (apud ABREU; ROCHA, 2006, p. 90).

A redemocratização permitiu que o medo da censura fosse abolido, mas não modificou a dependência e a admiração nutrida em relação aos economistas, inclusive, aos que estiveram ligados ao regime militar. Embora tenham conquistado certo prestígio e uma relativa autonomia, nos anos 1990, os colunistas de economia ainda conviviam com a dependência de um restrito número de fontes (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003, p. 29). Aliás, é de se destacar que, apesar do fim do regime militar, os economistas que atuaram nos governos ditatoriais se mantiveram enquanto fontes recorrentes dos jornalistas e tornaram-se até mesmo colunistas regulares. Antônio Delfim Netto escreve há mais de 20 anos no jornal *Folha de S. Paulo*, semanalmente, além da *Carta Capital*. Mário Henrique Simonsen escreveu na *Revista Exame* e se manteve como o mestre dos jornalistas, mesmo nos anos 1990. Roberto Campos escreveu na *Folha*, entre 1994 e 2000, assim como assumiu colunas nos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Correio da Manhã* assim que saiu do governo, em 1967. Esses economistas nunca saíram dos jornais¹¹³.

A relação de certa subserviência da imprensa brasileira com a elite econômica e política se manteve, portanto, mesmo depois do processo de modernização que marcou as redações, nos anos 1980, e que implementou um novo tipo de profissionalismo. Se durante o regime militar, os mesmos jornalistas econômicos que se portavam como alunos dos economistas que ocupavam os mais altos cargos da burocracia brasileira estavam também vinculados a partidos

¹¹³Assim como esses economistas se mantiveram na imprensa, eles também permaneceram como referências para os novos economistas, diferente do que ocorreu na Argentina: “Isso, por sua vez, indica padrões diferentes entre os segmentos das elites intelectuais e políticas: certamente nenhum dos jovens economistas democráticos argentinos reconheceria o apadrinhamento de (ou ainda algum mérito intelectual em) qualquer funcionário do governo militar anterior, como podiam fazê-lo seus amigos brasileiros. Por fim, embora as biografias sociais de ambos os grupos mostrem vários paralelismos (como trajetórias de ascensão social por meio da profissionalização e da passagem pelos Estados Unidos), entre os brasileiros predominava uma proximidade maior com elites que sempre se mostraram mais coesivas – algo certamente característico de uma sociedade mais diferenciada e menos plebéia que a Argentina” (NEIBURG, 2004, p. 1919).

de esquerda (como o PCB ou PCdoB) e a movimentos de inspiração marxista; nos anos 1990, o que se verificou foi um movimento de desencajamento desses jornalistas (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003). Na ditadura, tentavam conciliar a militância, a busca por determinada autonomia e a necessidade de garantia do emprego e das condições mínimas de trabalho, lidando de forma ambígua com a censura (Ibid., p. 30). Já nos anos 1990, o que predominou foi a crítica a posições apaixonadas do jornalismo, ao que seria o domínio da ideologia, substituindo-as por posturas supostamente desapaixonadas e sem ideologia, qual seja, a de um jornalismo “mais técnico, menos politizado, crítico, apartidário e pluralista” (FRIAS FILHO, 2003a, p. 64), o que combina justamente com a figura do expert.

Ademais, nos anos 1970, frações da classe média começaram a atuar nas bolsas de valores, elevando a demanda por informações econômicas ligadas a esse setor. Uma das fontes de receita dos jornais, nessa época, era justamente a publicação de balanços financeiros (Ibid., p. 43). O processo de financeirização da economia engendrou também novos negócios jornalísticos: no início dos anos 1990, a *Agência Estado* – pertencente ao grupo *Estado* e criada em 1970 – incorporou a empresa *Broadcast*, voltada para a produção de informações econômicas em tempo real para clientes como a *Bradesco Corretora* e o *Unibanco* (ESTADÃO, 1991, p. 10).

Já com as políticas de estabilização econômica, elaboradas com vistas a combater a hiperinflação, multiplicaram-se os indicadores de medição de preços e os índices econômicos, produzidos por economistas em instituições concorrentes “no mercado de ideias e políticas, elaborando e vendendo índices logo consumidos na esfera pública econômica, cada vez mais povoada por boletins de empresas e de associações, por revistas de grande circulação, por jornais e seções informativas especializadas” (NEIBURG, 2004, p. 182). A produção de tais índices acompanhou a proliferação de instituições econômicas (Ibid.). Da mesma maneira, os serviços de informação financeira e a ampliação da editoria de economia na imprensa brasileira – com cadernos adicionais e veículos especializados – expandiram as possibilidades de emprego para os economistas e jornalistas, que, cada vez mais, se multiplicavam no mercado de trabalho.

Na década de 1980 e 1990, os economistas aqui estudados começaram também a se inserir na imprensa, como é o caso de Fabio Giambiagi e Gustavo Franco, por exemplo, sobretudo no *Jornal do Brasil*. Franco chegou até mesmo a ser enviado pelo *JB* à Argentina, para fazer uma série de artigos sobre a hiperinflação no país, tornando-se já na época colunista regular do periódico. Desde então, Franco é fonte frequente dos jornais, o que se intensificou ainda mais depois de suas experiências no governo federal.

Mas, além disso, novas modalidades de inserção também começaram a surgir, sobretudo a partir dos anos 1990, por meio dos “agentes do mercado”, como é o caso de Alexandre Schwartzman. Embora tivesse, durante o período acadêmico, publicado um ou outro artigo na *Folha* e no *Estadão*, foi apenas a partir dos anos 2000 que ele passou a ser fonte usual dos três principais jornais do país, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, por meio de seus cargos de economista-chefe da Indosuez W.I. Carr Securities, da BBA Corretora e do Unibanco. Entre 2001 e 2003, ele foi um dos analistas frequentemente procurado por jornalistas a fim de interpretar os dados da conjuntura econômica, tais como a alta e a queda do dólar, dos juros e da inflação. Nesse período, figurou como um representante do que os jornais chamavam de “mercado”, como ficou evidente na reportagem de outubro de 2002, publicada pela *Folha* e intitulada *Para mercado, BC deu um tiro no pé*, na qual apenas Schwartzman aparecia como fonte. Também em 2002, ele chegou a publicar artigos opinativos na *Folha de S.Paulo*, que geraram certa repercussão. Já em 2003, Schwartzman passou a participar de eventos como um promovido pela revista *Exame* a fim de analisar os cem dias de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o seminário anual do Banco Central sobre política monetária. A crescente participação do economista na imprensa, enquanto fonte especializada pronta a avaliar as decisões tomadas pelo Banco Central, entre os anos 2001 e 2003, antecedeu sua indicação à Diretoria de Assuntos Internacionais do BC. Da mesma forma, o período de atuação no Estado garantiu a Schwartzman ainda mais visibilidade, levando-o a outros cargos no setor privado, ao convite para ser colunista da *Folha de S.Paulo* e, mais à frente, à possibilidade de atuar com consultoria própria.

A entrada desses agentes do “mercado” no noticiário coincidiu com o contexto de popularização dos serviços de informação financeira, nos anos 2000 (MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019). O *Broadcast* – plataforma de difusão de informações e serviços para o mercado financeiro – foi passando a se direcionar também para investidores individuais, pequenos e médios (ESTADÃO, 2011) assim como ampliou-se para novos produtos – como o *Broadcast Político*, o *Broadcast Agro*, o *Trading News*, o *Broadcast Web* e o *Broadcast Datafeed* – direcionados para a oferta de informações estratégicas na decisão da compra ou venda de ações no mercado financeiro assim como nas negociações do agronegócio (BROADCAST). Em 2013, o *Broadcast* ganhou a concorrência do *Valor Pro*, também uma plataforma de notícias financeiras em tempo real, lançada pelo *Valor Econômico* – na época, uma parceria do *Grupo Folha* e do *Grupo Globo* (MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019).

Com esses novos produtos, as rotinas de produção e divulgação das notícias assim como as relações entre jornalistas e fontes se modificaram nas redações (PULITI, 2009). Por serem

serviços de informação em tempo real, com atualizações a cada segundo, eles – sobretudo o *Broadcast*, pioneiro no Brasil – impuseram uma lógica temporal mais imediata na relação entre jornalistas, governos e agentes do mercado. Nesse sentido, os governos precisaram se preparar para fornecer respostas mais rápidas à imprensa, utilizando esse espaço até mesmo para “acalmar” investidores e operadores do mercado financeiro (PULITI, 2009). Ademais, esses serviços instituíram uma interlocução recorrente entre jornalistas e agentes do sistema financeiro, que se tornaram fontes também para outros veículos (PEDROSO; UNDURRAGA, 2016; PULITI, 2009; MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019).

Outro indício do crescimento da importância do jornalismo econômico nas empresas jornalísticas foi o lançamento, em 2010, pelo *Grupo Estado*, do curso de Jornalismo Econômico – vulgarmente conhecido como curso *Focas*¹¹⁴ –, voltado para jornalistas recém-formados ou estudantes do último ano da graduação, que podem vir a ser contratados ao final do *trainee*. Em parceria com a FGV, o curso é composto de aulas teóricas com os professores da instituição assim como de treinamento nas diferentes plataformas da empresa: *Agência Estado*, *Broadcast*, sites e jornal impresso (ESTADÃO, 2012). Dessa maneira, ele oferece mais um espaço de atuação para os economistas bem como amplia suas possibilidades de influência assim como treina os novos jornalistas a trabalharem da maneira esperada pelo mercado (MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019).

Um dos princípios atuais de hierarquização desse jornalismo é a ideia de “mexer com o mercado” (PEDROSO; UNDURRAGA, 2009). Com uma representatividade considerável nas receitas internas¹¹⁵ das empresas de comunicação e considerando a queda de assinaturas de jornais nos últimos anos¹¹⁶, esses serviços pagos¹¹⁷ tornaram-se prioridade das organizações jornalísticas em termos de furo e de informação exclusiva: “Completa cobertura em tempo real com notícias exclusivas, análises, furos e bastidores sobre economia, negócios, política, empresas, finanças, entre outros temas, produzidos por uma especializada equipe de jornalistas e economistas”, apresentou-se o *Valor Pro* (VALOR PRO; MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2019).

¹¹⁴ O *Jornal do Brasil* é o pioneiro nos cursos de jornalismo (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; KORNIS, 2003, p. 40), tendo sido seguido pela *Folha* e pelo *Estadão*. Bergamo (2020) também aborda esses cursos de jornalismo das empresas.

¹¹⁵ Em 2009, reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* afirmou que o *Broadcast* já representava 80% da receita da *Agência Estado* (ESTADÃO, 2009, p. 4).

¹¹⁶ Entre 2000 e 2019, a média de circulação da *Folha de S. Paulo* passou de 440.655 para 92.379; a do *Estadão* passou de 399.019 para 100.838; e de *O Globo*, de 322.474 para 109.820, segundo dados do IVC. Já o *Valor Econômico* passou de uma média de 51.917, em 2004 (primeiro ano em que os dados do jornal foram auditados pelo IVC), a 27.037, em 2019 (ver subcapítulo 3.5 da Parte IV).

¹¹⁷ A mensalidade do *Valor Pro* é de R\$ 1.270,00 enquanto a do *Broadcast*, no pacote voltado para pessoa física varia de R\$ 260,00 a R\$ 1.500,00, dependendo dos serviços adquiridos, segundo informações obtidas em 2018.

Além da relação entre agentes do mercado e jornalistas, a sociedade em agências de consultoria e a atuação em institutos, como *think tanks*, também passaram a ser trunfos para a inserção no debate, competindo em certa medida com as credenciais acadêmicas. Esse movimento, porém, é duplo, já que é também a visibilidade na mídia que permite a formação de um capital de relações sociais e certa credibilidade capaz de direcionar as atuações profissionais para as consultorias. De todo modo, essas relações estabelecidas entre especialistas e jornalistas, departamentos de economia, *think tanks*, agências de consultoria e jornais contribuem para a projeção de determinadas visões de mundo, ligadas a um receituário de soluções político-econômicas para o país, que passam a ser repetidas à exaustão. Essas relações também serão abordadas na próxima parte do trabalho, que se debruça sobre o polo dos mais jornalistas.

PARTE III – JORNALISTAS *MAINSTREAM* E JORNALISTAS BLOGUEIROS

1 JORNALISTAS DA GRANDE IMPRENSA

Os **intelectuais** tendem a considerar que o **jornalista** é um intelectual que deu errado. **É como se o jornalista fosse um subintelectual**. Ele escreve todo dia, às vezes **é até mais conhecido** que o intelectual que fez um trabalho de fôlego, mas... “Não é exatamente do meu grupo”, diz o intelectual. E se o jornalista também não ficar achando que é um intelectual, melhor. (...) Nós não somos economistas, não somos cientistas, não somos intelectuais, não somos políticos, **não somos nada**, mas temos que **transitar nesses mundos todos** e falar para quem está fora de todos os mundos. (...) **Somos a ligação entre todos os especialistas e todos os leigos** (LEITÃO, 2006a, p. 102, grifos meus).

A representação que Míriam Leitão expõe no excerto acima acerca do papel social e da posição do jornalista perante intelectuais, acadêmicos, especialistas e leigos é emblemática do lugar que os mais jornalistas do conjunto de agentes estudados neste trabalho ocupam no espaço social e no universo aqui analisado: o de mediação (NEVEU, 2006, p. 37; CHAMPAGNE, 1995). A despeito desse lugar comum entre eles, a definição da atividade jornalística varia conforme a geração e a posição ocupada no espaço midiático, indo desde concepções românticas, tais como a de Alberto Dines – “eu chamo de arte” (DINES, 2003, p. 154) –, até as mais industriais e práticas, como a de Míriam Leitão – que se autodenominou “operária da notícia” (apud VENCESLAU; MORAES, 2004, p. 17) e afirmou que “o jornalista é um pegador de notícia e um transmissor de notícia” (LEITÃO, 2006a, p. 101).

Em relação aos mais especialistas e acadêmicos dos colunistas, os mais jornalistas destacam suas capacidades de transformar os conhecimentos e as palavras cifradas, eruditas, inacessíveis em conteúdo compreensível para os leigos. Enquanto aqueles escrevem em jornais e revistas como um complemento de suas atividades profissionais e sem uma inserção nas redações; os colunistas-jornalistas são profissionais da imprensa, tendo forjado suas carreiras, suas opções culturais e políticas, principalmente, no seio das redações por que passaram e por meio das experiências de cobertura jornalística que vivenciaram (ver capítulo 3 desta Parte). Os colunistas-jornalistas do *mainstream* frequentaram e alguns ainda frequentam as redações de grandes jornais (como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*); revistas (sobretudo, a *Veja*); rádio (como *CBN* e *Band News*); e TV (como *Rede Globo* e *Globo News*), fazendo parte da dinâmica de produção de conteúdo dos veículos (ver subcapítulo 3.6 desta Parte).

Seus textos opinativos guardam, em maior ou menor medida, uma relação com o trabalho de reportagem, acionando, para tanto, fontes a conceder informações quentes e exclusivas ou a possibilitar reflexões e explicações sobre o mundo social (ver capítulo 4 desta

Parte). Circulam, assim, pelos diferentes poderes – como o econômico, o político e o acadêmico –, mas não possuem ocupações nesses espaços (ver capítulo 4 desta Parte). Escrevem sobre todos eles, mas dependem em algum grau das interpretações e dos dados elaborados por cientistas políticos, economistas, sociólogos, filósofos e outros especialistas ou acadêmicos assim como por políticos e empresários. São lidos também por tomadores de decisão, inclusive, os próprios especialistas e acadêmicos deste trabalho, mas precisam adequar suas linguagens também a um público mais amplo (ver subcapítulo 3.2 da Parte V). Se, para os especialistas, o trânsito entre diferentes ocupações nos poderes políticos e econômicos é um distintivo que os legitima (ver capítulo 4 da Parte II); para os jornalistas, o contato com eles é sempre rodeado de ganhos, mas também de riscos às suas credibilidades profissionais (ver capítulo 4 desta Parte). A relação que jornalistas – *mainstream* ou não – estabelecem com os mais especialistas e acadêmicos é de interdependência, embora assimétrica, tal como mencionado na abertura da Parte II (ver capítulo 4 desta Parte).

Mas esses jornalistas fazem questão de marcar oposição aos mais polemistas, militantes ou blogueiros dos colunistas. Nesse sentido, enfatizam a sobriedade e o equilíbrio, tanto no estilo do texto quanto na busca da informação. Tentam, assim, diferenciar-se de “certos debatedores que transformam a ofensa e as agressões espetaculosas em argumentos. Por falta de argumentos”, como Míriam Leitão afirmou, em 2013 (LEITÃO, 2013). O artigo *Miséria do Debate*¹¹⁸ é emblemático dos modos de representação acionados pelos jornalistas mais *mainstream*:

Bom é quando os jornalistas **divergem e ficam no campo das ideias**: com dados, fatos e argumentos. Isso ajuda o leitor a pensar, escolher, refutar, acrescentar, formar seu próprio pensamento, que pode ser **equidistante dos dois lados**. O que tem feito falta no Brasil é a contundência culta e a ironia fina. Uma **boa polêmica sempre enriquece o debate. Mas pensamentos rasteiros, argumentos desqualificadores, ofensas pessoais, de nada servem**. São lixo, mas muito **rentável** para quem o produz (LEITÃO, 2013, grifos meus).

No início do artigo citado, Míriam Leitão deixou claro quem eram os debatedores aos quais se referia, no geral: “Esses seres surgem na suposta esquerda, muito bem patrocinada pelos anúncios de estatais, ou na direita hidrófoba que ganha cada vez mais espaço nos grandes jornais” (LEITÃO, 2013). Ao longo do texto, revelou indiretamente os alvos específicos de sua crítica: Reinaldo Azevedo e Rodrigo Constantino – representantes, para ela, da direita hidrófoba e integrantes do conjunto de colunistas-polemistas analisado neste trabalho (ver Parte IV). Afirmou ainda que vinha sendo alvo dos dois lados e que tinha por hábito ignorar os ataques,

¹¹⁸ É interessante notar que a coluna foi replicada por sites conhecidos por compor um conjunto de blogs ditos “progressistas”, como o *Brasil247*, o *Pragmatismo Político* e o *Blog da Maria Frô*, na *Revista Fórum*.

porque considerava que “jornalismo é aquilo que a gente faz para os leitores, ouvintes, telespectadores e não para o outro jornalista. Ou protojornalista” (LEITÃO, 2013), demonstrando que um dos móveis da disputa é a própria definição da legítima prática profissional (ver subcapítulo 3.6 desta Parte).

Essa construção acerca da imagem e da função social do jornalista, em contraposição às de outras figuras que circulam nas mídias, perpassa a visão dos colunistas mais jornalistas e ligados ao *mainstream*, que vão reproduzindo os modelos de prática legítima, disputando os sentidos do “jornalismo de qualidade” e “profissional”. Isso fica evidente também no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2011, de Merval Pereira:

É o jornalismo, **seja em que plataforma se apresente**, que continua sendo o espaço público para a formação de um consenso em torno do **projeto democrático**. E é **nos jornais que ainda se abriga maior parte do jornalismo de qualidade**. O **jornalismo profissional** tem uma estrutura, uma deontologia, uma forma profissional de colher e checar informações que a vasta maioria dos **blogueiros não tem**. Da mesma maneira que a **internet e as novas mídias sociais** permitem que as informações circulem mais largamente, com versões de várias fontes, elas também levam **as reportagens da grande imprensa** aos recantos mais longínquos do país. As reportagens da grande imprensa são replicadas no *Facebook*, no *Twitter* e em outras mídias sociais, amplificando sua repercussão (PEREIRA, 2011, grifos meus).

A defesa do “jornalismo profissional” que seria exercido, para os mais *mainstream*, sobretudo na grande imprensa, em contraposição à atividade de “blogueiros” é o que parece guiar a oposição entre os conjuntos de colunistas mais jornalistas, caracterizados aqui como os mais *mainstream versus* os mais blogueiros (ou *antimainstream*). Diante da ampliação de vozes por meio da Internet, os jornalistas *mainstream* precisam afirmar suas competências e credibilidades em um mercado em transformação, tendo que disputar o lugar de explicadores e intérpretes legítimos dos fatos, inclusive, com agentes mais jovens e dotados de outros trunfos (ver Parte IV). A atuação de uma variedade de figuras na Internet, fornecendo informações e ocupando lugares antes monopolizados pelos “jornalistas profissionais”, engendrou uma reação desses últimos com vista a preservar a posição de formadores de opinião, construtores legítimos da informação, defensores do interesse público e porta-vozes dos cidadãos.

Contemporaneamente, a identidade desses jornalistas baseia-se, portanto, em múltiplas oposições, que podem ser sintetizadas em dois polos: primeiramente, em relação aos especialistas e acadêmicos, que detêm um conhecimento específico e legitimado por diplomas de prestígio, mas uma linguagem, segundo esses jornalistas, pouco acessível; em segundo lugar, em relação aos blogueiros, militantes e polemistas da Internet e redes sociais, que, na percepção desses jornalistas, rebaixariam a linguagem e o conteúdo assim como não se valeriam dos procedimentos jornalísticos tradicionais de checagem de informação.

Mas a adaptação desses jornalistas às transformações tecnológicas, econômicas e políticas é sempre necessária como forma de manutenção de suas posições, as quais se veem ameaçadas – ainda que em medidas diferentes, dependendo do grau de prestígio que detêm – pela velocidade dessas mudanças no jornalismo, mais intensa, por exemplo, do que aquelas vivenciadas pelas universidades. Ao mesmo tempo em que os jornalistas mais *mainstream*, em determinadas situações, opõem-se ao que chamam de “blogueiros”, a lógica da Internet modifica as dinâmicas de produção, circulação e consumo do conteúdo jornalístico (ADGHIRNI, 2012; ABREU, 2017) assim como eles passam a se direcionar mais para a Internet. Com os blogs e redes sociais, as tradicionais formas de apuração da notícia se atualizaram, os meios de difusão inverteram suas lógicas de priorização, as ênfases precisaram ser repensadas e a própria estrutura profissional das empresas de comunicação se modificou. Tudo isso fez com que também esses jornalistas tivessem que ceder, criando redes sociais (como *Facebook* e *Twitter*), ampliando o diálogo com o público e alterando as próprias linguagens.

Embora critiquem e tentem se distanciar das práticas de polemistas, militantes e jornalistas blogueiros na Internet, esses jornalistas do *mainstream* também podem se aproximar em alguma medida dos mesmos, seja por meio de suas atuações em redes sociais, seja pela forma de atuação em prol de determinadas preferências políticas, seja por suas participações em diversos contenciosos. Aliás, há entre esses jornalistas aqueles que mais se aproximam de atividades intelectuais mais legitimadas e aqueles que estão mais próximos dos polemistas.

Para citar um exemplo, Augusto Nunes – que também compõe esse grupo e escreve para a revista *Veja*, além de ser comentarista da *Jovem Pan* e da *TV Record* – tem uma presença ativa nas redes sociais, uma performance mais próxima dos polemistas, além de já ter se envolvido em alguns contenciosos. Ao explicar, em entrevista, como foi convidado a trabalhar na *Jovem Pan* – canal que adotou a polêmica como estratégia de negócio (ver subcapítulo 3.5 da parte IV) –, ele evidenciou a proximidade que tem com o polo dos mais polemistas:

Ai, eu descobri que o grande instrumento que eu podia usar para fazer rádio era a minha experiência como **orador de palanque**, que é o improviso absoluto. E vim para cá, claro, até me adaptar... aí eu fui convidado para o *Morning Show*, eu não tinha nem idade para o *Morning Show*, não tinha o perfil, **mas eu me divertia com eles desde o começo**. Porque eu terminei a entrevista... não sei se você viu a entrevista que eu dei para o *Morning Show*, que me fez convidarem. Eles terminam me sacaneando com um negócio de: “Se eu cair numa ilha deserta com a Marilena Chaui’, é... primeiro, eles perguntam assim, eles imitando a Marília Gabriela, eles perguntaram: “Wisky ou viagra?”. Eu falei: “Viagra, pô”. Ai eles: “E se você cair numa ilha isolada com a Marilena Chaui?”; “Eu vou falar que eu esqueci o viagra”. É esse tipo de frase que a gente quer... Então, falei: Tudo bem... comecei, me convidaram para o *Pingo nos Is*, que é um fenômeno, de audiência, de sucesso... deu certo, gostei bastante. E por causa da minha atividade no rádio, eu sempre fui um **jornalista que a minha expressão**

preferida é a escrita, mas eu vi que agora me conhecem mais como comentarista de rádio (...) (Entrevista de Augusto Nunes à autora, grifos meus).

Se voltarmos ao gráfico dos indivíduos apresentado na primeira parte deste trabalho, será possível observar como o lado dos mais midiáticos é caracterizado por uma separação menos evidente entre os agentes, enquanto aqueles mais associados ao capital acadêmico situam-se em polos mais bem definidos e distantes dos outros. Assim, se a trajetória profissional de Augusto Nunes o situa entre os mais jornalistas, sua posição contemporânea o aproxima dos mais polemistas – o que pode ser explicado por sua vinculação a empresas de comunicação também com uma posição mais incerta no espaço. Além da adesão ao estilo polêmico, Nunes já se envolveu em brigas, chegando a agredir fisicamente o jornalista Glenn Greenwald. Esses episódios assim como a piada machista com a filósofa Marilena Chaui¹¹⁹ mencionada acima remetem ao investimento de figuras e empresas de comunicação – como a rádio *Jovem Pan* – não apenas na polêmica, mas também na expressão de uma suposta virilidade exagerada¹²⁰ por meio da violência real (simbólica e física) ou potencial (BOURDIEU, 2002). Depois do episódio, Augusto Nunes publicou um vídeo abordando o episódio, o qual continha a seguinte declaração:

(...) E não resisti ao que me sugeriam **a voz dos instintos e honra ferida**. Desde o começo da minha carreira pratico e recomendo que todos pratiquem **o convívio dos contrários**. Neste 5 de novembro, ao receber o **Prêmio Comunique-se**, reiterei a disposição de lutar para que seja encerrada **a versão política do Fla-Flu** que ocorre no Brasil há alguns anos. Lamento o ocorrido. E peço aos ouvintes, espectadores e leitores que **evitem traduzir em atos físicos** quaisquer divergências políticas, e mesmo a indignação provocada por **insolências inaceitáveis** (NUNES apud UOL, 2019a, grifos meus)¹²¹.

A explicação dada demonstra, em certa medida, a contradição da posição de jornalista polemista (sobretudo deste polemismo ligado à expressão masculinizada mais agressiva): por um lado, para se legitimar no ofício, ele precisa defender os princípios da prática profissional – tais como o diálogo entre contrários e ideologias diferentes, a defesa da democracia e da liberdade de expressão –; por outro lado, essas novas estratégias de negócio, que se utilizam dos embates violentos para angariar seguidores e ouvintes, dão espaço para a emergência das formas de machismo e violência mais ou menos reprimidas ou censuradas em outros espaços (ver parte IV e V). Esses episódios demonstram também as fronteiras tênues entre o dito

¹¹⁹ O caso foi mencionado também para ilustrar um dos argumentos mobilizado na Parte I e II: de que a filósofa Marilena Chaui vem sendo alvo dos diferentes polos deste mercado de opiniões.

¹²⁰ Tal como Bourdieu afirma em *A Dominação masculina*: “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2002, p. 61).

¹²¹ Glenn Greenwald também se pronunciou sobre o caso em um vídeo que continha o seguinte trecho ver UOL, 2019b.

jornalismo *mainstream* e aquele menos valorizado, mais ligado à polêmica – já que alguns agentes circulam entre eles assim como os estilos pendem ora para um lado, ora para outro.

Se essa violência (mesmo que potencial) é, em certa medida, estimulada ou permitida em determinados programas de TV e rádio, que inclusive se intitulam jornalísticos¹²², ainda que com menor prestígio e legitimidade, os jornalistas também são alvos recorrentes de violência física ou discursiva por parte de políticos e outros agentes sociais no Brasil¹²³. Nesse contexto, entidades profissionais, como, por exemplo, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), atuam no sentido de repudiar tais ações e, ao mesmo tempo, defender a legitimidade do ofício assim como circunscrever os valores e princípios da profissão¹²⁴. Os colegas também atuam no sentido de repudiar as violências, censuras e abusos contra jornalistas. Essas associações contribuem na formação do ideário em torno da atividade jornalística, a qual é, com frequência, associada à defesa da democracia: “Nós saudamos o nascimento de um novo jornal de qualquer tipo como um progresso para a democracia, e ritualmente deploramos o desaparecimento de um jornal como um ataque ao pluralismo, uma voz caindo no silêncio” (CHAMPAGNE, 1995, p. 219). Elas buscam assim se estabelecer como uma força em contraposição aos outros poderes aos quais o jornalismo se vincula em alguma medida e que também detêm influência na definição de tais legitimidades.

1.2 JORNALISTAS DA BLOGOSFERA

Fora da **independência** para escrever não há jornalismo, diz Bob. (...) Seus olhos brilham quando ele fala da **liberdade**. (...) Bob aparecia com o mesmo charme e

¹²² Sobre programas que estimulam tal violência, como os policiais, por exemplo, ver RIBEIRO, 2016b; RIBEIRO; CERBONCINI, 2019.

¹²³ A FENAJ produz anualmente relatórios sobre violência contra jornalistas e contra a liberdade de imprensa no Brasil (FENAJ).

¹²⁴ Para citar um exemplo, depois dos ataques de Jair Bolsonaro contra a jornalista Míriam Leitão, o Sindicato do Rio de Janeiro também se pronunciou com a seguinte nota, que expressa em alguma medida as representações relacionadas ao ofício: “O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJPMRJ) manifesta apoio à jornalista Míriam Leitão. A colunista do Grupo Globo foi vítima de declarações que jamais se esperaria de um presidente da República, mas que foram cometidas pelo atual chefe do Executivo, Jair Bolsonaro. O presidente, em mais uma de suas falas equivocadas, desrespeitou a honra da jornalista ao acusá-la de mentir sobre a tortura que sofreu durante o período de trevas da Ditadura Militar, sempre por ele elogiada ao longo da trajetória política. Ao tentar vilipendiar a biografia de Míriam Leitão, o presidente da República usa, mais uma vez, o estapafúrdio revisionismo histórico como justificativa. Não por acaso, partiu do atual governo a iniciativa de reescrever a história ao tentar retirar a palavra golpe dos livros didáticos que relatam o período vivido pelo país com a deposição do presidente João Goulart. Míriam arriscou a vida ao lutar contra o regime de exceção. Foi torturada física e psicologicamente. Sobreviveu ao inferno e desafiou novamente o governo militar vigente ao relatar, em 1973, os crimes que sofrera nos porões da Ditadura. O presidente da República atacou não apenas a jornalista, mas todas as vítimas do horror cometido pela tortura oficial. Não é coincidência que o mais conhecido agente da barbárie tenha sido elogiado pelo então deputado Bolsonaro ao votar a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. O Sindicato se solidariza com a jornalista e espera que esse atual período cinza do país seja superado pelas vias democráticas e jamais por golpistas e torturadores”. (SJPMRJ, 2019).

doçura que no futuro faria dele um **repórter diferente**. (...) Durante muito tempo, Bob caminhou na **contra-mão do pré-estabelecido**. (...) **Bob fazia as matérias diferentes** (...). **Bob trabalhava com independência e trazia ouro em pó para a redação** (VIANA, 2005, p. 16, grifos meus).

Caso raro de polemista destemido, mas avesso a dogmatismos, [Luís] Nassif teve papel decisivo na **revelação dos dois erros mais célebres do jornalismo** brasileiro recente, os casos do Bar Bodega e da Escola Base, esmiuçados neste livro. Sua **militância crítica** alcança, no entanto, toda uma série de outros “pequenos assassinatos” que a imprensa comete a cada dia por incúria, prepotência ou mera pressa. (...) **Num ambiente corporativo** como o de qualquer profissão, numa época em que seria tão mais fácil enaltecer as proezas que culminaram no impeachment de Collor (outro caso debatido no volume), Nassif tem **remado contra a corrente**, apontando falhas, revelando matizes, criticando maniqueísmos. Sua legitimidade para criticar deriva tanto da trajetória de **grande êxito profissional**, em que aproximou **jornalismo econômico e direitos da cidadania**, como da **atitude sempre respeitosa** para os colegas (FRIAS FILHO, 2003b, grifos meus).

Independência, liberdade, visão crítica são características comumente exaltadas no discurso jornalístico assim como são móveis de disputa na definição das legítimas formas de prática dessa profissão. Enquanto essa independência está associada ao exercício profissional do ofício em grandes redações, para os jornalistas mais *mainstream*; ela é defendida justamente como atributo oposto à “grande mídia” por aqueles que estão fora dessas grandes redações, a despeito de também terem traçado suas trajetórias na imprensa consagrada e legitimada pelos relatos memorialísticos do jornalismo brasileiro.

As posturas anticorporativistas, as escolhas por “remar contra a corrente” ou ir na “contra-mão do pré-estabelecido” são ressaltadas nos relatos produzidos sobre esses jornalistas blogueiros, seja por eles mesmos, seja por pares ou chefes. Bob Fernandes, Luís Nassif e outros jornalistas foram traçando, a partir dos anos 1990, mas principalmente dos anos 2000, trajetórias ao largo ou em conflito com as grandes redações do país: foram contratados para empreendimentos na Internet, nos portais que vinham surgindo nos anos 2000 (tais como *IG*, *Terra* e *UOL*); participaram da criação de revistas alternativas (como *Carta Capital*); atuaram em emissoras de televisão pública (como *TV Cultura* e *TV Brasil*); criaram seus próprios sites e blogs (como o *GGN*, o *Nocaute*, o *Socialista Morena*, o *Conversa Afiada*); ou fizeram parte de sites progressistas (como o *Brasil247*) (ver subcapítulo 3.6 desta Parte).

Em maior ou menor medida, eles foram se afastando do *mainstream* do jornalismo, embora esse distanciamento não tenha sido definitivo em alguns casos, com oscilações entre projetos novos e a mídia tradicional. Por um lado, eles compartilham com os jornalistas *mainstream* uma identidade profissional (como a de repórter) e métodos da atividade (tais como a apuração, o contato com fontes etc.). Além disso, a trajetória profissional legitimada, o reconhecimento que conquistaram por parte dos pares, do público e dos padrões, as reportagens marcantes que escreveram e os momentos históricos que cobriram também os aproximam dos

outros jornalistas (os mais *mainstream*) deste trabalho. Ainda assim, eles elaboram críticas sobre a imprensa brasileira e sobre algumas apurações específicas – o que resultou, inclusive, em obras analisando tais instituições e episódios da história do jornalismo brasileiro.

Por outro lado, alguns deles, por terem suas atividades profissionais atuais mais dependentes da dinâmica da Internet – com canais no *YouTube*, atuação nas redes sociais e financiamento por meio de *crowdfunding*¹²⁵ – e também mais engajadas politicamente, acabam se aproximando dos mais polemistas e militantes do conjunto de colunistas aqui estudados. Da mesma forma, são criticados pelos jornalistas da grande mídia quanto mais se afastam dela, sendo colocados em conjunto com polemistas e militantes. Se estes termos ganham conotação positiva em determinados contextos, tal como no texto citado acima e escrito por Frias Filho para caracterizar Nassif; em outras ocasiões, podem ser tomados de forma pejorativa, como forma de desqualificá-los e afastá-los do que chamam de “jornalismo profissional”. A jornalista Cynara Menezes, criadora do blog *Socialista Morena*, por exemplo, responde com certa frequência ao apontamento de certa ambiguidade em sua posição: “sou JORNALISTA de esquerda. não sou militante. na hora de escolher entre JORNALISMO e ideologia, vou sempre escolher ser JORNALISTA. isso significa que se pintar NOTÍCIA nas minhas mãos, contra ou a favor de quem quer que seja, ela será publicada. fica a dica” (MENEZES, 2019).

Ainda que contemporaneamente vários desses jornalistas atuem na Internet, eles também chegaram a fazer críticas ao modo de operação de sites e blogs bem como passaram por um processo de ajustamento, posto que fazem parte de uma outra geração. Para citar um exemplo, em entrevista ao *Jornalistas e Cia*, em 2010, Fernando Moraes comentou a atuação das “viúvas de Paulo Francis” na Internet, as quais, segundo ele, seguiriam seu estilo, tendo herdado, porém, apenas os seus defeitos – citando, especificamente, Diogo Mainardi e a revista *Veja*. Sobre isso, ele acrescentou:

Acho que está havendo uma **radicalização desrespeitosa**, sobretudo na **internet**, de jornalista contra jornalista. Uma coisa insultuosa. Pegue os *sites*, os blogs... Quando alguém começa a fazer insulto pessoal é porque não tem argumentos para atacar as ideias do adversário. Aí começa a dizer que você é gordo, que é isso, aquilo...

J&Cia – Muita opinião e pouco jornalismo?

Fernando – **Isso agora não é Jornalismo, é achismo**. É um tal de opinião, opinião, opinião! (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 21, grifos meus).

Nesse sentido, os jornalistas (blogueiros ou *mainstream*) assemelham-se pela defesa da reportagem, da apuração em detrimento da exposição de opiniões baseadas no “achismo”, que descambariam para a posição de “opiniasta” (LEITÃO apud VENCESLAU; MORAES, 2004,

¹²⁵ O financiamento coletivo arrecadado pela Internet foi utilizado, por exemplo, por Fernando Moraes no site *Nocaute* (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016) e por Bob Fernandes para seu canal no *YouTube* (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020).

p. 18). Desse modo, os mais blogueiros tentam reconverter os trunfos acumulados ao longo de suas trajetórias – baseados, sobretudo, nas grandes e premiadas reportagens que escreveram – em distintivos no mercado de opiniões presente na Internet, em que disputam com agentes que mobilizam outras estratégias e capitais como formas de se legitimar (ver Parte IV).

Mas, se as críticas dos jornalistas mais *mainstream* se voltam principalmente para os blogueiros que atuam na Internet sem o respaldo da grande mídia, sendo taxados de dependentes de publicidades estatais e comparados a polemistas e militantes; os que estão fora das grandes redações apontam a decadência e os erros dos veículos e seus funcionários que investem na polêmica e no “insulto pessoal”. Diogo Mainardi, mencionado por Fernando Moraes, chamou-o de “quercista e stalinista” (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 21). Outro jornalista que também sofreu ataques de Mainardi foi Luís Nassif. Em uma entrevista dada à *Revista Imprensa* em 2010, ele afirmou: “A *Veja* pegou o Mainardi e o Reinaldo [Azevedo] para fazer os ataques contra quem apontasse essa armação feita pelos jornais. Eles [responsáveis pelo pacto] deram um jeito de enquadrar toda a redação (...)” (NASSIF apud FORTI; PACETE, 2010, p. 23). Sobre esta “armação” e “pacto”, Nassif afirma:

Era uma ideologia maluca que surgiu com o **neoconservadorismo**, uma falta de visão histórica, um pacto no qual quem dava o tom era a *Veja* e a *Folha*, e depois o *Globo* e o *Estado*. **Um pacto que, de repente, cria uma guerra santa, inicialmente para derrubar o governo.** Havíamos entrado em uma nova era tecnológica, os grupos estrangeiros chegavam com um poder de fogo bem maior que os grupos de mídia do Brasil. Então você tinha o fato de que a **velha mídia não sabia como entrar nesse mercado de internet**, ela ficou fragilizada financeiramente, algo intensificado com a desvalorização de 1999. O grande ativo que restava para a imprensa era a **influência política**. Eles **dominavam o mercado de opinião** e tinham que fazer valer o seu poder político para impedir a entrada dos grupos estrangeiros.

QUAL ERA O OBJETIVO DESSE PROCESSO?

Se o pacto desse certo, o próximo presidente que chegasse comeria na mão da mídia e impediria a entrada desses novos grupos. E quando eu percebi essa maluquice sofri o primeiro ataque da *Veja*, pelo [Diogo] Mainardi, em relação ao Daniel Dantas, junto com seis páginas de publicidade das empresas do Dantas. E depois, na semana seguinte, novo ataque e mais seis páginas de publicidade das empresas do Dantas. Ai vi que estava órfão na *Folha* (NASSIF apud FORTI; PACETE, 2010, p. 22-23, grifos meus).

A saída de Luís Nassif da *Folha*, depois de passar 15 anos no jornal, é atribuída por ele às pressões políticas e censuras às suas ideias assim como ele disse ter sido vetado na investigação de casos suspeitos envolvendo o Banco Pactual (apud FORTI; PACETE, 2010, p. 22). Nassif chegou a fazer um dossiê sobre a *Veja*, denominado *Nassif vs. Veja*. Sobre o documento, o jornalista e escritor Guilherme Scalzilli publicou no *Observatório da Imprensa*:

O jornalista Luís Nassif está mobilizando a **blogosfera** com seu Dossiê *Veja*, série de artigos que denunciam o **antijornalismo** praticado pela revista nos últimos anos. **Envolve interesses corporativos, destruição de reputações, tráfico de influência.** Desmascara a diretoria editorial da revista e, principalmente, **Reinaldo Azevedo e Diogo Mainardi.** (...) Os grandes veículos, assim como a Associação Brasileira de

Imprensa (ABI), fingem que a querela não existe. Não querem se expor a exumações semelhantes, principalmente depois que a “Folha de S.Paulo” foi envolvida num dos episódios denunciados. Os comentaristas abordam a questão com cuidado, sabedores do poder destrutivo de Veja (SCALZILLI, 2008, grifos meus).

Cito esses trechos no intuito de ilustrar os elementos que fazem parte dessas disputas. Para além das questões específicas das denúncias e trocas de acusações, as definições da legítima prática jornalística – historicamente dominada pelas grandes e consagradas redações, partes dos conglomerados econômicos de comunicação – passam a ser questionadas pelos novos agentes ingressos no mercado de informação e opinião, mas também pelos tradicionais jornalistas que encontraram na Internet um espaço para emitir suas opiniões e se contrapor a essas grandes empresas, ainda que de forma assimétrica.

As disputas que esses jornalistas blogueiros atravessam, porém, não se restringem ao universo das empresas de comunicação e da prática jornalística, envolvendo também oposições políticas. Em 2010, José Serra denominou um conjunto de blogs “progressistas” de “sujos”, por defenderem a candidatura de Dilma Rousseff e se unirem contra a sua eleição (ver subcapítulo 3.6 desta Parte), o que levou a reação dos blogueiros e outros colegas jornalistas. Paulo Moreira Leite, embora tenha se deslocado para os sites progressistas em um momento posterior, chegou a defender a atividade de blogueiros quando ainda ocupava a chefia da sucursal de Brasília da *IstoÉ*, inclusive, contra uma publicação da própria revista. Em artigo publicado *Caçando Blogueiros*, ele afirmou: “Quem impede o debate sobre a democratização dos meios de comunicação força o jogo na sombra de verbas públicas. (...) Uma tentativa autoritária de silenciar vozes que divergem do monopólio político da mídia” (LEITE, 2014). No mesmo ano, Leite deixou a redação da revista, tornando-se blogueiro do site *Brasil247*.

Nesses contenciosos, assim como em casos envolvendo os jornalistas mais *mainstream*, as entidades profissionais também se pronunciam em defesa dos jornalistas blogueiros, a despeito de estarem fora das mídias tradicionais. Da mesma forma, há entre os chamados “blogueiros progressistas” uma relação de cooperação e defesa entre si. Quando acusados de “militantes petistas”, contra-argumentam que, na verdade, a mídia tradicional é que tem um viés “antipetista”¹²⁶. Ainda que possam assumir uma posição mais à esquerda ou progressista,

¹²⁶ Em 2019, por exemplo, o ex-candidato à presidência da República em 2018 Ciro Gomes direcionou críticas e acusações a alguns desses blogs e jornalistas: “Se você olhar os sites 247, *Diário do Centro do Mundo*, é tudo picareta que o PT contrata nas piores escolas do jornalismo brasileiro e traz para servi-lo fazendo a prática corrupta que faziam a serviço da direita bandida do Brasil para eles. Paulo Moreira Leite, quem é que não sabe de onde vem? Esse Kiko Nogueira, quem é que não sabe de onde vem? Porque o Brasil vive de picaretagem, fazendo de conta que não sabe, por um corporativismo exacerbado... O Kiko saiu do sistema *Globo*, da *Revista Época*, banido, porque estava fazendo picaretagem. O Moreira Leite foi demitido do *Grupo Abril*, por fazer picaretagem a serviço da pior direita corrupta do Brasil. Estão a serviço por dinheiro... as migalhas do Mensalão, do Petrolão, são eles que estão comendo” (GOMES, 2019a). No caso, o SJSP e a Fenaj se pronunciaram em favor dos jornalistas:

eles tentam se afastar do engajamento partidário ou da vinculação a instituições e movimentos sociais específicos, distanciando-se, nesse sentido, de especialistas, acadêmicos, militantes e polemistas e aproximando-se dos jornalistas *mainstream*.

A despeito das diferenças que se estabelecem entre esses dois polos de jornalistas, seus discursos buscam evidenciar o compartilhamento de certos princípios, tais como os supostos apartidarismo, independência e defesa da democracia – ainda que, em alguns casos, de forma mais retórica do que efetiva. Também nos contenciosos envolvendo jornalistas blogueiros, os pares e as entidades profissionais atuaram no sentido de estabelecer os limites da relação entre figuras políticas e jornalistas assim como de se colocar como bastiões da democracia contra os avanços autoritários no país.

“Numa sociedade democrática, qualquer cidadão tem o direito de criticar a imprensa e de se posicionar em relação a reportagens ou à linha editorial de veículos de comunicação. O que Ciro Gomes faz, em entrevista divulgada neste domingo (13), porém, é partir para agressões verbais sem fundamento e para acusações sem provas. Passa, assim, a atacar a liberdade de imprensa e a prática do jornalismo. Kiko Nogueira nunca trabalhou na revista Época, nem Paulo Moreira Leite foi demitido da Editora Abril, diferentemente do que disse Ciro Gomes. Ao vincular de forma injustificada os jornalistas a “práticas corruptas” e “picaretagem”, Ciro expressa de fato é a vontade de calar o trabalho jornalístico. Neste momento da vida nacional, em que a liberdade de imprensa está sob forte ameaça – e cuja defesa esteve na base de recente ato público que reuniu mais de 1.200 pessoas na Faculdade de Direito da USP, tendo o SJSP e a Fenaj entre os promotores –, condenamos mais uma agressão descabida contra o jornalismo e ressaltamos a importância da atividade jornalística como pilar de qualquer sociedade democrática (FENAJ; SJSP, 2019).” Sobre o episódio, também alguns colegas se manifestaram, como Luís Nassif, que apontou os erros factuais e criticou a postura de Ciro Gomes, defendendo a integridade dos jornalistas acusados: “O terceiro erro foi classificá-los como petistas militantes. Ambos são jornalistas que atuam nos vácuos de cobertura da mídia. Hoje em dia atendem a um público preferencialmente petista, devido ao claro viés antipetista da mídia. Mas, dentro do padrão de mediação jornalística que professam, no qual não há militância política nem posição apriorística: critica-se quando se julga que se deve criticar; elogia-se quando se enxergam aspectos positivos na pessoa” (NASSIF, 2019). Essas manifestações, mais uma vez, exemplificam as representações em torno e os movimentos de defesa da prática jornalística.

2 ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA

Oriundos do interior de São Paulo e Minas Gerais ou das capitais Rio de Janeiro e São Paulo, os colunistas mais jornalistas são filhos de profissionais liberais, pequenos comerciantes, políticos locais e funcionários públicos – sobretudo do Banco do Brasil. As mães, em sua maioria, se dividiam entre as tarefas domésticas, as atividades de caridade e o ensino primário. Aquelas que exerceram profissões fora de casa foram professoras, funcionárias públicas ou tiveram atividades ligadas à produção artística. A dedicação dessas mulheres aos filhos, à família e à comunidade é destacada no relato da maior parte desses colunistas.

Compondo as classes médias locais, os jornalistas vindos de cidades do interior ocuparam lugares especiais na hierarquia de suas cidades e bairros, sendo filhos e netos de prefeitos ou vereadores, de bancários e donos da farmácia ou armazém, de pastores e professores da escola local. Assim, em seus relatos, destacam o convívio com outras classes sociais, a escassez de recursos da cidade – seja porque a maioria delas era de classe média baixa, seja porque não havia bibliotecas e outros recursos culturais –, as relações estabelecidas por seus pais e mães na vida comunitária dos municípios. Ora exaltam a liberdade de uma infância vivida na rua o tempo todo, ora frisam o conservadorismo dessas localidades. Entre esses, o peso da religião é considerável, sendo as memórias reconstruídas em meio às influências das Igrejas na vida local. Já entre aqueles nascidos e criados nas capitais, a vida comunitária, a religião, a política local perdem sentido dando lugar às histórias familiares com a participação de parentes em episódios marcantes da vida política nacional.

Entre a política e a literatura, esses personagens vão traçando suas histórias familiares e pessoais de forma a confirmar desde cedo a inclinação ao jornalismo. A ênfase na própria indisciplina e/ou na dificuldade nos estudos – sobretudo, em matemática – em contraposição ao gosto pela literatura é típica deste polo. Aliás, o apreço pela escrita assim como os “anseios de intervenção social e de participação política” são justificativas para a inserção no jornalismo comumente acionadas por parte dos profissionais da imprensa¹²⁷ (ABREU, 2003, p. 17).

As bibliotecas herdadas dos pais aparecem como os espaços de inserção neste universo, para além dos incentivos maternos em relação aos estudos, às práticas culturais e à leitura. A despeito desses estímulos destacados em suas histórias, os jornalistas, ao mencionarem suas disciplinas para o estudo, demonstram a ausência de uma disposição necessária, por exemplo, ao rigor da academia – tal como demonstram os mais especialistas e acadêmicos dos colunistas.

¹²⁷ Alzira Alves de Abreu entrevistou 55 jornalistas que atuavam em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília (ABREU, 2003, p. 14).

Assim, a facilidade na escrita não se converte necessariamente em dedicação aos estudos e à faculdade, mas sim em trabalho jornalístico, menos formal e rígido do que o acadêmico, relativamente mais livre, solto e criativo, segundo eles. Ao longo das entrevistas realizadas, os mais jornalistas vão mencionando reportagens que escreveram, títulos que pensaram, frases que adicionaram aos seus textos, em uma demonstração do apreço e apego por suas construções textuais, que demonstrariam suas criatividade e seus domínios linguísticos.

Nascidos nas décadas de 1940 e 1950, e inseridos na imprensa em uma fase apontada como de transição entre o romantismo e o profissionalismo, os relativos capitais sociais, culturais, mas, sobretudo, políticos de suas famílias foram importantes para o ingresso desses nomes nas redações, no período em torno do estabelecimento da obrigatoriedade do diploma de jornalismo, qual seja, no final da década de 1960 e início de 1970. A exceção é Bernardo Mello Franco, bem mais jovem que os outros, nascido nos anos 1980.

“Sempre fui **a primeira ou a segunda em redação**; embora não saiba mais nada, estudei um pouco de **latim**, estudei **francês** com professoras francesas, fiz curso de **inglês** na Thomas Jefferson e participei de uma das primeiras levas de **intercâmbio nos Estados Unidos**. Quer dizer, sempre gostei de línguas, de viajar e de ter independência, o que é muito importante para o jornalista” (CANTANHÊDE, 2006, p. 52).

“Quando garoto, **li toda a coleção do Eça de Queiroz**, por exemplo. Clássicos franceses, muito Machado de Assis e assim por diante. **Lia muito, gostava de ler e escrever**. Depois veio a época dos grandes cronistas brasileiros, como Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. A gente lia todos, discutia. Escrevia umas crônicas, e, claro, **fiz o jornalzinho da escola**, como todo mundo” (PEREIRA, 2003, p. 45).

“Ainda em Caratinga, **onde nem havia biblioteca pública ou livraria**, consegui achar livros como o *Manifesto Comunista* e o *18 Brumário*. **Fui uma leitora voraz a minha vida inteira**. Durante muito tempo só fiz ler, a ponto de os vizinhos acharem que eu era meio maluca, porque eu tinha poucos amigos, não tinha namorado, não saía. Até os 18 anos, quando deixei Caratinga, eu mal conhecia a cidade, **mas tinha lido todos**, ou pelo menos a maioria absoluta dos livros da biblioteca do colégio e da biblioteca do meu pai. Eu me aproximava interessadamente das pessoas que tinham livros em casa, me oferecia para arrumar as bibliotecas, porque assim encontrava minhas preciosidades. Lia desbragadamente, num primeiro momento sem nenhuma seleção, depois de um certo tempo já sabendo melhor o que eu queria” (LEITÃO, 2006a, p. 82-83).

“Já começara a **tomar gosto pela leitura**, não tanto pelas palavras mas pela promessa sensual de alguns livros. Li um romance de Gilda de Abreu buscando contorno de pernas, escravas de seio de fora. (...) **O gosto por ler, no entanto, tinha se instalado na garupa do interesse sexual**. Não houve propriamente uma literatura infantil no meio do caminho” (GABEIRA, 2012, p. 14).

A leitura, o sucesso nas redações escolares e a experiência no jornalzinho da cidade ou do colégio perpassam os relatos memorialísticos desses jornalistas – algo bastante comum entre os profissionais da imprensa. Nesse sentido, a biblioteca de casa aparece como a principal herança cultural que receberam dos pais. Para aqueles nascidos no interior, esse espaço se contrapõe à escassez de bens e serviços culturais das cidades em que viveram, demonstrando, portanto, posições sociais relativamente diferenciadas dos progenitores desses jornalistas em relação ao entorno. Se os jornalistas do interior ocuparam posições de certo prestígio social local, os das capitais são oriundos das classes médias paulistas e cariocas, circulando por espaços – como os colégios católicos – em que conviveram mais com membros de elite do que com colegas pobres. Por outro lado, possuem posições relativamente desvantajosas (dos pontos de vista econômico, cultural, geográfico e social) quando comparados em conjunto aos mais especialistas e acadêmicos dos colunistas.

Tabela 15 - Origens sociais dos mais jornalistas

Nomes	Ano de nascimento	Cidade de nascimento	Profissão dos avós	Origem dos Pais	Origem das mães	Profissão Pai	Profissão Mãe	E. Superior Pai	E. Superior Mãe	Militância, atuação e participação política da família	Religião da família	Escola
Augusto Nunes	1949	Taquaritinga (SP)	Avós maternos eram imigrantes (Itália e Áustria). Avô era administrador de fazendas (técnico em agronomia) e avó era colona (analfabeta). Avô paterno era lenheiro e avó paterna era filha de fazendeiro	Taquaritinga (SP)	Distrito de Taquaritinga (SP)	Político populista, foi prefeito 4 vezes de Taquaritinga	Professora primária (sendo professora, inclusive, do filho)	Economia e Direito	Sem diploma	Pai e irmão foram prefeitos. Pai foi do PTB, do PTN, do MDB e do PMDB	Catolicismo	Escola Pública
Bernardo Mello Franco	1983	Rio de Janeiro	Avô materno era agente de viagens. Avô paterno foi diplomata e deputado (PDC/MDB).	Viena (Áustria)	Rio de Janeiro (RJ)	Economista	Artista plástica	Economia (Cândido Mendes)	Fonoaudiologista (nunca exerceu)	Família de diplomatas e políticos. Bisavô, Afonso Arinos, foi senador, ministro das relações exteriores. Foi líder da UDN, fez a lei Afonso Arinos e foi presidente da Comissão Provisória de	Catolicismo	Escolas privadas (Escola Alemã Corcovado e Andrews). High School na Alemanha.

										Estudos Constitucionais (Comissão Afonso Arinos). Foi professor de direito constitucional (UERJ e UFRJ)		
Bob Fernandes	1955	Barretos (SP)	Avô materno era fazendeiro. Avô paterno tinha cargo de chefia no porto de Salvador	Salvador (BA)	Vitória da Conquista (BA)	Engenheiro agrônomo e fiscal avaliador do Banco do Brasil	Dona de casa	Engenharia agrônoma (UFBA)	Sem diploma	Família materna envolvida na política local – primos prefeitos.	Catolicismo. Tinha um bisavô que era líder espírita. Proximidades com o candomblé.	Colégio público e privado, inclusive, católico
Carlos Alberto Sardenberg	1946	Botucatu (SP)	Avô materno era advogado. Avô paterno era bancário e avó paterna era professora primária	São José do Rio Pardo (SP)	Botucatu (SP)	Bancário no Banco do Brasil	Professora primária	Sem diploma	Normalista	Avós e tios foram prefeitos de Botucatu (PSD)	Pai não tinha religião, mãe era católica e avô era espírita. Mãe foi integrante e presidente de uma entidade religiosa que reunia senhoras, chamada Damas da Caridade. Foi homenageada pela prefeitura de Botucatu, dando nome à escola municipal EMEI Maria	Escola pública

											de Lourdes Torres Sardenberg (UNIÃO DAS DAMAS..., 2014).	
Cynara Menezes	1967	Ipiaú (BA)	Avós maternos eram comerciantes . Avó paterna era costureira	Prado (BA)	Itiruçu (BA)	Bancário no BANEB	Dona de casa	Sem diploma	Sem diploma	Sem atuação política	Catolicismo	Escola pública e privada, inclusive, de freiras
Dora Kramer	1955	Rio de Janeiro	Não sabe a profissão dos avós	Campos (RJ)	Alcântara (MA)	Marechal do Exército. O padrasto era francês e dono de uma joalheria chique em SP	Decoradora	Direito	Sem diploma	Sem atuação política	Catolicismo	Escolas privadas, inclusive, de freiras (Instituto Arpoador, Liceu Eduardo Prado, Stela Mares, Santa Clara, Instituto Meira)
Eliane Cantanhêde	1952	Rio de Janeiro	Avô materno era motorneiro e avó materna era costureira. Avó paterno foi usineiro, faliu e se tornou mecânico da Panair	Pedreiras (MA)	Rio de Janeiro (RJ)	Funcionário público – Banco do Brasil	Funcionária pública – IAPFESP, INPS, INSS	Sem diploma	Sem diploma	Sem atuação política	Catolicismo. Avó materna tinha ligação com o espiritismo	Escolas privadas e católicas
Fernando Gabeira	1941	Juiz de Fora (MG)	Avós eram imigrantes	Entre Rios (MG)	Manhuaçu (MG)	Comerciante (dono de um	Dona de casa	Sem diploma	Sem diploma	Sem atuação política	Catolicismo	Escolas públicas e

			(Líbano) e mascates			pequeno armazém)						privadas, inclusive, católica e protestante
Fernando Morais¹²⁸	1946	Mariana (MG)				Bancário	Dona de casa	Economia (tardamente)			Pai era ateu	Escolas públicas e privadas
Florestan Fernandes Jr.	1953	São Paulo	Avô materno era comerciante. Não conheceu o avô paterno. Avó paterna foi camponesa e empregada doméstica	São Paulo	São Paulo	Sociólogo, professor da USP	Dona de casa	Ciências Sociais (USP), doutorado também na FFLCH-USP	Sem diploma	Pai foi perseguido pela ditadura. Foi deputado federal pelo PT, entre 1987 e 1995	Catolicismo	Escolas privadas (Dante Alighieri, Eduardo Prado). Fez madureza
Luis Nassif	1950	Poços de Caldas (MG)	Avós paternos imigrantes (Líbano e Argentina). Avô materno era comerciante e político da UDN. Avô paterno era comerciante (alfaiataria)	Rosário (Argentina)	São Sebastião da Gramma (SP)	Farmacêutico, fundou o Conselho Nacional de Farmácia. Apaixonado pelo jornalismo, contribuía com a Gazeta Esportiva	Dona de casa	Farmácia	Normalista (não chegou a exercer, mas era muito ligada a jornalismo e política)	Avô foi vereador em Poços de Caldas (UDN)	Catolicismo	Escola pública e privada, católica – colégio Marista
Mario Sergio Conti	1954	São Paulo										
Merval Pereira	1949	Rio de Janeiro	Avô materno foi senador (PSD), prefeito de São Luís. Jornalista e professor	Maranhão	Maranhão	Médico	Dona de casa	Medicina	Sem diploma	Avô foi senador (PSD) e prefeito	Catolicismo (Mãe era muito católica, o que influenciou na)	Escolas privadas, inclusive católica (Coração Eucarístico ; São

¹²⁸ Informações presentes na entrevista de Fernando Morais aos *Jornalistas & Cia*: RIBEIRO; BARONCELLI, 2010.

			fundador da Faculdade de Direito do Maranhão, formado em direito								constituição de uma visão humanista da vida, segundo Merval)	Vicente de Paula; Andrews)
Míriam Leitão ¹²⁹	1953	Caratinga (MG)	Avô paterno descendente de portugueses e avó paterna negra, que trabalhava como lavadeira (analfabetos) . Família materna alemã	Recife (Pernambuco)		Pastor presbiteriano e professor	Professora primária		Fez curso superior tardiamente		Pai era pastor presbiteriano	
Paulo Henrique Amorim ¹³⁰	1943	Rio de Janeiro		Baixa Grande (Sertão Baiano)		Jornalista, estudioso do espiritismo; trabalhou no Ministério da Fazenda		Sociologia - Faculdade de Filosofia da Universidad e do Brasil			Pai foi um estudioso espírita	Escolas públicas
Paulo Moreira Leite	1952	São Paulo	Avô materno foi empresário, comerciante e fazendeiro. Avô paterno foi farmacêutico	São Paulo	Bauru (SP)	Médico	Professora de música no ensino fundamental	Medicina	Música; Pedagogia (tardiamente)	Sem atuação política	Catolicismo	Escolas públicas e privadas (Mackenzie , Liceu Eduardo Prado). Fez Madureza

Fonte: Elaborada pela autora com base nas entrevistas realizadas e nas fontes diversas, descritas na Parte I.

¹²⁹ Informações encontradas na entrevista de Míriam Leitão para o livro *Elas ocuparam as redações – depoimentos ao CPDOC* (LEITÃO, 2006).

¹³⁰ Informações encontradas em entrevistas na imprensa: CAIXETA, 2007.

2.1 HERANÇAS FAMILIARES: POLÍTICA E BOA VONTADE CULTURAL

Trago o jornalismo, a literatura e a política em meu sangue, nas minhas raízes. Meu avô materno, Clodomir Cardoso, foi senador da República, interventor no Maranhão, constituinte de 1946. Atuante jornalista, participou como redator e diretor do jornal *A Pacotilha*. **Grande intelectual**, foi membro fundador da Academia Maranhense de Letras, onde foi sucedido pelo poeta e jornalista Odylo Costa, filho, também membro desta Academia. Traduziu *A Imitação de Cristo*, foi professor fundador da Faculdade de Direito do Maranhão. Em 1917, eleito prefeito de São Luís, introduziu a iluminação elétrica na cidade, fato registrado no romance *Degraus do Paraíso*, do acadêmico Josué Montello. Em outro romance, *Coroa de Areia*, Montello coloca as características físicas de meu avô em um personagem da sua história, caminhando pelas ruas de São Luís (PEREIRA, 2011, grifos meus).

É uma família de diplomatas e de políticos. (...) O meu bisavô foi senador, foi ministro de relações exteriores, era o Afonso Arinos. O pai dele também foi ministro de relações exteriores. (...) Então, **tem um pouco desse DNA aí da coisa da política**. No meu caso, assim, nunca me interessou nem próximo de entrar na política ou fazer política. Mas de alguma forma contribuiu para o meu interesse no assunto, né?! **Como leitor, como observador**. Esse meu bisavô foi o cara que fez a lei Afonso Arinos, contra o racismo e tal, e ele foi líder da UDN, em 1954, na época do suicídio do Getúlio. **Mas eu não sou um Andreazza** (Entrevista de Bernardo Mello Franco à autora, 2019, grifos meus).

A forte presença da política nas trajetórias familiares é um elemento que une praticamente todos os colunistas mais jornalistas estudados neste trabalho. Enquanto os oriundos de cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais destacam as relações familiares com a política local, mas também as lembranças de infância dos comícios, campanhas e visitas de figuras políticas de renome nacional aos pequenos municípios em que moravam, os jornalistas vindos das capitais têm em suas redes familiares nomes que participaram da política nacional, inclusive, em diversas constituintes. Há que se destacar, porém, que a participação nesses casos se diferencia em alguma medida daquela verificada entre os parentes dos mais acadêmicos e especialistas, cujas atuações estavam voltadas mais à militância política e/ou à ocupação de cargos na burocracia estatal, enquanto aqui ela aparece mais ligada aos postos eletivos.

Mais próximo da origem social dos mais acadêmicos, Florestan Fernandes Jr. é outro nome, entre os mais jornalistas, cujo pai teve uma atividade política e intelectual de nível nacional. Florestan Fernandes, seu pai, consagrou-se como sociólogo, tendo atuado na fundação do PT e sido deputado federal por esse partido, participando da Assembleia Nacional Constituinte de 1988 – desse modo, aproxima-se em alguma medida da trajetória dos pais de André Singer, Vladimir Safatle e Laura Carvalho (ver subcapítulo 2.1 da Parte II).

Assim como Florestan Fernandes Jr., Merval Pereira e Bernardo Mello Franco são os nomes de origem social mais elevada entre os jornalistas. Clodomir Cardoso, avô de Merval, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife em 1904, foi da

UDN e “um político conservador, mas legalista” (PEREIRA, 2003, p. 52). Também foi da UDN o bisavô de Bernardo, que, mais tarde, veio a presidir e dar nome à Comissão de Estudos Constitucionais de 1988, a Comissão Afonso Arinos, e que se candidatou novamente senador em 1986 pelo PFL (CPDOC). O avô de Bernardo também seguiu a carreira política, elegendo-se deputado pelo PDC e filiando-se, posteriormente, ao MDB, em oposição à ditadura (Entrevista de Bernardo Mello Franco à autora, 2019). Ao contrário, porém, dos bacharéis das famílias de Merval e Bernardo, Florestan Fernandes, o pai, tem origens humildes, sendo filho de empregada doméstica analfabeta e sem ter conhecido o pai, tendo se tornado um dos maiores intelectuais da história do país.

Embora, com origens um tanto diferentes, Eliane Cantanhêde também mencionou, em entrevista ao CPDOC, o fato de ter tido um parente constituinte em 1946:

Minha mãe é uma carioca de origem pobre, do subúrbio, mas uma determinada. Puxei isso dela. Começou a trabalhar aos 14 anos de idade num açougue e estudava à noite. **Apesar de a família não ter nenhuma tradição intelectual**, gostava de ler – até hoje é uma devoradora de jornais e assiste a todos os noticiários de televisão. Meu pai era um típico maranhense. Cantanhêde é de origem portuguesa, mas ele tinha um pouco de Jansen, holandês, e um pouco de índio, talvez, ou negro. O pai dele era usineiro de algodão no Maranhão, mas chegou a Cotonnière, multinacional, e destruiu os usineiros locais. **Meu avô, que era um homem rico, faliu, ficou pobre, e meu pai foi mandado para o Rio de Janeiro para morar com um tio que era constituinte de 1946, Crepory Franco, casado com a irmã da minha avó.** Ou seja, meu pai, que **era elite no Maranhão, tinha estudado em colégio de padre, tinha sido muito bem formado, virou classe média pobre**, ficou morando na casa da tia rica no Rio de Janeiro e **casou com minha mãe suburbana**. Os dois foram **típicos funcionários públicos**, ambos concursados: meu pai, do Banco do Brasil, e minha mãe, do antigo IAPFESP, depois do INPS e do INSS (CANTANHÊDE, 2006, p. 51, grifos meus).

As trajetórias dos pais de Eliane Cantanhêde são interessantes já que compartilham alguns elementos com outros nomes que compõem o polo dos mais jornalistas, entre eles, a carreira como funcionário público. Nas capitais ou nas pequenas cidades do interior, vários dos pais desses jornalistas atuaram no setor público, sobretudo, como bancários (ver Tabela 15). Já as mães – das quais a de Eliane se diferencia em alguma medida – atuavam como professoras primárias e donas de casa, tendo forte papel como “formadora[s] de filhos”, tal como Nassif caracterizou a sua. Além disso, o processo de ascensão social vivenciado pela mãe de Eliane também compõe o relato da jornalista Míriam Leitão, embora em contextos e com impulsionadores diferentes:

Meu pai fez uma trajetória de **ascensão típica da mobilidade social brasileira**. Era muito pobre, nasceu na periferia de Recife, filho de pais analfabetos – minha avó trabalhava como lavadeira para sustentar os filhos –, e foi para um colégio em Garanhuns, fundado por protestantes americanos, no qual ganhou uma bolsa com a condição de em troca trabalhar na limpeza. Assim, conseguiu estudar. Era superinteligente. **Foi dentro da Igreja que ele fez a ascensão, porque estudou nesse colégio, depois foi para o seminário, aprendeu coisas como hebraico, grego etc.** Uma história muito interessante, da qual me orgulho. Por fim, foi para Caratinga, lá

conheceu minha mãe, que foi sua aluna, e se casaram. O sonho do meu pai – ele morreu em 1998 – era dirigir um colégio. Ajudou a fundar em Caratinga o primeiro ginásio do vale do Rio Doce e o transformou numa instituição de ensino até o terceiro grau (LEITÃO, 2006a, p. 79, grifos meus).

A preocupação com a formação dos filhos perpassa os relatos desses jornalistas: “Todas as fichas eram jogadas na nossa educação” (GABEIRA, 2012, p. 16); “Meu pai dizia que todas as filhas mulheres tinham que fazer curso superior” (LEITÃO, 2006a, p. 80). Da mesma forma, eles também ressaltam os capitais culturais de seus pais: o aprendizado de determinadas línguas, o piano e os hábitos culturais, a formação autodidata, o refinamento e o gosto pelas letras, a paixão pelo jornalismo e a escrita de crônicas, a vanguarda nos costumes. Além disso, seus relatos também colocam ênfase na participação familiar na vida comunitária, seja por suas atuações políticas, pelo envolvimento com o futebol, pela religião, pela caridade ou pela profissão.

Ademais, nas cidades do interior ou nos colégios católicos, esses jornalistas tiveram um contato intenso com o poder das igrejas. Em seus relatos, marcam, por um lado, a influência delas como instituições responsáveis pela formação cultural, intelectual e humana de pais e dos próprios – sendo, em alguns casos, espaços de ascensão social; por outro lado, destacam-nas como força conservadora e repressora. A maior parte dos jornalistas afirma-se sem religião, colocando-se, nesse sentido, como opositores às práticas e ao poder que as igrejas exerceram em suas infâncias e adolescências.

Ao contrário dos outros jornalistas, nascidos nas décadas de 1940 e 1950, Bernardo Mello Franco faz parte de uma geração um tanto distante, tendo nascido em 1983. Ele estudou em uma escola alemã e fez intercâmbio na Alemanha, durante o ensino médio, com 17 anos – aproximando-se assim da trajetória e do contexto social da economista Laura Carvalho, que também estudou em escola internacional, neste caso francesa (ver subcapítulo 2.2 da Parte II), e foi sua colega na Faculdade de Direito da UERJ, que ambos começaram, mas não terminaram.

2.2 A FORMAÇÃO NAS CIDADES DO INTERIOR: ENTRE LIBERDADE E CONSERVADORISMO

Era uma cidade [Taquaritinga] que tinha 10 mil habitantes. É importante isso, porque hoje **ela tem 60 mil e era tipicamente uma cidade interiorana de classe média, média para baixo**, porque eu lembro hoje que ninguém era rico, nem o filho do médico que era meu vizinho e nem eu era, sendo filho de prefeito. **Meu pai foi prefeito quatro vezes**. Taquaritinga tinha uns 10 mil habitantes, a gente conhecia todo mundo e eu cresci num tipo de ambiente que me fez, me tornou **apaixonado pela liberdade** né, porque ninguém trancava a porta de casa, não trancava os automóveis que ficavam estacionados em frente. Não passava pela tua cabeça a possibilidade de haver algum crime, assalto. Era tranquila. Era uma tranquilidade típica de cidades pequenas, em que todo mundo se conhece. De vez em quando, **tinha crime passional**, para agitar a cidade, por isso, eu fiquei muito marcado pela questão do crime passional

e isso explica o meu comportamento como jornalista também, como você vai ver depois. Porque eram crimes que ocorriam na antessala da tua casa. **Não é um negócio de periferia**, que você não vê, era o irmão do prefeito assassinado pelo presidente da câmara, era tudo passional; era o farmacêutico importante da cidade, que era uma espécie de médico, assassinando um fazendeiro, uma coisa desse tipo (Entrevista de Augusto Nunes à autora, 2019, grifos meus).

Quando eu morava em Olímpia, eu tinha cinco anos (...) e eu acho que eu me incomodava com a confusão em casa, que era muita gente, muito rolo, minha mãe não gostava de ter empregada. Era um... imagina! Seis, era uma escadinha... eu só sei que com cinco anos de idade, eu vivia na rua, em Olímpia. E isso é importante para o que eu vou te contar. Talvez, te interesse. **Tem a ver com jornalismo, acho.** E era uma cidade muito pequena, com 20 mil habitantes. Meu pai morava numa casa grande, legal e tal, mas a boiada passava em frente, numa cidade de 20 mil habitantes. Minha mãe ficava apavorada, **porque eu estava na rua na hora que passava a boiada, porque eu estava na rua. Ninguém conseguia me segurar** (...) (Entrevista de Roberto Fernandes à autora, 2020, grifos meus).

Os trechos das entrevistas dos jornalistas Augusto Nunes e Bob Fernandes destacam aspectos similares em suas memórias de infância, tais como os hábitos das cidades pequenas e a possibilidade de experienciar certo tipo de liberdade. Para ambos, esse contexto foi essencial para forjar suas características enquanto jornalistas, sendo tais lembranças retomadas em vários momentos de seus relatos a fim de explicar determinadas escolhas e formas de ser. Como as duas trajetórias apresentam aspectos interessantes para se pensar as origens sociais dos mais jornalistas dos colunistas – sobretudo, aqueles vindos de cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais –, optei por detalhar aqui alguns desses elementos que podem ser úteis para pensar as diferentes posições e tomadas de posição que hoje eles expressam.

Os envolvimento familiares na política local e as lembranças de infância sobre as visitas de políticos nacionalmente conhecidos nas pequenas cidades em que nasceram; a posição de classe média privilegiada em relação aos pobres da cidade e o fato de serem filhos de nomes importantes na hierarquia local; a vida confortável no interior conservador e a ruptura cultural nas transferências para as capitais perpassam em maior ou menor medida as narrativas desses jornalistas. Tendo estudado em escolas públicas, eles relatam o convívio com diferentes classes sociais, embora fizessem parte de certas elites locais.

(...) em Taquaritinga, antes que eu me esqueça, **eu vi muita pobreza**, muita pobreza. Eu digo que o meio que eu circulava era de classe média e tal, mas eu via os alunos que eram chamados de alunos da caixa, no primário, no ensino básico e eles iam descalços do sítio e não havia merenda escolar. (...) E a pobreza, **meu pai era político populista**, eleito pelo povão mesmo, a pobreza, eu cresci vendo a pobreza na varanda da minha casa. **Todo dia aparecia pobres querendo comer e era um negócio tão mecânico que a gente deixava, tinha um prato, pratos que a gente servia, servia a comida que estava comendo**, tocava campainha, a gente já sabia, levantava por revezamento, eu ou um dos irmãos já levava o prato, o cara ficava comendo ali na... então, **eu assimilei com naturalidade essas disfunções, essas brutalidades brasileiras** (Entrevista de Augusto Nunes à autora, 2019, grifos meus).

Assim como no relato de Luiz Gonzaga Belluzzo (ver subcapítulo 2.3 da Parte II), de quem é amigo, Bob Fernandes atribui sobretudo ao futebol o contato com os mais pobres. Segundo ele, os meninos com quem jogava eram praticamente todos da periferia: “Apesar do colégio ser um colégio público, tinham umas pessoas que sequer acesso ao colégio tinham. Isso foi muito importante na minha formação, porque, como eu jogava futebol e adorava, eu ia para casa das pessoas, eu ia nas vilas, vila era como se fosse falar de favela” (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020). Por outro lado, seu pai era sócio do clube literário, onde convivia com os amigos da classe média e onde lia os jornais diariamente, mesmo na infância e adolescência. Ademais, Bob passou por colégios de padre durante o primário – no Salesiano, em Campinas, e no Sagrado Coração de Jesus, em Bragança Paulista.

Nas infâncias interioranas, a vida política fazia parte do cotidiano de Augusto Nunes, filho de prefeito; e de Bob Fernandes, vindo de uma família grande, com tios e primos que se envolveram na política local:

Meu pai é importante nisso, minha mãe. Minha mãe era uma sinhazinha, filha de fazendeiros ali, mas ao mesmo tempo eles tinham uma participação... **família muito metida na política do ponto de vista de debate.** A família da minha mãe, na Bahia, em Conquista, se dividia entre os que eram PSD e PTB, tinham pró-ditadura e contra. E minha mãe era da ala contra ditadura, contra isso, chamada esquerda ou não, mas minha mãe, imagina, era uma senhora, dona de casa, mas ela era, no comportamento dela, ela tinha uma visão libertária, entendeu? Nos costumes, ela tinha câncer com 72 anos, ela ia para rua para ver o carnaval. (...) e **meu pai que era muito conservador (...), mas ao mesmo tempo era um cara que organizava os campeonatos da Liga Bragantina de futebol.** Sabe o que significa isso? Você pega tudo quanto é peão das fazendas, arranja bola, camisa, para colocar os caras para jogar bola, entendeu?! Essas coisas são importantes na formação (...) Ele, politicamente, era mais conservador. Quando eu comecei a ter consciência, a gente tinha até diferença política nisso, porque ele era mais... ele era ao mesmo tempo o cara que, morando em Bragança, nos anos 60, 70, **amava Gilberto Gil, Caetano Veloso, Glauber Rocha** (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020, grifos meus).

Apesar de algumas similaridades, uma marca de distinção significativa entre Augusto Nunes e Bob Fernandes é a identificação deste último com a cultura baiana, ainda que mesclada às experiências nas cidades do interior paulista por onde passou durante a infância, nas mudanças promovidas por seu pai – nascido em Barretos, viveu ainda em Olímpia e Bragança (nesta última, dos oito aos 18 anos), tendo também estudado em colégio interno em Campinas. Com a família na Bahia, Bob passava verões na infância, além de ter feito faculdade e trabalhado por alguns anos em Salvador. Ele faz questão de afirmar: “Eu me sinto um baiano” (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020). Assim, ainda que compartilhe com Nunes a infância no interior paulista, as origens familiares do Nordeste, em Bob Fernandes, se contrapõem as origens sulistas de Nunes. A mudança de ambiente durante o período de

faculdade, no entanto, marcou tanto um quanto outro, tal como se pode observar nos trechos seguintes:

Imagina! Sair de Bragança, cidade de 100 mil habitantes, **absurdamente conservadora**, é uma cidade que é mais sul de Minas do que São Paulo na verdade. (...) “Ai, fulano é desquitado, divorciado!” Aquelas coisas... outro século, e você cair no verão baiano nos anos 70, então, **era uma brutal mudança. E eu preferia evidentemente a liberdade absoluta, do que ficar lá preso**. Embora eu goste muito de Bragança, sou cidadão bragantino (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020, grifos meus).

Houve um **choque cultural** que me marcou e eu acho que **me melhorou bastante**, porque não podia ter havido uma colisão tão frontal entre duas culturas. Eu saí de uma cidade com 18 anos, eu tinha completado 18 anos, quando eu cheguei ao Rio, em 1967. (...) E cheguei ao Rio e foi aquele negócio, eu não tinha nem roupa para andar lá, era caipira. **Quando eu abri a boca pela primeira vez na faculdade, eles explodiram numa gargalhada**. Quem nasce em Taquaritinga, aprende a falar português duas vezes. Você tem aquele r – porta e tal –, fala nós, nós vai, então, uma coisa bem, bem chã (Entrevista de Augusto Nunes à autora, 2019, grifos meus).

A ênfase na ruptura cultural vivenciada por meio da mudança de cidade no período da faculdade perpassa ambos os depoimentos e se diferencia, por exemplo, do relato dos mais acadêmicos e especialistas dos colunistas, os quais, já nascidos e criados nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo, afirmaram a escolha das instituições de ensino como algo quase “natural”: dada a qualidade das mesmas, mas também a comodidade, já que eram próximas às suas casas e na cidade de suas famílias. Para além dos choques culturais, a mudança de cidade, a saída da casa dos pais e a inserção na universidade levaram esses jornalistas a romper em alguma medida com determinados confortos, a começar a trabalhar já durante a faculdade e a conviver com movimentos estudantis e lutas contra a ditadura – fatos que contribuíram para que eles se encaminhassem para o jornalismo.

Os traços dos tipos de sociabilidade vivenciados por Bob Fernandes e Augusto Nunes podem ser identificados também entre outros nomes dos mais jornalistas assim como apontam para algumas escolhas profissionais e afinidades políticas posteriores. Essa relação, porém, ganhará mais sentido com os traços de trajetória e posição que serão explicitados nos capítulos seguintes. De todo modo, a ênfase em certas práticas culturais, na política local, na convivência entre classes, no conservadorismo das cidades e na liberdade da infância parecem constituir disposições propícias à atividade jornalística, ao mesmo tempo em que a posição como jornalista parece produzir a posteriori reconstituições memorialísticas que enfatizam tais experiências.

3 AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA

Eu não queria fazer faculdade, fazia porque era obrigatório e eu já arrumei emprego em jornal logo no primeiro mês e fui levando aquela faculdade de qualquer jeito. Não tinha nenhum interesse. **Faculdade de jornalismo não presta para nada.** Nada (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*, grifos meus).

Eu só escolhi direito, porque você não tinha faculdades de jornalismo já consolidadas. Elas estavam engatinhando. Então, todo mundo fazia direito e escrevia ao mesmo tempo. **Eu peguei essa transição, tanto que eu fiz a faculdade de direito e depois de jornalismo.** (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*, grifos meus).

Diferentemente dos mais acadêmicos e mais especialistas dos colonistas, os mais jornalistas não tiveram as universidades como espaço primordial de suas formações, considerando as redações em que iniciaram suas carreiras como sendo as verdadeiras “escolas” (ver próximo subcapítulo). Se alguns chegaram a começar cursos de graduação, mas não finalizaram, outros são formados em jornalismo, mas sem que a faculdade seja vista por eles como tendo uma importância fundamental em suas formações profissionais. Tendo ingressado nas universidades na segunda metade da década de 1960 e na década de 1970, esses jornalistas vivenciaram o início das faculdades de jornalismo e da obrigatoriedade do diploma bem como foram atingidos pelas perseguições da ditadura militar que modificaram os rumos de suas possíveis ambições acadêmicas.

Com o tempo, eu me interessei mais pela faculdade de Filosofia, **pretendia seguir uma carreira acadêmica na Filosofia**, dava aula em cursinho, comecei a dar aula em cursinhos logo aos 19 anos. Mas eu tinha **muito envolvimento político**, no movimento estudantil. Então, no ano de 1968, 1969, ano em que eu ia me formar, deu uma crise política muito grande, foi o AI-5 e tal. A faculdade de Filosofia, onde eu iria me formar, professores foram expulsos e alunos foram expulsos formal ou informalmente. No meu caso, informalmente. Então, **eu fiquei sem o diploma de Filosofia**. E a faculdade de Direito, eu estava já meio descontente com a faculdade e aí eu **comecei a trabalhar com jornalismo**. Quando eu não pude mais dar aula em cursinho, eu fui para o jornalismo. O **jornalismo era para ser um interregno**, enquanto eu não conseguisse voltar para Filosofia e Direito. Mas acabou que ficou para o resto da vida (Entrevista de Carlos Alberto Sardenberg à autora, 2020, grifos meus).

De maneira semelhante, Míriam Leitão também teve que redirecionar seus interesses. Em janeiro de 1972, passou no vestibular em primeiro lugar para a faculdade de História, em Vitória, e conseguiu um emprego, necessário ao seu sustento, no jornal *Tribuna*. Em dezembro do mesmo ano, foi presa e torturada pelo regime militar por três meses, por fazer parte do PCdoB. Grávida de cinco meses e com o então namorado, Marcelo Netto, também preso, Míriam não pode voltar para a faculdade, devido à proibição do regime militar¹³¹. Somente quando foi absolvida, retornou à vida estudantil, dessa vez, porém, para o curso de jornalismo,

¹³¹ O Decreto 477, de 1969, impunha penas a professores, alunos e funcionários de instituições de ensino como forma de reprimir o movimento estudantil (ABREU; ROCHA, 2006, p. 53).

devido à obrigatoriedade do diploma: “Abandonei mesmo história – para meu desespero, porque eu gostava muitíssimo – e fiz novo vestibular. Mas eu também já estava me apaixonando por jornalismo” (LEITÃO, 2006a, p. 81).

Assim, para alguns, o jornalismo surgiu como primeira oportunidade de trabalho enquanto cursavam outras faculdades – como Direito, Filosofia, Ciências Sociais e História –, tornando-se a carreira oficial devido às perseguições políticas, às desistências das faculdades e às oportunidades nos jornais¹³². Para outros, a faculdade de jornalismo foi cursada como obrigação para o exercício da profissão, dada a implementação da obrigatoriedade do diploma. Inseridos no ofício no período de transição do jornalismo, eles compartilham o pertencimento a uma geração, a ocupação de determinadas redações em momentos coincidentes e a forma de construção da carreira. Porém, mesmo com as faculdades interrompidas e com a pouca importância que dão a elas, algumas clivagens podem ser observadas entre esses personagens: os homens mais à direita começaram a cursar Direito sem ter finalizado, mesmo que ainda tenham passado por outras faculdades (como a de Filosofia, no caso de Sardenberg; e a de jornalismo, no de Nunes); os homens mais à esquerda graduaram-se, sobretudo, em jornalismo (com exceção de Paulo Henrique Amorim que estudou Sociologia e Política na PUC-RJ; Paulo Moreira Leite, que iniciou ciências sociais, mas não terminou; e Fernando Moraes, que se matriculou em Direito, mas nunca frequentou); e todas as mulheres formaram-se em jornalismo.

De alguma forma, todos os colunistas mais jornalistas foram influenciados pela efervescência cultural e política dos anos 1960 e 1970 assim como pelas transformações na imprensa e na indústria cultural (MORAES, 2017; BERGAMO, 2011) – com exceção de Bernardo Mello Franco. As décadas anteriores, 1950 e 1960, foram marcadas pela consolidação de transformações na imprensa brasileira, influenciadas pelo modelo norte-americano de jornalismo, levando às reformas gráficas, conceituais, de linguagem e apuração empreendidas nas redações do Brasil (ABREU et al., 2003; RIBEIRO, 2003). Foi nesse período que o processo de profissionalização do jornalista se iniciou, com o aumento dos salários, possibilitando que a atividade deixasse de ser temporária ou meramente um “bico”, e se diferenciasse do exercício político e literário (RIBEIRO, 2003, p. 44). A partir de 1964, a imprensa teve que lidar com a censura imposta pelo regime militar, mas também com a

¹³² Essa relação com o jornalismo se aproxima do diagnóstico feito por Ruellan e comentado por Neveu acerca da profissão no contexto francês, em que havia a ausência de obrigatoriedade do diploma de jornalismo (tal como fora no Brasil antes do Decreto-Lei n. 972, de 1969, que instituiu a obrigatoriedade do diploma): “as carreiras de jornalismo funcionaram como meios de promoção ou de restabelecimento social para os autodidatas ou jovens de classe média em dificuldades com a lógica escolar” (NEVEU, 2006, p. 39). Essas dificuldades com a lógica escolar foram potencializadas, no Brasil, devido ao contexto de ditadura militar e perseguições a estudantes e professores.

expansão da indústria cultural brasileira, a informatização das redações, a inserção do marketing e a valorização da área comercial dos veículos de comunicação (ABREU et al., 2003, p. 12). Assim, foi nesse período de transição de uma fase supostamente romântica para a de uma valorização técnica e profissional que se inseriram as figuras aqui estudadas.

A evolução das formas de ingresso na profissão é representativa de tal transição. Dos jornaizinhos de escola até as redações nas grandes cidades, passando pelas experiências ainda na adolescência nas cidades do interior, os jornalistas mais velhos vão narrando suas inserções nos jornais quase como se fossem acidentais – o que vai se modificando com o passar do tempo e a profissionalização. Na época em que começaram no jornalismo, nos anos 1960 e 1970, as redações ainda não eram dominadas por procedimentos burocráticos assim como as relações trabalhistas eram informais:

O jornal ficava num prédio de fachada cinzenta, seus elevadores eram velhos e, felizmente, não havia, naquele momento, nada parecido com política de segurança em relação a visitas (GABEIRA, 2012, p. 23);

A primeira coisa que fiz em jornal, ainda no cursinho pré-vestibular, quase que de brincadeira, porque era de graça, foi ser revisora no *Diário da Noite* (KRAMER, 2006, p. 107);

Meu primeiro trabalho em jornal foi um estágio. É até bom falar nisso, porque os jornais e os próprios sindicatos de jornalistas, com o tempo, acabaram com a figura do estagiário (CANTANHÊDE, 2006, p. 52);

Os salários eram pagos em forma de vales, liberados no momento em que estávamos com a corda no pescoço e dávamos sinais de desespero (GABEIRA, 2012, p. 27);

Havia apenas eu e mais duas pessoas com idades em torno de 18 e 19 anos e poucos jornalistas full-time: a maioria era de funcionários públicos que faziam bico aqui. O salário era muito baixo. Naquela época não dava para viver de jornalismo (PEREIRA, 2003, p. 47).

A facilidade com que se entrava em uma redação e pedia-se um emprego, a prática de colocar jovens para trabalhar de graça com a justificativa da aprendizagem, a flexibilidade das relações trabalhistas, sem direitos, salários baixos e atrasados, além da prática de duplo emprego chocam-se com os procedimentos que foram se consolidando posteriormente. O excerto abaixo, da entrevista do mais jovem entre os mais jornalistas estudados neste trabalho, Bernardo Mello Franco, explicita essas transformações:

Esse meu avô diplomata dizia para eu fazer direito: “meu filho, meus amigos jornalistas... **sempre fui amigo de jornalista, todos eles tinham um empreguinho público e tal...**” mas isso era época do... Ele era muito amigo do Castelinho, que era o grande colunista político da história do *JB* e tal. E o Castelinho era um cara que tinha emprego público, né. Villas Boas – era super amigo dele, Villas-Boas Corrêa – também tinha. Mas era uma outra época, era **uma época em que o jornalismo não era profissionalizado** como agora. Então, era uma profissão que o cara fazia meio por diletantismo e meio que dava umas gambiarras para viver e sustentar a família. Eu acho que é possível até que a gente chegue nesse ponto de novo do jeito que a coisa está. Mas essa não é a realidade de hoje. Hoje, você pode... **é uma profissão**

difícil, mas você pode alcançar, como eu acho que eu alcancei, uma posição melhor (Entrevista de Bernardo Mello Franco à autora, 2019, grifos meus).

Segundo Bernardo, que por algum tempo foi um dos mais novos das redações em que se inseriu, seu ingresso na profissão se deu por meio de processos seletivos, com provas sem identificação nominal, para estágios no *Jornal do Brasil* e no jornal *O Globo*, contrapondo-se, portanto, às maneiras como os mais antigos chegavam aos jornais. Para muitos destes, o trabalho como jornalista foi uma possibilidade de primeiro emprego, respondendo às demandas dos pais, que queriam que seus filhos comesçassem logo a trabalhar. Nesse sentido, também se diferenciam dos mais acadêmicos e especialistas dos colunistas – que relataram em suas entrevistas uma cobrança dos pais em relação aos ingressos nas faculdades e não imediatamente no mercado de trabalho. O relato de Fernando Moraes, por exemplo, explicita como o jornalismo foi para os jovens com dificuldades com a lógica escolar uma forma de “restabelecimento social” (NEVEU, 2006, p. 39):

Quando levei a **segunda bomba no estadual** – devia ter uns 12 ou 13 anos –, meu pai disse: **“Não quer estudar? Tudo bem, então vai trabalhar.** (...) Ele arrumou para eu ser *office-boy* do banco. (...) E por absoluta casualidade fui ser *office-boy* do *house organ* do banco, a Revista Pan Lavoura. **Eu gostava muito de ler, não era um bom aluno formalmente**, mas lia. Lia muito, pois tinha em casa uma **biblioteca riquíssima**. E já fazia **um jornalzinho mimeografado** da minha turminha da rua. Ali no banco, eu ficava na redação da revista, servia café para as pessoas. (...) Quando eu não tinha nada para fazer, ficava sentado numa maquininha no fundo escrevendo o jornalzinho da turma do bairro. Um dia faltou o único repórter da revista, Antônio Walter Nascimento, hoje psicanalista em Belo Horizonte. Não seguiu a carreira e nem tinha curso de jornalismo. **Naquela época você sabia escrever e já era jornalista, pois não tinha essa exigência de diploma.** Como dizia, o Walter não foi trabalhar por um problema qualquer e tinha uma entrevista marcada. O editor da revista chegou a mim e disse: “Te vejo aí batucando na máquina dos outros... Quer fazer uma entrevista?”. Eu concordei na hora e ele disse: “Então tira essa roupa de *office-boy* – que é para não fazerem um mau juízo da gente – e vai lá fazer a entrevista”. (...)

J&Cia – Aí você virou repórter?

Fernando – Ele falou: “Você não quer deixar de ser *office-boy* e virar funcionário?”. Como *office-boy* eu ganhava salário de menor, que era meio salário mínimo bancário, diferente do salário mínimo geral. Eu disse: “Claro que quero!”. **Dormi *office-boy* e acordei repórter. Com 14 anos.** Achei minha carteira profissional outro dia e vi que tinha acabado de completar 14 anos (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 4, grifos meus).

Na conquista do primeiro emprego, pesavam as redes de relações familiares. O pai de Merval Pereira ligou para Rogério Marinho, vice-presidente do *Globo*, e conseguiu um estágio para o filho (PEREIRA, 2003, p. 46). Já o de Augusto Nunes, político, conseguiu que um amigo, o deputado federal paulista Pedro Marão, desse-lhe uma carta de apresentação para Edmundo Monteiro, presidente dos *Diários Associados* e também deputado federal (NUNES, 2003, p. 298). Também o pai de Paulo Moreira Leite foi importante no primeiro emprego do filho, já que era amigo do médico Julio Abramczyk, que até hoje escreve na *Folha de S. Paulo* e que o

indicou a Murilo Felisberto, na época chefe de redação no *Jornal da Tarde* (Entrevista de Paulo Moreira Leite à autora, 2019). No caso de Luís Nassif, a indicação veio do marido da tia, um jornalista conhecido na época, Luiz Fernando Mercadante, que abriu as portas para um estágio na revista *Veja* (Entrevista de Luís Nassif à autora, 2019).

Já Fernando Gabeira, envolvido na política estudantil no ensino secundário, conta ter liderado uma greve contra o aumento de mensalidades das escolas e, por isso, ter sido entrevistado pelo editor-chefe do semanário *Binômio*, Fernando Zerlotini. Segundo Gabeira, o editor-chefe “achou que eu poderia ser jornalista e me convidou para trabalhar. Para surpresa dele, não apenas aceitei, mas abracei a proposta com entusiasmo: acabara de ler um livro sobre jornalismo, de Fraser Bond, e tinha muitas ideias para modernizar a linguagem” (GABEIRA, 2012, p. 20). No relato, Gabeira descreveu as inovações propostas pelo autor, como o emprego do lead¹³³ e da pirâmide invertida¹³⁴, práticas que se tornaram correntes no jornalismo dito mais técnico e americanizado: “Já havia nos jornais do Rio alguma inquietação em busca de um texto mais moderno. Perseguia-se uma objetividade maior, matando o famoso nariz de cera. (...) Portanto, eu já estrear no jornalismo cheio de ideias sobre como transformá-lo, e levei alguns anos para mandar para o espaço as regras de Bond” (GABEIRA, 2012, p. 21-22).

As técnicas jornalísticas que passaram a vigorar na profissão eram um anúncio e uma consequência das mudanças nas redações, não somente na linguagem aplicada, mas também nas relações, práticas e nas qualificações dos profissionais, inspiradas no jornalismo americano. Essas mudanças no jornalismo vinham cercadas de qualificações como “moderno”, “objetivo” e “técnico” em contraposição às influências literárias e políticas de antes (RIBEIRO, 2003).

Ainda assim, a relação com a literatura e a política – seja enquanto motivação vocacional, seja enquanto prática efetiva – permaneceu no imaginário da profissão, sendo destacada nos textos memorialísticos e históricos sobre a imprensa, sobre os jornalistas em geral e sobre os que compõem esse polo do conjunto de colunistas estudados em particular. Se o jornalismo que se tornou hegemônico no Brasil tem inspiração norte-americana, a relação com a literatura e a política é a marca do que seria um jornalismo à francesa: no primeiro, o profissional não é “um semi-artista ou um seguidor partidário, mas um assalariado”; no

¹³³ O lead é o começo da notícia, que deve apresentar respostas para seis perguntas principais sobre o fato narrado: “o quê, quem, quando, onde, como e por que?”.

¹³⁴ A pirâmide invertida é uma técnica de escrita jornalística que propõe a estruturação do texto da notícia em ordem decrescente de importância dos fatos.

segundo, “trabalhar para um jornal é uma posição de expectativa pelas verdadeiras carreiras da literatura e da política” (NEVEU, 2006, p. 26)¹³⁵.

De todo modo, o jornalista é aquele que detém um conhecimento genérico, consolidado pelas experiências profissionais, pelas coberturas realizadas, pelas editoriais ocupadas, pelas redações vivenciadas, pelos contatos estabelecidos ao longo da carreira. Como Bergamo ressaltava, os depoimentos memorialísticos dos jornalistas apontam para uma conversão da trajetória profissional em capital simbólico:

Não importa qual seja essa trajetória, assim como não importa a geração à qual pertence o jornalista, ela sempre é utilizada como “prova” simbólica de seu valor profissional. O “bom jornalista” é aquele que “muito viu” e “muito fez”, portanto, aquele que tem “muito a contar”. É através da narrativa biográfica — cuja história de vida consiste, basicamente, na história profissional ou nos eventos que a ela conduziram — que o “muito visto” e o “muito feito” passam a expressar o mais alto valor simbólico que uma trajetória, nesse contexto, possa ter (BERGAMO, 2011, p. 246)

Diversos trabalhos evidenciaram, aliás, a disputa entre diferentes gerações de jornalistas: uma composta pelos jornalistas de vocação, cujos capitais principais seriam a trajetória profissional e o senso crítico; a outra baseada nos novos profissionais diplomados, acusados pela primeira de serem acríticos (BERGAMO, 2011; CHIARAMONTE, 2015; MORAES, 2017)¹³⁶. Esse conflito é explicitado pela visão do jornalista Ricardo Kotscho:

Sem passarem pela reportagem, pularam diretamente da academia para cargos de chefia, determinando os rumos do *new journalism* tupiniquim nos anos 80. Nada de comer poeira e sujar os sapatos para conhecer pessoalmente a realidade em que vive o chamado povo brasileiro. Por isso, tantos idolatram os professores doutores, as teses, as teorias, até por falta de prática (KOTSCHO, 1998, p. 187 apud BERGAMO, 2011).

Nesse sentido, a ênfase em determinados aspectos da própria biografia em entrevistas e textos memorialísticos por parte dos jornalistas se relaciona com o capital simbólico valorizado nesse meio, qual seja, a trajetória profissional, o “muito viu” e o “muito fez” — o que os diferencia dos outros polos de análise deste estudo.

“Ele achava **jornalismo uma profissão menor**. Tanto que ele insistiu a vida toda para que eu me formasse em direito, **para que eu assinasse Doutor** [nome]. Eu falava: “Mas, o senhor conhece alguém que assina assim? Ele apontou um cara do jornal local que se formou em Direito e assina Doutor Hamilton... Eu nunca vi” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

¹³⁵ Embora haja esse contraste entre o modelo de um e outro país, o próprio Neveu aponta o risco de se exagerar na oposição e apagar as resistências e heterogeneidades de cada país: nos Estados Unidos, também houve uma imprensa politizada e engajada que disputou a hegemonia da prática e uma gama de diferentes estilos de jornalismo; assim como na França houve um processo de adequação às práticas e padrões jornalísticos anglo-saxões (NEVEU, 2006, p. 32-35).

¹³⁶ Para uma crítica da divisão entre “antigos” e “novos” jornalistas, ver BERGAMO, 2020b.

“Na minha família, **tinha muitos advogados**, na família da minha mãe, tinha muitos advogados. Enfim, era uma influência familiar clara. E a faculdade de filosofia também foi uma influência familiar, tinha um primo meu que era um filósofo muito bom e, na época, a gente era tudo muito ligado a questões sociais, questões políticas, e uma escolha natural era ou a faculdade de filosofia ou a faculdade de ciências sociais. E, no meu caso, foi filosofia (...) A família até o contrário [sobre seguir o jornalismo], **minha mãe e meu pai queriam que eu me formasse médico**” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

“**Meu pai não queria que eu fosse jornalista nem poeta. Associava os dois a boemia, bares e cerveja**, e ali estava eu, somente reescrevendo histórias, às vezes com algum lirismo, mas sempre dormindo cedo. O trabalho não justificava os medos de meu pai, embora ainda estivesse **distante de seus sonhos para o meu futuro: o Banco do Brasil**” (GABEIRA, 2012, p. 25).

“**Meu pai era contra que eu fizesse jornalismo** (...) Primeiro, ele achava que eu estava contrariando... eu tinha feito lá o teste vocacional, estava dando mais para exatas do que para humanas. E também porque ele achava que ia ficar muito próximo da carreira dele (...) Ele tentou interferir na minha vida profissional. Meu pai era uma pessoa que passou muita dificuldade financeira, ele tinha muito medo de que os filhos não conseguissem se realizar profissionalmente e financeiramente, ter uma vida mais estável, mais segura e tal.” (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

“Fui estudar Sociologia porque a certa altura, num equívoco lamentável, **pensei que poderia ser diplomata**. Percebo, hoje, que teria sido um desastre de proporções inimagináveis, pelo menos do ponto de vista pessoal. Naquela altura, para você entrar no Itamaraty, para fazer o Instituto Rio Branco, era preciso ter um diploma universitário; então procurei uma atividade que fosse próxima de meus interesses. Estudei o curso clássico; gostava muito de Ciência Política, de História e fui fazer Sociologia e Política. E, na época, no Rio de Janeiro não havia nas universidades públicas um curso bom de Sociologia e Política, então, acabei fazendo vestibular para a PUC. Eu não tinha dinheiro para pagar, mas como tirei uma boa nota no vestibular, eles me deram uma bolsa. Então, eu trabalhava, **já era jornalista semi-profissional** e pagava a metade da mensalidade.” (AMORIM apud SER MÉDICO, 2008).

“**Não queria fazer jornalismo, queria diplomacia**, mas minha mãe disse “tem que fazer jornalismo”, e obedeci. Fiz clássico, escrevia redações, a professora de literatura se apaixonava por elas e distribuía em classe. Meus colegas mostravam em casa, algumas mães eram amigas da minha e comentavam com ela. Em função disso, minha mãe achou que seria bárbaro eu ser jornalista. **Docemente constrangida, fiz o vestibular**. Não foi uma escolha, porque o que eu queria era diplomacia, **mas também fiquei com preguiça de ser diplomata. Tinha que estudar muito**” (KRAMER, 2006, p. 107).

“Os meus pais são super liberais, eles apoiariam qualquer coisa que eu escolhesse, tanto que eu fui fazer a inscrição do vestibular sozinha. (...) Mas a minha mãe, anos depois, **ela confessou que tinha um sonho de que eu fosse diplomata e é curioso, porque, primeiro, na época dela, não tinha mulher diplomata**, eu não sei de onde que ela tirou isso da cabeça dela, mas a ideia de viajar pelo mundo, conhecer países... e um dos meus focos profissionais é exatamente carreiras de Estado – Defesa, Forças Armadas, e Diplomacia, Itamaraty – e eu sempre gostei muito de política externa.” (Entrevista com uma das jornalistas mais *mainstream*).

Nascidos em uma época em que as profissões de prestígio se concentravam na Medicina, no Direito e na Engenharia, esses colunistas-jornalistas romperam com as expectativas familiares ao se encaminharem para o jornalismo – que, à época, associava-se a uma imagem de boemia. Nesse contexto, as mulheres ainda eram minoria nos ambientes universitários assim como no mercado de trabalho, de modo que tornar-se jornalista era uma escolha plausível – ao mesmo tempo em que era uma possibilidade de inserção no mundo do trabalho –, sobretudo com a obrigatoriedade do diploma. Assim, a profissão também não era uma ambição tão distante do universo dos possíveis para as mulheres, tal como fazer diplomacia. Associavam-se às expectativas e às percepções sobre as possibilidades concretas de realização, as dificuldades com que lidavam com certas matérias – como matemática –, o fato de se enxergarem indisciplinados e inadequados ao ambiente acadêmico assim como a facilidade com que escreviam e o gosto que tinham pela leitura, além do contexto de turbulência política.

3.1 AS REDAÇÕES COMO ESCOLAS DE JORNALISMO: OS PERIÓDICOS QUE MARCARAM UMA GERAÇÃO

Era 1973, eu ganhava 718 cruzeiros no **Jornal do Brasil** e fui ganhar dois mil na **Veja**. E fui trabalhar no centro da **elite do jornalismo**. Naquela época, trabalhar na **Veja** era o máximo. Minha grande **universidade foi a Veja**. (...) Ao contrário dos jornais, a *Veja* era uma **boa formadora** de jornalistas. (...) Nós tínhamos pauta. Segunda-feira, nos reuníamos com Pompeu, pegávamos o que vinha de São Paulo, juntávamos as nossas ideias, cada um de nós fazia uma crítica do trabalho da semana anterior, fazia-se a projeção daquela semana, discutia-se o quadro político... Aquilo era **muito melhor do que qualquer aula da UnB**, ou de qualquer outra universidade. Ficávamos ali de dez a uma discutindo política! Eu era fascinada por aquilo. Quando ia fazer uma matéria, tinha alguma leitura sobre o assunto, sabia quem era o personagem, qual era a linha que a *Veja* queria dar. Na verdade, nós estudávamos muito na *Veja*, líamos e tínhamos acesso a pesquisas” (CANTANHÊDE, 2006, p. 57, grifos meus).

E foi nessa época que apareceu o convite para São Paulo. Coincidiu de meu pai já ter vindo e dos Mesquita abrirem o **Jornal da Tarde**. Eles chamaram o Mino [Carta] e o Murilo [Felisberto]. Eu trabalhei com o **Mino** desde a fundação do jornal até ele sair para fazer a **Veja**, em 1968, e o Murilo assumir o lugar dele – e o Ivan, o lugar do Murilo. Foi a melhor **escola** que eu poderia ter tido. Peguei aqui **jornalistas calibre 45**, como Geraldo Mayrink, Fernando Portella, Woile Guimarães, além do próprio Mino, do Murilo e do Ivan. Gente que te mandava reescrever matéria umas 50 vezes: “Volta que tá ruim, o lide está lá no meio. Desse jeito não seduz ninguém. Volta pra rua e entrevista de novo... Você passou raspando na notícia...”. Foi algo que nenhuma outra escola poderia ter me dado, **nem mesmo uma escola formal** (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 4, grifos meus).

Mais do que espaços de trabalho, as redações de jornais e revistas pelas quais os colunistas-jornalistas passaram são caracterizadas em seus relatos memorialísticos e nas entrevistas que concedem como verdadeiras “escolas”, nas quais se aprendeu muito mais do que se aprenderia na universidade. Nessas redações, convivendo com jornalistas mais experientes, esses aprendizes do ofício foram adquirindo a prática da apuração, as regras do texto, as estratégias de sedução do leitor, as definições do que seria “notícia”, as técnicas de um jornalismo que se pretendia moderno, a linha editorial dos veículos. Por meio das reuniões, do convívio, das repetições, das broncas, dos exemplos, eles foram se adequando à prática jornalística tida como legítima.

Entre essas escolas de jornalismo, duas redações são recorrentemente citadas: a *Revista Veja* e o *Jornal da Tarde (JT)*, ambos dirigidos e idealizados pela figura mítica da profissão no Brasil, Mino Carta – não apenas citado com frequência pelos colegas de profissão como aquele dotado das propriedades essenciais de um jornalista ou como central na história da imprensa

brasileira e de suas trajetórias em particular, mas também presente em vários livros e documentários sobre a história da imprensa no Brasil¹³⁷:

O Mino foi importante como exemplo de quem não quer restrição ao seu trabalho. Mino nunca foi empresário, empreendedor, nem nada, mas ele saiu a campo, abriu mão aí dos mais altos salários da imprensa, para não ter que se sujeitar ao filho do dono do jornal. (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Cheguei no final de 73 e Mino Carta saiu, se não me engano, em 76. Mas convivi pouco com ele, porque eu era só um repórter. Eu via o Mino como um senhor. Eu me lembro que participei, como toda a redação, da festa dos 40 anos dele. Estava todo mundo lá. Mino inspirava um temor reverencial no pessoal que não convivia de perto com ele. Muito talentoso, muito competente. Acho que é um dos melhores jornalistas do mundo, porque não conheço nenhum outro capaz de criar tantas coisas diferentes entre si. Não há registro de alguém assim. Ele fez a *Quatro Rodas*, o *Jornal da Tarde*, a *Veja*, a *IstoÉ*. Eu posso ter um projeto de jornal, um projeto de revista, e fazer mudanças ou retoques nos projetos. Mas ele cria coisas completamente diferentes. Mas é de trato meio difícil, dava medo lidar com ele (NUNES, 2003, p. 299)¹³⁸.

Lançada em 1968, a revista *Veja*, da *Editora Abril*, abrigou quase todos os colunistas-jornalistas estudados neste trabalho entre os anos 1970 e 1980, período em que contou com a direção de Mino, mas também de outras duas figuras marcantes nas trajetórias de *Veja* e de vários jornalistas, como José Roberto Guzzo e Elio Gaspari. Já o *JT* fazia parte dos empreendimentos da família Mesquita, tendo sido comandado pelo segundo filho de Júlio de Mesquita Filho, Ruy Mesquita¹³⁹, e trazendo em sua história uma aura de inovação e irreverência, tal como o depoimento de Moraes, no início deste subcapítulo, deixa entrever, mas também como o livro *Jornal da Tarde – uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira* se esforça em ressaltar já pelo título¹⁴⁰. Por ele, passaram nomes como Fernando Moraes, Paulo

¹³⁷ Apenas para citar alguns exemplos, Mino Carta foi entrevistado para os livros *Jornalistas* (SZNEJDER, 2003), *Eles mudaram a imprensa brasileira* (ABREU; LATTMAN-WELTMAN; ROCHA, 2003) e no documentário *Mercado de Notícias*; assim como foi citado com destaque nos livros *Notícias do Planalto* (CONTI, 1999); *Jornal da Tarde – uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira* (CASAGRANDE, 2016); e *História da Imprensa paulista – jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma* (PILAGALLO, 2012).

¹³⁸ Quase quinze anos depois da entrevista concedida ao CPDOC, da qual o excerto acima faz parte, Augusto Nunes incluiu Mino Carta em uma lista denominada “Núcleo Jornalístico Esgotosférico” (NUNES, 2012), que continha nomes que apoiavam o ex-presidente Lula. A lista contava ainda com Emir Sader, Luís Nassif e Paulo Henrique Amorim, que também compõem o objeto de estudo deste trabalho. A oposição em relação à figura de Mino Carta, por um lado, e a filiação a ela, por outro, parece, aliás, fazer parte da dinâmica de alinhamento político, mais à direita ou mais à esquerda, dos colunistas-jornalistas.

¹³⁹ Lançado em 1966, o *Jornal da Tarde* nasceu no intuito de manter a harmonia entre os herdeiros da família Mesquita. O então diretor-responsável, Júlio de Mesquita Filho – que cuidava da parte editorial da empresa, enquanto o irmão, Francisco Mesquita, ficava com a área administrativa – queria evitar uma disputa pelo comando de *O Estado de S. Paulo* entre seus três filhos. Embora houvesse uma tradição familiar de o primogênito assumir a empresa, Julio Mesquita preocupava-se sobretudo com o segundo filho, Ruy Mesquita, que demonstrava “capacidade para o cargo de diretor-responsável que jamais poderia assumir” (CASAGRANDE, 2016, p. 12). Garantindo um comando a cada filho, criou então a *Edição de Esportes*, do qual o filho mais jovem foi responsável, Luiz Carlos Mesquita, e o *Jornal da Tarde*, que teria Ruy à frente. Desse modo, realizava também um de seus projetos, qual seja, o de ter um jornal vespertino (Ibid.).

¹⁴⁰ Mino idealizou um jornal cujo “O texto seria não apenas mais solto, livre dos formalismos arcaicos que ainda se espalhavam por linhas e linhas nos jornaldões, inclusive n’O Estado, como também resvalaria para o jornalismo literário, muito em moda nos Estados Unidos” (CASAGRANDE, 2016, p. 21). Além disso, propunha, uma

Moreira Leite, Luís Nassif e Florestan Fernandes Jr. (este último por apenas três meses)¹⁴¹. Contando com a capacidade financeira e com o prestígio já acumulado por *O Estado de S. Paulo* e, assim, podendo se afastar em certa medida dos interesses empresariais mais imediatos, o *Jornal da Tarde* tornou-se um espaço de inovações no jornalismo, tendo em seu comando o herdeiro que se dizia jornalista e não empresário:

- **EU NÃO SOU EMPRESÁRIO, NÃO sou homem que saiba fazer negócio.** Nem sei o que é marketing, não sei nada sobre isso. Qualquer pessoa mais próxima já ouvira pelo menos uma vez essas frases na boca de Ruy Mesquita. Como o pai, **ele se gabava de ser jornalista**, não homem de negócios. A busca pelo melhor jornalismo transformava o *Jornal da Tarde* num **dos diários mais caros** do país. **Pagava os melhores salários**, mais elevados do que os pagos pelo próprio *Estado*, e não economizava gastos com reportagens especiais e coberturas importantes. Era o preço de se fazer uma **revista diária**, como Ruy gostava de classificar o jornal que dirigia (CASAGRANDE, 2016, p. 29, grifos meus).

No *JT* e, algum tempo depois, na *Veja*, como vários relatos demonstram, os jornalistas puderam se desfazer dos empregos duplos, dedicando-se à redação, devido aos salários maiores (NUNES, 2003, p. 322; CANTANHÊDE, 2006, p. 57; CASAGRANDE, 2016, p. 21): “O salário mensal oferecido para um bom redator oscilava entre 300 mil e 500 mil cruzeiros [no *Jornal da Tarde*], que seriam o equivalente em moeda atualizada a valores entre 9 mil e 15 mil reais. Era uma fortuna para a maioria deles” (CASAGRANDE, 2016, p. 25). Além disso, no *JT*, Mino buscava constituir uma “equipe jovem, livre dos velhos vícios da escrita jornalística” (Ibid.), oriundos da sucursal do *JB* em São Paulo e também dos jornais de Minas Gerais, estado em que uma nova geração de jornalistas vinha se constituindo e buscando se contrapor a um certo provincianismo da imprensa local¹⁴².

diagramação leve, “com espaços em branco e melhor aproveitamento de fotos” (CASAGRANDE, 2016, p. 21). Segundo Brickmann, aquele seria “o jornal das matérias que queremos publicar, e não das matérias que temos de publicar” (apud CASAGRANDE, 2016, p. 24). Nele, a forma era bastante valorizada, tal como Mino Carta afirmou anos depois em entrevista ao CPDOC: “Quando fizemos o *Jornal da Tarde*, a senha era: temos de fazer um jornal bonito e bem escrito” (CARTA, 2003, p. 205). Essa fórmula viria a ser reconhecida por outros jornalistas, como Augusto Nunes: “Dois artistas plásticos fizeram essas grandes inovações: Amílcar no *JB* e Mino Carta, que também é pintor, no *Jornal da Tarde*. O *Jornal da Tarde* é outra pintura” (NUNES, 2003, p. 323).

¹⁴¹ Pelo *JT*, também passaram os mais polemistas Olavo de Carvalho (CURRICULUM) e Leandro Narloch, este último no período de decadência do periódico, nos anos 2000, quando ele era conhecido por seu caráter mais “popular”.

¹⁴² Segundo trecho do livro sobre o *JT*, “Minas Gerais, apesar da enorme força política no cenário nacional, não contava com um jornal diário de peso comparável aos desses dois títulos. Talvez por isso seja menos lembrada a transformação que a imprensa de Belo Horizonte sofreu nos anos anteriores ao golpe de 1964. Inspiradas no *JB*, então a bíblia do jornalismo moderno no Brasil, pelo menos três publicações lideraram a renovação: os jornais *Correio de Minas* e *Diário de Minas* e a revista *Alterosa*. Essas três redações atraíam a nova geração de jornalistas mineiros que não queriam se submeter aos padrões provincianos de *O Estado de Minas*. Curiosamente, eram financiadas por interesses políticos. (...) Antes disso [de serem fechados após a ditadura militar], porém, os três formaram alguns dos que seriam grandes nomes do jornalismo brasileiro nas décadas seguintes. Um dos primeiros a alcançar projeção foi Fernando Gabeira. Nascido em Juiz de Fora em 1941, Gabeira ocupou cargos importantes no *Correio* e no *Diário* antes de se transferir para o Rio em 1963. Conhecia muito bem, portanto, os melhores e mais promissores jornalistas mineiros da nova geração. Por isso, foi a ele que Murilo Felisberto recorreu no final de 1965 para recrutar a equipe do *Jornal da Tarde*” (CASAGRANDE, 2016, p. 25).

Assim, essas redações, ao mesmo tempo em que atraíam nomes de peso do jornalismo brasileiro, também contribuíram para formar uma nova elite da profissão, o que se confirmou com a trajetória posterior de vários dos nomes que passaram por esses dois veículos – que compõem o conjunto dos mais jornalistas – e que se encaminharam para postos de chefia, direção e colunismo importantes na imprensa brasileira assim como pelos prêmios – principalmente, o *Esso* – que receberam pelas reportagens realizadas.

A socialização que certas redações possibilitavam se destaca nos livros sobre a memória do jornalismo e dos jornalistas (CONTI, 1999; ABREU; LATTMAN-WELTMAN; ROCHA, 2003; SZNEJDER, 2003; ABREU; ROCHA, 2006; PINTO, 2012; CASAGRANDE, 2016). O espaço informal das relações de trabalho – tanto no que concerne às regras e aos direitos, quanto às práticas cotidianas –, as auras em torno dos chefes, o caráter e o temperamento dos donos dos jornais, a criatividade e a personalidade destemida dos jornalistas são ênfases dadas a uma memória construída e reforçada, que contribui na legitimação da prática profissional e, ao mesmo tempo, de jornalistas específicos – os quais se valem da participação em determinada geração de repórteres e da presença em determinados momentos da história dos veículos por que passaram como uma forma de capital simbólico, que os dá credibilidade e legitimidade. A menção recorrente a certas redações e jornalistas reconhecidos pelos pares torna-se assim elemento de “identidade profissional” bem como “capital detido coletivamente e valorizado pelas redações” (NEVEU, 2006, p. 73).

A convivência que se desdobrava nos bares, nos engajamentos políticos, nas vidas amorosas permitia a socialização dessas figuras de maneira ainda mais intensa. Desse modo, se o exercício da profissão não dependeu de “um bilhete de entrada *stricto sensu*” – qual seja, a posse de um diploma ou um nível específico de formação –, isso não impediu que esses colunistas-jornalistas compartilhassem um certo “repertório de competências”, cujo domínio é desigual e aprendido no local de trabalho (NEVEU, 2006, p. 36). O relato de Fernando Moraes acerca da formação de suas identificações políticas e culturais é emblemático dessa relação:

J&Cia – Você chegou aqui num caldeirão político. Tinha já alguma formação de esquerda?

Fernando – Não. **Meu irmão mais velho era um cara de esquerda. Meu pai não tinha convicções visíveis, mas nunca apoiou o golpe, por exemplo.** Nunca, em nenhum momento, na minha casa, alguém foi para a oposição. Mas **a minha cabeça política foi feita aqui.** Antes de ser feita pela política **foi feita pela música**, porque **fui durante um período repórter e depois editor de Variedades do Jornal da Tarde** e isso me aproximou dos Baianos... o [Gilberto] Gil e o Caetano [Veloso]. De um lado, eles; e do outro, o Bondinho... Hamiltinho [Hamilton de Almeida Filho], Myltinho [Mylton Severiano da Silva], Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Paulo Patarra... Acabei me convencendo que uma das maneiras de lutar contra a ditadura **era lutar contra os valores da cultura burguesa.** Eu era contra a família e a favor de todas as drogas... (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 5, grifos meus).

A relação de Moraes com a música não era especificidade sua. Segundo o relato do jornalista Casagrande acerca da história do *Jornal da Tarde*, “a redação do *JT* era uma festa que começava no quinto andar da Major Quedinho e continuava pelos bares e arredores do velho Centro, onde parte dos jornalistas se encontrava à medida que era liberada do trabalho” (CASAGRANDE, 2016, p. 42).

O endereço mais frequente era a Galeria Metrpole. Localizada entre a Biblioteca Municipal Mrio de Andrade e a Praa da Repblica, a duas quadras do jornal, a galeria abrigava bares, restaurantes e casas de samba. Transformara-se em ponto de encontro de msicos e artistas. Apareciam mais os que ainda no eram to famosos, os que haviam sido mas j andavam esquecidos e outros que nunca seriam mas gostavam de aparentar proximidade com astros, um grupo que Renato Pompeu, com sua ironia aguada, batizaria de “alardeadores de intimidades”. **A convivncia dos jornalistas com artistas e intelectuais era mais do que simples deleite.** Era um recurso importante para manter o vespertino vibrante, conectado com tudo o que acontecia no universo dos leitores que queria conquistar. **Os gostos, conceitos e interesses da juventude brasileira estavam em rpida transformao** no final daqueles anos 1960. **E o *JT* foi o primeiro jornal a embarcar nessa revoluo** (...) Uma figura fcil sempre a desfilar os olhos verdes por ali era um jovem estudante de arquitetura chamado Chico Buarque de Holanda. Outro que andava por l e ningum lhe pedia que cantasse era um jovem negro de Minas Gerais, ainda desconhecido fora de Belo Horizonte. Chamava-se Milton Nascimento (CASAGRANDE, 2016, p. 42, grifos meus).

Assim, em meio efervescncia cultural, que se narra o ambiente de socializao e trabalho dos jornalistas “talentosos” do *JT*. As disputas entre mineiros e paulistas, os desafios na cobertura de determinados acontecimentos, as corridas pelos prmios, os conflitos com os poderes se misturavam s festas, reunies em bares, bullyings com os colegas e peladas com bolinhas de papel nos corredores da redao. “Como definiriam vrios deles dcadas depois, aqueles meninos no apenas faziam o *Jornal da Tarde*; eles viviam o *Jornal da Tarde*” (CASAGRANDE, 2016, p. 38). Esse ambiente contrapunha-se, em boa medida, ao da redao de *O Estado de S. Paulo*, por onde Carlos Alberto Sardenberg e Augusto Nunes passaram no incio da carreira, nos primeiros anos da dcada de 1970. Vale dizer que nenhum dos dois mencionou o jornal como um lcus de aprendizado e formao.

A redao de *O Estado de S. Paulo* era **um lugar limpo, silencioso, com mesas arrumadas onde senhores de terno e gravata escreviam e editavam com sobriedade as reportagens do matutino mais importante da Amrica Latina.** Em absolutamente tudo ela era o **oposto da redao barulhenta do *Jornal da Tarde*,** com o cho coberto por laudas amassadas e guimbas de cigarro, onde alguns cabeludos desgrehados chegavam a tirar a camisa nos dias mais quentes para escrever o **jornal mais irreverente da cidade.** A primeira estava preocupada com os grandes temas, o destino do mundo; a segunda queria fazer barulho e atrair a ateno da cidade para o vespertino que colocava nas ruas (CASAGRANDE, 2016, grifos meus).

Dez anos mais tarde, porém, com a crise do Petróleo e o endividamento da família Mesquita, advindo também do investimento em um novo prédio, o *JT* teve de passar por cortes no orçamento, com a redução de viagens e a suspensão nos aumentos salariais (CASAGRANDE, 2016, p. 86). O episódio mudaria, então, os rumos da empresa e o ambiente irreverente do *JT*. Mais tarde, quando Augusto Nunes voltou ao *Estadão* na posição de direção, a convite de Júlio Mesquita Neto, ele teve problemas com o *JT*: “O lado da família ligado ao *Jornal da Tarde* começou a ficar incomodado, porque eu realmente deixei claro que meus chefes eram o dr. Júlio Neto e o Julinho. Assim foi determinado. E o *Jornal da Tarde* era outra coisa” (NUNES, 2003, p. 304). Além de realizar demissões e alterações salariais, Nunes também criou a edição de segunda-feira do *Estadão*, que passou a concorrer com o *JT*, que tinha nesse dia a venda mais extensa, devido a sua ênfase no esporte. Assim, além dos já habituais prejuízos econômicos, o *JT* passou também a concorrer com o periódico mais tradicional da casa. A decadência do jornal, que parou de circular em 2012, remete-se, assim, a períodos anteriores, com as dificuldades dos anos 1980 e 1990 que o afastaram da fase mítica, vivida nos anos 1970.

Por outro lado, *O Estado de S. Paulo*, representante tradicional dos empreendimentos familiares dos Mesquitas, mas também da história da imprensa paulista como um todo, permanece sendo até hoje um periódico influente, tendo se adequado às diferentes transformações no mercado jornalístico como meio de se manter no jogo. Se, internamente, as reformas feitas por Augusto Nunes no *Estadão* enfrentaram as resistências do lado da família ligado ao *JT*, externamente, a concorrência vinha da *Folha de S. Paulo*, cuja história também marcou a formação e a carreira de agentes aqui estudados. Enquanto o *JT* e a *Veja* foram o lócus de formação de vários dos colunistas-jornalistas, a *Folha* destacou-se por sua interlocução com os universitários da USP:

Por que havia tantos jornalistas na Libelu? Ao que tudo indica, porque a ECA (Escola de Comunicação e Artes) da USP estava tomada por eles. Caio Túlio, que deixou a militância ao sair da faculdade, em 1979, foi o responsável por levar muitos companheiros de tendência para a *Folha*. “O Otávio não era simpatizante da Libelu, mas gostava da ‘disciplina’ dos trotskistas. Ele era simpatizante da *Vento Novo*, uma corrente (*de centro*) que havia na São Francisco”, conta Caio Túlio. “Fui o primeiro Libelu contratado para começar a renovação do jornal, em 1981. E fui trazendo os melhores jornalistas que conhecia, o Matinas, o Conti (que estava confinado na Câmara dos Vereadores como setorista e eu trouxe para a *Ilustrada* e o *Folhetim*), o Rodrigo Naves, a Renata Rangel, o Zé Américo, a Cleusa Turra, o Bernardo Ajzenberg, o Ricardo Melo. Muita gente, não me lembro de todos... Cada um foi trazendo outros. Eram bons, muito bons.” (MENEZES apud CHIARAMONTE, 2015, p. 110-111, grifos meus).

Mario Sergio Conti, levado para a *Folha* por Caio Túlio Costa, faz parte de uma geração de jovens jornalistas que, além de terem estudado na USP, atuaram no movimento estudantil –

sobretudo na *Libelu* e no *Vento Novo* – e foram contratados pela *Folha de S.Paulo* no final da década de 1970 e início dos anos 1980. O recrutamento desses jovens marcou um período de forte identidade entre o jornal e a universidade, caracterizada pela colaboração de professores, sobretudo, na seção *Tendências/Debates*; pelo relacionamento pessoal entre profissionais da imprensa e estudantes; e pelas coberturas do movimento estudantil como ponta de lança da convocação de passeatas e manifestações em prol da abertura política (CHIARAMONTE, 2015). Isso se deu em um período de transição do periódico, em que ele viria a assumir certo protagonismo no processo de reabertura política do país, ainda que com momentos de retração e outros de maior crítica. Esse papel foi, inclusive, negociado entre o dono do jornal, Octavio Frias de Oliveira, e o presidente Ernesto Geisel¹⁴³ (CHIARAMONTE, 2015; SINGER, 2003, p. 53).

A geração que ocupou a *Folha* nos anos 1970 e 1980 e foi denominada por Chiaramonte como a “nova elite jornalística” é composta por nomes como Mario Sergio Conti, já mencionado, mas também André Singer (que está no polo dos mais acadêmicos deste trabalho) e outros, como: Matinas Suzuki Jr., Marcelo Coelho, Marcelo Leite, Ana Fromer, Amir Labaki, Rodrigo Naves, Renata Rangel, José Américo Dias, Jorge Caldeira, Caio Túlio Costa, Ricardo Melo e Carlos Eduardo Lins da Silva (CHIARAMONTE, 2015, p. 109). Além deles, o herdeiro da empresa, Otavio Frias Filho, cursou Direito na USP, entre 1975 e 1981, fez algumas disciplinas do mestrado em ciências sociais e foi militante do movimento estudantil, compartilhando, portanto, a formação intelectual e política com colegas que viriam a compor os quadros do jornal, posteriormente.

Nesse sentido, como Chiaramonte (2015) argumenta, ter estudado na USP foi uma propriedade importante na caracterização desses jornalistas, já que a universidade “atrai para seus cursos, principalmente os de Ciências Humanas, jovens de classes médias (intelectualizadas) ou de pequenas elites do interior do estado, cujas famílias investiram em sua educação” (Ibid.). Eles distinguiam-se, assim, de outros jovens jornalistas, formados, porém,

¹⁴³ Isso fica claro no excerto da entrevista de Otavio Frias Filho: “Nessa conversa com meu pai, Golbery delineou os rumos que eles pretendiam impor ao novo governo, falou da necessidade de uma descompressão política, enfim, expôs todo aquele ideário que se tornou bastante conhecido depois. Inclusive, chegou a mencionar para meu pai – me lembro disso, pelo relato que meu pai fez – que não era conveniente que houvesse em São Paulo só um jornal forte, em termos de peso na opinião pública, que era do interesse do governo que houvesse dois jornais. A conversa se resumiu a isso. Não houve qualquer tipo de apoio ou de encorajamento da parte do governo. Todo o desenvolvimento da *Folha* durante o governo Geisel e durante o governo Figueiredo ocorreu rigorosamente à margem de qualquer estímulo governamental” (FRIAS FILHO, 2003a, p. 354-355). Essa posição seria beneficiada por uma série de ajustes feitos nos anos anteriores. O jornal, ao contrário de outros – como o *Estadão*, o *Jornal da Tarde*, o *Jornal do Brasil* e a *Veja* –, não chegou a sofrer com a presença de censores dentro das redações, pois, decidira “acatar as instruções da censura” como afirmou Otavio Frias Filho (2003, p. 356). Além disso, na época, a *Folha* era a única que não tinha grandes dívidas com o Estado.

nas faculdades de comunicação e de jornalismo de menor prestígio, “que ocupavam postos de menor influência, e, mais importante, que não tinham ambições e recursos culturais e/ou intelectuais, seja no próprio terreno jornalístico, seja em outros terrenos” (CHIARAMONTE, 2015, p. 99). A identidade desses últimos teria sido forjada, então, “em torno da ideia do jornalismo enquanto um trabalho como outro qualquer, como uma profissão técnica” (Ibid.), de modo que eles viriam a se reunir em torno do sindicalismo petista, que lutava pelas melhorias nas condições de trabalho¹⁴⁴.

Outra oposição presente na redação da *Folha* e identificada por Chiaramonte (2015) seria em relação a uma geração anterior, que ocupara cargos importantes no jornal e cujas propriedades se distinguiam daquelas detidas pela “nova elite” de jornalistas: nomes como Alberto Dines, Jânio de Freitas, Claudio Abramo, Perseu Abramo, Paulo Francis e Samuel Wainer. Eles são caracterizados por terem nascido na década de 1930; não terem diploma universitário, em sua maioria; terem trabalhado nas redações de importantes jornais da imprensa paulista e carioca; terem participado dos processos de reforma dos grandes periódicos, como o *JB* e o *Estadão*; terem alcançado prestígio entre os anos 1950 e 1960, quando ocuparam postos de direção dos jornais; e terem ingressado na *Folha* na década de 1970 (CHIARAMONTE, 2015, p. 107-108)¹⁴⁵. Com exceção de Perseu Abramo, todos eles vieram a ocupar o posto de colunista do jornal.

Se em um primeiro momento, a relação com a USP contribuiu para legitimar o periódico, posteriormente, uma série de reformas e de processos de “modernização” viriam a ser adotados como forma de consolidar a *Folha* no mercado brasileiro (CHIARAMONTE, 2015). O *Projeto Folha*, iniciado nos anos 1970, se consolidaria, assim, a partir de medidas como a criação do *Manual da Folha*. Esse processo de afastamento da universidade ficou marcado pelo caso da Lista dos Improdutivos, já mencionado no subcapítulo 4.1 da Parte II.

A *Folha* do período de transição até meados da década de 1980 não se firmava somente no mercado, ela era fortemente dependente dos universos político e

¹⁴⁴ Segundo Roxo, a greve dos jornalistas de 1979 colocou em disputa diferentes identidades jornalísticas, caracterizadas em três principais tipos: o tipo profissional; o tipo trabalhador; e o tipo intelectual (ROXO, 2008).

¹⁴⁵ Esse conflito de gerações fica evidente na oposição de Alberto Dines à greve dos jornalistas de 1979. Segundo o jornalista, foi em reação a ela e à politização dos jovens jornalistas ligados ao PT que os patrões começaram a se unir, criando a Associação Nacional dos Jornais (ANJ). Dines associa a substituição dos mais velhos jornalistas pelos mais novos a uma ação de interferência dos empresários na “própria essência do fazer jornalismo, com toda aquela supremacia do *marketing*” (DINES, 2003, p. 129): “A ANJ importou um grupo de consultores de Navarra e Miami, com ideias muito mercadológicas, no mau sentido, que desvirtuaram o jornalismo como um todo, criaram novos padrões. E todos adotaram isso, porque todos são sócios da ANJ. Eles fazem uma coisa bem-feita, estilo americano, montam seminários, mandam os chefes de redação assistir, aí vêm esses consultores de Navarra e de Miami e fazem a cabeça, infundem coisas malucas (...) É toda uma revolução, a pretexto de atender o mercado, mas é uma revolução tecnocrata. Eu coloco assim: estão tentando acabar com o resto de humanismo que havia no jornalismo brasileiro. Hoje, o jornalismo brasileiro é tecnocrático-mercadológico. (...) Existe um processo de standardização ideológica. Não é político, não é partidário, é de fundo” (DINES, 2003, p. 130).

intelectual, que ditavam o conteúdo do jornal e as posições de sua linha editorial. Tratava-se, para a “nova elite jornalística” que assumiu a redação durante as décadas de 1970 e 1980 fazer com que o jornal se diferenciasse desses espaços e assumisse um caráter e regras próprias, calcados nos princípios da independência, do pluralismo e do apartidarismo. A *Folha de S. Paulo* poderia se afirmar, assim, como um jornal de “rabo preso” com o leitor, seu comprador, e só com ele (CHIARAMONTE, 2015, p. 142).

Essas transformações viriam a influenciar outros jornais, que se inspiraram e disputaram em alguma medida o lugar de referência com a *Folha*, principalmente, o *Estadão*. Como Luís Nassif afirmou,

No final dos anos 80 o “Estadão” procedia à sua reforma editoria, e “O Globo” saía da toca para disputar o mercado do jornalismo de opinião. Todos buscavam seguir os princípios consagrados pela “Folha”, como um time mais diversificado de colunistas e um apelo às manchetes fortes, o “Estadão” menos, o “Globo” mais, embora sem a quantidade e a abrangência de posições dos colunistas da “Folha” (NASSIF, 2003, p. 16).

Esse processo de reformas nos jornais, aliás, viria a colocá-los em uma ferrenha concorrência, inclusive com contenciosos entre Augusto Nunes, então diretor do *Estadão*, e Caio Túlio Costa e Otavio Frias Filho, ombudsman e diretor da *Folha*, respectivamente. A oposição entre esses jornais fica relativamente evidente na abertura de uma entrevista de Augusto Nunes à *Revista Imprensa*:

A reação hiperagressiva do *Estadão* ao marketing tradicionalmente agressivo da *Folha* é uma óbvia jogada de mercado, que tem o sentido cristalino de trazer para o jornalão da família Mesquita o cetro perdido da polêmica e da modernidade na Imprensa brasileira. Augusto está totalmente mobilizado para rechaçar a imagem que o concorrente tenta vender do *Estadão*, de ser apenas “um mausoléu redecorado” (REVISTA IMPRENSA, 1991, p. 20).

Nos anos 1990, a *Folha* consolidou o prestígio conquistado com as reformas dos anos 1980, mantendo a posição de referência que viria a se reproduzir nas décadas seguintes. Com as mudanças estruturais ocorrendo no mercado do jornalismo, a partir das novas práticas de gestão e da inserção de novas tecnologias, a *Folha de S. Paulo* conseguiu se firmar neste mercado, mantendo seu papel de jornal influente até a contemporaneidade, diferentemente de outros jornais, como o *Jornal do Brasil (JB)*¹⁴⁶, por exemplo.

¹⁴⁶ O *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, consagrou-se após a década de 1950, devido às reformas editorial, gráfica e das práticas jornalísticas empreendidas no jornal, tornando-o referência na imprensa brasileira. Como Ribeiro explica, a autoria dessas reformas é alvo de controvérsia entre os jornalistas bem como essas transformações fazem parte da construção de um imaginário e de uma identidade profissional: “A autoria da reforma no JB é uma questão bastante controversa. É um campo de grandes disputas, que mobilizam até hoje a memória e as vaidades de muitos jornalistas. Há muitos relatos contraditórios. Alguns apontam Odylo Costa Filho (editor-chefe de 1956 a 1958) como o principal autor da reforma. Outros destacam o período em que Janio de Freitas esteve à frente da redação (de 1958 a 1962). Há ainda aqueles para quem nem Odylo nem Janio deram as maiores contribuições para as mudanças no jornal. Segundo esses, a reforma só teria ganhado forma sob a direção de Alberto Dines. Seja como for, o período das reformas é constantemente acionado nas memórias – tanto individuais quanto institucionais – como período áureo da história do JB e origem mítica do chamado moderno jornalismo brasileiro” (RIBEIRO, 2018b, p. 264).

O *JB*, descrito por muitos jornalistas como o “jornal dos sonhos”, proporcionou a vários profissionais aqui estudados coberturas e momentos marcantes na carreira, embora não tenha sido propriamente um espaço de formação. Com a pressão de um jornal *hard news* diário, prestigioso, os jovens repórteres entravam nas redações tendo que se adaptar a elas mais rapidamente e sem uma orientação mais atenciosa. Naquele espaço, convivendo com jornalistas experientes e com a pressão de responder às demandas de um jornal diário e consagrado, eles demonstraram as dificuldades no início dos empregos, mesmo já tendo passado por outras redações:

No dia 03 de maio, vou trabalhar, eu botei um terno e coloquei um colete que tinha por baixo. O Noblat falou: “Não bota esse colete, que vão te matar na redação.” Um coletinho... e eu tinha um óculos do meu avô, que é um óculos de ouro, só a parte de cima, um oclinho e tal. **Cheguei lá, cara, aquela velharada, imagina.** O que nego pegou no meu pé. **Aquela chegada foi foda.** Primeiro dia, estava fazendo matéria, tinha 10 caras do meu lado, “ta na hora, está atrasando o jornal, ta na hora”. **Mas, era assim, a recepção era jogo duro, né. Ai você tem aqueles testes todos de masculinidade no jornal.** Aquela coisa de uma outra época, anos 80, né (Entrevista de Bob Fernandes à autora, 2020, grifos meus).

Os estagiários entravam, saíam, uma chorava, outra chorava, e eu fui ficando. (...) Estudava a manhã inteira na universidade, ia trabalhar no *Jornal do Brasil* à tarde e recebi nove matérias para fazer. Quer dizer, era uma irresponsabilidade completa e absoluta, porque, se nem um jornalista experiente escreve nove matérias boas num dia, imagina uma garota que mal estava começando! (...) Nós éramos muito soltos. “Vai lá e faz.” **Quando o chefe diz isso, joga toda a carga no talento, na disposição individual. Isso, evidentemente, não é uma boa formação em área nenhuma, muito menos no jornalismo** (CANTANHÊDE, 2006, p. 55, grifos meus).

A dominância dos jornalistas mais velhos – masculinizados, com traquejo para o ofício e as relações com o poder – sobre as mulheres, os jovens e os repórteres oriundos de outros lugares se exercia também como forma de seleção e teste para os jornalistas em início de carreira. Ao mesmo tempo, em que se tornou “o periódico de referência da intelectualidade e da Zona Sul do Rio de Janeiro” (RIBEIRO, 2018b, p. 258), o *JB* continuava sendo “católico, liberal-conservador, constitucional e defensor da iniciativa privada” (CPDOC). Foi a partir dele que se “estabeleceram padrões relacionados à prática profissional do jornalismo” (RIBEIRO, 2007 apud RIBEIRO, 2018b, p. 258). Situado no Rio de Janeiro, ele concorria com o jornal *O Globo*, que, nos anos 1960 e 1970, tinha uma redação caracterizada por Merval Pereira como “velha em todos os sentidos” (PEREIRA, 2003, p. 47). As diferenças de posição entre *O Globo* e o *JB* são analisadas por Lattman-Weltman no trecho abaixo:

Se a manutenção da linha editorial adotada com sucesso nos anos 1950 garantiu ao jornal força e prestígio nos turbulentos anos 1960 – permitindo, inclusive, que o grupo de empresas dos Marinho se acoplasse rápida e eficazmente à nova coalização e à nova configuração política hegemônica pós-1964 –, o sucesso mesmo desse novo quadro de forças e as transformações por ele trazidas, tanto na vida política quanto, mais amplamente, na economia e na sociedade brasileiras, **acabaram paradoxalmente por envelhecer a identidade jornalística de *O Globo* e colocá-lo,**

em termos de prestígio, numa posição subalterna frente a seu principal rival e concorrente, o *Jornal do Brasil*. Este, no período anterior, se renovara, inovando o jornalismo carioca (e brasileiro) e criando um novo público leitor com novas demandas (LATTMAN-WELTMAN apud ABREU; LATTMAN-WELTMAN; ROCHA, 2006, p. 19, grifos meus).

Além disso, o *JB* viria a inspirar os processos de reforma de outros jornais. Augusto Nunes, que foi diretor da sucursal do *JB* de São Paulo entre 1986 e 1988, aplicou no *Estadão*, no final da década de 1980, algumas das transformações que foram feitas no *JB* nas décadas de 1950 e 1960, tal como a informatização e o redesenho gráfico. Mas, se essas reformas nos anos 1950 e 1960 foram responsáveis pela glorificação do periódico, as transformações no mercado do jornalismo nos anos posteriores bem como a dificuldade do *JB* em se adequar a elas levaram o jornal à decadência, tendo ele deixado de circular em sua versão impressa em 2010. Nos anos 2000, Augusto Nunes e Mario Sergio Conti chegaram a passar pela direção do jornal, com a proposta de reativá-lo, sem terem tido sucesso (REVISTA IMPRENSA, 2001). O relato de Merval Pereira, que foi editor-chefe do *JB* nos anos 1990 demarca essa transformação no status do jornal e na competição com o *Globo*:

Mas o *JB* estava já decadente, estava já começando a ficar decadente (...) tanto que eu fui editor-chefe lá e incomodamos muito *O Globo* naquela época. Foi muito interessante, porque eu estava querendo mostrar serviço também, então foi bom. Agora, o problema do *JB* é que a estrutura do *JB* naquela época era uma coisa deficiente. Então, você fazia um jornal muito... mas eles não conseguiam entregar o jornal na banca na hora certa, atrasava a rodada, a impressão era ruim. Foi lá que eu dei importância a essa estrutura do jornal, porque n' *O Globo*, estava acostumado... achava que aquilo era uma coisa normal. Ali no *JB*, você sentia muito que a deficiência técnica do jornal impedia que o jornal, embora fosse muito bom chegasse a todo mundo, já estava muito precária a situação (Entrevista de Merval Pereira à autora, 2020).

Assim, o jornal *O Globo*, como parte do conglomerado das *Organizações Globo* manteve-se no mercado, passando a reunir em sua redação e suas páginas, inclusive, boa parte dos colunistas estudados neste trabalho – não apenas os mais jornalistas, mas também os que compõem os outros polos. De todo modo, as rearticulações na imprensa brasileira levaram a uma dominância dos jornais *Folha*, *Estadão* e *O Globo*, nos anos 2000 e 2010, os quais vão abrigar a maior parte dos jornalistas *mainstream* estudados neste trabalho.

3.2 JORNALISMO POLÍTICO E ECONÔMICO: UMA ELITE ANCORADA NAS EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E RELAÇÕES SOCIAIS

[Fernando Moraes] Conta ainda como foram os difíceis momentos no enfrentamento à ditadura, quando até uma fita de minicassete teve que engolir para não comprometer o amigo Chico Buarque de Hollanda, perseguido, como ele, pela ditadura. Revela que por pouco, e graças à intervenção dos patrões **Domingo Alzugaray** e **Luís Carta**,

talvez fosse ele, e não **Vladimir Herzog**, a ir parar nos porões do DOI-CODI, no fatídico 25 de outubro de 1975. (RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, grifos meus).

Seja como for, o fato é que, com isso, [Fernando] Gabeira conserva como parlamentar a notoriedade que começou a conquistar como **jornalista polêmico, escritor, guerrilheiro e exilado político**. Integrante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), participou, em setembro de 1969, do sequestro do embaixador dos EUA Charles Burke Elbrick. Preso no começo de 1970, foi banido em junho do mesmo ano, depois de solto, junto com outros 38 militantes, em troca da libertação do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben. (...) Lançou então *O que é isso, Companheiro*, relato de sua participação na luta armada e de sua vida no exílio, **primeiro de uma série de doze livros** (a maioria dos quais **se arrepende de ter escrito**) (REVISTA IMPRENSA, 1995, p. 37, grifos meus)

Além das redações míticas por que passaram, as resistências e lutas contra a ditadura militar no Brasil também compõem o imaginário sobre a profissão de jornalista no país assim como sobre a trajetória desses colunistas-jornalistas. Alguns foram presos, torturados e exilados, outros perseguidos e censurados, e quase todos participaram de algum movimento estudantil e/ou de partidos contra a ditadura. Esse período, para além da constituição de identidades políticas e culturais, deixou também marcas profundas nas subjetividades desses agentes.

Mas, além das atividades políticas, as coberturas históricas realizadas, os exemplos de idoneidade diante das pressões das fontes e poderes, as ilustrações da suposta independência editorial dos veículos, de seus donos e seus repórteres compõem o quadro de referências frequentemente acionado por esses jornalistas. A construção coletiva dessa memória ressalta, assim, as potências criativas, os caracteres corajosos e a prática de um jornalismo inovador, moderno e independente. A despeito das relações de poder estabelecidas entre os donos de jornal, políticos e grandes empresários; das afinidades político-partidárias e das tomadas de posição ideológicas dos donos, chefes e jornalistas; assim como do caráter familiar e altamente centrado na figura dos donos desses jornais, a história que se conta é de uma imprensa quase heroica, que lutou contra os abusos da ditadura. A contradição entre as posições políticas e culturais dos intelectuais, artistas e jornalistas de esquerda no período ditatorial é abordada por Ridenti (2014). Como o autor afirma, os anos de 1970 foram marcados por uma certa ambiguidade, já que, por um lado, havia a censura e a repressão desses intelectuais; por outro, o desenvolvimento da indústria cultural, com financiamento e proteção do Estado, empregou boa parte desses agentes (RIDENTI, 2014, p. 286). Essa contradição, aliás, fica clara no depoimento de Dias Gomes a Ridenti, que reproduzo aqui para demonstrar essa ambiguidade assim como pelo fato de citar boa parte dos jornais pelos quais os jornalistas aqui estudados passaram:

Se você era um jornalista, por exemplo, você ia trabalhar onde? No *Estado de S. Paulo*, na *Folha*, no *Jornal do Brasil*, no *Globo*. Também não eram, como a Rede Globo, sustentáculos do regime? Eram. O pensamento do dono do jornal era igual ao seu? Não era. Abriam para você uma brecha, uma coluna, dentro da qual você tinha uma relativa liberdade, muito relativa, desde que não se chocasse com os interesses da casa. O problema da Rede Globo é igual, se eu não fosse trabalhar na Rede Globo, iria trabalhar no *Globo* ou no *Jornal do Brasil*. Não é a mesma coisa? Então, isso foi uma coisa que eu sei que chocou, eu até fui muito criticado na época [por trabalhar na TV Globo]. Sempre achei isso uma tolice. Desde que a Globo não me obrigue a escrever o que eu não quero escrever, que nunca me obrigou. Sempre foi escrito aquilo que eu propus: se eles aceitaram, bem – muitas vezes não aceitaram e não foi feito. A minha liberdade de pensamento não foi de modo algum castrada, desvirtuada. É um problema de você se inserir dentro de um organismo que sabe que é inimigo, mas dá um espaço e você pode atingir com ele uma massa imensa de espectadores. Então, não vale a pena? Acho que vale (GOMES apud RIDENTI, 2014, p. 291).

A oposição ao regime militar perpassa as narrativas a posteriori de todos os colonistas-jornalistas acerca de suas juventudes, seja mencionando o engajamento mais incisivo em partidos e grupos de esquerda; seja relatando as censuras que vivenciaram nas redações; seja como parte do caldo cultural em que estavam inseridos. A formação jornalística, portanto, se deu intrinsecamente relacionada a esse momento político. Assim, as reconfigurações de suas posições políticas foram forjadas posteriormente, tendo eles, mais ou menos conscientemente e concretamente, compartilhado a oposição à ditadura.

Para exemplificar essas relações, dinâmicas e reconversões, as trajetórias dos jornalistas Fernando Morais e Fernando Gabeira parecem emblemáticas. Ambos compartilham o pertencimento a uma geração mais velha, mais próxima da fase dita “romântica” da imprensa brasileira. Sem diplomas de jornalismo, tendo trabalhado em redações de Belo Horizonte – fazendo parte, portanto, também de uma geração de “jornalistas mineiros”, que se encaminharam para São Paulo e Rio de Janeiro, projetando-se nacionalmente –, Gabeira e Morais circularam entre o jornalismo, a política e a literatura, tal como vários nomes da “fase romântica” da profissão.

Ainda assim, algumas distinções também podem ser observadas entre eles. Gabeira seguiu de Minas para o Rio de Janeiro, tendo sido, entre 1964 e 1968, diretor do departamento de pesquisas do tradicional *Jornal do Brasil*, denominado por ele como a “meca do jornalismo do país”. Teve uma carreira, como o próprio caracterizou, “meteórica” (GABEIRA, 2017). Já Fernando Morais encaminhou-se para São Paulo, em 1965, para trabalhar no *Jornal da Tarde*, na época comandado por Mino Carta onde Morais fez grandes e premiadas reportagens (REVISTA IMPRENSA, 1992a).

Em 1969, Gabeira interrompeu suas atividades jornalísticas devido à participação na luta armada contra a ditadura, sendo preso, torturado e exilado – o que o manteve durante anos

afastado da profissão. Por outro lado, embora tenha sido perseguido e tenha se mantido escondido por um tempo, Fernando Moraes conseguiu escapar da prisão e negou-se a se autoexilar, enfrentando, porém, as censuras do período (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010). Continuou trabalhando como repórter e iniciou a publicação de livros, a partir de uma reportagem escrita para o *Jornal da Tarde*, sobre a Transamazônica, pela qual recebeu prêmio *Esso*: “Aí comecei a pensar o seguinte, não na hora, é claro, mas algum tempo depois: ‘Publicar reportagem em livro, primeiro, dá certo? Sim. Segundo, dá dinheiro? Dá mais do que eu ganho no jornal’, afirmou anos mais tarde (MORAIS apud RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 6).

O investimento em livros-reportagens marcou a trajetória tanto de Moraes como de Gabeira, que ao retornar do exílio¹⁴⁷ publicou livros sobre suas experiências, incluindo o best-seller da época *O que é isso, Companheiro?*, que vendeu mais de 250 mil exemplares, tendo mais de 40 edições (EDITORA TRAVESSA). Além disso, o livro inspirou o filme homólogo, do diretor Bruno Barreto, que chegou a concorrer ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 1998. No livro, Gabeira apresentava uma leitura crítica da luta armada, demonstrando arrependimento por ter participado do sequestro do embaixador americano, Charles Burke Elbric, e tentando “desfazer a imagem de radicalismo e violência” a que estava envolto (GABEIRA, 2012, p. 114)¹⁴⁸.

Além desse, como o próprio autor afirmou, os livros escritos por ele, tais como *O crepúsculo do Macho*, *Entradas e Bandeiras*, *Hóspede da Utopia*, *Nós que Amávamos tanto a Revolução* e *Vida Alternativa*, “apontaram novos horizontes no campo das mentalidades e colocaram na berlinda uma série de velhos conceitos da vida brasileira” (GABEIRA). Movido por ideias como a defesa da homossexualidade, da legalização da maconha e da ecologia, Gabeira pretendia demarcar suas mudanças ideológicas, como, por exemplo, a desvinculação do marxismo, o questionamento sobre a luta armada e sobre o papel revolucionário da classe operária, a mudança de ênfase na temática da luta de classes em direção às questões ambientais e de liberdade individual. A partir da década de 1980, conciliou, então, a elaboração de livros-

¹⁴⁷ Gabeira passou pela Argélia, Cuba, Alemanha, Chile e Suécia, transitando dos treinamentos de guerrilha em Havana até a preocupação com a ecologia, a causa feminista e a discriminação contra gays na Suécia. Neste país, Gabeira trabalhou como jardineiro, porteiro e maquinista de metrô assim como iniciou um curso de Antropologia – no qual veria mais abertura, do que no marxismo, a essas questões que “tinham implicância na [sua] minha existência cotidiana”: “Embora eu não soubesse precisamente o que fazer com as novas ideias no Brasil, elas me libertavam da expectativa de uma remotíssima revolução e abriam o caminho para aprofundar a democracia”, ele afirmou (GABEIRA, 2012, p. 111).

¹⁴⁸ A obra gerou a oposição de ex-companheiros, como Franklin Martins, que foi ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência, no governo Lula.

reportagem¹⁴⁹ e as colunas de jornais¹⁵⁰ com a vida política. Depois de ter sido candidato ao governo do Rio de Janeiro (1986) e à presidência da República (1989), ele foi ainda correspondente internacional da *Folha de S. Paulo*, em Berlim, cobrindo a queda do muro. Além disso, manteve uma coluna no mesmo jornal enquanto exercia o cargo de deputado. Nos anos 2000, teve empregos na *Folha*, na *TV Bandeirantes* e, desde 2013, é funcionário das *Organizações Globo*.

Por outro lado, Fernando Moraes afastou-se das páginas dos grandes jornais, enquanto profissional dos mesmos, a partir dos anos 1980. Em entrevista à *Revista Imprensa* de 1992, ao ser perguntado sobre os planos de voltar ao dia a dia do jornalismo, ele respondeu: “No dia em que deixar o serviço público não terei nenhuma cerimônia em bater na porta da *Folha de S. Paulo*, de *O Estado de S. Paulo* ou da *Rede Globo* para pedir emprego” (REVISTA IMPRENSA, 1992a, p. 29). Entretanto, desde então, o jornalista esteve fora dessas grandes redações e foi, paulatinamente, assumindo uma posição de combate à “grande mídia”, tendo criado o blog *Nocaute* em 2016 (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016). Antes disso, dedicou-se sobretudo à carreira de escritor e político. Segundo ele, seus livros poderiam ser publicados como série em jornais e revistas, já que se trata de “grandes reportagens” (RIBEIRO; BARONCELLI, 2010, p. 1). Tendo sido publicado em 36 países, Fernando Moraes consagrou-se como biógrafo e jornalista literário (PORTAL DOS JORNALISTAS), ganhando diversos prêmios de literatura e tendo seus livros inspirado roteiros cinematográficos.

Já Gabeira afirmou ter se arrependido de ter publicado a maioria dos seus livros, como o excerto que abre este subcapítulo explicita. Politicamente, Gabeira, que compôs a coligação PV-PT, tendo passado pelos dois partidos no período em que foi deputado federal e nas candidaturas dos anos 1980, foi paulatinamente rompendo com o PT: votou a favor das privatizações, em alinhamento com o governo do PSDB (REVISTA IMPRENSA, 1995); saiu do PT em 2003; e candidatou-se à prefeitura do Rio de Janeiro, em 2008, pelo PV em uma aliança com PSDB e PPS. Já Fernando Moraes, que foi deputado pelo MDB, ligado ao Quêrcia, considerando-se à esquerda do partido, foi se aproximando cada vez mais do PT e da figura de Lula.

Além da resistência à ditadura e do jornalismo praticado na época, outros momentos políticos também foram marcantes nas formações, ascensões e consagrações dos colonistas-

¹⁴⁹ Escreveu, por exemplo, *A maconha* (2000); *Greenpeace: verde, guerrilha da paz* (1988); e *Goiânia, rua 57 – O nuclear na terra do sol* (1987).

¹⁵⁰ Suas colunas foram republicadas em livros, como: *Diário da Crise* (1984); *Navegação na Neblima* (2006) *Manual dos Sobreviventes* (2009) e *Democracia Tropical* (2017).

jornalistas. Entre eles, a constituinte de 1988; as diferentes eleições presidenciais; o impeachment de Fernando Collor de Mello; os períodos de hiperinflação. Atrélada assim às coberturas de momentos históricos do país, a legitimidade dos jornalistas foi se forjando a partir das grandes reportagens e dos livros escritos sobre esses momentos-chaves. Com prêmios, citações em livros memorialísticos e reconhecimento de pares (sobretudo, jornalistas consagrados), eles foram alçando um lugar de prestígio na profissão. Bob Fernandes, por exemplo, já foi bastante elogiado por Mino Carta:

No dia seguinte [à despedida de Bob Fernandes da redação de Carta Capital], Mino escreveu um editorial sob o título *O Colecionador de Furos*. Afirmava: “Em dez anos e meio de Carta Capital, Bob foi decisivo na definição de rumos da revista, tanto como repórter especialíssimo, colecionador de “furos” autênticos, quanto como redator chefe desde 1997. De verdade, ele esteve presente em todas as páginas e suas reportagens marcam época’. Mino sempre trabalhou com os melhores. Nunca fez segredo de que considera Bob o número um. Um repórter sem rival, talvez nas últimas duas décadas. No editorial, renovou seu entusiasmo com uma profecia: um dia Bob vai voltar (VIANA, 2005, p. 19).

Outros jornalistas de política também tiveram relações com nomes consagrados no meio, como com o colunista Carlos Castello Branco. Eliane Cantanhêde, por exemplo, refere-se aos elogios de Castelinho como um dos momentos mais importantes de sua carreira, em diversas de suas entrevistas (CATANHÊDE, 2006, p. 60; REVISTA IMPRENSA, 2002a, p. 20; Entrevista de Eliane Cantanhêde com a autora, 2020):

Nesse dia, Castelinho, que estava numa outra sala – ele nunca vinha à redação, só entregava a coluna e ia embora –, atravessou tudo, veio lá na minha salinha e disse: “Vim te cumprimentar. É a coluna que eu gostaria de ter escrito”. Aquilo, para mim, foi inesquecível. Inesquecível! Eu trabalhava de nove da manhã até meia-noite, todo dia, e aquilo para mim foi tão importante, tão importante! Foi uma coisa muito legal do Castelinho, que era o ídolo de todos nós (CANTANHÊDE, 2006, p. 60).

Cantanhêde substituiu Carlos Castello Branco por um período no *JB* e Kramer tornou-se titular de sua coluna nos anos 1990. Merval Pereira é outro nome que também se refere a ele como “mestre”, tal como escreveu em um artigo publicado no jornal *O Globo*, em homenagem ao colunista: “No dia 25, o jornalista Carlos Castello Branco, uma espécie de patrono dos colunistas políticos brasileiros, o maior entre nós todos, teria feito 90 anos” (PEREIRA, 2010). Mais do que isso, Merval Pereira seguiu alguns passos do “mestre”: tornou-se também colunista político; escreveu um livro cujo título homenageava uma das obras de Castelinho – *O lulismo no poder*, escrito por Merval, inspirou-se no título *Os militares no poder*, de Castello Branco; candidatou-se e foi eleito à Academia Brasileira de Letras; e recebeu o prêmio *Maria Moors Cabot*, da Universidade de Columbia, também como Castelinho. Além do colunista de política, Merval também se inspirou em Evandro Carlos de Andrade:

Quando o conheci, Merval Pereira estava em sua segunda passagem pelo *Globo*, recém-chegado da Europa. **Aparentava desleixo no vestir e usava cabelos muito longos e em desalinho.** Assinava as mais importantes matérias de Polícia e **despertava minha admiração** de estagiário: eu queria “ser Merval”, se e quando fosse contratado! **Merval aprendeu muitas coisas com Evandro, inclusive a vestir-se, e tão bem que o sucedeu na direção de Jornalismo do *Globo*,** quando Evandro foi para a televisão. Foi o meu segundo entrevistado, por sugestão do Evandro. Aquela conversa sobre quem o sucederia ele interrompeu com um sorriso e um desafio: “Pergunte ao Merval, ora!”. (SZNEJDER, 2003, p. 43, grifos meus).

Seguir os passos dos colunistas consagrados e dos chefes carismáticos exerceu, assim, um efeito de legitimação dessas figuras nas posições que ocuparam e revelaram as expectativas que estabeleceram sobre suas próprias atuações. Da mesma forma, essas relações estabelecidas também se correlacionam com posições e tomadas de posição divergentes: enquanto Bob Fernandes saiu da grande imprensa e tem adotado posicionamentos mais alinhados à esquerda – assim como Mino Carta; Merval Pereira, Dora Kramer e Eliane Cantanhêde mantêm-se na grande mídia, com tomadas de posição (nos dois momentos de crise analisados no trabalho) mais próximas à (centro) direita.

Além das afinidades estabelecidas com chefes e nomes de prestígio da profissão, também aquelas firmadas com as fontes foram decisivas para as carreiras traçadas bem como para as tomadas de posição adotadas (ver subcapítulo 4.1 desta Parte) – evidenciando uma dependência dos jornalistas (sobretudo em fases mais iniciais da carreira e em posições mais dominadas) em relação a certos protetores na imprensa e entre a rede de fontes. O trecho da entrevista de Míriam Leitão marca com ênfase essa relação:

Nunca fiz **nenhum curso**, mas a quantidade de **economistas que entrevistei e torturei**, pedindo “**me explica isso, me explica aquilo**”, equivale a um curso. Passei horas com **os principais economistas do Rio**, conversando sobre os mais diversos temas. Quando achava que um assunto que eu não entendia ia estourar, perguntava: “Como é isso?” Por exemplo, quando a inflação começou a subir, cheguei na **PUC** e perguntei: “Quem entende de hiperinflação aqui?” Disseram: “**Gustavo Franco**”. Estacionei no Gustavo Franco. “Me explica, como foi a inflação alemã, a húngara, como é a lógica de hiperinflação, como se sai da inflação?” Quando assumi como **editora de economia do *JB***, o editor executivo do jornal, Flávio Pinheiro, achou, por bons motivos, que eu precisava saber mais sobre economia – e não apenas eu. Fez então um contrato com dois brilhantes economistas da PUC, **Rogério Werneck e Dionísio Dias Carneiro**, para que eles **almoçassem comigo e com os subeditores** uma vez por semana para **tirar as nossas dúvidas** e nos **alertar sobre novos fatos**. Foram **reuniões magníficas**, nas quais **aprendi muitíssimo**.

Pergunta: Você também lia muito sobre economia?

Míriam Leitão: Sempre li **os textos que os economistas produziam**. Li, por exemplo, **teses de doutorado e textos acadêmicos**, principalmente sobre estabilização. E sempre quis ler mais e conversar mais profundamente sobre economia. Acho que isso faz diferença, porque, em momentos dramáticos dentro da redação, se você não souber economia mesmo, pode errar na avaliação de uma medida (LEITÃO, 2006a, p. 86, grifos meus).

Em relação a outras editorias do jornalismo, a econômica vem recoberta do mito da linguagem cifrada acessível apenas aos especialistas, tendo, portanto, como critérios de concorrência a capacidade de compreender a matemática, a leitura de livros e textos acadêmicos assim como a interlocução com especialistas da área. Isso fica nítido também no relato de Luís Nassif:

Minha grande influência, que **me projetou** aí nos anos 1980 foi a **matemática**. Mas **não foi na faculdade** que eu aprendi. (...) Foi quando a inflação veio, ficou muito alta, na época aí. E a matemática era instrumento essencial para entender os golpes do sistema e tudo. Eu fiz um **curso de matemática financeira**, me deu noção dos conceitos financeiros e o **início da computação**, que eu **comprei uns dos primeiros computadores** que surgiram, você precisava montar programas, eu aprendi a programar para montar programas que... (...). Então, a minha primeira alavanca efetivamente foi a matemática (...) (Entrevista de Luís Nassif à autora, 2019, grifos meus).

De todo modo, os dois excertos acima deixam entrever as modalidades de formação por parte dos jornalistas de economia bem como o modo como o acúmulo de relações sociais, o domínio de conhecimentos específicos e até mesmo um certo capital econômico permitiram a esses jornalistas uma projeção na profissão. Carlos Alberto Sardenberg, também colunista econômico, adquiriu seus conhecimentos ao integrar a equipe do Ministério do Planejamento no governo de José Sarney, como coordenador de comunicação (ver capítulo 4 desta Parte), convivendo com os economistas da PUC, mas também com os da Unicamp.

Esses diferentes modos de formação engendraram também rumos diferentes das carreiras dos três colunistas-jornalistas de economia aqui analisados. Míriam e Sardenberg encaminharam-se para o *Grupo Globo*, onde permanecem até os dias atuais. Míriam manteve com os economistas da PUC-RJ uma relação de cooperação e certa identidade em termos de perspectiva econômica – o que se verifica, por exemplo, por meio de suas posições expressas em colunas, mas também de trocas, como a escrita de prefácios e artigos de homenagem (ver capítulo 1 da Parte II). Sardenberg, após o fracasso do Plano Cruzado, acabou conduzindo-se a posições mais liberais e pró-mercado.

Já Luís Nassif conciliou a posição na grande imprensa – na *Folha de S.Paulo* – com os investimentos em uma agência de notícias própria. Nos anos 2000, porém, ele começou a se afastar ainda mais da grande mídia, lançando um jornal na Internet. Assim, Luís Nassif, cujas experiências se deram sobretudo na cobertura do sistema financeiro, traçou sua trajetória em certa medida na concorrência com os economistas e com os grandes jornais, ao investir em um

serviço de informação próprio¹⁵¹ e ao lançar críticas a economistas¹⁵² e ao próprio jornalismo¹⁵³.

No livro *Cabeças de Planilha*, Luís Nassif se referiu também a Gustavo Franco:

Então me lembrei da monografia de Gustavo. Como não a encontrava em minha biblioteca, escrevi-lhe pedindo uma cópia. Sua resposta foi objetiva: “Eu não! Senão você vai usá-la para me atacar.” **Embora crítico acerbo dos erros de Gustavo, sempre nos demos muito bem. Sempre admirei seu brilhantismo, até para defender teses incorretas**, sua coragem de dar a cara a tapas, a maneira como apreendeu rapidamente as manobras de mercado, sua ambição política de querer mudar o país, e até sua longa purgação, tendo de carregar nas costas o estigma de ter cometido alguns dos mais graves erros da história econômica do país. (...) Uma leitura mais acurada permitia entender que o que encantava o jovem Gustavo não eram as formulações econômicas em si. Era algo muito mais sofisticado: **como aproveitar o momento para inverter o jogo de poder, mudar o país, impor uma nova elite. E tornar-se sócio dela.** (NASSIF, 2007, p. 13-14, grifos meus).

Embora em tom cordial e com a adição de elogios, as críticas direcionadas a Gustavo Franco no excerto acima, mas ao longo do livro também, destacam um posicionamento de distanciamento de Luís Nassif em relação ao economista. O livro rendeu reações, no volume *Cartas a um jovem economista*, no qual Franco apontou uma “patrulha” e explicitou a relação entre especialistas e jornalistas:

Existem dois tipos básicos **de patrulha**. A primeira e mais genérica é a patrulha rasa, nada ideológica, e que tem como substrato básico **o ciúme profissional e a glorificação do amadorismo e do jeitinho**. Ela se constrói a partir do ataque à ideia de uma “ciência” ou de uma “teoria” sobre um tema tão “prático” como a economia, que se aprende na “escola da vida”, praticando e observando, sobretudo sem muito estudo. Se a simples observação ou a convivência ensinasse nossa arte, **os melhores artistas seriam os críticos e os melhores economistas estariam no jornalismo especializado**. Sabemos que não é esse o caso, e isso não representa demérito algum para o jornalista; trata-se apenas de outra profissão. Hoje em dia, **a maior parte dos jornalistas especializados tem um excelente diálogo com os economistas, mas há os que constroem sua prática alimentando a desconfiança sobre o saber especializado do economista, os “cabeças de planilha”, como na delirante imagem de Luís Nassif**. No entanto, felizmente, o gênero está **definindo**, pois a economia está mais normal e o noticiário se tornou mais técnico, analítico e especializado. Mas não tenha ilusões: durante toda a vida profissional, vão desconfiar do seu saber (FRANCO, 2010, p. 41, grifos meus).

Outro nome que apareceu entre os alvos de crítica de Nassif foi o também economista estudado neste trabalho, Fabio Giambiagi, caracterizado como “notável especialista em destrinchar números para qualquer espécie de conclusão”, mencionando seu artigo como o “que talvez tenha sido a obra-prima do pensamento cabeça-de-planilha do período” (NASSIF, 2007, p. 240). Mas há que se destacar que Nassif também já se referiu a Lula como “o maior “cabeça-

¹⁵¹ Nassif chegou a ser apontado em algumas pesquisas como uma das pessoas “que mais influenciam a elite brasileira”, dividindo o primeiro lugar com Roberto Campos, assim como já foi considerado o “colunista mais lido pela alta burocracia pública” (HUGHES, 1995; VENCESLAU, NALDONI, 2005).

¹⁵² Elas ficam evidentes no livro *Cabeças de Planilha*.

¹⁵³ Elas ficam evidentes no livro *O jornalismo dos anos 90*.

de-planilha’ hoje”, ao criticar a política econômica adotada pelo ex-presidente, durante o período em que Antonio Palocci foi ministro (NASSIF, 2007).

De todo modo, a formação desses colunistas-jornalistas de economia se deu de forma pouco institucionalizada, contando com estudos relativamente autodidatas, mas também com o contato e as orientações de economistas importantes do país assim como com as coberturas que realizaram durante suas carreiras jornalísticas. Sem diplomas de prestígio que os legitimem a falar sobre os assuntos econômicos – tal como os economistas detêm –, suas credibilidades acabam assim ancoradas em maior ou menor medida nos economistas com quem estabeleceram e estabelecem interlocução, ocupando uma posição relativamente dominada em relação a esses profissionais. Quando, de alguma forma, tentam fazer frente às análises desses economistas *mainstream*, acabam se deslocando da posição de cooperação para a de concorrência – como no caso de Nassif – assim como perdem espaço no jornalismo também *mainstream*.

As trajetórias e dinâmicas abordadas neste subcapítulo apontam para o entrelaçamento entre o jornalismo e os poderes do momento. Bastante vulneráveis às mudanças políticas; relativamente dependentes da aprovação de chefes e figuras míticas da profissão; em uma relação em alguma medida de sedução e cooperação com as fontes; esses profissionais foram se formando assim como ascendendo nos meios de comunicação, tendo se tornado parte da elite da profissão, tentando equilibrar a imagem de “independência” e “credibilidade” com as negociações que precisam fazer com os diferentes poderes – internos ou externos. Nos próximos subcapítulos, traço alguns dos constrangimentos envolvidos nas posições de prestígio alcançadas – sejam elas as de colunista, chefes ou correspondentes internacionais.

NSA - Caso você recebesse um convite, deixaria o jornalismo para viajar pelo mundo tocando bandolim?
Nassif - Não, de jeito nenhum. **Jornalismo é um vício.** O bandolim é uma ferramenta para combater o vício.” (VENCESLAU; NALDONI, 2005).

“Você já pensou em deixar o jornalismo?

Eu, não! **Sou uma viciada!** Todo mundo diz que eu vou ficar de bengalinha na imprensa, brigando. E isso é muito bom!” (CANTANHÊDE, 2006, p. 77).

“Acho que eu morreria se deixasse o jornalismo. Posso até fazer outras coisas, contanto que possa conciliar. (...) **Eu adoro ficar tensa!** Gosto da tensão, preciso da tensão. **Detesto é não ter estresse.** Se um dia eu não tiver estresse, não tiver um *deadline*, não tiver nenhuma aflição, eu morro.” (LEITÃO, 2006a, p. 104).

“É difícil porque eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa. **Houve um certo tempo em que eu tinha muita pena de quem não era jornalista.** Eu não sabia como as pessoas conseguiam viver. “Como é não ser jornalista?”” (KRAMER, 2006, p. 125).

“ “**Minha saúde estava sendo sacrificada.** Estava ficando sem tempo para a minha família”. Perdeu o controle sobre a sua vida. E isso era impossível admitir. Se perder o controle, a vida sai dos trilhos, Descarrilha. Perde a liberdade. (...) Há seis meses, no mesmo restaurante, Bob desabafava: “**Estou brutalmente cansado. Exaurido.**”. Filosofava: “**Na nossa profissão, se você não se cuida, você se arreventa.**”” (VIANA, 2005, p. 16-17).

“Isso é somente uma amostra do turbilhão diário em que, invariavelmente se envolve a jornalista [Míriam Leitão] **polivalente** que o Brasil inteiro acompanha, seja pela tevê, jornal ou rádio. **Workaholic assumida**, devoradora compulsiva de jornais e qualquer outro tipo de acesso as informações (...)” (VENCESLAU; MORAES, 2004, p. 16).

Entre os jornalistas, prevalecem dois discursos comuns sobre a rotina de trabalho atribulada e estressante: por um lado, ressaltam ser viciados na mesma, não conseguir viver sem ela; por outro, em alguns momentos, reconhecem os prejuízos à saúde. Em uma rotina de trabalho cada vez mais acelerada, já que com as novas tecnologias, a publicação de conteúdo se tornou mais imediata assim como a atualização das informações passou a ser mais veloz, esses jornalistas – sejam *mainstream* ou não – tiveram também que acompanhar o ritmo, tendo, inclusive, que desenvolver novas habilidades, tornando-se profissionais multimídias a fim de se manterem no jogo. Segundo pesquisa de Bergamo et al. (2013) sobre o perfil do jornalista brasileiro, a carga horária de trabalho dividia-se da seguinte maneira: 43,3% trabalhavam de 5 a 8 horas; 40,3% entre 8 e 12 horas; 11,6% até 5 horas; e 4,8% em mais de 12 horas. Além disso, eles mantêm a lembrança dos tempos românticos do jornalismo em que, como disse Alberto Dines: “o jornalismo é uma das últimas profissões românticas. (...) É no sentido de que o jornalismo não é um emprego em que você chega, faz aquilo que a pauta lhe deu, cumpre o horário, e estamos conversados” (DINES, 2003, p. 154). Nesse sentido, embora as diferenças de gerações tenham imposto outras representações sobre o trabalho, esta memória ainda prevalece em certo sentido como forma de seleção dos “verdadeiros” jornalistas, vocacionados e entregues à profissão, em contraposição aos que apenas procuram um emprego. A dedicação do tempo de vida ao trabalho aparece assim como comprovação da vocação e distintivo de uma “elite do jornalismo”, sendo útil às empresas empregadoras.

3.3 OS COLUNISTAS NO JORNAL: PRESTÍGIO RELATIVO E DISPUTAS ENTRE PARES

Se, hoje, os mais jornalistas do conjunto de nomes estudados neste trabalho aproximam-se pelo fato de compartilharem a possibilidade de expressar suas tomadas de posição em colunas dos grandes jornais e revistas, em comentários de rádio e televisão ou em blogs na Internet, o caminho que os levou a essa posição não foi único, não apenas em termos dos veículos e empresas por que passaram (ver subcapítulo 3.6 desta Parte), mas também pelos postos que foram acumulando. Se alguns assumiram o lugar de colunista já nos anos 1980, permanecendo nesta posição, ainda que em veículos diferentes ou em blogs próprios, até os dias de hoje; outros tornaram-se colunistas após terem ocupado altos cargos de direção das redações; e há ainda aqueles que, tendo investido na fronteira entre o jornalismo, a literatura e a política, também puderam ocupar esse espaço no jornalismo opinativo mais recentemente. Sobre o lugar que o colunismo adquiriu na imprensa, Bergamo afirma:

No contexto das grandes empresas de comunicação, o rebaixamento social imposto aos jovens diplomados, submetidos à criação de “narrativas sem autor”, de um lado, e a total liberdade e autonomia que marcam as posições de maior prestígio, de outro (BERGAMO, 2014), teve como resultado a concentração de poder e autoridade na figura do “colunista”, e não mais do repórter, ainda que a reportagem seja um dos mais importantes capitais simbólicos do ofício, sem o qual as carreiras de maior

prestígio dificilmente podem ser alcançadas. Mas a reportagem gradativamente deixa de ser “atividade-fim” para tornar-se, cada vez mais, “atividade-formadora”, cujo caráter é eminentemente técnico, base para a produção de notícias e matérias jornalísticas. E a “grande reportagem”, tão prestigiada durante esse período, desloca-se em direção aos semanários e ao documentário. (BERGAMO, 2020b, p. 361).

Na hierarquia de uma redação, o posto de colunista certamente garante prestígio. A possibilidade de autonomia, a desvinculação relativa da redação, o poder de influência, a maior visibilidade e os salários mais atrativos tornam esse cargo cobiçado entre os jornalistas, tal como a explicação de Bergamo acima e os dois excertos abaixo deixam transparecer. Mas, se o prestígio de tal posição é inegável, o nível do mesmo não é, obviamente, estanque, sendo sempre relativo ao contexto, ao universo dos possíveis dentro de uma redação e aos momentos da carreira em que tal posição é conquistada.

É um **cargo muito cobiçado**. Tanto é que a **moçadinha** aí brinca... acho tão engraçado, garotada não tirou o velcro da fralda e quer ser colunista. Gente, não é assim, **tem que ter uma experiência**, a vida, tem que ter visto as coisas como é que funcionam. Não é chegar lá, ficar dando qualquer opinião, escrevendo qualquer bobagem. Então, é valorizado, sabe?! **É bastante valorizado**. Mas eu acho que... eu não sei o salário das pessoas, porque até para você não se irritar o melhor que tem é você não ficar sabendo o salário de ninguém. **Mas eu não acho que um colunista ganhe mais do que um editor**. Eu não sei. Principalmente, agora, que eu já estou muito tempo afastado [das redações]. Agora, dá **prestígio** (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*, grifos meus).

Pergunta: Foi a faculdade que permitiu essa entrada maciça das mulheres?

Míriam: Foi a faculdade que permitiu isso. Primeiro, houve **a entrada**; depois, houve o começo de uma **ascensão**, e a pergunta hoje é: as mulheres passarão para as **chefias** mesmo? A minha geração está pronta para o poder, está preparada, algumas mulheres são muito melhores que os homens que comandam as redações, mas o fato é **que são eles que comandam**. Acho que a geração que vem logo depois da minha é que vai quebrar isso. Hoje, a mulher vai até o nível **de média gerência**, chega às editorias especializadas, mas não é editor-chefe. Por quê? **Há uma barreira**, que nós mulheres conhecemos muito bem. Eu, por exemplo, construí a minha vida da seguinte forma: quando **vi que havia um muro na minha frente, decidi tomar outro caminho**, ser influente sem ter necessariamente cargo de chefia. **Ou seja, ser colunista. Colunista tem uma posição à parte, porque não está submetido à hierarquia do jornal**. Colunista corre por fora... (LEITÃO, 2006a, p. 104, grifos meus).

Os dois trechos deixam entrever a concorrência que se estabelece em torno dos postos superiores do jornalismo: as disputas entre diferentes gerações bem como entre homens e mulheres perpassam essa dinâmica. Na fala de Míriam Leitão, fica claro o ajuste feito pela jornalista em torno de suas expectativas e aspirações e as possibilidades objetivas de concretização. O nome que vinha fazendo como jornalista permitiu o alcance do posto de influência, mas não o de chefia. Assim, ainda que se tornar colunista tenha sido uma ascensão na carreira, a escolha também esteve limitada às possibilidades que pareciam abertas às mulheres de sua geração. Em outro trecho da entrevista que concedeu ao CPDOC, Míriam

afirmou, por exemplo, que caso não estivesse enganada, fora a primeira mulher a ser editora de economia (LEITÃO, 2006a, p. 85).

O depoimento de Míriam Leitão aponta para o processo de feminilização das redações (ABREU; ROCHA, 2006; MORAES, 2017), que parece ter engendrado em alguma medida as afinidades e escolhas das colunistas-jornalistas aqui estudadas. Míriam Leitão, Dora Kramer e Eliane Cantanhêde ingressaram na profissão em uma fase em que ela ainda era dominada por homens. Assim como Míriam acha que foi a primeira mulher a ser editora de economia, Cantanhêde acredita que o mesmo aconteceu com ela: “Havia muito poucas mulheres. E isso foi mudando. Hoje, quando você entra nas redações, vê uma mulherada danada, não só no topo, como na base. Aliás, acho que, como chefe e como colunista, eu fui a primeira” (CANTANHÊDE, 2006, p. 77). A urbanização brasileira a partir da década de 1950 possibilitou o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, com a inserção em profissões até então predominantemente masculinas (ABREU; ROCHA, 2006). A entrada das mulheres nas redações coincide ainda com a exigência do diploma de jornalismo para o exercício do ofício¹⁵⁴. Embora tenham conseguido atingir posições de prestígio e tenham ascendido na carreira, o desajuste entre as expectativas vislumbradas, as disposições forjadas e as posições de chefia perpassam o relato dessas jornalistas.

Além das diferenças entre homens e mulheres, há também uma disputa entre gerações. Assumir o posto de colunista com pouca idade tem maior valor simbólico do que quando se chega a ele em estágios mais avançados da carreira. Da mesma forma, com os blogs, as redes sociais e a Internet, ampliou-se na imprensa e nos canais audiovisuais os espaços opinativos, de modo que o prestígio relativo da coluna também decaiu: “Então, foi maravilhoso. Inclusive, porque era só eu [no jornal]. Não é hoje essa bagunça, trezentos colunistas. Um dos motivos pelo qual eu saí também. Entendeu?! Que eu não gosto de ficar dividindo espaço” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

No colunismo, a experiência torna-se o elemento que legitima esses jornalistas a escreverem suas opiniões e análises. A intuição conquistada pelo tempo de envolvimento com o mundo político, o traquejo na forma de expressar a opinião desenvolvido pela prática de anos e por meio do retorno dos leitores, a perda da timidez conforme a aceitação das pessoas

¹⁵⁴ Na pesquisa *Cultura e política no Brasil do final do século: a mídia*, realizada no CPDOC-FGV, entre 1997 e 2004, foram entrevistados 60 jornalistas do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre. Desse montante, 14 eram mulheres e todas elas tinham formação universitária – sendo 72% em cursos de jornalismo ou comunicação (ABREU; ROCHA, 2003). Entre os homens, porém, havia vários sem graduação, oriundos de outras gerações da imprensa (Ibid.). De acordo com a pesquisa realizada pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em 2012, 64% dos jornalistas brasileiros já eram mulheres (MICK; LIMA, 2013).

conjugam-se com as dificuldades financeiras de se desenvolver um trabalho de reportagem no jornalismo atual:

Qual é o **problema do jornalismo hoje**? Você cobrir um episódio tipo a Lava Jato, você tem que estar em Curitiba, pagar hotel, avião, você faz uma matéria, um minuto depois aquilo já não lhe pertence, **você gasta um puta dinheiro, aquilo já é de todo mundo**. Esse é um dos problemas do jornalismo hoje. É o **custo dele**. Então, o que eu procuro fazer é **cenarizar as pessoas e tentar intuir para onde nós estamos indo ou ver para onde nós estamos indo**, o que será daqui a pouco. As pessoas não conseguem, com essa quantidade de informação, entender o que está acontecendo (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros, grifos meus).

A condição de colunistas-jornalistas experientes os coloca em uma posição de dupla faceta: eles têm, assim, o privilégio e a pena de não mais se ligarem às *hard news*. Se, por um lado, o prestígio conquistado com os anos de trajetória e as coberturas consagradas os permite sair de Brasília, afastar-se da rotina pesada de viagens e apurações no congresso, deixando-os assim mais abertos às suas próprias análises; por outro, o furo e a informação exclusiva detêm o potencial de deixar vivo o jornalista. Ou seja, sendo o jornalismo dependente de novas informações e tendo cada vez mais gente expressando suas análises no mercado de opiniões – inclusive, nomes mais especializados e com maiores volumes de capital –, distanciar-se da *hard news* significa em alguma medida se afastar do auge da profissão.

Observando a trajetória desses colunistas-jornalistas é possível perceber diferentes movimentos de direcionamento para o colunismo. Entre a segunda metade dos anos 1980 e 1990 – após portanto o processo de formação na profissão, que eles vivenciaram sobretudo nas décadas de 1960 e 1970 –, esses colunistas-jornalistas tomaram diferentes rumos. Aqueles sem diploma direcionaram-se, em sua maioria, para a literatura e a política (no caso dos mais velhos, Fernando Gabeira e Fernando Moraes) ou para os cargos de chefia (como fizeram Augusto Nunes, Merval Pereira e Paulo Moreira Leite). A reconversão dos trunfos jornalísticos adquiridos em competências administrativas foi uma das estratégias utilizadas pelos profissionais não diplomados para a permanência nas empresas de comunicação, diante da promulgação do Decreto-Lei n. 972, que instituiu a obrigatoriedade do diploma (MORAES, 2017)¹⁵⁵. Outro caminho tomado pelos jornalistas, sem ou com diploma, foi a transferência para o colunismo (as mulheres assim como os jornalistas de economia, Carlos Alberto Sardenberg e Luís Nassif, fizeram essa trajetória). E, além de alguns postos de comando, outros tiveram a oportunidade de ocupar o de correspondente internacional (como Bob Fernandes, Paulo

¹⁵⁵ Nesse contexto, os escritores e intelectuais puderam continuar, de alguma forma, contribuindo com os jornais, como cronistas ou colunistas, mas deixaram de integrar as redações (ABREU, 2017, p. 149). Já os repórteres que não detinham tanto prestígio à época acabaram sendo substituídos por profissionais com diploma, sendo, portanto, encaminhados às assessorias de comunicação, inclusive de políticos, no momento da redemocratização (MORAES, 2017, p. 44-45).

Moreira Leite, Paulo Henrique Amorim, Mario Sergio Conti e Fernando Gabeira). Nos subcapítulos anteriores e neste, foram abordadas as posições de jornalistas-escritores e de jornalistas-colunistas de política e de economia; nos próximos, serão analisadas as de chefia e correspondência internacional.

“É muito mais fácil dizer: sei que existe, mas nunca aconteceu comigo. Mas eu prefiro dizer a verdade: **Sim, sofri assédio**. Sofri assédio até hostil, que me fez perder emprego. Já ouvi frases desagradáveis. (...) Certa vez eu fiquei **grávida quando estava desempregada**. Achei que aquela barreira eu jamais venceria, jamais conseguiria emprego estando grávida. Fui contratada por Sidnei Basile da *Gazeta Mercantil*, que nem me conhecia, mas achou que **eu tinha talento** e disse que a gravidez não era um problema. Aquele fato me deu a certeza de que o mundo estava mudando. Para melhor.” (LEITÃO apud MOTTA; MENEZES, 2000).

“Dois dias depois, o André, arrependido, porque era uma boa alma, me pediu desculpas e **me deu uma boneca Barbie**, que ele dizia que era parecida comigo...” (CANTANHÊDE, 2006, p. 54-55).

“Uma vez o meu chefe, que na época era Dirceu Brisola, sentou comigo na sala dele e disse assim: “Eliane, por que você agora vive reclamando, quer espaço, quer tudo? **Você é tão bonita**, todo mundo aqui gosta tanto de você, do que é que você reclama?” Olhei para ele e chorei, porque não tinha o que dizer. O que é que eu ia dizer? “Eu não quero ser bonita, **quero que reconheçam a minha competência, o meu trabalho, a minha dedicação**” (CANTANHÊDE, 2006, p. 58).

“Às vezes vejo que o **olhar feminino**, principalmente para a política, funciona muito, **porque é sutil**. Como a mulher é relativamente nova na profissão, talvez ela não repita alguns cacoetes e consiga ter uma linguagem nova. O olhar feminino é diferente, e a linguagem feminina é diferente (...) Serra, por exemplo, acha que jornalista mulher é melhor. **Aí começa o machismo**. “Por que mulher é melhor?” “**Porque a capacidade de vocês de fantasiar é muito maior**.” “Ah, a capacidade de *fantasiar* é maior?” Se procurar explicação, você vai acabar achando uma na teoria da raça superior. **Aí não vai dar...** Há também a história de que no jornalismo trabalha-se com vaidade, **as mulheres seriam mais vaidosas** e por isso começaram a entrar na faculdade, quando o canal de entrada no jornalismo deixou de ser a boemia. **Quando o canal era a boemia – que não é um ambiente frequentado majoritariamente por mulheres –, não havia mulheres nos jornais**. Quando vem a faculdade, você amplia a entrada, e é aí que as mulheres vão fazer jornalismo. Por quê? **Sensibilidade, vontade de escrever, vaidade, desejo de aparecer?** Jornalismo é uma *egotrip* completa.” (KRAMER, 2006, p. 129-130).

“Sofri muito no Globo, porque trabalhava muito, me desgastava muito, **ficava muito tensa e apanhava muito**. Era uma relação muito **áspera**. Apesar disso, a sucursal de Brasília é maravilhosa, é uma sucursal muito bem formada, que tem piloto automático, que tem grandes talentos. Trabalhamos muito bem na CPI, tanto que os outros jornais reconheciam isso. Mas todo o mérito era do pessoal do Rio, **e eu só tinha o demérito**. A coisa foi degradingando, e acabei sendo demitida do Globo, em dezembro de 1993. Eu estava **tão estressada** que 15 dias depois tive um câncer de pele bem na cara, no nariz. Acho que politicamente fui muito mal no Globo, fiquei **insegura, acuada**, mas o efeito profissional foi bom. Minha gestão deixou como saldo um bom trabalho escrito e publicado. Mas um mau trabalho de relacionamento. **Vou fazer o mea culpa: é claro que eu também não consegui me impor, poderia ter tido mais habilidade. Mas não sou muito de fazer jogo interno**” (CANTANHÊDE, 2006, p. 65-66, grifos meus).

“Eu entrei nessa competição que existe no jornalismo **com armas masculinas, ou seja, na cotovelada**. Eu me lembro que durante o meu período de chefia, de operação, de execução de jornal, a imagem que eu faço de mim mesma é a de uma mulher descabelada, mal vestida, descuidada, que trabalhava 15 horas por dia e que sentava com os colegas homens para ficar discutindo sobre a “garotinha bonitinha”. Na hora de demitir **eu era muito dura**, na hora de contratar eu era muito dura e, na hora de reclamar, eu também era muito dura... E agora, com a maturidade, **me dou o direito de ir recuperando a minha feminilidade aos poucos, de ficar vaidosa, de ter aquele olhar feminino**, porque eu não sou um homem, eu sou uma mulher. Porque meu jeito de lidar com os outros, seja com as fontes, seja com colegas, seja com desafetos, **é com um jeito feminino**, acho que é muito bom e **não tenho que brigar com isso**, ao contrário. Hoje é muito mais fácil...” (CANTANHÊDE apud REVISTA IMPRENSA, 2002a, p. 26, grifos meus).

“Pergunta: E você assumiu uma chefia **muito jovem** para os padrões da época... Como foi?

Merval Pereira: Em 1977, **eu tinha 27 anos e assumi a chefia da sucursal** em Brasília, ainda no governo Geisel. Não foi difícil, a sucursal era excelente. E eu era repórter. O fato de um repórter assumir a chefia já foi uma coisa muito boa para o grupo. Era um grupo que se dava muito bem, **tinha uma ótima convivência**. Outra coisa: eu tinha um contato muito forte com o Globo, no Rio. Conhecia todo mundo, bastava pegar o telefone. E tinha um **acesso muito grande ao Palácio, que na época era a grande fonte de Poder e de informação**” (PEREIRA, 2003, p. 51, grifos meus).

“Já fui **um chefe muito autoritário**. Também, pudera, tive bons mestres. (risos) A pessoa que mais influenciou na minha vida profissional foi o Evandro. E o Elio Gaspari, outra de minhas admirações, também é um autoritário de marca maior. Mas os tempos eram outros; essa era a prática nas redações. Hoje reconheço que é impossível comandar um grupo minimamente capaz na base do autoritarismo. Prefiro conversar, embora às vezes me **arrependa desse democratismo e tenha vontade de exercer o poder com mais** rigor. (risos) De vez em quando tenho uma recaída. Às vezes, é preciso.” (PEREIRA, 2003, p. 57, grifos meus).

“Mas havia também a resistência, essa mais complicada, da parte da família que estava no Jornal da Tarde e hoje controla o Estadão, que se refere ao Estadão como “o jornal do vovô”. Isso é muito sintomático: quer dizer que para eles, o tio, dr. Júlio Neto, já era usurpador. Quando apareceu alguém com um **sobrenome plebeu** – fui o primeiro diretor de redação que não tinha o sobrenome Mesquita –, **evidentemente era o representante do usurpador**. Esse era o problema. **Mas eu gosto desse tipo de combate**. Quem renuncia a ele não quer combater. **É até estimulante, em certa medida**. Mas também não faz sentido transformar isso em rotina. Foi por isso que, um mês antes de tirar a **última carta da manga** e concluir a reforma, acertei minha ida para a Zero Hora, sem que ninguém soubesse. Eu sabia que dali em diante iria entrar numa rotina chata, de brigas diárias, sem nenhuma grande mudança que eu pudesse **usar como trunfo**” (NUNES, 2003, p. 306).

Os excertos acima colocam em evidência algumas das formas de dominação masculina (BOURDIEU, 2002) no universo jornalístico. Os últimos cinco demonstram as diferenças de percepção acerca das experiências de chefia entre homens e mulheres. A dificuldade em se impor, a ausência de reconhecimento, a falta de traquejo para as disputas internas, no relato de Cantanhêde, contrapõem-se à forma como os colunistas-jornalistas homens descrevem a suposta “naturalidade” com que se adaptaram aos cargos, mesmo em condições relativamente desfavoráveis – mais jovens ou com sobrenome plebeu. A habilidade no combate e em transformar mudanças em trunfos assim como a capacidade de liderança são frequentemente ressaltadas nos depoimentos desses colunistas-jornalistas – as formas de socialização masculina contribuem, por um lado, para forjar o gosto por tais combates e, por outro, para minimizar nos relatos a posteriori as próprias fragilidades e sofrimentos que possam ter enfrentado. Já para as mulheres, o *mea culpa* as faz, por um lado, assumir suas supostas fragilidades e, por outro, expressar que não farão delas desculpas para os fracassos representados como individuais. Além disso, a masculinização pela qual passaram para ocupar tais cargos nas redações também ficam evidentes em alguns dos relatos. É interessante notar como, nas entrevistas que concedem, nos perfis publicados sobre suas vidas profissionais, essas mulheres vão demonstrando um ajustamento em relação às demandas do mundo masculino das redações. Inseridas nas mesmas em uma fase em que ainda eram dominadas por homens – não apenas em termos de hierarquia dos cargos, mas também em número de profissionais –, mas na qual se iniciava o processo de feminilização, a fim de garantirem a permanência nos empregos assim como suas ascensões, essas mulheres tiveram que se adaptar às regras implícitas e explícitas para as jornalistas. Demonstrar-se forte, mas ao mesmo tempo seduzir o chefe, a fonte, o colega constituem as transições pelas quais essas mulheres foram passando. A gratidão pelos chefes, a simpatia por homens intelectuais gentis e cordiais que lhe elogiaram ao longo da carreira, a necessidade de se demonstrarem prontas ao trabalho a despeito das dificuldades com a maternidade e as vidas íntimas, a demonstração de força expressam a posição dominada que essas mulheres ocupam em um espaço intermediário entre poderes historicamente masculinos: o político, o econômico e o jornalístico. Mas essas adequações também estão presentes, em

alguma medida, nas narrativas de alguns dos homens jornalistas no processo de acomodação em relação aos cargos de chefia e às redações dos grandes jornais. Se a afinidade com profissões mais intelectuais guarda uma relação com a feminização (MICELI, 2001b; BOURDIEU, 2015a), a homologia estrutural em termos de cargos e veículos associa os dominantes a uma masculinização. No processo de endurecimento e adequação a que as jornalistas (mas também os jornalistas) foram sendo submetidas durante a carreira, suas posições políticas assim como suas performances também parecem ter transitado de posicionamentos mais à esquerda durante a ditadura para os mais próximos à (centro) direita contemporaneamente. Se, por um lado, parece haver um paralelismo entre a adequação às regras da redação e do mundo masculino do poder e suas tomadas de posição mais conservadoras dos pontos de vista políticos e econômicos; por outro, o distanciamento em relação à esquerda sindical, representada pelo PT e pela figura de Lula, também parece se relacionar ao desajuste entre suas condições de mulheres de classe média – vivenciando a ascensão no trabalho e as experiências de certa liberdade sexual associadas às redações – e as formas de expressão de uma masculinidade de classes populares.

“Fiquei lá um ano mas, no fim desse tempo, o editor-chefe Paulo Torre saiu do jornal, e o que o substituiu me chamou e disse: “Você é ótima, mas vou demiti-la, porque **você não tem a menor noção do que seja hierarquia**” (...) Esse era outro problema que me causava muito transtorno no início da minha vida profissional: é que eu **sempre fui muito ‘atrevida’**”. Sempre fui capaz de dizer para o chefe que ele estava errado. Essa irreverência é uma coisa boa no jornalismo, mas existe **um tom certo**, e talvez no começo eu não soubesse muito bem qual era o tom. Eu era uma força cega” (LEITÃO, 2006a, p. 82).

Nesse período você cobriu o Palácio também para a *TV Globo*, certo?

Quando fui para Brasília, a ideia era que os repórteres especiais fizessem isso. Fiquei um ano trabalhando para a TV, ganhando o salário da televisão, e não conseguia entrar no vídeo porque a Alice Maria **achava que meu bigode era torto**. (*risos*) Ela dizia que eu tinha dificuldade na televisão. Com esta fama de que a Alice não gostava, **ninguém me colocava no ar**. Eu tinha boas notícias, passava, mas não aparecia. Hoje somos amigos, ela já desistiu de consertar meu bigode e **acha até que eu tenho boa desenvoltura na televisão**” (PEREIRA, 2003, p. 51).

“No Planalto Central, **em meio a diplomatas, embaixadores, altos escalões e chefes de estado**, [Míriam Leitão] **aprendeu a usar vestidos longos e sapatos de salto alto**, logo ela, acostumada, até então, com os jeans, tênis e uma indumentária típica de bicho-grilo. “Descobri que, às vezes, a roupa faz parte das suas ferramentas de trabalho”, pondera, reconhecendo que **demorou um pouco para se enquadrar nos padrões visuais da Rede Globo**, depois que assumiu o posto de comentarista econômica da emissora em seus telejornais, fazendo dobradinha com Joelmir Beting, a partir de 1995” (VENCESLAU; MORAES, 2004, p. 17).

“Eu **usava cabelos compridos**, bem compridos, como muitos jovens da época. Caban me olhou e me mandou logo fazer uma reportagem numa delegacia. **Fui tratado com tanto preconceito pelos policiais**, que me olhavam **como se eu fosse hippie e não jornalista**, que entendi o truque do Caban. Em vez de me mandar cortar o cabelo, me fez sentir na carne os problemas que teria. Resultado: **cortei o cabelo imediatamente**” (PEREIRA, 2003, p. 49).

“Como se consegue a informação? Primeiro, é preciso ter uma abordagem que varia, que depende do meio em que você está. Quando você vai fazer uma cobertura no mato, **põe calça jeans e botas**; quando vai fazer uma cobertura no Congresso, **põe uma sandalinha alta, um vestidinho**. Do mesmo jeito, você aborda um peão, no mato, de uma forma, e um senador da República, de outra; aborda o general Geisel de uma forma, e um jovem deputado do PT, mais novo que você, de outra. **É até um pouco de encenação, que a profissão exige e que eu acho legítima**” (CANTANHÊDE, 2006, p. 70)

Os ajustes que esses jornalistas tiveram que fazer em termos de vestimenta, corte de cabelo e postura, não apenas para a atuação na televisão, mas mesmo no relacionamento com as fontes, demonstram a distância entre os períodos de formação, as passagens nas universidades e na militância política em relação à atuação na grande imprensa e à circulação nos espaços de poder. Mais do que a posição dominada desses jornalistas perante os agentes do

poder, tomadores de decisão e chefes, esses ajustes apontam também para as reconversões em termos de postura e visões de mundo que tiveram que ser feitas para a ascensão e a manutenção na carreira. Entre as tomadas de posição mais à esquerda e o desleixo nas formas de se vestir, de um lado, e a adaptação às esferas de poder – em termos de comportamento, gosto, mas também ideias –, de outro, há um trabalho de aprendizagem e adaptação que parece domar as posturas mais “rebeldes” da juventude – tal como eles, em geral, destacam ter sido – e conformá-los às lógicas do poder e do “mundo tal como ele é”.

3.4 OS CHEFES-JORNALISTAS: A DISSOLUÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE O POLO CULTURAL E O POLO COMERCIAL

Desde o dia 14 de março, quando assumiu o cargo de diretor de redação de *O Estado de S. Paulo*, **com plenos poderes e carta branca**, Augusto Nunes enfrenta, agora na prática, o desafio que costumava encarar como diletantismo: promover uma radical mudança editorial e gráfica no *Estadão*, o jornal mais tradicional do país. (...) Passou em 1972 para a revista *Veja*, onde entrou como redator de Cidades, e oito anos mais tarde era redator-chefe. A **carreira meteórica** foi quase toda feita nas pretinhas. Augusto ficou mais conhecido **por seu texto do que como repórter** e produziu 120 capas ao longo dos doze anos de *Veja*, onde foi redator, repórter, editor assistente, editor de política e redator-chefe durante quatro anos. (REVISTA IMPRENSA, 1988, p. 35 e 41, grifos meus).

A militância ficou para trás, quando percebeu “que aquilo não iria dar em nada”, e Conti mergulhou na profissão. Começou como repórter na *Folha de S. Paulo*, passou pela *Ilustrada*, o extinto *Folhetim*, para desembarcar em *Veja*, onde fez **carreira fulminante**. No espaço de nove anos foi repórter de *Geral*, editor-assistente e editor da seção *Brasil*, editor de *Artes e Espetáculos*, editor-executivo e, finalmente, diretor de redação. Sob sua batuta, a revista passou por diversas mudanças e exibiu um **fôlego invejável na cobertura do Collorgate**, sendo responsável por alguns dos **seus maiores furos**, como a entrevista de Pedro Collor e a reportagem sobre os jardins da Casa da Dinda (REVISTA IMPRENSA, 1992b, p. 25, grifos meus).

Os trechos que narram as ascensões dos colunistas-jornalistas que ocuparam cargos de chefia nas grandes empresas jornalísticas do país tateiam questões como o sucesso na carreira, a rapidez da ascensão, o reconhecimento de pares, os trunfos acumulados. A centralidade desses postos em uma redação fica evidente pelas dificuldades de inserção nos mesmos, tais como aquelas mencionadas no subcapítulo 3.3: a condição de mulher, o sobrenome não familiar, a idade, o pouco tempo de experiência. Em contraposição, certos trunfos acumulados contribuíram no desvio em relação a essas supostas desvantagens: a rede de contatos com chefes, políticos e outras fontes permitiu a entrada e o sucesso nos cargos de chefia, sendo as posições legitimadas ainda pelas premiações alcançadas prematuramente (como o *Prêmio Esso*).

Até os anos de 1950, os jornalistas também ocupavam funções administrativas. Com a modernização da imprensa e a transformação do jornalismo político-literário no jornalismo-empresa, essas funções passaram a ser executadas por profissionais especializados em administração (RIBEIRO, 2003). Isso se reverte, porém, no segundo período de modernização,

já nos anos de 1980, quando jornalistas voltam a ocupar cargos executivos, desta vez, porém, dotados de um perfil mais pragmático do que os jornalistas tidos como românticos das décadas anteriores.

As chefias estão assumindo tarefas antes executadas por não jornalistas, como as de administradores de orçamento e de recursos humanos. As várias editorias são chamadas a fazer orçamentos anuais e a observar a relação custo-benefício de qualquer ato que provoque gastos. Até os anos 1960, a maioria dos jornais de grande circulação era de propriedade familiar e administrada pelo dono. Nas décadas de 1970-80, o poder adquiriu outra dimensão: não está mais na mão de um só dono, é exercido por um número maior de membros da família, quem dirige são os membros da segunda geração. Os novos gestores são homens que administram conglomerados que incluem diversos setores empresariais, como hotéis, empreendimentos turísticos e empresas distribuidoras de publicações. Os proprietários dos meios de comunicação se tornaram homens de organização submetidos à racionalidade da empresa, a determinações profissionais de variadas especializações (economistas, administradores, engenheiros de produção, engenheiros de informática), a conselhos de administração, a comitês de diretoria e a coordenações (ABREU, 2017, p. 142-143).

Em posições de poder, esses jornalistas que se tornaram chefes passaram, então, a se aproximar muito mais de interesses executivos e empresariais. Em entrevistas, Augusto Nunes já relatou, por exemplo, as demissões que executou nas redações que comandou: segundo ele, demitiu 130 funcionários no *Estadão* e a mesma quantia no *Zero Hora*. Além da oposição sindical – que, em suas palavras, “reagia a qualquer demissão como se fosse um problema nacional” –, o atual colunista ganhou fama nas rodas de jornalistas: “Eu ia para uma palestra e ficava ouvindo coisas do tipo: “Você tem fama de quem demite”. Eu dizia: “Devia também ter fama de quem contrata, porque eu substituo.” (NUNES, 2003, p. 316-317). As consequências do surgimento de um novo papel possível a ser desempenhado pelo jornalista incluem a proximidade com setores comerciais e, portanto, a dissolução das fronteiras entre o polo cultural das empresas jornalísticas e o polo comercial.

Para um jornalista, incorporar funções executivas é bom, é necessário, desde que não absorva todo o seu tempo. Se isso acontecer, ele acaba não criando nas áreas e funções que são a sua especialidade. **Como jornalista, tenho de fazer tudo o que um executivo faz.** Mas, fundamentalmente, preciso cuidar da capa, do conteúdo, preciso continuar a escrever. **Nunca deixei de escrever. Mas tenho que me entender muito bem com o gerente de circulação, com o diretor comercial, com o pessoal do setor industrial.** Nesses contatos surgem possibilidades infinitas, que antes as redações não aproveitavam porque tratavam todos os demais setores como empregados, que tinham que transformar numa coisa material, palpável, aquilo que nós, os gênios, produzíamos (NUNES, 2003, p. 322, grifos meus).

Estamos procurando **um caminho que coloque o jornalista com visão de negócios, sem perder o foco jornalístico. Porque obviamente é uma besteira fazer um jornal que vá acabar porque não dá lucro.** Mas o lado comercial não pode se sobrepor ao jornalístico, sob pena de você perder a credibilidade, como aconteceu recentemente no caso do *Los Angeles Times*, um caso emblemático e que, graças a Deus, terminou em fracasso do Mark Willes (*risos*). A esse respeito, gosto de contar uma história do Abe Rosenthal, famoso editor do *New York Times*. Estando em uma festa em Nova York, ele foi se irritando com os elogios que ouvia sobre o *New York*

Herald Tribune. “Esse, sim, é um grande jornal, com estilo”, dizia um. Outros se referiam a grandes reportagens publicadas pelo *Herald*. Até que o Rosenthal pegou uma nota de 1 dólar, deu ao falastrão e pediu: “Desce ali na esquina e compra um jornal desses para eu ver”. O cara, espantado, respondeu: “Ora, Abe. Você sabe que o *Herald* não existe mais”. Ao que Rosenthal respondeu: “Então bom é o meu, que continua saindo todos os dias”. (PEREIRA, 2003, p. 55, grifos meus).

Esses postos de chefia, que ocupam o topo da hierarquia em uma empresa jornalística, por um lado, são dotados de mais poder e maior retorno financeiro; por outro, tornam essas figuras mais dependentes não apenas do campo econômico, mas também das relações interpessoais dentro da redação – seja com pares e subordinados seja com donos de jornais e fontes importantes. Mas, se os postos de comando proporcionam rentabilidade econômica, poder de decisão e interlocução com pessoas importantes, escrever uma coluna ainda garante a eles visibilidade diante do público, além de suas manutenções no jornalismo.

Eu não teria ganhado nenhum prêmio desses se continuasse diretor de redação. (...) o reconhecimento da direção de redação é um reconhecimento interno e, claro, prestígio, a força política do cargo, é evidente. Mas é muito pouca gente que sabe quem é você ou qual é a sua importância. Escrever a coluna e aparecer na televisão e no rádio dá uma dimensão muito maior a sua figura, como jornalista (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Por isso, muitos deles continuaram escrevendo a despeito de ocuparem os cargos de chefia bem como direcionaram-se para o colunismo após a trajetória nesses postos. Sinteticamente, a trajetória dos chefes demonstra a importância de tais cargos na aproximação desses nomes ao polo mais administrativo das redações e, portanto, mais influenciado economicamente, assim como no estabelecimento de tomadas de posição mais conservadoras e ligadas aos polos de poder enquanto exercem tais funções, podendo elas ser reconvertidas em outros posicionamentos posteriormente ou não.

3.5 OS CORRESPONDENTES: A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO TRUNFO

P [Vitor Szejder] - Eu me lembro de você ter comentado uma vez que gostaria de ser **correspondente internacional**...

R [Merval Pereira] - É verdade, um projeto que sempre tive e ainda tenho... E nessa ocasião da *Veja*, que eu comentava, cheguei a conversar com o Elio, porque ia vagar o cargo de correspondente em Paris. Mas acabei vindo para o Rio, **chefiar a sucursal** da *Veja*, e de lá voltei para o *Globo* como **editor-chefe adjunto**, em 85 (PEREIRA, 2003, p. 53, grifos meus).

Estava anunciado que eu **seria diretor de redação**, mas eu também não ia ficar torcendo para cair o avião com o Guzzo e o Elio Gaspari. Quis então ficar um **tempo no exterior, porque era uma maneira de sair ficando**. Mas a ideia não deu certo e achei que ou eu me aposentaria na *Veja* ou sairia naquela hora. Eu estava com 36 anos. Você queria ir para onde, no exterior?

Nova York. O Guzzo dizia que me pagaria 4 mil dólares. Eu já estava casado, com duas filhas, e respondia que com aquilo não poderia morar em Manhattan. Ele argumentava: “Mas eu não estou pedindo para você ir, estou pedindo para ficar. Aqui

eu te dou aumento.” Elio Gaspari perguntava o que é que ia fazer lá, dizia que o meu negócio era aqui (NUNES, 2003, p. 301, grifos meus).

Enquanto Merval Pereira e Augusto Nunes não conseguiram concretizar os projetos de se tornarem correspondentes internacionais, encaminhando seus esforços e investimentos para os cargos administrativos que ocuparam, Paulo Moreira Leite, Bob Fernandes, Paulo Henrique Amorim, Fernando Gabeira e Mario Sergio Conti intercalaram os cargos de chefia e repórter especial com as experiências como correspondentes internacionais. Se, de um lado, o cargo de correspondente envolve um nível de cobiça e prestígio, ele pode ser também uma forma ambígua de ascensão a depender do momento da carreira: um modo de se afastar em certa medida da redação sem ser demitido, de “sair ficando”.

As posições de articulista, repórter especial e correspondente internacional bem como o afastamento das redações possuem um duplo e ambíguo sentido: se, por um lado, são consequência e causa de uma maior autonomia em relação à rotina cotidiana do jornal, possibilitando aos profissionais consagrados ou em vias de consagração uma maior liberdade em relação às práticas e normas institucionais absorvidas e reforçadas pelo dia a dia das redações; por outro lado, podem ser um mecanismo de afastamento de jornalistas experientes e prestigiados em relação às decisões e dinâmicas internas – ou seja, uma forma de afastá-los sem demiti-los e, portanto, sem deixá-los disponíveis à concorrência. Além disso, se a ausência de contato diário com a redação e outros jornalistas, em uma prática profissional mais solitária, pode, em alguns casos, aproximá-los de uma postura mais “independente” ou “alternativa”; é possível também considerar que a falta de reforço regular das normas profissionais, por meio da inserção em uma estrutura organizacional e profissional, pode deixar esses jornalistas mais vulneráveis às pressões do mercado, da política e das influências não jornalísticas (MARCHETTI, 2005, p. 75).

A propulsão para esse movimento pode ser do jornal ou do próprio profissional. Paulo Henrique Amorim foi o primeiro correspondente da revista *Veja* em Nova York, em 1968: “Mudou a minha vida, minha maneira de ver o mundo, de ver a profissão. Isso foi, para um cara de 25 anos, uma experiência que marcou, uma pós-graduação em jornalismo muito importante” (REVISTA IMPRENSA, 2002b, p. 22). Já Paulo Moreira Leite mencionou, na entrevista que realizei, o fato de ter sido colocado como repórter especial por um editor de direita que assumiu o cargo na *Veja* e que colocou certas limitações ao seu trabalho. Ao decidir sair da revista, o jornalista recebeu uma proposta para ser correspondente da *Gazeta Mercantil* em Washington, afirmando: “Ai, eu estava saindo por cima” (Entrevista de Paulo Moreira Leite à autora, 2019),

o que demonstra, portanto, o quanto o significado dessas transações pode se modificar em relação ao contexto. Leite já tinha sido correspondente em Paris, pela *Veja*, nos anos de 1980.

Bob Fernandes também foi correspondente nos Estados Unidos, no início dos anos 1990, pela revista *IstoÉ*. Ao retornar, seguiu como repórter especial da *Folha de S.Paulo* e, depois, participou do projeto da *Carta Capital*. Fernando Gabeira também foi correspondente no início dos anos 1990, em Berlim, pela *Folha de S.Paulo*. Mario Sergio Conti o foi em Paris, em 2002, pela *TV Bandeirantes* (MEDEIROS, 2011); já Paulo Henrique Amorim trabalhou como correspondente durante vários anos, para a *Veja* e para a *TV Globo*. Segundo ele, “A experiência no exterior é uma maneira de amadurecer o repórter, testá-lo em cobertura de guerra, de eventos complexos” (REVISTA IMPRENSA, 2002b, p. 22).

Outra figura que também passou pelo cargo de correspondente internacional – dessa vez, em Londres – foi o jovem jornalista Bernardo Mello Franco, depois de uma pré-seleção na *Folha de S.Paulo*, nos anos 2012 e 2013. “A *Folha* tem muito mais oferta para jornalistas mais jovens do que os outros jornais. A *Folha* faz um esquema em que você é correspondente por um período curto, espécie de um rodízio, e muita gente sendo correspondente” (Entrevista de Bernardo Mello Franco à autora, 2019). Por meio de seleções internas, outros critérios passam a se tornar decisivos no encaminhamento para o exterior, como o domínio de línguas estrangeiras, as experiências internacionais anteriores, o nível de capital cultural – o que permite, por um lado, que repórteres mais jovens tenham a oportunidade de se tornar correspondentes e, por outro, que as distinções em termos de origem de classe contribuam na seleção.

Esses critérios distinguem-se, assim, daqueles das gerações mais velhas, que mesmo sem dominar os idiomas estrangeiros, conseguiram se encaminhar para o posto. Além disso, enquanto os mais velhos tiveram que escolher entre a correspondência internacional e os cargos de comando, as opções de Bernardo estavam entre duas experiências no exterior – uma mais “acadêmica” e outra mais “jornalística”: “Então, precisei escolher entre ser correspondente ou concorrer uma vaga de mestrado. E eu, como tenho mais vocação para o jornal do que para vida acadêmica, acabei preferindo a correspondência. Mas eu fico com um pouquinho de dor de cotovelo” (Entrevista de Bernardo Mello Franco à autora, 2019).

Embora mais recentemente tenham se ampliado as oportunidades de formação no exterior para jornalistas, alguns dos mais antigos também tiveram possibilidades semelhantes. Já nos anos 1960, Fernando Gabeira foi enviado pelo *JB* ao País de Gales, como bolsista da *Thomson Foundation*, para estudar jornalismo. Em 1968, quando era correspondente em Nova York, Paulo Henrique Amorim ainda fez um estágio na *Newsweek* e um curso de “Magazine

making and editing”, como ouvinte, na Universidade de Nova York (AMORIM apud CAIXETA, 2007). Mario Sergio Conti, em 1991, antes de tornar-se diretor da revista *Veja*, fez um estágio na *Time* e também na *Newsweek*. No mesmo ano, Merval Pereira conseguiu uma bolsa destinada a jornalistas na *Universidade de Stanford*, a *John S. Knight Fellowship*, para estudar política internacional. Tal bolsa fora conquistada, aliás, com a indicação de Fernando Henrique Cardoso, na época senador e um dos que escreveram uma carta de recomendação para Merval. Assim como os intercâmbios acadêmicos, essas experiências de correspondência internacional e os cursos no exterior dotaram os profissionais de certos distintivos, válidos não apenas nas concorrências internas ao jornalismo, mas também naquelas relacionadas ao status social.

Mas, para além disso, é interessante notar que, enquanto a maior parte dos jornalistas mais *mainstream* e mais à direita teve seus prestígios ancorados, sobretudo, nos marcadores de consagração nacionais, como premiações, cargos de chefia e inclusões em livros sobre a história do jornalismo brasileiro; vários dos menos *mainstream* e/ou mais à esquerda conseguiram se legitimar por meio dos postos de correspondentes internacionais, dos contatos feitos fora do país e das coberturas marcantes de episódios internacionais.

3.6 A “INDEPENDÊNCIA” EM DISPUTA: OS GRANDES CONGLOMERADOS VERSUS OS BLOGS POLÍTICOS

Eric Nepomuceno: Eu queria fazer um comentário aqui. Quando você diz **“desde que abandonei o jornalismo cotidiano”**, muitas vezes me pergunto: Fernando, se a gente, você e eu abandonamos ou fomos abandonados. Nós trabalhamos **na revista Veja quando a revista Veja**, esclareço, era impressa à tinta e não nessa estranhíssima matéria semiviva em que é impressa hoje em dia. Voltei para o Brasil para trabalhar na criação de um jornal inovador dentro da **Rede Globo – o Jornal da Globo. Ele deu tão certo que foi parar nas mãos do William Waack**. Quer dizer, a **Globo** é um rei Midas ao contrário, **transforma em merda tudo em que toca**. Fico perguntando o seguinte: você não tem **saudade de redação**, não?

Fernando Moraes: Eu tenho saudade de redação, sim. Só para não perder a oportunidade, já que você falou da Globo, eu vou repetir o meu mantra aqui: **as organizações Globo e a família Marinho são inimigas do Brasil e dos brasileiros** e assim devem ser tratados. Eu repito – sempre que puder, eu repito duas coisas – “Fora Temer”, e esse mantra que é meio cumprido, mas muito pedagógico. A família Marinho e as organizações Globo são inimigas do Brasil e de todos os brasileiros e assim devem ser tratados, **assim deveriam ter sido tratados pelo PT no governo. Eu sinto, sim, saudade de redação. Se eu pudesse, não teria deixado a reportagem** (MORAIS, 2016 apud AGÊNCIA PÚBLICA, 2016, grifos meus).

Entre a nostalgia do período supostamente “áureo” do jornalismo e a oposição às grandes corporações de comunicação ou a adesão a elas, esses colunistas-jornalistas (*mainstream* e blogueiros) foram traçando trajetórias diversas. Por um lado, como visto, redações, como a antiga revista *Veja*, são frequentemente acionadas na trama memorialística

que mitifica e legitima uma geração de profissionais, mas também o ofício como um todo. Por outro lado, as *Organizações Globo* se tornam o eixo principal de oposição entre os colunistas-jornalistas e também entre aqueles que compõem os outros polos deste trabalho: é em seu entorno que as posições no espaço midiático bem como as tomadas de posição política dos colunistas-jornalistas vão se estabelecendo.

Nesse sentido, se o grupo de colunistas-jornalistas (*mainstream* ou não) compartilha o pertencimento a uma mesma geração e o lugar de oposição à ditadura militar – ainda que nas narrativas a posteriori –; nas últimas três décadas, esses agentes tomaram diferentes caminhos. Esses percursos foram sendo traçados a partir das possibilidades ofertadas e circunscritas pelas transformações no jornalismo – como a modernização da imprensa, a conquista de hegemonia pela televisão, a emergência da Internet e das redes sociais, a inauguração e decadência de alguns veículos –, pelo contexto de redemocratização política – com realinhamentos partidários, períodos de crises e imposições de novas agendas –, e pelas disposições que esses agentes carregavam.

Quanto às mudanças no jornalismo, é possível apontar algumas: no final dos anos de 1980, por exemplo, a partir da consultoria de professores da Universidade de Navarra aos principais jornais do país, passou-se à ideia do jornal como “usina da informação” (ADGHIRNI, 2012, p. 73). A fim de atender às demandas de um público também mais segmentado – fruto da ampliação do acesso ao sistema universitário, da escolarização mais acelerada de outras faixas de público, da ampliação do acesso aos meios de comunicação e do crescente papel estratégico das mídias nas eleições (MICELI, 1994) –, esses jornais diversificaram seus produtos e serviços. Nesse contexto, surgiram também as agências de notícia, voltadas sobretudo para o crescente mercado financeiro, sendo elas dominadas pela lógica da velocidade, da informação em tempo real e online, cuja atualidade é medida até mesmo em segundos (ADGHIRNI, 2012, p. 74).

Nos anos 1990, essas tendências se consolidaram com a introdução da Internet nas redações, que ampliou a segmentação e a velocidade da informação, associadas ao mesmo tempo com o fortalecimento do marketing no intuito de aumentar as vendas e as publicidades dos periódicos (inclusive, por meio de pesquisas de mercado). É em 1995 que um jornal brasileiro, o *Jornal do Brasil*, passou a se apresentar online, reproduzindo, porém, o conteúdo da versão impressa no formato em PDF no digital. Já a *Folha de S.Paulo* viria, em seguida, lançar-se virtualmente, como o primeiro periódico do país na web, produzindo conteúdo específico e adaptado ao meio (ADGHIRNI, 2012, p. 64).

A partir dos anos 2000, com a Internet e essas outras transformações, não apenas as rotinas de trabalho foram modificadas, mas também a relação entre jornalistas, padrões, fontes e leitores. A partir da concepção de “tempo real”, a notícia passou a perecer mais rapidamente, a reação do público tornou-se mais imediata e o acompanhamento das mídias concorrentes também, levando a um ajuste mais veloz entre os conteúdos, seus públicos e adversários (ADGHIRNI, 2012, p. 66). Assim, a concorrência, que antes se dava de maneira mais intensa entre padrões, gestores e setores comerciais das empresas, passou a estar presente também na relação entre jornalistas (Ibid.), por meio da “divulgação do número de visitantes e de leitores dos artigos submetidos a lógica da audiência: notícias em tempo real, matérias mais lidas, mais comentadas e melhor avaliadas pelos leitores.” (Ibid., p. 67). Esta hiperconcorrência entre os jornalistas parece, em alguma medida, ter moldado também as reações e posições tomadas pelos agentes estudados nesta parte.

Mas, antes da Internet, um outro meio levou a reconfigurações por parte dos jornalistas: a televisão. Nos anos 1980 e 1990, os repórteres de imprensa começaram a ingressar nesse veículo, tendo que adaptar suas linguagens e modos de expressão. A *Rede Globo*, tornada um dos principais meios de informação da população brasileira, passou então a buscar e atrair jornalistas consagrados, estabelecendo e reproduzindo o que se passou a chamar de “padrão *Globo* de qualidade”. Esses jornalistas foram, paulatinamente, convertendo seus trunfos e habilidades desenvolvidas nos meios impressos em competências demandadas pelo meio audiovisual. Podendo hoje circular entre os diferentes veículos das *Organizações Globo*, como rádio, TV, impresso e Internet, essas figuras conquistaram certa estabilidade e valorização profissional assim como visibilidade e reconhecimento.

Míriam Leitão é um dos casos emblemáticos de jornalista afinada com os padrões profissionais da empresa. Em 1995, tornou-se comentarista econômica dos telejornais da *Rede Globo*, ao lado de Joelson Beting. Além de comentarista na TV aberta (atualmente no *Bom Dia Brasil*), Míriam já apresentou e comentou em vários programas do canal fechado da *Globo News* (comandando hoje um com seu próprio nome), assim como fala também na *CBN* e escreve uma coluna no jornal e no site de *O Globo*. Míriam se tornou uma das jornalistas mais premiadas do país, liderando o ranking em 2019 (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019). Além disso, ostenta um número elevado de seguidores no *Facebook* e *Twitter*, o que demonstra que a visibilidade no meio audiovisual pode ser reconvertida para a Internet (ver Parte IV). Também Merval Pereira e Carlos Alberto Sardenberg fizeram carreira na empresa. O primeiro assumiu diversos postos de comando, como o de Diretor de Jornalismo de Mídia Impressa e Rádio e no Conselho Editorial do *Grupo Globo*, além de atuar como comentarista na *Globo News*, na *CBN*

e colunista no jornal *O Globo*. Da mesma maneira, Sardenberg comenta na TV, na rádio e no jornal do grupo.

Além dos três, que mantêm trajetórias profissionais fortemente vinculadas à empresa, outros jornalistas também trabalharam ou ainda trabalham nela: Fernando Gabeira escreve no jornal e mantém um programa na *Globo News*; Eliane Cantanhêde já assumiu a direção de redação da sucursal de Brasília de *O Globo* e, hoje, faz comentários em telejornais do canal pago; Mario Sergio Conti comanda um programa de entrevistas também neste canal; Bernardo Mello Franco é colunista do jornal e comentarista na *CBN*; Paulo Henrique Amorim trabalhou na emissora entre 1985 e 1996, como correspondente, editor de economia, repórter e apresentador; Florestan Fernandes Jr. foi repórter da *Globo* nos anos 1980; Paulo Moreira Leite e Augusto Nunes foram chefes da *Revista Época*. Já aqueles que não passaram pela empresa também fazem referência a ela, demonstrando, em alguma medida, sua hegemonia: “[Recusei o convite de trabalho da *Globo*,] Porque eu prezava muito meu direito de opinião. A *Globo* te dá tudo, te dá prestígio, te dá conhecimento, te dá mercado de palestras, desde que você segure sua opinião.” (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Nesse cenário de transformações, enquanto alguns jornalistas (os mais *mainstream*) permaneceram na grande mídia – a maioria nas *Organizações Globo* – ou na imprensa tradicional – como *Folha de S.Paulo*, *Estadão* e a própria *Veja* – em cargos de prestígio, como chefia e colunismo; outros (os mais blogueiros) foram paulatinamente se encaminhando para empreendimentos próprios, veículos fora dos grandes conglomerados ou do *mainstream* e iniciativas na Internet¹⁵⁶. Abaixo, reproduzo mais um trecho da conversa entre Eric Nepomuceno e Fernando Moraes, já que, embora longo, ele aponta para os diferentes modos de reconversão dos trunfos e habilidades desenvolvidos nas redações dos anos 1960 e 1970, consagrados no final da década de 1980 e início da de 1990 e reconfigurados nas últimas duas décadas, diante do avanço da Internet e das redes sociais.

Eric Nepomuceno: Quer dizer, **o ofício te dava essa chance**: fica dois, três meses para escrever uma série de reportagens. Daquela geração, **quem ficou na imprensa**

¹⁵⁶ Bob Fernandes ocupou cargos de chefia nas revistas *Isto É* e *Carta Capital*, idealizadas por Mino Carta. Mais tarde, tornou-se editor-chefe da revista eletrônica *Terra Magazine*. Cynara Menezes também passou pela *Carta Capital* e outras revistas, como *Caros Amigos*. Luís Nassif manteve sua agência *Dinheiro Vivo*, ao mesmo tempo em que permanecia na *Folha*; foi blogueiro do *IG* e depois criou o *GGN*. Paulo Moreira Leite trabalhou por 17 anos na *Revista Veja* – interrompidos por uma passagem pelo jornal *O Trabalho* –, ocupou cargos de chefia e atuou como correspondente internacional, mas saiu da revista quando assumiu o editor, Tales Alvarenga, que “tudo que eu tinha de esquerda, ele tinha de direita”. (Entrevista de Paulo Moreira Leite à autora, 2019). Paulo Henrique Amorim saiu da *Rede Globo* em meados dos anos de 1990, encaminhando-se para outros canais como *TV Bandeirantes*, *TV Cultura*, *TV Record*, além de ter investido também nas “televisões na Internet” e nos blogs, em portais como *Zaz*, *Terra*, *IG* e *UOL*. Florestan Fernandes Jr. também trabalhou em outras emissoras como: *TV Manchete*, *TV Cultura*, *RedeTV!*, *Radiobrás* e *TV Brasil*. Fernando Moraes, além da carreira política, dedicou-se sobretudo à escrita de livros-reportagens.

cotidiana ficou em duas condições: ou virou chefe ou virou canalha – às vezes as duas coisas simultaneamente. Também na nossa geração, o Fernando foi um dos primeiros a se lançar no que chamo de prova de que o **jornalismo, sim, é, deve ser e só será se for um gênero literário**. Estreia diretamente em livro foi A ilha. Agora, ultimamente, o que anda me deixando inquieto com o Fernando... De uns meses para cá, comecei a ler o **“Foicebook”** do Fernando – que, aliás, é magistral, divertidíssimo. E aí apareceu o Fernando com essa história de **crowdfunding**, que é um português castiço para dizer a dinheiroca que pessoas reúnem para fazer alguma coisa – crowd. Fernando Morais: **Passo o dia no “Foicebook”. Que não me ouça e não te ouça o Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras**. Mas não posso deixar de dizer isto: o fato de eu ter dado sorte de os meus livros terem caído no gosto do público leitor. Dos 11 livros que publiquei até agora, nenhum deles deixou de passar algumas semanas **nas listas dos mais vendidos**, alguns chegaram a passar anos, como Olga, A ilha, Chatô um pouco menos. Isso também me segurava um pouco **no mundo da produção de jornalismo** para publicar em livro. (...) Há uns dois, três meses, antes de o Michel [Temer] dar o golpe, a **Folha havia me convidado para fazer um artigo no jornal de domingo** – o dia em que os artigos são lidos por um número maior de pessoas – primeiro assegurando que se tratava de um golpe em curso no Brasil, denunciando isso e protestando contra isso, botando um dedo na ferida. Um artigo-padrão, do tamanho da Folha, não sei quantos caracteres, intitulado “Dia da infâmia”. De manhã, o jornal chegou na minha casa, eu escaneei o artigo e **publiquei no “Foicebook”**. **A Folha vendeu 300 mil exemplares, 350 mil, o artigo da internet foi lido por 5 milhões e 200 mil pessoas. O negócio é de babar na barba. Entrei nos trending topics do dia, na frente de notícias populares, e é um negócio absolutamente inacreditável porque a gente sabe que “nunca antes na história desse país” nenhum veículo – excluindo os eletrônicos, rádio e TV – chegou a 5 milhões de pessoas**. Nenhum, nenhum – estou nessa história há 50 anos, então eu sei. Aí falei: “É aqui que eu quero entrar, é nesse negócio que quero trabalhar. Quero ser repórter, editor, pauteiro, o diabo que for, mas nisso aqui”. (MORAIS apud AGÊNCIA PÚBLICA, 2016, grifos meus).

Entre os tipos ideais, *Organizações Globo* e blogueiros da Internet, há uma série de posições intermediárias, dotadas de menor ou maior grau de autonomia da prática jornalística: por um lado, em relação aos interesses corporativos dos grandes conglomerados de comunicação do país; e, por outro, das dinâmicas e constrangimentos envolvidos no jornalismo da blogosfera e das redes sociais. Nesse sentido, com novas posições possíveis, as identidades e práticas jornalísticas também se modificaram, colocando em disputa o sentido de “independência”. Assim, enquanto o móvel central das lutas entre especialistas e acadêmicos é a definição de “excelência acadêmica”, cujos parâmetros estabelecem os critérios de cientificidade, no jornalismo, “a independência” ocupa esse papel central, buscando assim circunscrever as práticas legítimas e conquistar a tão repetida “credibilidade”. Nos períodos de crise política analisados neste trabalho, os nomes inseridos nos grandes conglomerados de comunicação familiares – que se consolidaram como a “grande mídia” e conseguiram estabelecer os parâmetros do legítimo modo de se fazer jornalismo no país, incluindo as famílias Mesquita, Frias, Civita e Marinho – tendiam a acusar os que estavam fora de “chapa branca” ou “não profissionais”. Já essa “grande mídia” era chamada pelos que estavam fora de “Partido da Imprensa Golpista (PIG), “mídia corporativa” e “velha mídia”.

Além das atuações na Internet, vários dos jornalistas mais blogueiros foram contratados para trabalhar na televisão pública *TV Brasil*¹⁵⁷. Florestan Fernandes Jr., aliás, fez carreira nesse setor, tendo ingressado na *Radiobrás* em 2003 e tendo participado da implementação da filial em São Paulo, chegando a ser editor e gerente-executivo da emissora, além de âncora do principal telejornal do canal, o *Repórter Brasil*, de São Paulo (Entrevista de Florestan Fernandes Jr. à autora, 2019). Luís Nassif e Paulo Moreira Leite também foram apresentadores e comentaristas de programas da *TV Brasil* – além deles, Emir Sader, que está entre os mais acadêmicos, também trabalhou nela.

A partir dos anos 2000, a participação na blogosfera passou a ser regra entre os jornalistas, podendo, porém, assumir diferentes facetas: enquanto alguns mantiveram-se ligados ao *mainstream* midiático, hospedando blogs em sites de grandes revistas e jornais; outros se associaram a empreendimentos tipicamente digitais, como os Portais *IG*, *UOL* e *Terra*, que começaram a surgir e disputar o mercado dos anos 2000 em diante; e houve ainda a atuação em blogs próprios ou em blogs sem associação com grandes conglomerados midiáticos – sejam eles digitais ou da imprensa tradicional – com forte teor político.

Como alguns estudos apontam, o crescimento da visibilidade desses blogs de política se deu, principalmente, a partir do escândalo do mensalão (ALDÉ; ESCOBAR; CHAGAS, 2007; GUAZINA, 2013). Naquele momento, vários agentes, entre eles os jornalistas de política e economia consagrados e legitimados por suas trajetórias na imprensa tradicional, passaram a ganhar visibilidade nos blogs que mantinham. Segundo Guazina (2013), na campanha eleitoral de 2010, as experiências isoladas dos jornalistas blogueiros desenharam-se como “atuação coletiva e/ou colaborativa” acompanhando o crescimento do engajamento político via redes sociais. Essa atuação coletiva ficou clara, quando o candidato à presidência da República, José Serra, nomeou pejorativamente um conjunto de jornalistas blogueiros¹⁵⁸ como “sujos”, por defenderem a candidatura de Dilma Rousseff (GUAZINA, 2013), como já mencionado no subcapítulo 1.2. Entre esses blogueiros, estavam: Altamiro Borges, Luís Nassif, Luiz Carlos Azenha, Paulo Henrique Amorim, Renato Rovai e Rodrigo Vianna. O termo utilizado por José Serra foi assumido por esses jornalistas no intuito de ressaltar o posicionamento de contraposição “às interpretações dominantes expressas na cobertura política produzida pela

¹⁵⁷ A TV Brasil foi criada com a justificativa de responder à complementaridade do sistema de comunicação brasileiro: entre o privado, o público e o estatal. De certo modo, uma resposta do governo Lula, por um lado, às demandas de movimentos sociais em prol da democratização da mídia e, por outro, à necessidade de um meio audiovisual alternativo em relação às grandes corporações – o que resultou em uma estrutura ambígua, que mantinha o braço estatal e o público, ao mesmo tempo (MEIRELLES, 2016).

¹⁵⁸ Eles são assim denominados por autores como ALDÉ; ESCOBAR; CHAGAS, 2007; GUAZINA, 2013; ADGHIRNI; PEREIRA, 2006.

mídia tradicional comercial (ou aos blogs “limpinhos”)” (GUAZINA, 2013, p. 72). Segundo a autora, “aos poucos, os blogs “sujos” ou “progressistas” conquistaram espaço nas redes sociais e entre militantes de movimentos sociais, e constituíram-se em novos atores da cena pública” (Ibid.). Dessa maneira, foram se colocando como uma “rede de contrainformação” em oposição ao que chamavam de PIG.

A partir de entrevistas realizadas por Guazina com esses jornalistas blogueiros “progressistas”, ela conseguiu traçar um perfil dos mesmos: homens, com mais de 40 anos, nível superior em diferentes cursos de ciências humanas e larga experiência no jornalismo. Eles se contrapunham, assim, ao perfil do jornalista brasileiro: marcadamente feminino, em torno dos 30 anos, graduado em faculdades privadas e com pouca experiência profissional (GUAZINA, 2013, p. 75; MICK; LIMA, 2013). Essa diferença de perfil indica, em alguma medida, dois movimentos: 1) os jornalistas mais veteranos foram sendo substituídos nas redações pelos novos contingentes saídos das faculdades (ADGHIRNI, 2012); 2) esses jornalistas conseguiram se recolocar no mercado de informação e opinião, convertendo seus trunfos adquiridos nas grandes redações em legitimidade para atuação em blogs e sites na Internet. Ademais, entre esses jornalistas blogueiros prevalecem determinadas práticas do jornalismo, tais como a dominância do colunismo e da opinião em detrimento da reportagem assim como uma crítica à grande mídia, colocando-se como fiscalizadores das grandes corporações (GUAZINA, 2013). Soma-se a isso, a defesa da posição de “independência” a despeito das tomadas de posição políticas mais à esquerda.

Assim como o aumento da visibilidade dos blogueiros é associada por certos estudos à crise do mensalão, e a emergência de uma atuação coletiva é ligada à campanha presidencial de 2010, os acontecimentos subsequentes – tais como as manifestações de 2013, as eleições de 2014, a crise do impeachment em 2016 e a eleição de Bolsonaro em 2018 – parecem estar relacionados às reconfigurações desses blogs e dessa atuação na Internet. Em 2006, Paulo Henrique Amorim e Luís Nassif (saído da *Folha de S. Paulo*) lançaram seus blogs no *Portal IG*, onde ficaram até 2008 e 2010, respectivamente (Entrevista de Luís Nassif à autora, 2019; FORTI; PACETE, 2010). Nas eleições de 2010, Cynara Menezes participou de discussões políticas no *Twitter*, decidindo criar, então no final de 2012, seu site *Socialista Morena*, do qual passou a viver em 2015. Em 2014, Paulo Moreira Leite deixou a direção da sucursal da revista *Isto É*, devido ao alinhamento da mesma com o candidato Aécio Neves – a ponto de reescreverem matérias e dirigirem a cobertura em seu favor – e, com a criação do site *Brasil 247*, passou a trabalhar nele (Entrevista de Paulo Moreira Leite à autora, 2019). Em 2016, na conversa mencionada no início deste subcapítulo, Fernando Moraes anunciava a criação de seu

site *Nocaut*, o qual parou de funcionar em 2020, ano em que também o *Conversa Afiada* encerrou as atividades, ambos, devido a dificuldades financeiras (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016; KOTSCHO, 2020). Florestan Fernandes Jr. saiu da *TV Brasil* depois que Michel Temer assumiu a presidência e, então, passou a colaborar com o jornal *El País* e com o site *Brasil247*. Em 2019, após ser demitido da *TV Gazeta*, Bob Fernandes criou um canal no *Youtube*.

Além de levarem a certas reconduções nos rumos da carreira, esses momentos de eleição e crise política também podem servir para reafirmar determinadas posições, em alguns casos, sustentadas pelos veículos em que trabalham – esses colunistas-jornalistas fazem isso por meio de suas colunas, mas também de seus livros. Esses episódios servem para demarcar certas posições políticas em relação àquelas adotadas pela grande mídia: se alguns defendem a qualidade da imprensa na cobertura e tratamento de certos temas; outros vão se colocar em oposição a eles. É o caso, por exemplo, dos livros opostos: *Mensalão, o dia a dia do maior julgamento da história da política do Brasil*, escrito por Merval Pereira; e *A outra história do mensalão – As contradições de um julgamento político*, escrito por Paulo Moreira Leite. De todo modo, esses movimentos também demonstram a elevada heteronomia da prática jornalística em relação ao poder político.

4 AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER

Ao contrário dos mais especialistas dos colunistas, os mais jornalistas não acumulam cargos de importância no Estado ou no sistema financeiro, sociedades em agências de consultoria e postos de professores em faculdades de prestígio. Ainda que um ou outro nome tenha tido alguma passagem por esses espaços, suas carreiras foram constituídas sobretudo na imprensa. Assim, assemelham-se em alguma medida aos mais acadêmicos dos colunistas, os quais, embora possam ter em seus currículos experiências em postos da burocracia estatal, argumentam converter tais vivências em conteúdo a ser ensinado em sala de aula e aplicado em suas pesquisas na vida acadêmica – no caso dos jornalistas, porém, o capital acumulado é reutilizado no jornalismo e não na universidade. Com exceção de Fernando Gabeira e Fernando Moraes, que tiveram uma atividade política mais intensa, ocupando diversos cargos eletivos, os outros jornalistas tiveram passagens mais breves em governos, bancos ou campanhas políticas, como se pode observar pela Tabela 16.

Chegando a esses postos pela militância ou pela boa relação profissional com alguma fonte, eles ao mesmo tempo que podem contribuir no acúmulo de contatos, na observação do funcionamento do Estado, na elaboração de projetos de livros e documentários, também são vistos como relativamente incompatíveis com a profissão de jornalista.

Foi muito importante em dois sentidos: primeiro, porque eu **estudei muito** economia, eu iria me especializar, estudei, fiquei envolvido, lidando, trabalhando **com economistas** o tempo todo, então, foi bom nesse aspecto de ter que estudar, que me dedicar à economia, tanto na Secretaria quanto no Ministério. E, depois, na época do Ministério, formou-se um grupo de economistas, ao qual eu me liguei, para preparar políticas econômicas para o novo governo. Desses estudos, surgiu o Plano Cruzado, em 1986. E eu participei como? Escrevendo papers, fazendo a ponte entre os economistas e os políticos, e foi uma experiência muito boa. Tanto para conhecer mais economia, ajudar a elaborar os planos e projetos, redigir os textos e tal, a divulgação... e depois que nós saímos do governo, **eu escrevi um livro**, que se chama *Os bastidores do Cruzado*, que é um livro da Companhia das Letras, está esgotado, mas fez muito sucesso na época. (...) primeiro, você estabelece contato com todos os jornalistas de Brasília e você vê como **funciona o governo**, né, que eu acho importante. **Mas não é bom ficar muito tempo no governo não** (Entrevista de Carlos Alberto Sardenberg à autora, 2020, grifos meus).

O que teve importância... eu consegui fazer uma **coleção de livros**, perfis de jornalistas, eu consegui uma verba e a gente contratou alguns jornalistas, assim, bacanas, para fazer livros sobre jornalistas. (...) A gente andou **publicando também alguns livros**. (...) Mas aí você vê assim que não tem graça. Você pensa, você vai achando que vai realizar coisas, **ter um trabalho cultural**, aí você vê que é nada... Aí, eu achei, eu vi em boa hora que era melhor voltar para o jornalismo. Aí eu pedi demissão e **virei blogueiro no IG** [risos], e recomecei a vida. (...) Se você é político, você está num cargo público, você tem uma coisa pela frente, se você não é político e está lá... e não era uma coisa com a qual eu me identificava... (...) Eu, na época, tinha uma boa relação profissional com o Serra, por isso que ele me convidou. Mas não tinha nenhuma identidade política maior. Sabe quando você não tem nada? O que eu

estou fazendo aqui? (Entrevista de Paulo Moreira Leite com a autora, 2019, grifos meus).

Sem os diplomas de prestígio e a posição de tecnocratas que os experts detêm, os jornalistas acabam dependendo mais fortemente de suas afinidades políticas e pessoais na conquista e manutenção dos cargos ocupados, de modo que os investimentos nos postos políticos deixam de ser vantajosos, haja vista as escassas expectativas de emprego futuro assim como os riscos que um tempo elevado no governo podem trazer às suas credibilidades enquanto jornalistas. Essas figuras, porém, acabam conseguindo converter tais experiências em substrato para livros-reportagens e para suas funções de repórter e colunistas posteriormente exercidas. Assim, mais do que recursos financeiros para a elaboração desses projetos, esses postos ocupados permitem aos agentes “ver como funciona o governo” (Entrevista com um dos jornalistas *mainstream*), “ver o outro lado da política” (Entrevista com um dos jornalistas blogueiros) a partir de uma posição privilegiada, a qual poucos jornalistas têm acesso – aciona-se, desse modo, o “muito viu” e o “muito fez”, que constitui o capital simbólico dos jornalistas (ver abertura do capítulo 3; BERGAMO, 2011). Também no setor privado, as vantagens para esses jornalistas parecem se restringir ao curto prazo:

Aí me apareceu um convite inesperado do Banco de Boston. Um emissário do banco apareceu na redação e disse: “Você pensa na possibilidade de mudar de profissão? Perguntei: “Para ser o quê?” O cara falou: “Banqueiro.” Achei engraçado: “Se o Banco Central tiver juízo, isso não vai acontecer, porque o meu cheque especial está estourado, **não lido bem com dinheiro, não é a minha**. Não lido bem nem com a editoria de economia.” Mas ele disse que o Banco de Boston queria reformular a imagem e seria essa a minha missão. Eu já estava cansado de dirigir redações, porque a parte burocrática – tratar de papeis, discutir aumentos salariais e cortes de pessoal, tratar disso e daquilo, vai consumindo você. O tempo ocupado pelo trabalho de criação fica muito reduzido no dia-a-dia. Aceitei o convite **movido pela ilusão** de que poderia fazer meu trabalho no banco e ao mesmo tempo retomar alguns **projetos literários antigos, juntar artigos num livro, publicar um texto de ficção** que escrevo há séculos, mas acabei descobrindo que não seria possível. Levei a sério o Banco de Boston. Resolvi fazer lá um **documentário** sobre a história do Brasil a partir de 1947, usando como gancho o fato de que o banco tinha se instalado no país naquele ano. Foi um trabalho de louco. Acho que ficou bom. Terminado o documentário, comecei a escrever nas revistas *República* e *Bravo!*, convidado pelo meu amigo Wagner Carelli, e na *Playboy*, dirigida pelo Ricardo Setti. Porque estava enjoado de chefiar redações, achei que estava enjoado da atividade jornalística, enjoado de escrever. Não era nada disso. Disse ao presidente do banco que queria voltar a fazer jornalismo em tempo integral. **Sou jornalista**. (NUNES, 2003, p. 321, grifos meus).

Assim, os relatos a posteriori destacam os rumos da carreira como escolhas conscientes, ainda que possam posteriormente mudar, mascarando os efeitos do jogo a que esses agentes estão submetidos. A ênfase nas motivações e vantagens acadêmicas (estudar economia), literárias (escrever livros) e culturais (elaborar um documentário e outros projetos culturais) recobre os postos em governos e banco de certa justificativa valorosa perante outros jornalistas.

Quando comentam sobre tais experiências, são essas realizações que eles destacam e que dão sentido e coerência à reconstrução que fazem de suas histórias, silenciando as possíveis negociações políticas, articulações e conflitos de interesse ou funções menos prestigiosas exercidas em tais cargos. Assim, buscam reverter os capitais políticos adquiridos em trunfos no ofício jornalístico.

Da mesma forma, o retorno ao jornalismo é narrado como a descoberta da verdadeira vocação ou como consciência da necessidade de distância em relação aos outros poderes, de modo a valorizar a própria trajetória. O destaque na falta de disposições necessárias para a carreira de “banqueiro” ou na política também reforça, em alguma medida, a imagem de “talento” e “vocação” para a atividade que realizaram durante a maior parte de suas vidas assim como abrir mão das vantagens econômicas que tais cargos possibilitaram contribui nessa imagem que os agentes constroem para si e para os outros: “Foi o melhor negócio que eu fiz na vida, porque eu devo o que eu tenho [patrimônio] ao Bank Boston, à vida de banqueiro. Foi o único cartão de visita que minha mãe guardou e minha mãe se convenceu de que eu era maluco no dia que eu saí do banco” (Entrevista de Augusto Nunes à autora, 2019).

Enquanto os acadêmicos contam com a carreira estável e prestigiosa de professores e pesquisadores das universidades públicas de prestígio, retornando aos seus cargos imediatamente após os postos políticos ocupados; os jornalistas passam por momentos de transição mais complicados, retornando para trabalhos menos estáveis ou prestigiosos, como o de blogueiro, freelancer ou dedicando-se algum tempo a escrever livro. Nesse sentido, a aposta em deixar as redações para realizar a atividade de assessoria de comunicação e imprensa ou em algum outro posto na burocracia estatal e no setor privado parece mais arriscada e, portanto, menos visada por esses jornalistas, de modo que a maioria deles não segue por esse caminho, tal como se pode observar na Tabela 16.

Tabela 16 - Cargos políticos e no sistema financeiro

	Cargos no governo ou no setor público	Cargos no sistema financeiro ou em empresas
Augusto Nunes	-	Vice-presidente de comunicação do Banco de Boston
Carlos Alberto Sardenberg	- Assessor de comunicação na Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, na gestão de Franco Montoro (1983-1984); - Coordenador de comunicação no Ministério do Planejamento em Brasília, na gestão João Sayad (1985-1987);	-

	- Assessor da Reitoria da Universidade Estadual de Campinas (1987-1988)	
Dora Kramer	-	-
Eliane Cantanhêde	-	-
Fernando Gabeira	- Candidato ao governo do estado do Rio de Janeiro pelo PV (1986); - Candidato à Presidência da República pelo PV (1989); - Deputado federal pelo PV e PT (1994/1998/2002/2006); - Candidato à prefeitura do Rio de Janeiro na coligação PV-PSDB-PPS (2008); - Candidato ao governo do estado do Rio de Janeiro pelo PV (2010);	
Merval Pereira	-	-
Míriam Leitão	-	-
Bernardo Mello Franco	-	-
Bob Fernandes	-	-
Fernando Morais	- Deputado estadual por São Paulo (1979-1987); - Candidato a deputado federal, em 1986. - Secretário de cultura de São Paulo, no governo de Orestes Quércia (1988-1991); - Secretário de educação de São Paulo, no governo de Luiz Antônio Fleury Filho (1991-1993); - Candidato ao governo de São Paulo pelo PMDB (2002)	
Florestan Fernandes Jr.	- Marketing Político: campanhas políticas (PT); media training - Diretor de comunicação do Tribunal de contas do município de São Paulo	-
Luís Nassif	-	-
Mario Sergio Conti	-	-
Paulo Moreira Leite	- Vice-presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, na gestão de José Serra (2007)	
Paulo Henrique Amorim	-	-

Fonte: Elaborada pela autora, a partir de dados coletados em entrevistas e currículos online.

Como um ofício dependente de outros poderes – o econômico, o político e o acadêmico (CHAMPAGNE, 1995) –, o jornalismo se coloca em um ponto intermediário entre os mesmos, levando os mais jornalistas dos colunistas a circular por esses espaços, porém, de maneira distinta daquela pela qual os especialistas e acadêmicos circulam. Embora queiram se colocar, em alguma medida, como fiscais desses poderes, os jornalistas ocupam uma posição dominada – por deterem menos volume e diversificação de capitais bem como por terem menos autonomia e estabilidade em suas carreiras –, o que expressa a ambiguidade de suas posições, mas também

do lugar do jornalismo no campo do poder: por um lado, em seus efeitos, ele detém grande poder; por outro, é um espaço que sofre o controle, o domínio e a influência de outros campos, como o político e o econômico (CHAMPAGNE, 1995).

Ainda assim, com as trajetórias de prestígio traçadas no jornalismo, esses agentes – sobretudo os mais *mainstream* – também alcançam certo status que lhes garante convites para participar de palestras e *think tanks*. Eles mantêm, portanto, interlocuções com políticos, empresários, especialistas e acadêmicos, não apenas a partir da relação repórter e fonte, mas também dividindo mesas de debate, concedendo palestras, frequentando eventos. A circulação por esses espaços lhes confere acesso aos agentes do poder, troca de concepções sobre a política e a economia do país, mas também compartilhamento de prestígio. Com eles, os jornalistas mantêm uma gama de valores coincidentes e, ao mesmo tempo, que podem consagrar atores políticos e econômicos, também podem se consagrar (MARCHETTI, 2005, p. 77).

Entre os colunistas mais jornalistas aqui analisados, Carlos Alberto Sardenberg, Fernando Gabeira e Merval Pereira estão elencados no site do Instituto Millenium como membros especialistas ou convidados (ver subcapítulo 4.2 da Parte IV). Segundo eles, não são membros ativos, mas têm seus artigos replicados pelo site do mesmo, assim como já participaram de alguns eventos. Além disso, alguns também mantêm interlocução com outros institutos, como o Instituto Fernando Henrique Cardoso e a Casa das Garças: “eu não participo regularmente de palestras, mas eu recebo muitas informações... do Instituto Fernando Henrique, por exemplo, eu uso muitos documentos que eles produzem lá, para escrever colunas lá...” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*). Além disso, vários deles trabalham dando palestras a empresários:

São duas: uma é financeira, que é uma **boa remuneração**; e a segunda é que te coloca em **contato com diversos setores da economia brasileira**, você faz palestras em setor de agrícola, setor de aviação, diversos setores da indústria. Então, isso acaba... agropecuária, não conhecia bem a agropecuária e passei a conhecer através dessas palestras. As pessoas chamam a gente para falar daquilo que a gente sabe, que é economia e política, mas aí **participa dos debates, das conversas e acaba conhecendo setores, áreas, empreendimentos importantes** (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*, grifos meus).

Enquanto os mais *mainstream* são convidados a palestrar para empresários, como atividades remuneradas, os que estão mais distantes da grande imprensa e mais à esquerda participam, sobretudo, de eventos, não remunerados, com movimentos sociais e trabalhadores. As transições na trajetória acabam levando também a esse deslocamento em termos de clientela no mercado de palestras: “Quando eu estava mais ligado à economia e aos jornais, era público empresarial. Hoje em dia, muito público universitário, movimentos sociais” (Entrevista com

um dos jornalistas mais *blogueiros*). Assim, os espaços em que esses colunistas-jornalistas circulam como palestrantes também indicam as redes de fontes e leitores de suas colunas no jornal, demonstrando o quanto essas relações, mais do que apenas trocas profissionais, devem-se também aos espaços de sociabilidade e às afinidades eletivas entre uns e outros. Os dois polos de jornalistas-colunistas, no entanto, palestram também para estudantes e jovens jornalistas em universidades e cursos de formação dos próprios jornais, o que evidencia suas capacidades de reprodução das *illusios* e práticas jornalísticas.

Conjugando, mais ou menos inconscientemente, os interesses empresariais e políticos dos veículos em que trabalham e de seus donos, as demandas dos chefes a que estão subordinados, as expectativas dos públicos a que se direcionam, as interlocuções com diferentes tipos de fontes e a busca por reconhecimento dos pares, esses jornalistas lidam, subordinam-se e tentam com mais ou menos efeito, com mais ou menos empenho se afastar desses poderes. Mais prestígio parecem conquistar quanto mais conseguem representar esse distanciamento, embora esse prestígio também só possa ser construído por meio dessa relação com o poder.

Dada a centralidade, portanto, das relações que esses agentes estabelecem com suas fontes e interlocutores das diferentes esferas de poder, nos próximos subcapítulos, busco traçar as visões e práticas que rodeiam tais relacionamentos, como forma de circunscrever os espaços pelos quais circulam e os modos como circulam assim como as posições que assumem diante de fontes, o que pode indicar também certas afinidades políticas e tomadas de posição específicas.

4.1 OS JORNALISTAS E SUAS FONTES: TROCAS ENTRE DOMINANTES E DOMINADOS

A relação que os jornalistas têm com suas fontes é central no ofício que desempenham. Se, por um lado, precisam garantir a “convivência leal”, por outro, o reconhecimento da “independência” é essencial para a conquista de legitimidade perante as mesmas. Mas, para além da análise mais interacionista dessas relações, é importante ressaltar que a “interação entre jornalistas e seus interlocutores são encontros entre diferentes *habitus* e diferentes posições no campo” (MARCHETTI, 2005, p. 76). Nesse sentido, composta de nomes com diferentes posições no espaço social, esta rede de fontes também contribui na circunscrição da posição ocupada pelo jornalista, de modo que os nomes a quem ele tem acesso contribuem também para o prestígio que consegue alcançar:

Pergunta: A boa fonte também pode ajudar o jornalista a pensar?

Míriam Leitão: Claro, principalmente um colunista. Existe a fonte que tem o *hard news*, mas há também aquela que tem a **melhor reflexão**, a maior capacidade de interpretar. (LEITÃO, 2006a, p. 90, grifos meus).

Por que é que as pessoas falam? Para mim, isso é um mistério. Para demonstrar influência? Por vaidade? Há, digamos, uma **troca de gentilezas** entre o jornalista e a fonte. Isso é evidente. Mas essa troca pode perfeitamente – depende do jornalista – permanecer nos limites da ética. É troca porque, quase sempre, **o jornalista também passa informações para a fonte**. Há vários tipos de fontes. Antônio Carlos Magalhães, que é fonte de meio mundo, sabe agir com muita competência. Fornece informações gradualmente, **segundo o cargo e a importância do interlocutor. O dono do jornal recebe dele uma informação, o diretor de redação ganha outra, até chegar ao repórter**. Antônio Carlos conta e ouve. Jarbas Passarinho é de outro tipo: um cara que se abre, por exemplo, se você elogiar a gravata dele na hora certa. **Não resiste a certas vaidades**. (...) Nelson Marchezan falava com a condição de que seu nome não fosse mencionado. Mas ele queria mostrar que sabia o que estava acontecendo nos bastidores do governo militar. Isso fazia com que sua importância crescesse para os jornalistas (...). O objetivo maior da fonte, claro, é fazer com **que você seja grato** e, portanto, **inibir eventuais reações que o jornalista possa ter quando ela enfrenta momentos de dificuldade** (NUNES, 2003, p. 330, grifos meus).

As trocas que jornalistas e fontes estabelecem entre si vão desde aquelas mais nitidamente movidas pelos interesses políticos e econômicos mais imediatos e, portanto, mais evidentes, até as relações de afinidade e identificação, cujos acordos estabelecidos, por serem menos conscientes e mais envoltos pelo poder simbólico, tornam-se ainda mais eficazes e duráveis¹⁵⁹. Porém, ainda que seja uma troca, ela não se constitui de forma simétrica – diante daqueles que detêm poder político, econômico e intelectual, a posição dominada do jornalista fica evidente quando eles mencionam, por exemplo, a “aula brilhante” que receberam de seus interlocutores ou as vaidades que precisaram estimular para conseguir a informação. Ainda que em maior ou menor medida essas fontes precisem emplacar certas notícias, reações ou visões de mundo na imprensa, por serem dominantes no campo do poder – e, consequentemente, dotadas dos princípios de classificação e avaliação legítimos do mundo social – e ocuparem posições de homologia estrutural com os jornalistas também dominantes – nesse caso, no espaço jornalístico – e os donos de jornais, essa tarefa se torna menos dispendiosa, no sentido de que a publicação de certas visões de mundo parece menos fruto da manipulação ou do interesse escuso da fonte e muito mais resultado de uma contribuição intelectual.

¹⁵⁹ Segundo Bourdieu, “as relações simbólicas de força são relações de força que se instauram e se perpetuam por intermédio do conhecimento e do reconhecimento, o que não significa dizer por meio de atos intencionais de consciência: para que a dominação simbólica seja instituída, é preciso que os dominados tenham em comum com os dominantes esquemas de percepção e de apreciação segundo os quais uns e outros são percebidos reciprocamente; é preciso que eles se percebam tal como se lhes percebe; quer dizer, que seu conhecimento e seu reconhecimento encontrem seu princípio nas disposições práticas de adesão e de submissão as quais, sem passar pela deliberação e pela decisão, escapam à alternativa entre o consentimento e a coerção” (BOURDIEU, 2007, p. 242).

Enquanto algumas fontes que “ajudam a pensar” têm suas legitimidades, geralmente, ancoradas em atributos intelectuais e acadêmicos, as *hard news* engendram maior desconfiança. Ao mesmo tempo em que oferecem um risco à credibilidade dos jornalistas, elas podem também levar a consagrações imediatas a partir do furo e da exclusividade da informação, as quais acumuladas no tempo contribuem para o prestígio do jornalista. Como em um jogo, quanto mais informação – inclusive, privilegiada – esses jornalistas detêm, mais capacidades de vislumbrar os riscos da aposta assim como mais chances têm de acumular novas informações.

Os modos de dependência em relação à fonte se modificam, porém, com a evolução da carreira. Enquanto os mais jovens, em vias de consagração, dependem em maior medida das *hard news* e dos *offs*, os mais estabelecidos fazem questão de demonstrar independência em relação a elas, mantendo suas interlocuções no circuito de palestras e eventos, entre os círculos de amigos e colegas de profissão. As diferenças em termos de *habitus* e posição engendram, por sua vez, relações diversas com certas figuras políticas, sendo Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva emblemáticos nesse sentido:

De uma maneira geral, **eu acho que existiu mais má vontade em relação ao governo Lula do que com o governo anterior**, do Fernando Henrique Cardoso. Governo do Fernando Henrique Cardoso foi visto como um grande governo, por parte da imprensa, dos donos da imprensa, dos órgãos de imprensa, aqui, estou falando genericamente. Porque o Fernando Henrique, primeiro, ele acabou com a inflação, já como ministro da Fazenda, no governo do Itamar Franco. Depois, ele era **um homem muito bem formado, um intelectual e com relações orgânicas com os donos de imprensa**, ele se dava bem com os Mesquitas, com os Frias, com os Civita, ele se dava bem com todo mundo, tinha um bom diálogo. É um homem de diálogo fácil. **Então, o governo dele foi visto como um governo “nosso”, da imprensa, dos patrões da imprensa.** O que não significa que a imprensa fosse subserviente. Houve escândalos (...) Tudo isso foi noticiado pela grande imprensa. (...) Tudo foi publicado, foi levado às televisões e às rádios. Mas não havia uma hostilidade maior. Com o governo Lula, eu acho que houve uma hostilidade. Por uma série de motivos, primeiro que era **alguém que vinha de fora do grupo do poder**, era nominalmente um Partido de Trabalhadores, com origens de esquerda, sindicalista. Não tinha uma história como a do Fernando Henrique, ou o Itamar, que são criaturas mais do sistema. Em segundo, pessoalmente, **o Lula não tinha identificação ou trânsito que o Fernando Henrique tinha com os donos da imprensa.** Ele tinha relações também com os repórteres, conosco, que não eram como o Fernando Henrique. Você lembra, você entrevistou o Fernando Henrique... ele te tratava muito bem, senta aqui, fala, ba ba bá, ouve. O Lula não. Ele sempre foi um pouco mais com pé atrás, arredo, porque ele não confiava muito na imprensa como um todo, patrões e empregados, inclusive. Então, houve ali uma falta de identificação com o projeto e um certo pé atrás do Lula em relação aos profissionais de baixo. E, da mesma maneira, os repórteres, os patrões também viam ele com uma certa... ele não era uma fonte que contasse coisas, o Lula nunca falou nada em off (CONTI, [entre 2011 e 2013], grifos meus).

Os modos de relação entre a grande imprensa e os governos de FHC e Lula, explicitados por Mario Sergio Conti, relacionam-se com as oposições traçadas entre os jornalistas aqui estudados, já que a maior parte dos mais *mainstream* demonstrou apreço pelo primeiro e os

mais afastados do *mainstream* identificaram-se em maior medida com o segundo. As preferências aparecem em vários depoimentos dos jornalistas aqui estudados:

Eu estou atrás de formulação, de ideia, **de conversa de gente analítica**. Você tem pouca gente assim, hoje (...) Governo Fernando Henrique era uma maravilha, a começar pelo FHC, porque era muita gente assim, **muito acadêmico né, então era muito bom**. Mas isso foi minguando e tal, congresso **foi ficando de quinta**, não tem gente mais da mesma qualidade, então você... uns estão presos, tem gente muito inteligente, que eu adorava conversar, que está preso (...). Fernando Henrique era muito bom, reunia a gente, chamava um grupinho de jornalistas, no Alvorada, domingo à tarde. Não necessariamente para publicar, mas sabe quando serve de feedback aquilo? Ah, era muito bom. Eu adoro trabalhar assim. Hoje, esse ambiente mudou um pouco (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*, grifos meus).

As afinidades expressas nesse excerto demonstram não apenas as habilidades de FHC na interlocução com a imprensa, mas também o poder simbólico da figura do “acadêmico” perante esses profissionais. Por um lado, esses jornalistas – cujas ambições escolares (próprias ou familiares) foram reconvertidas, seja pela falta de disposições para o estudo seja pelo contexto político (ver abertura do capítulo 3) – projetam-se, assim, na figura do “príncipe dos sociólogos” formado na prestigiosa USP e sua equipe de especialistas. Por outro, embora não se afirmem como intelectuais, seus ofícios envolvem elaborações e análises sobre o mundo social, levando-os a se identificar com esse grupo de políticos, entendido como “‘nosso’, da imprensa”, tal como Mario Sergio Conti descreveu no trecho de abertura.

Vamos ser honestos? Nós não tivemos tudo quanto é general? Não tivemos Sarney, Itamar? Fernando Henrique é Fernando Henrique, Pedro Malan é Pedro Malan, José Serra é José Serra, Gustavo Franco é Gustavo Franco! Claro, nós não podemos perder o poder de crítica, temos que criticar, mas também **temos que reconhecer que essa gente é muito melhor do que tudo o que já tivemos!** Depois de décadas de ditadura, havia um envolvimento histórico da imprensa com o governo, havia uma simbiose enorme. Nós tentamos quebrar os grilhões, cada vez mais, mas aí você junta esse fato histórico com um momento em que o governo é Fernando Henrique, Pedro Malan, Nelson Jobim... (CANTANHÊDE, 2006, p. 76, grifos meus).

Assim, a comparação com os governos anteriores e a afirmação da qualidade da equipe do governo de FHC aparecem nos relatos dos jornalistas mais *mainstream* como forma de justificar uma suposta defesa do governo por parte da imprensa à época, a qual é ainda negada em alguns casos. É interessante notar como o círculo de interlocução, porém, modifica-se em alguma medida em relação aos jornalistas atualmente menos *mainstream*.

Acompanhei muito o Lula, eu conheci o Lula quando eu era estagiário da Rádio Jornal do Brasil e ele era um operário, eu era estagiário e fui cobri-lo, fiz já dezenas de entrevistas, não tenho dúvida de que com erros ou acertos, foi o melhor presidente que eu vi nos meus anos de vida (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Quando esteve preso em Curitiba, Lula concedeu entrevista a alguns canais e jornalistas, entre eles, Florestan Fernandes Jr. para o *El País*; o *GGN*, de Luís Nassif¹⁶⁰; o *Brasil247*; além de outros blogs de esquerda. Ademais, Lula mantém uma proximidade evidente com o jornalista Fernando Moraes, que está, inclusive, escrevendo um livro sobre o ex-presidente (KOTSHO, 2020). Por outro lado, alguns dos jornalistas mais *mainstream* que em outros períodos mantinham interlocução com Lula passaram a se afastar dele, sobretudo depois do escândalo do Mensalão:

Eu tenho muitas fontes no Supremo, converso muito com a maioria dos ministros, que eu conheço há muito tempo, converso há muito tempo. Na Câmara e no Senado, a mesma coisa, tenho... conheço muita gente. Desde o governo do PT, é muito difícil ter interlocução com gente do governo, porque eles têm o mesmo tipo de pensamento: eles acham que você critica que você é inimigo. Então, eu tinha muita dificuldade para conversar com os ministros do PT e tenho muita dificuldade para conversar com os ministros do Bolsonaro. **Mas eu tenho muita ligação, sempre tive, com o Moro por exemplo, sempre tive muita ligação de contatos e conversas, com o pessoal de Curitiba também, o Dallagnol e tal.** Tenho vários advogados que são meus amigos e que eu converso muito (...) E tem muita fonte assim, acadêmica, recebo muitos estudos, muitos trabalhos. É uma mistura assim de gente nova que eu conheci depois da coluna, gente antiga que eu já conheço há muito tempo. Por isso que eu te digo, a passagem por Brasília é muito boa, porque além de você aprender como as coisas funcionam, você tem uma relação com pessoas importantes, fundamentais para você... o Miro Teixeira, por exemplo, conheço o Miro há 30 anos e converso com ele; o Rodrigo Maia, converso com ele há muitos anos, o pai dele; **o Lula, eu me dava muito bem com o Lula até o Mensalão, eu tinha muito contato com o Lula, o Lula ligava para minha casa, o José Dirceu, conversava muito, até que com o Mensalão a coisa desandou.** Você acaba conhecendo as pessoas naturalmente. (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

O trecho acima também explicita as relações entre jornalistas e outras figuras de poder, para além dos políticos e economistas, como as do judiciário. Nesse sentido, essas relações também moldam os polos das disputas políticas contemporâneas, como aquelas referentes à Operação Lava Jato, à prisão de Lula, ao impeachment de Dilma Rousseff e à eleição de Jair Bolsonaro. De um lado, observam-se proximidades e trocas mais intensas entre experts, jornalistas *mainstream* e polemistas; de outro, tem-se a rede de acadêmicos, jornalistas blogueiros e militantes.

¹⁶⁰ A entrevista foi realizada pelos economistas Luiz Gonzaga Belluzzo e Eduardo Moreira, já que Luís Nassif estava com problemas de saúde, demonstrando o círculo de interlocução entre acadêmicos, jornalistas blogueiros e militantes.

PARTE IV – POLEMISTAS E MILITANTES

1 ESCRITORES, PROFESSORES E POLEMISTAS

“Posso até ser um polemista, mas não é este o centro das minhas atenções”. (CARVALHO, 2000).

Quatro ou cinco décadas atrás, você abria os jornais e encontrava análises políticas substantivas. Fossem **“de esquerda” ou “de direita”**, os articulistas ainda acreditavam **numa coisa chamada “verdade”** e faziam algum esforço para encontrá-la. Eram também **homens de boa cultura literária, conheciam e respeitavam o idioma**. (...) Hoje em dia temos **puros polemistas**, que não investigam nada, não explicam nada, não fazem **nenhum esforço intelectual**, não tentam entender coisa nenhuma, **só tomam posição**, lavram sentenças como juízes e ditam regras. Também os havia então, mas como escreviam bem! (CARVALHO, 2012b, grifos meus).

Ademais, se *O Imbecil Coletivo* **provocar irritação e desagrado**, não será por muito tempo: não somente ele será esquecido em breve, como também passará, junto com ele, o interesse do público pelos miúdos personagens de que trata. E, para completar, nem eu mesmo voltarei ao assunto, de vez que, se a Providência não dispuser em contrário, **encerrarei com este livro minha carreira de polemista, para dedicar-me doravante a trabalhos teóricos sobre temas que não despertarão neste país a menor comoção**. (CARVALHO, 1996, grifos meus).

Os excertos de Olavo de Carvalho, justamente um dos nomes dos mais polemistas dos intelectuais midiáticos aqui estudados, evidenciam uma das características desse polo: a alternância entre a confirmação da alcunha e a busca por formas de classificação e identificação mais prestigiosas. Se, em alguns momentos, a polêmica traz recompensas – com livros vendidos, seguidores na Internet, visibilidade por meio de contenciosos e inimigos célebres, em outros, ela pode afastar seus praticantes das posições mais legitimadas, seja no jornalismo, na academia ou na arte. Nesse sentido, essas figuras se caracterizam principalmente pelo conflito com as esferas por onde circulam (ou gostariam de circular), bem como por tentativas de afastamento e movimentos de aproximação em relação à polêmica, mas também em relação a certas posições e tomadas de posição, de acordo com as mudanças na conjuntura.

Assim, se o termo adquire conotações depreciativas em determinados contextos, em outros, ele pode se associar a posições mais legitimadas (ver os primeiros capítulos das Partes II e III) bem como ser mencionado de maneira mais prestigiosa. Em entrevista à *Revista Imprensa*, por exemplo, Diogo Mainardi afirmou: “Eu sou menos que um polemista. O que faço é ironia, deboche. Tento desarmar o leitor e desmontar um esquema mental” (apud VENCESLAU, 2005, p. 12). Mainardi já foi, inclusive, chamado de herdeiro de Paulo Francis, conhecido justamente por suas polêmicas: “É um jeito de tentar me diminuir. Eu nunca tentei imitá-lo, porque seria incapaz. Ele tinha um arsenal muito maior. Para mim, ser associado a ele é um gozo e um prejuízo” (apud ALCÂNTARA, 2007, p. 85). Além disso, ao criticar o conformismo da mídia brasileira, Mainardi ainda disse que “para fazer polêmica, é preciso se

indispor com muita gente e estar disposto a perder muita coisa...” (apud VENCESLAU, 2005). E reformulou: “Eu ganhei muito com a polêmica, de fato. Não gosto de me colocar no papel de quem está se sacrificando. Eu só tive retorno. Mas, por outro lado, o jornalista ganha muito conforto espiritual sendo conformista, já que não precisa raciocinar muito” (Ibid.). Nesse sentido, a opção pelo polemismo é atribuída, por Mainardi e por outros nomes desse conjunto, a uma postura corajosa, libertária e inconformista, em contraposição às posições supostamente mais estáveis da intelectualidade e do jornalismo, as quais estariam relacionadas, no raciocínio elaborado por essas figuras, a um lugar de dependência, vaidade e comodismo.

O filósofo Olavo de Carvalho está muito aquém de ser rico, não figura em coluna social, não partilha de qualquer poder instituído, **não pertence a grupo ou panela**, não dá palpite sobre o que for em programa de TV. É o **antípoda** da “pessoa maravilhosa”, **do assim chamado “formador de opinião”**. Aparece pouco e, sobretudo, **jamaiz é visto falando o que não sabe**. Ele sabe muito, em todo caso, o que não ajuda a torná-lo mais visível. (...) Um sábio e um perigo, porque Olavo de Carvalho parece imunizado **contra a vaidade que assola seus pares**. O caráter de sua inteligência dá mostras de ser moralmente inflexível e **não cooptável em um meio de frágeis espíritos, capazes de definhar à míngua na carência do elogio e da aceitação**. (CARELLI, 1997, grifos meus).

O estilo de vida caseiro não pode ser confundido com uma personalidade amena. “Tio Rei”, como foi apelidado por seus leitores, **desperta paixões**. “O ódio é muito mais fiel do que o amor. Pode parecer que é do Nelson Rodrigues, mas é meu mesmo. Os leitores que me amam não me leem todo dia. Reclamam que eu tenho muito trânsito na internet? **Boa parte é de gente que me detesta**. Eu sei disso. Mas eles ajudam a fazer parte da fama que acham que eu não devo ter”, diz. A estreia de Azevedo como colunista da *Folha de S. Paulo*, no final de outubro deste ano, mais uma vez o colocou no calor das discussões. Colegas do jornal usaram o próprio veículo para expor suas opiniões: Suzana Singer, a ombudsman, o chamou de **“rottweiler”** enquanto Antonio Prata, colunista, ironizava uma guinada à direita do jornal com sua contratação. **Não foram as primeiras críticas públicas vindas de colegas de profissão**. (DEMARIO, 2013, grifos meus)

Os mais polemistas do conjunto de intelectuais midiáticos são apresentados, nas entrevistas que concedem, bem como se assumem como *outsiders* do jornalismo, da universidade, do campo intelectual. Desse modo, tentam de alguma maneira legitimar suas posições: sem o reconhecimento dos pares, eles passam a atacar a universidade e o jornalismo, mascarando seus investimentos malogrados nos campos específicos a partir de discursos e práticas que tenham a aparência de anticorporativistas e irreverentes. Essas manifestações, porém, em vários casos, combinam-se com posturas de obediência, reverência e ajustamento com determinados poderes – seja em relação a políticos, aos chefes e donos dos meios de comunicação ou mesmo a certas fontes e outros grupos de poder. De todo modo, valem-se do ódio (vindo de detratores em relação a eles, ou vice-versa) para angariar espaço na mídia e seguidores nas redes sociais.

Os polemistas se caracterizam, portanto, por uma crítica ou oposição aos mais acadêmicos, especialistas e jornalistas – sobretudo, aqueles que possuem diferentes tomadas de posição – ao mesmo tempo em que, em certos casos, possam ter aproximação com esses polos, circular pelos mesmos espaços, possuir cargos nas mesmas instituições ou vislumbrar um lugar nas mesmas. Composto por figuras com diferentes tipos de formação e trajetória profissional, o polo dos polemistas tem agentes com certo capital acadêmico, com títulos de doutorado, experiência de docência e livros publicados na área de estudo; assim como nomes mais próximos da atividade jornalística (ver capítulo 3 desta Parte). Eles possuem, porém, posições diferentes dos mais acadêmicos, especialistas e jornalistas: são os professores que conquistaram certa notoriedade pública, sem, no entanto, o reconhecimento interno dos pares; assim como são os jornalistas que, mesmo ocupando um lugar de certo destaque – ou seja, do jornalismo opinativo –, não são citados como exemplo por seus colegas de profissão nem nos livros de memória do jornalismo; há ainda os cineastas e escritores que, sem alavancar a carreira no campo da produção artística, encontraram na imprensa uma possibilidade de ofício e de destaque.

Em termos de reconhecimento, há também diferentes níveis entre esses agentes, posto que alguns chegam a ganhar algum tipo de consideração por parte dos colegas, ocupando posições estáveis e disputadas em canais mais tradicionais; enquanto outros são rechaçados por outros colunistas ou jornalistas, como é possível perceber em manifestações contra esses nomes por parte de agentes estudados em outras partes deste trabalho.

Em termos de posição, os mais polemistas, mas também os mais militantes (como será visto no próximo subcapítulo), circularam e circulam entre: o jornalismo cultural e o político, nos cadernos dos grandes jornais, nas revistas especializadas ou em programas de TV (ver subcapítulo 3.4 e 3.5 desta Parte); a prática artística, como a literária, a cinematográfica e a dramaturgica (ver subcapítulo 3.4 desta Parte); o mercado de palestras e consultorias para agências de publicidade, empresas de comunicação e ONGs; os *think tanks* ativistas ou militantes (no caso dos mais à direita); os movimentos sociais (no caso dos mais à esquerda); os cursos na Internet e em institutos culturais (ver capítulo 4 desta Parte). Entre a academia, o jornalismo e o campo da produção artística, a posição dessas figuras também os leva a aproximações – mais ou menos, evidentes; mais ou menos, anunciadas – com o entretenimento e a publicidade. Os polemistas e militantes, tomados em conjunto, são os que mais investem e os que mais se sobressaem nas redes sociais, assim como entre eles há vários best-sellers (ver subcapítulo 3.4 desta Parte). A admiração do público, principalmente, na Internet, legitima a presença da maior parte deles na discussão pública. Tornaram-se célebres, majoritariamente e

mais intensamente, após os anos 2000, embora alguns já ocupassem as páginas dos jornais nas décadas anteriores.

As produções dos mais polemistas dos intelectuais midiáticos se caracterizam por um grande volume e diversidade, indo desde as colunas na imprensa tradicional até o investimento em produções audiovisuais em canais do *YouTube*, passando por atuações em veículos de rádio e TV. Da mesma forma, os assuntos de suas intervenções também são bastante variados, de modo que eles são chamados a opinar ou se dispõem a comentar desde política econômica até segurança pública, de questões comportamentais até momentos históricos, de eleições até sexualidade (ver subcapítulo 1.2 da Parte V). Aliás, é interessante notar como são recorrentes entre vários dos nomes que ocupam esse polo os debates sobre questões ligadas à sexualidade, ao gênero, à família e ao comportamento. Nesse sentido, são os mais polemistas (e os mais militantes) que se empenham nas chamadas “guerras culturais”. Além disso, de maneira geral, essas produções e intervenções são caracterizadas, nas entrevistas que concedem à imprensa e a canais de TV e rádio, pelo teor ácido das críticas, pela contundência, pela coragem, pela irreverência e pelo caráter polêmico.

Por um lado, vários desses polemistas já foram mais próximos à figura do militante ou mesmo oscilam entre esses dois tipos ideais (como será visto no próximo subcapítulo). Por outro, eles entram em frequentes embates com as militantes feministas ou do movimento negro, com os defensores dos direitos humanos, com os ativistas ambientalistas, entre outros grupos mais próximos dos mais militantes.

Em relação aos jornalistas, apesar de alguns já terem atuado no ofício, eles se posicionam ou aceitam ser posicionados de maneira diferente: “Não tenho fonte, não sou jornalista e não quero usurpar o lugar deles”, afirmou Diogo Mainardi, em 2007, por exemplo. Segundo ele, seu trabalho era simplesmente “amolar quem está no poder”, “esculachar” (PROGRAMA DO JÔ, 2007). Na mesma linha de Mainardi, Reinaldo Azevedo também não se considerou repórter em entrevista à *Revista Imprensa*, em dezembro de 2013:

Note: **eu nunca me disse repórter**. Eu fui repórter algumas pouquíssimas vezes quando coordenador da sucursal de política de Brasília da Folha e vou lhe dizer uma coisa: solidarizo-me com vocês. Eu acho chato, difícil, desagradável, porque precisa falar com gente com quem não teria o menor prazer em conversar. (AZEVEDO apud DEMARIO, 2013, grifos meus).

Assim, ainda que possam se considerar jornalistas e exercer práticas próximas à profissão, o afastamento da condição de repórter é um dos elementos que os diferencia dos nomes que ocupam os polos dos jornalistas (*mainstream* ou blogueiros) deste trabalho – os quais se ancoram em suas experiências e reconhecimentos de reportagens como formas de

legitimação. Apesar de terem conquistado certo destaque, já que ganharam espaços opinativos, os nomes estudados nesta parte, em geral, não possuem uma trajetória profissional no jornalismo tal como os agentes estudados na Parte III: a maioria não ocupou cargos de chefia ou correspondência internacional, não se consagrou nas editorias de maior prestígio (como economia e política) assim como não conta com o volume de premiações das outras figuras.

Da mesma forma, os mais polemistas não conseguiram alcançar prestígio na academia, ainda que alguns possam manter interlocução com ela. Menos dedicados à pesquisa, ainda que possam estar envolvidos com a docência, os mais acadêmicos dos polemistas acabaram se afastando ou reduzindo as atividades na universidade e dedicando-se prioritariamente à atuação midiática. Assim, a relação com a academia também é ambígua no caso de uns e baseada na clara oposição a ela no caso de outros, tendo nomes que assumem uma postura abertamente anti-intelectual ou antiacadêmica:

(...) me considero um pouco anti-intelectual (...). É porque eu acho que o intelectual, em geral, está muito associado **a doutrinas, a escolas e ao universo acadêmico**. (...) Acho que, às vezes, **também me faltou...** não a fundamentação, mas a referência acadêmica, mas é porque eu **sempre tive uma espécie de preconceito contra o saber acadêmico**. É claro que a academia é uma usina de conhecimento, mas não necessariamente de saber. Na academia, há muita repetição; no meio intelectual, há muita repetição. E há também muita afetação, muita... as teses, os postulados, as formulações, frequentemente, estão associadas a um desejo de afirmação pessoal. (...) mas tudo que eu fui fazendo como autor, quer dizer, na verdade, o ponto de chegada que é o momento presente, tem muito a ver com essa **iconoclastia**, com essa... não é nem uma rebeldia, **é mesmo uma irreverência em relação às escolas de conhecimento**. (...) Eu acho que o meu percurso mais desviante mais para arte, **eu me sinto um artista**, eu tenho nesse exato momento, uma ação muito como jornalista, mas eu acho que eu ali na minha atuação, como colunista, até como formador de opinião, **eu acho que eu sou mais artista do que jornalista**, é um pensamento livre, é uma forma de expressão peculiar, livre, e que vem disso, de uma certa iconoclastia (Entrevista com um dos mais polemistas, grifos meus).

Para além da postura anti-intelectual, o trecho também aponta para o conflito entre esses três espaços: academia, jornalismo e produção artística. A identificação com a figura do artista é uma característica comum entre parte dos intelectuais midiáticos que se aproximam do polo dos mais polemistas e militantes. Se os jornalistas, os especialistas, os acadêmicos, quando confrontados, exaltam seus currículos – destacando as trajetórias profissionais de sucesso, os cargos de importância que ocuparam, os diplomas de prestígio que conquistaram, os prêmios que receberam –, os polemistas enfatizam suas qualidades morais e características pessoais.

Além disso, tendem a destacar a generalidade de seus conhecimentos, tal como a descrição presente no blog de Marco Antonio Villa: “Hoje é considerado um dos maiores conhecedores da História Política do nosso país com seus mais de 30 livros publicados, alguns dos quais tornaram-se best-sellers e referências bibliográficas para o estudo da História do

Brasil nos séculos XIX, XX e XXI” (BLOG DO VILLA). Mais à frente, o texto ainda acrescenta:

Com sua linguagem transversal, abrange **não só o mundo acadêmico** mas também um público heterogêneo e com interesse por história e política. (...) O historiador Marco Antonio Villa **é convidado habitual de programas televisivos** como: Globo News Painel, Jornal Nacional (Rede Globo), Programa do Jô (Rede Globo), Roda Viva (TV Cultura), UNIVESP TV (BLOG DO VILLA, grifos meus).

Assim, a capacidade de se comunicar para além da academia bem como o fato de ser fonte frequente de programas de TV são enfatizados como ilustrações de prestígio do historiador, que não se dirige mais aos pares contemporaneamente. Nesse sentido, as participações dos mais polemistas no mercado de opinião dependem mais fortemente da aprovação do público (as audiências nos programas de TV e rádio; os seguidores nas redes sociais) do que dos pares.

Envolvidos em contenciosos, sobretudo na Internet, esses agentes são alvos, segundo eles, de xingamentos, ameaças e perseguições. Assim, por um lado, as polêmicas podem render seguidores, empregos e até mesmo legitimidade perante seus públicos; por outro, podem alcançar níveis elevados de violência – sobretudo nas redes sociais, com ameaças reais – assim como também a perda de empregos e apoios políticos, de modo que as posições desses agentes são marcadas também pela instabilidade¹⁶¹.

Mas, ora esses agentes são alvos de ataques e ameaças, ora são eles que os perpetraram, gerando reações de colegas jornalistas e colunistas – inclusive, muitos dos aqui estudados – e de entidades profissionais. Para além das detrações pessoais, as declarações que atacam a democracia, a liberdade individual, a prática profissional do jornalismo e os direitos humanos geram manifestações de repúdio, demissões e cancelamentos nas redes sociais¹⁶². Dependentes

¹⁶¹ Para citar um exemplo, Joice Hasselmann, que foi líder do governo de Bolsonaro na Câmara, foi xingada pelo filho do presidente e deputado Eduardo Bolsonaro assim como atacada e perseguida nas redes (UOL, 2019c). Da mesma forma, outros polemistas que foram ou se tornaram oposição a Bolsonaro também passaram a sofrer ataques na Internet.

¹⁶² Para citar alguns exemplos, Joice Hasselmann já foi denunciada por plágio, comprovado pelo Conselho de Ética do Paraná (CEP) (SINDIJOR-PR, 2015), e também por espalhar *fake news* (FILHO; FELIZARDO, 2018; BALLOUSSIER, 2018). Em 2014, entidades profissionais do jornalismo – como o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro e sua Comissão de Ética assim como a FENAJ – pronunciaram-se contra a violação dos direitos humanos, cometida por Rachel Sheherazade, no episódio em que fez um comentário no telejornal do *SBT Brasil* justificando a atuação de um grupo de “justiceiros”, que prendeu e agrediu um rapaz menor de idade, no Rio de Janeiro (SINDICATO..., 2014; FENAJ, 2014). No episódio, Olavo de Carvalho manifestou-se em defesa da declaração de Sheherazade e da ação dos linchadores (CARVALHO, 2014a); além disso, ele tem vários vídeos com conteúdos que ferem os direitos humanos. Em 2018, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) publicou uma nota de repúdio contra Olavo, por sua declaração de que “os jornalistas são os maiores inimigos do povo, seja nos EUA ou no Brasil” (O GLOBO, 2018). Em 2020, Rodrigo Constantino passou por demissões e cancelamentos nas redes sociais por conta de um vídeo em que comentava um caso de estupro (MARTINS, 2020). Da mesma forma, Leandro Narloch foi demitido da CNN, depois de um comentário em que, apesar de se colocar a favor da decisão do STF de liberar homens gays para a doação de sangue, associou-os aos maiores riscos de HIV e à promiscuidade (F5, 2020a).

da polêmica mais agressiva e explícita, apelando para tons de virulência e virilidade, estão situados neste polo – embora nem todos os nomes aqui estudados ajam assim e embora os outros polos também os tenham – os nomes que mais agiram no sentido de alargar os limites do que seria legítimo e possível de ser publicado, difundindo conteúdos de teor reacionário, preconceituoso e violento.

1.2 ESCRITORES, PROFESSORES E MILITANTES

Como disse Pierre Bourdieu no artigo “O campo científico”, “A ciência neutra é uma ficção. Uma ficção interessada”. **Quem possui privilégios sociais tem interesse em criar mecanismos para mantê-los, seja pela ciência, pela arte ou pela educação.** Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra, aborda essa questão em suas obras. Criticando a ciência moderna como padrão exclusivo para a produção do conhecimento, ela vê a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população, uma vez que o modelo valorizado e universal é branco. **Nada é isento de ideologia.** Como **acadêmica e militante**, ouço de outros acadêmicos que sou ideológica por **estudar feminismo**, como se eles não estivessem seguindo uma ideologia, inclusive ao decidir quais temas são legítimos ou não e quem deve ser mantido fora daquele espaço. Nosso ponto de partida, como define Patricia Hill Collins, ou nosso “só falar disso”, nos permite refutar esse modelo e pensar outros mais plurais e democráticos. **Não é possível falar de política, sociedade e arte sem falar de racismo e sexismo.** Falar de questões que foram historicamente tidas como inferiores, falar de mulher, população negra e LGBT, é romper com a ilusão de universalidade que exclui. Não nos enganemos quando eles dizem que falam de temas universais e nós não. Estão somente falando de si próprios. (RIBEIRO, 2018a, p. 95, grifos meus).

Se, por um lado, os mais militantes dos colunistas também se caracterizam, em alguma medida, pela crítica à universidade e ao jornalismo (tal como os mais polemistas); por outro, parece haver uma diferenciação entre uns e outros no que diz respeito aos mecanismos de legitimação, já que os polemistas buscaram transformar em trunfo a ausência relativa de reconhecimento por parte da academia e do jornalismo bem como o lugar de *outsider* nesses espaços, passando, portanto, a negar em maior ou menor medida – de acordo com a trajetória de cada um – as duas instâncias, mas, sobretudo, a universidade. Os militantes, ao contrário, somam a essa alcunha (com sua variante “ativistas”) as posições de acadêmicos e jornalistas, buscando inclusive ressaltar seus feitos nesses espaços, assim como se associam, em vários momentos, a figuras mais consagradas nesses campos. Mas, como ocorre com os mais polemistas, a imagem de “militante” e “ativista” pode, por ora, contribuir para suas ascensões e legitimações no debate público e, em outros momentos, deslegitimar suas falas.

O equilíbrio entre a adoção da identidade “militante” ou “ativista” e sua associação a outras posições mais prestigiosas é o que parece moldar a identificação dessas figuras. Composto por nomes mais jovens, o polo dos mais militantes dos colunistas se refere àqueles

que, embora tenham interlocução ou mesmo certas posições nas universidades, (ainda) não ingressaram como professores efetivos de instituições públicas, de modo que investem também em outras atividades, sem poder ou sem querer dedicar-se primordialmente à pesquisa e à docência. Ao mesmo tempo, são também os jornalistas mais jovens que não alcançaram (ainda) o prestígio e o reconhecimento que os mais velhos já detêm. Assim como também há escritores, com certo nível de reconhecimento. Ocupam mais o lugar de pretendentes do que de figuras malsucedidas.

Também por isso, embora possam criticar a academia e o jornalismo, não os negam, mas ao contrário, fazem questão de se afirmar como parte desses espaços e, ao mesmo tempo, de mobilizar seus princípios e estratégias, participando em alguma medida de seus jogos específicos. Os mais militantes dos colunistas justificam suas posições midiáticas e nas redes sociais a partir de uma necessidade de ocupar os espaços públicos de debate, como parte da “guerra cultural” e do combate às ameaças à democracia. Atuam nas redes sociais, nos canais de televisão e rádio, nas revistas e jornais, circulando entre programas de debate, jornalísticos, mas também de entretenimento, com a justificativa de que precisam “sair da bolha”:

Se você escreve de uma maneira extremamente rebuscada, se escreve **‘filosofês’, só as pessoas que dominam aquela linguagem vão acessar**. E ninguém tem a obrigação de ter estudado filosofia. Então, **na academia, a linguagem é utilizada como um instrumento de poder**. (...) Por isso, para nós, quebrar essa lógica é tão importante. Inclusive sou muito criticada por isso na academia. Por ser acessível. Na academia, parece que quanto menos as pessoas entendem mais você é ‘uau!’. E eu acho isso ridículo. **Faço questão de ser acessível, de ser pop** (RIBEIRO apud LIVRARIA DA VILA, [2018?], grifos meus).

Ao mesmo tempo em que se beneficiam em alguma medida da notoriedade – com convites de trabalho, por exemplo –, eles adotam o discurso da aproximação, do tipo “sou uma pessoa como outra qualquer”, o qual também contribui para suas posições nas redes sociais, as quais se assemelham em alguns sentidos às dos *influencers*, cuja imagem de celebridade se constrói pela visibilidade associada à ideia do “gente como a gente”. A fama possivelmente conquistada por esses militantes é justificada por eles, não pelo desejo de holofotes (como no caso das celebridades), mas pelo dever de ocupar os espaços públicos, pela luta política e pela defesa de causas específicas: assim, buscam legitimar suas participações em programas de entretenimento, publicidades e relações com as celebridades tradicionais (como cantoras, atrizes e outras estrelas da indústria cultural).

Os mais militantes e ativistas se aproximam dos polemistas pelos investimentos em determinadas performances, pelas fronteiras que também estabelecem com o campo da produção artística e do entretenimento, pelos contenciosos em que se envolvem; os mais polemistas também se aproximam dos mais militantes e ativistas no sentido de que seus lugares

no debate público também são circunscritos, antes de mais nada, pelas causas políticas e sociais que defendem e pelas performances que adotam. Esse espelhamento entre os militantes, mais à esquerda, e os polemistas, mais à direita, fica claro no trecho seguinte: “Hoje, aos 52 anos, Marcelo [Rubens Paiva] continua sendo um sujeito politizado, militante, “de esquerda” (termo que não acha que está fora de moda). “Sou o Reinaldo Azevedo de esquerda”, diz, se referindo ao colunista polemista da *Veja*.” (LEMOS, 2011).

Essa lógica do “espelhamento” é reforçada, aliás, em programas na televisão e em canais do *YouTube*, que têm como ponto de partida o “confronto” ou o “diálogo” entre pessoas de posições diferentes no espectro político (ver subcapítulo 1.3 da Parte V). Nesse sentido, embora a posição de polemista esteja mais ligada a tomadas de posição mais à direita e a de militante, mais à esquerda, a fronteira entre os dois polos é ainda mais fluida do que entre os outros grupos estudados neste trabalho. A lógica do “espelhamento” por meio de comparações e participações em debates e programas sobre a polarização política não apenas reforça e reproduz essa ideia de polarização como também contribui na construção da imagem de polos equivalentes no espectro político – ainda que em termos de tomada de posição, vários dos mais à direita alcancem posicionamentos muito mais extremos. Contribuem, assim, para reforçar a ideia de que se trata de agentes apenas com sinais trocados¹⁶³.

Militantes e polemistas disputam ainda as narrativas sobre temas como sexualidade e gênero, tipos de família, racismo, direitos humanos, para citar alguns exemplos, em uma guerra cultural em que não apenas concorrem sobre a narrativa como também sobre os lugares de fala mais legítimos. Mas, enquanto alguns militantes (como as representantes feministas) figuram nos grandes meios de comunicação em um papel bem circunscrito, ou seja, na defesa de uma causa e em programas segmentados; os mais polemistas, em geral, escrevem nos periódicos generalistas, sobre assuntos diversos. Nesse sentido, parece haver lógicas diferentes entre um e outro: enquanto a militância pode afastar um público, sendo útil apenas nesse espaço circunscrito, controlado e de nicho; a polêmica, mesmo quando levanta detratores e opositores, parece, por um certo período, angariar mais público – mas, dependente das oscilações do momento, esses polemistas também precisam ser trocados com certa frequência, a não ser

¹⁶³ Por outro lado, em 2018, a filósofa Marcia Tiburi abandonou o estúdio de um programa na rádio Guaíba, ao descobrir, sem ter sido avisada previamente, que também estaria no programa o atual deputado federal e um dos líderes do Movimento Brasil Livre (MBL), Kim Kataguirí (DEM-SP). Sobre o episódio, ela afirmou: “Creio que é importante chamar ao debate e ao diálogo qualquer cidadão que possa contribuir com ideias e reflexões, e para isso não se pode apostar em indivíduos que se notabilizaram por violentar a inteligência e a cultura, sem qualificação alguma, que mistificam a partir de clichês e polarizações sem nenhum fundamento. O discurso que leva ao fascismo precisa ser interrompido. Existem limites intransponíveis, sob pena de, disfarçado de democratização, os meios de comunicação contribuírem ainda mais para destruir o que resta da democracia.” (TIBURI, 2018).

quando, com certos níveis de consagração, conseguem se manter como um personagem caricato de um programa ou empresa.

Entre os militantes, é possível identificar marcas de autorrepresentação bem como posições ocupadas próximas àquelas que caracterizam os polemistas, assim como estes, em muitos momentos, atuam como ativistas. Aliás, é possível observar certas transições na trajetória de algumas figuras. É notável, por exemplo, que alguns dos nomes que figuram entre os polemistas tenham ocupado, em suas juventudes, justamente o lugar de militantes ou ativistas. Olavo de Carvalho, Arnaldo Jabor, Demétrio Magnoli, Marco Antonio Villa e Reinaldo Azevedo, por exemplo, forjaram habilidades e pensamentos no movimento estudantil contra a ditadura militar, alguns deles tendo feito parte de grupos clandestinos durante o período.

A experiência militante dotou esses agentes de certas capacidades para debater no espaço público assim como parece ter engendrado, em maior ou menor medida, suas lógicas de pensamento, articulação, análise e argumentação: “tudo o que eu aprendi de falar, de discutir, de questionar, de habilidade ou de não habilidade foi justamente no movimento estudantil” (VILLA, 2008). Por outro lado, as reconversões em termos de carreira e de tomadas de posição também levaram a reavaliações das experiências de militância: “Eu nunca fiz uma militância política típica. Sempre agi pela via da cultura e da arte. (...) A militância, por sua vez, era uma coisa chata (JABOR apud REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 51).

Assim como é possível observar a trajetória de agentes que foram militantes de esquerda na juventude e se aproximaram ao longo do tempo às tomadas de posição mais à direita e à postura mais próxima do polemismo; também é possível identificar, atualmente, militantes ou ativistas de direita. Diogo Mainardi, que em certos momentos assume a alcunha de polemista, já se afirmou como “militante da Lava Jato” em artigo na *Revista Crusoé* (MAINARDI, 2018c). Da mesma forma, Rodrigo Constantino afirma atuar pela “causa liberal” (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020) e Joice Hasselmann já se disse ativista contra a corrupção (HASSELMANN, 2017b). Engajadas em suas causas, essas figuras recebem, aliás, premiações e reconhecimentos ligados justamente aos seus ativismos, publicam livros sobre as questões defendidas, são chamadas a participar de debates para defender suas agendas assim como se envolvem em contenciosos em redes sociais, inclusive, com outros militantes ou ativistas da mesma causa.

(...) **não aceito imposições nem da militância limitante** que quer nos fazer seguir scripts, de julgar que precisamos ser do modo que querem sob risco de ataques. Isso é tática colonizadora eurocentrada. Quem luta por um mundo melhor não submete o outro, porque julgar que o outro precisa caber na sua caixinha é violência. Cuidado

com os **falsos militantes**. (DJAMILA apud LIVRARIA DA VILA, [2018?], grifos meus).

Nesse sentido, se entre os polemistas, há debates sobre a verdadeira ou a legítima direita (ver subcapítulo 2.1 da Parte V), os militantes também acabam entrando em embates sobre o sentido verdadeiro da militância bem como sobre as formas legítimas de ser feminista, socialista, representante do movimento negro, de esquerda etc. Por suas visibilidades, atuações políticas diretas e por defenderem grupos historicamente discriminados e excluídos no país, os mais militantes à esquerda parecem constituir os alvos principais de perseguições, *fake news*, xingamentos e ameaças vindos sobretudo de grupos de extrema-direita. Marcia Tiburi, por exemplo, decidiu sair do país, em 2019¹⁶⁴. Ela, Djamila¹⁶⁵, Eduardo Moreira¹⁶⁶ e Leonardo Sakamoto¹⁶⁷ já denunciaram as ameaças e ataques recebidos. Sakamoto publicou, inclusive, o livro *O que aprendi sendo xingado na Internet*.

Assim, ora a visibilidade e a militância beneficiam esses agentes, ora elas os prejudicam, não apenas nas disputas referentes ao mercado da produção simbólica, mas também tornando-os alvos de violências físicas e verbais (pretendidas ou efetuada). Os benefícios e os prejuízos gerados pelas posições mais militantes dos nomes estudados nesta parte do trabalho advêm e, ao mesmo tempo, reforçam a instabilidade de suas posições. Marcados por essa condição¹⁶⁸, esses agentes – polemistas e militantes – são caracterizados menos por um papel mais específico – tal como os dos mais especialistas, acadêmicos e jornalistas. No mercado de opiniões, em que lógicas distintas concorrem entre si, eles se encontram, por um lado, dominados e instáveis, seja porque ainda não alcançaram os lugares mais consagrados, seja porque já os perderam, seja porque sequer conseguem disputá-los; mas possuem, por outro lado, certa dominância na divulgação de ideias e conteúdos para o chamado “grande público”.

¹⁶⁴ Marcia Tiburi afirmou à época: “‘Saí porque estava com muito medo das ameaças, do que estava ocorrendo com o Brasil e do que estava ocorrendo comigo’, disse. ‘Nas redes você encontra muita gente dizendo que vai me matar, que vai dar um tiro em mim, que vai acabar comigo. Também vinham ameaças diretamente por e-mail, SMS, WhatsApp. Fui colocada num grupo com dez caras sinistros que tinha uma foto do Bolsonaro com uma faca. Também recebia ameaças na rua. Não podia mais sair de casa, ir à farmácia, ir a uma padaria. Chega um desconhecido, esbarra e diz: ‘Eu sou fascista com muito orgulho, você se cuide’. Um outro se aproxima e fala: ‘Cuidado, na próxima vez que eu te encontrar eu acabo com você’” (MENDONÇA, 2019).

¹⁶⁵ Ver GLOBO NEWS, 2019.

¹⁶⁶ Ver GOMES, 2019b.

¹⁶⁷ Ver SCARDOELLI, 2018; PORTAL IMPRENSA, 2016.

¹⁶⁸ Nesse sentido, acho interessante lembrar, mais uma vez, a reflexão feita por Bourdieu acerca da “miséria da posição” (BOURDIEU, 2008, p. 13), citada na introdução deste trabalho.

2 ORIGENS SOCIAIS E ESTILOS DE VIDA

As origens sociais dos mais polemistas ou militantes dos intelectuais midiáticos estudados neste trabalho são mais desiguais entre si do que nos outros polos. É neste conjunto que se concentram aqueles de origem mais pobre de todos os nomes analisados – filhos de trabalhadores manuais e empregadas domésticas – assim como também é somente neste grupo que há uma intelectual negra. Ao mesmo tempo, neste polo, há filhos de escritores, políticos e jornalistas reconhecidos nacionalmente bem como de engenheiros, médicos e advogados, oriundos da classe média alta de São Paulo ou Rio de Janeiro, que compartilham as propriedades de origem social com os mais acadêmicos e especialistas dos colunistas.

As origens se dividem entre as capitais Rio de Janeiro e São Paulo, as cidades do interior paulista assim como estados do Nordeste ou do Sul do país. Apesar de alguns virem de famílias ocupantes de estratos altos da classe média, neste conjunto também se concentram as principais narrativas sobre mobilidade social vivenciada pelos próprios nomes estudados neste trabalho: por um lado, a ascensão vivida pelos mais pobres; por outro, as experiências de decadência, falência, instabilidade e dificuldade financeiras pelos de classe média alta.

Da mesma maneira, os incentivos à formação educacional também variam com mais intensidade dentro deste conjunto. Entre os oriundos das classes mais baixas ou médias baixas, há aqueles que narram os incentivos familiares à educação e às produções culturais e artísticas mais legítimas – sobretudo aqueles com posicionamentos mais à esquerda – e aqueles que destacam a escassez de estímulos nesse sentido durante suas infâncias e adolescências – principalmente aqueles com tomadas de posição mais à direita. Os que vêm de classes médias altas e se colocam mais à distância da vida acadêmica (seja por não terem completado os ensinamentos superiores, seja por não enxergarem neles uma grande importância para seus ofícios) destacam o relaxamento das famílias em torno da necessidade de formação superior, exaltando, por outro lado, as experiências de acúmulo de capital cultural por outras vias – o que os distingue dos mais acadêmicos e especialistas. Vários deles, aliás, passaram por colégios privados e católicos. Neste grupo, também se realça a diversidade religiosa: catolicismo, protestantismo, espiritismo, budismo, judaísmo e candomblé aparecem entre as fés e as práticas das famílias.

Outro elemento que se torna mais frequente entre as narrativas dos que compõem este conjunto é o fato de terem vivido tragédias pessoais e familiares assim como sofrimentos sociais. Por um lado, o papel que ocupam no espaço do debate público – no qual as histórias e qualidades individuais se tornam fatores de destaque – os leva a falar com mais frequência de suas vidas pessoais e suas histórias familiares, de modo que tais tragédias e sofrimentos se

tornam tema de entrevistas, livros, notícias e debates; por outro, esses episódios são narrados, muitas vezes, como processos importantes na constituição de suas afinidades ideológicas (neste caso, para aqueles que vivenciaram tais momentos ainda na infância e na adolescência): violência doméstica e relações parentais conflituosas, desaparecimento dos pais (seja por ter saído de casa; seja pela prisão e perseguição da ditadura), problemas de saúde, morte precoce dos progenitores, acidentes consigo e com filhos, experiências de discriminação e racismo, relações amorosas abusivas e vivências violentas (consigo ou com próximos) compõem as histórias narradas pelos personagens estudados nesta parte do trabalho. Embora o escopo desta pesquisa não me leve a aprofundar esses aspectos, é interessante ressaltar como boa parte dessas vivências se relaciona a posições sociais mais vulneráveis e instáveis.

Tabela 17 - Origens sociais dos mais polemistas e militantes

Nomes	Ano de nascimento	Cidade de nascimento	Profissão dos avós	Origem dos Pais	Origem das mães	Profissão Pai	Profissão Mãe	E. Superior Pai	E. Superior Mãe	Militância, atuação e participação política da família	Religião da família	Escola
Antonio Prata¹⁶⁹	1977	São Paulo	Avô era engenheiro mecânico, projetava locomotivas	Uberaba (MG)	Estados Unidos, cresceu em Petrópolis (RJ)	Escritor, dramaturgo, jornalista. Chegou a trabalhar no Banco do Brasil	Escritora, dramaturga, jornalista	Economia (incompleto – USP)			Ateus	Escolas privadas (Oswaldo de Andrade e Equipe; Escola Viva; Colégio Gavéa)
Arnaldo Jabor¹⁷⁰	1940	Rio de Janeiro	Família com descendentes alemães e árabes			Oficial da Aeronáutica	Dona de casa	Engenharia			Pai era ateu	Escola privada e católica (Santo Inácio)
Demétrio Magnoli	1958	São Paulo	Avós imigrantes italianos. Avô materno era topógrafo prático; avó era professora primária. Avô paterno era entregador, lustrador de	São Paulo	Itália	Engenheiro civil – projeto das principais hidrelétricas do Brasil	Professora universitária da FAO-USP	Engenharia Civil	Arquitetura, com doutorado	Avô materno era antifascista, foi preso por Mussolini e fugiu para o Brasil. Mãe sempre foi antifascista	Catolicismo	Escolas privadas (Jóquei Clube de SP, Equipe)

¹⁶⁹ Informações encontradas em entrevistas dos pais e dele próprio na imprensa: CONTI, 2013; GOÉS, 2011; UM ESCRITOR..., 2014; e em crônicas de Antonio Prata: PRATA, 2017.

¹⁷⁰ Informações encontradas em livros de Arnaldo Jabor: JABOR, 2014.

			sapato e virou dono de uma fábrica (malharia); avó era dona de casa (semianalfabeta)							a, mas nunca militou politicamente		
Diogo Mainardi ¹⁷¹	1962	São Paulo		Pindorama (SP)		Publicitário conhecido, dono de agência. Atuou também como jornalista. Enriqueceu, mas faliu		Direito (incompleto – USP)				Escola privada (Equipe). High School nos EUA
Djamila Ribeiro ¹⁷²	1980	Santos	Avó materna era empregada doméstica e benzedeira				Empregada doméstica (antes de se casar); dona de casa	Sem diploma	Sem diploma	Pai foi um dos fundadores do Partido Comunista de Santos e militante do movimento negro	Candomblé	Colégio Moderno de estivadores
Eduardo Moreira ¹⁷³	1976	Rio de Janeiro	Avó paterno trabalhou como rádio-telegrafista na Aeronáutica,			Dono de construtora		Engenharia				Escola privada (Colégio São Vicente

¹⁷¹ Informações encontradas no verbete do Dicionário Histórico-Biográfico da Propaganda no Brasil sobre o pai de Mainardi, Enio Mainardi; e informações em entrevistas da imprensa: ABREU, 2007; SABINO, 2007.

¹⁷² Informações encontradas em entrevistas concedidas à imprensa, como CARVALHO, 2019a, e livros escritos por Djamila Ribeiro, como RIBEIRO, 2018a.

¹⁷³ Informações encontradas em entrevistas na imprensa: GOMES, 2019b; MOREIRA, 2020; em livros, como MOREIRA, 2019a; no currículo do *LinkedIn* e em posts do *Facebook* (MOREIRA, 2019b).

			estudou engenharia Civil na Universidade do Brasil e Engenharia Eletrônica, tornando-se professor na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense									de Paulo)
Guilherme Fiuza	1965	Rio de Janeiro	Avô materno, Sobral Pinto, foi um jurista famoso. Avô paterno foi um empreendedor	Ceará	Rio de Janeiro	Gestor/Executivo, que atuou no setor público (Banco do Brasil, Ministério da Indústria e Comércio) e privado (desde turismo até indústria pesada)	Psicanalista	Sem diploma	Psicologia	Avô atuou contra a ditadura do Estado Novo de Vargas e a militar. Defendeu os comunistas Luís Carlos Prestes e Harry Berger, mesmo sendo conservador e católico fervoroso. Foi preso aos 75 anos, após o decreto do AI-5	Catolicismo	Escola privada (Instituto Souza Leão)

Joice Hasselmann ¹⁷⁴	1978	Ponta Grossa				Trabalhou em supermercado	Fazia diária na casa de parentes, trabalhou em supermercado, tornou-se confeitadeira e dona de padaria	Sem diploma	Sem diploma	Sem atuação política	Evangélica (Batista)	Escolas públicas (“piores escolas”) e privada (com bolsa de estudos)
Leandro Narloch	1978	Curitiba (PR)	Avô materno imigrante (Polônia). Avô materno era pintor de parede e avô paterno era pequeno proprietário rural	Jaguara do Sul (SC)	Curitiba (PR)	Negociante de imóveis. Pai faliu	Dona de casa	Engenharia Química	Sem diploma	Sem atuação política	Pai é ateu e mãe é budista	Escolas privada católica e pública (CEFET)
Leonardo Sakamoto	1977	São Paulo	Avós imigrantes (Grécia, Itália e Japão). Avô materno era caixeiro viajante e costureiro, avó materna era costureira. Avós paternos eram agricultores	Alfredo Marcondes (SP)	Santos (SP)	Engenheiro	Dona de casa, fazia salgados para fora, artesanato	Engenharia	Arquitetura (incompleto)	Sem atuação política	Catolicismo. Mãe é também espírita, com traços budistas	Escola privada adventista e escola pública (CEFET)

¹⁷⁴ Informações encontradas em entrevistas como à *Folha* (BALLOUSSIER, 2018) e ao canal da Leda Nagle (HASSELMANN, 2017b); e em vídeos produzidos por Joice Hasselmann (HASSELMANN, 2018c).

Luiz Felipe Pondé	1959	Recife	Avô materno era médico e avô paterno chegou a chefe da companhia de trem	Nazaré (BA)	Salvador (BA)	Médico; capitão médico da aeronáutica; envolvido com medicina social. Fundador da Universidade Estadual de Feira de Santana	Funcionário do Ministério Público Federal	Medicina	Sem diploma	Pai foi comunista, do grupo do Miguel Arraes, chegou a ser preso na ditadura	Catolicismo e judaísmo	Escola privada católica (dos jesuítas)
Marcelo Rubens Paiva¹⁷⁵	1959	São Paulo	Avô materno era comerciante e avô paterno era latifundiário			Engenheiro (diretor de construtoras; tinha uma “empresa polivalente de engenharia”); Ex-deputado federal socialista; Diretor do jornal <i>Última Hora</i>	Advogada	Engenharia (Universidade Mackenzie)	Letras (Mackenzie); Direito (Mackenzie).	Pai foi deputado federal; foi sequestrado, torturado e morto pela ditadura militar.		Escolas públicas e privadas (Andrews; Santa Cruz)
Marcia Tiburi	1970	Vacaria (RS)	Avós viviam de renda, na zona rural	Vacaria (RS)	Vacaria (RS)	Funcionário público aposentado - setor de construção civil	Dona de casa	Sem diploma	Sem diploma	Sem atuação política	Catolicismo	Escola pública e privada católica (com bolsa)
Marco Antonio Villa¹⁷⁶	1955	São José do Rio Preto (SP)		São Bernardo do Campo (SP)	São Bernardo do Campo (SP)	Dono de loja de artigos variados	Dona de casa	Sem diploma	Sem diploma			Escolas públicas

¹⁷⁵ Informações encontradas em livros do autor (PAIVA, 2015; PAIVA, 1982), em entrevistas na imprensa (REVISTA IMPRENSA, 1998), em verbetes do CPDOC (KUSHNIR) e no site *Memórias da Ditadura*.

¹⁷⁶ Informações encontradas em entrevistas de Marco Antonio Villa (VILLA, 2008).

Olavo de Carvalho ¹⁷⁷	1947	Campinas (SP)				Advogado						Escola católica
Rachel Sheherazade ¹⁷⁸	1973	João Pessoa (PB)	Avô era descendente de árabes. Avó era funcionária pública			Funcionário público – advogado	Funcionária pública: assistente social; trabalhou como faxineira e em supermercado nos EUA	Direito			Pais evangélicos; avó católica	
Reinaldo Azevedo ¹⁷⁹	1961	Dois Córregos (SP)				Trocava mola de caminhão	Doméstica	Sem diploma	Sem diploma		Católicos	
Ricardo Amorim ¹⁸⁰	1971	São Paulo										Escola privada (Dante Alighieri)
Rodrigo Constantino	1976	Rio de Janeiro	Avô materno era diretor financeiro da Vigor. Avô paterno, ele não sabe	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Mercado financeiro (Banco Central e setor privado); empreendedor	Professora de biologia em colégio	Econometria	Biologia e Psicologia	Sem atuação política	Catolicismo	Escola privada (Santo Agostinho)

Fonte: Elaborada pela autora com base nas entrevistas realizadas e nas fontes diversas descritas na Parte I.

¹⁷⁷ Informações presentes em textos de Olavo (CARVALHO, 2008).

¹⁷⁸ Informações presentes em entrevistas dadas por Sheherazade (PROGRAMA DA ELIANA, 2014; THE NOITE, 2014; BATISTA JR., 2014).

¹⁷⁹ Informações presentes em textos de Reinaldo Azevedo (AZEVEDO, 2011) e em entrevistas (DEMARIO, 2013).

¹⁸⁰ Informações presentes em sua palestra no TEDx Dante Alighieri (AMORIM, 2019b).

2.1 HERANÇAS FAMILIARES: AS ORIGENS MAIS ABASTADAS

De um lado, sou neto de latifundiários; de outro, comerciante italiano da rua Santa Rosa. **Filho de engenheiro e advogada, tenho quadros bonitos na parede e piso em tapetes persas. O único calo que tenho em minhas mãos é de tocar violão.** (...) Nasci do lado de cá dos trilhos, de marginal somente no colegial, onde os **colegas eram príncipes; eu, apenas burguês.** (...) O Tietê enche, mas não molha minha casa; o temporal cai, mas não atola minha rua. **Nunca tive que trabalhar. Meu berço não era de ouro, mas era um berço** (PAIVA, 1982, p. 5, grifos meus).

Nós somos ricos?, perguntei à minha mãe, aos cinco anos. Eu achava que sim. Afinal, para mim, os pobres eram aquelas pessoas que eu via com uma prematura angústia, através do vidro de nosso Passat verde musgo, na pequena favela da Juscelino Kubitschek, perto de casa. **Minha mãe disse que não éramos ricos nem pobres, éramos de classe média.** (...) Restaurante por quilo, por exemplo. Tem coisa mais classe média? Tudo bem, **posso dizer que sou de uma classe média intelectualizada** – o que significa que não ponho feijoada e sushi no mesmo prato –, mas seria ridículo negar minhas origens, na fila, diante de uma cestinha contendo “palha italiana” e ouvindo o mantra diário do capitalismo nosso de cada dia: “crédito ou débito?” (PRATA, 2008, grifos meus).

Identificados como filhos da classe média intelectualizada, nascidos em São Paulo, Marcelo Rubens Paiva e Antonio Prata compartilham algumas propriedades de origem social não apenas com outros nomes dos mais militantes e polemistas dos intelectuais midiáticos, mas também com alguns dos mais especialistas e acadêmicos. Os dois assim como Diogo Mainardi, Guilherme Fiuza, Demétrio Magnoli, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino, Eduardo Moreira e Ricardo Amorim são os nomes analisados nesta parte do trabalho com origens mais elevadas: filhos de pais profissionais liberais, executivos ou políticos-intelectuais; estudaram em escolas privadas de elite; alguns têm parentes célebres; viveram em ambientes com acesso a bens materiais e culturais das classes mais altas.

Ainda assim, alguns traços da trajetória e dos dados de origem social apontam para diferenciações significativas, como, por exemplo, o fato de que, quanto mais artística, intelectual e política a profissão dos pais, mais à esquerda tendem a ser os filhos; e quanto mais a profissão paterna se aproximou exclusivamente do mundo dos negócios, maior a tendência à direita. Essas relações, é claro, são mediadas por outros elementos da trajetória, como será visto ao longo desta parte, bem como não podem ser tomadas de forma mecânica. Ainda assim, essas distinções na constituição do *habitus* de cada um deles podem ser evidenciadas por meio de alguns aspectos das trajetórias e guardam relação com as disposições que carregam.

Marcelo Rubens Paiva e Antonio Prata, por exemplo, são filhos de pais reconhecidos nacionalmente. Rubens Paiva, o pai de Marcelo, além de engenheiro formado pela Universidade Mackenzie, foi também deputado federal por São Paulo, pelo PTB. Em 1964, foi cassado pela ditadura militar, por integrar a ala mais radical do partido, “abertamente comprometida com as

reformas de base propostas pelo presidente João Goulart (1961-1964)” (KUSHNIR). Em 1971, foi sequestrado e preso pelos militares, tendo sido morto em decorrência das torturas sofridas. Sua esposa e mãe de Marcelo, Eunice Paiva, também foi presa junto com a filha de 15 anos. Eunice foi mantida incomunicável por 12 dias e a filha liberada em 24 horas (MEMÓRIAS DA DITADURA 1). Primeiramente graduada em Letras, a mãe cursou Direito depois do desaparecimento do marido, engajando-se em lutas sociais e políticas assim como tornando-se especialista em direito indígena. Eunice fundou o Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMA), em 1987, e foi consultora da Assembleia Nacional Constituinte (MEMÓRIAS DA DITADURA 1), do Banco Mundial e da ONU (PAIVA, 2015, p. 27).

Marcelo narrou em seu livro a proximidade dos pais com figuras políticas, como Lula e FHC, mas também com editores, livreiros e escritores, como Lygia Fagundes Telles, Antonio Callado, Millôr e Haroldo de Campos (PAIVA, 2015; MEMÓRIAS DA DITADURA 1). Para além do universo literário e político, a família mantinha também uma proximidade com o jornalismo, já que seu pai chegou a ser diretor do *Última Hora*, de São Paulo: “Eles [jornalistas] foram nossos aliados diante do regime militar. Inclusive para nos ajudar a saber de coisas. A família soube da morte do meu pai por um jornalista, que entrevistou o Médici em off” (PAIVA apud REVISTA IMPRENSA, 1998, p. 28).

Este ambiente contribuiu para as escolhas posteriores de Marcelo, que trocou o departamento de Engenharia Agrícola na Unicamp pela Escola de Comunicação e Artes da USP. A primeira profissão foi escolhida, segundo ele, pela tradição familiar, mas, sobretudo, pela pressão pessoal e materna, já que era o único homem da família depois do desaparecimento do pai e que tal ofício oferecia mais “chances de obter um bom patrimônio no futuro, ajudar nas finanças abaladas da família, que vivia hoje sem saber do amanhã” (PAIVA, 2015, p. 220). Como engenheiro, ele teria emprego garantido com os amigos do pai e até mesmo a chance de herdar seu espólio, com possibilidade de reconstruir a empresa paterna (Ibid.). Anos mais tarde, quando já havia sofrido o acidente que o deixou tetraplégico, mudou a opção profissional, indo para a Escola de Comunicação e Artes da USP: “Minha mãe não se opôs. Ganhava um bom dinheiro como advogada. Minhas irmãs, no mercado, na vida. Sustentavam-se. O mais fodido e perdido era justamente eu, o moleque, o único homem” (PAIVA, 2015, p. 224-225).

Antonio Prata também conviveu desde cedo no ambiente cultural proporcionado pelos pais escritores, jornalistas e dramaturgos, Marta Goés e Mario Prata. Tendo escrito diversos livros, peças de teatro e novelas, os pais de Antonio Prata proporcionaram a ele não apenas o acesso a esses bens culturais, como também a proximidade com a prática e a criação artísticas: “O ‘Antonio é eu passado a limpo’, brinca Mario, que abandonou um emprego no Banco do

Brasil para ser escritor. ‘Fui criado para ser gerente do banco. Antonio foi criado para ser nada. Ele engatinhou em cima de livros. Ele brinca que ninguém falou para ele que podia ser outra coisa’” (PRATA apud CORREIO BRAZILIENSE, 2016). Antonio chegou a fazer várias faculdades (como filosofia, cinema e ciências sociais), sem conclusão.

Enquanto os pais de Antonio e Marcelo se aproximam mais do polo político-intelectual, outros dos colunistas-escritores, Diogo Mainardi e Guilherme Fiuza, são filhos de pais mais próximos ao mundo dos negócios. O de Fiuza foi executivo de empresas privadas e gestor no setor público. Sua mãe, uma psicanalista renomada, é filha do jurista Sobral Pinto, que ficou conhecido pelas atuações contra a ditadura do Estado Novo de Vargas e a militar assim como por defender os comunistas Luís Carlos Prestes e Harry Berger, apesar de suas divergências ideológicas, tendo uma identificação mais conservadora e sendo um católico fervoroso (MEMÓRIAS DA DITADURA 2). Em um primeiro momento, devido às posições anticomunistas, seu avô apoiou o golpe de 1964, voltando-se contra o regime em seguida, ao notar seu caráter antidemocrático. Foi preso aos 75 anos, após o decreto do AI-5 (Ibid.).

Já o pai de Mainardi, embora também jornalista e escritor, tornou-se um publicitário conhecido no país, mantendo uma empresa no setor e tendo enriquecido nos negócios, a ponto de acumular casas e iates (FASANO, 2020). Segundo Mainardi, porém, o pai faliu: “Não sou um homem rico, não tenho nenhuma propriedade. Meu pai? Coitado, torrou todo o dinheiro que ganhou. (...) Moro aqui na Vieira Souto¹⁸¹ com o que ganho. Não tenho um tostão em caderneta de poupança. Eu gasto exatamente tudo o que eu ganho (MAINARDI apud CUNHA JÚNIOR, 2006).

O tom polêmico de Mainardi já foi apontado como uma herança do pai (CUNHA JÚNIOR, 2006), também envolvido em vários contenciosos ao longo da trajetória: em 1999, por exemplo, ele foi acusado de racista ao associar a imagem de um rapaz negro e pobre à delinquência, na campanha “Sou da Paz”, realizada em oposição ao projeto de desarmamento do governo de Fernando Henrique Cardoso. Na campanha, cartazes foram distribuídos pela cidade de São Paulo com os dizeres: “Você é da paz. Eles não. Vamos desarmar os bandidos. Não os cidadãos de bem” (ABREU; PAULA, 2007, p. 150).

A riqueza obtida pelo pai permitiu a Diogo Mainardi um estilo de vida privilegiado com um afastamento das emergências do mundo do trabalho durante a juventude: tendo vivido em Londres com a mesada do progenitor, Diogo largou a faculdade na *London School of Economics* e passou a dedicar seu tempo à leitura, por conselho do escritor Ivan Lessa, que conheceu na

¹⁸¹ A Avenida Vieira Souto, localizada em Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro, já foi apontada como tendo o metro quadrado mais caro da América Latina (G1, s/d).

Inglaterra (VENCESLAU, 2005, p. 11). Também Guilherme Fiuza abandonou uma faculdade de administração e seguiu para a de jornalismo: “Não, não tinha nenhum jornalista [na família]. Ao contrário, meu pai achava uma profissão mais incerta e... então, foi mesmo critérios um pouco débeis assim...”, ele afirmou (Entrevista de Guilherme Fiuza à autora, 2019).

As oscilações nos cursos de graduação, a ausência de uma orientação mais explícita em relação às escolhas profissionais por parte dos pais, a educação mais frouxa em certo sentido contribuíram para que essas figuras (mais à esquerda ou mais à direita) direcionassem seus esforços para o ofício de escritor – contrapondo-os, nesse sentido, aos mais especialistas e acadêmicos, com os quais compartilham vários dados de origem social.

De maneira um pouco diferente, Demétrio Magnoli e Luiz Felipe Pondé compartilham com os mais especialistas e acadêmicos não apenas as categorias profissionais dos pais, as vivências em bairros de classe média e a passagem por escolas de elite, mas também uma formação universitária extensa e a proximidade com o papel de “professor”. Magnoli é filho de professora universitária e engenheiro civil – que trabalhou na construção das principais hidrelétricas do país, tendo uma família de antifascistas. Já o pai de Luiz Felipe Pondé foi comunista, capitão médico da aeronáutica, fundador da Universidade Estadual de Feira de Santana, tendo trabalhado com medicina social – profissão, aliás, de boa parte dos familiares de Pondé. As posições desses dois nomes no espaço social em relação aos mais especialistas e acadêmicos diferenciam-se por outras escolhas e relações estabelecidas durante a trajetória, como será visto nos próximos capítulos.

Já os economistas Rodrigo Constantino e Eduardo Moreira, filhos de pais executivos, se aproximam, por um lado, dos mais especialistas em termos de origem social, distanciando-se deles, por outro lado, pelo volume de capital escolar, já que os dois não traçaram a mesma trajetória acadêmica dos outros. Nascidos no Rio de Janeiro, em 1976, estudaram na PUC-RJ – Constantino fez economia e Moreira cursou Engenharia de Produção. Apesar das proximidades, suas tomadas de posição têm sido opostas:

Muitas pessoas perguntam se já fui esquerdista algum dia. **Conforme a velha máxima, quem nunca foi socialista aos 20 não tem coração, quem é socialista aos 40 não tem cérebro.** Faltam poucos dias para completar 40 e **não poderia ser mais anticomunista do que sou.** Mas confesso que nunca tive coração, de acordo com o ditado. **É que jamais defendi o esquerdismo,** ao contrário de formadores de opinião associados à direita hoje, como Reinaldo Azevedo e Olavo de Carvalho. Entre os vários motivos possíveis, não considero minha suposta falta de sensibilidade, até porque quem me conhece sabe que é justamente o contrário. Logo, a razão deve estar em outro lugar. E uma delas talvez seja o **fato de ter um pai empresário, que veio de baixo e conseguiu se tornar sócio de um negócio.** Lembro bem de meu **professor de história** da sétima-série, Guilherme, **falando de marxismo** e repetindo que todo patrão era explorador. Como assim? A narrativa não batia com a realidade que eu enxergava. Nas poucas viagens de lazer, pois **meu pai sempre trabalhou muito,**

lembro de vê-lo sempre ligado às notícias brasileiras, antenado e tenso, pois **qualquer medida política nova, um plano heterodoxo daqueles, poderia levar à bancarrota seu negócio. E eis o que mais o afligia: a responsabilidade por cerca de 200 funcionários. É um fardo e tanto.** Mas a esquerda insiste até hoje no discurso marxista de que patrão explora empregado. **É coisa de quem nunca empreendeu, jamais foi sócio de um negócio de verdade** (CONSTANTINO, 2016a, grifos meus).

“Para quem tem dúvida, **eu sou de esquerda.** Não estou usando progressista para não ter mais dúvida”. É assim que **o ex-banqueiro** Eduardo Moreira define a sua posição política atual. **Carioca da zona sul da cidade do Rio de Janeiro**, aos 43 anos ele vive uma **guinada que contraria aquele antigo chavão de que o coração levaria as pessoas a serem socialistas na juventude e a experiência e o conhecimento de como as coisas funcionam a serem liberais na maturidade.** De um dos principais economistas do Brasil e uma das palestras mais requisitadas pelo **mercado financeiro**, passou a ser um **porta-voz da luta contra esse mesmo mercado** que conhece tão bem. Moreira diz que não é possível singularizar em um evento a mudança que ocorreu em sua vida que resultou **na sua aproximação com a esquerda.** “As pessoas buscam muito um evento. ‘Pô, vem cá, tu bateu com a cabeça algum dia? Escorregou?’”, brinca. **Ele reconhece que sempre foi “doutrinado” para acreditar que os problemas do País poderiam ser resolvidos pelo estímulo à competição pessoal e ao lucro. Uma cartilha que lhe fora passada,** primeiro, no curso de Engenharia da PUC-Rio, depois, quando cursou Economia na Universidade da Califórnia de San Diego e, de maneira mais incisiva, quando atuou no mercado financeiro (GOMES, 2019b, grifos meus).

Embora com sinais trocados, ambos acionam lógicas semelhantes, ao mencionarem, de um lado, a doutrinação do professor de história marxista e, de outro, a cartilha dos cursos de Engenharia da PUC-Rio e da Universidade da Califórnia. De todo modo, se um adota um discurso empreendedor à direita, com defesas da “meritocracia” e do “mercado”; o outro o adapta a posicionamentos mais progressistas, dando cursos sobre como ganhar dinheiro, os quais, segundo a propaganda difundida, revelariam os mecanismos que os donos do dinheiro querem esconder.

De modo geral, as trajetórias dos polemistas e militantes mais abastados sinalizam também as contradições e conflitos das posições de classe e frações de classe que ocupam. Vários deles, por exemplo, estudaram em colégios como o *Equipe* e suas relações com os colegas deixam entrever as afinidades culturais e identidades que mantinham já naquela época – ou que a partir de um discurso a posteriori eles atribuem às suas experiências. Segundo o relato do colega de turma de Diogo Mainardi, o jornalista e atual sócio no site *O Antagonista*, Mario Sabino, ele não se enquadrava nos gostos e hábitos dos alunos da escola:

(...) O Diogo do Equipe era uma antecipação do Diogo atual, autor de *Lula é minha Anta* (editora Record; 238 páginas; 35 reais), coletânea de textos publicados em Veja. Os alunos do Equipe **usavam andrajos ripongos.** O Diogo usava calças Fiorucci. Os alunos do Equipe viajavam de ônibus para pegar praia no Ceará. O Diogo viajava de avião para esquiar no Chile. Os alunos do Equipe não tomavam banho com regularidade. O Diogo tomava dois por dia. Muitos alunos do Equipe iam de motorista para a escola. O Diogo ia de ônibus (e com um Rolex no pulso, sem que isso fosse visto como uma demonstração perversa da elite a favor da desigualdade de renda). Os

alunos do Equipe ouviam **Caetano Veloso**¹⁸² e Luiz Melodia. O Diogo ouvia Talking Heads e Devo. Os alunos do Equipe gostavam de meninas com pernas cabeludas. O Diogo gostava de meninas com pernas depiladas (e eu também) (SABINO, 2007).

Segundo Sabino, “na década de 70, o Equipe era uma escola que abrigava filhos de intelectuais perseguidos pelo regime militar, de profissionais liberais com pensamento mais alinhado à esquerda e de ricos, simplesmente.” (Ibid.). Os dois, Sabino e Mainardi, teriam estudado com “futuros músicos de rock (Titãs), futuros pintores (Casa 7), futuros cineastas (Cao Hamburger é um entre mais de 300) e nenhum futuro Prêmio Nobel de Medicina, Física ou Química” (Ibid.). Além disso, Sabino afirmou que no colégio “só havia uma aluna negra. Depois dela, o Diogo era o mais escurinho. A cota do Equipe” (Ibid.). Na época do colégio, os criadores de *O Antagonista* faziam parte da turma do politicamente incorreto, embora o termo ainda não tivesse se difundido como hoje (Ibid.).

A descrição feita por Mario Sabino acerca das práticas e preferências de Diogo Mainardi em relação aos outros alunos do colégio Equipe contrasta-se com as afinidades demonstradas por Antonio Prata (PRATA, 2014), que também estudou na escola e que tem como título de um de seus livros a expressão *Meio intelectual, meio de esquerda*. Da mesma forma, Marcelo Rubens Paiva, que passou por escolas tanto construtivistas quanto burguesas, demonstra diferenças em termos de gosto em relação a Diogo Mainardi:

Passei a trabalhar no Jornal Mural do colégio (Santa Cruz). Que não tinha censura. Em cuja sede, no centrinho acadêmico, se reunia uma mistura de nerds feras em xadrez com **neo-hippies** perdidos entre tocar **Tropicália** e rock progressivo no violão, ou os dois misturados. A maioria das meninas não nos dava bola. Não tínhamos carros, casas no litoral, guitarras importadas, pranchas de surfe havaianas, roupas de grife nem mansões com piscina ou quadras. Se interessar, gostamos de poesia e livros, entendemos de cinema e literatura, sabemos por cima o que é o realismo italiano, o neorrealismo, a Nouvelle Vague, o Cinema Novo, o existencialismo, a importância de Ladrões de bicicletas, que mudou o cinema, filmes que vimos no Cine Bijou, que não pede carteirinha, na escola, no Cineclube da FGV, sabemos de Brecht, que mudou o teatro. Tocamos violão, usamos boinas. Isso acabou atraindo algumas poucas garotas, que curtiam nossas ideias existencialistas e Continental sem filtro, o nosso Gauloise. Discutíamos superficialmente Camus, Sartre e Kafka, Dostoiévski de bônus. Eram os livros que líamos na escola. Ou melhor, autores que nos obrigavam a ler. Viajávamos de carona. Dávamos shows com violão made in Brazil (Giannini ou Di Giorgio). Usávamos Bamba. Íamos de busão para a escola. E eventualmente pegávamos emprestado o carro dos pais, fugindo de blitze, evitando avenidas movimentadas. **Éramos conhecidos como “comunistas”, apesar de não sermos comunistas e nos declararmos existencialistas barra anarquistas** (PAIVA, 2015, p. 215-216, grifos meus).

¹⁸² Caetano Veloso, aliás, já se opôs a Diogo Mainardi. Mais à frente, será apresentada uma crítica realizada pelo músico. Outros trabalhos evidenciaram, aliás, a postura de admiração e oposição do cantor Lobão – tornado um ícone da direita, durante a votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff – em relação a Caetano Veloso (SERPA, 2016; SERPA; FERNANDES, 2018), o que também pode indicar a centralidade que a figura de Caetano tem nos jogos de identificação e classificação no campo da produção artística.

Por um lado, Marcelo Rubens Paiva sentia-se discriminado em relação aos “burgueses” do colégio e seu relato se contrasta com aquele feito sobre Diogo Mainardi – sendo cada um deles parte do grupo desprezado pelo outro. Por outro lado, Marcelo e sua família foram citados com ressentimento no livro de Eduardo Bolsonaro sobre a vida de seu pai, Jair Bolsonaro. A narrativa sobre a infância de Jair em Eldorado destacou a posição que este mantinha em relação à família de Marcelo Rubens Paiva, personificada então na figura de seu avô, Jaime Almeida Paiva, uma das pessoas mais ricas da região. O avô paterno de Marcelo tinha sido prefeito da cidade pela Arena – portanto, um político mais à direita. No livro sobre Bolsonaro, Eduardo falou sobre a condição de seu pai e os outros garotos da cidade em relação à família Paiva: “Tinha piscina [a fazenda], algo raro à época, mas que não era socializada com a criançada da vizinhança – que ficava apenas admirando, de longe, onde os filhos da família Paiva se refrescavam” (BOLSONARO, 2017, p. 25). Ele ainda acrescentou: “Os filhos de Rubens Paiva eram da mesma faixa etária de Bolsonaro e, não raras vezes, eram vistos na cidade comprando picolés Kibon, inacessíveis à garotada local, que ao ver um deles jogar o palito fora, corria na expectativa de estar premiado com “vale um picolé” marcado na madeira.” (BOLSONARO, 2017, p. 25).

O podcast *Retrato Narrado* abordou essas memórias, que foram negadas em parte por Marcelo. Da mesma forma, comentou o fato de Bolsonaro sempre ter acusado a família Paiva de ter escondido Carlos Lamarca, na época em que estava sendo perseguido pelos militares, enquanto ele, Bolsonaro, teria contribuído na “caça ao Lamarca” – fatos que nunca foram comprovados e que, ao longo do tempo, foram ganhando elementos mais fantasiosos na narrativa do capitão reformado (PIRES, 2020). Contou ainda o episódio presenciado por Chico Paiva, sobrinho de Marcelo, em que Bolsonaro, em uma comissão da Câmara, gritou que Rubens Paiva teve o que mereceu e cuspiu em sua estátua na frente da família (PIRES, 2020).

Cito essas passagens, primeiro, para evidenciar como os conflitos de classe que emergem dessas narrativas apontam as diferentes perspectivas da posição de classe média e de sua relação com as frações mais acima e as frações mais abaixo, as quais parecem se correlacionar em alguma medida com as tomadas de posição mais à esquerda ou mais à direita. Mas, além disso, tendo em conta a ascensão de Bolsonaro à presidência da República e a identificação que parte dos mais polemistas expressaram em relação a ele nas eleições de 2018, parece-me relevante mencionar a centralidade que é dada à família Paiva na narrativa do filho de Bolsonaro – nesse sentido, é possível conjecturar a existência de uma homologia de posição entre aqueles que têm posicionamentos mais extremos à direita e Bolsonaro em relação a Paiva, sua família e àqueles que ocupam posições semelhantes a esta.

Por fim, a despeito das origens privilegiadas dos polemistas e militantes mais abastados, vez ou outra, esses agentes destacam aspectos que os diferenciariam dos “verdadeiros ricos”. Assim, a ostentação de certos elementos e, em outro sentido, a ponderação de outros parecem demonstrar um desajuste entre os agentes e as frações de classe que ocupam. Sendo alguns desses nomes ou suas famílias associadas ao que se chama de “novos ricos” ou ricos em decadência, esses agentes – ao contrário da maior parte das figuras que ocupam os outros polos deste trabalho – parecem se constituir, mesmo quando dotados de elevado capital econômico e cultural, de uma posição de classe mais instável, com riscos constantes de desclassificação.

2.2 ASCENSÃO SOCIAL: OS FILHOS DAS CLASSES MAIS POPULARES

Mais do que isso: a cada vez que vi Lula tentando justificar algumas de suas escolhas equivocadas por causa de sua **infância pobrezinha**, meu estômago deu alguns corcovos. **O Lula que mobilizou os consumidores, se querem saber, merece o meu respeito.** O Lula que tenta fazer da pobreza uma cultura merece o meu solene desprezo. Vamos lá, Reinaldão, coragem! Sabem os meus familiares, sabem os meus amigos próximos, alguns deles jornalistas (sim, os tenho, e queridos!), que **fui muito pobre, muito mesmo! E nunca dei uma de coitadinho** porque não pode haver poder mais discricionário e asqueroso do que o das **vítimas** — de quaisquer vítimas — se transformado em categoria de pensamento. A pobreza não existe nem para culpar nem para enobrecer ninguém. Vamos lá ao título. Não! **Os meus heróis não morreram de overdose porque isso é luxo que não se consente a determinadas faixas de renda.** Essa “overdose” sempre supõe que o tal “herói” foi uma espécie de paladino da luta contra a opressão. Qual opressão? Qualquer uma que possa servir de pretexto para enfiar o pé na jaca. Se meus heróis não morreram de overdose, tive, isto sim, amigos de infância e pais de amigos que se meteram com a bandidagem e o narcotráfico e que hoje estão mortos. Morreram de “overbalas”. **Meu pai trocava molas de caminhão; minha mãe chegou a trabalhar como doméstica.** Não me orgulho da profissão que tiveram. Orgulho-me das pessoas que eram — minha mãe, felizmente, viva, forte e ainda mais cheia de opiniões do que eu, hehe. Orgulho-me de seu caráter. Orgulho-me de seu senso de honra. Morei em dois cômodos de madeira até os 5 anos; depois, em dois cômodos de alvenaria até os 15. No fundo do terreno, corria um rio fétido. Nas chuvas, a água invadia a casa. (...) Tive todas as oportunidades de delinquir, às quais alguns sucumbiram, numa periferia aonde o asfalto chegou tardiamente, para ter um “Kichute” novo (ainda existe?), uma calça “Lee Americana”, como chamávamos à época, uma “vitrola” para os bailinhos — faziam-se “bailinhos” então. E sempre disse “não!” (AZEVEDO, 2011, grifos meus).

Então, **não havia um estímulo, alguém para eu falar: “olha, tem um avô, um tio”, mas eu gostava sempre muito de ler**, por alguma razão, não sei bem qual, especialmente quando eu me mudei para Santo André, isso logo depois do Golpe Militar, e chegamos lá sem nenhuma razão de perseguição política, não havia razão alguma mais, de ler jornal e revista (...) E onde fui estudar, em um colégio estadual na Vila Mariana, **que era uma porcaria o colégio, um desastre, mas a classe era boa, então os alunos liam** (VILLA, 2008, grifos meus).

Os relatos de Reinaldo Azevedo e Marco Antonio Villa contrastam-se com as propriedades sociais da maior parte dos outros nomes estudados neste trabalho. Mas trazem algumas das características que alguns dos mais militantes e polemistas compartilham. São

nesses dois polos que se situam as figuras oriundas de classes populares ou da classe média baixa, que tiveram pouco acesso aos estímulos intelectuais e culturais observados nos outros polos ou mesmo entre os mais abastados dos polemistas e militantes.

Reinaldo Azevedo e Marco Antonio Villa nasceram no interior paulista. O primeiro em Dois Córregos e o segundo em São José do Rio Preto, segundo ele, “uma cidade que tem muitas joalherias, mas não tem livrarias”. Da mesma forma, ambos também moraram no ABC paulista. De uma classe média baixa, a mãe de Villa só tinha o curso primário e o pai, segundo ele, “não tinha nada com a leitura, era o pessoal da imigração italiana ali de São Bernardo” (VILLA, 2008). Apesar da ausência de exemplos familiares, o professor Villa, como gosta de ser chamado, ao fazer a reconstituição de sua memória, afirma sempre ter apreciado o mundo das letras: “eu lia muitos jornais, revistas e aí comecei a ler enciclopédia. Eu gostava de ler pequenas enciclopédias, daquelas coisas de curiosidades históricas, geográficas.” (Ibid.). De maneira semelhante, Reinaldo também já ressaltou sua afinidade com a leitura desde muito novo:

Aos 14 anos, eu já tinha lido toda a poesia de Cecília Meireles e boa parte do que sei de Drummond, por exemplo. Ali, na cozinha de casa. Não porque eu fosse um gênio, o que não sou, mas **porque há pobres que se interessam por literatura e não estão dispostos a representar o papel de pobres para satisfazer os anseios dos remelentos e das Mafaldinhas revolucionárias** (AZEVEDO, 2011, grifos meus).

Ambos compartilham também as reconversões políticas, já que, de militantes de esquerda na juventude, tornaram-se conhecidos como representantes de uma suposta “nova direita” assumida. Assim como a mãe de Azevedo, a de Joice Hasselmann (HASSELMANN, 2018c) e a de Djamila Ribeiro também chegaram a trabalhar como empregadas domésticas e/ou diaristas. Mas, se, por um lado, essas origens se aproximam, por outro, há diferenças substanciais, as quais podem ser relacionadas às tomadas de posição futuras. Cito mais dois trechos, porque eles evidenciam alguns elementos importantes para se pensar essas distinções:

Desde cedo, em casa, meus pais tiveram um cuidado de passar pra gente essa **consciência racial**. Tenho dois irmãos e uma irmã, sou a mais nova. **Meu pai foi um dos fundadores do Partido Comunista em Santos e também era militante do movimento negro. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica** antes de se casar com meu pai e era uma mulher extremamente forte. Meu pai fazia questão que a gente soubesse que éramos negros e o que isso significava no Brasil. (...) Djamila significa “beleza”, algo que meu pai sempre reforçava pra mim, porque minha infância foi muito difícil **como menina negra na escola**, com todos os racismos que existem nesses ambientes. Ele sempre me lembrava: “Olha o significado do seu nome! Você é bonita! Seu cabelo é bonito!”. **Ele também só deixava a gente assistir à TV Cultura, nos levava ao teatro** e chamava nossa atenção sobre sermos os únicos negros ali. Então dizia: é por isso que vocês têm que estudar, esse país não gosta de negros. **Também nos levava em manifestações e ao sindicato dos estivadores** quando tinha eleição. Já minha mãe foi fundamental para a construção da minha autoestima. Ela me ligou desde cedo com o **candomblé**, religião que eu cultuo até hoje, e que me fez renascer de várias formas. Minha mãe não teve a oportunidade de estudar, mas tinha outros saberes (RIBEIRO apud CARVALHO, 2019a, grifos meus).

Talvez nem todos aqui saibam que eu sou, essa moça loirinha com cara de dondoca. **Essa moça loirinha com cara de dondoca é filha de um caminhoneiro, é filha de uma confeitira.** Nasceu no interior do Paraná, **cresceu na extrema pobreza: favela rural**, para deixar bem claro. Essa moça loirinha com cara de dondoca estudou em universidade pública, em **escolas públicas**. Algumas vezes, teve que ir a pé 13 quilômetros para ir e 13 para voltar. Porque essa mocinha loira com cara de dondoca não tinha o dinheiro para pagar o ônibus. E, às vezes, quando tinha, Deputado Marx Beltrão, eu preferia comprar algumas frutas, porque não tinha dinheiro para as duas coisas. **Essa moça com cara de dondoca viveu todo tipo de violência que vocês podem imaginar.** Essa mocinha com cara de dondoca teve um pai — tem um pai, vivo, com o qual não falo há muito tempo — **com problemas de alcoolismo, violento; uma mãe que não tinha profissão, teve que se virar como deu.** Aprendeu a fazer bolo. **Hoje, é confeitira, uma pequena empresária** (HASSELMANN, 2019, grifos meus).

Enquanto a infância e a adolescência de Djamila são narradas a partir dos estímulos culturais e políticos do pai, as de Joice são vinculadas às violências do progenitor. O pai de Djamila, segundo ela, era “extremamente culto” e tinha uma biblioteca com mais de 300 livros (OLIVEIRA, 2016). Além disso, ela aprendeu a jogar xadrez aos seis anos na União Cultural Brasil-União Soviética, “o lugar onde os comunistas da cidade de Santos levavam seus filhos para fazer cursos ou para se divertir nos fins de semana” (RIBEIRO, 2018a). Na juventude, Djamila perdeu a mãe e o pai (vítimas do câncer). Na época, participava da *Casa de Cultura da Mulher Negra*, em Santos, onde trabalhou e formou as bases de sua trajetória como militante feminista negra (OLIVEIRA, 2016).

Por outro lado, pela narrativa construída por Hasselmann, sua infância foi escassa de formação cultural e política, com pais que não estudaram: “Na minha família ninguém tem formação superior, só eu” (HASSELMANN, 2018c). Ela ainda afirmou que sua mãe batalhava para que “os filhos tivessem o mínimo de educação, mesmo que fosse nas piores escolas, porque a gente não tinha dinheiro. Então, era onde dava. Estudava onde dava, comprava o livro que dava” (HASSELMANN, 2018c). Apesar de se dizer boa aluna e afirmar o gosto pela leitura, tal como todos os nomes analisados, a ênfase de seu relato recai sobre o trabalho precoce. Joice faz questão de ressaltar que, aos oito anos, começou a fazer bicos como modelo, fazendo comerciais de TV e desfiles, chegando a ser Miss Cuiabá (HASSELMANN, 2017b). Além disso, afirmou que: “entrei a adolescência trabalhando. Tudo que você imaginar... vendi consórcio, fui secretária, vendi bala. Tudo que você imaginar.” (HASSELMANN, 2018c). O relato de uma ascensão via empreendedorismo e trabalho precoce, tornando-se como ela disse “independente” desde cedo e com a mãe virando empresária, associa-se ao discurso meritocrático: “Então, quando eu olho às vezes para essa política de coitadismo, vitimismo, socialismo e todos esses ismos, eu olho para as pessoas e penso: como vocês estão enganados

(...). Dá para vencer. (...) Um sonho: mudar o Brasil, fazer as pessoas arregaçarem as mangas.” (HASSELMANN, 2018c).

Enquanto Djamila nasceu em Santos e cresceu na zona portuária, filha de pai estivador; Joice veio da periferia rural do interior do Paraná. Djamila estudou no Colégio Moderno dos Estivadores. Mulher negra, ela já relatou os preconceitos sofridos durante a infância e também ao longo de sua trajetória – nos espaços culturais em que seu pai lhe levava, ela era a única criança negra. Por outro lado, Hasselmann, branca e loira, já afirmou que outras crianças da escola pública em que estudava – que, em suas palavras, parecia um “gueto” – queriam agredi-la, por ser a “única branquela da escola”. Ela já chegou até a afirmar: “eu também sei o que é o preconceito pela cor” (HASSELMANN, 2017b; HASSELMANN, 2018c).

Na faculdade, ambas cursaram jornalismo: Hasselmann na Universidade Estadual de Ponta Grossa; e Ribeiro na Universidade Santa Cecília. Djamila, porém, engravidou e não pode finalizar a faculdade, retornando à universidade aos 27 anos, quando cursou Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Segundo Joice, ela enfrentava dificuldades na faculdade, pois o sindicato não permitia que os estudantes trabalhassem antes de se formarem e ela, desde o primeiro ano, atuava na área. Já Djamila tinha que se locomover todos os dias entre Santos e Guarulhos para cursar a faculdade de filosofia, conciliando-a com a maternidade.

As diferenças em termos de estímulos aos estudos também se verificam nas trajetórias de Leonardo Sakamoto e Leandro Narloch. Nascido em Curitiba, em 1978, Narloch é filho de um engenheiro químico, que trabalhava como negociante de imóveis e uma mãe dona de casa. Os avôs, sem diploma universitário, eram pintor de parede e pequeno proprietário rural. Quando Narloch estava na oitava série, o pai faliu e “sumiu” de casa, de modo que ele saiu da escola privada e católica em que estudava direcionando-se para um colégio estadual, onde ficou por um ano, encaminhando-se, posteriormente, para uma escola técnica e pública, o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Narloch passou a infância em um bairro de classe média baixa de Curitiba (Entrevista de Leandro Narloch à autora, 2020).

Assim como ele, Leonardo Sakamoto também estudou por um período em escola religiosa – neste caso, adventista – e, no ensino médio, no CEFET. Tendo passado parte da infância e da adolescência no bairro Campo Limpo, ele diz que sua família era de classe média ou média baixa. Seu pai é formado também em engenharia e sua mãe tem superior incompleto em arquitetura, tendo trabalhado como salgadeira e artesã. Neto de imigrantes, seus avôs eram pequenos agricultores e costureiros, sem diploma universitário. Sakamoto, porém, afirma que sua família nunca o deixou trabalhar durante a adolescência, apesar das fases de dificuldade financeira: “a situação econômica da família pode ser complicada, pode ter dívida, pode ter

dificuldade, mas os filhos... a prioridade era a educação” (Entrevista de Leonardo Sakamoto à autora, 2019). Por outro lado, Narloch era levado pelo pai para trabalhar nas férias, na venda de terrenos na praia e como garçom em um restaurante arrendado por ele. Da mesma forma, a partir dos 15 anos, passou a dar aulas particulares de diversas matérias.

Os relatos dessas figuras apontam, portanto, para uma diferenciação entre a estrutura dos capitais familiares, ainda que seu volume seja baixo em todos esses casos: enquanto a infância e a adolescência de Djamila e Leonardo são narradas a partir dos estímulos aos estudos e às práticas culturais legitimadas, com uma priorização à formação acadêmica formal em detrimento de uma inserção precoce no trabalho; nos casos de Joice e Leandro, o enfoque esteve, sobretudo, no fato de terem conseguido ganhar algum dinheiro trabalhando desde muito cedo. A valorização de um ou outro aspecto se coaduna com as posições e tomadas de posição atuais – de modo que, ao mesmo tempo que pode ter contribuído para as trajetórias, também é acionada no discurso a posteriori em narrativas que buscam dar coerência a esses percursos.

Podendo-se manter algum paralelo, Rachel Sheherazade e Marcia Tiburi, ambas filhas de funcionários públicos, também se distanciaram em termos de posição e tomada de posição. Alguns elementos apontam no sentido de uma diferenciação em relação às práticas culturais na infância e adolescência. Marcia afirma: “Eu era a menina que ia ser artista, porque eu desenhava, pintava, fazia escultura. Era o meu barato. Vivía nisso.” (TIBURI, 2014). Já Rachel disse ter trabalhado a timidez no teatro: “Eu era membro da Igreja Batista de João Pessoa, que tinha um grupo de teatro. Um amigo me puxou para cima de um palco e eu me soltei, para fingir que não sou tão tímida” (SHEHERAZADE apud CÉSAR, 2020). Rachel, evangélica, adotou posicionamentos mais à direita, enquanto Marcia tornou-se feminista e mais à esquerda. Já os mais velhos dos colonistas estudados neste trabalho, Arnaldo Jabor e Olavo de Carvalho, compartilham outros aspectos na narrativa de suas infâncias:

Como falar de passado **um pequeno-burguês branco** nascido no Brasil, **criado no ritmo careta da classe média dos anos 60?** (...) com que direito elejo frágeis lembranças para ilustrar minha **pobre vida?**, pensei. (...) **Nós morávamos em casa de subúrbio, pequena, com quintal, galinha e mangueira.** Tudo era baldio, cambaio, toda a **precariedade do subúrbio** era visível a olho nu. Nas famílias vizinhas sempre havia uma **ponta de silêncio**, olhos sem luz, depois de casamentos esperançosos com buquês arrojados para o **futuro que morria aos poucos. Não era a tristeza da pobreza; a tristeza era quase uma “virtude” que as famílias cultivavam.** Nas ruas da infância havia uma **infelicidade negada**, mas visível, uma tristeza não reconhecida, uma **fome vazia**. (...) De noite, eu era um menino triste. (...) Eu já percebia **dramáticas fragilidades na minha família, uma infelicidade latente na sala**, gritos atrás da porta do quarto, **minha mãe em prantos diante de meu pai enfurecido de ciúme**, pois ela saía sem meias de náilon (JABOR, 2014, p. 11-12, grifos meus).

Que o leitor me permita começar este artigo por um episódio da **minha porca vida**, do qual espero tirar algumas conclusões de interesse geral. Tão logo cheguei a este mundo, **uma estranha infecção pulmonar adiou meu ingresso oficial nele durante sete anos, reduzindo-me a um estado de inconsciência febril e delirante do qual só emergi no dia de ir para a escola**, se bem que meus desafetos digam que não saí dele jamais. Embutido no uniforme, eu me parecia exteriormente com os demais meninos, **mas por dentro era um bebê**, simplório como um passarinho, por total ignorância não só dos pecados como também de tudo o mais. (...) Durante o meu período de doença, **conheci mais dores e sofrimentos do que em geral os meninos da minha idade podiam sequer imaginar**. Era todo **um universo sombrio, opressivo, fechado**. Sobretudo **incomunicável**: eu bem via o rosto angustiado de minha mãe, de meu pai, de meus tios, tentando puxar a minha dor para si próprios mas conseguindo apenas olhá-la de fora, atônitos e inermes, e atormentar-se em vão. Todo mundo passa por experiência semelhante algum dia, seja por meio da doença, da pobreza, da loucura, do abandono, da prisão. **Minha diferença é que eu conheci esse lado obscuro da vida antes de conhecer qualquer outra coisa** (CARVALHO, 2008, grifos meus).

O tom depressivo e sombrio que se destaca em ambos os excertos parece marcar essas experiências, que ultrapassam a análise do volume e estrutura dos capitais econômicos e culturais. Aponta, nesse sentido, para a condição vulnerável, citada na introdução deste capítulo, a que esses agentes estiveram submetidos na infância e na adolescência, a qual, de todo modo, não deixa de estar relacionada às frações de classe que ocuparam. Além disso, também está presente nas duas narrativas um enfoque na repressão dos colégios religiosos por que passaram, ao mesmo tempo em que a sexualidade pairava como um tabu frequentemente tocado na infância e na adolescência:

Sendo a escola uma instituição religiosa, os professores leram-me trechos do Evangelho, que me comoviam até às lágrimas, mas daí, mediante uma lógica que me escapava, deduziam e me atribuíam a incumbência de **confessar meus pecados**, dos quais o único que me ocorria, na minha desesperadora pobreza de repertório, era o pecado original. Disfarçando como podia a minha radical incompreensão do estado de coisas, entrei na fila do confessionário esperando que quando chegasse a minha vez tudo se esclareceria. **Mas foi então que veio o pior**. De trás de uma cortina que o tornava semi-invisível, **um padre não identificado me perguntou**:
— **Você fez porcarias?** (CARVALHO, 2008, grifos meus).

Nas **sombras** daquele colégio secular, tremia um desejo torto que se adivinhava nas luzes mortíferas, nos sinos batendo. De dia, **os padres olhavam as mães dos alunos vestidas como as atrizes do cinema, muito pintadas e de cabelos altos**, imitando Ava Gardner ou Lana Turner e, de noite, se recolhiam às **tristes clausuras**. **A sexualidade pulsante era reprimida por todos os lados**, matada a rosários, a panos roxos, a velas, na fumaça dos turíbulo. **Mas o desejo escapava pelas frestas, recalcando-se nos banheiros e se entortando em amores do mesmo sexo** (JABOR, 2014, p. 43, grifos meus).

Os colégios católicos se somavam ao conservadorismo familiar. O pai de Jabor, por exemplo, “um árabe alto, de bigode”, oficial da aeronáutica, mantinha o “espírito autoritário da época”, enquanto a mãe, a “Greta Garbo do subúrbio”, “trêmula, insegura”, vivia “uma felicidade sufocada pelas leis do casamento, pela loucura repressiva dos maridos” (JABOR, 2014). Por outro lado, o avô ocupava a posição de “figura masculina carinhosa”. Segundo Jabor,

quase analfabeto, ele convivia com os “intelectuais da Colombo”, como Emílio de Meneses, Olavo Bilac, Agripino Grieco. Assim, embora não lesse, ele com frequência presenteava o neto com livros. Jabor descreve o avô, de quem recebeu o primeiro nome da seguinte maneira: “Meu avô, Arnaldo Hess, foi um belo retrato do Brasil dos anos 40/50. Era um malandro carioca”. Ao contrário da família, que “votava histericamente na UDN, em pleno delírio golpista”, seu avô votava em Getúlio, porque ele “gosta[va] do povo e eu sou[era] povo” (JABOR, 2014, p. 33-35).

Entre o Bairro da Rocha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde passou os primeiros anos da infância, Copacabana e Urca, para onde seu pai se mudou quando melhorou de vida, Jabor foi convivendo com a dificuldade de comunicação e com os julgamentos do pai: “Sempre quis ser aprovado por ele, receber um elogio, um beijo espontâneo que nunca vinha. Ele parecia saber de algum crime que eu cometera, mas não dizia qual era. Eu sofria: “O que foi que eu fiz?””. Com isso, ele foi de alguma forma se afastando: “Minha vida foi se pautando para ser tudo aquilo que ele não era – uma maneira de obedecê-lo em revolta, de competir com ele sem arriscar a castração, o pau cortado. Ele era moralista? Eu defendia sacanagens e palavrões. Ele era da UDN? Entrei para o PCB aos 18 anos.” (JABOR, 2014, p. 29).

Assim como Jabor, Olavo de Carvalho também afirma ter sido “esquerdista como todos”, quando era “estudante ginasiano”, em 1964 (CARVALHO, 2019b). Os dois, assim como os ex-militantes de esquerda Reinaldo Azevedo e Marco Antonio Villa, adotaram tomadas de posição mais à direita contemporaneamente. Olavo, porém, ocupa posições mais extremas, mesmo em relação aos outros três, o que parece se relacionar com outros elementos da infância e da adolescência assim como às trajetórias posteriores e às transformações na estrutura do campo, como será visto ao longo desta parte. De todo modo, as origens de classe menos favorecidas de parte dos polemistas e militantes engendraram não apenas suas tomadas de posição, como também as formas de justificá-las, as performances adotadas e as posições ocupadas no mercado de opiniões.

“Allana: Quais atividades culturais você prefere?

Entrevistado: Cinema. Gosto de debates assim, não sei se isso é... **palestras, debates sobre economia e tal. E TV, né... televisão, séries, videogame. Videogame é atividade cultural?** (...)

Allana: Qual seu estilo musical favorito?

Entrevistado: **Chato falar eclético, né!? Pera aí, deixa eu pensar.** Eu gosto de rock britânico dos anos 1980, assim. (...) Ah, bota o **Karaokê** lá em cima, porque eu vou muito ao **Karaokê**.” (Entrevista com um dos mais polemistas).

“Allana: Quais atividades culturais você prefere?

Entrevistado: Todas. Eu não tenho preconceito não. É o seguinte, eu não sou uma pessoa muito de ir em shows. Hoje. Antigamente eu ia... em shows, baladas, festas. **Eu prefiro mais encontrar os amigos, encontrar colegas, viajar com os amigos, viajar com os colegas.** Eu prefiro isso do que, por exemplo, atividades... agora, cinema, teatro, show de música, exposições, todas as manifestações artísticas me interessam, culturais também. Agora, eu

prefiro muito mais o contato com os amigos, com colegas, seja em evento, seja em viagens. Eu acho que você vai ficando velho e vai procurando mais isso.” (Entrevista com um dos mais militantes).

“Mas, digamos, então, eu vou ao teatro, eu vou ao cinema, vou aos lançamentos de livros, **vou aos debates**, vou a tudo que eu posso a todo tempo. Então... **o que eu não gosto de fazer e não faço, nem tem na minha casa, é televisão**. Eu não assisto televisão há mais de... há 20 anos. (...). **Assisto alguma coisa pelo YouTube e pelas redes sociais**, mas não sou uma pessoa que tem o contato com programação de televisão, embora eu mesmo já tenho trabalhado na televisão.” (Entrevista com um dos mais militantes).

“Atualmente, meu consumo cultural é mais caseiro. **Gosto muito de programas de humor; séries, eventualmente;** vejo filmes, em geral em casa. O gosto preferido em cultura e arte é musical. E aí, música é permanente, no carro, em casa... não trabalhando, só nos deslocamentos, de lazer. Música é o principal consumo cultural.” (Entrevista com um dos mais polemistas).

“**Eu não gosto muito de turismo, porque eu acho muito vazio, muito consumo, consumo, muito...** você não conhece ninguém e tal. Mas quando tem algum evento fora e **você conhece pessoas de outros lugares, um evento sobre liberalismo, são sempre instituições que convidam**. Ou então viagens, para jornalistas em Israel, que eu fiz o ano passado, e foi muito legal. **Isso parece muito mais transformador.**” (Entrevista com um dos mais polemistas).

“Quando eu tiro férias, eu gosto de ler. Quando tem Sol, **ficar na piscina, fazer sauna, dormir na hora que eu quero, andar pelas cidades do interior perto, ir a restaurante caipira.**” (Entrevista com um dos mais polemistas).

Colocadas em perspectiva com as expressões de gosto dos mais acadêmicos e especialistas dos colonistas ou mesmo dos mais jornalistas, as atividades preferidas pelos mais polemistas e militantes, mesmo aqueles cujas origens sociais se coadunam com os nomes de outros polos, incluem gostos menos legitimados na hierarquia social. Citando como práticas culturais séries televisivas, videogames, karaokês, shows, programas de humor, esses agentes elencam atividades menos acionadas pelos nomes dos outros polos. Isso se deve, tanto, por um lado, ao fato de que entre os polemistas e militantes estão os mais jovens dos intelectuais midiáticos, como também às posições e origens de classe. Assim, mesmo quando buscam marcar certa distinção, por meio, por exemplo, da afirmação de não possuir mais uma televisão, eles mencionam uma prática sequer cogitada pelos integrantes dos outros polos deste trabalho. De maneira semelhante, nos destinos de férias, alguns tentam expressar um certo afastamento dos habituais países da Europa, enfatizando, por outro lado, cidades do interior, as próprias cidades em que vivem ou lugares em que possam aprender ou ter uma experiência mais “transformador[a]”, demonstrando certo gosto prático ou utilitário (BOURDIEU, 2015a).

3 AS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO E DE CARREIRA

Enquanto a formação da maior parte dos colunistas situados no polo dos mais acadêmicos e especialistas se deu nas escolas de elite do país, em períodos áureos das instituições de ensino, com relações próximas entre professores e alunos, com uma vivência universitária intensa e com doutorados no exterior, os que se situam nos polos dos mais polemistas e militantes caracterizam-se por uma formação menos ligada à tradição de uma instituição bem como menos relacionada a um aprendizado tido como coletivo. Nesse sentido, os colunistas estudados nesta parte do trabalho também se distanciam dos mais jornalistas, que passaram pelas “escolas de jornalismo”, tal como ficaram conhecidas algumas das grandes redações do país, e que compartilham um certo “repertório de competências” (NEVEU, 2006, p. 36).

As modalidades de internacionalização também se diferem entre os diferentes polos dos colunistas analisados. Enquanto os mais acadêmicos e especialistas realizaram doutorados no exterior e alguns jornalistas atuaram como correspondentes internacionais, aqui destacam-se, principalmente, os investimentos pessoais e familiares nas estratégias de internacionalização. É preciso relembrar que colunistas dos outros polos também contaram com esses investimentos – seja pelo fato de terem ido para o exterior já na infância e na adolescência (no caso dos acadêmicos e especialistas), seja por terem optado em fazer cursos em outros países durante a carreira (no caso dos jornalistas). De todo modo, entre polemistas e militantes, prevalecem também as iniciativas menos institucionalizadas, em que os agentes vão para o exterior para participar de cursos livres, fazer especializações, ter seus períodos de formação intelectual, realizar coberturas como freelancers ou mesmo se autoexilar.

A trajetória acadêmica dos colunistas estudados na Parte II e a formação no ofício por parte dos colunistas da Parte III remetem a uma memória coletiva, em que as histórias pessoais são entrelaçadas às histórias institucionais e essas contribuem na legitimação daquelas e vice-versa. Mesmo que, para os acadêmicos e especialistas mais jovens, essa relação com os departamentos onde estudaram fosse mais frouxa, eles carregam consigo o prestígio de tais faculdades bem como suas relações com esses espaços parecem moldar de certa maneira suas aspirações e trajetórias profissionais posteriores.

Por outro lado, entre os mais polemistas e militantes, as formações parecem carecer desse mesmo espírito coletivo bem como de uma relação mais intensa com as instituições de formação. Os professores, filósofos, economistas deste grupo – declarados “autodidatas”, “solitários”, “com formações próprias” ou ainda como figuras “não fechadas aos muros da

academia” – se formaram intelectualmente a partir de uma posição relativamente à margem da universidade – ainda que tenham estudado em departamentos de prestígio – o que, aliás, é minoritário. Os jornalistas deste conjunto, em geral, também estiveram relativamente à margem das grandes e rememoradas redações, onde se formaram os jornalistas mais consagrados – ainda que alguns tenham passado por elas.

Desse modo, essas figuras atribuem suas formações intelectuais e políticas menos às faculdades que cursaram e muito mais aos cursos avulsos que seguiram, às palestras que assistiram, às participações que tiveram em *think tanks*, aos movimentos sociais e estudantis dos quais fizeram parte, às leituras “espontâneas” e àquelas aconselhadas por mentores. Da mesma forma, a convivência diária nas redações que foram tidas como “grandes escolas de jornalismo”, com uma interlocução intensa entre chefes e colegas que também constituem as narrativas sobre a história da imprensa brasileira, foi substituída pelos cursos de jornalismo das empresas de comunicação (BERGAMO, 2020b), pela introdução profissional via rádio e televisão, pelo capital cultural e de relações sociais herdado. Devido a essas trajetórias, essas figuras atribuem a si uma singularidade nas tomadas de posição, nas escritas e formas de exercer seus ofícios. Mas, se, por um lado, suas formações não estão entrelaçadas com as memórias institucionais de departamentos universitários e redações jornalísticas – até mesmo por se concentrarem nesse grupo os mais jovens de todo o conjunto de intelectuais midiáticos estudado –; por outro, a fraca institucionalização e/ou escasso prestígio dos espaços e figuras aos quais atribuem suas formações acabam por mascarar as propriedades coletivas a que também suas trajetórias estão vinculadas.

Tendo isso em conta, neste capítulo, abordarei as trajetórias acadêmicas e profissionais desses nomes a partir das áreas a que eles se ligam: filosofia, ciências humanas, economia e jornalismo. Desse modo, de alguma maneira, os subcapítulos que virão em seguida configuram-se como uma continuação das análises empreendidas nas Partes II e III sobre as instituições de formação, suas transformações e as relações que os agentes estabeleceram com elas.

3.1 OS FILÓSOFOS CONSERVADORES *VERSUS* AS FILÓSOFAS FEMINISTAS

Nossa, **encontrei muitas resistências**. Minha trajetória na academia foi uma **caminhada solitária**, muitas vezes, até a obtenção do Mestrado. (...) Passei toda uma graduação sem ter sido me apresentada nenhuma mulher filósofa branca, o que dirá negra. (RIBEIRO apud FERNANDES et al., 2019, grifos meus).

Eu **faço filosofia do meu jeito, porque eu sempre estudei do meu jeito**, porque acaba que você... **eu estudei sozinha**, né, bicho. Era um negócio louco, **não tinha professor**. (...) Eles estavam morrendo de medo da ditadura militar ainda. (...) Eu não sabia qual era a diferença de uma [faculdade] pública para uma privada, não fazia

ideia do que era isso, porque meus pais não estudaram, meus pais fizeram a 5ª série. Eles não estudaram... aí, eu fui lá estudar, eu fui estudar do meu jeito. (...) Eu fui da **primeira turma de mestrado desta universidade e era um monte de padre dando aula** (TIBURI, 2014, grifos meus).

Os trechos acima caracterizam as trajetórias acadêmicas das filósofas Djamila Ribeiro e Marcia Tiburi, mas também apresentam aspectos compartilhados pelos nomes estudados nesta parte do trabalho, sobretudo os mais jovens. Ainda que Marcia tenha feito sua formação entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, e Djamila tenha percorrido a graduação e o mestrado já no fim dos anos 2000 e na primeira metade dos anos 2010, ambas conviveram com um sistema universitário mais descentralizado assim como passaram por departamentos sem o perfil de formação de elite tal como aqueles em que se formaram os mais acadêmicos e especialistas (ver Parte II). Os apontamentos às resistências e à solidão remetem às origens desfavorecidas, em que as orientações bem como o ambiente familiar já intelectualizado e socializado nas faculdades de prestígio e nas áreas de estudo não estiveram presentes na produção de vantagens relativas, como as que puderam ser observadas para a maior parte dos mais acadêmicos e especialistas.

A distância no período de formação das duas, porém, marca algumas diferenças em termos da estrutura desse espaço de produção de conhecimento e pensamento, já que Djamila Ribeiro, em alguma medida, pôde contar com outras referências, tais como a biblioteca *Carolina Maria de Jesus*, da *Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos* e o *Núcleo de Raça, Classe e Sexualidade*, que cofundou na Unifesp e que tinha como prática trazer pensadores de fora da academia: “Então, a trajetória contou com muita ginga, militância e ousadia para estudar o que, na academia brasileira, não era tido como “filosofia”, mas que pulsa em outros lugares que não aqui” (RIBEIRO, 2019). Marcia Tiburi, porém, afirmou que, na época e no contexto de sua formação, ninguém falava sobre tais questões, de modo que sua trajetória teria sido bastante solitária, mesmo do ponto de vista da militância feminista, já que não tinha colegas e outras professoras mulheres, nos cursos de filosofia em que estudou e deu aula:

O feminismo não estava na moda, não tínhamos uma onda feminista, ao contrário, mas eu lia muito, então, eu já me preocupava por que os filósofos falavam tão mal das mulheres, por que as mulheres filósofas não estavam sendo estudadas nas universidades, por que não havia mais mulheres também estudando filosofia como eu né, essas questões todas me tocavam assim com força. (Entrevista de Marcia Tiburi à autora, 2020).

Assim, a trajetória acadêmica mais solitária, seja com a interlocução de movimentos sociais ou não, parece ter engendrado também posições menos exclusivas à dedicação acadêmica – o que também se reforça pelas experiências de docência mais fortemente ligadas às faculdades privadas do que às públicas. Tiburi, por exemplo, chegou a prestar concursos para

universidades públicas, mas segundo relato feito no livro *Feminismo em comum*: “só percebi que a questão machista pesou em um concurso prestado por mim em uma grande universidade quando o presidente da banca disse para todos que ‘essa mulher aqui nem pensar’” (TIBURI, 2020, p. 101). Em 2017, foi aprovada na UNIRIO, onde trabalhou como professora por um ano. Acabou, porém, saindo do país depois de sofrer ameaças de morte (BERGAMO, 2019).

Embora com tomadas de posição contrárias às das filósofas feministas, Luiz Felipe Pondé se aproxima e se distancia em alguns aspectos da trajetória. Assim como Ribeiro, mas por motivos diferentes, Pondé se inseriu tardiamente na faculdade de filosofia, depois de desistir dos seis anos cursados na medicina da UFBA – tendo passado um deles em um kibutz¹⁸³ em Israel. E, assim como Tiburi, ele fez sua formação entre o final dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990. Segundo ele, porém, quando ingressou na faculdade de filosofia da USP, “já não era capaz de ser de esquerda”, isso porque “a base de minha visão de mundo estava pronta, embora não tivesse consciência clara sobre ela: eu era um pessimista trágico. ‘Esquerda’, para mim, naquele momento, era antes de tudo um comportamento, e não um corpo formado de ideias” (PONDÉ, 2012, p. 56).

Assim, o ingresso tardio no departamento impediu que suas visões de mundo fossem forjadas no ambiente da Faculdade de Filosofia. Por outro lado, afirma o legado deixado pelo primeiro curso: “a visão médica do homem – com sua fisiologia frágil, sua biologia condenada ao fracasso e seu destino patológico – me acompanha desde essa época como uma espécie de controle de qualidade do pensamento” (PONDÉ, 2012, p. 54). A partir do biologismo adquirido na Medicina (profissão também predominante em sua família), não apenas o pensamento filosófico seria interpretado por Pondé, mas também os seus estudos de psicanálise, que ele realizou durante a primeira faculdade: “O homem como vítima de suas pulsões completou minha impressão de sermos vítimas de nossa fisiologia” (PONDÉ, 2012, p. 54).

Embora tenha afirmado em entrevista que teve excelentes professores na USP e que sempre se deu muito bem com os mesmos (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019), no livro *Por que virei à direita?*, Pondé apontou certo deslocamento em relação à faculdade: “Na USP, senti certo preconceito, da parte de alguns professores (nunca dos alunos), com respeito a minha condição de nordestino. Piadas semelhantes às que norte-americanos fazem sobre nós, latinos, eram frequentes e cotidianas” (PONDÉ, 2012, p. 56). Tendo seguido o curso já casado e com filho, ele fez questão de afirmar uma certa distinção em relação aos colegas: “minha capacidade intelectual, bem como minha disciplina (...) me faziam sentir que muitos de meus

¹⁸³ *Kibutz* é uma comunidade israelense baseada no trabalho agrícola e na propriedade coletiva.

colegas eram como crianças frágeis com dificuldades metafísicas imaginárias” (Ibid.). Assim, o deslocamento que é justificado por Pondé pelo futuro profissional traçado parece mesmo ter contribuído para engendr-lo:

Eu trabalhava e estudava, mas nunca fiz parte do grupo que se achava “dono” do destino da faculdade de filosofia. O futuro daria razão a meu sentimento: eu nasci para filosofia entre “bárbaros”, porque minha “classe” (a dos filósofos profissionais) não quer pensar o mundo, mas viver às voltas com suas intermináveis teses de doutorado e seus artigos inofensivos, que, aliás, ninguém lê (PONDÉ, 2012, p. 57).

A carreira traçada ao largo da faculdade em que se formou se correlaciona com as críticas à universidade, considerada por Pondé “como um dos lugares de maior miséria espiritual” que ele conhece (Ibid.). Nesse sentido, ela tornaria “estéreis seus talentos, que se perdem nos cálculos da própria produtividade nula” assim como teria se tornado “foco de gente (“sem posses”) que quer ascender socialmente por meio de uma carreira acadêmica e, por isso, já não se importa com o que pensa, contanto que ganhe um bom salário e tenha a garantia de emprego” (Ibid.). A argumentação se configura, assim, como também uma justificativa da posição que Pondé ocupa no espaço social: a de polemista. Da mesma forma, é esta posição midiática que ele aciona para explicar as dificuldades que enfrenta com os colegas de departamento da PUC-SP, onde fez carreira como professor:

E eu sempre gostei de dar aula e eu comecei a ter muito aluno na pós-graduação. Isso começou a me dar problema com muitos colegas (...) Aí depois, eu já tinha participação na mídia e tal, quando eu fui para Folha em 2008, aí eu comecei a fazer carreira na mídia, ter sucesso e não sei o quê, aí eu comecei a fazer inimigo para cacete. E também como nunca fui identificado com o PT ou com nenhum partido de esquerda, também não fiz muitos amigos. Isso para te explicar por que eu não tenho muito contato com muitos colegas [na PUC]. (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019).

Nesse sentido, embora tenha passado por departamentos com relativo prestígio, Pondé demarca um distanciamento em relação a eles bem como afirma sua posição de filósofo entre “bárbaros”, ou seja, de filósofo midiático. Com frequência, ele aciona críticas à universidade pública em geral, às ciências humanas e aos intelectuais mais à esquerda, em particular, tal como o próximo e outros trechos citados neste subcapítulo demonstram:

A publicidade é a melhor ciência social contemporânea
No futuro, verão nossas pesquisas em Ciências Humanas, realizadas nas universidades, como uma nulidade. Por um motivo simples: não lidam com a vida como ela é, mas como sua ideologia gostaria que fosse. Os documentos estudados pelos nossos descendentes para compreender como vivemos, sentimos, trabalhamos, sonhamos e morremos serão as pesquisas de mercado feitas pelas agências de publicidade. **Além de não padecerem da doença ideológica, os publicitários e marketeiros, melhores cientistas sociais do mundo contemporâneo, perdem o emprego ou a conta do cliente se não entregarem uma percepção o mais próxima possível da realidade para o seu cliente.** Uma das razões de os departamentos de

Ciências Humanas serem um deserto sem nenhuma sensibilidade empírica para a realidade é o fato de serem pobres e não arcarem com as consequências das bobagens que falam em sala de aula para os seus discípulos apaixonados. Como diz o intelectual americano Thomas Sowell, um piloto não pode errar no que faz, e um intelectual nunca erra porque o que ele diz não tem consequências reais no mundo. Além disso, não existe dinheiro nesses departamentos, apenas umas poucas bolsas e salários irrelevantes, ao contrário do mundo da publicidade, onde muita grana circula. Portanto, a visão que nossos descendentes terão de nós, a mais científica possível, virá das agências de publicidade, esses templos da empiria contemporânea (PONDÉ, 2014a, p. 34, grifos meus).

No subcapítulo 3.6 da parte II deste trabalho, inicio uma análise acerca da diferença entre os filósofos mais jovens e aqueles formados na Maria Antônia. A aproximação de filósofos às lógicas econômicas – dos shows de rock, da publicidade e do marketing – contrapõe-se à reivindicação de autonomia e à crítica ao mundo das mercadorias associada a uma tradição crítica (PINTO, 2009, p. 5). O excerto acima soma-se aos exemplos desta aproximação. A crítica às ciências humanas e o elogio à publicidade se inter-relacionam a uma visão negativa da autonomia universitária e um elogio aos determinantes econômicos, sendo estes colocados, por Pondé, como os produtores da verdade mais próxima à realidade. Nesse sentido, ele se diferencia dos mais acadêmicos do conjunto dos colunistas aqui estudados. Embora Luiz Felipe Pondé tenha estudado também na FFLCH-USP, sua trajetória se deu de forma mais afastada da instituição, fazendo ele questão de afirmar uma não adesão à tradição do departamento e reivindicando para si a capacidade de “falar sua própria língua” (PONDÉ, 2016b, p. 11).

Nesses sentidos, ele se aproxima e se distancia em alguma medida do autointitulado filósofo Olavo de Carvalho. A diferença entre eles está justamente no fato de Pondé ter completado o percurso acadêmico e atuar como docente em universidades privadas – mantendo, portanto, uma série de práticas e relações com as instituições formais¹⁸⁴ –, além de também ter um lugar de prestígio na imprensa brasileira, escrevendo para a *Ilustrada*. Já a aproximação se dá em termos de uma posição mais dependente da aprovação do público bem como em algumas das tomadas de posição, embora Olavo esteja mais ao extremo em relação a Pondé.

Afirmando-se filósofo “autodidata”, Olavo sempre fez questão de ressaltar a insuficiência das instâncias formais de educação para suprir suas necessidades intelectuais. O discurso a posteriori marca esse distanciamento em relação ao estudo formal desde a infância e a adolescência, primeiro por ter ingressado tardiamente na escola (ver subcapítulo 2.2 desta

¹⁸⁴ Em vídeo publicado em seu canal sobre Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé apontou algumas semelhanças e diferenças entre os dois, dizendo: “eu sou um egresso, digamos assim, eu sou um animal da universidade, com carreira na universidade, com relações institucionais na universidade, enquanto o Olavo fez a maior parte da sua carreira fora desse universo, nem por isso menos em termos de conteúdo e de capacidade intelectual, sem dúvida” (PONDÉ, 2016c).

Parte) e, depois, por ter saído dela precocemente (BURGIERMAN, 2019). Em um post do *Facebook*, ele já afirmou: “Em casa eu estava lendo Goethe e Shakespeare, e no ginásio me faziam ler “A Moreninha”. Foi assim que, na primeira oportunidade, decidi sair da escola para não voltar nunca mais, pois não sou couro de pica pa tá pa frente e pa traiz.” (CARVALHO, 2015a).

Ressaltando em suas entrevistas e currículos, os estudos autodidatas em diferentes áreas do conhecimento, os diversos idiomas aprendidos, os cursos sobre assuntos variados (BERTOL, 2000; CURRICULUM), Olavo busca demonstrar uma suposta extensa erudição em contraposição à ausência de estudos formais. A crítica à escola e à universidade brasileiras são recorrentes no discurso adotado pelo autointitulado filósofo: “No Brasil, a melhor maneira de garantir que um sujeito vai permanecer inculto é mandá-lo para a escola, sobretudo para a universidade”, afirmou em um de seus vídeos publicados no *YouTube* (CARVALHO, 2017b).

Nos anos 1990, Carvalho protagonizou um desentendimento com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), quando seu trabalho *Uma filosofia aristotélica da cultura* foi negado pelo comitê editorial da revista *Ciência Hoje* (ORSINI, 1994). Entre 1994 e 1995, o embate entre Carvalho e seus opositores ganhou espaço no jornal *O Globo*. Ao então diretor de jornalismo, Evandro Carlos de Andrade, Carvalho agradeceu a abertura das páginas do jornal para que se defendesse (CARVALHO, 2001). Dois anos após o contencioso, em 1997, publicou *O imbecil coletivo*, no qual abordou o que denominou como a decadência intelectual do Brasil. Para ele, a universidade seria dominada pela doutrinação comunista (CARVALHO, 2012a):

O trabalho dos **professores-doutrinadores** era complementado pela **grande mídia**, que, então já amplamente dominada por **ativistas e simpatizantes de esquerda**, envolvia os intelectuais e artistas de sua preferência ideológica numa aura de prestígio sublime, ao mesmo tempo que jogava na lata de lixo do esquecimento os **escritores e pensadores considerados inconvenientes**, exceto quando podia explorá-los como exceções que por sua **própria raridade e exotismo** confirmavam a regra (CARVALHO, 2012a, grifos meus).

O ataque contínuo às instituições formais de educação, em maior medida, e à imprensa, também em grau elevado, parece uma estratégia de Olavo – consciente ou não – de justificar a posição nesse espaço assim como angariar a confiança de um público que mantém com ele uma homologia de posição. Ou seja, ao dizer que a universidade mantém seus alunos “incultos”, sendo dominada por “professores-doutrinadores”, “pseudointelectuais”, “cátedras” “caipiras” (CARVALHO, 2000), ele consegue atrair aqueles que também não conseguiram um acesso ou relativo reconhecimento dessas instituições. Aliás, no filme *Jardim das Aflições*, sobre Olavo, ele e sua esposa, sentados no sofá de casa, abraçados, conversam sobre as aulas de Olavo e o perfil de seus alunos:

Olavo: Eu sempre atraí louco. Eu sempre tive esse problema.

Roxane: Isso é verdade.

Olavo: Sempre tem assim uns 10% de louco no pedaço. Tinha um carinha que assistia à aula (...)

Roxane: Coitado. Ele era maluco mesmo. Era tão bonito (...) É engraçado, porque sempre chegava algum maluquinho para falar: “Ah, você que é o Olavo de Carvalho?”. E o Olavo, ele tem um jeito gentil de tratar com as pessoas, e ele fica meio refém na mão dos malucos, porque ele não sabe dizer “não”, não sabe falar “tchau, vou ali, já volto”. Aí, ele fica com aquela cara de pânico...

Olavo: O cara já é maluco, eu vou deixar ele mais infeliz ainda? Tem que tratar bem né (OLAVO apud TEÓFILO, 2017).

De modo geral, as experiências dos filósofos que ocupam os polos dos mais militantes e polemistas estão menos atreladas a vivências de formação ligadas às instituições de prestígio e às relações nelas estabelecidas. Por um lado, o discurso da singularidade é bastante presente na reconstituição das trajetórias dos filósofos, como também foi observado entre aqueles que ocupam os polos dos mais acadêmicos e dos mais especialistas. Por outro, os dados objetivos sobre esses percursos mesclados às representações que eles mobilizam deixam entrever esse deslocamento entre o “jeito de fazer filosofia” a que esses filósofos conservadores ou as filósofas feministas têm e aquele que obteve, por um lado, uma legitimação intelectual (como no caso dos mais acadêmicos) e, por outro, uma legitimação no campo do poder (como no caso dos mais especialistas).

Além disso, essas trajetórias apontam também para transformações no campo da filosofia e, mais especificamente, na sua projeção no debate público, que começaram a ser traçadas na Parte II e que também guardam relação com as gerações mais jovens. Nesse sentido, as lógicas acadêmicas perdem espaço para as da militância, da publicidade e do mercado, as quais são expressas pela relação de dependência com as audiências e suas reações. Mas, além disso, também se verifica, em casos como o de Olavo, uma espécie de lógica religiosa, em que a relação com os alunos e espectadores se dá nos moldes dos seguidores de certa doutrina.

3.2 OS CIENTISTAS SOCIAIS, A MILITÂNCIA POLÍTICA E A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Eu estava trabalhando intensamente. Veja, a minha vida acadêmica é marcada, durante a graduação, pelo movimento estudantil; e, durante a pós-graduação, pelo fato de que não era isso que garantia a minha sobrevivência. Então, isso era feito nos horários vagos. Se você está procurando um típico intelectual que fica fechado numa salinha, não sou eu (Entrevista de Demétrio Magnoli à autora, 2020).

Nascidos na segunda metade dos anos 1950 e início dos anos 1960, Demétrio Magnoli, Marco Antonio Villa e Reinaldo Azevedo dividiram-se entre as graduações e pós-graduações (no caso dos dois primeiros), as atividades de militância política e a atuação docente em escolas públicas e privadas de São Paulo. A experiência como professores de escola assim como a

proximidade com sindicatos, greves e outras manifestações políticas nos anos 1980 parecem, em alguma medida, se relacionar com as reconversões políticas dessas figuras, que passaram de participantes do movimento estudantil de combate à ditadura – inclusive, de vertentes trotskistas e maoístas – para posições consideradas mais à direita e uma oposição ferrenha ao PT, sobretudo, a partir dos anos 2000.

Além disso, os três vivenciaram a efervescência política que também fez parte do contexto de formação dos mais jornalistas, de parte dos acadêmicos e de alguns especialistas. Por um lado, não se inseriram nas redações naquele momento, ingressando na imprensa tardiamente em relação aos mais jornalistas – mesmo no caso de Magnoli e Azevedo, que fizeram graduação de jornalismo. Enquanto Magnoli e Villa continuaram investindo na academia, cursando pós-graduações e vindo a ter uma visibilidade midiática, sobretudo, a partir dos anos 2000, Azevedo trocou o curso de Letras na USP pelo de jornalismo na Universidade Metodista, começando a carreira como jornalista no início dos anos 1990. Eles não vivenciaram, portanto, o período de modernização da imprensa – com as consequentes reconversões de capitais e consagrações dos repórteres – e não fazem parte das reconstituições desse período áureo do jornalismo – também ligado à resistência à ditadura – que se tornaram frequentes nos anos 1990, por meio de livros memorialísticos e autobiográficos (MORAES, 2017, p. 21).

Por outro lado, com mais trunfos acadêmicos, Demétrio Magnoli e Marco Antonio Villa chegaram a traçar uma carreira nas universidades, ocupando até mesmo os postos de professores. O período de formação foi marcado por menos dedicação à academia e mais à luta política e às necessidades de trabalho:

Naquela época, a gente estava derrubando a ditadura, está certo?! (...) Se você pegar, as pessoas, e são muitas que participaram do movimento estudantil naquela época, você vai ver que todas vão ter a mesma história, a não ser que estejam mentindo: não estavam indo na aula, tá certo?! [risos], estava indo só fazer prova. [risos] E se alguém te falar outra coisa é mentira (Entrevista de Demétrio Magnoli à autora, 2020).

Estava nesta época na PUC, mas era mais interessante o que acontecia fora da sala de aula que dentro da sala de aula. Então eu participei do movimento estudantil, fui do centro acadêmico, da primeira diretoria do DCE Livre (VILLA, 2008).

A militância também permitiu a eles um ciclo de convivência com outros integrantes do movimento estudantil. Villa era de uma tendência maoísta do PCdoB – sem denominação na PUC, mas conhecida como “Caminhando” na USP. Sobre a experiência, ele afirma:

Agora, foi um dogmatismo terrível também, porque ali eu me lembro que logo quando eu entrei na Tendência este amigo, que hoje, evidentemente tem outra posição, ele – eu lia muita coisa de História do Brasil, gostava muito de História, apesar de estar fazendo Economia – ele falou: “Deixa essas coisas de História do Brasil, você tem que ler isso”, eram os livros do Mao Tse Tung, Obras Escolhidas, eram as coisas do Stalin, Questões do Leninismo, coisas pavorosas (VILLA, 2008).

Apesar da crítica ao dogmatismo, Villa atribuiu ao movimento estudantil sua habilidade no debate político, tal como mencionado no subcapítulo 1.1 desta parte. Na época, ele respondeu a um processo por invasão à PUC, da qual, segundo ele, não participou. Já Magnoli fazia parte da Libelu, de viés trotskista, e chegou a ser presidente do DCE da USP, duas vezes. Se, por um lado, eles mencionam as experiências de militância, por outro, frisam a falta de qualidade do ensino. Villa, por exemplo, afirmou que o curso foi “um horror”: “Na verdade, todos os professores que tive entre 79 e 82, no máximo dá para lembrar de quatro ou cinco, sobra dedo em uma mão” (VILLA, 2008). A essa crítica, acrescentou a indignação por ter visto que os piores professores, segundo seu julgamento, tornaram-se titulares. Ainda que tenha feito carreira na academia (completando o doutorado e exercendo a docência em universidades públicas), o professor Villa se aproxima em alguma medida da expressão de oposição mais ferrenha em relação à universidade, especialmente à USP. Em depoimento à Biblioteca Mário de Andrade, criticou o fato dos intelectuais não frequentarem a biblioteca e acrescentou: “Então, a Mário de Andrade foi ótima para mim porque tudo que eu não aprendi na USP, na graduação, eu aprendi na Mário, quer dizer, o meu curso de graduação foi errado, não foi nesta Universidade, foi na praça Dom José Gaspar” (VILLA, 2008). Além disso, no mesmo depoimento, o professor criticou os concursos de professores e, mais uma vez, apontou a Universidade de São Paulo, em mais um excerto que ilustra a relação que esses colunistas mantêm com o espaço acadêmico e com a relativa autonomia da universidade em relação aos julgamentos de outras instâncias que não as internas, sendo a USP um dos alvos mais frequentes:

Tem concursos, por exemplo, em universidades públicas, que o resultado já é agendado. (...) Isto que eu estou dizendo, tudo mundo sabe, não é nenhuma novidade. Isto explica o baixo nível das universidades públicas, especialmente de alguns departamentos da USP, por exemplo, não só de lá, mas de outras universidades. Agora, há muita gente boa também, há excelentes pesquisadores, etc., mas estes acabam ficando isolados, porque existe um sistema de poder que beneficia aquele que não escreve e que faz a pesquisa intramuros, que você nunca conhece (VILLA, 2008).

Em relação aos agentes que ocupam os polos dos mais polemistas e militantes, os filósofos apontam uma trajetória solitária mesmo nos departamentos em que se formaram e os economistas carecem de um repertório acadêmico (ver próximo subcapítulo). Já esses professores e jornalistas analisados neste subcapítulo, a despeito de terem vivenciado contextos culturais similares a de agentes de outros polos e terem passado por departamentos mais reconhecidos academicamente, estando afeitos aos seus repertórios intelectuais, eles afirmam disposições para além do ambiente propriamente acadêmico. Tendo investido mais em atividades didáticas do que de pesquisa (ver subcapítulo 4.1 desta Parte), sem ocupar postos de

poder na burocracia estatal ou em grandes empresas, eles também acabaram se afastando dos polos dos mais acadêmicos e mais especialistas, sem, no entanto, se realocarem ao polo dos mais jornalistas.

3.3 OS ECONOMISTAS, O MERCADO FINANCEIRO E O EMPREENDEDORISMO

Meu pai era do mercado financeiro e eu, desde cedo, já sabia que queria trabalhar no mercado financeiro (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020).

Sou filho e neto de engenheiros, criado para seguir o legado deixado pela família. Era um bom aluno de Engenharia, um dos melhores da Engenharia Civil. Estudar algo que era palpável e parte de meu universo desde criança (cresci visitando obras com meu pai) facilitava demais o aprendizado (MOREIRA, 2017, p. 25-26).

Embora os economistas mais próximos ao polo dos mais polemistas venham de famílias também inseridas nas áreas profissionais seguidas, eles mantêm algumas diferenças em termos de origem social (ver capítulo 2) e também de formação acadêmica. Enquanto os economistas que ocupam posições mais próximas às acadêmicas e às de expertise formaram-se em instituições de prestígio em seus momentos áureos, com doutorados no exterior e docência em universidades de elite brasileira, tendo também ocupado cargos de importância na burocracia estatal, os economistas mais próximos aos polemistas e militantes, embora tenham feito a graduação em faculdades reconhecidas (USP e PUC-RJ), não seguiram na pós-graduação assim como são marcados, sobretudo, pela atuação no mercado financeiro. Sobre as instituições, é interessante notar, inclusive, a mudança que se operou no perfil dos departamentos de economia dessas universidades, sobretudo o da PUC, considerado outrora como o de formação de uma elite:

Muita coisa tinha mudado na PUC. Antes mesmo de minha saída, já se havia desenhado o fim do apoio da FINEP à universidade, um programa que financiava todas as Engenharias e mais a Economia. Na ausência desses recursos, a PUC precisou elevar para o dobro ou o triplo as matrículas, aumentar o valor das mensalidades e fazer ajustes nos salários dos professores. Tempos difíceis, para ajustes inevitáveis, que mudaram um tanto a face da PUC. Para alguém retornando de um período de afastamento, o que mais saltava aos olhos era a enorme quantidade de alunos. A PUC, agora, vivia das mensalidades, e os “salários básicos” para os professores eram menores. (...) Fora da PUC as coisas também tinham mudado. Tínhamos agora dois concorrentes de peso que antes inexistiam: a FGV e o IBMEC. Ambos seguiram “modelos de negócio”, se é que podemos falar nesses termos, muito semelhantes, oferecendo cursos de extensão (os MBAs) em grande escala e caríssimos, que serviam para financiar departamentos de pesquisas com PhDs em regime de tempo integral fazendo pesquisa e construindo *griffes* (FRANCO, 2007, p. 238-239).

Mais jovens que os outros economistas – com exceção de Laura Carvalho e Monica de Bolle –, Eduardo Moreira, Rodrigo Constantino e Ricardo Amorim (neste caso, na USP) se graduaram nos anos 1990 – justamente o período a que Gustavo Franco se refere no excerto

acima – e encaminharam-se para o mercado financeiro. A complementação das formações se deu em especializações, MBAs e intercâmbios em universidades estrangeiras: Moreira cursou economia na Universidade da Califórnia, durante a graduação de Engenharia; Ricardo Amorim fez uma pós-graduação em Administração e Finanças Internacionais na ESSEC, na França; e Rodrigo Constantino fez um MBA em Finanças no IBMEC.

Segundo Constantino, a opção pelo curso se deu “porque já era ligado realmente ao mercado financeiro e eu achava que era importante, mais pela placa do que pelo que de fato eu iria aprender ali. Era um diploma extra” (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020). O trecho aponta para dois elementos interessantes na formação desses agentes: 1) o crescimento dos estudos na área financeira assim como de cursos ligados ao empreendedorismo, acompanhando o mercado de trabalho; 2) a produção de diplomas por universidades privadas enquanto “placas” a legitimarem certas posições – o que, aliás, se coaduna com o depoimento de Gustavo Franco mencionado acima. A desvalorização do sistema de ensino, mais uma vez, é também expressa por esses agentes:

Rodrigo Constantino: Olha, eu vou te confessar que as leituras mais importantes para minha formação intelectual foram autodidatas. Infelizmente. Não foram nem na graduação, nem na pós. Ali, foram livros muito técnicos, macroeconomia foi tudo bem *mainstream*, Keynes e tudo mais, e eu fui estudar os economistas que mais me influenciaram em casa.

Allana: E quais são?

Rodrigo Constantino: São os... a Escola Austríaca de Economia.

Allana: Como teve contato?

Rodrigo Constantino: Pelo meu chefe no mercado financeiro, que é o atual ministro, Paulo Guedes (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020).

A transferência dos interesses mais especializados (típicos dos mais experts) para aqueles mais generalistas também marca em alguma medida os economistas deste polo assim como caracteriza outros agentes aqui situados. Ao mesmo tempo em que eles criticam a qualidade do ensino universitário também se afastam, em suas produções, das demandas mais acadêmicas:

É espantoso o grau de destruição da qualidade do ensino universitário, tanto no Brasil como aqui nos Estados Unidos. Os resultados estão aí para quem quiser ver: inúmeros militantes “progressistas” que, de forma arrogante, querem “salvar o planeta” ou “construir um novo mundo”, mas não sabem o básico de história, brigam com a matemática, flertam com o socialismo e defendem agendas radicais (CONSTANTINO, 2019a).

Esse processo de investigação resultou em outro livro: “O Que os Donos do Poder Não Querem que Você Saiba”, de 2017. As teses de Moreira não repercutem bem entre os seus antigos colegas do mercado financeiro, nem entre os economistas acadêmicos ortodoxos. Uma crítica que recebe é a de que seu livro carece de bibliografia. No que ele responde: “Ele não tem bibliografia porque eu parti do zero e eu cheguei naquelas opiniões. A bibliografia é a minha cabeça. Os dois livros que eu tenho alguma inspiração são citados ali. Um do Erich Fromm, que é o ‘The Same

Society’, e outro que é ‘A Grande Transformação’, do Karl Polani. Mas o resto é todo um processo de descobrimento pessoal”, justifica (GOMES, 2019b).

Assim, com um volume maior de alunos e um hiato mais profundo entre as atividades de ensino e pesquisa, esses departamentos de economia – mas também de outras áreas do conhecimento – parecem ter engendrado, por um lado, uma visão negativa do sistema de ensino e, por outro, uma ausência de repertório necessário para dialogar na academia. Dotados de títulos, tomados mais como “placas” do que como períodos de formação mais sólida, as graduações em áreas específicas levaram esses agentes a se sentirem aptos a esboçar avaliações sobre os campos em que se formaram, ao mesmo tempo em que, sem os doutoramentos, eles se afinam mais com interesses generalistas. Também disputam o lugar de intérpretes do mundo econômico, social e político, sem terem passado pelo treinamento dos mais acadêmicos e especialistas, que fizeram doutorados em instituições de prestígio. Sem dominarem, portanto, as lógicas, demandas, linguagens e referências mais acadêmicas e legítimas no campo do pensamento econômico, eles encontram no debate midiático e para públicos menos especializados um espaço para reverberarem suas ideias e soluções.

3.4 OS ESCRITORES-JORNALISTAS E OS JORNALISTAS-ESCRITORES

Além dos professores-jornalistas, há também entre os polemistas e militantes aqueles que se aproximam da figura híbrida dos “escritores-jornalistas” ou “jornalistas-escritores”. Esses três ofícios (professor, escritor e jornalista), aliás, parecem se complementar em um momento em que os três mercados sofrem transformações, sobretudo, em direção à precarização do trabalho (STELLA, 2018; COSTA, 2005; ADGHIRNI, 2012; MARTINS, 2009). As trajetórias dos colunistas aqui estudados demonstram que, para uns, o jornalismo foi o caminho para a sobrevivência financeira, quando a produção artística – cinematográfica ou literária¹⁸⁵ – não foi capaz de render retornos econômicos (COSTA, 2005). Para outros, a publicação de livros e as aulas em faculdades serviram de complementação aos baixos salários e às instabilidades advindas da profissão de jornalista em um momento em que prevaleceram os passaralhos¹⁸⁶ e a pejotização do trabalho (COSTA, 2005). E, embora a universidade pública possa ser o espaço de consagração e de estabilidade financeira para certos escritores (STELLA,

¹⁸⁵ A articulação entre o jornalismo e o campo de produção artística, aliás, não se restringe aos escritores, mas pode ser também observada entre cineastas (SANTOS, 2019); e músicos (GATTI, 2015), chamados por Fernandes de “cantores-jornalistas”, “compositores-jornalistas” (FERNANDES, 2010), apenas para citar alguns exemplos.

¹⁸⁶ As frequentes demissões que ocorrem nos grandes jornais são denominadas de passaralho: “Passaralho é um jargão agressivo para as demissões em massa nos meios de comunicação. Remete a pássaros, revoadas de algo que destrói tudo por onde passa” (FONSECA et. al., 2013).

2018), as dificuldades de ingressar na carreira como professor efetivo levaram alguns agentes a se encaminharem para instituições privadas – nas quais convivem com maior grau de instabilidade – e a investirem em atuações na mídia ou na publicação de livros com viés mais comercial.

A inter-relação entre jornalismo e literatura já foi objeto de reflexão de diversos estudos (LIMA, 2013; COSTA, 2005; TRAVANCAS, 2001; MICELI, 2001b; RIBEIRO, 2003), sendo vista de forma crítica por uns, de forma positiva por outros (COSTA, 2005), mas sempre relacionada, em alguma medida, com a necessidade econômica. Com os processos de modernização do jornalismo, o escritor teve que reconfigurar sua posição nesse espaço (COSTA, 2005; RIBEIRO, 2003): entre as décadas de 1920 e 1950, o movimento foi de afastamento, acompanhando a industrialização da imprensa e o primeiro boom do mercado editorial brasileiro (COSTA, 2005, p. 13); entre 1960 e 1980, o jornalista passou a ser visto como uma espécie de protagonista da literatura brasileira, por meio da “ficção parajornalística”, com o romance-reportagem e as memórias de guerrilha (como nos casos de Fernando Morais e Fernando Gabeira, por exemplo) (COSTA, 2005, p. 15); já nos anos de 1980 a 2004, o distanciamento entre escritores e jornalistas se consolidou (Ibid., p. 12):

O jornalista boêmio, cuja criatividade compensava a indisciplina, era substituído pelo trabalho do profissional que produziria várias matérias ao dia, cumprindo uma dura rotina. O jornalismo autoral só teve lugar na imprensa alternativa – que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970 sob a Ditadura Militar – ou no estreito espaço da crônica ou do artigo. Se até a década de 1950 a crítica era um produto fácil de encontrar nas páginas do jornal, daí em diante ela foi parar nos cadernos culturais e nos suplementos. A cisão entre opinião e informação marcou o que Silviano Santiago chamou de “desliteraturalização” do jornal (LIMA, 2013, p. 40).

A inspiração no jornalismo americano, as reformas na imprensa (gráficas, estilísticas, na estrutura organizacional e nas relações de trabalho), a obrigatoriedade do diploma e a criação das faculdades de jornalismo foram paulatinamente criando uma profissionalização do ofício e substituindo intelectuais, acadêmicos e escritores por jornalistas profissionais e experts (ver capítulo 3 da Parte III; ver subcapítulos 4.1 e 4.2 da Parte II). Essa profissionalização não levou, porém, a uma total exclusão da literatura e dos escritores, mas, sobretudo, a um deslocamento: 1) entre os anos 1980 e início dos anos 2000, estes se afastaram das editorias *hard news*, como política e polícia, e passaram a se direcionar para as editorias de cultura – sobretudo, em cadernos especiais como a *Ilustrada*, por exemplo (COSTA, 2005, p.12-13; p. 167; p. 171); 2) além disso, passaram de mão de obra interna às redações – em geral, como copidesque, mas também como repórter e em outras funções – a colaboradores externos – como resenhistas,

articulistas, cronistas etc.¹⁸⁷ (COSTA, 2005, p. 187). A inserção dos escritores no jornalismo cultural tinha, segundo Costa, uma dupla faceta:

É uma estratégia que oferece a esses autores uma posição relativamente privilegiada no campo literário, por seus contatos com editores, críticos e outros escritores, além de permitir um conhecimento sempre atualizado sobre tendências, nomes e lançamentos do mercado editorial. E que permite ao jornalista especializado a acumulação de capital cultural, conhecimento teórico e técnico, além de uma melhor compreensão da lógica do jogo intelectual. (...) Se a editoria de Cultura permite a inserção no meio intelectual e editorial, além do acompanhamento constante da produção cultural, também pode provocar uma espécie de visibilidade negativa, tanto pelo preconceito contra o jornalista que se quer escritor (mais um) quanto pela concorrência entre os órgãos de imprensa (COSTA, 2005, p. 168-169).

A editoria, os cadernos e periódicos voltados aos temas de cultura foram historicamente associados à irreverência, à contestação e à atração de leitores, enquanto as jogadas estratégicas dos donos de jornais se restringiam às editorias de política e economia (COSTA, 2005, p. 140). Assim, buscava-se, em maior ou menor medida, pôr em funcionamento a máxima repetida por Otavio Frias Filho e atribuída ao jornalista Luiz Alberto Bahia: “o grande jornal burguês tem que ser conservador em economia, liberal em política e revolucionário em cultura” (FRIAS FILHO, 2003a, p. 383; PINTO, 2012, p. 86). Foi com esse espírito que a *Folha* investiu no jornalismo cultural, por meio da *Ilustrada*, na qual: “os limites de criatividade e crítica foram expandidos com mais estridência. O caderno passou a destacar a cultura pop e o mercado cultural, a criar e alimentar polêmicas, a tratar com irreverência obras e artistas considerados ‘intocáveis’ por representarem a luta contra a ditadura” (PINTO, 2012, p. 86). Como afirmou Lima, o espaço antes ocupado por intelectuais e discussões políticas na grande imprensa foi, então, “preenchido pela divulgação de produtos da indústria cultural e por um tipo de jornalismo que privilegiou a informação rápida e o consumo” (LIMA, 2013, p. 42).

Foi no intuito de responder a esse espírito – estimulado não apenas na *Folha*, mas também em outros veículos – que alguns dos colonistas-polemistas se inseriram na imprensa. Em contato com as produções artísticas e publicitárias, eles conseguiram levar para as colunas de jornal o estilo tão requerido pelos cadernos de cultura. Arnaldo Jabor e Diogo Mainardi, por exemplo, são nomes que carregavam as disposições propícias à ocupação desse lugar. O primeiro começou a escrever no jornal estudantil *Metropolitano*¹⁸⁸ da União Metropolitana dos

¹⁸⁷ A atuação de escritores em jornais – no início de suas carreiras, mas também quando já consagrados – é abordada por inúmeros trabalhos, como os de: Ribeiro (2003), Costa (2005), Chiaramonte (2015), Stella (2018), Mendonça (2018).

¹⁸⁸ Para uma descrição rápida da atuação de *O Metropolitano*, ver RIDENTI, 2014, p. 194-195. Publicado aos domingos com o *Diário de Notícias*, o *Metropolitano* revelou nomes como “Caca Diegues, Sérgio Augusto, Davi Neves, Vinicius Caldeira Brant, Aldo Arantes, Marcelo Cerqueira e muitos outros” (JABOR apud REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 52). Segundo Jabor, o jornal foi uma espécie de avô da *Ilustrada*, sendo caracterizado como de “vanguarda, crítico, opinativo” (Ibid.).

Estudantes, já nos 1960, quando ainda era estudante de direito da PUC. Foi ainda interino da coluna de Paulo Francis, no *Última Hora*, fazendo crítica teatral (REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 51-52). No final dos anos 60, passou a se dedicar à prática cinematográfica, fazendo parte da segunda geração do Cinema Novo: “o Cinema Brasileiro é filho direto da imprensa estudantil dos anos 60 (...) Fomos fazer cinema por espírito de jornal”, afirmou¹⁸⁹ (JABOR, 1991, p. 52). Abandonou o cinema, na época do governo Collor, porque, segundo ele, não conseguia pagar as contas e não tinha sequer dinheiro para comer. A partir da indicação de Fernando Gabeira, foi contratado como repórter especial e articulista da *Folha de S.Paulo* (REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 54). Seus textos foram republicados em diversos veículos e, anos mais tarde, ele passou a escrever n’*O Globo* e no *Estadão* assim como foi convidado por Evandro Carlos de Andrade a tecer comentários na *TV Globo*, no *Jornal Nacional*, no *Jornal da Globo* e no *Bom dia Brasil* (REVISTA IMPRENSA, 1996, p. 56). Além disso, também produziu filmes de publicidade:

Imprensa: Trabalhar num jornal expressão contribuiu para que você arrombasse a porta do mercado de filmes de publicidade?

Jabor: Não, de maneira nenhuma. Eu faço filmes de publicidade porque gosto muito. É um supertreinamento, são filmes interessantíssimos. Eu acho que a qualidade técnica e artística do cinema brasileiro está sendo mantida graças aos filmes de publicidade, até porque os técnicos só estão trabalhando por causa desses filmes. Caso contrário, estariam todos mortos de fome (REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 54).

Da mesma forma, Diogo Mainardi, filho de publicitário, chegou a fazer filmes, investindo nas produções de “humor negro”, “para falar mal do Brasil” (PIZA, 2001), sempre fazendo questão de dizer que não utilizou verba de lei de incentivo: “Acho que dinheiro público droga as atividades culturais” (REVISTA IMPRENSA, 2005). Assim como Arnaldo Jabor, Diogo Mainardi também é um discípulo de Paulo Francis¹⁹⁰. Ambos, aliás, tornaram-se comentaristas do programa *Manhattan Connection*, como sucessores do mestre (ABOS, 2008). Eles mantiveram com Francis uma relação de amizade e admiração, e entre si uma certa competição:

Uma das minhas atividades preferidas é debochar do (Arnaldo) Jabor. É um prato cheio, uma diversão. Eu até admiro ele. Acho que ele se expõe muito e não tem medo

¹⁸⁹ Ele ainda complementa: “E fomos fazer filmes como se faz jornalismo. Documentários-verdade (meu primeiro filme era uma pesquisa crítica sobre a “classe média” brasileira, “A Opinião Pública”). Mas jornalismo era tudo no Cinema Novo. Glauber era jornalista, viera da revista *Mappa* e de *A Tarde*. Nelson Pereira era copidesque do *JB*, os filmes eram invasivos, corrosivos, críticos indignados. (JABOR, 1991, p. 52).

¹⁹⁰ Diogo Mainardi e suas obras já foram, inclusive, elogiadas por Paulo Francis (FRANCIS, 1992). Por outro lado, já recebeu críticas contundentes de Caetano Veloso: “[Caetano Veloso] Abomina o filme de Sergio Bianchi, que considera ora malfeito, ora coisa de paulista. “É um Diogo Mainardi piorado”. Aproveita para dizer que leu os dois romances de Mainardi. “São ruins”, faz cara de pouco caso. Mainardi é um subproduto de Paulo Francis. Lembra Glauber Rocha, que esculachava o mito de Francis, com seu americanismo deslumbrado. Acha que o Brasil dos livros de Mainardi, do filme de Bianchi é esse país sob medida para alimentar e criticar o mito da eterna cafaíestagem do brasileiro, a nossa condição de cultura periférica” (MERTEN, 2003).

do ridículo... Por isso mesmo cai tanto no ridículo. Eu não teria essa capacidade. Meu estilo é outro. Sou resguardado pela ironia e por um certo arzinho de superioridade, uma coisa meio antipática. Sou o oposto do Jabor. Debocho dele porque é uma autodefesa. Ele é um torcedor, eu não. Ele quer o bem, eu quero o mal. Somos antípodas. Ele faz polêmica a favor... eu contra (MAINARDI apud VENCESLAU, 2005).

O mestre dos polemistas, Francis também é admirado por Reinaldo Azevedo: “Foi e, quero crer, será para sempre o mais importante jornalista brasileiro” (apud ALCÂNTARA, 2007). Da mesma forma, foi ele quem inspirou Luiz Felipe Pondé: “Eu lia ele [Paulo Francis] na *Folha*, na *Ilustrada*, e eu, na graduação, tinha por objetivo escrever na *Ilustrada* (...) Porque eu entendia que para fazer filosofia no espaço público eu tinha que estar na mídia. E nos anos 80, 90, a *Ilustrada* pautava todo o debate cultural.” (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019). Em 2008, Pondé foi convidado a ser colunista da *Ilustrada* por Otávio Frias Filho: “Pondé, eu quero você na *Folha* para quebrar o coro dos contentes” (ALVES, 2015).

Outro ídolo recorrente dos polemistas é Nelson Rodrigues, que influenciou os filmes de Jabor (REVISTA IMPRENSA, 1993, p. 53); que tem Pondé como “herdeiro intelectual” (ALVES, 2015); que é o escritor de ficção preferido de Fiuza (Entrevista de Guilherme Fiuza à autora, 2019); e que salvou Narloch da decepção com o jornalismo (NARLOCH, 2015), para citar alguns exemplos. Nelson Rodrigues foi, aliás, caracterizado como o “último grande folhetinista brasileiro”, um defensor do sensacionalismo no jornalismo: “Sem atentar para os limites entre os dois tipos de texto, o escritor é provavelmente o melhor exemplo de contaminação entre jornalismo e ficção” (COSTA, 2005, p. 241). Entre o jornalismo, o folhetim, o romance, as peças de teatro e as adaptações para o cinema e para a TV, Nelson Rodrigues cruzou essas fronteiras, tal como vários dos polemistas descritos nesta parte intentam fazer. Foi também a partir do contato com a arte que Paulo Francis consagrou-se como polemista, ao tornar-se crítico de teatro. Como codiretor da revista *Senhor*, afirmava: “Nosso negócio era criar uma revista de cultura viva no Brasil, de contracultura, quer dizer, contra a cultura oficial, acadêmica, autocongratatória” (FRANCIS apud NOGUEIRA, 2010, p. 37). A marca do antiacademicismo que perpassa a maior parte dos nomes aqui estudados já acompanhava, portanto, os mestres de muitos deles.

Entre a arte e o jornalismo também estão outros nomes, como Marcelo Rubens Paiva, formado pela ECA-USP. Durante a faculdade, ele já escrevia crítica de livros na *Revista Veja*, além de ter publicado precocemente sua autobiografia no livro *Feliz Ano Velho*: “Portanto, houve um intervalo entre o meu desejo de ser jornalista... nem tanto jornalista, mas comunicador... e a prática em si. Até que fui convidado para trabalhar em televisão, muito mais por minha performance como entrevistado do que por meu currículo...” (PAIVA apud

REVISTA IMPRENSA, 1998, p. 28). Paiva apresentou um programa para adolescentes, o *Fanzine* na TV Cultura, assim como foi convidado pela *Folha de S.Paulo* para escrever uma coluna também no caderno voltado para adolescentes.

Similarmente a Marcelo Rubens Paiva, Antonio Prata também iniciou sua carreira publicando colunas destinadas a esse público, na revista *Capricho*, de 2001 a 2008: “Era uma situação sinistra: o autor de 23 anos escreveria para meninas de 16”, afirmou o jornalista Mario Sergio Conti em um perfil sobre o cronista escrito para a *Revista Piauí* (CONTI, 2013). “Marcadamente geracionais, suas crônicas falaram de tensão pré-menstrual, dos três porquinhos, como dar e levar um fora, a escolha da faculdade, camisinha, drogas, dificuldades com o corpo em crescimento, rock escutado alto”, ele acrescentou (CONTI, 2013).

O convite para escrever na revista veio depois da publicação do livro *Cabras – Caderno de Viagem*, resultado de uma viagem que fez com três amigos¹⁹¹ pelos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco, a partir de um patrocínio do programa Comunidade Solidária e empresas. As relações com o vizinho Antonio Cândido o levaram a pedir a escrita de um prefácio para o livro. Do convite para escrever na *Capricho*, desdobrou-se a presença como cronista em *O Estado de S. Paulo* e, mais tarde, na *Folha de S.Paulo*. Como Mario Sergio Conti afirmou:

A Folha publica as crônicas de Antonio Prata na casa das máquinas do jornal. Elas saem no caderno Cotidiano, emboladas numa página com a previsão do tempo, informações sobre o trânsito, reclamações de leitores e um resumo burocrático daquilo que o jornal noticiou há meio século. A prata da Folha está alojada na vetusta página 2, pedestal para opiniões de terno e gravata acerca do nheco-nheco da política, e no fim da Ilustrada, a torre aveludada de azul-marinho de onde pontificam sobre todos os assuntos do universo. Já o Prata cronista acha maneiro o seu cantinho no térreo. “Prefiro ficar numa esquina onde todo leitor passa para ir de uma página séria a outra”, disse (CONTI, 2013).

Para além das crônicas de jornal, Antonio Prata também investiu em produções audiovisuais. Escreveu roteiros para séries da *HBO*, *Globo*, *MTV* e *Multishow*. Já participou como autor colaborador das novelas *Avenida Brasil* (2012) – um dos fenômenos da televisão brasileira, sendo a obra mais vendida no exterior, chegando a 130 países (REDE GLOBO, 2013; UOL, 2014) – e *A Regra do Jogo* (2015), de João Emanuel Carneiro; foi autor em parceria com Marcio Alemão Delgado de *Os Experientes* (2015) e autor de *Pais de Primeira* (2019). “Eu fui para ganhar dinheiro. É onde tem dinheiro na escrita”, já afirmou (GSHOW, 2020). Se a crônica é considerada mal remunerada, mas possibilita um salário fixo e mensal – enquanto romance e poesia só rendem de anos em anos (CONTI, 2013) –, o roteiro permite ganhos muito mais elevados:

¹⁹¹ São eles: o escritor Chico Mattoso, o jornalista Paulo Werneck e o ilustrador José Vicente da Veiga (CONTI, 2013).

Antonio Prata ganha da Folha 1 500 reais por crônica. Humberto Werneck, 1 200 reais do Estadão. Um autor de novela da Globo – com mais de dez anos de casa, que tenha emplacado pelo menos três sucessos, e que conte com um bom advogado para negociar com a rede – pode ganhar até 700 mil reais por mês. Quando sua novela está no ar, ele tem direito a um percentual do merchandising. Ganha então 350 mil reais a mais. Por mês. (As cifras foram ditas por duas pessoas com autoridade para tanto, na condição de que lhes preservasse a identidade) (CONTI, 2013).

Assim como no caso de outros colunistas, o capital de relações sociais associado à inserção na atividade literária e uma consequente circulação na mídia enquanto entrevistado contribuíram para que essas figuras se mantivessem nas páginas de jornais e/ou na televisão. O trecho em que Paiva afirma que fora convidado mais por sua “performance como entrevistado” do que por seu currículo é ilustrativo dos critérios de recrutamento dos colunistas mais polemistas e/ou militantes. Além disso, eles continuaram conciliando as atividades de colunistas, dramaturgos e escritores, transitando entre o jornalismo, a ficção e, em alguns casos, a publicidade. Mas, além disso, a inserção de todos eles, por um lado, nas revistas ou páginas culturais e, por outro, na televisão, também é emblemática de suas posições.

Além dos cadernos de cultura dos grandes jornais, como a *Ilustrada*, também foram importantes nas trajetórias desses polemistas e militantes revistas culturais, como a *Cult!* e a *Bravo!* – que surgiram, segundo Lima, em um período de expansão dos produtos da indústria cultural em detrimento de publicações voltadas primordialmente à literatura (LIMA, 2013, p. 94). Somam-se a elas, as revistas políticas, como a *Carta Capital*, a *Caros Amigos*, a *República* e sua substituta *Primeira Leitura*. Enquanto *Cult!*, *Carta Capital* e *Caros Amigos* são associadas à esquerda; *Bravo!* e *República* (tornada *Primeira Leitura*)¹⁹² – que pararam de circular em 2013 e 2006, respectivamente – já foram apontadas como espaços de gestação da “nova direita” (ESCORSIM, 2018) assim como seu diretor de redação, Reinaldo Azevedo, já foi caracterizado como “um dos maiores expoentes da chamada “nova direita”, que saiu do armário assim que Lula chegou ao poder” (VENCESLAU, 2006). Na mesma entrevista, a *República* foi caracterizada como “o equivalente à *Caros Amigos* do outro lado da linha” e a *Carta Capital* também foi citada como exemplo de revista que ocupa o lado oposto do espectro político (VENCESLAU, 2006), em uma espécie de espelhamento desses posicionamentos.

¹⁹² Tanto a *República* quanto a *Bravo!* eram publicadas pela editora *Dávila*, criada por Luiz Felipe D’Ávila, cientista político, ligado ao PSDB (ele participou das prévias do PSDB para a candidatura ao governo de São Paulo em 2017 e coordenou a campanha presidencial de Geraldo Alckmin em 2018). Em 2001, a *República* foi comprada por Luis Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro das Comunicações de Fernando Henrique Cardoso, tornando-se *Primeira Leitura* e, em 2004, ela foi vendida a Reinaldo Azevedo e Rui Nogueira. A revista foi acusada de receber verba da *Nossa Caixa*, por pressão do governo do estado, de Alckmin. Além disso, apoiou a pré-candidatura de Serra para presidente. Em 2006, a fama de ser uma revista de direita afetou a revista, levando à perda de anunciantes, segundo Azevedo.

Enquanto na *Cult!* escreveram e deram cursos, filósofos como Marcia Tiburi e Vladimir Safatle; na *Carta Capital*, os jornalistas Cynara Menezes e Bob Fernandes já trabalharam, e outros nomes, como Djamilia Ribeiro e Luiz Gonzaga Belluzzo, escrevem ou escreveram colunas; Cynara Menezes também foi colunista da *Caros Amigos*. Já a *Bravo!* e a *República* tiveram, além de Reinaldo Azevedo como editor-chefe e diretor de redação, a colaboração de Augusto Nunes e as colunas de Olavo de Carvalho, que já teve seus perfis, inclusive, publicados na segunda. Em um deles, escrito por Reinaldo Azevedo e assim como este, também é apontado como a “nova direita”: “Definitivamente fora da universidade, ensaísta da revista *Bravo!* e colaborador de vários órgãos de imprensa, inclusive desta República, Carvalho — que alguns querem uma espécie de besta apocalíptica na nova direita” (AZEVEDO et al., 2000).

Se alguns nomes oriundos do campo literário ou cinematográfico se transferiram para o jornalismo, alguns jornalistas passaram a investir no mercado editorial e na produção audiovisual a partir dos anos 2000. É o caso de Leandro Narloch e Guilherme Fiuza. Iniciado no jornalismo no final dos anos 1980, no *Jornal do Brasil*, Fiuza teve uma trajetória como repórter e assessor nos anos 1990 assim como chegou a participar de alguns empreendimentos na Internet no início dos anos 2000. Diante das instabilidades no setor, encaminhou-se para investimentos como escritor, encontrando respaldo da *Editora Record*: seu primeiro livro, *Meu nome não é Johnny*, foi lançado em 2004 e se tornou filme homônimo em 2008; já em 2006, Fiuza publicou o segundo, também pela *Record*, *3000 dias no bunker*, sobre a elaboração do Plano Real; e nos anos seguintes foi ampliando os títulos. Assim, acompanhando a escrita de livros e os investimentos na dramaturgia – com autoria de peça de teatro, coautoria de série e adaptação de seus livros para roteiros cinematográficos –, ele também chegou à posição de colunista.

Já Leandro Narloch – jornalista de formação, tendo trabalhado como freelancer para a *Editora Abril*, nas revistas *Superinteressante* e *Veja* – ganhou visibilidade, sobretudo, ao repetir a fórmula americana nos livros *Guias Politicamente Incorretos*. Tendo trabalhado também na revista *Aventuras na História*, na *Superinteressante*, ele começou a adquirir certo conhecimento sobre tais pautas:

[...] eu ficava procurando pauta de novos livros que lançaram sobre História na Amazon americana. E lá tinha, uma vez eu vi o *The Politically Incorrect Guide to American History*, e daí eu falei: “Nossa! Quem fizesse isso no Brasil, daria muito certo”. Isso foi em 2004. Aí, a partir dali... não sonhava em escrever livro, nada, não me achava capaz. Fiquei até 2007 com a ideia. Meus amigos tiravam sarro: “Você vai escrever um livro um dia né, vai escrever um livro”. Em 2007, o Brasil entrou muito na moda, porque ia fazer 200 anos da vinda da família real e o Laurentino lançou *1808*, e lançou em 2007, em setembro. E a gente estava em contato na *Superinteressante* com o editor, passei para eles, estava muito na moda e olhou na hora o projeto (Entrevista de Leandro Narloch à autora, 2020).

Narloch virou best-seller – segundo ele, “um Romero Britto da não-ficção” – e, então, passou ao posto de colunista dos grandes jornais como a *Folha*: “Para mim, [os livros] foram meio que o que me fez de jornalista virar uma personalidade do debate brasileiro. Alguém relevante no debate brasileiro. Fizem a minha carreira mesmo, foi o ponto alto da minha carreira, ao qual eu gostaria de voltar [risos]” (Entrevista de Leandro Narloch à autora, 2020). A fala de Narloch ao mesmo tempo em que marca o papel do mercado editorial na ascensão ao debate público também demonstra a instabilidade da posição desses agentes, o que explica o investimento em diversos segmentos.

Mas, além disso, o trecho em recuo acima também aponta para uma série de mudanças no mercado editorial, que afetaram não apenas a produção de livros mais comerciais, mas também o polo mais restrito da atividade literária (STELLA, 2018). O surgimento da *Amazon*, fundada em 1995 nos Estados Unidos e vinda para o Brasil em 2012, alterou de certa forma a dinâmica do mercado: “Conforme crescia, a Amazon passava a representar duas coisas para as editoras: um canal de desafogo ao varejo físico tradicional, ao mesmo tempo em que simbolizava um agente com cada vez maior poder de barganha, forçando melhores prazos e condições das casas editoriais”, afirmou Stella (2018, p. 158). Do mesmo modo, Narloch também pontuou o sucesso dos livros de “divulgação histórica”, que passaram a alcançar os primeiros lugares nos rankings de vendas de livros. Seguindo a fórmula americana e o sucesso de Laurentino, Narloch conseguiu se projetar no mercado editorial e, conseqüentemente, no debate nacional, sobretudo, pelos investimentos da editora *Leya*.

Esses movimentos se inserem em um contexto de mudanças na relação entre jornalismo e literatura, a partir dos anos 2000: “Enquanto o escritor se profissionaliza – não só com seus livros, mas trabalhando para o mercado editorial como tradutor, adaptador, revisor, *ghost writer*, parecerista etc. –, as relações de trabalho na imprensa tornam-se cada vez mais precárias” (COSTA, 2005, p. 189). Mas essa precarização não se restringe aos jornalistas, já que atinge também a profissão de escritor, ao mesmo tempo em que ele se profissionaliza (STELLA, 2018, p. 28). Nesse sentido, Stella observou uma maior dependência da atividade literária – mesmo em seu polo mais restrito – aos interesses econômicos, com acirramento da concorrência e saturação de mercados:

Esse acirramento dentre outras coisas torna mais prementes investimentos em estratégias de marketing e propaganda de livros e autores, e os convocam para novos espaços em que a figura pessoal do escritor é cada vez mais exigida enquanto performer. Em feiras, festivais e festas literárias os produtores literários são cada vez mais expostos a demandas de convergência de mídias e a se exporem como verdadeiros *show men*. Por um lado esses eventos e outras variadas gamas de

atividades conexas, representam possibilidades de remuneração extra para que escritores e escritoras possam sobreviver em torno da literatura, já que é bastante difícil sobreviver somente de direitos autorais, por outro lado os convites excessivos e a necessidade de aceitá-los para garantir a vida material levam a uma sobrecarga de trabalho que pode afetar seriamente o labor criativo de autores e autoras. Levando a pensar que o desenvolvimento profissional da atividade literária é também acompanhado de precarização da mesma (STELLA, 2018, p. 28).

A profissionalização, seguida de precarização do trabalho dos escritores do polo mais restrito da produção literária, é acompanhada ainda pela ampliação, por outro lado, das vendas de livros de não-ficção. O crescimento da venda de livros no segmento de política, por exemplo, foi apontado no jornal *Estadão* – a partir de dados da *Nielsen Bookscan* – como uma tendência do mercado editorial desde 2013, na contramão da crise que atinge esse setor: “Em 2013, início da série histórica, a média mensal de vendas do segmento era de 10 mil exemplares. Em 2019, essa média é três vezes maior, de 30 mil.” (CIRINO, 2020). Segundo dados do mercado editorial, produzidos pela *Nielsen Bookscan*, pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), os livros de não-ficção (especialista e trade) possuem as maiores porcentagens de participação no faturamento do mercado editorial, desde 2015 (ano em que se iniciaram os relatórios do *Painel do Varejo de Livros no Brasil*), conforme pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Importância dos gêneros editoriais no faturamento do mercado. Fonte: Painel Varejo de Livros no Brasil (2015 a 2020) (NIELSEN; SNEL, 2017; NIELSEN; SNEL, 2018; NIELSEN; SNEL, 2020; NIELSEN; SNEL, 2021).

Nesse contexto, jornalistas e escritores passaram a investir na publicação de livros em áreas como História, Geografia, Economia, Filosofia, Ciência Política; nas coletâneas de crônicas, ensaios e artigos de jornais; nos bastidores de coberturas jornalísticas ou de momentos políticos; nos de militância e ativismo político. Mas, não foram apenas os novos agentes, os jornalistas em posições mais instáveis e os escritores de não-ficção que não se consagraram na literatura que investiram nesse nicho, já que também os jornalistas mais consagrados ou acadêmicos e especialistas o fizeram.

Em matéria intitulada *Em tempos de turbulência, livros de não ficção impulsionam mercado editorial*, de 2019, o jornal *Valor Econômico* abordou o investimento de editoras e eventos literários na produção dessas obras. As falas de representantes dessas empresas, das feiras e periódicos de ensaios literários, como a revista *Quatro Cinco Um*, apontam para esse caminho assim como dão pistas para a compreensão desse nicho de produção editorial.

Paulo Werneck, editor da revista “451”, publicação mensal voltada a resenhas de livros e ensaios, vê como “saudável” o sucesso de livros focados no presente. “Nos anos 1990, as editoras estavam tentando estruturar projetos de biografias brasileiras. Hoje é um dado real. Tem muita biografia saindo no país, livro de divulgação científica. Hoje o livro cumpre esse papel de fazer a intervenção no debate”, diz. Segundo Werneck, “a literatura de ficção perdeu centralidade” no cenário cultural – o que não significa que as narrativas tenham empobrecido estilisticamente ou que a arte de contar boas histórias tenha sido abandonada. “A não ficção é literária também. Os próprios autores descobriram que é possível contar grandes histórias de não ficção com a mesma beleza e o mesmo prazer ao escrever ficção.” (THOMAZ, 2019).

Além dele, foram entrevistados nomes das editoras *Companhia das Letras*, *Todavia* e *Record*. Conforme o *publisher* da *Companhia das Letras*, Otávio Marques da Costa, afirmou à matéria:

Há um interesse crescente, não só no Brasil, mas no mundo, por não ficção. Eu atribuo isso ao momento político (...) Uma tentativa de entender o presente gera uma demanda maior por esses títulos. Nós temos tentado capturar o presente, isso tem sido uma preocupação nossa para além do interesse comercial. Nosso papel como editores é tentar contribuir com o debate público, e temos tido uma ótima resposta. Temos conseguido lançar livros bastante debatidos (COSTA apud THOMAZ, 2019).

De maneira semelhante, Flávio Moura, um dos editores e fundadores da *Todavia*, criada em 2017, também enfatizou à matéria a proposta “de publicar livros que dialoguem com a conjuntura política” (MOURA apud THOMAZ, 2019). A *Todavia* publicou obras como a de Laura Carvalho, *Valsa Brasileira - Do Boom ao Caos Econômico*, que segundo a matéria vendeu mais de 20 mil exemplares. Além disso, a matéria citou o investimento e sucesso da editora *Record* com livros voltados para a conjuntura política, incluindo aqueles escritos por Reinaldo Azevedo e Olavo de Carvalho.

O catálogo de não ficção da editora vai de Paulo Freire (1921-1997) a Carvalho, que ganhou, em outubro, uma nova edição de “O Imbecil Coletivo” (cerca de 60 mil exemplares vendidos), lançado originalmente nos anos 90. “Não temos uma linha política a defender. O papel do editor é buscar a pluralidade dos temas, a diversidade dos assuntos e dar subsídios para o leitor se informar sobre temas atuais.” (THOMAZ, 2019).

A afirmação da presidenta do *Grupo Record*, Sônia Jardim, em 2019, indica uma certa relativização da guinada à direita por parte da editora na publicação de não-ficção, identificada anos antes em matérias jornalísticas (CAMPOS, 2015) e pesquisas acadêmicas (SILVA, 2018). Em 2012, a *Editora Record* contratou o jornalista formado pela PUC-Rio, Carlos Andreazza, como editor de não-ficção e de literatura brasileira, passando a investir em obras voltadas ao público de direita (CAMPOS, 2015). O carioca Andreazza é neto de Mario David Andreazza, militar, político e militante antigetulista, que fora ministro dos Transportes nos governos Costa e Silva e Médici. Antes de ser contratado pela *Record*, Carlos trabalhou em pequenas editoras, tais como *Contracapa*, *Capivara* e *La Table Ronde*, de Paris. Em reportagem ao jornal *O Globo*, o presidente do *Grupo Record*, Sergio Machado, chegou a afirmar:

— Dá para identificar uma certa guinada para a direita — confessa, aos risos. — A teoria que a Luciana defendia era que a esquerda lê mais do que a direita. E, para mim, isso sempre fez um certo sentido. O Andreazza apostou no contrário e, para nossa surpresa, deu certo. Ficou provado que a direita também lê. Ele percebeu um crescimento do pensamento liberal. Essa diversidade é boa para a democracia (CAMPOS, 2015).

Andreazza também reforçou a guinada à direita como estratégia de negócio:

Havia e há uma imensa demanda reprimida, culpa dos cerca de 50 anos em que a produção editorial brasileira excluiu os pensamentos liberal e conservador de suas prensas, para que se recolocassem, com tratamento profissional, as importantíssimas ideias liberais e conservadoras nas prateleiras das livrarias. (ANDREAZZA apud BORGES, 2015).

Publicado pela editora *Record*, em fevereiro de 2017, o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* – uma compilação de artigos escritos por Olavo de Carvalho e organizados por Felipe Moura Brasil – atingiu a marca de 100.000 exemplares vendidos: “O caso do Olavo é muito simbólico. O que fizemos foi dar um tratamento pop ao autor. Nós hypamos o Olavo, desde a escolha do título até a capa”, afirmou Andreazza (apud CAMPOS, 2015).

Além de Olavo de Carvalho, a editora também publicou os seguintes livros dos colonistas que compõem o objeto de análise deste estudo: *Não é a mamãe: para entender a era Dilma* e *Que horas ela vai?*, de Guilherme Fiuza; *O mundo em desordem – Liberdade versus Igualdade* e *O Leviatã desafiado – Liberdade versus Igualdade*, de Demétrio Magnoli; *A Tapas*

e *Pontapés*, *Contra o Brasil*, *Lula é minha anta*, entre outros, de Diogo Mainardi; *Década perdida – 10 anos de PT no poder*, de Marco Antonio Villa; *Mensalão – o dia a dia do mais importante julgamento da história política do Brasil* e *O lulismo no poder*, de Merval Pereira; *Saga brasileira*, de Míriam Leitão; *O país dos petralhas I*, *O país dos petralhas II* e *Máximas de um país mínimo*, de Reinaldo Azevedo. Com títulos comercialmente atrativos e politicamente polêmicos, os livros se dedicaram a construir um histórico dos anos do PT no governo brasileiro assim como a traçar soluções políticas, econômicas e morais para o país.

Seguindo esse mesmo caminho, outras editoras também investiram em livros com perfis parecidos. Pela *Leya Brasil*, foram publicados: *Guia politicamente incorreto da história do Brasil* e *Guia politicamente incorreto da história do Mundo*, de Leandro Narloch – ambos best-sellers¹⁹³, tendo o primeiro mais de 200.000 exemplares vendidos (BORGES, 2015); *A era do ressentimento*, *Guia politicamente incorreto do sexo*, *Guia politicamente incorreto da filosofia*, *Contra um mundo melhor*, de Luiz Felipe Pondé; *Mensalão. O julgamento do maior caso de corrupção da história política brasileira* e *Ditadura à Brasileira. A democracia golpeada à esquerda e à direita*, de Marco Antonio Villa. Já pela editora *Três Estrelas*, foram publicados: *Por que virei à direita?*, de Luiz Felipe Pondé, Denis Rosenfield e João Pereira Coutinho; *Objções de um Rottweiller amoroso*, de Reinaldo Azevedo; *A hora e a história*, de Demétrio Magnoli.

Assim como a “guinada à direita” do mercado editorial foi anunciada na imprensa como uma forma de alavancar as vendas de livros, a literatura feminista também ocupou esse lugar, como demonstra a matéria *Literatura feminista puxa negócios na contramão do mercado editorial*, do jornal *O Estado de S. Paulo* (ZANATTA, 2020). Segundo a matéria, a editora *Pólen Livros* – posteriormente, tornada *Jandaíra* –, que no início sustentava-se sobretudo por meio de serviços, passou a ter 80% do faturamento vindo da venda de livros próprios a partir da coleção *Feminismos Plurais*, organizada por Djamila Ribeiro – escritora também de best-sellers (ZANATTA, 2020). Sobre ele, ela afirma:

Com a coleção *Feminismos Plurais* (da editora *Pólen*), os livros são acessíveis no preço. Fora isso, têm a linguagem didática e acessível, que não é obrigatoriamente palatável, muito pelo contrário. Tem também os lançamentos que a gente faz fora das livrarias. Para a gente que já tem uma coleção independente em que o livro custa barato, é importante também fazer lançamentos em equipamentos públicos que democratizam o acesso das pessoas. O lançamento só em livrarias pode afastar um público que, muitas vezes, sequer pisou em uma livraria. Porque aí tem uma questão de classe muito forte. Estamos nas livrarias porque achamos importante. Mas também estamos nos coletivos de periferia, bibliotecas de presídios, bibliotecas públicas,

¹⁹³ De acordo com o site *PublishNews*, o livro *Guia politicamente incorreto da história do Brasil* foi o segundo livro de não ficção mais vendido no Brasil, em 2011, e o sexto, em 2010 e 2012. O *Guia politicamente incorreto da história do mundo* ocupou a sexta posição do ranking, em 2013.

projetos sociais. Essa é a diferenciação do selo, é querer de fato ser democrático e fazer com que as pessoas se sintam representadas dentro dessas produções. Mostrar para as pessoas que livros são para elas e não só um produto restrito à academia. (RIBEIRO apud ZANATTA, 2020).

Mas, além de editoras menores, também grupos grandes, como a própria *Record*, passaram a investir na temática feminista. Em 2017, o grupo lançou o selo *Rosa dos Tempos*, cujo livro de abertura foi *Feminismo em comum - Para Todas, Tode e Todos*, de Marcia Tiburi. Como a matéria afirmou: “Ainda segundo a editora, a média de assertividade de venda do selo é alta por falar com um público-alvo bem nichado e fiel. ‘Se compararmos as vendas da primeira fase do selo com a fase atual, o crescimento é vertiginoso’, afirma ela, sem revelar números.” (Ibid.). Assim, ao mesmo tempo em que o investimento no público fiel e de nicho parece garantir a esses livros um mercado, os autores também assumem um discurso de certa universalidade, no sentido de escreverem não apenas para um público específico, tal como Djamilia afirmou: “Eu penso que meus livros são para todo mundo. Têm que ser lidos por todos que se interessam por esses temas. São temas transversais” (Ibid.):

Se formos pensar na *Flip*, a maior feira literária do país, como exemplo, em 2018, emplaquei dois livros na lista de mais vendidos, na segunda posição com *Lugar de Fala* e na terceira com *Quem tem medo do Feminismo Negro?*, ambos atrás somente do livro de Hilda Hilst, homenageada da Feira. Já em 2019, dos 5 mais vendidos nenhum é branco ou branca, sendo *Memória da Plantação*, de Grada Kilomba, o mais vendido. *Lugar de Fala* apareceu de novo entre os dez mais vendidos, em 9º lugar. A Coleção Feminismos Plurais, com, até o momento, oito mulheres e homens negros, ultrapassou a marca de 100 mil cópias vendidas, com milhares de pessoas indo às palestras e resultados que marcam uma geração (RIBEIRO apud FERNANDES, 2019).

Assim como Djamilia Ribeiro, outros colonistas aqui estudados já participaram da *Flip* como convidados, entre eles: Antonio Prata (em 2014), Marcelo Rubens Paiva (em 2014), Luiz Felipe Pondé (em 2011), Arnaldo Jabor (em 2005 e 2007), mas também o jornalista Fernando Gabeira (em 2006 e 2012) e o filósofo Vladimir Safatle (em 2013). Por um lado, esses escritores possuem algumas marcas de consagração e legitimação do campo literário, se considerarmos os critérios levantados por Marcelo Stella em sua dissertação de mestrado (2018), tais como: participação na *Flip*; indicações e recebimento de prêmios literários, como o Jabuti (nos casos aqui estudados, geralmente, nas categorias de não-ficção); e traduções para línguas estrangeiras. Por outro lado, esses autores, em sua maioria, não incorporam outros critérios também elencados por Stella (2018): ele não têm grande reconhecimento quando escrevem ficção; não foram convidados da feira de Frankfurt de 2013; não foram incluídos em antologias de escritores; não figuram em listas de melhores escritores (como a da revista *Granta*); assim como têm uma produção muito voltada aos interesses imediatos – tanto do ponto de vista da luta

política, quanto dos ganhos econômicos e simbólicos –, revelados no curto prazo de tempo entre uma publicação e outra, nos títulos chamativos, nos temas afinados com os debates mais quentes do momento, nas opções mais comerciais de edição e publicidade¹⁹⁴.

3.5 AS NOVAS LÓGICAS DO JORNALISMO: ENTRE TELEVISÃO E INTERNET

Os critérios de recrutamento e as trajetórias dos jornalistas que compõem os polos dos mais polemistas e militantes também se diferem em relação àqueles dos situados nos polos dos mais jornalistas *mainstream* e mais jornalistas blogueiros no sentido de que estão mais ligados à precarização da profissão bem como à centralização dos meios televisivos e radiofônicos. Se, entre a geração dos jornalistas que se inseriram nas redações dos anos 1960 e 1970, o estabelecimento da obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão marcou as trajetórias dos profissionais, para os mais jovens, inseridos no ramo a partir dos anos 2000, o movimento foi contrário, dado o fim de tal obrigatoriedade. Acompanhando essa e outras mudanças nas empresas jornalísticas, observou-se nas redações um movimento de substituição de jornalistas veteranos por jovens (ADGHIRNI, 2012, p. 76), recorrentes casos de passaralhos e uma pejotização dos profissionais, que passaram a se manter via freelancers (Ibid., p. 68).

Duas figuras cujas trajetórias acompanham essas transformações são Leandro Narloch e Leonardo Sakamoto, nascidos no final da década de 1970. Ambos se graduaram em jornalismo em universidades públicas (pela UFPR e pela USP, respectivamente), no final da década de 1990 e início dos anos 2000; participaram do Curso Abril de Jornalismo; complementaram os estudos com cursos de pós-graduação e especialização – algo incomum entre os jornalistas das gerações anteriores –; assim como atuaram como freelancers no início da carreira.

Somada às modificações no mundo do trabalho em geral, a precariedade do trabalho de jornalista se relaciona, por um lado, com o aumento do contingente de graduados na área e, por outro, com a crise que atinge os jornais, com circulações cada vez menores assim como participações decrescentes nas fatias do mercado publicitário. Segundo dados apresentados na

¹⁹⁴ Enquanto autores clássicos se destacam pelo acúmulo de consagração no campo literário no longo prazo e pelo distanciamento em relação ao sucesso imediato, conquistando o ganho econômico apenas tardiamente, aqueles mais comerciais investem justamente nos ganhos mais imediatos. Mas há estudos que reconhecem a existência de uma terceira via, como a do “best-seller de qualidade” ou do “clássico contemporâneo”, que busca um público massivo imediato assim como reconhecimento literário (STELLA, 2018, p. 92).

pesquisa desenvolvida por Jacques Mick¹⁹⁵, o total de cursos de jornalismo no país passou de 18 em 1970 para 317 em 2010¹⁹⁶ (MICK, 2013), dos quais a maioria é de instituições de ensino privadas¹⁹⁷. O número de vagas nesses cursos era de 1.557 antes de 1970, chegando a 5.452 até 1980 – período em que boa parte dos nomes que ocupam o grupo dos mais jornalistas deste trabalho se inseriu na imprensa. Em 2000, havia 13.863 vagas em cursos superiores de jornalismo, chegando a 35.509 em até 2010 (MICK, 2013).

Por outro lado, a instabilidade da profissão fica evidente com recorrentes demissões em massa. Segundo dados do projeto *A Conta dos Passaralhos* (2012), desenvolvido pelo Volt Data Lab, agência especializada em jornalismo de dados, que pretende dar um panorama das demissões nas empresas de mídia no Brasil, pelo menos 2.327 jornalistas e 7.817 profissionais foram demitidos de 2012 até a atualização do dia 21 de setembro de 2018¹⁹⁸. Desse volume, 45% das demissões ocorreram em jornais, 25% em canais de rádio e TV, 22% em revistas e 9,1% nos veículos online. Além disso, segundo o projeto, o número de contratações também apresentava uma tendência de queda, de modo que as demissões estavam crescendo mais rapidamente do que as contratações (VOLT DATA LAB).

Essas demissões acompanharam uma queda na circulação¹⁹⁹ dos grandes jornais impressos assim como uma posição decrescente dos mesmos nas fatias do faturamento publicitário, por um lado, e um crescimento das verbas voltadas para a Internet por outro; enquanto a TV aberta permanece detendo a maior parte dos investimentos, conforme o gráfico e os dados seguintes demonstram.

¹⁹⁵ Os dados foram coletados em canais como o eMec, o Guia do Estudante Abril, nas páginas das instituições de ensino superior e nas coordenações e secretarias dos cursos (MICK, 2013).

¹⁹⁶ De 1970 para 1980, os cursos passaram de 18 para 51. Até 1990, o país contou com 61 cursos e até 2000, com 137.

¹⁹⁷ Segundo Mick, “Até 1990, a situação era de equilíbrio, com ligeira vantagem para as instituições privadas (eram 34 de 61). Atualmente, a razão é de um curso público para quatro privados, mas a disparidade não está apenas aí: as instituições privadas ofertam número maior de vagas” (MICK, 2013, p. 8).

¹⁹⁸ A contabilização do número exato das demissões, porém, é impossibilitada pela dificuldade de se acessar os números e devido à informalidade no setor, que impede a contagem dos terceirizados ou daqueles contratados como pessoas jurídicas (VOLT DATA LAB).

¹⁹⁹ Há uma diferença entre os dados sobre tiragem e os dados sobre circulação. A tiragem se refere ao número bruto de exemplares impressos de uma publicação. Já a circulação é o número de exemplares que chegaram aos leitores, por meio de assinaturas, venda avulsa ou distribuição direcionada.

Gráfico 5 - Média de circulação dos jornais impressos (2000-2019). Fonte: Dados fornecidos pelo IVC.

Em 2010, a *Revista Meio&Mensagem*, que era responsável pelo *Projeto Inter-Meios*²⁰⁰, anunciava o crescimento de 17,7% do bolo publicitário assim como o maior *share* da televisão aberta na história do projeto, com o alcance de 63% de fatia publicitária – em um ano, como a matéria descrevia, marcado pela Copa do Mundo, pelas eleições gerais e “com o Brasil sendo assunto na roda da economia mundial” (PARENTE, 2011). Naquele ano, vários meios viriam a obter crescimento de dois dígitos nos investimentos publicitários: TV aberta (21,59%), TV por assinatura (22,95%), Revistas (14,92%), Rádio (10,91%), Internet (27,96%), Cinema (12,97%) e Mídia Exterior (16,18%). Os jornais, porém, cresceram apenas 3,4%, perdendo porcentagem no *share*, passando de 14,1%, em 2009, para 12,4%, em 2010 (PARENTE, 2011).

Em 2014, também ano de Copa do Mundo e eleições, mas com a economia já enfraquecida, o crescimento do mercado foi de apenas 1,5%: as televisões pagas cresciam em 28% em termos de investimento em comparação a 2013; as TVs abertas aumentaram 8,1%; o cinema, 5,2%; e o rádio, 1,8%. Já os jornais perdiam 11,6% e as revistas, 17% dos investimentos. Naquele ano, por conta da saída de seis grandes portais (Globo.com, iG, MSN, Terra, UOL e Yahoo) do *Projeto Inter-Meios*, também os dados de anunciantes na Internet foram decrescentes em relação a 2013 (com perda de 25,7%). Na distribuição das fatias publicitárias, porém, a Internet já se aproximava dos jornais (mesmo com os seis portais a menos participando do projeto) (RIBEIRO, 2015). Em 2015, os grupos pararam de participar do *Inter-meios*; e, em 2017, os dados de *share* publicitário passaram a ser publicados pelo CENP-Meios, do Conselho Executivo das Normas-Padrão (CENP), revelando os dados abaixo:

²⁰⁰ O projeto era responsável por produzir um relatório de investimento em mídia no Brasil, com dados tabulados pela empresa de auditoria *PricewaterhouseCoopers* exclusivamente para o *Grupo Meio & Mensagem*. Os participantes do projeto enviavam mês a mês os dados para a empresa, que estimava medir 90% do total de verbas (PARENTE, 2011).

Gráfico 6 - Fatia do “bolo publicitário” para cada meio de comunicação. Fonte: Dados coletados do Projeto Inter-Meios (2010 e 2014) e do CENP-Meios (2017-2019)²⁰¹.

Além do crescimento das fatias publicitárias na Internet, a atividade nela tem se tornado cada vez mais frequente entre os usuários. De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, o uso da Internet tem cada vez mais sido apontado como atividade no tempo livre entre os participantes. Enquanto a porcentagem de pessoas que mencionaram o uso da Internet e das redes sociais aumentou desde 2007, o percentual daquelas que mencionaram assistir televisão ou ler jornais e revistas diminuiu – o que também aponta para esse crescente papel das redes sociais e da Internet como meios de informação e formação da população brasileira.

²⁰¹ A metodologia de coleta de dados para cada ano tem suas particularidades, já que em 2010 e 2014, eles foram sistematizados pelo *Projeto Inter-Meios* e, a partir de 2017, passaram a ser auditados pelo *CENP-Meios* (PARENTE, 2011; RIBEIRO, 2015; CENP-Meios). Considerando que o interesse do gráfico é demonstrar a participação cada vez maior da Internet no *share* publicitário, a queda dos veículos impressos e a manutenção da hegemonia da TV aberta, a conjunção dos dados me pareceu útil. Além disso, levando em conta esses interesses e a baixa participação na divisão dos investimentos, não acrescentei no gráfico as fatias de cinema (que giraram em torno de 0,35 nesses anos), mídia exterior (começando com 2,92 em 2010 e chegando a 10,5 em 2019) e guias e listas (que teve 1,25 em 2010 e depois parou de ser contabilizada).

Gráfico 7 - Respostas para a questão “O que gosta de fazer em seu tempo livre?”. Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020)²⁰².

Nesse contexto, o lugar dos jornais na produção de informação se modificou, sendo apontada uma espécie de repartidarização da imprensa por algumas pesquisas. Por meio de uma “ecologia dos meios impressos”, Lattman-Weltman e Chagas (2016) abordam a elevação da concorrência que atinge os grandes jornais impressos diante da oferta de informação gratuita na Internet e com a ampliação dos jornais ditos “populares”, o que poderia ser apontado como um fator em prol dessa repartidarização. Com a concorrência no âmbito da circulação e da venda avulsa, esses grandes jornais passaram a depender ainda mais do público de assinantes, tanto para a garantia de influência e prestígio quanto para suas sobrevivências econômicas. Nesse sentido, precisaram investir na fidelização de sua clientela de leitores: “e, é claro, de manter entre estes aqueles de maior poder aquisitivo na sociedade; e assim capazes de alavancar também grandes faturamentos de publicidade tradicional” (LATTMAN-WELTMAN; CHAGAS, 2016, p. 347). Com a concorrência intramídia e intermídias, os autores observaram a seguinte tendência:

Assim, tal como já observado por autores como Hamilton (2004), no caso das TVs a cabo, o aumento da oferta para o público de canais de acesso à informação (no nosso caso, de jornais impressos), longe de incentivar, via aumento da concorrência, a busca por uma oferta de maior qualidade ou profundidade no tratamento da notícia – o que, no caso da cobertura política, poderia se traduzir por um foco maior na investigação

²⁰² A pesquisa se baseou nas seguintes amostras: 2007 (5012); 2011 (5012); 2015 (5012); 2019 (8076).

e um esforço maior de isenção, para não alienar diferentes correntes partidárias – pode, ao contrário, pressionar muito mais no sentido da oferta do que se poderia caracterizar como cobertura de *nicho*: um noticiário mais superficial, repetitivo e enviesado, para satisfazer supostas demandas prévias adquiridas por uma faixa de público mais limitada a que se prioriza satisfazer e preservar. Muito antes de se tentar ampliar e atingir novos e diferentes públicos – tal como se buscava fazer no auge da fase monopolista do jornalismo empresarial (e antes, portanto, da atual revolução tecnológica) – o que se busca agora é fidelizar um nicho limitado, mas significativamente amplo para manter tanto os patamares de circulação quanto de faturamento publicitário (LATTMAN-WELTMAN, 2016, p. 347).

Essa tendência à cobertura de nicho, no intuito de garantir a fidelização dos assinantes, parece fazer sentido e se coadunar com a posição dos grandes jornais, que buscam se manter como *players* importantes na política (contando com especialistas) assim como garantir a fidelização de seus públicos de classe média (mantendo, para isso, seus jornalistas *mainstream*). Mas ela parece se associar também, em alguma medida, a um esforço de segmentação, inclusive, interna aos veículos: jornalistas e colunistas, por meio de suas redes sociais, vão angariando seguidores e criando suas próprias “ilhas” de informação e opinião. A partir dessas “ilhas” de seus profissionais e colaboradores é que os veículos vão formando seus “arquipélagos” de público. Assim, investem também em polemistas e militantes, capazes de atrair certos nichos e trazer suas “ilhas” como leitores para os jornais.

Mas, além disso, os dados acima demonstram que a televisão continua ocupando um papel central na indústria cultural²⁰³, enquanto jornais e revistas decaem em importância (do ponto de vista da circulação direta) e as redes sociais e Internet crescem cada vez mais. Ligados a esse contexto, vários dos polemistas e militantes tornaram-se formadores de opinião por meio de suas atuações na televisão e na Internet. Se os jornalistas mais consagrados que se encaminharam para a televisão nos anos 1990 – sobretudo, a *Rede Globo* – tiveram que reconverter os trunfos acumulados no jornalismo impresso para a função no audiovisual, adaptando e moldando habilidades e a própria imagem (ver subcapítulo 3.6 da Parte III); figuras mais jovens, como Rachel Sheherazade e Joice Hasselmann, se inseriram prematuramente – quando ainda estavam na faculdade, nos anos 1990 – nos tele e radiojornalismos regionais. Desse modo, ambas não reuniram o prestígio e os conhecimentos fornecidos pela experiência na imprensa escrita, sobretudo dos jornais e revistas que se consagraram no país. Por outro lado, desde cedo, forjaram suas habilidades profissionais a partir da comunicação televisiva e radiofônica, o que se coaduna com o fato de que ambas tiveram nos últimos anos mais inserção em rádios, canais de televisão e vídeos na Internet do que em textos de coluna escrita.

²⁰³ Sobre a centralidade da televisão no jornalismo brasileiro em comparação à realidade francesa, inclusive com análises sobre as interseções com o entretenimento, ver Serra, 2020.

Ambas ascenderam na profissão devido às “falas corajosas”, com repercussões na Internet e nos canais audiovisuais mais populares. Chegaram ao noticiário nacional por meio do *SBT* – Sheherazade convidada pelo próprio Silvio Santos²⁰⁴, Hasselmann por Ratinho. Rachel Sheherazade só foi contratada como âncora do jornal *SBT Brasil*, porque teve um de seus comentários diários na *TV Tambaú*, afiliada do *SBT* em João Pessoa (PB), viralizado na Internet. No vídeo, ela fazia críticas aos gastos públicos com o carnaval, chegando aos assuntos mais comentados do *Twitter* no Brasil e, por um dia, no mundo. Com o sucesso nas redes sociais, Silvio Santos decidiu contratar a jornalista para ser apresentadora do principal telejornal da emissora, no qual ela emitia comentários opinativos.

Em 2014, Sheherazade – que não se importou com a caracterização “heroína da direita ou princesa dos reacionários” (DUALIBI, 2015) – fez um comentário em que afirmava ser compreensível a ação de justiceiros que prenderam ao poste um menino suspeito de cometer furtos, na zona sul do Rio de Janeiro. Também já proferiu falas como: “Sou contra o aborto, a favor de penas mais duras para crimes hediondos. Então, não estou em dissonância com a sociedade, posso estar em dissonância com os meus coleguinhas jornalistas. Estes, sim, têm motivos de sobra pra me atacar” (SHEHERAZADE apud DUALIBI, 2015). Os discursos de oposição aos pares da profissão, também presentes em manifestações de Hasselmann, se combinam com posturas de obediência em relação às chefias e outras figuras de poder: “costumo dizer que sou um soldado e eu cumprio ordens”, Sheherazade afirmou no *Programa do Raul Gil* em relação aos padrões do *SBT* (PROGRAMA DO RAUL GIL, 2014). Essa posição dominada é evidenciada ainda por episódios de repreensão, inclusive, públicos, tais como o que Sheherazade vivenciou com o chefe Silvio Santos, na cerimônia de entrega do *Troféu Imprensa* do *SBT*:

Silvio Santos: Você começou a fazer comentários políticos no SBT e eu pedi para você não fazer mais.

Rachel Sheherazade: Foi, Sílvio.

Silvio Santos: Você foi contratada para ler notícia, **não foi contratada para dar sua opinião**. Se você quiser fazer política, compra uma estação de televisão e vá fazer por sua conta.

Rachel Sheherazade: Não. Quando você me chamou, **chamou para opinar**.

²⁰⁴ Como Miceli afirmou: “Guardadas as diferenças, que têm muito mais que ver com as dimensões de cada conglomerado do que com as características estruturais de sua inserção na divisão do trabalho cultural, Sílvio Santos é uma espécie de reedição paulista-brega-populista do carioca-dondoca-elitista Roberto Marinho e, ao que tudo leva a crer, o locutor que trocou seu nome judeu de origem por um dos sobrenomes mais corriqueiros do país vai aos poucos assumindo as posturas, os expedientes e as tomadas de posição característicos de alguém que se considera um fazedor de opinião pública”. Mais à frente, Miceli ainda complementa: “dá entrevistas posando de *self made man* que compensa sua ignorância pela esperteza nos negócios e na política, dono de um pretenso *flair* em matéria de sintonia com os padrões de gosto da maioria da população, capaz de falar em linguagem acessível e de satisfazer às necessidades de sonho e evasão, que constituem a matéria-prima dos quadros de seu programa dominical” (MICELI, 1994, p. 51-52).

Silvio Santos: Não. Chamei para você continuar **com a sua beleza e sua voz para ler as notícias** no *teleprompter*, **não foi para você dar a sua opinião** (TROFÉU IMPRENSA 2017, 2017, grifos meus).

Ao final, o empresário ainda afirmou que na Internet Sheherazade poderia fazer o que quisesse, mas na emissora não. A partir disso, a apresentadora do *SBT Brasil* parou de fazer comentários no telejornal. É interessante notar que, ao contrário dos jornalistas da Parte III, os jornalistas mais polemistas construíram suas carreiras distantes das *Organizações Globo* e do seu padrão profissional, o que demonstra uma certa separação entre o papel possível de ser desempenhado pelo jornalista dentro dos veículos *Globo* e o lugar da polêmica, destinada aos não profissionais. Nos canais do grupo, trabalharam ou trabalham os colunistas polemistas e militantes com maior prestígio: por um lado, os cineastas e escritores que obtiveram certo reconhecimento assim como os que ostentam certo capital cultural e social, tal como Arnaldo Jabor – que fez parte do Cinema Novo – e Diogo Mainardi – que chegou a ganhar prêmios de literatura; por outro lado, nomes vindos do campo acadêmico, como Demétrio Magnoli, que se tornou comentarista da *Globo News*, assim como Marcia Tiburi e Djamila Ribeiro, que como filósofas feministas trabalharam no programa *Saia Justa* e no *Amor e Sexo*; e há ainda o economista, vindo do mercado financeiro, Ricardo Amorim, que foi contratado pelo *Mannhatan Connection*, em um momento de reformulação do canal GNT.

Ricardo Amorim: (...) os apresentadores ficaram dez anos mais velhos, o público estava envelhecendo. Além disso, o canal estava passando por uma mudança (...) o GNT, na origem, GNT são as iniciais de Globo News Television, era um canal de notícias, um canal de jornalismo e, aos poucos, foi virando um canal...

Entrevistador: De entretenimento...

Ricardo Amorim: e um canal basicamente feminino, né. Voltado para o público feminino. E enfim... isso é o que eu sei. Agora, eu vou começar a especular com você. Eu não sei, eu imagino que, eu sendo mais jovem, eles imaginaram que eu pudesse ajudar a trazer mais o que era o foco do canal a partir dali, que era um público feminino mais jovem, de 25 a 50 anos. (...) O interessante da história é que teve um crescimento significativo, mas não explosivo de audiência (...), mas a parte divertida é que teve um aumento enorme no público feminino, mas não no público que eles achavam (...) dobrou no público de mulheres acima de 50 anos e o público feminino jovem aumentou muito pouco (AMORIM, 2015).

Já, pela *TV Cultura*, passaram as figuras mais associadas à imagem de professor, tais como Demétrio Magnoli, Marco Antonio Villa, Luiz Felipe Pondé, mas também Vladimir Safatle, que está entre os mais acadêmicos. Além disso, na emissora pública, o programa *Café Filosófico* já contou com a participação desses mesmos nomes, mas também de Marcia Tiburi, Antonio Prata e Fernando Schüller (que já foi, inclusive, curador do programa). Além disso, foi na emissora que Marcelo Rubens Paiva iniciou sua carreira.

Se alguns canais se adaptaram a um público mais feminino assim como ao entretenimento, como expresso no excerto acima, outros adotaram o posicionamento à direita

como estratégia de negócio, como foi o caso da rádio *Jovem Pan*. Com o intuito de atrair o público de antipetistas, à época crescente, o empresário Antonio Augusto Amaral de Carvalho Filho – conhecido como Tutinha e neto do fundador da rádio – investiu na contratação de nomes como Rachel Sheherazade e Marco Antonio Villa para a apresentação do *Jornal da Manhã* assim como Reinaldo Azevedo para o programa *Pingos nos Is*. Pelo canal, também passaram Joice Hasselmann, Augusto Nunes, Guilherme Fiuza, Rodrigo Constantino e até mesmo Eduardo Moreira (que ficou apenas três meses).

Além dela, um dos principais periódicos do Paraná, o jornal *A Gazeta do Povo* passou por um processo de reforma, durante 36 meses e com um investimento de R\$ 23 milhões (CARVALHO, 2017a). A empresa adotou o conceito *mobile first*, ou seja, a priorização do jornalismo digital, encerrando, inclusive, sua versão impressa diária, no final de maio de 2017. Dentre os investimentos, a empresa fez novas contratações, entre elas, os colunistas deste trabalho Ricardo Amorim, Rodrigo Constantino, Leandro Narloch e Guilherme Fiuza. Como blogueiros do jornal, os colunistas produzem conteúdos informativos e opinativos em diferentes formatos.

eu fui procurado pela *Gazeta do Povo*, do Paraná, que estava com um projeto muito bacana de dar uma guinada mais conservadora e um projeto também mais nacional, tentar ganhar mercado fora da região deles e eles queriam um âncora para esse projeto, um nome forte já, nacional, polêmico, que defendesse com convicção ideias mais à direita e eu fui o âncora desse projeto e deu muito certo. A *Gazeta* mudou muito, cresceu muito, conseguiu muitos assinantes, se reposicionou do ponto de vista ideológico no mercado, e acho que eles estão muito satisfeitos, a parceria dura até hoje, e eu também estou muito satisfeito, admiro muito o trabalho da *Gazeta* (Entrevista com um dos mais polemistas).

Essas guinadas à direita como estratégias de negócio mantêm, inclusive, uma relação de homologia com as trajetórias dos mais polemistas: ao ascenderem ao mercado de opiniões por meio de empresas menos estáveis e consagradas, esses polemistas e militantes também contam com uma estabilidade mais frágil, haja vista as demissões bem como as repreensões a que estão submetidos. Essas oscilações na carreira são, em geral, atribuídas pelas próprias figuras mais às perseguições políticas do que às instabilidades financeiras, de modo que elas buscam assim construir o lugar de agentes que combatem o poder político, mascarando suas dependências dos públicos e padrões.

Se, por um lado, a visibilidade televisiva abre portas, por outro, ela também vem perpassada por certos prejuízos, como, por exemplo, em relação à consagração em polos mais legitimados. Assim, as fronteiras entre academia, literatura e jornalismo passam por frequentes movimentos de redefinição, e a circulação entre os três espaços, ao mesmo tempo, em que pode possibilitar a sobrevivência financeira, pode também inviabilizar a consagração em outro polo

– como demonstram os estudos que colocam em questão a figura do escritor-universitário²⁰⁵ (STELLA, 2018), do escritor-jornalista (COSTA, 2005) e do professor-jornalista (RODRIGUES, 2018) bem como as evidências levantadas ao longo desta parte.

“Entrevistador: Como foi a sua adolescência?

Djamila Ribeiro: Foi um período muito difícil, porque eu era totalmente preterida nos espaços que frequentava, e **minha autoestima era muito baixa**. Acho que **beije pela primeira** vez aos 16 anos. Mas esse período me ensinou a ficar sozinha, e isso é importante pra mim até hoje. Enquanto eu ficava sozinha, lia muito. Foi quando conheci Toni Morrison, minha escritora favorita, que abriu um mundo de possibilidades. Quando ouço as pessoas dizerem que sentem saudade da **adolescência**, penso que não tenho saudade nenhuma da minha. Também foi nesse período que minha mãe adoeceu e **eu cuidei dela**, em casa e no hospital. Eu lembro de ter uma sensação muito forte de **inadequação**. **As pessoas brancas me achavam esquisita e feia (era isso o que elas me diziam) e meus primos me achavam meio nerd**. Eu não me adequava em nenhum lugar e isso permaneceu comigo por muitos anos. Acho que consegui me ressignificar quando comecei a frequentar espaços como a Casa de Cultura da Mulher Negra e a **fazer terapia**. Hoje não deixo mais esse passado pesar tanto. Minha filha é uma adolescente de 14 anos, e ver as coisas que posso proporcionar, vê-la sendo uma garota superinteligente e amorosa, também é uma maneira de conversar com a adolescente que eu era” (RIBEIRO apud CARVALHO, 2019a).

“Entrevistador: Esteticamente bem resolvida?

Marcia Tiburi: **Eu era um gurizão**. De usar cabelo curto. Me achava toda torta. Até hoje não gosto que ponham defeito ou façam elogios sobre nada meu. **Tive de fazer muita força para me relacionar com o espelho**. Lembro de minhas tias reclamarem do meu jeito de andar. Gosto de andar curvada, da minha corcundisse. Eu era uma adolescente que achava tudo meio idiota e sem sentido. (...)

Entrevistador: Quando resolveu dar um basta no casamento?

Marcia Tiburi: Aos 29 anos. Minha mãe e amigas conversavam comigo e vi que tinha algo errado. Por exemplo, **eu não sabia que casamento precisava de sexo**. Ficávamos anos sem transar. Não era um casamento, mas uma circunstância. Aos 29, terminei o doutorado, olhei para a Lulu e pensei: **“Que mãe eu quero ser?”**. **Fisicamente, eu era um negócio atrapalhado**. Usava uma sobancelha enorme, roupas escuras com mangas compridas, óculos enormes. Estava me escondendo do mundo, era esquisita mesmo. **Não fui boa esposa e ele não foi bom marido**. (...)

Entrevistador: O que mudou a partir desse sonho?

Marcia Tiburi: Descobri que eu tinha outras pessoas por dentro que precisavam nascer. Fui me transformando, **sendo uma pessoa mais normal**. Tipo, comprar roupa, sapato, tirar sobancelha. Passei a passar batom, usar brinco, a beber vinho de leve, **a me preocupar que eu tinha de arranjar um namorado, a ter um cuidado com o mundo feminino**. Antes, era de homem para homem! Fiz análise até os 33. Chega uma hora que perde o sentido.” (TIBURI apud CARDOSO, 2006).

“Quem assiste diariamente Rachel Sheherazade no SBT Brasil já se acostumou com o estilo forte e a presença de espírito da jornalista, que ganhou fama no início da década após uma opinião sobre o Carnaval da Paraíba. Mas por trás das câmeras, a profissional do SBT sempre **foi muito tímida** e, devido às suas polêmicas no meio político, teve de se tornar reclusa. Além disso, Sheherazade teve **uma infância de timidez e até certo bullying** por causa do sobrenome, mas **adorava ser chamada de princesa pela avó**. (...) Numa conversa com o site Café com Sociologia ainda em 2012, Rachel explicou que tem uma vida muito simples e contou sobre seu dia a dia. ‘Leio de tudo um pouco, notícias, **livros sobre maternidade**, política, história... **Meus hobbies são artesanato, cinema, literatura...** Uma das minhas frases preferidas: “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus”, garantiu. (...) Em 2016, Rachel, já no **auge da fama** e como **uma das musas da direita**, **sofreu forte retaliação de parte de seus fãs ao anunciar em suas redes sociais o fim de seu casamento** com Rodrigo Porto, que havia durado doze anos. “Acredito que isso é fake, Sheherazade não exporia sua vida sentimental assim, sendo uma jornalista de credibilidade. Mas se for, eu só lamento, divórcio é triste, é o fim de uma família”, escreveu uma usuária na Rede Social. Mas ela nunca teve paciência para intromissões em sua vida e fez questão de rebater.

²⁰⁵ Stella construiu dois tipos ideais, o escritor universitário e o universitário escritor: “O primeiro vinculado a literatura como sua atividade principal, porém com longa passagem pelo ensino superior; o segundo ainda em busca de fazer da vida literária uma atividade *full time*, porém ainda ligado prioritariamente ao mundo acadêmico e trabalhando com a literatura de forma subsidiária. Nos dois casos o que se destaca é o papel da universidade como formadora de escritores e escritoras, além do papel de consagradora e legitimadora de trajetórias de produtores literários.” (STELLA, 2018).

“Famílias não se dissolvem, casamentos sim”. Ainda assim ela continuou tendo de se explicar para os fãs. “Queria mesmo que você se reconciliasse com o pai de seus filhos. Lamentável, não deu”, escreveu outro também levando rapidamente uma resposta. “Não pauto minha vida pelo que os outros querem, mas pelo que eu desejo”, cravou (CÉSAR, 2020).

“Com orgulho, a deputada federal Joice Hasselmann (PSL-SP) exibe na sua conta do *Instagram* **os efeitos de uma dieta**: 20 kg a menos no ponteiro da balança. Sua fórmula foi uma alimentação à base de caldos, gelatina diet e reeducação alimentar. Ela encontrou nos seus “haters” a motivação de que precisava para encarar a empreitada. “A transformação das maldades de gente cruel em estímulo para melhorar, para se superar”, escreveu em uma de suas postagens. Em outra, **ela comemora o fato de entrar numa calça** na qual não se encaixava havia muito tempo: “Dois filhos depois, 20 e tantos anos depois, quase 20 kg a menos e cá estou eu na mesma calça e ainda ficou folgada”. E prosseguiu no ataque aos desafetos: “Transformei o ódio de vocês em **AMOR PRÓPRIO**. Vocês não só NÃO conseguiram me destruir como me deixaram MAIS FORTE e divido minha história com outras mulheres que precisam de incentivo para MUDAR”. Com os novos contornos, a deputada **ganhou autoconfiança** para modificar um apelido usado por seus inimigos para atacá-la: “Agora sou **Peppa Fitness!**.” (ISTO É, 2020).

Assim como foi possível observar nas outras partes do trabalho, as assimetrias de gênero também se exprimem entre os mais polemistas e mais militantes dos colunistas, ganhando expressões e ênfases um pouco diferentes em cada um dos polos. Todas as mulheres estudadas neste trabalho conviveram em ambientes intensamente masculinizados – as redações dos anos 1970, ainda dominadas por homens; as universidades antes da entrada de mais mulheres; o mercado financeiro ainda hoje; o espaço do mercado de opiniões em geral – assim como já passaram por algum tipo de discriminação (sobretudo racial, no caso de Djamila) ou ataque. Aqui, as marcas da dominação masculina (BOURDIEU, 2002) aparecem de diferentes maneiras. Uma delas diz respeito à mistura cada vez mais frequente entre o interesse na vida pública e na vida privada, enfatizada no caso das mulheres, ainda que possa também ser verificada em menor intensidade em entrevistas de alguns dos homens. Circulando por programas de entretenimento e revistas voltadas a um público feminino, essas mulheres mais ligadas ao polemismo e à militância também são chamadas com frequência a falar sobre relacionamentos amorosos, beleza, cuidados estéticos e relação com a própria aparência – algo distante entre os homens, mesmo os mais polemistas e militantes. Também em suas redes sociais, algumas delas postam fotos que enfatizam aspectos de suas aparências, como a perda de peso, o rosto sem maquiagem, o look do dia, o corte de cabelo – reproduzindo as lógicas das celebridades. Tendo que mesclar depoimentos sobre suas vidas pessoais com as expressões de suas opiniões e análises, a essas mulheres é destinado um lugar de menos prestígio no mercado de opiniões.

“Nele [podcast *Retrato Narrado*], são contados os bastidores das duas entrevistas feitas pela jornalista Letícia Duarte com Olavo em 2019, na Virgínia, onde mora o polemista. O primeiro encontro foi OK. No segundo, lá pelas tantas, deu-se a seguinte saraivada de ataques:

Olavo: **‘Você é mentirosa, safada, cê está falsificando a minha história! Você não vale nada, mulher!’**

Letícia: ‘Como é que o senhor...’

Olavo: **‘Você é uma analfabeta funcional! Sua filha da puta! Cê não aprendeu a ler? Puta que pariu, mulher!’**.

Tem mais. A jornalista conta que ele tem uma maquete da Terra plana sobre sua mesa, comprada pelo próprio. Ao se deparar com a estrutura, Letícia deu uma risada, no que ouviu de Olavo: **‘Sorriso cínico é argumento de prostituta’**. Letícia segurou o sangue-frio e seguiu a entrevista.” (AMADO, 2020).

“Ser jovem e liberal é péssimo para pegar mulher. Este é o desafio maior para jovens que não são de esquerda. Um dos maiores desafios dos jovens que não são de esquerda não é a falta de acesso a bibliografia que seus professores boicotam (o que é verdade), nem a falta de empregos quando formados porque as escolas os boicotam (o que também é verdade), mas sim **a falta de mulheres jovens, estudantes, que simpatizem com a posição liberal** (como se fala no Brasil) **ou de direita** (quase um xingamento). Os cursos em que você encontra jovens liberais (economia, administração de empresas, engenharia e afins) têm muito poucas mulheres e as que têm não

têm muito interesse em papo cabeça e política. O celeiro de meninas que curtem papo cabeça e política são cursos como psicologia, letras, ciências sociais, pedagogia e afins, todos de esquerda. (...) Claro, charme pessoal, simpatia, inteligência, grana, repertório cultural, sempre são fatores importantes, mas a esquerda tem um ponto a favor dela que é indiscutível: **se você é de esquerda, pegar mulher é a coisa mais fácil do mundo**. Qual o segredo da esquerda? É ser festiva. Outro dia, conversando com um amigo e colega que é bastante conhecido (por isso vou preservar sua privacidade), chegamos à conclusão de que a direita (liberal, claro, não estou falando de gente que gosta de tortura, tá?) precisa desesperadamente encontrar sua face festiva. (...) Ou, mais sofisticado ainda: um festival de documentários em Cuba! **Meu Deus, pode haver paraíso melhor para se conhecer meninas “donas do seu corpo”?** (PONDE, 2014b).

“Eu estou me referindo no caso a uma senhora chamada Joice Hasselmann, **cuja exuberância, não exatamente ligada às questões do intelecto**, precedem muito a sua capacidade de formular qualquer ideia razoável. Ela vive me provocando por aí e eu deixo de lado, porque não vale à pena, né. Imagina! Eu falo num programa de rádio, eu falo para 40 milhões de pessoas, a Joice, **tadinha**, ela fica se orgulhando, quando o vídeo dela consegue, sei lá, 50 mil, 60 mil, sei lá...me contaram isso, eu juro, eu não vejo. (...) Bom, eu conheci a Joice em 2014, um dia eu chego a Veja para trabalhar, ela está lá. “Joyce vai ser apresentadora. Está aqui.” Achei **a figura exótica**, mas o que eu constatei logo de imediato, em que eu falei duas ou três coisas que eram do nosso metiê e ela me devolveu umas batatas. **A Joice é de uma ignorância assombrosa, assombrosa**. (...) Eu adorei o momento em que ela diz assim: “o Reinaldo que do meu lado defendeu os movimentos pró-impeachment; o Reinaldo, que do meu lado...”. **Ô louca, ô boba, ô maluca, eu do seu lado? Você do meu lado, eu era Reinaldo Azevedo já, você não era ninguém**. Você apareceu do meu lado. Você apareceu do lado de Augusto Nunes. (...) Aí, diz a Joice: “O Reinaldo mudou demais”. Você não sabe nada de mim, maluca. Vai ler o que eu escrevi no blog nos últimos 11 anos, vai ver quando é que eu flertei com ataque ao Estado de Direito, ô doida. (...) A direita para qual a Joice fala, que não é direita, é gente, desculpa, xucra...esse bolsonarismo asqueroso que passou agora a vocalizar... (...) Você é direita xucra. Você não sabe nada. Você não leu nada. (...) Eu sempre tive vergonha de ficar do seu lado, você nunca reparou? Inclusive, quando você vinha com... você tem um jeito muito, digamos, como é que eu vou definir, Joice? **Você é uma pessoa muito física, né**. Você entende? Pessoa muito física, que se impõe, que gosta de encurtar distâncias. Não só eu como outras pessoas da *Veja* ficavam muito constrangidas com isso. **Uma vez foi um entrevistado na Veja, quando nós vimos, você estava atrás dele fazendo massagem no ombro dele**, você lembra disso? Constrangedor. **Você adora afetar intimidade com gente que você não conhece**. (...) Você não leu bosta nenhuma, Joice. Você é uma coisa melancólica, Joice. Coisa patética, Joyce. Aliás, os seus amigos de extrema-direita tiram sarro de você, sabia disso. **Acho, inclusive, que é até um pouco machista, a coisa. Confundem essa sua exuberância com alguma outra coisa**. Não, talvez não, acho que não. Eu não confundo. (...) Ô doida, eu tenho quatro empregos. Vou, em breve, ter o quinto. Eu pago as minhas contas, quem paga as suas? (...) Em algum momento, alguém me disse que ela teria casado com um médico. (...) Joice, Joice, Joice, **dormir com as pessoas não nos deixa mais inteligentes, nem que seja Schopenhauer**. Almoçar com elas também não, jantar com elas também não, ficar lendo fragmentos de Google também não. A única coisa que salva, Joice, é aquilo que você não faz, ler, querida, ler. **Pegar esse seu corpo convincente, colocar em repouso e ler**.” (AZEVEDO, 2017b).

“Se minha filha chegar em casa, isola [ele bate na madeira]... Mas **se a minha filha chegar em casa** – e eu dou boa educação para que isso não aconteça, mas a gente nunca controla tudo –, se ela chegar em casa um dia dizendo: **‘Pai, fui para uma festinha, ah, fui estuprada’**. [Eu perguntaria]: ‘Me dá as circunstâncias’. ‘Ah, fui para uma festinha, eu e três amigas, tinha 18 homens, nós bebemos muito e eu estava ficando com dois caras, e eu acabei dormindo lá e eu fui abusada’. **Ela vai ficar de castigo feio e eu não vou denunciar um cara desses para a polícia. Eu vou dar esporro na minha filha**, porque alguma coisa ali ela errou feio. E eu devo ter errado, para ela agir assim... né?! É um comportamento absolutamente condenável. Só que a gente não pode mais falar essas coisas hoje em dia. **Que existe mulher decente também ou piranha... né?!** Porque eu acabei de falar que o homem que faz uma coisa dessas não é decente, mas não existe também a ideia de mulher decente? As feministas querem que não né. Por quê? **Porque feminista é tudo recalcada, ressentida e normalmente mocreia, vadia, odeia homem, odeia união estável, casamento... odeia tudo isso**.” (CONSTANTINO apud F5, 2020b).

Assim como os efeitos da dominação masculina se exercem com mais evidência e violência em relação às mulheres que ocupam os polos dos mais polemistas e militantes, os traços de virilidade e a ostentação de símbolos de masculinidade também são acionados com mais frequência entre os mais polemistas dos intelectuais midiáticos. Enquanto em outros polos, essa masculinidade virulenta e violenta é relativamente rechaçada, por meio de manifestos coletivos de pares e entidades profissionais, tendo os mais especialistas, acadêmicos e

jornalistas que equilibrar suas falas sob o risco de serem deslocados para veículos e posições menos prestigiosos – como ocorreu nos casos polêmicos citados em outras partes do trabalho – , para aqueles que já ocupam o polo dos polemistas com convicção, o apelo aos símbolos de virilidade rende seguidores, compartilhamentos e visibilidade, ainda que, em alguns casos, possa também resultar em demissões e cancelamentos. Xingamentos constantes, referências contínuas à aparência das mulheres, oposições ferrenhas às feministas, argumentos e frases objetificantes, relativização das violências sofridas por mulheres, culpabilização das vítimas, mas também a exaltação de certos gostos, tons, expressões, modos de falar e práticas liga-se a essa masculinidade afirmada por meio de uma expressão ostensiva das marcas de virilidade, valentia e violência, as quais guardam relação com seus *habitus* e posições no campo.

4 AS POSIÇÕES NO CAMPO DO PODER

Em termos de posições no campo do poder, os mais polemistas e militantes dos colonistas são caracterizados por, em geral, não terem ocupado postos da alta burocracia estatal, por não fazerem parte de sociedades em grandes agências de consultoria, não dedicarem suas vidas às atividades de pesquisa e docência em universidades públicas, não darem aulas em departamentos de elite das faculdades privadas assim como não serem os jornalistas que mais circulam pelos espaços de poder e mais mantêm interlocução com figuras detentoras de maior prestígio e poder – ainda que alguns nomes possam se configurar, em maior ou menor medida, como exceções a uma ou outra caracterização.

Iniciados no jornalismo, em geral, a partir dos suplementos, cadernos e revistas culturais, eles mantêm uma interlocução com o campo da arte, em alguns casos, ou com o campo acadêmico, em outros, sem, porém, terem conseguido se consagrar ou se manter economicamente a partir dessas atividades. Assim, também atuam no mercado de consultorias e palestras, neste caso, porém, voltadas para questões de comportamento, meio ambiente e direitos humanos, prestando serviços para agências de publicidade, meios de comunicação, institutos e organizações; participam de *think tanks* ativistas ou ONGs e movimentos sociais; dão cursos na Internet ou em institutos culturais e políticos (ver Tabela 18).

As atividades de consultoria desses agentes estão associadas também às palestras – que podem, por um lado, estar ligadas à militância e ao ativismo, assim como, por outro, ao entretenimento e à publicidade. Da mesma forma, ao mesmo tempo que essas figuras dão palestras gratuitas para estudantes, movimentos sociais – no caso, daqueles mais ligados à esquerda –, *think tanks* – para aqueles mais à direita – e ativistas em geral com o propósito de divulgarem suas ideias; alguns também atuam no mercado de palestras pagas, vendendo seus discursos a bancos e grandes empresas. Assim, se alguns agentes enxergam as palestras, sobretudo, como uma atividade ligada à docência, outros investem nesse mercado como forma de geração de renda. De todo modo, a atividade jornalística ou midiática oferece a eles uma vitrine de seus currículos e ideias, de modo que eles passam a ser convidados a palestrar e prestar consultorias com mais frequência.

Inseridos no ambiente corporativo, participando de peças publicitárias e dando consultorias a agências da área ou mesmo a programas de TV e atrizes²⁰⁶, esses agentes operam

²⁰⁶ Djamila, por exemplo, já atuou em um comercial da marca *Avon*; já fez publicidade para a empresa de táxis 99, gerando uma série de polêmicas com outras militantes, além de ameaças (BERGAMO, 2020a; SECRETARIA..., 2020; DCM, 2020). Ademais, em algumas das entrevistas que concedeu a certas revistas, seguiu a prática de entrevistados utilizarem roupas e joias de marcas anunciantes (VANINI, 2020; MEDINA, 2021). Ela também já

na fronteira com as lógicas da publicidade e do entretenimento: “Na nossa conversa, eu falei de entretenimento já, como um valor que eu considero nobre, que eu não desprezo, e que eu valorizo até mais do que a missão de trazer a verdade, é o entretenimento. (...)” (Entrevista com um dos mais polemistas).

Além disso, nesse conjunto, a maior parte dos nomes não ocupou nenhum cargo na burocracia estatal. A exceção é Djamila Ribeiro, que foi secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, na gestão de Fernando Haddad. Por outro lado, há nomes que se candidataram a cargos eletivos assim como outros que já assessoraram, formal ou informalmente, alguns políticos – embora esses também sejam minoria. Marcia Tiburi, por exemplo, candidatou-se ao governo do Rio de Janeiro em 2018 (pelo PT), sem ter chegado ao segundo turno; já Joice Hasselmann candidatou-se à deputada federal por São Paulo (pelo PSL), recebendo mais de 1 milhão de votos e tendo sido escolhida por Jair Bolsonaro como líder do governo no Congresso²⁰⁷. Como assessores, Guilherme Fiuza já trabalhou com Fernando Gabeira, quando ele era parlamentar, nos anos 1990; Marco Antonio Villa foi convidado a participar de um grupo de conselheiros informais de comunicação de Michel Temer, em 2016 (ARAÚJO, 2016)²⁰⁸; e Olavo de Carvalho foi considerado uma espécie de guru do governo de Jair Bolsonaro, que tem inclusive uma ala chamada olavista. Entre os economistas deste polo, prevalece a passagem pelo mercado financeiro, sem o acompanhamento dos postos da burocracia estatal como ocorre com os mais experts.

As posições que essas figuras ocupam nesse espaço também se relacionam com a hierarquia de capitais que esses agentes herdaram ou conquistaram. Para dar um exemplo de comparação, Luiz Felipe Pondé escreve para *Folha de S.Paulo*; dá aula na graduação na PUC-SP e na FAAP (assim como já deu na pós-graduação); criou e mantém o *Laboratório de Política, Comportamento e Mídia* – ligado à PUC-SP e o qual ele pretende transformar em *think tank* –; presta consultoria para agências de publicidade; e tem, entre seu público de palestras, médicos e empresas como *YouTube* (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019); enquanto

prestou consultorias para o programa *Amor e Sexo* assim como deu uma espécie de curso particular sobre feminismo para atrizes globais, como Taís Araújo e Camila Pitanga: “‘É comum os acadêmicos terem uma coisa bem elitista, que é manter o conhecimento entre eles. Ela atravessa isso. Fala com a academia e traduz tudo para o povo. Isso é muito generoso’, elogia Taís” (VANINI, 2020). Já Luiz Felipe Pondé presta consultorias na área de comportamento para agências de publicidade (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019).

²⁰⁷ Em outubro de 2019, após uma crise entre o presidente Jair Bolsonaro e o partido que o elegeu, o PSL, Bolsonaro decidiu retirar Joice Hasselmann da liderança do governo no Congresso. Joice havia assinado uma lista em apoio à manutenção do líder do PSL na Câmara dos Deputados, a quem Bolsonaro queria substituir por seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro (G1, 2019).

²⁰⁸ No *Roda Viva* com Marco Antonio Villa, ele afirmou: “Olha, é bom lembrar que não existe nem consultoria, é um grupo informal, ninguém ganha nada nem quer ganhar nada e ter qualquer relação com o Estado, qualquer tipo de privilégio, licitação, zero (...), vai lá para bater papo, para conversar, propor” (VILLA, 2017).

Rachel Sheherazade foi âncora do telejornal do *SBT* e trabalhou na *Jovem Pan*; dá entrevistas em programas de entretenimento de classes populares, como Raul Gil e Eliana; e publicou o livro *O Brasil tem cura*, pela *Editora Mundo Cristão*, voltada para publicações religiosas. Assim, também entre os integrantes deste conjunto, há diferentes níveis de status, que se coadunam com diferentes nichos de público (ver capítulo 3 da Parte V).

Tabela 18 - Atividades de consultoria bem como em ONGs e Think Tanks pelos mais polemistas e militantes

Colunistas	Atividades de consultoria	Atividades ligadas a ONGs, institutos, trabalhos voluntários e causas sociais
Antonio Prata	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Arnaldo Jabor	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Demétrio Magnoli	Já prestou consultorias pontuais na área de política internacional e jornalismo para instituições como a Fundação Alexandre Gusmão, a <i>Editora Abril</i> e a <i>Folha de S.Paulo</i> (como, por exemplo, para os manuais de redação da <i>Folha</i>).	Mantém o site “1948, declaração universal dos direitos humanos”, o qual, segundo ele: “é um site sem fins lucrativos, (...) ele trata de migração, as restrições cada vez maiores que a xenofobia impõe à imigração, ele trata de crimes de guerra, crimes contra a humanidade, ele trata de restrições a direitos civis e políticos, ele tem textos novos a cada semana...” (Entrevista de Demétrio Magnoli à autora, 2020).
Diogo Mainardi	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Djamila Ribeiro	Consultoria de conteúdo ao programa <i>Amor e Sexo</i> , da <i>Rede Globo</i> (BRAVO, 2018); consultoria/curso para atrizes globais (VANINI, 2020).	Fez parte da <i>Casa de Cultura da Mulher Negra</i> , em Santos; deu aulas no cursinho pré-vestibular <i>Educafro</i> ; atua como ativista do feminismo negro.
Eduardo Moreira	Consultoria e cursos na área de investimentos e educação financeira.	Um dos criadores, junto com Jessé Souza, do Instituto Conhecimento Liberta.
Guilherme Fiuza	Prestou consultorias na área ambiental a governos – como o Ministério do Meio Ambiente – e parlamentares – como Fernando Gabeira, nos anos 1990.	Foi diretor de comunicação no Greenpeace nos anos 1990.
Joice Hasselmann	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Leandro Narloch	Não presta consultorias.	Um dos criadores de uma ONG/ <i>think tank</i> chamado <i>Árvore do Futuro</i> , que liga ambientalismo e ideias pró-

		mercado: “É uma ONG de ambientalismo pragmático, coisas que realmente funcionam para melhorar o meio ambiente, tentando aliar prosperidade com preservação ambiental.” (Entrevista de Leandro Narloch com a autora, 2020). Contribui com <i>think tanks</i> ativistas e militantes, como o Livres.
Leonardo Sakamoto	Consultor da ONU na área de direitos humanos e trabalho escravo, fazendo parte, inclusive, do Conselho do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão e da Comissão do Setor Financeiro contra a Escravidão Moderna e o Tráfico de Pessoas.	Fundador e presidente da <i>ONG Repórter Brasil</i> , voltada para a divulgação e combate de “situações que ferem direitos trabalhistas e causam danos socioambientais no Brasil” (REPÓRTER BRASIL).
Luiz Felipe Pondé	Presta consultorias na área de comportamento para empresas de publicidade, analisando pesquisas de mercado e tendo como clientes empresas, agências de publicidade e mercado financeiro.	Pretende transformar o Labô – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da PUC-SP, do qual é fundador, em <i>think tank</i> .
Marcelo Rubens Paiva	Nenhuma atividade encontrada.	Foi vice-presidente de uma ONG de deficientes físicos, em São Paulo, o Centro vida independente (CVI), nos anos 1990 (REVISTA IMPRENSA, 1998, p. 27; LEMOS, 2011).
Marcia Tiburi	Não presta consultorias.	Ligada à causa feminista, faz palestras, dá aulas e escreve voluntariamente.
Marco Antonio Villa	Foi conselheiro informal de comunicação de Michel Temer, em 2016 (ARAÚJO, 2016).	Nenhuma atividade encontrada.
Olavo de Carvalho	Foi consultor de enciclopédia para assuntos de filosofia, simbolismo e religião comparada, nos anos 1990 (CARELLI, 1997).	Fundou e dirigiu o <i>Instituto de Artes Liberais</i> no Rio de Janeiro (CARELLI, 1997).
Rachel Sheherazade	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Reinaldo Azevedo	Nenhuma atividade encontrada.	Nenhuma atividade encontrada.
Ricardo Amorim	Presidente da <i>Ricam Consultoria</i> , apresentada como “prestadora de serviços na área de negócios e economia global, em forma de palestras e consultoria” (RICAM CONSULTORIA).	Já teve artigos publicados no site do <i>Instituto Millenium</i> .
Rodrigo Constantino	Não presta consultorias.	Atua na causa liberal, contribuindo com <i>think tanks</i> ativistas e/ou militantes e fazendo palestras gratuitas para divulgar a causa. É

		presidente do <i>Instituto Liberal</i> e ajudou a fundar o <i>Instituto Millenium</i> .
--	--	---

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados fornecidos em entrevistas e encontrados em outras fontes.

4.1 A CIRCULAÇÃO PELAS FACULDADES PRIVADAS, OS CURSOS LIVRES E ONLINE

Embora alguns dos mais polemistas e militantes ainda mantenham uma atividade docente ou tenham atuado como professores, essa posição foi paulatinamente sendo substituída pela atuação midiática. Assim, em relação aos mais acadêmicos do conjunto global de colonistas estudados (analisados na Parte II), eles se diferem por fatores como: dedicação e reconhecimento pela atividade de pesquisa; carreira traçada em universidades públicas; nível de internacionalização; consagração por meio de prêmios e postos de professor e pesquisador visitante; produtividade em termos de trabalho científico (para os mais acadêmicos); em contraposição à projeção midiática e ao investimento em atividades de divulgação (para os mais polemistas e militantes).

Vários dos agentes estudados aqui, como Luiz Felipe Pondé, Demétrio Magnoli e Marco Antonio Villa, passaram da posição de docentes para a mais midiática. Além de terem trabalhado por anos como professores de escolas públicas e privadas de São Paulo, os dois últimos se dedicaram à produção de material didático, com livros publicados pela *Editora Ática*. Rodrigues (2018), aliás, os caracteriza como professores-jornalistas e/ou jornalistas-professores, marcados, entre outros aspectos, por serem pouco competitivos do ponto de vista da pesquisa, mas não improdutivos em termos didáticos:

Além de atraírem um número elevado de alunos, alguns se dedicavam à produção de materiais didáticos e paradidáticos, com regularidade. Enquanto essa condição – investimento sem compensação e reconhecimento – os impulsiona a desprenderem-se do campo acadêmico, a abertura de oportunidades na indústria da informação e do entretenimento os encoraja a explorá-las. A competência reprodutiva e didática – em detrimento da produtiva/inovadora/científica – tornou-se um handicap no mercado acadêmico das duas últimas décadas; porém, eles a converteram em trunfo nos espaços da indústria cultural, que lhes exige precisamente, em ritmo intenso, a repetitividade/didática, a linguagem não especializada/científica (mas “acessível”) (RODRIGUES, 2018, p. 300).

De todos os colonistas mais polemistas e/ou militantes, Marco Antonio Villa é o único que traçou uma carreira na universidade pública. Em 1985, ingressou como docente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde ficou até 1994, quando passou no concurso para professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), no departamento de ciências sociais, permanecendo lá até a aposentadoria. Já os outros professores, trabalharam em faculdades privadas, com destaque para PUC. Marcia Tiburi e Leonardo Sakamoto também se

dividem entre as atividades midiáticas e a posição de professores – mas, enquanto Sakamoto, formado em jornalismo, se vê a partir das duas posições; Tiburi entende sua participação na mídia como um desdobramento de sua atividade primordial, qual seja, a de professora de filosofia (Entrevista de Marcia Tiburi à autora, 2020).

Esses colonistas-polemistas e militantes também dão cursos à distância em faculdades privadas (como a PUC-RS²⁰⁹), atuam como professores visitantes, ofertam seminários na Internet e em fundações; participam de projetos voluntários. Nos últimos anos (sobretudo após a pandemia do coronavírus), vem crescendo o número desses intelectuais midiáticos que passou a investir em aulas online: sejam elas vinculadas a alguma revista²¹⁰; a um projeto editorial ou de ONGs²¹¹; a portais que se anunciam como divulgadores do conhecimento, estando eles vinculados a nomes mais à esquerda²¹² ou mais à direita²¹³; a sites de cursos online em geral ou de áreas específicas²¹⁴; ou ainda em sites dos próprios colonistas²¹⁵, alguns deles tendo nesse

²⁰⁹ No site da instituição, aparecem como professores: Demétrio Magnoli, Djamila Ribeiro, Luiz Felipe Pondé e Marcia Tiburi, mas também os mais especialistas Alexandre Schwartzman e Fabio Giambiagi.

²¹⁰ A *Revista Cult*, por exemplo, já ofertou cursos com Marcia Tiburi e Vladimir Safatle. Ver: <<https://www.cultloja.com.br/professores/marcia-tiburi-2/>>; <<https://www.cultloja.com.br/professores/vladimir-safatle/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

²¹¹ Djamila Ribeiro coordena o curso *Feminismos Plurais*, que é um desdobramento da coleção de livros homônima. Ver: <<https://feminismosplurais.com.br/cursos/>>. Acesso em: 24 set. 2020. Laura Carvalho também ofereceu um curso homônimo ao seu livro *Valsa brasileira*. Ver: <<https://www.paulogala.com.br/matriculas-abertas-ate-sexta-feira-3-jul-para-o-curso-ead-online-com-laura-carvalho-valsa-brasileira/>>; <<https://valsabrasileira.com.br/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

²¹² Exemplo disso é o *Instituto Conhecimento Liberta*, que tem como membros e criadores Eduardo Moreira e Jessé Souza. O Instituto se apresenta como tendo três pilares: cultural, espiritual e profissional, integrando entre seus membros professores acadêmicos, produtores culturais, representantes religiosos e escritores. Disponível em: <<https://institutoliberta.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2020. Outra plataforma que também se apresenta de maneira semelhante é a *Bora Saber?*, criada por Marcelo Rubens Paiva e já tendo contado com cursos de Marcia Tiburi, Laura Carvalho, Monica de Bolle e ele próprio. Ver: <<https://www.borasaber.art.br/>>. Acesso: 25 set. 2020. Leonardo Sakamoto também lançou, em 2018, com outros colegas, o projeto *Vaza, Falsiane!*, sobre notícias falsas e desinformação, gratuito (com financiamento do *Facebook*), ofertado em site de mesmo nome: <<https://vazafalsiane.com/>>. Acesso: 24 set. 2020.

²¹³ No *Portal Cursology*, Leandro Narloch e Rodrigo Constantino mantêm seus cursos, intitulados, respectivamente: *Verdades proibidas* e *Pensadores da Liberdade*. Ver: <<https://www.cursology.com.br/verdades/>>; <<https://www.cursology.com.br/cursos/pensadores/>>. Acesso em: 5 out. 2020. Vários dos mais polemistas também contribuíram para a *Plataforma Brasil Paralelo*, uma empresa de ciberativismo de viés de (extrema) direita. Criada, segundo matéria da *Folha*, em 2016, a partir de um projeto de colegas do curso de administração da *Escola Superior de Propaganda e Marketing*, de Porto Alegre, ela produz documentários, filmes, séries e aulas online, tendo como proposta “derrotar as ideias esquerdistas”, o que só seria possível ao “ir além da política e enxergar a história, a cultura e a educação como campos de batalha” (ZANINI, 2019). Um desses documentários *1964: o Brasil entre Armas e Livros* apresenta uma narrativa de justificativa do golpe militar, tendo sido elogiado pelos filhos de Bolsonaro (Ibid.) e por Rodrigo Constantino: “Filme do Brasil Paralelo sobre 1964 é a aula de história que nos foi negada” (CONSTANTINO, 2019b). Na página da plataforma no *Facebook*, há trechos de entrevistas com Joice Hasselmann, Leandro Narloch, Luiz Felipe Pondé, Olavo de Carvalho e Fernando Schüller.

²¹⁴ Joice Hasselmann fez um curso em 2018 com o título *Comunicação com Caráter*, oferecido na plataforma: <https://www.bestmed.com.br/curso/comunicacao_global_com_carater_e_verdade_com_joyce_hasselmann_-_turma_2_30.html>. Acesso em: 24 set. 2020.

²¹⁵ São os casos de Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé, Marco Antonio Villa e Eduardo Moreira. Ver: <<https://www.seminariodefilosofia.org/o-curso-online-de-filosofia/>>; <<https://www.pondecursoonline.com/>>; <<https://www.cursosdovilla.com.br/>>; <<https://edumoreira.com.br/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

mercado suas principais fontes de renda. Segundo uma matéria publicada no jornal *Diário de Notícias*, por exemplo, Eduardo Moreira “vive das aulas”, desde que deixou o emprego no sistema financeiro, por publicar o livro *O que os donos do poder não querem que você saiba*, denunciando o sistema. A mesma matéria afirma que “95% dos seus alunos não pagam e os 5% que querem se aprofundar pagam e acabam por financiar o estudo dos outros” (MOREIRA, 2020).

Outra figura que tem nos cursos online a principal fonte de renda anunciada é Olavo de Carvalho. Dois trechos de uma entrevista realizada com ele por Pedro Bial trazem elementos interessantes de análise. O primeiro é do início da conversa e o segundo de seu final:

Olavo de Carvalho: (...) o poder intelectual é o de mais longa duração. Ele, na verdade, só se efetiva depois da morte do seu portador. Então, do meu trabalho, eu só esperava resultados depois da minha morte. Agora, no Brasil, todo mundo só se interessa pela política do dia. Eles acham que é isso que eu estou fazendo. Quer dizer, é um negócio absurdo, totalmente alucinante. Você veja: mais de 20 mil pessoas passaram pelos meus cursos. Dessas, nem duas dúzias estão em cargos de governo (CARVALHO, 2019b).

Olavo de Carvalho: Não tenho emprego, não tenho patrão.

Pedro Bial: Como andam as finanças?

Olavo de Carvalho: Bem, eu tenho um montão de aluno.

Pedro Bial: Ué, mas há pouco o senhor não pediu ajuda de todos os seus seguidores?

Olavo de Carvalho: Ah, eu pedi, porque eu acumulei uma dívida monstro, com hospital e imposto, né. E precisava pagar, agora já paguei. (...) Graças a Deus, deu tudo certo. Veja, o meu curso de filosofia é o curso de filosofia mais barato do mundo. Os caras pagam 20 dólares por mês. Então, isso significa que quando aparece uma despesa monstro desse jeito, eu não tenho recurso, mas eu...

Pedro Bial: São quantos alunos?

Olavo de Carvalho: Mas eu peço para os alunos. Entre 3 e 5 mil, sempre.

Pedro Bial: Uma boa grana hein.

Olavo de Carvalho: É uma boa grana, graças a Deus.

Pedro Bial: Está ganhando bem mais que o presidente Jair Bolsonaro.

Olavo de Carvalho: Estou ganhando bem mais do que qualquer professor universitário. Quer dizer... por que eu vou invejar esses caras que são uns pés rapados, coitados?! Eles estão lá, têm que obedecer a pressão dos pares, têm que obedecer ao chefe etc., e no fim ainda ganham uma porcariuzinha. E ainda dizem que eu tenho inveja deles. O que que é isso? (CARVALHO, 2019b).

Enquanto, no início da entrevista, Olavo de Carvalho busca ressaltar os valores desinteressados no curto prazo de sua atividade intelectual, ao final da conversa, ele afirma os ganhos econômicos como sinais de sua superioridade em relação aos professores universitários. Assim, se, em alguns momentos, Olavo mobiliza os princípios de desinteresse político e econômico imediatos como forma de se afigurar como intelectual, em outros, ele revela sua posição nesse espaço, por meio da mobilização de argumentos financeiros, do volume de seguidores e alunos e da influência política.

Mas, para além da análise da trajetória específica de Olavo, os trechos acima também exemplificam a posição de tais cursos na Internet. Por um lado, os mesmos são realizados com

vista ao combate na guerra cultural: “hoje em dia, eu dou aula no *Instagram* sabia?! Eu dou aula toda semana no *Instagram*, criei isso no meio da pandemia porque... para tornar acessível... não é só tornar acessível... é também ocupar, povoar, esse território, esse campo virtual” (Entrevista com um dos mais militantes).

Por outro lado, esses cursos também produzem ganhos econômicos imediatos para aqueles que alcançam um grande número de alunos e que adotam estratégias comerciais de venda. A marca de sucesso nesse mercado é o volume da clientela e o lucro econômico, ao contrário dos polos mais autônomos economicamente do campo acadêmico, intelectual, cultural e artístico. Nessas aulas online, mobilizam-se estratégias de marketing e propaganda como forma de conquista da clientela: conteúdo patrocinado nas redes sociais; anúncios chamativos de descontos; apresentações impactantes dos palestrantes; vídeos repletos de slogans, promessas e frases de impacto; indicações de nomes com certa fama e prestígio.

Nomes com capitais diferentes lançam-se, assim, na Internet como meio de complementar ou gerar suas rendas, em alguns casos, e ampliar o alcance de suas ideias, em outros. Nesse espaço, os posicionamentos políticos e a performance aparecem como principais atributos a serem mobilizados na conquista de novos alunos. Mas, embora esse tipo de atuação possa ser empreendido, inclusive, por nomes mais ligados ao polo dos acadêmicos, a priorização desse nicho de atividade, a adoção dos princípios publicitários e, conseqüentemente, o volume de alunos são inversamente proporcionais aos investimentos e consagrações obtidos na academia.

4.2 OS *THINK TANKS* ATIVISTAS OU MILITANTES

Acho que por difusão, por guerra cultural mesmo, guerra das ideias, para tentar difundir ideias diferentes. Acho que o Millenium foi um dos primeiros que começaram, quando a Dilma estava lá... o Lula estava com 80% de aprovação, começaram a mostrar: “Olha, privatização é legal...privatização é bom” (Entrevista com um dos mais polemistas).

Instituto Liberal se organiza no sentido de disseminar as ideias, os valores liberais o máximo possível. O principal veículo são artigos publicados no site (Entrevista com um dos mais polemistas).

Outro espaço de circulação dos colunistas polemistas, mas também de alguns jornalistas e especialistas mais alinhados à direita do espectro político, é os *think tanks*²¹⁶ ativistas (ROCHA, 2015) ou militantes (SILVEIRA, 2013), cujo foco de atuação recai mais na

²¹⁶ Os *think tanks* no Brasil passaram de 39, em 2008, para 103, em 2019, segundo o ranking *Global Go To Think Tank* (MCGANN, 2019). Em dez anos, o Brasil subiu da 24ª posição para a 11ª em número de *think tanks* no mundo, ocupando o segundo lugar na América Latina, atrás apenas da Argentina (com 227 *think tanks*).

divulgação do que na produção de ideias, e os quais são recorrentemente apontados em pesquisas e artigos de jornais como espaços de articulação de uma suposta “nova direita”²¹⁷. O Instituto Millenium (Imil), o Instituto Liberal²¹⁸, o Livres, o Instituto Mises Brasil, o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), entre outros – com algumas diferenças entre si no modo de atuação, mas também em termos de ideário defendido – fazem parte de uma rede de agentes e instituições que atuaram nas últimas décadas no Brasil no intuito de difundir ideias pró-mercado ou ultraliberais²¹⁹ (ROCHA, 2018), mas também com articulações estabelecidas com agentes mais conservadores, neoliberais e até mesmo apenas liberais (Ibid.).

Esses institutos atuam assim na batalha de ideias e na guerra cultural, segundo os fundadores de um deles, em prol de uma “corrente político-cultural de direita moderna” e com o propósito de concorrer com a suposta hegemonia das ideias de esquerda e centro-esquerda no Brasil (ANDRADE; VIOLA; LEIS, 2005). Essas intenções foram apontadas em um ensaio de lançamento do Instituto Millenium (à época, nomeado como Instituto de Estudos da Realidade Nacional) publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2005, mas poderiam também dizer respeito à atuação desses outros *think tanks*. A articulação desses institutos com movimentos sociais – como, por exemplo, o MBL, o Vem Pra Rua e o Revoltados Online²²⁰ –, partidos políticos – como o Partido Novo, o Partido Social Cristão (PSC), o Partido Social Liberal e

²¹⁷ Ver trabalhos como: MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2021; MEIRELLES; FERNANDES, 2019; ROCHA, 2018; MEIRELLES, CHIARAMONTE, 2018; MESSENBURG, 2017; CHALOU; PERLATTO, 2015; ROCHA, 2015. E reportagens como: FLORES, 2017; FANG, 2017.

²¹⁸ Embora o Instituto Liberal tenha sido criado em 1983 e sua história assim como a trajetória de seus integrantes possam ter contribuído, em alguma medida, para as raízes da atuação dos agentes da “nova direita”, foi nos anos 2000 e 2010 que ele e outros passaram a concentrar jovens liberais e conservadores atuantes em blogs – como os de Olavo de Carvalho, o *Mídia sem máscara* – e redes sociais da Internet – como *Orkut* – em prol da agenda pró-mercado e em crítica aos governos do PT (ROCHA, 2018). Em 2013, sua gestão foi trocada, trazendo para a presidência Rodrigo Constantino. Também nos anos 2000, foram criados o Livres e o Millenium.

²¹⁹ O conjunto de ideias defendido por esses agentes também é denominado em determinadas situações – seja em debates na mídia ou mesmo na academia – como neoliberal ou simplesmente liberal. Na frase acima, adoto os termos utilizados por Rocha (2018) em seu estudo sobre a gênese da chamada “nova direita”, em que a autora estabelece diferenciações entre esses grupos. Porém, adoto os termos sem buscar aqui uma caracterização mais essencialista ou sem pretender entrar no debate acerca das formas de classificações de tais conjuntos.

²²⁰ A partir de uma genealogia dos agentes que fazem parte da chamada “nova direita”, Rocha aponta para a atuação de jovens militantes liberais, ultraliberais, pró-mercado não apenas em *think tanks*, mas a partir dos anos 2000, em redes sociais – como *Orkut* – e em torno de blogs conservadores – como os de Olavo de Carvalho. Antes de 2013, esses militantes já vinham promovendo protestos e demonstrações pública contra os impostos – como o “Dia da Liberdade de Impostos” – e contra a corrupção. Mas foi em 2013 que eles alcançaram visibilidade, a partir dos protestos contra o aumento da passagem, iniciados pelo Movimento Passe Livre, mais identificado à esquerda. Segundo Rocha (2018, p. 160): “Foi a partir das manifestações de Junho de 2013 que discursos que mobilizavam os temas da anticorrupção e do antipetismo, que já circulavam nos contra-públicos digitais desde o escândalo do mensalão, passaram a se tornar centrais no processo de formação da nova direita”. Em 2015, o MBL, o Vem pra Rua e o Revoltados Online atuaram na organização de manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff, com algumas que contaram com uma estimativa de participação de um milhão de pessoas pela Polícia Militar – embora as mesmas fossem calculadas pelo Instituto Datafolha como tendo contado com 210 mil ou 135 mil pessoas (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015, p. 199; ROCHA, 2018).

mesmo o PMDB, o PSDB e o DEM²²¹ – e agentes da mídia e da academia – como os estudados neste trabalho – contribuiu tanto para o impeachment de Dilma quanto para a chegada de Jair Bolsonaro ao poder (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015; MESSENERG, 2017; MEIRELLES; FERNANDES, 2019; ROCHA, 2018;). Um exemplo disso é a participação de Paulo Guedes, ministro da Economia do governo de Jair Bolsonaro, na criação do Instituto Millenium, em 2005. No site do Millenium, diversos colunistas estudados neste trabalho – não apenas os mais polemistas, mas também vários especialistas – figuram na lista de convidados e especialistas, ainda que muitos deles não se afirmem como membros efetivos (MEIRELLES, CHIARAMONTE, 2021).

Entre os criadores do Millenium estão Gustavo Franco – situado entre os mais especialistas – e Rodrigo Constantino – que está entre os mais polemistas –, o que demonstra já de antemão como esses institutos contribuem no processo de socialização de figuras com capitais heterogêneos e diferentes posições no espaço social (MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2021). Em sua criação, a ideia do Millenium era aplicar no Rio de Janeiro o modelo do IEE de Porto Alegre (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020), voltado para a: “formação de líderes empresariais, (...) jovens empreendedores ou herdeiros de empresas, que vão lá para fazer atividades que, de alguma forma, enriqueçam o intelecto e a filosofia política deles, dê mais embasamento filosófico para eles”, afirmou Constantino. Acabou, porém, se tornando mais ativo virtualmente, segundo um de seus criadores:

Aí um pouco de filosofia da coisa: o *think tank* do século XXI é meio que um site. Não é mais como era no século XX, o grande *think tank*, o exemplo mais poderoso de todos aqui no Brasil é a Fundação Getúlio Vargas. O *think tank* do século XXI não tem aquele orçamento, não tem esses prédios. Ele é um site, ele exerce sua função distribuindo conteúdo, mais do que financiando a produção de conteúdo. Essa reinvenção do Millenium nesse formato virtual foi muito importante para tornar o Millenium muito influente, com um orçamento muito pequenininho, o que impressionou muito nossos mantenedores – porque com investimento pequeno, a gente conseguia ter uma influência muito grande (Entrevista de Gustavo Franco à autora, 2019).

²²¹ Segundo Rocha, após o impeachment de Dilma Rousseff, os ativistas que atuaram em prol da deposição – como os jovens liberais ou “ultraliberais” e “pró-mercado”, como a autora denomina – e que comporiam uma chamada “nova direita” passaram a se organizar em três principais correntes político-partidárias: a tendência LIVRES, o Partido Novo e os militantes que se organizaram em torno da família Bolsonaro (ROCHA, 2018, p. 171). Entre 2016 e 2018, Bolsonaro passou pelo PSC, atraindo consequentemente seus jovens fãs, mas transferiu-se posteriormente para o Patriotas e, em sequência, para o PSL, partido com o qual ganhou as eleições, mas rompeu em 2019. Antes da chegada de Bolsonaro, porém, o PSL abrigou a tendência Livres, “atraindo para si os ultraliberais, enquanto os conservadores passaram a se concentrar no PSC” (Ibid., p. 189). Com a entrada do militar no partido, em 2017, os ultraliberais saíram do partido e ingressaram no Novo, que passou a concentrar “a maior parte da militância ultraliberal que se reunia nas comunidades do Orkut”, segundo ROCHA (2018, p. 190). Mas, antes disso, nas eleições municipais de 2016, 45 candidaturas ao legislativo estiveram ligadas ao MBL, as quais foram distribuídas entre estes partidos: embora alguns nomes tivessem se ligado ao NOVO, ao PSL e ao PSC, a maior parte se candidatou por partidos tradicionais, como o DEM e o PSDB.

A divulgação de ideias e a reprodução de artigos publicados na imprensa são complementadas ainda por seminários em universidades públicas e privadas²²² e por palestras nas redações jornalísticas ou abertas ao público. Essa priorização da atividade online rendeu-lhe inclusive uma posição na lista dos *Best Artificial Intelligence*, do ranking da Universidade da Pensilvânia (MCGANN, 2019). Mas o Instituto também participa de campanhas (como a Reforma da Previdência) (MILLENIUM, 2019), realiza alguns estudos (sobre previdência, setor público e educação)²²³ e mantém alguns projetos (como o *Millenium fiscaliza*, com o intuito de acompanhar os gastos públicos no Brasil).

A atuação desses institutos parece, porém, ter maior efeito na criação de uma rede de sociabilidade entre economistas, jornalistas, empresários, professores e políticos dotados de capitais heterogêneos, posições políticas diferentes, mas unidos pela defesa mais ou menos comum da causa liberal e da oposição aos governos do PT (MEIRELLES, CHIARAMONTE, 2021). Assim, eles contribuem também para a socialização de jovens liberais com grandes empresários, jornalistas e economistas consagrados e, consequentemente, para o acúmulo de prestígio e legitimidade por parte desses “jovens empreendedores e herdeiros de empresas”. Por meio do Millenium, por exemplo, Rodrigo Constantino conheceu Roberto Marinho e foi convidado a escrever no jornal *O Globo* assim como foi a partir de sua atuação no instituto que ele foi convidado para escrever na *Veja* (Entrevista de Rodrigo Constantino à autora, 2020). Nesse mesmo sentido, um outro entrevistado afirmou:

Depois que eu escrevi os livros, muitos *think tanks* liberais me procuraram para dar palestras ou para conversar e tal. A partir deles, eu comecei a ler muita coisa. Apesar de já ter feito os livros, eu não conhecia... eu vim de uma faculdade muito ruim, então não conhecia Milton Friedman, não conhecia os economistas básicos, os mais básicos... e fui conhecendo tudo por esses movimentos de divulgação de ideias, que foram muito importantes. Incrível como a gente faz o papel de jornalista sem conhecer... não é aceitando o argumento liberais, mas sem sequer conhecer... (Entrevista com um dos mais polemistas).

Ainda assim, o Imil não detém prestígio perante os nomes mais consagrados de seus supostos integrantes, elencados em seu site, já que vários deles preferem marcar um distanciamento em relação ao instituto (MEIRELLES; CHIARAMONTE, 2021). Para citar alguns exemplos, certos especialistas fizeram afirmações como as seguintes: “Eu sei que eles publicam meus textos; ocasionalmente, alguém procura o Instituto Millenium porque está me procurando, mas assim, dizer que eu participo mesmo, não” (Entrevista com um dos mais especialistas); “Eu não tenho nada contra o Instituto Millenium e sou muito satisfeito que eles

²²² No site do Millenium, constam 145 edições do chamado “Imil na Sala de Aula” (MILLENIUM).

²²³ Para citar alguns exemplos, eles publicaram os estudos: *Previdência, setor público, pobreza e desigualdade e Educação e Desenvolvimento – A formação do capital humano no Brasil*.

ponham lá minhas colunas e gosto do Instituto. Não sinto que sou um sócio-participante. Mas eu sou uma pessoa simpática e sempre que eles me pedem alguma coisa, eu participo” (Entrevista com um dos mais especialistas).

Em vez do Imil, os colunistas-especialistas se afirmam como membros de outros *think tanks*, como o CDPP, a Casa das Garças e o IBRE-FGV, como pôde ser observado na Parte II deste trabalho. Ainda assim, eles afirmam certa simpatia e mesmo participação mediante convites. Tendo quase 400 mil seguidores no *Facebook*²²⁴ – mais do que esses experts têm em suas redes sociais pessoais, quando eles as mantêm –, o Millenium contribui para a disseminação das ideias defendidas por essas figuras, elevando também suas visibilidades, ao republicar seus artigos. Da mesma forma, os outros *think tanks* – que possuem, porém, um volume menor de seguidores nas redes sociais²²⁵ – também atuam nesse sentido²²⁶.

4.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Se a militância e o ativismo dos agentes mais à direita – especialistas, jornalistas e polemistas – estão mais ligados aos *think tanks*, já que eles circulam por esses espaços como membros, colaboradores, apoiadores ou simpatizantes; os mais à esquerda mantêm a interlocução ou a participação em movimentos sociais: como MST, MTST, movimento feminista, movimento negro, além de ONGs, sindicatos de professores e jornalistas.

Além de se apresentarem como feministas, defensores dos direitos humanos e da democracia, militantes socialistas, os acadêmicos, blogueiros e militantes mais à esquerda também participam de eventos, protestos e campanhas organizadas por esses movimentos sociais, muitas vezes, em interlocução com partidos e figuras políticas identificadas também como mais à esquerda do espectro político, como o PT, o PSOL e o PCdoB. Assim, se os *think tanks*, movimentos sociais e partidos mais à direita ou centro-direita se conjugaram em torno da defesa do impeachment de Dilma Rousseff e muitos deles contribuíram, inclusive, para a chegada de Jair Bolsonaro à presidência da República, os mais à esquerda atuaram contra o impeachment e contra a candidatura de Bolsonaro (ver Parte I e Parte V).

Guardadas as diferenças, tal como os *think tanks* ativistas ou militantes para os agentes mais à direita, esses movimentos sociais configuram-se também como espaços de socialização

²²⁴ Dados de outubro de 2020.

²²⁵ A partir dos dados coletados em outubro de 2020, no *Facebook*, o Instituto Liberal tinha pouco mais de 100 mil seguidores, o Livres tinha mais de 160 mil, o Instituto Mises, mais de 270 mil. No *Twitter*, esses *think tanks* tinham um volume menor de seguidores: todos eles, inclusive o Millenium, entre 30 e 40 mil.

²²⁶ Os mais experts Samuel Pessoa e Fernando Schüller, por exemplo, fazem parte do conselho do Livres.

entre agentes com capitais diferentes e de formação política e intelectual, sobretudo, de jovens e estudantes. Ademais, a trajetória de vários dos colunistas – inclusive, aqueles situados entre os mais acadêmicos ou jornalistas blogueiros – também esteve na esteira de suas atuações na militância. Assim, com frequência, Marcia Tiburi e Djamila Ribeiro, por exemplo, aparecem na imprensa como representantes feministas, bem como seus engajamentos e preocupações acadêmicas com a questão contribuíram para seus ingressos na mídia. Do mesmo modo, Leonardo Sakamoto tornou-se uma figura representativa do movimento de erradicação do trabalho escravo, por meio de sua atuação na *ONG Repórter Brasil*.

A participação em movimentos sociais também atua no sentido de legitimar, em certa medida, a posição que ocupam no espaço social: a trajetória do economista Eduardo Moreira, por exemplo, foi traçada pelo portal *Sul21* em perfil intitulado *De estrela do mercado financeiro a amigo do MST, a jornada de Eduardo Moreira*, na qual este sentido de legitimação ficou explícito: “Para ser um porta-voz legítimo dos movimentos que lutam contra a desigualdade, ele acredita que precisa conhecê-los. Saber como dormem, comem, trabalham. “Sentir um pouquinho da dor que eles sentem”, diz.” (GOMES, 2019b). Além disso, a matéria ressaltou ainda a aproximação de Moreira com acadêmicos de esquerda, tal como Jessé Souza.

A partir do argumento da origem e da experiência, essas figuras vão legitimando seus lugares no mercado de opiniões. Por outro lado, nomes mais ligados ao jornalismo, por exemplo, embora possam demonstrar simpatia e apoio aos movimentos sociais, precisam também se afastar em alguma medida da imagem de militância ou ativismo:

(...) depois que eu virei jornalista, se você se vincula a qualquer coisa, complica. Qualquer vinculação... já é complicado de qualquer jeito, porque você já tem subjetivamente as suas preferências. Então, você tem que estar o tempo todo duelando contigo mesmo. Se você ainda mais participar ativamente de coisas dessa forma... eu ajudo, de várias formas, de grana, como posso, mas ser ativista é complicado (...) (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Assim, esses jornalistas dizem atuar em prol dos movimentos sociais, sobretudo, dando espaço em seus sites, canais, entrevistas e matérias, mas sem uma vinculação direta. De maneira semelhante, os mais acadêmicos – embora possam ter um histórico de militância – também possuem uma relação de diálogo, mas não exatamente de pertencimento. Essas diferenças em termos de vinculação e identificação, aliás, serão analisadas em maior detalhe na próxima e última parte da tese.

PARTE V – ESPAÇO SOCIAL E TOMADAS DE POSIÇÃO

1 TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE OPINIÕES

As relações traçadas ao longo deste trabalho só podem ser bem compreendidas se entrelaçadas às transformações do espaço universitário, jornalístico e midiático. Ao me debruçar sobre a estrutura desse mercado de opiniões, investigando as posições dos agentes assim como os caminhos que os levaram a essa distribuição no espaço social, alguns processos foram sendo também delineados. Busco, assim, neste subcapítulo, sintetizar algumas das transformações que foram ocorrendo neste espaço e que foram sendo apontadas ao longo do trabalho, relacionando-as com algumas lógicas das produções das quais esses agentes participam. Essas linhas gerais de interpretação podem contribuir para tornar inteligíveis os nexos entre a divisão do trabalho dos intelectuais midiáticos em três hierarquias e seis polos e as mudanças no mercado de produção de opinião.

A divisão do trabalho dos intelectuais midiáticos remete, em primeiro lugar, a uma relativa diversificação dos agentes sociais que passam a disputar um lugar no mercado de opiniões como intérpretes do mundo social, analistas da conjuntura e propositores de soluções para o país, evidenciando uma intensa concorrência entre os critérios de legitimação nesse espaço.

Projetando, no gráfico do espaço social do mercado de opiniões, as variáveis suplementares referentes às instituições de ensino e às empresas de comunicação em que os intelectuais midiáticos circularam ou circulam, algumas das oposições que foram sendo traçadas ao longo deste trabalho podem ser verificadas. Da mesma forma, as tabelas 21 a 27 elencam as propriedades mais e menos frequentes em cada um dos polos, evidenciando esses vínculos.

Gráfico 8 - Nuvem de variáveis suplementares – instituições de ensino e meios de comunicação. Fonte: Gerado pela autora com auxílio da ferramenta SPAD.

Tabela 19 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 1/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Redes sociais	Redes sociais+-	3.01	50	9.80	80	0.0013	2.326	4	5
Instituição de Docência	Professor na PUC-RJ	2.78	37.50	5.88	100	0.0027	0	3	3
Área de formação	Economia	2.61	62.50	19.61	50	0.0045	11.628	5	10
Instituição de Doutorado	Doutorado EUA	2.33	37.50	7.84	75	0.0099	2.326	3	4
Instituição de Docência	Professor em faculdades privadas	2.18	50	15.69	50	0.0147	9.302	4	8
Instituição de Doutorado	Sem doutorado	-2.65	12.50	60.78	3.23	0.0040	69.767	1	31
Instituição de Docência	Sem docência	-3.41	0	58.82	0	0.0003	69.767	0	30

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 20 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 3/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Instituição de Docência	Professor na USP	3.45		50	7.84	100	0.0003	0	4
Instituição de Docência	Professor em universidades públi...	3.01		50	9.80	80	0.0013	2.326	5
Área de formação	Filosofia	2.41		50	13.73	57.14	0.0079	6.977	7
Canais de TV e Rádio	Rádio e TV-	2.40		75	31.37	37.50	0.0081	23.256	16
Instituição de Doutorado	Doutorado Europa	2.33		37.50	7.84	75	0.0099	2.326	4
Instituição de Docência	Sem docência	-3.41		0	58.82	0	0.0003	69.767	30
Instituição de Doutorado	Sem doutorado	-3.54		0	60.78	0	0.0002	72.093	31

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 21 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas *Mainstream*)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 5/6 (Count = 9 Percentage = 17.647)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Canais de TV e Rádio	Organizações Globo	2.82		77.78	31.37	43.75	0.0024	21.429	16
Instituição de Docência	Sem docência	2.60		100	58.82	30	0.0047	50	30
Instituição de Doutorado	Sem doutorado	2.48		100	60.78	29.03	0.0066	52.381	31
Impressos	O Globo	2.21		44.44	13.73	57.14	0.0135	7.143	7
Canais de TV e Rádio	Rádio e TV-	-1.99		0	31.37	0	0.0232	38.095	16

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 22 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas blogueiros)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 6/6 (Count = 7 Percentage = 13.725)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Impressos	Blogs progressistas	4.18		100	25.49	53.85	0.0000	13.636	13
Canais de TV e Rádio	TV Brasil	2.49		42.86	7.84	75	0.0063	2.273	4
Instituição de Docência	Sem docência	2.11		100	58.82	23.33	0.0176	52.273	30
Instituição de Doutorado	Sem doutorado	2.00		100	60.78	22.58	0.0227	54.545	31

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 23 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 2 (Polemistas e Militantes mais acadêmicos)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 2/6 (Count = 7 Percentage = 13.725)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Instituição de Doutorado	Doutorado USP	2.41		57.14	15.69	50	0.0079	9.091	8
Instituição de Docência	Professor em faculdades privadas	2.41		57.14	15.69	50	0.0079	9.091	8

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Tabela 24 - Modalidades suplementares referentes às instituições acadêmicas e midiáticas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e Militantes mais jornalistas)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 4/6 (Count = 12 Percentage = 23.529)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Instituição de Docência	Sem docência	3.27		100	58.82	40	0.0005	46.154	30
Instituição de Doutorado	Sem doutorado	3.13		100	60.78	38.71	0.0009	48.718	31
Canais de TV e Rádio	Jovem Pan	3.06		50	15.69	75	0.0011	5.128	8

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Na Parte II do trabalho, tracei algumas das concorrências e dos móveis em disputa entre os mais acadêmicos e mais especialistas dos intelectuais midiáticos. Retomando brevemente algumas das lutas entre e dentro de algumas áreas do conhecimento que conquistaram certo lugar no debate público – tais como filosofia, ciências sociais e economia –, tentei esboçar alguns deslocamentos da disputa e mudanças nesses espaços, que se tornaram ainda mais evidentes na Parte IV da tese. Até os anos de 1980, as lutas entre departamentos de filosofia, ciências sociais e economia giravam em torno dos critérios de “excelência acadêmica” e em busca da formação de uma elite intelectual, por um lado, e dirigente, por outro²²⁷ – ou ambas, ao mesmo tempo. Com a expansão das universidades – com o incremento significativo das faculdades públicas, mas, sobretudo, privadas (MARTINS, 2009) –, a complexificação do sistema de ensino superior, a elevação da competição entre os centros, as dificuldades econômicas dos departamentos, outras instituições começaram a competir e exercer uma força sobre essas lutas assim como outros critérios passaram a ganhar influência.

Além disso, as diferenças de origens sociais dos agentes se combinaram a uma segmentação do sistema de ensino básico e superior. A partir dos relatos dos intelectuais midiáticos, vê-se que suas formações se deram em instituições de perfis diferentes. No sistema público, eles mencionaram dois tipos de escola: aquelas apresentadas como republicanas, laicas e de qualidade e aquelas vistas como uma “porcaria”. Já no sistema privado, há os que passaram por escolas religiosas (sobretudo, católicas) ou construtivistas de elite, por um lado, e as escolas particulares de uma pequena burguesia, visando uma formação reduzida às demandas do mercado de trabalho, por outro. Na universidade, as trajetórias dos agentes se distinguem entre aquelas cuja formação foi feita nos departamentos que, mesmo recrutando pessoas de origens sociais menos favorecidas, visavam à formação de uma elite (nas universidades públicas, sobretudo); aqueles que passaram por departamentos que também tinham esse propósito, angariando, porém, jovens já de origens abastadas (nas faculdades privadas, principalmente); e aqueles que se formaram em departamentos e cursos de pouco prestígio ou mesmo em faculdades que operam como negócios. Essas distinções nas trajetórias de formação, que reforçaram aquelas de origem, acabaram por engendrar também essas diferentes posições no espaço social como um todo e no mercado de opiniões em particular.

²²⁷ Mas é bom lembrar, como afirmou Hey (2008), que “a USP, comumente tomada como responsável pela formação das elites dirigentes do país, deve ter seu papel relativizado, haja vista que só assume função de distinção para alguns setores, justamente aqueles com circulação em outros espaços sociais capazes de reforçar seu peso distintivo” (p. 42). Isso também parece fazer sentido para outras universidades e departamentos de formação de elites.

Ao analisarmos as trajetórias dos agentes formados, principalmente, a partir dos anos 1990, o que se verifica é uma concorrência dos critérios mais intelectuais e acadêmicos – e aqueles específicos de cada área – com aqueles advindos dos interesses mais comerciais e econômicos não mediados ou políticos imediatos. As lógicas da publicidade, dos shows, dos grandes eventos, do entretenimento, da televisão, da polêmica, do mercado financeiro, da venda massiva de livros, dos seguidores e likes na Internet, da produtividade exacerbada – ou seja, as lógicas econômicas – ganharam força na disputa com as lógicas mais intelectuais no debate público. Nesse contexto, as universidades públicas e seus departamentos de humanas, sobretudo, tornaram-se alvo principal de crítica ou mesmo ataque por parte desses intelectuais midiáticos, como foi visto ao longo da tese.

Para sintetizar essas posições, retomo as principais linhas de força em oposição às universidades. As críticas e ataques se tornam mais ferrenhos quanto menos aptos a disputar os lugares e as consagrações da universidade esses agentes estão. Nessa lógica, aqueles (especialmente, alguns dos mais polemistas) que já tentaram uma inserção e uma legitimação acadêmica, sem conquistá-las, são justamente os que mais ferozmente se voltam contra ela. Assim, associam as universidades públicas, em geral, e seus cursos de humanas, em particular, com “balbúrdia”, antros de “doutrinação marxista” e esquerdista, dominados pela ideologia, espaços de “pseudointelectuais incultos e improdutivos”. Há também os agentes (sobretudo os especialistas) que, inseridos em alguma medida no campo acadêmico – em instituições de ensino e pesquisa privadas –, mas tendo como objetivo principal a atuação política e econômica, negociam, por um lado, com as lógicas acadêmicas e, por outro, opõem-se a elas. São esses que vão advogar nos sentidos de uma privatização e americanização da universidade pública, seja com propostas de cobrança de mensalidade, fim da estabilidade dos professores, submissão das lógicas acadêmicas ao mero produtivismo ou até mesmo transformação dessas instituições em fundações privadas, baseadas em filantropia. Menos dotados de capital específico, mas mais dotados de capital político e econômico, eles vão atuar em prol da transformação do caráter público da universidade, mas também disputam os próprios critérios de “excelência acadêmica” e cientificidade. Já alguns dos jornalistas mais *mainstream* e mais à direita evocam as defesas dos especialistas bem como das grandes empresas de comunicação, em torno da insustentabilidade financeira das universidades públicas assim como de sua suposta improdutividade e ideologização, especialmente, nos cursos de humanas.

Se os ataques mais incisivos vêm principalmente dos nomes identificados como mais à direita, alguns dos mais à esquerda, embora em medidas e formas diferentes, também tecem oposições à academia. Aqui, predominam os argumentos acerca da universidade fechada em si

mesma e de seu elitismo (desdobrado em seu machismo, racismo etc.) assim como do imperativo de uma suposta democratização e divulgação do conhecimento por meio das investidas midiáticas. Como agentes que se situam na fronteira entre a universidade e a indústria cultural, esses nomes agem também no intuito de legitimar essas posições. Mas, ao mesmo tempo fortemente ligados à universidade (especialmente, os mais acadêmicos) ou pretendentes a ela (principalmente, alguns dos mais militantes), alguns produzem, por um lado, um discurso de defesa da universidade pública, gratuita e democrática; e alguns, por outro, demarcam um certo distanciamento ou crítica em relação aos seus parâmetros dominantes e uma legitimação de sua abertura a lógicas mais midiáticas. A crítica ao elitismo da universidade proferida, em muitos desses casos, a partir dos veículos dos grandes conglomerados de comunicação contribui na produção de uma ideia de que a mídia seria o polo mais democrático e mais aberto à diversidade, e a universidade o polo mais elitista, de modo que esse discurso atua em consonância com os interesses dessas empresas (em suas disputas com a universidade e seus polos mais autônomos), mascarando as desigualdades presentes nos meios de comunicação (e reproduzidas em vários de seus discursos e atuações políticas) e desconsiderando os avanços em termos de democratização observados nas últimas décadas na universidade pública.

Quanto maior autonomia esses agentes possuem em relação à inserção na mídia (sobretudo os mais acadêmicos), menos eles se colocam afeitos à competição com os critérios jornalísticos ou outros mais midiáticos, defendendo, por sua vez, a autonomia da universidade. Quanto mais dependentes das atuações na mídia, mais eles vão defender a ideia de um “intelectual pop”. Vê-se também como princípios de hierarquização antagônicos concorrem no campo universitário e como essas disputas giram em torno deles – muitas vezes, tomando-os como intrinsecamente interligados e não considerando as concorrências entre os mesmos:

a hierarquia social segundo o capital herdado e o capital econômico e político atualmente detido se opõe à hierarquia específica, propriamente cultural, segundo o capital de autoridade científica ou de notoriedade intelectual. Esta oposição está inscrita nas próprias estruturas do campo universitário que é o lugar de confronto entre dois *princípios de legitimação* concorrentes: o primeiro, que é propriamente temporal e político, e que manifesta na lógica do campo universitário a dependência desse campo do ponto de vista dos princípios em vigor no campo do poder, se impõe cada vez mais completamente à medida que é elevado na hierarquia propriamente temporal que vai das faculdades de ciências às faculdades de direito ou medicina; o outro, que está fundado na autonomia da ordem científica e intelectual, se impõe cada vez mais claramente quando se vai do direito ou da medicina às ciências (BOURDIEU, 2013, p. 78).

É importante ressaltar também as mudanças que foram se operando no jornalismo, as quais foram traçadas com maior detalhe na Parte III e desembocaram em um contexto mais contemporâneo na Parte IV da tese. Além da transição de um jornalismo tido como mais

politicizado e mais vinculado à intelectualidade para uma associação ao discurso supostamente “técnico”, com dominância dos experts e associação às lógicas do chamado “mercado”, nos anos de 1980 e 1990 começaram a se definir também as linhas que pautaram as disputas a partir dos anos 2000: por um lado, a hegemonia televisiva, o encaminhamento de repórteres legitimados para a *Rede Globo*, a adaptação dos critérios jornalísticos valorizados ao mundo do audiovisual, a inserção de novos agentes forjados já na televisão e no rádio, as elevadas competições por audiência; por outro, a entrada da Internet, das agências de notícia (sobretudo, as do mercado financeiro), a hiperconcorrência, a velocidade extremada, a convergência midiática, a segmentação do mercado e, mais tarde, a precarização do trabalho nas redações, as demissões e instabilidades constantes. Nesse sentido, também os jornalistas passaram a conviver com lógicas mais midiáticas, no sentido de mais ligadas ao entretenimento, à audiência, à repercussão, à visibilidade e à fama, à publicidade e à venda de si mesmos.

Nesse polo, as disputas foram sendo traçadas em torno da “independência” e dos critérios de legitimação profissional, opondo os representantes dos grandes conglomerados de comunicação (jornalistas *mainstream*, mas também certos especialistas, polemistas e até militantes) e aqueles que se realocaram nos blogs progressistas (jornalistas blogueiros, alguns acadêmicos e alguns militantes), que passaram a defender medidas de democratização dos meios de comunicação, regulação econômica da mídia, combate aos monopólios midiáticos e defesa das práticas do jornalismo blogueiro.

No cenário mais contemporâneo, também são observadas outras transformações relevantes: por um lado, a expansão das universidades e o consequente aumento da oferta de jovens com formação superior²²⁸. Esse contingente pode ser considerado em pelo menos dois sentidos: uma elevação de diplomados, com expansão da mão de obra em busca dos postos de trabalho mais qualificados; um público consumidor ávido por novas formas e novos produtos de consumo cultural. Por outro lado, as mudanças no mercado de produção de informação, com

²²⁸ Singer (2018) e Ridenti (2018) apontam o enorme crescimento do acesso ao ensino superior brasileiro, que passou de 100 mil universitários nos anos 1960 (sendo a população brasileira de cerca de 70 milhões de pessoas) a mais de dois milhões e meio de universitários em 2000 (com uma população de 170 milhões), sete milhões de universitários em 2013 – incluindo os de ensino à distância (com uma população de cerca de 201 milhões) – e mais de oito milhões de estudantes de ensino superior em 2015 (RIDENTI, 2018). A maior parte desse contingente, porém, está nas universidades privadas, que atendiam mais de 73% dos alunos em 2013, “confirmando a tendência que vinha do tempo da ditadura militar, quando os matriculados na escola pública passaram a ser minoria.” (RIDENTI, 2018). Além disso, o autor afirmou que, “de 2000 a 2013, os matriculados nas escolas privadas quase triplicaram, mas também houve aumento do ensino estatal, que mais do que dobrou o número de alunos atendidos em menos de 15 anos, chegando a quase dois milhões em 2013” (RIDENTI, 2018). Nesse novo contingente de universitários, destaca-se o aumento da presença de mulheres, não-brancos e pobres (RIDENTI, 2018; SINGER, 2018). Porém, a despeito do acesso às universidades, essas pessoas não viram suas rendas e condições de vida se elevarem substancialmente, sobretudo a partir da crise econômica dos últimos anos.

o surgimento de grandes portais, gerando concorrência aos meios de comunicação mais tradicionais, assim como a entrada das redes sociais de empresas internacionais, como *Facebook*, *Twitter*, *YouTube* e *Instagram*, levaram a um enxugamento das redações tradicionais e, ao mesmo tempo, um aumento de investimentos na Internet. Nesse cenário, a televisão, ainda que também sofrendo várias mudanças e ameaças, permanece tendo um lugar central na indústria cultural brasileira. Nesse mercado, a concorrência entre os agentes se tornou ainda mais agressiva. Escritores, jornalistas e outros profissionais da cultura, sem lugar de prestígio ou de estabilidade nas universidades ou nas grandes redações, passaram então a investir fortemente em atuações nas redes sociais, angariando uma clientela fiel para seus vídeos, colunas, cursos, palestras e livros.

Além disso, houve uma transformação na vida intelectual dominante, que é possível de ser observada, inclusive, na trajetória de alguns dos agentes aqui estudados. Alguns viveram em um contexto em que poucos alunos (relativamente ao contingente atual) acessavam a universidade, formando-se em departamentos voltados à constituição de uma elite, nos quais se tornariam posteriormente professores, tendo um lugar relativamente garantido na imprensa para expressarem suas posições, já que a vida de certas redações mantinha uma interligação forte entre intelectuais e jornalistas. Nas últimas décadas, porém, a imprensa tornou-se mais separada da universidade, a concorrência mais acirrada entre essas instituições em torno do arbítrio cultural (MICELI, 2016; CHIARAMONTE, 2015) e entre os agentes que vão ocupar espaços nessas instituições assim como o mercado se tornou mais segmentado (fruto também do aumento da escolaridade e das condições econômicas da população assim como das desigualdades da sociedade brasileira).

No contexto dessas transformações acompanhadas de um crescente predomínio da iniciativa privada no sistema educacional e da manutenção da hegemonia da indústria cultural (em um país ainda com assimetrias extremas), o que se verificou foi uma maior dependência desses intelectuais midiáticos em relação às lógicas mercadológicas expressas nas concorrências publicitárias, nos espetáculos de entretenimento, nas reações das audiências e seguidores. Essa influência mercadológica passou a operar com mais força mesmo em alguns setores da academia, dotada historicamente de mais autonomia do que o jornalismo, por exemplo. Inserindo sobre a produção e o debate acadêmicos princípios diversos, essas forças têm operado no sentido de redução da autonomia universitária²²⁹ – não sem resistência, é claro.

²²⁹ Uma matéria da *GQ Brasil*, de fevereiro de 2021, intitulada *Os influenciadores do conhecimento*, apresentava a seguinte chamada: “Os negacionistas que lutem: com lucidez, repertório e carisma, divulgadores científicos e pensadores estão conquistando seguidores, engajamento e até #publis nas redes sociais e fora delas. Algumas

Mas, além disso, elas operam também no sentido de cristalizar e justificar determinadas distinções e assimetrias, embora seus discursos possam querer indicar outro movimento. Por um lado, a televisão e as redes sociais têm um grande alcance e, mesmo que por vias diferentes (massificação e segmentação), acabam por conseguir mobilizar a audiência e os seguidores, atuando como uma espécie de ponta de lança. Por outro lado, os grandes jornais ainda detêm um poder de influência em torno de decisões econômicas e políticas, tendo suas colunas, editoriais e reportagens repercutidas na televisão e nas redes sociais. São neles que escrevem os que “operam” na política e no mercado financeiro. Da mesma forma, o núcleo da vida intelectual mais legitimada, com produção extensa de pesquisa e conhecimento, ainda se dá em torno das universidades públicas e pelos mais acadêmicos, ainda que com a concorrência de certos centros privados de pesquisa e certos experts.

Esses processos de transformação no mercado de opiniões engendraram ou fortaleceram algumas lógicas observadas nas produções desses agentes: a lógica da distinção, a lógica da circulação e a lógica da simulação do debate.

1.1 A LÓGICA DA DISTINÇÃO

As diferenças na posição dos agentes no espaço social guardam relações de homologia com as distinções entre os programas que eles frequentam, as críticas e apresentações que recebem de suas obras, as linguagens que acionam e as performances que desempenham – as quais, por sua vez, reforçam também a posição desses agentes no espaço social. Enquanto os livros (sem contar as produções ficcionais, considerando as de divulgação de conhecimento e discussão política) dos mais polemistas e militantes, em geral, são exaltados por sua linguagem acessível, fácil, que agrada o gosto médio (ver subcapítulo 1.2 desta Parte); os livros dos mais especialistas e acadêmicos são elogiados pela erudição, pela rigidez da análise, pela riqueza dos dados e linguagens (como pode ser observado nos exemplos abaixo); e os dos mais jornalistas se sobressaem por apresentar reportagens ou bastidores reveladores, investigações importantes a partir do olhar de repórter. Da mesma forma, os programas que os agentes frequentam também correspondem a uma hierarquia social dos gostos. Mas, além das distinções entre as três hierarquias observadas no mercado de opiniões, há também aquelas entre o polo mais cultural

vezes, porém, seus haters estão nas próprias universidades” (MEDINA, 2021). Ao longo da matéria, a resistência da universidade era citada: “Existem muitas histórias de caça às bruxas a quem ousa insistir na tarefa durante os estudos de pós-graduação. Há quem denuncie às agências de fomento que o pesquisador grava para o seu canal no YouTube em vez de estar escrevendo a tese” (MEDINA, 2021). Assim, a atividade de divulgação científica e o investimento nas redes, mesmo em meio à publicidade, são exaltadas pela imprensa em contraposição à atividade acadêmica mais autônoma, ganhando cada vez mais adeptos e legitimidade.

e o mais econômico ou entre o polo mais à direita e o mais à esquerda de cada uma delas. Vejamos, então, algumas cenas capazes de ilustrar essas distinções em termos de gosto e estilo.

Cena 1

Em 2019, o jornalista Bob Fernandes entrevistou o filósofo Vladimir Safatle para o programa da *TVE da Bahia*, *Entrevista Especial*, com uma hora de duração, em que conversaram sobre o livro de Safatle *Dar corpo ao impossível – o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno* (SAFATLE, 2019b).

Cena 2

Em julho de 2014, o jornalista Luís Nassif conversou com os economistas Luiz Gonzaga Belluzzo, José Carlos de Assis e Roberto Luis Troster sobre o livro de Thomas Piketty, *O Capital no século XXI*, no programa *Brasiliannas.org*, que era exibido na *TV Brasil*, com 50 minutos de duração.

Cena 3

O jornalista Mario Sergio Conti entrevistou o cientista político André Singer para o programa *Diálogos com Mario Sergio Conti*, da *Globo News*, em novembro de 2016. O programa tem aproximadamente 30 minutos de duração. Nele, o apresentador ressaltou as características do livro de Singer: “o teu balanço é muito rígido, muito rigoroso, muito bem fundamentado (...)” (DIÁLOGOS..., 2016).

Cena 4

Em 2017, a jornalista Míriam Leitão conversou com os economistas Samuel Pessôa e Edward Amadeo, no programa *Míriam Leitão*, da *Globo News*. O tema da conversa era: “Os caminhos da economia na crise política”, com a seguinte apresentação: “Para um programa sobre os cenários econômicos, eu estou aqui com dois excelentes economistas (...)” (PROGRAMA DA MÍRIAM LEITÃO, 2017).

Cena 5

O jornalista Augusto Nunes conversou com o historiador Marco Antonio Villa no Programa *Aqui Entre Nós*, da *TVeja*. No vídeo intitulado *A oposição esquece que o povo quer impeachment*, de setembro de 2015, eles discutiam o avanço da proposta do impeachment de Dilma Rousseff.

Cena 6

O *Jornal do SBT* foi apresentado de 2011 a 2020 por Rachel Sheherazade, ao lado de jornalistas como Joseval Peixoto e Carlos Nascimento. Até 2014, a âncora fazia comentários opinativos, reconhecidos pelo tom polêmico, no noticiário. No dia 04 de fevereiro de 2014, Sheherazade defendeu a ação de justiceiros, na Zona Sul do Rio de Janeiro, contra um garoto negro de 15 anos, suspeito de cometer furtos:

“É. O marginalzinho amarrado ao poste era tão inocente que em vez de prestar queixas contra os seus agressores, ele preferiu fugir, antes que ele mesmo acabasse preso. É que a ficha do sujeito está mais suja do que pau de galinheiro. No país que ostenta incríveis 26 assassinatos a cada 100 mil habitantes, que arquiva mais de 80% de inquéritos de homicídio e sofre de violência endêmica, a atitude dos “vingadores” é até compreensível. O Estado é omissivo, a polícia desmoralizada, a justiça é falha. O que resta ao cidadão de bem que ainda por cima foi desarmado? Se defender, é claro. O contra-ataque aos bandidos é o que eu chamo de legítima defesa coletiva de uma sociedade sem Estado contra o estado de violência sem limite. E aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do marginalzinho preso ao poste, eu lanço uma campanha: Faça um favor ao Brasil, adote um bandido” (SHEHERAZADE, 2014).

Cena 7

Em setembro de 2016, os jornalistas Kiko Nogueira e Marcelo Godoy realizaram uma entrevista com o jornalista Fernando Moraes para o programa do *Diário do Centro do Mundo (DCM)* na TVT, com título: “Nunca imaginei viver o golpe de novo”, diz Fernando Moraes.

Cena 8

Em fevereiro de 2018, o economista Rodrigo Constantino entrevistou a jornalista Joice Hasselmann em seu canal no *YouTube*, tendo este diálogo inicial:

“Rodrigo Constantino: Olá, bem-vindo a todos. Rodrigo Constantino. Estou aqui com a ilustre visita de Joice Hasselmann, jornalista, polêmica, como gostam de dizer para quem fala a verdade [risos]

Joice Hasselmann: [risos] Para quem fala a verdade...

Rodrigo Constantino: Para quem desafia o status quo, para quem busca o conhecimento e a verdade. E hoje, nós vamos inverter um pouquinho: ela está acostumada a entrevistar muita gente, hoje ela vai ser entrevistada.

Joice Hasselmann: Não, na tua casa.

Rodrigo Constantino: Na minha casa.

Joice Hasselmann: Tomando vinho.

Rodrigo Constantino: Estamos aqui em Weston. Tin-tin

Joice Hasselmann: Tratamento Vip.

Rodrigo Constantino: À eminente prisão de Lula” (CONSTANTINO, 2018e).

Cena 9

O programa *Manhattan Connection* foi criado em 1993, sendo transmitido diretamente de Manhattan, em Nova York, pelos canais fechados *GNT* (até 2011) e *Globo News* (até 2020). Em 2021, ele foi transferido para a *TV Cultura* – com mudanças que não foram consideradas na descrição seguinte. Apresentado por Lucas Mendes, Caio Blinder, Pedro Andrade e os nomes estudados neste trabalho Diogo Mainardi e Ricardo Amorim, o programa ia ao ar aos domingos às 23h. Pelo programa passaram nomes também conhecidos pela polêmica, como Arnaldo Jabor e Paulo Francis.

Cena 10

Às marcas que caracterizam o *Manhattan Connection*, contrapõe-se a estética do *Havana Connection*, que foi comandado por Leonardo Sakamoto, Guilherme Boulos, Jean Wyllys e Laura Capriglione, e transmitido no site do UOL, a partir de 2015.

Os primeiros programas mencionados – que demonstram a interlocução e a homologia de posição entre os jornalistas (mais *mainstream* ou mais blogueiros) e os especialistas e acadêmicos – reproduzem uma estética valorizada no jornalismo profissional, marcado pela performance da seriedade e do equilíbrio, expressa nas roupas dos agentes (terno e gravata, *tailleur*, salto alto), na disposição dos cenários (com afastamento entre as cadeiras dos jornalistas e convidados), nos tons e gestos adotados (cordiais, sóbrios, contidos e ponderados). Seja na *Globo News* ou nas televisões públicas, *TV Brasil* e *TVE da Bahia*, eles compartilham e/ou reproduzem em alguma medida esses valores estéticos. Mas enquanto nos programas da *Globo News* predominam debates sobre a conjuntura e os rumos político-econômicos mais imediatos; nas televisões públicas, a discussão adota análises com maior nível de abstração, mesclando avaliações sobre a conjuntura com reflexões sobre o capitalismo mundial e a vida contemporânea, sobre conceitos filosóficos, sociológicos e econômicos. Com durações mais prolongadas que outros programas televisivos (em torno de 50 ou 60 minutos), os entrevistados conseguem formular respostas mais elaboradas, citar obras clássicas da literatura, explicar certos conceitos, sem serem interrompidos recorrentemente pelos entrevistadores ou outros comentadores. No canal fechado da *Globo*, o tempo disponível é menor para as respostas (os programas têm cerca de 30 minutos de duração), e os jornalistas atuam com mais ênfase no sentido de guiar o caminho do diálogo. De toda maneira, parece se estabelecer entre entrevistadores e entrevistados afinidades em termos de visões de mundo, em uma dinâmica em que eles expressam concordâncias.

Já os programas transmitidos na Internet, como *TVeja*, ou em veículos mais populares, como *SBT*, reproduzem em parte essa estética do jornalismo dito profissional (com as bancadas do noticiário, as roupas mais formais), adotando, ao mesmo tempo, tons mais incisivos e reações menos contidas – em que jornalistas e comentadores dão risadas, falam em tons indignados, empregam expressões contundentes, fazem gestos mais enfáticos. No diálogo entre Augusto Nunes e Marco Antonio Villa assim como no comentário de Rachel Sheherazade, ganham destaque as acusações, as revoltas, as palavras de ordem, as ironias, os deboches, as frases de efeito, a fala voltada para a câmera – em que não só ficam explícitas as afinidades entre o jornalista e o comentador, mas também a busca por fixar uma identificação direta com os públicos presumidos.

Os programas com tons mais militantes (à esquerda ou à direita) e exibidos na Internet se contrapõem com mais força a essa estética sóbria, adotando já no cenário e nas roupas um certo relaxamento por um lado (já que eles não são gravados em estúdios, mas sim em ambientes caseiros) e escolhas que marcam a posição política por outro (tais como bandeiras e camisas). Da mesma forma, gravados na casa dos participantes (como a de Fernando Moraes; e a de Rodrigo Constantino), os programas apontam espaços com características diferentes: no caso da entrevista do DCM com Moraes, compõem a cena os livros, posters de obras do entrevistado, esculturas, troféus profissionais recebidos; já na *live* de Constantino com Hasselmann, o cenário é o jardim da casa, com uma rede e uma piscina ao fundo. Essas conversas se desenrolam enquanto os participantes fumam charuto (no caso de Moraes) ou bebem champagne (no caso de Constantino e Hasselmann), usam roupas mais confortáveis e se comportam de formas mais íntimas e informais. Os gestos ainda mais expansivos (dedos apontados e risadas) e as posturas ainda menos controladas (detalhes como ajeitar o cabelo, coçar o olho ou a orelha, colocar a mão no queixo, apoiar-se ou bater na mesa, cutucar o outro) contrapõem-se a toda dinâmica dos programas de televisão, em que os tempos, as falas, as gesticulações, as posturas são relativamente calculadas e contidas.

Mas, além desses programas, os dois últimos citados – o *Manhattan Connection* e o *Havana Connection* – são ilustrativos das distinções estabelecidas entre esquerda e direita, explicitando mais do que diferenças de ideias, mas em termos de gostos, estilos de vida e escolhas estéticas – ainda que, em ambos os casos, elas sejam apresentadas de forma um tanto estereotipada. Agrupando figuras mais ligadas à direita, o *Manhattan Connection* se destaca também por um tom mais elitista – de saída, já evidenciado por sua conexão com Nova York e Veneza. Os trajes mais sociais – terno e gravata, pulôver ou blusa de gola alta, camisa social – e os cenários – a bancada no Rio de Janeiro e em Nova York, com as janelas de vidro que

deixam ver as cidades atrás ou a estante de livros de Diogo Mainardi em seu espaço em Veneza – evidenciam as marcas de classe do programa. A abertura com imagens de Nova York é acompanhada de uma música tema, em som de jazz, com a seguinte letra: “Manhattan Connection. Cool tips, some fashion, hot news and great attractions for total satisfaction, Manhattan Connection”. O programa apresenta como proposta a abordagem de assuntos como “política, economia e cultura, além de dicas sobre Nova York”, conforme se lê em sua sinopse em seu site.

Em uma nítida sátira ao *Manhattan*, o *Havana Connection* também se propunha a discutir temas de política, economia e cultura, porém, “sob um ponto de vista de esquerda – seja lá o que significar ser de esquerda hoje em dia”, conforme Sakamoto afirmou na abertura do primeiro programa. Ao som de *Buena Vista Social Club* ao fundo, com imagens de Cuba e uma montagem gráfica em que os quatro participantes viajavam em um carro verde, a abertura afirmava: ““Ao invés de atender ao pedido de ultraconservadores “Vá para Cuba!”, o programa trouxe Cuba para cá”, demonstrando de antemão seu lugar de reação. O cenário era uma mesa de bar, com imagens da ilha atrás e também fotos de Che Guevara; os participantes usavam roupas mais informais que as dos comentaristas do *Manhattan Connection*, como calça jeans e camiseta, blusa polo, camisa de botão com as mangas dobradas e, no máximo, um blazer despojado. Assim, como o oposto do programa tradicional dos canais fechados da *Globo*, este, comandado por Leonardo Sakamoto, trazia à tona os símbolos de uma determinada esquerda: a boemia, o imaginário socialista, o despojamento nos trajes e na conversa, buscando se contrapor ao estilo elitista do *Manhattan*, associado a uma certa direita *cool* e pretensamente sofisticada.

1.2 A LÓGICA DA CIRCULAÇÃO

Os intelectuais midiáticos estudados neste trabalho acumulam um volume imenso de produções audiovisuais e escritas, que vão desde os livros e colunas sobre política, economia e sociedade até a inspiração de personagens em filmes sobre eventos da história brasileira ou a criação de obras de ficção, passando pelas participações em programas de debate, entrevista e entretenimento assim como pelas intervenções nas redes sociais. A lógica da intensa circulação por espaços, veículos, programas e assuntos perpassa as três hierarquias do mercado de opiniões de maneiras e alcances diferentes.

Há, porém, movimentos que concorrem entre si (sobretudo, no polo dos mais polemistas): por um lado, os agentes que não alcançaram ou perderam prestígio veem suas

esferas de circulação reduzidas ao espaço da Internet, a alguns canais mais polêmicos ou com características políticas bem demarcadas, ou ainda a veículos de perfil mais popular; por outro lado, quando na crista da onda e se dotados de determinados capitais (como o acadêmico ou o artístico), conseguem manter um terreno de circulação muito mais extenso. Para citar um exemplo, vejamos algumas das atuações de Luiz Felipe Pondé:

Cena 1

O filósofo Luiz Felipe Pondé professa uma palestra sobre o sentido dos termos “liberal” e “conservador” no programa *Café Filosófico*, transmitido pela *TV Cultura*, em agosto de 2017. Com pouco mais de 50 minutos, o episódio era parte da série *Visões da justiça*, que teve a curadoria de Fernando Schüller. Diante de um público atento, que se acomoda em mesas pequenas e redondas, enquanto consome alguma bebida; sentado atrás de uma mesa, onde há uma taça de água e outra, possivelmente, de vinho; o tom é de um professor a explicar aos alunos o tema da noite:

“É um prazer estar aqui de novo, para gente conversar um pouco de política. E, especificamente, que é o meu objeto hoje da conversa com vocês, sobre isso que significa ser liberal e conservador. (...) quando acabou a ditadura, você tinha como tem até hoje, as universidades basicamente reproduzindo um tipo de pensamento que a gente pode chamar de mais à esquerda, certo?, mesmo as redações de jornais, de revista, de televisão, como é ainda hoje em grande medida, hoje já é um pouco diferente, mas quando acaba a ditadura e os anos seguintes, a gente percebe que do ponto de vista da produção de conhecimento, a universidade – não precisa nem falar, até hoje né, a universidade até hoje –, ela é bastante homogênea ou quase homogênea – ciências humanas eu quero dizer, tá?! – você tem ainda uma presença importante de um pensamento que a gente pode chamar de pensamento à esquerda, ainda que esse pensamento seja muito variado também (...)” (PONDÉ, 2017).

Cena 2

O *Globo News Painel*, apresentado por William Waack, de 2000 a 2017, já teve também em algumas de suas edições o filósofo Luiz Felipe Pondé. Voltado para a discussão de temas políticos e econômicos do momento, o programa reúne especialistas que, além de tecer análises sobre a conjuntura, propõem soluções assim como fazem projeções sobre o país e o mundo. No dia 4 de novembro de 2017, último programa comandado por William Waack (demitido depois que seu vídeo com comentário racista vazou na Internet), Pondé esteve entre os convidados a discutir os *Cem anos da Revolução Russa*, ao lado do professor de ética e política Roberto Romano e do ensaísta e tradutor Luiz Sérgio Henriques.

“(...) William Waack: Não sei se é isso que veio a sua cabeça. O programa começou erudito, hein, Pondé.

Luiz Felipe Pondé: [risos] Então, eu acho que os partidos não conseguem realizar utopia social, né. (...) Agora, eu aproveitaria também, William, para responder uma coisa que, quando você falava com os telespectadores, você falava da importância do tema hoje, no sentido que não é uma coisa que aconteceu há 100 anos atrás só. Mas, hoje, é importante.

William Waack: Não. O *Painel* não é um programa de história. O *Painel* é um programa de assuntos correntes. Luiz Felipe Pondé: Então, eu acho que isso é absolutamente consistente o que você fala, porque nas universidades a gente viu e vê todo esse ano o número de eventos associados ao Trotsky (...)" (PAINEL, 2017).

Cena 3

Luiz Felipe Pondé é um dos especialistas frequentes do telejornal *Jornal da Cultura*, da TV Cultura, televisão pública ligada ao estado de São Paulo. Ao longo do noticiário, é chamado pelo apresentador a fazer comentários sobre assuntos diversos, indo de política à economia, educação à segurança pública. Para citar um exemplo, no dia 16 de fevereiro de 2018, após uma matéria sobre um massacre na Flórida, o seguinte diálogo foi exibido:

“Âncora: Então, agora, volta aquele assunto: controle de armas ou não? Esse é o problema?

Luiz Felipe Pondé: Não, eu não acho que, eu acho que essa é uma questão. Eu não sou... eu não vejo isso do ponto de vista ideológico. A semana passada, ou duas semanas atrás, a semana passada, isso foi tema, pauta aqui no jornal.

Âncora: Sempre é tema. É recorrente.

Luiz Felipe Pondé: Mas foi especificamente. Teve matéria sobre isso também. E surgiu o tema. Eu não acho que a gente dê para dizer assim, matematicamente, de forma imediata que a proibição de armas, ela significa menor violência. Porque se a gente for pôr no papel, o Brasil é infinitamente mais violento, tem muito mais homicídio e muito mais crime do que isso que acontece nos Estados Unidos. E aqui no Brasil só quem pode ter arma é bandido... e policial, né. Nos Estados Unidos, inclusive, se você fala para um americano que aqui no Brasil você é estimulado a, quando alguém invade a sua casa, você ceder tudo, ele dá risada de você, porque nos Estados Unidos a cultura é outra. A arma está associada à independência, à autonomia, à liberdade, isso é profundamente arraigado. (...)" (JORNAL DA CULTURA, 2018).

Cena 4

No dia 05 de julho de 2012, ia ao ar o primeiro episódio do programa *Na Moral*, na *Rede Globo*, apresentado por Pedro Bial. Classificado como um programa de auditório e variedades, sua proposta era “expor e debater diversos temas sob diferentes pontos de vista” (MEMÓRIA GLOBO). Exibido às 23h30 e com 45 minutos de duração, o programa girava em torno de um tema discutido, geralmente, entre três principais debatedores, músicos, convidados que entravam e saíam no estúdio, um auditório que era chamado a reagir pelo apresentador e um público na rua. O primeiro episódio vinha com a pergunta: “Vivemos em uma ditadura do politicamente correto?”. Entre os convidados, o jornalista Antônio Carlos Queiroz, autor do livro *Politicamente Correto & Direitos Humanos*; a atriz e humorista Maria Paula Fidalgo, que ficou conhecida pela atuação no programa humorístico *Casseta & Planeta*; e o filósofo Luiz Felipe Pondé, então apresentado como autor do livro *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*.

Pedro Bial: É viado, bixa ou homossexual? Como se fala? Crioulo, negro, pessoa de cor ou afro-brasileiro? Como se diz? Quando? Por que? Quem sabe? Quem diz como se diz? Quem manda? Quem obedece? Na moral? Na Moral, bem-vindos, muito bem-vindos. Mas será? Será que estaríamos mesmo vivendo sob uma ditadura? A ditadura do politicamente correto? É o que pensa o nosso convidado Luiz Felipe Pondé, filósofo, professor. É o que não pensa o, do outro lado do ringue – ô, do palco –, Antônio Carlos Queiroz, jornalista. E no meio, entre os dois senhores, a eterna musa do Casseta, com todo o carinho, Maria Paula. Aqui, pilotando o nosso DJ, hoje, brincando, afinal, crioulo, negro ou mineiro, Alexandre Pires?

Alexandre Pires: É isso aí. É tudo isso aí mesmo.

Bial: “Tudo isso aí” é uma resposta mineira [risos]. Maria Paula, como você chama os seus amigos negros?

Maria Paula: Depende. Se for gatinho que nem o Alexandre Pires, eu chamo de gostoso [risos]. Eu, geralmente, escolho meus apelidos independente da cor.

Bial: Antônio Carlos Queiroz, você que escreveu a cartilha do politicamente correto, a gente vai falar mais sobre a cartilha, mas por que que você acredita que esse pensamento politicamente correto é sempre necessariamente democrático?

Antônio Carlos Queiroz: Porque nós vivemos não uma ditadura do politicamente correto, mas uma ditadura, no Brasil, onde as pessoas ainda são escravizadas, onde as pessoas são vítimas de racismo, onde as pessoas que cometem crimes de bagatela, roubando um shampoo, passam seis meses na cadeia sendo torturadas. É por isso que a gente precisa combater essa ditadura.

Bial: Você está... parece que você está num palanque. Você está falando como se a gente estivesse falando da macropolítica. A gente está falando dos pequenos pecadinhos de todo dia. Você é inocente?

Antônio Carlos Queiroz: É que eu me empolguei.

Bial: Ah. Vamos ouvir a opinião, que eu presumo que seja oposta, de Luiz Felipe Pondé. Por que que você afirma que o politicamente correto é sempre autoritário?

Luiz Felipe Pondé: Primeiro, eu não acho que a gente vive numa ditadura do politicamente correto, porque essas ideias não se tornaram leis. Se elas se tornarem leis, então, assim como na Alemanha Nazista, você tinha regras de como usar palavras e cartilhas para usar essas palavras, virariam lei e daí a gente viveria uma ditadura. (NA MORAL, 2012).

Cena 5

No dia 18 de março de 2019, Luiz Felipe Pondé foi um dos convidados do programa *Pânico*. Transmitido na *Jovem Pan* desde 1993, ele tem como característica o humor eschachado, indo ao ar de 12h às 14h no rádio, com os vídeos

dos programas sendo postados em seu canal do *YouTube*. Apresentado por Emílio Surita, com a participação de outros integrantes, ele é conhecido por trazer polêmicas.

Vinheta do Programa *Pânico*: “[Sons de corneta] Está no ar! Está no ar! Vai começar! Sai desse banheiro! Só não esquece de limpaaaaaar! Pânico! Tire as crianças da sala. Pânico! Tranque o Leão na jaula. PÂN-NI-CO. Microfone ligado, convidado sentado. Ouve essa merda se não nós tá desempregado. Pânico! Pânico! O programa do sensacional! Sensacional! Sensacional! Sucesso! Onde? Onde? [...] Pânico! É, nós ouvemos”.

“Emílio Surita: Muito bem. Hoje, uma presença ilustre nesse programa. Temos aqui o Pondé, o Luiz Felipe Pondé, ele que é um professor, filósofo, lançando a *Filosofia do cotidiano*. O que é? É um pequeno tratado sobre questões menores... por exemplo, coisas leves, não vamos ficar aqui falando de nada que você não saiba, por exemplo, o medo do outro, a perda do tesão, temos aqui também... várias coisas... o dia a dia. [falas de outros locutores]

Locutor: Letras bem grandes para todo mundo ler. Letras bem grandes no livro. A fonte... a fonte grande para todo mundo ler. Filosofia para iniciantes.

Emílio Surita: Um livro fácil.

Locutora: O livro é fácil mas as questões são profundas...

Emílio Surita: Claro!

(...)

Emílio Surita: (...) Esse aqui também é um bom livreto, é *Filosofia do Cotidiano*, ou seja, o afegão médio gosta. [risos] pelo seguinte, eu vou explicar para vocês: porque o cara que gosta de Filosofia é um trabalho muito... é muito...

Locutor: Árduo...

Emílio Surita: Não é que é árduo. É uma doença... se você pegar mero [sic], você pega lá... “ah, vou estudar Filosofia”. Aí você vai estudar Kant, você não entende o que o cara escreve, aquele Hegel também... você não entende... você pega um livro, você acha que você é louco, porque você começa a ler e você não entende o livro. Ai, ele pega, que nem Paulinha, que começou a ler o livro e falou: “Emílio, que livro maravilhoso, porque as perguntas são muito simples, é uma coisa muito simples... mas é muito profundo”. Porque o Pondé vai lá e dá uma...

Locutor: É didático né?

Emílio Surita: Não. Ele dá uma...

Locutor: Resumida...

Emílio Surita: Não é resumida...

Locutor: Uma mastigada...

Locutora: Coloca de uma forma mais informal...

Emílio Surita: É o que, Pondé?

Pondé: Eu, assim, primeiro que o livro, o subtítulo é: “Um pequeno tratado sobre questões menores” pelo fato de que eu não vou discutir coisas como “Dá onde a gente veio, para onde a gente vai, Deus existe?” né.... Eu vou discutir coisas que você acorda de manhã e se pergunta “para que levantar da cama?”, “devo ter filho ou não devo?”, “trabalhar só para dinheiro ou não...?”. Não tem nada de pequeno, mas são questões cotidianas. E o que eu faço, na verdade o que aconteceu foi o seguinte, desde que... eu aprendi a escrever muito depois que eu assinei a coluna da *Folha*, há 10 anos atrás, agora 11 anos. E aí você, quando escreve para jornal, você descobre que escrever é uma relação no mínimo a dois. Quando você tá na universidade, você não sabe disso, você escreve para você mesmo. Então, você não tem a preocupação com a recepção da mensagem. (...)” (PÂNICO, 2019b).

Vários dos mais polemistas e militantes, assim como Luiz Felipe Pondé, circulam por espaços com diferentes propostas, estilos e públicos. Indo de programas tidos como mais culturais – tais como o *Café Filosófico* – ou mais informativos – como o *Jornal da Cultura*, da *TV Cultura* – até os de auditório e entretenimento – como o *Pânico*, da *Jovem Pan*, e o *Na Moral*, da *Rede Globo* –, passando pelos de debate e entrevista de canais fechados – como o *Painel*, da *Globo News* –, eles conseguem atingir faixas de público variadas, alcançando, por um lado, a legitimidade no mercado de opiniões que determinados programas detêm, e, por outro, a abrangência que outros permitem.

Programas como os de entretenimento citados acima possibilitam a esses intelectuais midiáticos reverberar suas expressões e ideias-chaves, popularizando e celebrizando suas figuras. Apresentados como intelectuais que escrevem “fácil”, com livros acessíveis ao gosto “médio”, eles se tornam “filósofos pops” ou “intelectuais pops”. Em programas como o *Pânico*, as falas dos convidados são constantemente entrecortadas por comentários dos diversos locutores do programa, em que uma se sobrepõe a outra, buscando sempre provocar risos, reações indignadas, falas mais contundentes, que gerarão audiência e compartilhamentos na Internet. No vídeo do programa, um estúdio relativamente apertado, decorado com cores fortes, em que figuras mais jovens dominam o lugar compõem o cenário. No áudio, marcam a emissão os tons de fala mais altos, competindo entre si, intercalados com efeitos sonoros de reação aos comentários, vinhetas do programa, músicas, repetições de certas palavras, palavrões e piadas.

Já no programa *Na Moral*, também de entretenimento, mas dessa vez da *Rede Globo*, certos elementos também se repetiam: as falas intercaladas, o cenário mais colorido, o estúdio repleto de jovens, os efeitos sonoros, músicas e palmas entre as discussões. Por outro lado, enquanto o *Pânico* não tem edição, e a mistura de sons é de sobreposição; no *Na Moral*, as partes eram editadas e as intercalações eram bem demarcadas e controladas, uma começando após o término da outra, em um fluxo no qual o apresentador e a edição conduziam cada figura a falar em seu momento destinado. O programa se pretendia dinâmico, ao misturar “debate sério”, humor e entretenimento. Por um lado, instigava o combate; por outro, cravava um suposto consenso, direcionando as perguntas e respostas, por meio das reações do apresentador, dos convidados e da audiência. Simulava-se a ideia de que todos tinham uma opinião a expressar sobre o tema; mas, mais uma vez, a figura do especialista era acionada no intuito de levantar as análises legítimas; e, por fim, o apresentador (assim como a edição do programa) controlava o jogo, demonstrando quais eram e quais não eram as posições razoáveis, decidindo conceder ou não mais espaço aos participantes, pontuando os comentários e estabelecendo as conclusões plausíveis.

Enquanto no *Pânico*, a alusão é ao banheiro (na vinheta), no *Na Moral*, ela era à sala de estar (pelo cenário, com tapetes e sofás). Ambos remetem, assim, ao espaço íntimo da casa, porém com diferenças substanciais: um ainda mantinha um certo ar de superioridade, com convidados e apresentador elegantes, cenas bem dirigidas, produção extensa, um debate pretensamente irreverente e liberal em termos de conteúdo, que mascarava em alguma medida a reprodução de práticas, gostos, ideias e posições conservadoras; o outro apela para o escracho, para o lugar mais sujo e rebaixado da casa, buscando simular uma abertura para tudo que não é legítimo e permitido em outros programas de TV e rádio, com uma estética que se pretende irreverente, mascarando, dessa vez, o evidente conservadorismo (e, por vezes, o reacionarismo) das ideias difundidas.

Já a presença em programas mais legitimados das emissoras públicas e dos canais fechados – sejam aqueles com um viés mais “cultural”, voltados para uma pequena burguesia com “boa vontade cultural”, sejam os de debate sobre a situação político-econômica do país – assim como as colunas na *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo* – levam esses colunistas a falarem para uma certa classe média, legitimando em certa medida suas tomadas de posição frente a esse público. Nesses programas, como o *Café Filosófico*, o ambiente informal das mesas de bar, onde a audiência se encontra, se mescla com a formalidade de um palco, em que o palestrante se situa. Entre a pretensão de simular uma “conversa” com seus espectadores e o tom professoral de quem está a ensinar um conteúdo específico, o programa tenta justamente tornar palatável, sem perder os aspectos de distinção, assuntos tidos como objeto de domínio dos iniciados. Já por seu nome, *Café Filosófico*, a busca é unir um momento informal – do café – com a erudição – a filosofia. Em posição de destaque, com roupas formais, tom professoral, expressão equilibrada, recobre-se também de legitimidade, perante aquele público, as ideias proferidas.

Nos telejornais, como o *Jornal da Cultura*, o tom é mais sério, de quem expressa preocupação com os acontecimentos do cotidiano do país, que vão da política à segurança pública; assim como de quem está apto a explicar a realidade social, propor soluções, apontar problemas que devam ser discutidos, tecer avaliações sobre as matérias e fatos apresentados no telejornal, tornando não apenas palatável, mas também direcionando para a audiência as interpretações legítimas dos acontecimentos. Os comentadores, nesses casos, assumem a posição de “especialistas-cidadãos” indignados com os rumos do país, que não apenas comentam os casos, mas também se solidarizam com as reações supostas dos telespectadores. Já no *Globo News Painel*, embora o episódio aqui elencado abordasse um tema mais histórico, o esforço é trazê-lo para o contexto atual, de modo que o personagem evocado, dessa vez, é o

do analista, influente, articulado, que percebe os rumos da política e da economia contemporâneas.

A circulação por diferentes espaços também se expressa na variedade de temas que abordam, ocupando o lugar de “especialistas generalistas”, que comentam desde eventos e processos históricos e culturais, questões da conjuntura política e econômica, até assuntos do cotidiano. Se em alguns programas, simulam a erudição e o debate mais “intelectualizado”, em outros, o destaque é para uma suposta “irreverência” e “acessibilidade”. As roupas de Pondé, aliás, parecem se adequar a cada um dos ambientes, embora o paletó e o tênis apareçam como constantes (mesclando o formal e o informal): nos telejornais e debates aqui citados, ele usa colete; nos programas de entretenimento, camisas coloridas ou estampadas.

De todo modo, o circuito extenso dos polemistas e militantes sofre sempre as ameaças constantes de uma redução abrupta, diante das instabilidades desse mercado, da dependência em relação aos públicos, da fragilidade de suas posições. A manutenção dessa extensão, com eficácia simbólica em diferentes espaços, atrela-se a uma certa dominância, com a detenção de trunfos diferentes (dos mais legitimados aos mais rechaçados). Conhecendo bem esse circuito, alguns desses agentes, dos quais Luiz Felipe Pondé parece ser o mais emblemático, dominam as regras do jogo e conseguem calibrar seus discursos, seus investimentos e suas estratégias no sentido de manter a circulação, a legitimidade e a eficácia simbólica em diferentes espaços, assuntos e públicos.

1.3 A LÓGICA DA SIMULAÇÃO DO DEBATE

Como intelectuais midiáticos, formadores de opinião, esses agentes participam com frequência de debates e entrevistas – seja na posição de entrevistadores e mediadores (principalmente, os mais jornalistas) ou entrevistados e debatedores. Em programas de características diferentes, esses debates também assumem diversas formas de expressão a depender do meio em que ocorrem. De maneira geral, porém, o que acaba prevalecendo é menos o conteúdo do que a performance adotada. Se em alguns casos, os debatedores estabelecem uma relação de cumplicidade, em outros, a performance é de confronto. Com tempos pré-estabelecidos, pouco espaço para o desenvolvimento de argumentos mais elaborados e tendo que modular a linguagem para um público mais amplo, a dinâmica parece servir mais para fortalecer os posicionamentos hegemônicos (a partir da relação de cumplicidade), criar polarizações e equivalências, reforçar as imagens de extremistas (no caso dos confrontos) e

produzir as ideias de pluralidade e de espaço para “os dois lados”, tão propagadas pelas empresas de comunicação mais *mainstream*. Ademais, em vários desses debates (ou entrevistas e comentários, como os citados nos subcapítulos anteriores), há também uma espécie de metadiscorso, em que os debatedores avaliam o próprio modelo de discussão dos grandes meios de comunicação, da academia ou da Internet. Cito abaixo alguns exemplos desses debates:

Cenas 1 – *Globo News*

Programas da *Globo News* como o *Painel* e o *Entre Aspas* buscam debater temas políticos e econômicos da atualidade, trazendo sobretudo os nomes que ocupam o polo dos mais especialistas (e alguns poucos dos mais acadêmicos) como convidados.

Cenas 2 – *TV Folha*

Em abril de 2016, a *TV Folha*, da *Folha de S. Paulo*, lançou o programa *Fla-Flu*, apresentado pelo repórter especial, Fernando Canzian, e trazendo a cada episódio duas pessoas de campos opostos do campo político para debater temas relacionados à crise política de 2016. No dia 16 de abril de 2016, Guilherme Boulos e Demétrio Magnoli foram convidados a discutir o impeachment. O vídeo foi apresentado com o título: “Boulos quer MTST nas ruas; Demétrio diz que decisão cabe ao Congresso”. No dia 29 de abril de 2016, o debate foi entre Marco Antonio Villa e Leonardo Sakamoto: “Villa e Sakamoto discutem rumos para PT e PSDB”. Já no dia 9 de maio de 2016, Laura Carvalho e Samuel Pessoa foram convidados para discutir as perspectivas econômicas do governo Temer, com o título: “Economistas divergem sobre otimismo com governo Temer”.

A vinheta do programa expressa, em alguma medida, as pretensões do mesmo: com a música “Na Cadência do Samba/Que Bonito É”, imagens de um estádio de futebol são sucedidas por uma de churrasquinhos na brasa, de

um viaduto acima de um rio, de bandeiras em um protesto (em uma delas com a inscrição do MTST), do pato da Fiesp (com a inscrição “NãoVouPagaroPato.com”), de quadros em uma sala de museu, e do jornal *Folha de S.Paulo*, retornando ao estádio, com os dizeres inscritos: Fla x Flu – duas ideias em campo, enquanto um locutor diz: “Fla-Flu, a festa de todos, dos torcedores ilustres e da multidão empolgada”.

Cena 3 – TV Cultura

O programa *Café Filosófico*, já descrito no subcapítulo acima, já apresentou programas com Luiz Felipe Pondé e Marcia Tiburi em que os dois debatiam temas sobre sexualidade, relacionamentos, o feminino e o masculino. Em 2009, foi exibido o programa *Filosofia na Alcova*.

“Marcia Tiburi: Então, o que que a gente faz agora? Você começa ou eu começo? A gente estava aqui combinando como é que a gente vai fazer essa conversa.

Luiz Felipe Pondé: É, eu ia falar “damas primeiro”, mas acho que você não vai gostar disso. Então, eu posso começar [risos da plateia e de Pondé]. Você quer começar?

Marcia Tiburi: Tanto faz.

Luiz Felipe Pondé: Tá.

Marcia Tiburi: A gente pode até pressupor que as damas sempre vão começar primeiro. Já pode assim causar um frisson interessante nessa conversa.

Luiz Felipe Pondé: É, legal. Legal.

Marcia Tiburi: Ou seja, você começa.

Luiz Felipe Pondé: Tá bom. [risos da plateia]. Eu começo. Então, eu vou começar falando, na realidade, um pouco o espírito dessa ideia, né. Eu falava para Marcia, essa semana, que a ideia é debater, é discutir a relação em público,

né [risos de Marcia]. Mas de uma forma arquetípica assim, um pouco pensar as agruras e as dificuldades do relacionamento entre homem e mulher do ponto de vista filosófico. Daí, a ideia da “filosofia na alcova”, que é o que a filosofia poderia ajudar ou atrapalhar, às vezes, algumas pessoas acham que se você pensa demais atrapalha né, em determinadas coisas. Mas em que a filosofia poderia ajudar uma coisa que é determinadas dificuldades que homens e mulheres têm”. (CAFÉ FILOSÓFICO, 2009).

Cena 4 – GNT

O programa *Saia Justa*, exibido no canal fechado GNT, já teve várias participantes, entre elas Marcia Tiburi. Djamila Ribeiro também já participou do programa. Voltado para o público feminino, ele aborda diferentes assuntos, conforme o site dos canais da *Globo*, “sempre de uma perspectiva que destaca diferentes experiências e vozes femininas”.

Cena 5 – TV Globo

O Programa *Na Moral*, da *Rede Globo*, também se volta para a produção de debates, escolhendo um tema a cada noite, como explicado no subcapítulo anterior. No dia 14 de agosto de 2014, o tema foi feminismo, com a participação, entre outras figuras, de Djamila Ribeiro e Guilherme Fiuza.

Cena 6 – Canal My News

Em agosto de 2019, o canal do *YouTube My News* lançou o programa *Sem Treta*, apresentado por Leonardo Sakamoto e Joel Pinheiro da Fonseca, representando respectivamente a esquerda e a direita. O objetivo era produzir um debate sobre assuntos polêmicos. No segundo episódio, publicado no dia 8 de agosto de 2019, o tema foi *Privatização*.

“Leonardo Sakamoto: Você está no *My News* e este é o *Sem Treta*, o seu programa de debates entre a direita e a esquerda na Internet brasileira. Um programa feito para mostrar que nós podemos dialogar sem brigar. Eu sou Leonardo Sakamoto, jornalista, cientista político e bastante xingado nas redes sociais. E este...”

Joel Pinheiro da Fonseca: Eu sou Joel Pinheiro, filósofo e economista, hoje em dia, também, viu, bastante xingado nas redes.

Leonardo Sakamoto: É, só o amor nos une... E, no programa de hoje, nós discutiremos:

[Vinheta do *Sem treta*, com o tema do programa: “Privatizar é a solução?”]

Leonardo Sakamoto: Joel, tudo bem?

Joel Pinheiro da Fonseca: Beleza, Saka?

Leonardo Sakamoto: Eu acho que, antes de começar, a gente podia falar um pouco dos comentários que chegaram sobre o primeiro programa – esse é o segundo o programa –, sobre o programa de estreia né.

Joel Pinheiro da Fonseca: Excelente.

Leonardo Sakamoto: Quer escolher alguma?

Joel Pinheiro da Fonseca: Vamos escolher aqui... vamos ler brevemente os comentários só para ter uma ideia da reação do público. Bom, primeiro, vamos começar com o positivo para levantar nossa moral aqui?

Leonardo Sakamoto: Sim, sim. Sempre boa essa autoindulgência.

Joel Pinheiro da Fonseca: “Até que enfim discussão de ideias, sem a loucura cegante dos extremos. Parabéns pela iniciativa”. É isso aí, Costa.

Leonardo Sakamoto: Chupa ultrapolarização.

(...)

Joel Pinheiro da Fonseca: (...) E última prova para dizer que eu sou de direita: perguntaram para Olavo de Carvalho, isso está filmado hein, é uma entrevista dele na Internet, quem é a figura mais detestável da direita. Quem que ele citou o primeiro nome? Joel Pinheiro da Fonseca. Se Olavo de Carvalho afirmou que eu sou de direita... detestável ou não é outra discussão. Eu estou na direita.

Leonardo Sakamoto: O Olavo diz que eu sou o mal, ponto. Então eu acho que, na verdade... eu sou o mal, o Joel é o detestável da direita. E o mal versus o detestável de direita vão conversar hoje sobre privatização.” (SEM TRETA, 2019).

Cena 7 – Canal *Quebrando Tabu*

O canal *Quebrando Tabu* em parceria com a Plataforma Democrática (projeto da Fundação FHC e do Centro Edelstein) lançou, em 2019, o projeto *Fura Bolha*, cuja proposta era colocar para debater políticos com posições opostas no espectro político. O primeiro vídeo foi entre Marcelo Freixo, do PSOL, e Janaina Paschoal, do PSL, uma das autoras do pedido de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O vídeo se desenrola a partir de perguntas escritas em papéis e distribuídas em duas canecas – uma com um coração, escrito “amor”; e a outra com o desenho de uma caveira: na primeira, pedidos que gerem momentos de descontração e concordância, sugerindo, por exemplo, que um recomende uma série ao outro ou que façam elogios mútuos; na segunda, perguntas que possam causar polêmica ou discordância. No dia 30 de outubro de 2019, os convidados foram Joice Hasselmann, do PSL, e Randolfe Rodrigues, da Rede Sustentabilidade.

“Joice Hasselmann: Eu sou dura, muito dura, todo mundo sabe disso. Agora ser dura não significa ser intransigente ao ponto de você não conseguir conversar com a outra pessoa.

Randolfe Rodrigues: Uhum.

Joice Hasselmann: Sabe, essa coisa de você ter que... gente! Você tem que odiar a outra pessoa, porque ela está no partido que não é o meu partido? É uma discussão que eu tenho dentro do meu partido também.

Randolfe Rodrigues: É a máxima de que pode endurecer sem perder a ternura.

Joice Hasselmann: É... tem que ter... [risos] Olha lá... ele já começou! Olha lá! Hay que endurecer...

Randolfe Rodrigues: Eu não podia deixar...

Joice Hasselmann: Sin perder la ternura...

Randolfe Rodrigues: La ternura jamás [risos]

[Randolfe beija a mão de Joice]

[Vinheta do programa *Fura Bolha*]

Randolfe Rodrigues: Joice?

Joice Hasselmann: Quer que eu comece?

Randolfe Rodrigues: Quer que eu começo? Posso começar também.

Joice Hasselmann: Pode, começa. Primeiro os damos.

(...) (FURA BOLHA, 2019).

Cena 8 – Poder360

O programa *Comuna e Reaça* ou *Reaça e Comuna*, do site *Poder360*, apresentado pelos jornalistas Mário Rosa e Cynara Menezes, lançado em 2019, buscava discutir assuntos da conjuntura a partir de pontos de vista antagônicos, fazendo uma espécie de ironia com a polarização política.

“Mário Rosa: Olá, bem-vindo ao programa *Comuna e Reaça* ou *Reaça e Comuna*, depende. Estou aqui com a Cynara Menezes. Meu nome é Mário Rosa. Nós estamos começando aqui um programa que vai estar baseado na divergência, no confronto de ideias, o debate, o fla-flu, a divergência...”

Cynara Menezes: Polarização...

Mário Rosa: A polarização. É o que existe na nossa sociedade o tempo todo e a gente só não vê nos programas de política, onde só tem bunda de presépio, todo mundo concordando um com o outro. E o que a gente quer trazer para cá é a divergência. E eu já começo perguntando a você, eu sou um comuna e você é uma reaça... eu gostaria que você explicasse por que você é reaça e o que que é ser reaça.

Cynara Menezes: [risos] Ele está querendo me convencer de que eu sou reaça e ele é comuna. Mas a verdade é que é o contrário: eu sou comuna e o reaça é ele.

Mário Rosa: Eu sou reaça?

Cynara Menezes: Sim.

Mário Rosa: Primeiro, então, defina comuna e reaça para você.

(...) (REAÇA & COMUNA, 2019).

Cena 9 – Jovem Pan

Também o programa *Pânico*, da *Jovem Pan*, adotou a prática de convidar pessoas com pontos de vista antagônicos para debater. No dia 7 de novembro de 2019, o convidado Glenn Greenwald foi colocado junto com o jornalista Augusto Nunes, resultando em agressão física:

“Emílio Surita: Muito bem, meus amores. Estamos de volta aqui na programação da Jovem Pan. E, hoje, temos uma presença ilustre nesse programa. Ele que já é nosso brother aqui. Já é a terceira ou quarta vez que aqui está ele: jornalista, advogado constitucionalista, fundador do *Intercept Brasil*, autor de quatro livros, entre os mais

vendidos do *New York Times* na seção de política e direito, senhora e senhores, Glenn Greenwald, aqui na *Jovem Pan*. [Locutores: Aêêê! Aplausos] Fala Glenn, beleza?

Glenn Greenwald: Muito bom estar aqui, meu programa favorito.

Emílio Surita: Como é que você está? Tranquilo ou não?

Glenn Greenwald: Parece como foi a oitava ou nona vez que estou aqui, mas acho que essa é a terceira.

Emílio Surita: Terceira vez?

Glenn Greenwald: Terceira vez deste ano.

Emílio Surita: Lógico.

Glenn Greenwald: É meu lugar aqui. Eu quero o meu nome aqui.

Emílio Surita: Você prometeu, você tá que nem o Ciro... o Ciro vai ter que me dar um fusca e você vai ter que trazer a gravação do Moro falando...

(...) [Falas sobrepostas no estúdio]

E temos a presença do mestre Augusto Nunes, que aqui está... ganhou o prêmio. Parabéns! [Falas no estúdio] Prêmio Comunique-se.

Augusto Nunes: Estão me convidando bem menos, né.

Emílio Surita: O que? Você?

Augusto Nunes: É.

Emílio Surita: Você é da casa...você é da casa. Você ganhou lá o prêmio do Comunique-se. Parabéns ao aí pessoal da *Jovem Pan* que ganhou. Nós não ganhamos porcaria nenhuma. Mas também não estamos nem aí. Queremos nossa parte em dinheiro que é muito mais interessante. [Locutores: Vale muito mais!] É claro, do que um prêmio...esses prêmios, Augusto Nunes coloca na cama, no calço, é calço de porta, tanto prêmio que ele tem... [falas sobrepostas] Muito bem. E o Augusto Nunes está aqui, para conversar com a gente. Nós vamos ficar muito quietos, porque são dois baitas jornalistas, dois caras que têm uma importância muito grande, então, a gente vai ficar só assistindo [Locutores: É. A gente não abre a boca] e falando “Uhu!”, “lacrô” [Locutor: tipo guerra de UFC].

Glenn Greenwald: Mas, vamos lá, porque eu acabei de chegar aqui e descobri que o Augusto vai estar aqui, eu não sabia disso. Eu disse “tudo bem”, porque eu acredito fazer diálogo com qualquer um, inclusive, Augusto Nunes, mas... porque eu acredito muito fazer diálogo, estamos discutindo agora, que estou sempre na *Fox News*, sendo entrevistado, [...] sendo atacado pela esquerda norte-americana por causa disso, mas tem limites.

Locutor: Claro, Glenn.

Glenn Greenwald: Nós temos muitas divergências políticas. Eu não tenho problema nenhum com sendo criticado pelo meu trabalho, eu critico ele também. Mas o que ele fez, ele disse nesse canal, a *Jovem Pan*, foi a coisa mais feia e mais suja que eu ouvi na minha carreira como jornalista, inclusive, fazendo uma guerra com CIA, com governo Obama, com governo Reino Unido. Ele disse que um juiz de menores deveria investigar nossos filhos e decidir se nós devemos perder nossos filhos, eles deveriam ser voltados para o abrigo, com base nenhuma, acusando que nós estamos abandonando, fazendo negligência dos nossos filhos. A coisa mais nojenta que eu vi na minha vida. Eu quero saber se você acredita ainda que um juiz de menores deveria investigar nossa família com possibilidade de tirar nossos filhos da nossa casa e voltar eles para o abrigo, sem pai, sem mãe, sem família nenhuma. Você acredita nisso?

Augusto Nunes: Essa é a prova de que o Brasil criou o faroeste à brasileira né. É quem tem que se explicar, é quem comete crimes que fica cobrando quem age honestamente. Ouçam o que eu disse primeiro, vocês vão perceber que ele ainda não sabe identificar ironias, não sabe identificar um ataque bem-humorado, e eu convidei ele a provar em que momento eu pedi que algum juizado fizesse isso. Eu disse apenas que o companheiro dele passa o tempo em Brasília, ele passa o tempo todo lidando com material roubado, e eu falava: “quem é que vai cuidar dos filhos?”. Era isso, é isso.

Glenn Greenwald: Você é um covarde. Você é um covarde.

Augusto Nunes: Não fala de covarde comigo. [vira-se para Glenn. apontando os dedos]

Glenn Greenwald: Você é um covarde. [apontando dedos]

Augusto Nunes: Não fala de covarde comigo. [apontando dedos]

Glenn Greenwald: Eu vou falar porque você é um covarde... [apontando dedos]

Augusto Nunes: Falar em covarde... [apontando dedos]

Glenn Greenwald: Você é um covarde... [apontando dedos]

Augusto Nunes: Eu vou te mostrar... [apontando dedos]

Glenn Greenwald: Você é um covarde... [apontando dedos]

[Augusto Nunes parte para cima de Glenn Greenwald. Outras pessoas vêm separar a briga]

Augusto Nunes: É isso aí. Eu te mostro quem tem coragem.

[Falas no estúdio: Parou, parou. Aí não...]

Emílio Surita: Vamos cortar. Cabine, pode cortar. Vamos tocar uma música aqui. [Corta a imagem]

Não tem condição. Não tem condição. Vamos fazer um break aqui agora... pensei que fosse ser...

Augusto Nunes: Aqui não vai chamar de covarde não, babaca.

Glenn Greenwald: Você é um covarde.

Augusto Nunes: Covarde, mas apanhou na cara...

Emílio Surita: Vamos de música aqui na Jovem Pan....” (PÂNICO, 2019a).

Indo de programas mais jornalísticos até os de entretenimento, os debates podem tomar formas, como dito, mais conciliatórias ou de confronto. Há entre esses citados acima aqueles em que os convidados mais concordam entre si do que discordam, os que estimulam a demonstração de posições divergentes em tons civilizados e cordiais, e os que fortalecem situações de explícito combate (quanto mais baixa a posição na hierarquia dos produtos audiovisuais, mais eles estimulam a agressividade). Vários deles, com títulos que se referem de antemão ao contexto de “polarização”, surgiram a partir da crise política das eleições de 2014 e do processo de *impeachment* de Dilma, prolongando-se até o momento posterior à eleição de Bolsonaro.

Nos programas da *Globo News*, já mencionados em outras partes, figuras vestidas formalmente (geralmente, homens de meia idade; sendo Laura Carvalho uma exceção), acomodam-se em um estúdio sóbrio, em que o branco, o cinza e um amadeirado claro se misturam à cor do canal (um vermelho escuro mais fechado). Neles, os apresentadores mediam o debate, fazendo perguntas, pontuando avaliações, controlando o tempo de cada comentarista. O tom é sério, equilibrado, sem reações mais exaltadas, com singelas expressões de concordância ou questionamento; as análises são voltadas aos rumos do país, aos assuntos do dia da economia e da política; entre os participantes, o diálogo é cordial e as discordâncias aparecem também de forma sutil, ponderada, em que diferentes dados, informações, números e conceitos são mobilizados, demonstrando que aquele debate deve ser feito por iniciados, enquanto o público apenas o acompanha.

Na *Folha*, o debate tem um tom relativamente mais informal, contando também com a mediação de um jornalista. Esteticamente, a redação ao fundo, a presença de convidados com perfis bem diferentes, mais jovens e mais politicamente incisivos, assim como a própria vinheta do programa buscam se coadunar com a imagem que a *Folha* constrói para si: a de um jornal dinâmico em sua prática, plural em posições políticas e mais jovem do que os outros jornais em seu estilo. Aqui, as discordâncias ganham mais ênfase do que nos programas anteriores, inclusive, com pitadas de ironia, risos, falas incisivas e oposições mais demarcadas. A sobriedade da *Globo News* busca estabelecer consensos em torno de uma agenda político-econômica, recebendo agentes mais ou menos afinados ou outros com divergências significativas, mas neutralizadas pela dinâmica do programa (vindo a ocupar apenas um lugar de legitimação da cena, no sentido de criar a ideia de que dois polos diferentes estão debatendo um tema em condições iguais). Já a informalidade comedida da *Folha* aponta para a ideia de uma certa democracia e do confronto entre ideias e pessoas diferentes, com a *Folha* ocupando um pretense lugar neutro, de reunião, expressão e apaziguamento da diversidade.

No *Café Filosófico*, cuja estética já foi descrita nos subcapítulos anteriores, o debate entre Pondé e Tiburi misturava traços de certo refinamento e erudição (no cenário, o piano atrás é uma dessas marcas) com quebras de expectativa, brincadeirinhas e risos entre si. Como a fala inicial da gravação já deixa entrever, a simulação buscava construir a cena de uma discussão de relação.

A proposta de um debate também é lançada por programas de entretenimento, em que ideias-chaves são colocadas como assunto da noite e diferentes figuras falam sobre elas. Editadas, as falas dos convidados aparecem em poucos segundos, servindo apenas como autoridades a legitimar o programa. Nesse sentido, busca-se produzir a sensação de se estar debatendo assuntos polêmicos e importantes para a cultura e o comportamento. Isso é o que ocorria, por exemplo, no *Na Moral*, descrito com mais detalhes nos subcapítulos anteriores. Também no *Saia Justa*, as apresentadoras, em um sofá, mantêm posturas relativamente mais informais, tons de cumplicidade e concordância. Sempre bem-vestidas e maquiadas, abordam temas atribuídos ao mundo feminino, geralmente conversando sobre relacionamentos, saúde, espiritualidade e sexo. Embora procurem também levantar temas sociais tidos como candentes, esses programas não ocupam o lugar de discussão da vida política e econômica nacional e internacional. Enquanto o *Na Moral* era exibido em um canal aberto, buscando, assim, atingir faixas diferentes de público; o *Saia Justa*, transmitido pelo *GNT*, tem um perfil marcadamente feminino.

Já nos programas da Internet (como o *Sem Treta* e o *Comuna e Reação*), o cenário era mais escuro e simples, sem mediadores, em que os debatedores assumiam posições e vestimentas relativamente mais confortáveis. O debate de temas mesclava-se a piadinhas, risos, implicâncias mútuas, comentários mais carinhosos entre si, expressões de intimidade. Neles, os participantes buscavam definir termos como “direita” e “esquerda”, “reações” e “comunistas” bem como representar o que seria o ponto de vista de cada um desses polos em torno de questões específicas. Da mesma forma, o *Fura Bolhas*, do *Quebrando Tabu*, estimulava expressões de afeto, proximidade, intimidade e simplicidade (as garrafas plásticas de água, as canecas infantilizadas, o cenário menos produzido, os risos e expressões dos convidados). Por fim, no *Pânico*, o confronto é virulento, com xingamentos, expressões de stress e tensão, estímulos a agressões verbais mútuas (inclusive, físicas). No caso citado acima, sem avisar ao jornalista Glenn que ele dividiria a bancada com Nunes, que já havia feito comentários sobre os seus filhos, o programa parece intencionar, de antemão, a provocação de situações como a ocorrida.

Com um tom (quase) didático, alguns programas buscam demonstrar a possibilidade de que polos opostos possam dialogar e até mesmo formar “pontes”. Tentam assim, recorrendo ao humor, à leveza, à conversa informal, demonstrar os termos possíveis das discordâncias. Acionando a defesa da democracia, esses programas – mais agressivos ou mais cordiais – buscam produzir a ideia de debate e diálogo, mas menos do que levar a uma mudança de posições ou a uma reflexão do público por meio da confrontação de ideias, rendem aos polos opositores “lacrações” e “mitadas” que passam a ser compartilhadas em memes da Internet assim como produzem como ideal a figura do “centro”. Além disso, também têm como efeito sugerir polos equivalentes: seja colocando para debater figuras com posições diferentes no espaço social – ou seja, analistas *versus* figuras políticas –; seja opondo nomes com diferentes posições no espectro político – convidando, por exemplo, alguém mais ao centro e figuras mais extremas. Da mesma forma, eles atuam no sentido de estabelecer essas oposições, demarcando os ocupantes de cada polo e as tomadas de posição vulgarmente associadas a cada um. Já os programas em tons conciliatórios (como o *Globo News Painel*), em geral, giram em torno de questões apresentadas quase como consensuais, em que não haveria espaço para outras análises que não aquelas apresentadas, com algumas poucas nuances entre os convidados, sendo sempre mediadas pelo apresentador, responsável por tirar conclusões, guiar as falas e afirmar uma posição. Sejam eles mais ou menos legitimados, os efeitos performáticos se sobrepõem ao debate em si de ideias.

2 DIREITA E ESQUERDA NO MERCADO DE OPINIÕES

Entre a alegação de que a oposição entre “direita” e “esquerda” não faria mais sentido na demarcação de determinadas diferenças político-ideológicas e a afirmação do surgimento de uma “nova direita” ou uma “nova esquerda”, o que se observa é que, seja para negá-la ou para reativá-la, essa maneira de caracterizar polos em disputa no debate político permanece sendo lembrada. Indo dos conteúdos jornalísticos aos trabalhos acadêmicos, das interpretações mais conjunturais às identificações próprias dos intelectuais midiáticos estudados neste trabalho, essa oscilação entre a morte e o renascimento da direita e da esquerda ocupa parte significativa das lutas ideológicas e interpretativas.

Longe de propor uma definição do conteúdo específico dos termos, este trabalho se debruçou justamente sobre as condições e propriedades sociais que se correlacionam com a identificação à esquerda ou à direita, com tomadas de posição associadas a esses dois polos e com o reconhecimento de tais posicionamentos. Nesse sentido, a consideração sobre ser de esquerda ou direita vai além dos conteúdos especificamente associados a essas classificações, embora também esteja atrelada a eles. É por isso, aliás, que há tantas divergências e contradições entre afirmar-se ou negar-se a afirmar como um ou outro, o posicionamento que expressam em determinados momentos de crise e o modo como são classificados pelos agentes em disputa.

Ao estudar a direita na década de 1980, Pierucci observou a assimetria da autoidentificação entre os dois polos do espectro político, a despeito do uso generalizado dos termos pelos núcleos mais politizados: “É que, à esquerda, não lhe incomoda aparecer como tal, antes, lhe agrada; os políticos de direita, por sua vez, têm o reflexo de se esconder como tais” (PIERUCCI, 1987, p. 36). A emergência de uma direita “desenvergonhada” principalmente nas últimas duas décadas, por um lado, fez surgir também as avaliações sobre uma “nova direita” (ver próximo subcapítulo); por outro, acabou por mascarar em alguma medida a manutenção de uma certa vergonha em se afirmar como tal pelos agentes que fazem parte do debate público e que tiveram tomadas de posição próximas a essa direita desenvergonhada nos momentos de crise, que se vincularam em alguma medida a instituições com tais posicionamentos e que assim são reconhecidos por outros agentes do mercado de opiniões.

Entre o risco de afirmar a dominância dos intelectuais midiáticos ao deixar que imponham as classificações que possuem de si e o risco de tomar a posição dos detratores que usam certos termos para desclassificá-los (BOURDIEU, 2013, p. 51), busquei no trabalho

reunir evidências diferentes acerca dessas identificações, combinando: 1) a autoclassificação; 2) a tomada de posição em dois diferentes momentos de crise; 3) o reconhecimento dos outros agentes em disputa (pares e público); 4) as instituições e organizações a que se vinculam. Entendo, assim, a classificação como um jogo entre conhecimento e reconhecimento, mas sem reduzi-la ao ato de comunicação, já que esse jogo é analisado aqui também a partir da estrutura desse espaço social e a partir das relações de força (BOURDIEU, 1996a, p. 24)²³⁰.

Depois de traçar a trajetória social dos intelectuais midiáticos, apresentar as características de cada um dos polos e hierarquias que estruturam esse mercado de opiniões e apontar as tendências gerais que guiaram as transformações nesse espaço social, é possível agora fazer um desenho mais sintético e global desse espaço e das relações que podem ser estabelecidas entre origem, posição no campo e tomadas de posição. Nesse sentido, a classificação entre direita e esquerda se daria a partir da relação entre o *habitus* e a estrutura do campo ou espaço social (BOURDIEU, 1996b, p. 103), de modo que busco fugir da vinculação mecânica entre origem social e tomada de posição assim como cruzar as identificações mais duradouras – fruto desse *habitus* – com as oscilações conjunturais que têm a ver com a posição no campo em determinado momento – tentando escapar, assim, de uma essencialização de tais classificações e de uma categorização rígida e fixa de um ou outro polo.

Diante dessas considerações, vale a pena retornarmos aos gráficos apresentados no início deste trabalho, projetando, dessa vez, as variáveis suplementares sobre tomadas de posição política, a fim de traçarmos a correlação geral entre os dados. É bom lembrar que a estrutura dessa nuvem de variáveis suplementares corresponde à estrutura da nuvem de variáveis ativas, suplementares (referentes às origens sociais) e de indivíduos apresentadas na Parte I. Recomendo que tais gráficos sejam analisados conjuntamente. Nos apêndices, é possível verificar todas essas variáveis em um mesmo gráfico.

²³⁰ Como Bourdieu afirma, “embora seja legítimo tratar as relações sociais – e as próprias relações de dominação – como interações simbólicas, isto é, como relações de comunicação que implicam o conhecimento e o reconhecimento, não se deve esquecer que as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos. Em suma, é preciso superar a alternativa comum entre o economicismo e o culturalismo, para tentar elaborar uma economia das trocas simbólicas” (BOURDIEU, 1996a, p. 24).

Gráfico 9 - Nuvem de variáveis suplementares - tomadas de posição. Fonte: Gerado pela autora com auxílio da ferramenta SPAD.

Gráfico 10 - Nuvem de indivíduos – Eixos 1 e 2. Fonte: Gerado pela autora com auxílio da ferramenta SPAD.

Quando projetamos como variáveis suplementares os posicionamentos desses agentes na crise do impeachment e da eleição do Bolsonaro; suas autodefinições em termos de direita e esquerda; a vinculação e a circulação que eles têm em instituições (*think tanks* à direita e movimentos sociais à esquerda) e veículos com certo alinhamento político; a aproximação com partidos e figuras políticas; além do viés de seus seguidores²³¹, é possível tirar algumas conclusões acerca da relação entre origem, posição e tomada de posição.

²³¹ Os critérios utilizados para construir essas variáveis estão descritos nos apêndices deste trabalho. De todo modo, é importante ressaltar que, ainda que haja questionamentos possíveis acerca da precisão desses dados, a variedade de critérios e a conjunção de todos os dados apontam para tendências e padrões sociologicamente relevantes. Quanto ao perfil dos seguidores, utilizei a ferramenta GPS ideológico, publicada pela *Folha de S.Paulo*, a qual

O cluster 1, referente aos mais especialistas, tem como modalidades sobrerrepresentadas, por um lado, a autotclassificação “centro-direita”, a aproximação com o PSDB ou Partido Novo (tida como prática mais efetiva ou simpatia expressa), a defesa de que o impeachment de Dilma Rousseff não seria golpe e a relação com *think tanks* de direita (seja por uma vinculação afirmada, seja pela participação em eventos desses institutos, seja por terem seus textos republicados). Por outro lado, eles têm grande circulação por veículos *mainstream*, poucos seguidores na Internet e estão afastados de movimentos sociais, de identificações com a esquerda, de partidos como PT e PSOL, assim como da defesa de que o impeachment seria golpe e da oposição à eleição de Bolsonaro.

Tabela 25 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 1 (Especialistas)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 1/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Mainstream	3.41	100	41.18	38.10	0.0003	30.233	8	21
Think tank	Think tanks mais à direita	3.29	100	43.14	36.36	0.0005	32.558	8	22
Tomada de posição sobre o impeachment...	Não é golpe	2.36	100	58.82	26.67	0.0092	51.163	8	30
Movimento Social	Movimento social-	2.13	100	62.75	25	0.0165	55.814	8	32
Reta ideológica 2019-2020	Seguidores-	2.12	75	35.29	33.33	0.0171	27.907	6	18
Partidos	PSDB / NOVO	2.01	25	3.92	100	0.0220	0	2	2
Autoidentificação política	Centro-direita	2.00	37.50	9.80	60	0.0228	4.651	3	5
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de esquerda	-2.02	0	35.29	0	0.0218	41.86	0	18
Autoidentificação política	Esquerda	-2.13	0	37.25	0	0.0165	44.186	0	19
Movimento Social	Movimentos sociais mais à esquerda	-2.13	0	37.25	0	0.0165	44.186	0	19
Partidos	PT/PSOL	-2.13	0	37.25	0	0.0165	44.186	0	19
Tomada de posição na eleição de 2018	Contra Bolsonaro	-2.27	12.50	54.90	3.57	0.0116	62.791	1	28
Tomada de posição sobre o impeachment...	É golpe	-2.36	0	41.18	0	0.0092	48.837	0	21
Think tank	Think tank-	-3.29	0	56.86	0	0.0005	67.442	0	29

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Já o cluster 3, em que se situam os mais acadêmicos, é caracterizado pela autotclassificação “esquerda”; pela aproximação com o PT ou o PSOL e figuras políticas desses partidos; pela defesa de que o impeachment foi golpe e pela proximidade com movimentos sociais de esquerda (expressa por meio de apoios, participações em eventos e até mesmo militâncias). Esses agentes circulam mais por veículos que apresentam um viés progressista.

Tabela 26 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3 (Acadêmicos)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 3/6 (Count = 8 Percentage = 15.686)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de esquerda	2.93	87.50	35.29	38.89	0.0017	25.581	7	18
Autoidentificação política	Esquerda	2.79	87.50	37.25	36.84	0.0027	27.907	7	19
Partidos	PT/PSOL	2.79	87.50	37.25	36.84	0.0027	27.907	7	19
Tomada de posição sobre o impeachment...	É golpe	2.52	87.50	41.18	33.33	0.0058	32.558	7	21
Movimento Social	Movimentos sociais mais à esquerda	1.98	75	37.25	31.58	0.0238	30.233	6	19
Movimento Social	Movimento social-	-1.98	25	62.75	6.25	0.0238	69.767	2	32
Tomada de posição sobre o impeachment...	Não é golpe	-2.52	12.50	58.82	3.33	0.0058	67.442	1	30

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

posicionou, em 2020, mais de 1,8 mil influenciadores digitais em uma reta ideológica que vai da esquerda à direita. A posição de cada influenciador é calculada a partir dos padrões nos perfis dos seguidores dos influenciadores (MARIANI; TAKAHASHI; ALMEIDA, 2020).

Os jornalistas mais *mainstream*, situados no cluster 5, afirmam-se sobretudo como de “centro-esquerda”; apresentam simpatia pelo PSDB, sobretudo pela figura de Fernando Henrique Cardoso; na eleição de 2018, adotaram, em geral, o discurso dos “polos equivalentes”; e possuem seguidores tanto à esquerda quanto à direita nas redes sociais (aproximando-se assim do centro da reta-ideológica). São eles que têm amplo espaço nas *Organizações Globo*, afastando-se sobretudo dos veículos progressistas e das identificações à “esquerda” e de partidos como PT e PSOL.

Tabela 27 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 5 (Jornalistas *Mainstream*)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 5/6 (Count = 9 Percentage = 17.647)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Partidos	PSDB	2.95	66.67	21.57	54.55	0.0016	11.905	6	11
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Mainstream	2.86	88.89	41.18	38.10	0.0021	30.952	8	21
Autoidentificação política	Centro-esquerda	2.58	55.56	17.65	55.56	0.0050	9.524	5	9
Reta ideológica 2019-2020	Seguidores ao centro	2.18	33.33	7.84	75	0.0146	2.381	3	4
Tomada de posição na eleição de 2018	Polos equivalentes	2.16	55.56	21.57	45.45	0.0155	14.286	5	11
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de esquerda	-2.24	0	35.29	0	0.0127	42.857	0	18
Autoidentificação política	Esquerda	-2.36	0	37.25	0	0.0092	45.238	0	19
Partidos	PT/PSOL	-2.36	0	37.25	0	0.0092	45.238	0	19

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Já os jornalistas blogueiros, presentes no cluster 6, afirmam-se de “esquerda”; atuaram fortemente contra o impeachment e contra a eleição de Bolsonaro; têm proximidades com os movimentos sociais de esquerda assim como seus seguidores estão mais à esquerda da reta-ideológica. São eles que estão mais afastados dos veículos *mainstream* e dos *think tanks* mais à direita.

Tabela 28 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 6 (Jornalistas blogueiros)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables

Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 6/6 (Count = 7 Percentage = 13.725)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de esquerda	3.46	100	35.29	38.89	0.0003	25	7	18
Movimento Social	Movimentos sociais mais à esquerda	3.33	100	37.25	36.84	0.0004	27.273	7	19
Partidos	PT/PSOL	3.33	100	37.25	36.84	0.0004	27.273	7	19
Tomada de posição sobre o impeachment...	É golpe	3.09	100	41.18	33.33	0.0010	31.818	7	21
Reta ideológica 2019-2020	Seguidores à esquerda	2.80	85.71	31.37	37.50	0.0025	22.727	6	16
Autoidentificação política	Esquerda	2.41	85.71	37.25	31.58	0.0079	29.545	6	19
Tomada de posição na eleição de 2018	Contra Bolsonaro	2.32	100	54.90	25	0.0102	47.727	7	28
Think tank	Think tank-	2.21	100	56.86	24.14	0.0135	50	7	29
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Mainstream	-2.11	0	41.18	0	0.0176	47.727	0	21
Think tank	Think tanks mais à direita	-2.21	0	43.14	0	0.0135	50	0	22
Tomada de posição sobre o impeachment...	Não é golpe	-3.09	0	58.82	0	0.0010	68.182	0	30
Movimento Social	Movimento social-	-3.33	0	62.75	0	0.0004	72.727	0	32

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

O cluster 4, dominado pelos polemistas (embora alguns militantes também se localizem ali e tenham posicionamentos diferentes destes), inclui aqueles que se afirmam abertamente como de “direita”, que possuem seguidores à direita e que circulam por veículos mais à direita. Por fim, o cluster 2, que também abriga polemistas e militantes, justamente por não apresentar

uma dominância muito clara entre uns e outros, tendo tanto figuras mais à esquerda quanto mais à direita, também não se vinculou a tomadas de posição específicas (sem ter variáveis suplementares sobrerrepresentadas ou sub-representadas).

Tabela 29 - Modalidades suplementares referentes às tomadas de posição sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 4 (Polemistas e Militantes)

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
Of the partition - Partition in 6 clusters - Cluster 4/6 (Count = 12 Percentage = 23.529)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de direita	3.46	66.67	23.53	66.67	0.0003	10.256	8	12
Reta ideológica 2019-2020	Seguidores à direita	2.51	58.33	25.49	53.85	0.0061	15.385	7	13
Autoidentificação política	Direita	2.24	41.67	15.69	62.50	0.0125	7.692	5	8
Classificação dos veículos pelos quais cir...	Viés de esquerda	-1.97	8.33	35.29	5.56	0.0242	43.59	1	18
Reta ideológica 2019-2020	Seguidores-	-1.97	8.33	35.29	5.56	0.0242	43.59	1	18

Fonte: Gerada pela autora com auxílio da ferramenta Spad.

Enquanto algumas disposições engendram identificações mais duradouras, modificadas apenas a partir de guinadas mais profundas; outras parecem mais vulneráveis às oscilações contextuais. A transição de identificações mais à esquerda, na juventude, para uma adesão explícita à direita, na contemporaneidade, parece estar ligada a certas disposições de origem social associadas às mudanças no campo da produção simbólica, estando, sobretudo, vinculada às posições mais próximas ao polemismo, caracterizado justamente pela condição de instabilidade social na origem e na posição. Nos anos de governo do PT, alguns agentes encontraram na afirmação da identificação à “direita” um lugar no mercado de opiniões – passando a conquistar empregos, colunas, a vender livros e a serem chamados a falar, justamente por adotarem um discurso de “oposição” –, buscando desfazer as marcas depreciativas associadas a essa classificação no Brasil pós-ditadura.

Se a oposição a um governo que se pretendia de esquerda levou agentes a se assumirem de direita (sobretudo no polo dos mais polemistas); ela também levou ao deslocamento da esquerda para centro-esquerda (principalmente, no caso dos mais jornalistas); e à adesão a um discurso de que tais classificações não seriam suficientes para demonstrar a complexidade do mundo político e de que eles não se encaixariam em uma ou outra classificação ou ainda à cisão entre os posicionamentos ligados às pautas econômicas e os relacionados às questões de costumes (especialmente, entre os mais especialistas). No campo das esquerdas, essa oposição engendrou narrativas que deslocavam o partido no poder para o centro, de modo que esses opositores se consideravam como mais à esquerda do que o governo. Esses traços genéricos da autoidentificação, relacionados à posição no espaço, não são, é claro, rígidos, já que há nomes que se aproximam mais de um polo e adotam classificações e justificativas mais próximas a outro.

Ainda assim, o que se pode observar é que, dotados de capital específico – sobretudo, acadêmico –, alguns dos nomes conseguem e buscam entrar na disputa sobre os sentidos de “esquerda” e sobre seu “verdadeiro conteúdo”; enquanto outros, sendo dominados nas lógicas mais intelectuais, deslocam-se para a “direita”. De todo modo, a caracterização “centro-esquerda” é mobilizada, principalmente (mas não apenas), pelos nomes que no gráfico se situam mais próximos dos grupos identificados como mais à direita, demonstrando que nessa luta pela definição da “esquerda”, esses nomes têm menos eficácia simbólica do que outros, fruto do próprio reconhecimento dos pares e das instâncias de consagração que os legitimam assim como das ideias que mobilizam.

Quanto mais conformada é a posição ocupada pelo agente com as disposições advindas da origem social, as expectativas que possuem em relação às suas trajetórias futuras, às demandas dos campos específicos em que se inserem e a autorrepresentação que possuem de si, com mais naturalidade afirmam e mais autoevidentes parecem suas identificações políticas e mais elas se coadunam com as vinculações institucionais e com as avaliações dos outros agentes em disputa. Esse é o caso, por exemplo, dos mais acadêmicos dos colunistas que se afirmam como de “esquerda” e são vistos dessa maneira. Ainda que também existam contradições entre suas posições no espaço social e algumas de suas reivindicações ou ideias, a afirmação de posicionamentos não vem envolta de dúvidas, ponderações ou mesmo receios.

Menos consonante do que o caso dos mais acadêmicos de esquerda, mas ainda assim também afinada, parece ter sido a adesão à direita de certos polemistas ou certos especialistas, que apresentaram menos entraves a essa autoidentificação – sobretudo no período dos governos do PT. Já entre aqueles que possuem traços de trajetória social fortemente ligados aos agentes da esquerda ou que buscam algum tipo de reconhecimento desse polo do espectro político, mas que aderiram a posicionamentos mais próximos à direita contemporaneamente, parece haver um hiato mais acentuado entre a autoidentificação e os outros critérios.

Menciono acima os períodos dos governos do PT, porque nessa equação entre diferentes variáveis as oscilações políticas conjunturais são também um forte componente. Com a eleição de Jair Bolsonaro – a qual mais ou menos explicitamente vários dos intelectuais midiáticos aderiram –, esses posicionamentos se modificaram em certa medida em relação aos anos anteriores. Embora as tomadas de posição durante o governo Bolsonaro não tenham sido objeto de análise detida, considerando que as entrevistas foram realizadas entre 2019 e 2020, é possível colocar em questionamento os passos mais ao centro ou à esquerda que alguns dos entrevistados deram, já que a afirmação de que eram de “direita” deu lugar à “centro-direita” ou mesmo ao argumento de que tais classificações não se aplicariam propriamente. No próximo subcapítulo,

analisar alguns dos movimentos argumentativos que esses agentes fizeram ao longo dos anos de governo petista no sentido de legitimarem uma guinada “à direita”.

2.1 A REAÇÃO À CHEGADA DE UM PARTIDO MAIS À ESQUERDA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

A chegada de um partido que se pretendia de esquerda ao governo federal foi acompanhada de uma série de reações por parte de setores da sociedade, incluindo, os intelectuais midiáticos estudados neste trabalho. A partir de 2003, vários livros foram publicados com críticas e oposições ferrenhas aos governos petistas e às esquerdas, com títulos bastante sugestivos, tais como: *Lula é minha Anta* (Diogo Minardi, 2007); *O País dos Petralhas* (Reinaldo Azevedo, 2009); *A Tapas e Pontapés* (Diogo Mainardi, 2010); *Esquerda Caviar* (Rodrigo Constantino, 2013); *Década perdida – dez anos de PT no poder* (Marco Antonio Villa, 2013); *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (Olavo de Carvalho, 2013); *Não é a mãe: Para entender a Era Dilma* (Guilherme Fiuza, 2014); *O Brasil tem cura* (Rachel Sheherazade, 2015); *Contra a maré vermelha: Um liberal sem medo de patrulha* (Rodrigo Constantino, 2015); *Brasileiro é otário?* (Rodrigo Constantino, 2016); *Sérgio Moro: A história do homem por trás da operação que mudou o Brasil* (Joice Hasselmann, 2016); *Manual do covarde* (Guilherme Fiuza, 2018), entre vários outros. As publicações desses livros acompanhadas das atuações desses intelectuais midiáticos em canais de rádio, TV e Internet, em colunas de jornais, revistas e blogs foram aos poucos contribuindo para a legitimação de uma autoidentificação “à direita”. Esse movimento pode ser observado, aliás, na própria maneira como esses agentes foram assim se assumindo.

Em 2000, por exemplo, o jornal *O Globo* publicou uma entrevista com Olavo de Carvalho, na qual anunciava os artigos semanais que ele passaria a publicar no periódico assim como na *Revista Época*. Nela, afirmava: “Olavo não se diz de direita, mas gostaria que houvesse um partido de direita no país, “pela democracia”. A política brasileira, na sua visão, é hoje um jogo exclusivo da esquerda” (BERTOL, 2000). Já em 2006, Olavo publicou o artigo *Nós, a direita*, no *Jornal do Brasil*, no qual apontou alguns meios pelos quais a “nova direita” se expressava – como o site *Mídia sem máscara*, as conferências do *Fórum da Liberdade*, alguns blogs da Internet e colunas da imprensa –, enfatizando sua suposta fraqueza:

Somem o custo de tudo e verão que não paga uma campanha eleitoral de vereador. Por isso ou por absoluta falta de vocação, o referido movimento [“nova direita”] — se é que chega a ser um — não tem entre seus adeptos e simpatizantes um só político, mesmo chinfrim. Compõe-se inteiramente de intelectuais, estudantes, empresários, advogados, militares da reserva e outros cidadãos sem mandato, nem partido, nem

cargo oficial de espécie alguma. Não tem um jornal impresso, mesmo aperiódico e deficitário. Não tem um programa de rádio ou TV. Não tem meios de publicar livros: de vez em quando consegue, por muito favor, meter um ou dois no catálogo de alguma editora, escondido sob milhares de títulos esquerdistas. Não tem uma entidade que o represente, nem assembleias ou reuniões. Não tem um programa de ação nem um ideário comum, exceto a convergência espontânea e precária de opiniões pessoais. Sua atuação consiste exclusivamente em proclamar que tudo está muito mal e que não há nada que se possa fazer contra isso. Não obstante, desperta ódio, temor e suspeitas como se fosse uma força política organizada, poderosa, disciplinada, repleta de verbas, militantes e meios de difusão, pronta a tomar o poder e meter na cadeia todos os esquerdistas que não consiga eliminar fisicamente. (CARVALHO, 2006b).

No artigo, citou ainda os colunistas Reinaldo Azevedo e Diogo Mainardi, que além de si mesmo, despertariam o temor em alguns agentes sociais, demonstrando quais seriam, então, os nomes dessa suposta “nova direita” (CARVALHO, 2006b). Contemporaneamente, Olavo é considerado um dos principais nomes desse polo, tanto por parte de pesquisadores (MEIRELLES; FERNANDES, 2019; ROCHA, 2018; RODRIGUES, 2018; MESSENBURG, 2017; CHALOUN; PERLATTO, 2015) quanto pela imprensa (PIRES, 2020; TAVARES, 2017; FELLET, 2016). Apesar de se identificar ideologicamente, ele já fez afirmações como: “Eu quis que uma direita existisse, o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê” (FELLET, 2016).

Diogo Mainardi, citado por Olavo, em entrevista à *Revista Imprensa*, em 2005, foi identificado como *O amado algoz da nova esquerda*, tal como o título da matéria:

Pioneiro na arte de massacrar o governo Lula, Mainardi, que já foi considerado um termo de baixo calão entre a nossa esquerda nativa, sobretudo a petista, hoje decreta: “A esquerda me ama”. Exageros à parte, é fato que o seu discurso, ou melhor, seus artigos, acabaram se confluindo com as palavras da dita “nova esquerda”, formada por petistas desiludidos, trotskistas de todas as matizes, radicais ululantes e demais genéricos amargurados com a cara tucana do novo petismo (VENCESLAU, 2005).

De maneira semelhante, Reinaldo Azevedo afirmou ser mais lido por gente que o detesta do que por aqueles que o amam (apud DEMARIO, 2013; ver introdução da Parte IV). Assim, entre uma identificação com a “(nova) direita” e a relativa dependência do ódio e do amor da (nova) esquerda, esses intelectuais midiáticos foram forjando seus lugares enquanto representantes de uma direita no país assim como foram tornando aos poucos mais palatável e legítimo tal adjetivo.

Por outro lado, alguns desses agentes buscaram disputar o sentido da verdadeira esquerda. Em 2013, em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, Demétrio Magnoli²³² foi

²³² Em um debate na *TV Folha*, no programa *Fla-Flu*, tendo como convidados Guilherme Boulos e Demétrio Magnoli, o apresentador fez a seguinte pergunta: “(...) Por que que não dá certo, do ponto de vista de vocês, da esquerda [referindo-se a Boulos], você que analisa um pouco mais do outro lado [referindo-se a Demétrio Magnoli], por que que não dá certo?”. Ao que Boulos responde: “Do outro lado, qual lado? Está com medo de

apresentado como “considerado uma voz de direita entre os intelectuais brasileiros” (HANATI, 2013). Mas, ao ser perguntado sobre “uma confusão das relações de direita e esquerda no Brasil”, nos dez anos de PT, Magnoli argumentou que o governo era conservador e ainda finalizou “eu sou de esquerda; o governo é de direita”. Já nos anos 1990, Arnaldo Jabor defendeu ser a verdadeira esquerda: “Aí o PT vai ver, aí essa esquerda de ignorantes, de burros, essa falsa esquerda — porque a verdadeira esquerda sou eu e outros homens de qualidade que há neste país —, aí essa falsa esquerda vai ver o que é bom pra tosse” (REVISTA IMPRENSA, 1996, p. 56)²³³. Assim, se esses dois não se identificam com o que é chamado de esquerda brasileira, eles também se negam a se associar à direita. De todo modo, referem-se recorrentemente, nos textos em que escrevem, ao que seria “a esquerda” ou “a esquerda brasileira”, não como integrantes dela a fazer uma autocrítica, mas como exteriores e opositores.

Com as mudanças no país e a atuação desses nomes já citados, mas também de outros, como Rodrigo Constantino, Rachel Sheherazade, Joice Hasselmann, Leandro Narloch etc., as disputas entre (nova) direita e (nova) esquerda passaram a se desenrolar, porém, em torno da direita verdadeira, pura, radical ou legítima. Paralelamente, “esquerda” e outras expressões desdobradas – tais como “petista” e “comunista” – passaram a ser empregadas com um tom depreciativo. Nos contenciosos entre os colunistas situados no polo da direita, essas mudanças de conotações puderam ser observadas.

Em 2017, por exemplo, Reinaldo Azevedo publicou um artigo na *Veja*, com o título “Olavo, o mais novo petista, agora se empenha em provar que é um gênio”, no qual afirmava: “Convenham: para quem começou a vida como discípulo de Marighella, virou astrólogo, passou pela militância islamista, tornou-se anticomunista radical, não deixa de ser criativo que se reinvente como esbirro do PT e passe a ser admirado pelas esquerdas” (AZEVEDO, 2017a). Após suas críticas à Lava Jato, os companheiros da direita começaram a questionar a postura de Reinaldo, e este, por sua vez, passou a fazer comentários sobre o que chamou de “direita xucra” assim como passou a criticar a extrema direita (AZEVEDO, 2017a; AZEVEDO, 2017c) – envolvendo-se, então, em várias brigas públicas com outros agentes desse polo, como Olavo,

chamar o Demétrio de direita? Fala, coloca! [risos]”. E então Magnoli se defende: “Boulos, mas eu não sou. Eu sou um social-democrata, Boulos. Eu sou aquela coisa que não existe no Brasil, Boulos...” (TV FOLHA, 2016).

²³³ A entrevista de Arnaldo Jabor à *Revista Imprensa* é repleta de representações sobre o que é ser de esquerda e direita. Reproduzo alguns dos trechos, apenas para efeito de ilustração: “Acho que é mais importante do que ter uma delimitação, um contorno ideológico claro, como têm alguns jornalistas e alguns homens da esquerda arcaica, tradicional, que não são da esquerda moderna, que não são da esquerda dinâmica como eu sou, por exemplo. São pessoas reacionárias que dizem que são de esquerda mas que, na verdade são de direita, porque não contemplam o movimento da vida. Só contemplam um a priori rancoroso ou um a priori ideológico qualquer. As pessoas que não estão abertas à mudança não são de esquerda. Ser de esquerda é estar aberto para a mudança histórica, como dizia Marx.” (JABOR, 1996, p. 53).

já citado, Joice Hasselmann, Rodrigo Constantino e Diogo Mainardi. Assim, sobretudo a partir da aprovação do impeachment de Dilma Rousseff, esses colunistas, outrora apontados como aliados, começaram a disputar entre si o lugar da legítima direita – seja por ser mais pura, mais engajada, mais realista ou mais democrática.

Além disso, com a eleição de Jair Bolsonaro, alguns movimentos de afastamento em relação a esse polo também foram observados. Colunistas como Denis Rosenfield e Luiz Felipe Pondé, que chegaram a publicar um livro com o título *Por que virei à direita?*, na entrevista que me concederam, ao serem questionados sobre como se posicionavam no espectro político, afirmaram:

Luiz Felipe Pondé: Se eu for obrigado a me localizar, eu me localizo no centro.

Allana: Mais para direita ou esquerda?

Luiz Felipe Pondé: Mais para direita, só porque eu estou sendo obrigado, porque eu acho que essa divisão mais atrapalha do que ajuda. (Entrevista de Luiz Felipe Pondé à autora, 2019).

Fico no centro, te diria centro-direita. (Entrevista de Denis Rosenfield à autora, 2019).

Além do fato de que o livro foi publicado em 2014, quando essa direita estava “saindo do armário”, e a entrevista foi realizada em 2019, ao final do primeiro ano de mandato de Jair Bolsonaro, o livro visava às vendas e a entrevista foi realizada para uma pesquisa acadêmica, sendo conduzida por uma doutoranda de sociologia – que, no olhar do senso comum, se associaria mais à esquerda –, de modo que as identificações parecem ter sido moduladas também conforme os interlocutores e os públicos presumidos de cada uma das produções.

Mas, se, por um lado, essas classificações parecem oscilar conforme as mudanças conjunturais e os contextos de diálogo, há nelas também uma lógica mais estrutural. Nesse sentido, a inter-relação entre as propriedades de origem e posição coloca-se como fator explicativo para as tomadas de posição mais ou menos à direita articuladas com as autodefinições. A partir da estruturação do espaço social, foi possível, aliás, identificar as lógicas que sustentam as identificações dos agentes e como elas se distinguem conforme as posições sociais.

2.2 A LÓGICA DA DISTINÇÃO: A NATURALIDADE NA ANÁLISE SOCIAL E NA (AUTO)DEFINIÇÃO POLÍTICA

Os mais acadêmicos e especialistas dos intelectuais midiáticos, como visto, são aqueles cujas origens e trajetórias estão mais vinculadas aos trunfos escolares. Vindos de classes médias e altas, eles conviveram na infância e adolescência com ambientes propícios à discussão político-ideológica, à referenciação intelectual, à distinção cultural. Em ambientes de esquerda

ou progressistas, convivendo com os amigos intelectuais dos pais e familiares, com leituras de clássicos – inclusive, de interpretação do Brasil – ainda jovens, com estímulos e cobranças em relação aos seus desempenhos acadêmicos e às suas habilidades linguísticas, a trajetória acadêmica que traçaram foi algo quase “natural”, desejado e esperado nos seios familiares. A essa expectativa se somou a passagem por instituições de ensino de elite, nas primeiras etapas, mas, sobretudo, na formação universitária. Tendo estudado em departamentos que marcaram não apenas suas trajetórias, mas que são apontados como referências em seus campos específicos, esses acadêmicos e especialistas contaram com uma formação extensa, intensa e socialmente reconhecida.

Nesses contextos, as tomadas de posição sobre os assuntos relativos à política, à economia e ao desenvolvimento social do país fazem parte de seus repertórios e suas expectativas, de modo que a condição de agentes sempre prontos a explicar o mundo social é demandada por jornalistas, alunos e pares, legitimada socialmente e naturalizada por eles. Assim, esses agentes mantêm as disposições propícias à expressão de suas análises e avaliações sobre o país. A primeira lógica que guia esses agentes, portanto, é aquela que envolve a condição de “intelectual público”, aquele que precisa convencer o público, mas também o que tem as chaves para explicar o mundo social e propor soluções a ele. Nesse sentido, embora expressem claramente seus posicionamentos, procuram também manter uma certa independência partidária, a fim de garantir a relativa autonomia (aparente ou não):

Eu não tenho alinhamento automático com nenhum partido, escolho voto e candidatos de diversos partidos, mas eles são todos de esquerda. Esquerda, eu entendo a coisa de você se solidarizar com os interesses populares, de quem é oprimido. Essa é a posição que eu defendo. E eu acho que a minha função como intelectual é tentar exatamente compreender e articular esses interesses, que todo o processo de dominação política visa retirar a compreensão, inclusive, do processo social e político dessas classes. (...) E, por conta disso, é importante que eu seja “independente”. Não seja de nenhum partido, não seja vinculado a ninguém automaticamente etc., para tentar exatamente ter a maior liberdade possível na expressão e na articulação desse tipo de interesse, que eu acho que é o principal. (Entrevista com um dos mais acadêmicos).

A vida partidária é muito chata e exige, muitas vezes, uma disciplina de pensamento que colide com um pensamento independente. É um problema da maioria dos intelectuais. (Entrevista com um dos mais especialistas).

Mas, além disso, para a maioria, o posicionamento progressista ou à esquerda também aparece como quase “natural”: “Eu diria que eu sou de esquerda, sempre fui, desde antes de nascer, meu pai quis marcar o nome dos filhos dessa forma” (Entrevista com um dos mais acadêmicos); “Eu sou um socialista democrático, bastante convicto” (Entrevista com um dos mais acadêmicos); “Por volta do momento em que eu entrei na faculdade, mais ou menos, eu fixei essa posição. E é a posição que tenho até hoje” (Entrevista com um dos mais acadêmicos).

Nesse sentido, com progenitores ou parentes intelectuais e militantes políticos, vários dos mais acadêmicos e especialistas herdaram e ampliaram as condições sociais dessas tomadas de posição assim como as referências intelectuais, as ideologias políticas e as disposições para as posições que ocupam. Ao mesmo tempo, as trajetórias permitiram ajustar ou não suas tomadas de posição, em maior proximidade ou distanciamento com aquelas herdadas no seio familiar.

No caso dos mais especialistas cujas origens remetem a essas heranças, as disposições para a afirmação mais à esquerda vão de encontro aos interesses referentes às posições que passaram a ocupar no espaço social. Envolvidos com agências financeiras e agências de consultoria política e econômica; disputando postos da burocracia estatal; tendo políticos, empresários e mercado financeiro como clientela; atuando como professores de universidades privadas de elite; e, ao mesmo tempo, empenhados na publicação de colunas e livros, por um lado, e artigos de suas áreas específicas, por outro; eles concorrem em lógicas distintas e até mesmo inconciliáveis: por um lado, os interesses político-econômicos de suas clientelas e de si próprios; por outro, as lógicas acadêmicas e intelectuais. Assim, tentam conciliar essa posição dúbia com declarações de um posicionamento mais à direita no âmbito da economia e mais à esquerda no âmbito dos costumes: “Sou um extremista do centro. Nos termos do debate, em matérias de costumes, mais para esquerda, e em matéria econômica, mais para direita, com as categorias usuais” (Entrevista com um dos mais especialistas); “Visão liberal na economia e libertária na parte de costume. (...) Na dimensão econômica, estou obviamente à direita. Na dimensão social, estou obviamente à esquerda” (Entrevista com um dos mais especialistas). Aqueles especialistas que se distanciam com mais ênfase das origens e formações típicas desse polo e do polo dos acadêmicos são os que também assumem com menos inibição a identificação à direita e as tomadas de posição nesse sentido, como, por exemplo, na eleição de Jair Bolsonaro.

Mas ainda há aqueles que expressam maior desconforto em relação à vinculação à direita, mobilizando estratégias de legitimação de suas autoidentificações, ao usarem como justificativas comparações com outros países, citações a autores referências e argumentos econômicos:

eu me considero um social-democrata, no sentido bem estabelecido pelo Norberto Bobbio, eu não tenho nenhuma preocupação em políticas que tenham algum impacto negativo sobre eficiência econômica se a contrapartida dela for atender algum objetivo de equidade, de redução da desigualdade. Nesse corte, eu me considero social-democrata, já escrevi isso, governo FHC no meu entender é um governo social-democrata, de esquerda, de centro-esquerda. Essa ideia que o PT e a esquerda quis jogar na testa do PSDB de governo neoliberal não faz o menor sentido. É um governo que aumentou carga tributária, aumentou gasto social, governo que aumenta gasto social é difícil se caracterizar como de direita em qualquer lugar do mundo. Governos neoliberais como Margaret Thatcher, Reagan diminuem gasto social, não aumentam

gasto social. Acho estranha essa caracterização do governo FHC como governo de direita. (...) [Eu me diria de] Centro-esquerda, apesar de no Brasil eu ser taxado de direita. Acho super esquisito isso. Certamente, no Chile, votaria na Bachelet. Certamente, o governo FHC é à esquerda da Bachelet. Porque no Chile a Bachelet é de esquerda e no Brasil o FHC é de direita, eu não sei. (Entrevista com um dos mais especialistas).

Assim como no trecho acima, é comum entre os mais especialistas – mas também entre os jornalistas *mainstream* mais à direita – a adoção do governo de Fernando Henrique Cardoso e do PSDB como parâmetro de definição do espectro político:

Meus amigos de direita acham que, porque eu trabalhei no governo Fernando Henrique, eu sou comunista, e o pessoal de esquerda que eu conheço olha, me enxerga como à direita do governo Fernando Henrique, portanto, um neoliberal. Então, eu não estou em lugar nenhum, se é assim eu estou no centro. (Entrevista com um dos mais especialistas).

Nesse sentido, a própria consideração de um parâmetro diferente parece distinguir os que tomaram posições mais à esquerda nos momentos de crise e que assim são reconhecidos daqueles que, mesmo afirmando-se mais ao centro ou centro-esquerda, defenderam o impeachment, votaram nulo ou em Bolsonaro nas eleições de 2018, são reconhecidos como à direita e vinculam-se a instituições mais associadas a este polo.

2.3 A LÓGICA DA BOA VONTADE CULTURAL: A LEGITIMAÇÃO DA DOMINÂNCIA

A boa vontade cultural e intelectual dos mais jornalistas se manifesta, em primeiro lugar, em uma autoidentificação política mais próxima à centro-esquerda (sobretudo, no caso dos mais *mainstream*) ou à esquerda (no caso dos blogueiros). Nesse sentido, mesmo que tenham se posicionado mais à direita nos momentos de crise analisados, apenas dois dos mais jornalistas se afirmaram mais próximos da centro-direita – em ambos os casos, essa autoclassificação foi justificada por conta das visões econômicas mais liberais.

Formados no contexto de ditadura militar, com maior ou menor participação nos movimentos de oposição ao regime, esses jornalistas forjaram uma identificação com a esquerda na época. No caso dos que se deslocaram para tomadas de posição mais à direita, essa identificação prévia traduziu-se em um movimento em direção ao centro e na adoção de uma certa postura de “(centro-)direita envergonhada”, na medida em que suas autoclassificações mantêm uma contradição não apenas com certos posicionamentos que expressam, mas também com os institutos e figuras políticas com os quais mantêm vínculos assim como com as classificações dos pares e adversários.

Além disso, os princípios da profissão – tais como a busca pelo equilíbrio, pela sobriedade, pela exposição dos dois lados de um fato – podem se traduzir em identificações mais próximas ao centro, associadas, assim, a certa moderação:

Eu sempre fui, como eu me sentia jornalista, jornalista, jornalista, eu dizia “Qual é a minha ideologia? É o jornalismo”. Eu sempre me descrevi como de centro, porque eu, como jornalista, eu obrigatoriamente tinha que conversar sem preconceito com a direita, com a esquerda, com o centro, e eu consegui isso. É uma das vitórias da minha carreira, que eu consegui não ser tragado pela ideologia. Então, eu sou de centro, mas eu sou a favor da liberdade, da democracia, dos direitos, acho... os direitos das minorias têm que ser abrangidos, isso aprendi desde pequenininho na minha família e trago comigo a vida inteira, os direitos, a democracia, a liberdade, a independência, a manifestação, a discordância, o confronto de ideias, basicamente isso... agora nunca fui ligado a partido nenhum. (Entrevista com um dos mais jornalistas *mainstream*).

Por meio da retórica de defesa desses princípios, os jornalistas, especialmente os mais *mainstream*, podem contribuir também na produção de simetrias que têm mais o efeito de distorção do que de moderação, tal como se observou nas eleições de 2018. Funcionários de grandes empresas de comunicação, essas figuras, ao mesmo tempo que possuem certo grau de autonomia, cumprem também regras do jornalismo dito profissional bem como regras organizacionais, explícitas ou não. Trabalham em uma constante negociação – consciente ou inconsciente – entre o que podem e o que não podem manifestar como posição política.

Diante dessas posições relativamente dominadas, as fontes oferecem a eles o respaldo para seus posicionamentos, de modo que eles trabalham também na legitimação das hierarquias mais altas da produção de opinião política. Nesse sentido, o que foi possível observar ao longo da pesquisa foi uma homologia entre as posições, de modo que o status de legitimidade crescente dos especialistas se conformou em paralelo a um processo chamado de “despolitização” do jornalismo – nesse contexto, posicionamentos associados a uma escolha técnica são lidos como não-ideológicos. Com isso, os receituários e análises oferecidos pelos mais especialistas dos intelectuais midiáticos passam a ser repetidos pelos mais jornalistas *mainstream*, que, por sua vez, por suas posições e trajetórias, mantêm com os mais especialistas alianças em termos de tomadas de posição.

Seguindo essa lógica, a boa vontade cultural e intelectual se expressa também na disposição positiva que os mais jornalistas mantêm em relação às figuras que encarnam o lugar de intelectual, professor e universitário – como, por exemplo, na identificação que vários deles expressaram em relação a Fernando Henrique Cardoso (mencionada também na Parte III).

Eu sou... como é que eu vou me definir? Está tudo tão maluco... era mais fácil negócio de PSDB, tal, eu sempre fui simpatizante de uma coisa assim com o PSDB, não sei como a gente pode chamar isso... por exemplo, acho Fernando Henrique bárbaro, quer dizer, bárbaro assim... pô, foi ótimo aquele governo, de uma gente estudada, bem intencionada... nem todo mundo, claro, bandidagem tem em todo canto... mas, assim,

no geral era bom, ambiente legal, entendeu?! Ambiente legal. E eu gosto daquela gente, né. Assim, é o mais próximo de explicação que eu possa te dar... Então, é difícil dizer, seria fácilimo eu te falar assim: “centro-esquerda”, todo mundo que é tucano, não sei o que, diz isso [risos], centro esquerda... mas acho tão... não sei se define, sabe?! (...) Agora, como você perguntou e você precisa saber, só para te explicar como é que é o meu jeito de pensar. Entendeu?! Gosto de tucano. Agora, gosto de todos os tucanos? Claro que não, né. (...) Então, eu gosto dessa gente assim... eu gosto de Fernando Henrique. Ai, eu gosto dessa gente inteligente, sabida, sabe?! (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Da mesma forma, os processos de socialização por que passaram em redações dos anos 1960 a 1980 engendraram nesses jornalistas um certo liberalismo nos costumes, de modo que, mesmo os com tomadas de posição mais à direita expressam algumas visões de mundo relativamente progressistas nas questões sexuais, de comportamento e direitos individuais (com algumas exceções). Por outro lado, um dos componentes mais conservadores, no caso dos jornalistas, se refere a um tratamento mais moral do que político (BOURDIEU, 2015a) das práticas de corrupção. Assim, ao expressarem suas posições político-ideológicas, mobilizam argumentos que se relacionam ao caráter e à honestidade dos indivíduos.

Os caras do PT me acusaram de tucano, agora de Bolsonaro. Imagina! Eu não sou cego, eu vejo... até gostaria de não ver com tanta clareza os defeitos de um e de outro. Ocorre que eu tomo determinadas posições, eu escolho sempre um problema principal. Para mim, o problema principal é a corrupção. E a minha oposição ao PT é feita muito mais por razões morais do que políticas. Eu não tenho nada com isso... sujeito quer ser socialista, vai disputar na urna, se eleger e implantar o socialismo. Na urna, tem que ser eleição. Eu sei que o Bolsonaro é tosco, imagina!, não tem preparo. Como não tinham preparo a Dilma e o Lula... (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Ademais, por conviverem com bastante proximidade com o mundo político, os jornalistas dos dois polos mobilizam os argumentos do “muito viu” (BERGAMO, 2011) para conferir legitimidade às suas visões sobre o mundo político:

Quando você trabalha no jornalismo político, se você trabalha nisso com honestidade de propósitos e sem esse engajamento partidário e tal, você nota muito rapidamente que você está diante de um grande teatro. A política é muito parecida com teatro. Os políticos interpretam papéis ali, papel de oposição, papel de governo, papel de defensor, papel de acusador. E você nota, se você tiver um olhar sem preconceito, sem condicionamento, sem ser engajado e tal, que não tem mocinho que é 100% mocinho e nem bandido que é 100% bandido. E que em todos os partidos, todas as áreas ... quase todos né, hoje em dia tem uns aí que é mais difícil... você encontra gente boa, gente ruim, gente correta, gente sacana, gente que está ali pela política, gente que está para fazer negócio. Acho que a convivência de perto te tira um pouco essa visão idealizada que às vezes você tem de fora da política. “Ah, não, os caras do PSOL são bonzinhos, os caras do PSL são tudo safados, os caras do PSDB são todos elitistas, os caras do PT são todos trabalhadores”. Não é isso, está longe de ser isso. Retomando a frase do Bismarck, quando você vê como a política é feita por dentro, você passa a ter uma visão menos romantizada e mais pragmática, mais objetiva sobre o que você está cobrindo. Por isso que eu te digo, não tenho uma admiração específica, claro que tem figuras na história que eu acho mais interessantes, do ponto de vista jornalístico, inclusive. (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Da mesma forma, jornalistas mais *mainstream* ou blogueiros compartilham o valor da pluralidade, no sentido de que suas legitimidades se ancoram, em boa medida, no fato de que circulam por diferentes espaços e conversam com pessoas de partidos diferentes. Assim, ainda que possam se identificar com posições mais à esquerda, eles, em sua maioria, não se vinculam a partidos. Nesse sentido, a partidarização, mais do que uma posição política, é vista pelos mais jornalistas como uma espécie de vínculo inadequado ao exercício da profissão.

Quanto aos jornalistas mais blogueiros, especificamente, embora se assumam como mais progressistas, há entre eles diferentes formas de reação ao fato de serem taxados como ideológicos ou partidários. Por um lado, há quem, embora se reconheça como de esquerda, receie um enquadramento muito rígido: “Eu acho que eu sou um humanista, sabe?! Se você quer dizer o que é esquerda e direita, usando os parâmetros conhecidos, eu estaria na esquerda, mas eu não me preocupo com isso. E nem eu quero me deixar carimbar por isso, entendeu? Porque isso te limita.” (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros). Isso porque, em posições mais instáveis no mercado da informação e da opinião, ser associado a um polo político específico ao mesmo tempo em que pode lhes render trunfos também pode reduzir a credibilidade que se constrói por meio da ideia de imparcialidade assim como restringir o círculo de leitores. Por outro lado, há aqueles que assumem tais posições e, para isso, mobilizam argumentos contrários ao ideal de neutralidade, afirmando a posição ideológica da imprensa.

Eu não acho que o meu site ser declaradamente de esquerda, ou seja, ter um viés assumido, eu não acho que isso me prejudique jornalisticamente (...) Eu acredito que, ao longo desses anos, tenho mais de 30 anos como jornalista, eu conquistei uma credibilidade, tanto é que meus colegas da mídia comercial divulgam os meus textos normalmente quando eles gostam de alguma coisa que eu escrevi. Também acho que essa história do jornalismo imparcial é uma balela, que a imprensa comercial inventou para dizer que eles não têm lado, sendo que o lado deles sempre foi explícito, basta a gente ver a perseguição que eles fizeram ao PT todos esses anos. O que eu defendo, Allana, é que o jornalismo não precisa ser imparcial, o que ele precisa ser é honesto, e o que eu faço é jornalismo honesto. O que eu acho que pode me prejudicar ou me prejudica é certamente se eu fosse procurar emprego na mídia comercial, eu teria dificuldades, porque, como eles passam essa imagem falsa de que são imparciais, não costumam ver repórteres que têm uma posição política declarada (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Tomadas de posição como essa se coadunam com uma certa posição de fronteira, entre o jornalismo e a militância, de modo que ora eles se aproximam de um polo, ora de outro, seja por suas práticas, seja pela maneira como são reconhecidos.

2.4 A LÓGICA DA NECESSIDADE: A LUTA POR UMA CAUSA OU A DEPENDÊNCIA DE UMA PERFORMANCE

Em posições mais instáveis no mercado de opiniões – correlacionadas com origens ligadas a posições de classe de risco, seja por condições mais vulneráveis, seja pelas ameaças de desclassificação –, os mais polemistas e militantes dos intelectuais midiáticos baseiam suas tomadas de posição mais à direita ou mais à esquerda a partir da adesão a uma causa:

Eu sou uma pessoa feminista (risos), eu sou feminista, ou seja, eu sou uma pessoa de esquerda, é uma esquerda feminista, é uma esquerda bastante radical, mas não é uma extrema-esquerda. É a esquerda da democracia radical. (Entrevista com um dos mais militantes).

Eu atuo na causa liberal, sem sombra de dúvidas. Eu nunca escondi que eu tenho uma visão de mundo, eu não sou um “jornalista”, primeiro que eu não sou repórter e muita gente não sabe fazer essa distinção. Eu sou um comentarista, eu sou pago para dar opinião, então, eu sou pago para dar o meu filtro opinativo e não para ser isento. O repórter deveria ser o mais imparcial possível, mas muito repórter gosta de se enxergar como desprovido de preconceitos ideológicos. Eu prefiro nunca esconder que eu venho de uma visão de mundo de direita, eu sou um cara que atua na causa liberal há anos, eu não escondo isso de ninguém. (Entrevista com um dos mais polemistas).

Nesse sentido, ao contrário dos mais jornalistas, que antes de tudo, devem demonstrar um compromisso com o papel profissional que exercem, colocando-se, portanto, em um lugar em que a notícia precede suas causas e visões pessoais, os mais polemistas e militantes se engajam em lutas sociais, as quais, para os lugares que eles ocupam no mercado de opiniões, tornam-se uma espécie de trunfo – e, em alguns momentos, de prejuízo. Sendo chamados a falar no debate sobretudo a partir de suas militâncias, ativismos e posicionamentos, são apresentados como “guru da nova direita”, “jornalista de direita”, “intelectual da direita”, “defensor da causa liberal” ou, por outro lado, “intelectual feminista”, “jornalista de esquerda”, “militante feminista”, “representante do movimento negro”, entre outras expressões.

Enquanto a relação entre a trajetória social e as tomadas de posição dos agentes mais jornalistas, especialistas ou acadêmicos é mediada pelos papéis profissionais que eles ocupam, no sentido de que suas identificações mais à esquerda ou mais à direita são justificadas e pensadas a partir desses vínculos e compromissos firmados mais ou menos conscientemente; no caso dos mais polemistas e militantes, há uma inversão no sentido de que são, principalmente, os posicionamentos políticos que os levam a ganhar esses postos e visibilidades, sendo eles defesas anteriores. Assim, parece haver também uma relação menos mediada e mais essencializada entre algum traço da origem social – tal como ser pobre honesto; pobre trabalhador; filho de empreendedor; novo rico; homem branco; mulher; negra; católico; evangélico; caipira; cosmopolita – e a vinculação a uma determinada forma de pensar, que pode se expressar como mais progressista ou mais reacionária:

Até porque eu, na verdade, entendi que o PT... era uma correção de rumo, o PT combinava mais com a minha história, eu venho de uma classe social explorada e desfavorecida, eu não venho das classes abastadas que produzem determinado tipo de intelectual, digamos, muitas vezes decorativo. Eu não queria ser essa intelectual decorativa da Zona Sul do Rio de Janeiro. Então, eu fui procurar também... eu, digamos, fui para o PT procurar a minha turma. (Entrevista com um dos mais militantes).

Uma das lógicas que perpassa as tomadas de posição dos mais polemistas e militantes e suas justificativas é a da representação social. Os mais à direita acionam o argumento de que a maior parte da sociedade brasileira – incluindo, os pobres, os trabalhadores e a classe média – é “conservadora” e, portanto, os posicionamentos que eles professam representariam parte dessa população, que, segundo eles, é esquecida pelos intelectuais ou jornalistas. É como se, desse modo, eles pudessem não apenas reconhecer essa parte da sociedade, como dar voz a seus interesses e suas visões de mundo. Mas, se, por um lado, colocam-se como representantes dessa população destituída de capitais econômicos e culturais assim como de representação, por outro, eles também criticam o que chamam de “populismo”, “vitimismo”, “socialismo”, exaltando valores do mercado e da meritocracia. Por meio de clichês, palavras de ordem, expressões do senso comum, eles vão reproduzindo ideias sobre o que é ser “esquerda” e “direita”, “socialista” e “capitalista”, “petista” ou “antipetista”, produzindo um arsenal de frases repetidas à exaustão durante os governos do PT, como um todo, e especificamente nas crises do impeachment e da eleição de Jair Bolsonaro.

É claro que alguns dos polemistas – os de maior prestígio e dotados de maior capital escolar – oscilam entre essa linguagem de combate e uma outra de análise, que aplicam nos espaços mais legitimados. Nesse sentido, embora necessitem da polêmica para manter suas posições no mercado de opiniões, os lugares que ocupam em certos jornais de prestígio ou universidades privadas também demandam alguma legitimação por meio de argumentos mais embasados ou mesmo por meio da negação de qualquer vínculo partidário:

(...) eu não sou filiado a nenhum partido, não sou colaborador de nenhum partido e faço questão de não ser. (...) Os colunistas que não representam partido, na minha opinião, não devem mesmo representar partidos e não devem ter compromissos partidários, se não, você está traindo o teu leitor. (Entrevista com um dos mais polemistas).

Não tenho partido nenhum, nem posso ter por contrato com a *Folha* (Entrevista com um dos mais polemistas).

Ainda assim, também se classificam a partir de determinados aspectos de suas visões de mundo. “Formalista”, “legalista”, “republicano”, “niilista”, “cético”, “liberal” são algumas das caracterizações que esses agentes fazem de si mesmos e com as quais tentam mediar suas adesões à direita e suas tomadas de posição em momentos específicos.

Os mais à esquerda também mobilizam a lógica da representação. Ligados a movimentos e causas sociais – como o feminismo e o movimento negro, por exemplo – ou sendo apoiadores e simpatizantes dos mesmos, suas falas e presenças no mercado de opiniões aparecem como uma resposta às demandas por representação. Suas figuras em si bem como suas identidades e defesas são acionadas como forma de luta política e social contra as desigualdades do país e as assimetrias encontradas nesse espaço do debate público. Há entre eles também os que fazem parte de grupos sociais privilegiados – como os dos homens brancos de classe média alta – e que utilizam, em alguma medida, seus espaços para reverberar as causas e as demandas desses grupos, para denunciar as assimetrias e desigualdades, em uma postura de aliados da causa. De todo modo, todos eles, assim como os mais à direita, também tentam equilibrar o tom militante com as análises do mundo social e as demandas do espaço jornalístico.

De maneira geral, a lógica da representação guarda relação com a posição que possuem nesse mercado de opiniões: mais dependente da aprovação de seus públicos, seja por meio da venda de livros, de seguidores em redes sociais, de audiências nos programas de televisão e rádio em que trabalham ou participam (ver subcapítulo 3.3 desta Parte).

3 AFINIDADES ELETIVAS E RELAÇÕES DE HOMOLOGIA

Ao longo da pesquisa, fui recolhendo uma série de indícios acerca das afinidades eletivas estabelecidas pelos intelectuais midiáticos entre si, entre eles e as frações de classe de origem, bem como entre eles e suas clientelas. Essas afinidades foram sendo evidenciadas no texto por meio da análise das tomadas de posição dos agentes nos dois momentos de crise bem como de suas trajetórias, estando presentes em excertos que, em alguns momentos, foram elencados até mesmo para discutir outros aspectos. Se, em outras partes, frisei as relações com pares, fontes e chefias, nesse último capítulo busco estabelecer três lógicas, vinculadas às anteriores, as quais evidenciam uma certa homologia entre os intelectuais midiáticos e seus públicos presumidos, respondendo também a um dos objetivos específicos estabelecidos no início da pesquisa. Levando em consideração a heteronomia do mercado de opiniões, ainda que em escalas diferentes para cada um dos polos, a compreensão desses nichos de público coloca-se como fundamental para o entendimento da eficácia simbólica dos investimentos dos intelectuais midiáticos.

Na construção dessas três lógicas, levo em consideração tanto as interlocuções estabelecidas e anunciadas por esses agentes bem como o imaginário que eles acionam para definir seus principais leitores. Nesse sentido, ainda que, por meio das pesquisas de opinião, os colunistas possam confirmar ou não o perfil de seus leitores, as ideias que constroem sobre suas audiências dizem tanto do lugar que reconhecem ou pretendem para si, quanto dos interesses e estilos que mobilizam. Ou seja, ainda que o público real (difícil de ser medido e caracterizado com precisão) possa não corresponder exatamente ao presumido, é esse último que guia primordialmente as produções. Ainda assim, a distância entre um e outro não parece tão grande – haja vista os mecanismos de mensuração atuais, via também redes sociais. Quanto mais homólogas as origens e posições, maior eficácia simbólica esses agentes parecem obter com esses públicos presumidos; quanto maior distanciamento nesse sentido, menos as identificações conseguem ser estabelecidas efetivamente: é o caso, por exemplo, de certos nomes anteriormente da esquerda, com origens sociais ou trajetórias diversas, que não conseguiram se consagrar como representantes desse polo do espectro político nem estabelecer identificação com uma esquerda mais intelectualizada, movendo-se assim para audiências mais conservadoras ou até mesmo reacionárias (com as quais conseguiram estabelecer certa eficácia simbólica); da mesma forma é o que parece ocorrer com certos nomes da esquerda atuais, que tentam atingir classes sociais mais populares, mas que não conseguem gerar uma identificação em termos de gostos, estilos e performances – nesses casos, a falta de naturalidade sobrepõe-se

às intenções anunciadas. Nesse sentido, no contexto atual e no mercado de opiniões estudado, em que as lógicas econômicas predominam sobre as intelectuais, mas que também as posições de uma elite intelectual estabelecida vêm sendo questionadas, a eficácia simbólica entre pares ou núcleos mais intelectualizados se contrapõe à eficácia simbólica entre públicos mais apartados do debate.

3.1 ESPECIALISTAS E ACADÊMICOS: ENTRE TOMADORES DE DECISÃO E FORMADORES DE OPINIÃO

Embora os mais especialistas e acadêmicos escrevam para um público relativamente amplo nas colunas de jornal e revista, o circuito em que transitam, as linguagens que aplicam, os textos e argumentos que constroem, os investimentos a que dedicam maior fôlego apontam para seus interlocutores principais: os tomadores de decisão e os pares. Nesse sentido, seus textos se destinam, sobretudo, às clientelas políticas e empresariais (especialmente, no caso dos mais especialistas) – que lhes rendem negócios e cargos – assim como acadêmicas (sobretudo para os mais acadêmicos) – que lhes garantem prestígio e lhes tornam referências entre colegas e alunos.

Assim, a maior parte desses colunistas tem, por um lado, um público mais ou menos anônimo e, por outro, um conjunto de agentes com que estabelece diálogo constante. Por vezes, nas entrevistas que realizei, esses leitores anônimos foram aludidos a partir das reações agressivas que tiveram às colunas, com xingamentos, ataques pessoais e ofensas: “Por razões de saúde mental, eu não tenho *Twitter* nem *Facebook*, então, sou menos xingado do que se tivesse essas coisas. É um mundo meio bárbaro, não consigo me acostumar a esse jeito” (Entrevista com um dos mais especialistas). Os especialistas e acadêmicos, aliás, são os que menos investem em redes sociais.

Mesmo aqueles que, entre esses dois polos, intentam se direcionar em maior medida para o grande público demarcam a falta de naturalidade com que se colocam nessa posição, ressaltando o aprendizado necessário à ocupação de tal espaço assim como a adaptação de suas linguagens e estilos: “eu fui aprendendo como falar com o grande público. (...) eu já tentei fazer esse esforço (...), como dizer coisas complexas sem essa linguagem hermética da universidade, que no fundo é uma linguagem racista, é uma linguagem elitista, para iniciados.” (Entrevista com um dos mais acadêmicos); “Aprende também a importância de escrever para jornal e ter audiências amplas para o que você escreve, coisa que o economista não tem no circuito acadêmico, escreve para convertidos, escreve para especialistas, tem um número muito

reduzido de leitores” (Entrevista com um dos mais especialistas). Desse modo, a naturalidade com que se colocam na posição de intelectuais públicos, prontos a falar sobre o mundo social, político e econômico, não se converte automaticamente em naturalidade para dialogar com e se direcionar a públicos amplos.

Por outro lado, a recepção por parte de seus clientes, colegas de profissão ou pares acadêmicos é referenciada como a garantia de credibilidade, prestígio, debate civilizado e até mesmo prazeroso, evidenciando as afinidades eletivas entre essas figuras: “Outro dia, eu escrevi um artigo para o *Valor*, que saiu.... que os mais sofisticados gostaram muito, telefonaram para mim etc.” (Entrevista com um dos mais acadêmicos). Se parte dessas afinidades foi herdada dos círculos familiares ou tecida nas trajetórias acadêmicas e profissionais, alguns laços de amizade com figuras de certo poder – como políticos, presidentes, desembargadores e militares – também puderam se constituir a partir das colunas de jornal.

Com o desembargador [nome], eu tenho, eu mando trabalhos para ele, ele também me manda. Temos uma boa interlocução. (...) Todas as relações começaram com os artigos no *Estadão* e a vida pública a partir do *Estadão*. Quer saber como eu conheci o presidente Temer? (...) Eu me apresentei, eu o tratava de senhor na época e ele me disse: “eu sou o seu leitor. Você aceitaria me fazer uma visita no Palácio do Planalto?”. Eu deixei passar algumas semanas e fui visitá-lo. Assim nasceu a amizade. A proximidade primeiro e depois amizade. Com o [nome do desembargador], também. Leitura de artigos. Esse é o dobramento do colunista (Entrevista com um dos mais especialistas).

O espaço de convivência e diálogo circunscreve o lugar que esses colunistas detêm na imprensa e no espaço social. Como conselheiros e interlocutores dos tomadores de decisão, não apenas exercem influências sobre esses – por meio de críticas, elogios e sugestões de solução –, como reproduzem visões e propostas desses decisores, além de contribuírem para legitimar ou deslegitimar determinados planos, medidas e figuras. Nesse sentido, vários dos mais especialistas atuaram, por exemplo, em prol das Reformas da Previdência, da Reforma Trabalhista, da implementação do teto de gastos e dos planos de governo de presidenciáveis e presidentes (como foi demonstrado no capítulo 2 da Parte I e na Parte II).

A ambiguidade da posição midiática se expressa também nos efeitos que tem sobre a vida política e de consultoria. Se ela garante, por um lado, certa credibilidade e visibilidade, atraindo propostas de trabalho e angariando relações sociais importantes, por outro, há momentos em que a presença na mídia entra em conflito com essas atividades: “Ou você opera e não torna público. Ou você não opera e dá entrevistas. (...) Você opera, tem que operar nos bastidores, tem que ser silencioso. Eu escolhi o silêncio, se não, eu não teria podido fazer o que eu fiz.” (Entrevista com um dos mais especialistas); “A experiência de ser colunista e estar participando de uma campanha é difícil... tira sua independência, nem sua independência, mas

sua liberdade, você sempre fica achando que o que você vai escrever pode atrapalhar o candidato” (Entrevista com um dos mais especialistas).

Se a clientela dos colunistas-especialistas é composta prioritariamente por agentes econômicos – empresários, operadores do sistema financeiro, executivos e endinheirados, para quem os experts prestam consultoria e assessoria –, a dos colunistas-acadêmicos é formada sobretudo pelos pares e estudantes da universidade. Ainda que essas clientelas não sejam exclusivas e que as predominantes em uns possam estar presentes no rol de leitores dos outros, o circuito de práticas, a linguagem adotada, os temas escolhidos e as interlocuções ressaltadas nas entrevistas realizadas deixam entrever tais primazias.

Entre esses especialistas, há nichos de clientela (os quais puderam ser observados em várias partes da tese): há aqueles mais ligados ao sistema financeiro, os que têm trânsito entre elites políticas e jurídicas, os que se articulam com militares, os que representam grandes empresas e indústrias e até quem atue mais na gestão cultural. Os que circulam por mais nichos acumulam igualmente mais poder. Já os mais acadêmicos não têm a penetração no campo do poder tal como os mais especialistas, já que esse espaço é dominado contemporaneamente pela figura do expert. Embora alguns dos acadêmicos também atuem em interlocução com partidos e políticos, contribuindo para programas de governo e propostas de políticas públicas, eles se dividem principalmente entre as atividades mais autônomas da produção intelectual na universidade e a difusão de ideias na imprensa e nos meios de comunicação. Enquanto os especialistas buscam unir o papel de intelectual com o de articulador político, tendo mais eficácia nesse segundo do que no primeiro; os acadêmicos são aqueles que têm maior eficácia como propriamente intelectuais, tendo menor papel como operadores políticos. Assim, dominados entre os dominantes no campo do poder, as identificações desses acadêmicos com posicionamentos mais à esquerda também podem ser remetidas a essa questão estrutural: à homologia de posição com os dominados na hierarquia social (BOURDIEU, 2015a; BOURDIEU, 2013). Embora, em relação à posição no campo do poder, os acadêmicos sejam dominados em relação aos especialistas (o que se inverte no campo intelectual propriamente), eles possuem afinidades de classe com os mais especialistas e detêm menos elementos de identificação em termos de estilo de vida, trajetória e gosto com os mais dominados da hierarquia social (tal como conseguem estabelecer certos jornalistas, polemistas e militantes).

3.2 JORNALISTAS *MAINSTREAM* E JORNALISTAS BLOGUEIROS: “DE RABO PRESO COM O LEITOR”²³⁴

O leitor entra na redação, como Neveu afirma (2006), por meio de dois procedimentos opostos: o primeiro a partir da representação intuitiva que o jornalista tem desse público – ora subestimado, ora superestimado; e depois, por meio das pesquisas de marketing das empresas em que trabalham e que visam adequar o conteúdo e o formato do jornal ao perfil identificado. Com a Internet, esse leitor se torna ainda mais presente, seja pelas interações nas redes sociais e comentários nas colunas; seja pelos volumes e características dos seguidores. Por um lado, esse público é referenciado pelos jornalistas como uma expressão de suas independências em relação aos poderes com os quais negociam:

A gente escreve para o leitor né. Isso é uma coisa que às vezes as pessoas perdem um pouco de vista, né. Achar que escreve para si mesmo, que escreve para o chefe ou que escreve para o mundo político... acho que o meu público não é nenhum desses. Eu não escrevo pensando no editor, não escrevo pensando no que o senador, o deputado, o juiz do Supremo vão pensar do que eu escrevi nem pensando na minha própria imagem. (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Por outro, é justamente a busca por atender às expectativas “reais ou imaginárias” desse público – que em última instância, os sustenta – que expressa os constrangimentos econômicos sobre a prática profissional (CHAMPAGNE, 1995). Esse leitor é geralmente referenciado como alguém sem identificação ou interlocução, com um perfil considerado “médio”, o que contribui para a ideia de que o jornalista escreve para todos e de que não tem comprometimento com ninguém:

como ele não tem cara, eu não sei como ele é, eu não vou agradar, mas eu sei que ele é uma pessoa que vai estar do outro lado, querendo entender essa mixórdia. A minha função é traduzir para esse cara, num português que não é de quinta, como é que é essa mixórdia aí (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Porque eu não estou escrevendo para jornalistas. Jornalistas, no mais das vezes, eles escrevem para si mesmo, para os seus colegas, entendeu?! Eu estou escrevendo para um público que não tem a menor ideia do que é essa suruba que é o Brasil (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Eu escrevo para o cara que tem uma profissão qualquer, pode ser um advogado, um economista, um outro jornalista, pode ser uma pessoa sem formação universitária, que tem interesse em política, lê o jornal e quer saber um pouco... (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Nesses trechos, o que se repete é justamente a *illusio* sobre a função profissional do jornalista, a qual seria a de filtrar, selecionar e traduzir as informações do país, explicando de

²³⁴ Esse foi o slogan publicitário utilizado pela *Folha de S.Paulo*, nos 1980, para afirmar sua independência em relação a governos e partidos.

um modo acessível para os leitores o que acontece na política e na economia nacionais. De todo modo, se ao falarem de si, eles citam o leitor sem face; quando mencionam os colegas, eles elencam outros agentes de poder bem como chefes e colegas de profissão como sendo os destinatários da mensagem. Ainda que se refiram a um outro sem rosto, os próprios jornalistas reconhecem que seus públicos se baseiam, sobretudo, em um contingente de leitores das classes A e B²³⁵, que acessam jornais e revistas pagos assim como canais por assinatura. Por diversas vezes, nas entrevistas que realizei, os jornalistas mais *mainstream* mencionaram o perfil elitista, de classe A e até mesmo conservador de seus leitores nos grandes jornais. Houve ainda quem traçou uma homologia entre a redação e o público: “Se você olhar, essa redação é uma redação majoritariamente branca, como quase todas, e uma redação de classe média (...) o leitor do *Globo* ou da *Folha* também tem um perfil socioeconômico muito parecido com esse, que não é representativo da maioria do país” (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*). Por outro lado, os jornalistas mais blogueiros reforçam o perfil sobretudo progressista e de esquerda de seus leitores. Em geral, os jornalistas acionam as características de seus públicos também como forma de assegurar seus próprios prestígios:

Ah, os meus leitores são caras de formação mais refinada, leitores, porque eu gosto de escrever, não faço concessões, não quero ficar mais popular, não quero nada disso, eu gosto de ser lido por pessoas que compreendem aquilo e podem divergir à vontade (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

Eu acho que o meu leitor, o leitor que me motiva é o cara que exige, é o cara no fim parecido comigo, é o cara que exige que você dê o melhor de você. (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

²³⁵ Conforme título de uma matéria publicada na *Folha*, “Leitor da Folha é ultraqualificado, mostra pesquisa” (FOLHA, 2011). Segundo dados apresentados no livro *Folha explica Folha*, referentes à pesquisa do Datafolha de 2011 em que se baseou tal matéria, 87% dos leitores do jornal *Folha de S. Paulo* eram das classes A e B, tendo 72%, curso superior, e sendo 69% economicamente ativos. 51% eram mulheres e 49%, homens. Em termos de profissão, as citadas foram: 17% executivos, 9% professores, 8% empresários e 6% advogados. Sobre a religião, 56% eram católicos, 15% sem religião ou ateus, 12% espíritas e 17% de outras religiões (salta aos olhos o fato de que os evangélicos não possuíram uma porcentagem específica entre esses leitores). Além disso, os dados sobre esse leitor apontavam algumas opiniões dos pesquisados acerca de temas polêmicos: 62% eram contra a descriminalização do uso de maconha; 63% eram contra a adoção da pena de morte no Brasil; 49% eram a favor da descriminalização do aborto; 68% eram a favor da união civil entre homossexuais; e 66% eram contra as cotas raciais nas universidades públicas (PINTO, 2012). Já o jornal *Estado de S. Paulo*, segundo informações presentes no site *Media Lab – Estadão*, tem 63% de seus leitores homens, e 37%, mulheres; 50% são das classes A e B, com 27% tendo ensino superior (MEDIA LAB). Segundo dados do *Infoglobo*, de 2008 a 2009, o jornal *O Globo* tinha 55% de leitores mulheres e 45% de homens; 60% com ensino superior, 26% com segundo grau e 14% com 1º grau; 80% estavam nas classes A e B (INFOGLOBO). O canal *Globo News* também é voltado para o público A e B, embora em 2010, seu diretor, César Seabra, tenha expressado o desejo de, ao mesmo tempo, “continuar atraindo as classes A e B” e “conquistar essa nova leva de telespectadores, que, segundo ele, é bem exigente”: “O canal estava velho, com cenários e linguagem ultrapassados. Temos que nos adaptar à nova realidade. O fundamental é saber que o público da classe C não aceita o que você impõe, não quer seguir as classes A e B. Quer ver o que gosta” (CASTRO, 2010).

Por meio das afinidades eletivas, eles tentam garantir seus lugares nas redações em que trabalham, as quais dependem cada vez mais de seus assinantes, sobretudo, os de maior poder aquisitivo (ver subcapítulo 3.5 da parte IV). Da mesma forma, procuram manter seus leitores nos blogs em que escrevem, os quais também dependem de um público fiel. Ademais, a influência sobre tomadores de decisão – assim como para especialistas e acadêmicos – também garante a esses jornalistas lugares importantes no mercado de opiniões:

Mas eu tenho a certeza de que meu público é um público A e B. (...) eu tenho informações pessoais de que o governo todo lê, os deputados leem, os senadores leem, os ministros... eu sei que meu público é esse público e os formadores de opinião: empresários, acadêmicos, professores. A minha maneira de escrever é uma maneira que não é uma maneira fácil, porque eu procuro aprofundar a análise dos assuntos e o texto é um texto longo, é uma coluna longa. (Entrevista com um dos jornalistas mais *mainstream*).

(...) as pesquisas internas da *Folha* e pesquisas de algumas grandes assessorias de comunicação sempre me incluíram entre os três jornalistas que mais influenciavam o mercado e as grandes empresas. (...) Então, quando eu passo a romper com esse tipo de jornalismo, esse público de mercado obviamente... (...) Hoje, eu tenho um público que é dito progressista. (Entrevista com um dos jornalistas mais blogueiros).

Os excertos acima demonstram uma relação de mão dupla: ao mesmo tempo em que ter como leitores certos tomadores de decisão garante a esses colunistas lugares nos principais jornais, que disputam as definições dos rumos políticos, econômicos, sociais e culturais do país; a posição nesses jornais contribui para que esses colunistas tenham prestígio diante dos decisores. Ademais, ainda que, por um lado, esses jornalistas tenham que responder em alguma medida aos princípios profissionais, que os levam a afirmar a primazia dos leitores; por outro, como visto ao longo da tese, as fontes com quem conseguem manter interlocução afetam fortemente suas manutenções no jogo.

Assim, há também entre esses agentes certos nichos, já que os jornalistas vão encontrando seus lugares de prestígio ao se ancorarem em certas figuras ou grupos de poder: há aqueles mais ligados aos padrões da imprensa; os que têm relações estabelecidas com fontes do Judiciário (ministros do STF, advogados e promotores); os que têm maior trânsito no Congresso e seus lobbies; os que mantiveram ou mantêm proximidade com presidentes; os que dialogam com militares e diplomatas; os que articulam com o mercado financeiro ou figuras de outros setores econômicos (agronegócio, indústria, comércio); os que estabelecem maior interlocução com intelectuais reconhecidos; os que sustentam proximidade com sindicatos, movimentos sociais e lideranças políticas populares. Por meio das entrevistas concedidas a mim ou publicadas na imprensa e dos artigos escritos por esses jornalistas, esses nichos puderam ser observados e foram sendo mencionados ao longo da tese.

Nesse sentido, parece haver uma homologia entre jornalistas *mainstream*, grandes jornais, atores políticos e econômicos dominantes, de um lado; e os jornalistas blogueiros, os portais progressistas e atores políticos e econômicos menos dominantes, de outro. Da mesma forma, se os mais *mainstream* têm, em sua maioria, como público presumido uma classe média e alta mais conservadora, os mais blogueiros presumem ser lidos por uma classe média mais progressista. Ainda que esses públicos se misturem e que tenham, inclusive, jornalistas *mainstream* mais à esquerda, essas identificações parecem moldar, em grande medida, as formas de expressão de suas tomadas de posição.

3.3 POLEMISTAS E MILITANTES: DOS FÃS AOS HATERS

Enquanto os outros polos se dividem entre a necessidade de atender um público relativamente mais amplo e os compromissos, explícitos ou não, com seus interlocutores mais diretos, os polos dos mais polemistas e militantes são mais dependentes do público e também de seus chefes. Suas atuações primordiais na televisão, no rádio, nas redes sociais e em canais do *YouTube* os colocam como condicionados pelas lógicas da audiência e dos fãs assim como dos seguidores e dos *haters*, ainda que alguns também respondam às lógicas mais predominantes entre especialistas, acadêmicos e jornalistas. As ênfases tanto no crescimento da audiência dos programas em que trabalham ou trabalharam assim como no volume de seguidores e no compartilhamento elevado de certos conteúdos marcam as práticas profissionais desses agentes. Assim, pela TV e pelo rádio, as pesquisas de audiência, de forma um pouco mais indireta, vão dando mostras de seus sucessos ou fracassos. Já pelas redes sociais, o volume de curtidas, os compartilhamentos e cancelamentos se configuram como um feedback automático às suas publicações.

Dessa maneira, respondem também a lógicas distintas, em certo sentido: a da massificação (por meio das atuações em TVs abertas, canais de rádio e grandes portais) e a da segmentação (por meio das redes sociais e canais fechados), as quais se entrelaçam contemporaneamente, já que também a mídia eletrônica passa a investir nessa segmentação:

via redes sociais, é o campo progressista, são políticos, são empresários, que podem concordar ou não comigo, gostar ou não de mim, mas que estão lá seguindo. A home do UOL é um canhão, você tem o que lá? Cento e dez milhões de pessoas, de brasileiros que passam por lá mensalmente, então é um público amplo, né. Meio que quase o Jornal Nacional, assim... (Entrevista com um dos mais militantes).

Nesse sentido, ao mesmo tempo que falam para um grande volume de telespectadores e ouvintes, também precisam responder às demandas de seus públicos fiéis na Internet. Transformados em celebridades, vários dos mais polemistas e militantes passam a ser citados

em sites e revistas sobre figuras célebres, participam de programas baseados em fofocas e entretenimento, são tratados como artistas e estrelas da televisão. Da mesma forma, pelas redes sociais, mantêm com os seguidores afinidades em termos de estilo, gosto e visões de mundo. Esse mercado, porém, não se define apenas pelo que afirma e pelo que escolhe, mas também pelo que rechaça e odeia – desdobrando-se, portanto, na lógica dos *haters*. Um dos entrevistados, por exemplo, quando perguntado se tem em mente algum perfil de público específico, respondeu:

Tem. Os meus chefes [risos] (...) Eu fico imaginando que muita gente que não gosta das minhas colunas vai ler, e eu gosto de irritá-las [risos]. (...) Um público que vota no Partido Novo, que via o Michel Temer com bons olhos, que teve que votar no Bolsonaro para não votar no Haddad e tal... (...) Jovens universitários que não são de esquerda. (Entrevista com um dos mais polemistas).

O volume de seguidores nas páginas do *Facebook*, do *Twitter*, do *Instagram* e do *YouTube* tornaram-se uma espécie de capital midiático importante. Servem como moeda de troca na obtenção de novos empregos; na venda de seus blogs, canais e páginas pessoais aos anunciantes e patrocinadores; nas disputas com outros polemistas e militantes ou mesmo na sedução de novos seguidores. Ainda assim, o que se percebe atualmente é que esses canais vão se retroalimentando, de modo que as audiências obtidas nos veículos de comunicação garantem uma maior repercussão na Internet, assim como a ostentação de altos números de seguidores nas redes sociais pode atrair o interesse das empresas de mídia. Os números de seguidores dos intelectuais midiáticos aqui estudados demonstram como a televisão e o rádio ainda têm uma centralidade na formação dessas audiências, já que, dos mais seguidos no *Twitter*²³⁶, no

²³⁶ Segundo dados coletados em novembro de 2020, Míriam Leitão era a que tinha maior volume de seguidores no *Twitter* com mais de 2 milhões, seguida por Rachel Sheherazade com mais de 1 milhão e meio, Ricardo Amorim e Diogo Mainardi com mais de 1 milhão. Com mais de 500 mil seguidores no *Twitter*, estavam em ordem decrescente: Augusto Nunes, Reinaldo Azevedo, Marcelo Rubens Paiva, Olavo de Carvalho, Marco Antonio Villa, Eliane Cantanhêde, Paulo Henrique Amorim (*TV Afiada*), Guilherme Fiuza e Rodrigo Constantino. Entre 100 mil e 500 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Carlos Alberto Sardenberg, Leonardo Sakamoto, Luiz Felipe Pondé, Joice Hasselmann, Luís Nassif, Bob Fernandes, Antonio Prata, Fernando Gabeira, Cynara Menezes, Laura Carvalho, Bernardo Mello Franco, Monica de Bolle, Eduardo Moreira, Emir Sader e Marcia Tiburi. Entre 10 mil e 100 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Alexandre Schwartzman, Jessé Souza, Leandro Narloch, Florestan Fernandes Jr., Paulo Moreira Leite, Fernando Schüler, Gustavo Franco e Murillo de Aragão. Já os outros tinham menos de 10 mil seguidores ou não tinham perfil no *Twitter*.

*Facebook*²³⁷ e no *Instagram*²³⁸, uma parte considerável atua em programas de rádio e televisão²³⁹. Já a centralidade dessas redes no trabalho dos mais polemistas e militantes fica evidente no trecho abaixo.

Acho que isso [o *Twitter*] se tornou uma coisa bem central no meu trabalho. (...) Eu continuo aí com projetos e tal, mas em termos de sustento, falando muito claramente, essa outra área do colunismo, do autor de livros também, tem os direitos autorais, continuam vindo, eu tenho um livro mais ou menos recente – nem tão recente, já tem um ano –, mas continuam vindo os direitos autorais, e eu posso dizer que o *Twitter* é central nisso tudo (...) e isso é o lado bacana das redes, realmente dessa interconexão, que hoje em dia dá para dizer que a minha persona (...), o meu personagem mais conhecido e mais forte é o do *Twitter*. Então, as pessoas identificam, eventualmente leram meus livros, viram as minhas coisas, e leem as minhas colunas e tal, mas é o perfil do *Twitter* que é o mais conhecido e é o que me rende mais oportunidades como foi no colunismo (...) (Entrevista com um dos mais polemistas).

Por um lado, a Internet e as redes sociais – inclusive, o antigo *Orkut* – são apontadas por figuras da direita como espaços de ascensão no mercado de opiniões:

Eu comecei a escrever textos de desabafo sobre política para um grupo de e-mail de *Family and Friends*, ou seja, tinha a minha família e alguns poucos amigos. E um amigo meu chegou a brincar que só o meu sogro na época que respondia, mas eu adorava escrever. Então, eu ficava desabafando nesse grupo. E aí surgiu... um amigo meu falou de um cara que estava, que tinha uma causa parecida com aquilo que eu acreditava, que era o Thomas Korontai, que era ligado ao movimento federalista e ele ia fazer um evento no Rio de Janeiro, eu acabei indo nesse evento. E lá eu conheci uma figura chamada Heitor de Paula, e Heitor de Paula escrevia para o *Mídia sem máscara*, do Olavo de Carvalho, trocando figurinha. Ali, ele acabou me apresentando, eu mandei um texto e foi publicado. Eu já participava de um grupo também de *Gmail*, de *Google*, chamado Rede Liberal (...) Eu tive, hoje chamam de treta, eu tive brigas conhecidas da época do *Orkut* com ele [Olavo de Carvalho], ficaram muito famosas. (Entrevista com um dos mais polemistas).

²³⁷ No *Facebook*, de acordo com os dados coletados em novembro de 2020, Joice Hasselmann e Rachel Sheherazade tinham mais de 2 milhões de seguidores, e Paulo Henrique Amorim, mais de 1 milhão. Com mais de 500 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Ricardo Amorim, Olavo de Carvalho, Leonardo Sakamoto e Luiz Felipe Pondé. Entre 100 mil e 500 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Marco Antonio Villa, Cynara Menezes, Reinaldo Azevedo, Augusto Nunes, Eduardo Moreira, Djamila Ribeiro, Rodrigo Constantino, Fernando Gabeira e Marcelo Rubens Paiva. Entre 10 mil e 100 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Luís Nassif (na página do *GGN*), Eliane Cantanhêde, Emir Sader, Bob Fernandes, Fernando Moraes, Vladimir Safatle, Florestan Fernandes Jr., Gustavo Franco, Leandro Narloch, Guilherme Fiuza, Jessé Souza, Antonio Prata, Bolívar Lamounier, Arnaldo Jabor, Bernardo Mello Franco, Fernando Schüler e Laura Carvalho. Os outros tinham menos de 10 mil seguidores ou não tinham perfil no *Facebook*.

²³⁸ Segundo dados coletados em novembro de 2020, Djamila Ribeiro tinha mais de 1 milhão de seguidores no *Instagram* assim como a página de fãs de Olavo de Carvalho. Joice Hasselmann, Rachel Sheherazade e Ricardo Amorim tinham mais de 500 mil seguidores. Entre 100 mil e 500 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Guilherme Fiuza, Augusto Nunes, Luiz Felipe Pondé, Eduardo Moreira, Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Marco Antonio Villa e Leonardo Sakamoto. Entre 10 mil e 100 mil seguidores, estavam em ordem decrescente: Jessé Souza, Bob Fernandes, Laura Carvalho, Leandro Narloch, Bernardo Mello Franco, Fernando Gabeira, Cynara Menezes, Monica de Bolle e Vladimir Safatle. Os outros tinham menos de 10 mil seguidores ou não tinham página no *Instagram*.

²³⁹ Tomando os nomes que mais têm seguidores nas redes sociais, observamos que: Míriam Leitão é comentarista do *Bom dia Brasil*, da *Globo*, da *Rádio CBN*, além de ter um programa de entrevistas na *Globo News*. Rachel Sheherazade foi apresentadora do *SBT Brasil*, principal telejornal do *SBT*. Ricardo Amorim e Diogo Mainardi participam do *Manhattan Connection*, da *Globo News*. Paulo Henrique Amorim foi apresentador do *Domingo Espetacular* pela *RecordTV*. Djamila Ribeiro já participou de programas como *Saia Justa* e *Amor e Sexo*. Joice Hasselmann trabalhou na *Jovem Pan*.

Por outro lado, essas redes e blogs também possibilitaram a entrada de militantes progressistas, de grupos feministas e do movimento negro, que, como alguns dos militantes já afirmaram em entrevistas da imprensa, não tinham espaço na mídia hegemônica. Da mesma forma, essas figuras também se envolviam em “tretas” online, escreviam em blogs e conseguiram ganhar certa visibilidade encaminhando-se para revistas e começando a participar de programas de televisão. Com agentes mais jovens, parte dos mais polemistas e militantes forjaram suas habilidades expressivas já no mundo virtual, dialogando ou brigando com familiares, amigos e desconhecidos. Essa experiência antecedeu a entrada em jornais, revistas e programas de televisão, de modo que eles estão mais ambientados às redes do que aos outros meios de comunicação.

Mas há também os polemistas e militantes mais velhos, cujas transições para as redes se deram de forma também menos conflituosa (em relação aos outros polos), posto que as possibilidades expressivas dessas ferramentas e os retornos econômicos que elas geram se vinculam em maior medida com os modelos de atuação dessas figuras, quais sejam, os da polêmica e do embate. De todo modo, a naturalidade com que polemistas e militantes, majoritariamente, atuam nas redes sociais e polêmicas públicas se diferencia dos processos de ajustamento dos outros polos. Mas também os polemistas e militantes foram criando seus nichos de atuação, dessa vez, entre os públicos, cada vez mais segmentados:

desde público acadêmico, público não acadêmico interessado por filosofia e tem também um público feminista e hoje tem também um público interessado em política (Entrevista com um dos mais militantes).

o meu leitor é o leitor que curte isso, aquela aparição literária sem pretender ser literária, mas sendo, né com humor, com pensamento, essa mistureba aí. E dentro da política, para simplificar, eu acho que a questão da minha reação é sempre muito clara à falsa virtude, ao falso progressivo né, ao que supostamente se associa à esquerda sem ser – não uso essa terminologia [esquerda] porque acho que ela está errada –, ao politicamente correto. Eu acho que uma coisa que atravessa de fato toda... talvez, que unifique de alguma maneira o meu público, se isso é preciso dizer, é esse tipo de crítica, que é... que custa caro para mim, digamos, porque contraria né muita gente de uma elite cultural, onde eu convivo também né... os falsos progressistas... (Entrevista com um dos mais polemistas).

Entre os mais à direita, há nomes ligados a classes mais populares e outros com interlocução com classes médias altas e endinheirados; os que geram identificação com parcelas de evangélicos e grupos religiosos mais conservadores (ou reacionários); os que defendem grupos militares e policiais; os que representam jovens empreendedores e liberais; os que mantêm uma identidade mais ligada a uma suposta irreverência e ao politicamente incorreto, atraindo jovens (universitários ou não) mais à direita; os que falam em nome dos “cidadãos de bem”, angariando um público mais velho e conservador (ou reacionário); os que representam

os antigos jovens progressistas que não mais se enxergam na esquerda atual. Já os mais à esquerda atendem nichos como os grupos feministas, o movimento negro, jovens universitários mais à esquerda, defensores dos direitos humanos, artistas e uma chamada classe média intelectualizada. Esses grupos, é claro, não se estabelecem de forma estanque e homogênea, mas a partir dos discursos e atuações dos mais militantes e polemistas foi possível observar investimentos em uma identificação menos mediada e mais essencializada com esses nichos, a qual busca compensar as desvantagens sociais com que entram no mercado de opiniões.

Com essas diferentes ilhas, ao contratar certos colunistas, os grandes jornais conseguem angariar novos públicos, sobretudo, de jovens – formando, assim, seus arquipélagos (ver subcapítulo 3.5 da Parte IV); assim como alguns canais de rádio e televisão, mas também veículos impressos, adotam um certo perfil de modo a manter um nicho de público fiel, garantindo ao mesmo tempo seu espaço nesse mercado.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa divisão do trabalho no mercado de opiniões, em uma ferrenha concorrência, mas também cumplicidade (como adversários cúmplices), entre as lógicas do público e do privado (universidade pública *versus* privada; universidade pública *versus* meios de comunicação), determinadas ideias adotaram roupagens diferentes conseguindo atingir diversas frações do público, em alianças que forjaram os dois momentos de crise analisados neste trabalho: o impeachment de 2016 e as eleições de 2018. As ideias acerca da presença do Estado na economia; das políticas de segurança pública; do papel das universidades, dos intelectuais e artistas; da corrupção no país; e do que chamavam de “petistas”, “esquerdistas” e “comunistas” foram sendo difundidas em diferentes espaços, com nuances e distinções entre si, mas com pontos centrais em comum (ver capítulo 2 da Parte I). Por meio dessas ideias-chaves, apresentadas muitas vezes de forma estereotipada e reduzida, foi se construindo coletivamente a figura de um inimigo comum, os “petralhas” e “comunistas”, ainda que tais termos pudessem admitir sentidos diferentes, referindo-se a grupos e ideias distintos a depender do lugar de adoção²⁴⁰.

²⁴⁰ Tais expressões podiam se referir aos funcionários públicos, aludidos como aqueles “que mamam nas tetas do governo”; aos professores, sobretudo, os de ciências humanas, descritos como “doutrinadores ideológicos”; às feministas e aos LGBT, acusados de “odiar homens” e querer “destruir a família”; aos políticos acusados de corrupção, comparados a “assassinos”; aos artistas e intelectuais caracterizados como “esquerda caviar”; aos defensores dos direitos humanos, atacados como “defensores dos direitos dos bandidos”; aos que consideram necessária a intervenção do Estado na economia, tidos como “irracionais”, “ineficientes” ou “populistas”. Mencionando aqui algumas das referências mais polêmicas, estereotipadas e extremas que os intelectuais

Os mais especialistas, em sua maioria, operaram em nome das reformas e ajustes econômicos, não apenas escrevendo colunas em defesa dessas medidas, mas articulando com tomadores de decisão, políticos, empresários e militares; assessorando políticos; orientando clientes do sistema financeiro; construindo e difundindo propostas por meio de *think tanks*; angariando jovens liberais para as causas, também por meio desses institutos, eventos e faculdades privadas. Os jornalistas mais *mainstream*, em geral, tiveram papel na difusão desse receituário econômico, mas uma atuação especial na articulação política da Lava Jato – evidenciada na relação entre colunistas e fontes, expressa neste trabalho, mas também identificada nas investigações judiciais subsequentes à Vaza Jato. Já os mais polemistas, além de popularizarem os sentidos comuns e chavões acerca da corrupção, das políticas e soluções econômicas, da presença supostamente excessiva do Estado, atuaram sobretudo em torno das questões ligadas à segurança pública, aos direitos humanos, às questões de gênero e sexualidade, religião e família. Além disso, também se destacaram pela campanha política que promoveram a favor do impeachment e, alguns, pela eleição de Bolsonaro.

Essa divisão do trabalho conseguiu uma eficácia simbólica tanto na crise do impeachment quanto na eleição de Jair Bolsonaro, em que parte dos agentes historicamente mais ligados ao PSDB se reuniu em torno da candidatura do ex-capitão do Exército ou contribuiu para construir a ideia de polos opositores equivalentes entre o candidato Fernando Haddad, do PT, e Jair Bolsonaro, do PSL. Após a derrota nas eleições de 2014, com as articulações políticas em torno do impeachment de Dilma Rousseff, tendo sido atingido também pelas investigações da Lava Jato e vendo-se incapaz de vencer as eleições com uma pauta antipopular – ou seja, a da proposta de reformas econômicas –, o PSDB ocupou, pela primeira vez desde 1994, uma posição de coadjuvante na eleição de 2018. Nela, parte do seu eleitorado e dos agentes ligados ao partido se moveu em direção à extrema direita, apoiando Jair Bolsonaro no segundo turno. A aliança com Paulo Guedes e o compromisso firmado em torno das reformas econômicas deram legitimidade a esse alinhamento perante determinadas frações do campo do poder, ajudando a eleger Bolsonaro; assim como Bolsonaro possibilitou o apoio a essas reformas econômicas diante de frações das classes mais populares. Além disso, o acordo com o ex-juiz federal, Sergio Moro, que assumiu o cargo de ministro da Justiça e da Segurança Pública, também contribuiu para a construção de uma imagem de anticorrupção e antilulista do governo Bolsonaro, legitimando-o sobretudo diante de uma classe média identificada como

midiaáticos já utilizaram, tento chamar a atenção para o modo como as oposições a certos grupos foram sendo incorporadas na construção desse inimigo comum por parte dos polos vencedores nos momentos de crise analisados.

mais conservadora. As cisões operadas tanto entre os intelectuais midiáticos como entre as alas do governo contribuíram, assim, para dobrar as possíveis resistências geradas por tal ou qual figura, tal ou qual proposta.

Embora liberais, conservadores e reacionários nem sempre se encontrem conjugados, a afinidade entre uns e outros no Brasil ultrapassa um suposto “casamento sem amor” entre Jair Bolsonaro e Paulo Guedes (ou ainda Sergio Moro), tendo caminhado conjuntamente bem antes da eleição de 2018, como foi possível observar em vários momentos desta tese. Embora vários dos nomes estudados neste trabalho tenham se tornado oposição ao governo Bolsonaro (sobretudo depois da pandemia iniciada em 2020), eles atuaram na construção de uma legitimação de sua candidatura e de sua ocupação da Presidência da República. Se uns utilizaram a posição do *homo economicus* como forma de justificar a escolha por Bolsonaro – buscando mascarar as possíveis identificações com a figura de extrema-direita e dotar de racionalidade a opção –, outros assumiram uma identificação direta – intentando, por sua vez, encobrir os possíveis interesses envolvidos. No tensionamento entre interesses e valores, eles foram modulando seus discursos de modo a torná-los legítimos para suas clientelas mais fiéis, ao mesmo tempo, em que foram se acomodando nos lugares possíveis para eles nesse mercado em transformação.

Mas, ao mesmo tempo em que esse mercado passa por transformações morfológicas e se caracteriza por uma potencialização das lógicas econômicas, ele também mantém certas propriedades, como, por exemplo, a centralidade das experiências políticas na produção e na reprodução de certas posições. Herdado ou adquirido, o capital político dos agentes se expressa em diferentes modalidades assim como influencia em medidas distintas a atuação de cada um dos polos, como visto ao longo do trabalho. De todo modo, entre transformações e conformações nesse mercado de opiniões, por um lado, prevalecem as desigualdades do país, expressas nas assimetrias em termos de acesso aos diferentes capitais, aos estilos de vida, gostos e posições; reproduzidas em grande medida pela segmentação e pela dominação dos interesses dos oligopólios empresariais no sistema escolar e na indústria cultural (com investimentos e articulações com os poderes políticos e com o Estado). Por outro, esse mercado permanece atrelado ao poder político e suas influências, reproduzindo essa lógica, ainda que com intensidades e formas diferentes em cada polo. Assim, as análises oferecidas no mercado de opiniões se encontram fortemente vinculadas às trajetórias políticas e posicionamentos ideológicos dos agentes, mesmo quando em posições que buscam mascarar tais ligações. Desse modo, as oscilações no mundo político produzem um rearranjo das posições nesse mercado, estando ele sempre dependente da conjuntura, sobre a qual produz avaliações a todo tempo.

Mas essas oscilações que aparecem sempre associadas a uma espécie de revolução no espaço operam justamente na manutenção da estrutura desse mercado. As opiniões são colocadas à venda na imprensa, na televisão, no rádio, nos sites, nos blogs e nas redes sociais. Essas opiniões são voltadas para os nichos de mercado que apresentam identificações e projeções assim como homologias em termos de origens, trajetórias de formação e posições no campo com os intelectuais midiáticos. Nesse mercado, além das eficácias simbólicas por meio do ajustamento entre estilos e gostos, os vencedores são aqueles que estão dispostos a vender suas opiniões por preços mais baixos, que têm clientelas mais amplas ou aquelas dispostas a pagar mais por essas opiniões.

Costuradas em meio às lutas políticas e sociais do país, as relações no espaço do mercado de opiniões são, ao mesmo tempo, produtos e produtoras das transformações e conformações nessas dimensões. Na inter-relação entre lógicas específicas e concorrentes entre si, esse lugar intermediário coloca-se como central tanto na compreensão da estrutura, das mudanças e manutenções sociais mais amplas quanto da morfologia e das condições atuais de campos específicos, carecendo, assim, de mais estudos que se dediquem a compreender suas lógicas, dinâmicas e organizações.

Foi a partir da análise desse lugar intermediário bem como do cruzamento de referências das diversas especializações da sociologia e das ciências sociais – como sociologia política, econômica, das elites, da cultura, dos intelectuais, do jornalismo, assim como trabalhos da ciência política e da comunicação –, que esta tese foi sendo construída. E é a partir do cruzamento entre as lógicas específicas de cada campo ou espaço estudado com as lógicas de classe que busquei apresentar os nexos entre posições e representações. Nesse sentido, minha pretensão foi ir além da dimensão dos jogos políticos, das dinâmicas de classe, das mudanças econômicas, levando em conta que é “no âmbito desses mercados – o sistema de ensino, a indústria cultural, o terciário político e cultural etc. – que sucede a legitimação das diferenças sociais” (MICELI, 2001b, p. 245). Ao mesmo tempo, busquei ampliar as análises da produção cultural e intelectual, expandindo-as para além dos jogos específicos de cada espaço. Por fim, também pretendi aprofundar as análises sobre objetos – o jornalismo e a mídia – desvalorizados na hierarquia dos objetos da sociologia e, muitas vezes, tratados apenas por meio de suas determinações econômicas e políticas (ou seja, de sua elevada heteronomia) – para isso, busquei observar as lutas e linhas de força envolvidas também nesses espaços. Ao longo da tese foi possível observar como o estudo da mídia e do jornalismo, principalmente na atualidade, pode suscitar compreensões do mundo intelectual e das oscilações políticas. A partir da análise dos capitais mais consagrados e legítimos e daqueles com menor valor na hierarquia de bens

simbólicos, foi possível compreender a estrutura e os jogos que se desenrolam no mercado de opiniões e em zonas da produção intelectual, jornalística e cultural.

A análise do mercado de opiniões brasileiro pode ainda suscitar reflexões sobre a estrutura e os mecanismos desse espaço em outros países, já que, guardadas as singularidades nacionais, seria possível observar certas similaridades. Ademais, a emergência de uma extrema direita no Brasil, a qual se encontra latente em muitos outros países, pode colocá-lo no lugar de caso exemplar para a compreensão da situação intelectual e política alhures, onde mecanismos semelhantes aos observados no Brasil se encontram em ação, mesmo que de uma forma menos visível no momento. Nesse sentido, espero que esta tese possa contribuir para a compreensão e a pesquisa sobre as diferentes configurações do mercado de bens simbólicos e também sobre as lutas políticas contemporâneas, no Brasil, mas também em outros países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENTREVISTAS REALIZADAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 05 de fevereiro de 2020.

CANTANHÊDE, Eliane. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 05 de novembro de 2020.

CARVALHO, Laura. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 16 de outubro de 2019.

CONSTANTINO, Rodrigo. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 05 de fevereiro de 2020.

FERNANDES, Bob. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 22 de maio de 2020.

FERNANDES JÚNIOR, Florestan. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 14 de dezembro de 2019.

FIUZA, Guilherme. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2019.

FRANCO, Bernardo Mello. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2019.

FRANCO, Gustavo H. B. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 08 de outubro de 2019.

GABEIRA, Fernando. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 04 de novembro de 2020.

GIAMBIAGI, Fabio. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2019.

KRAMER, Dora. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2020.

LAMOUNIER, Bolívar. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 17 de setembro de 2019.

LEITE, Paulo Moreira. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 14 de dezembro de 2019.

MAGNOLI, Demétrio. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 07 de fevereiro de 2020.

MENEZES, Cynara. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 27 de outubro de 2020.

NARLOCH, Leandro. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 04 de fevereiro de 2020.

NASSIF, Luís. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 09 de dezembro de 2019.

NUNES, Augusto. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 12 de dezembro de 2019.

PEREIRA, Merval. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 26 de agosto de 2020.

PESSÔA, Samuel. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 18 de setembro de 2019.

PONDÉ, Luiz Felipe. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 09 de dezembro de 2019.

ROSENFELD, Denis. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 15 de outubro de 2019.

SADER, Emir. Entrevista concedida à autora. Ligação telefônica, 01 de abril de 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 17 de dezembro de 2019.

SAFATLE, Vladimir. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 26 de agosto de 2020.

SARDENBERG, Carlos Alberto. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 04 de fevereiro de 2020.

SCHWARTSMAN, Alexandre. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 09 de outubro de 2019.

SINGER, André. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 10 de setembro de 2020.

SOUZA, Jessé. Entrevista concedida à autora. São Paulo, 24 de fevereiro de 2020.

TIBURI, Marcia. Entrevista concedida à autora. Videoconferência, 15 de setembro de 2020.

MATERIAL ANALISADO

ABOS, Márcia. Em 15 anos de Manhattan Connection, três polemistas esquentaram os debates. Mas ninguém... *O Globo*, 11 mar. 2008. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-15-anos-de-manhattan-connection-tres-polemistas-esquentaram-os-debates-mas-ninguem-3624098>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles. Verbete de Enio Mainardi. *Dicionário histórico-biográfico da propaganda no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABP, 2007.

AGÊNCIA IBGE. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. *Agência IBGE Notícias*, 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

AGÊNCIA PÚBLICA. Fernando Morais: “A única coisa que tenho é minha independência”. *Agência Pública*, 8 jul. 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/07/fernando-morais-a-unica-coisa-que-tenho-e-minha-independencia/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

ALAMEDA EDITORIAL. *A economia política do etanol – Sobre o autor*. Disponível em: <<http://www.alamedaeditorial.com.br/a-economia-politica-do-etanol>>. Acesso em: 02 maio 2020.

ALCÂNTARA, AlexSander. Estilista da esculhambação. *Revista Imprensa*, n. 221, p. 84-86, mar. 2007.

ALMEIDA, Alberto Carlos. Tweet. *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/albertocalmeida/status/129650829972731904>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

ALMEIDA Jr., Mansueto; LISBOA, Marcos; PESSÔA, Samuel. *O ajuste inevitável – ou o país que ficou velho antes de se tornar desenvolvido*. Disponível em: <<http://geesta.com.br/noticias/index.php/2015/07/23/o-ajuste-inevitavel-ou-o-pais-que-ficou-velho-antes-de-se-tornar-desenvolvido/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ALVES, Micheline. O triunfo do sarcasmo. *Revista Faap*, ed. 283, jul.-ago. 2015. Disponível em: <<http://revista.faap.br/o-triunfo-do-sarcasmo-luiz-felipe-ponde-professor-vestibular-comunicacao-publicidade-e-propaganda/#>>. Acesso em: 21 set. 2018.

AMADO, Guilherme. Olavo de Carvalho em estado bruto contra uma jornalista. *Revista Época*, 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/olavo-de-carvalho-em-estado-bruto-contra-uma-jornalista-1-24752150>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

AMORIM, Lucas. Briga e confusão entre Insper e Ibmecc por causa de São Paulo. *Revista Exame*, 05 dez. 2013. Disponível em: <<https://exame.com/revista-exame/briga-na-escola/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

AMORIM, Lucas. Monica de Bolle: Paulo Guedes está preso nos anos 70. *Revista Exame*, 05 nov. 2019a. Disponível em: <<https://exame.com/economia/monica-de-bolle-paulo-guedes-esta-presos-nos-anos-70/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AMORIM, Ricardo. Bolsonaro e Haddad: as lições da eleição e o que esperar do 2º turno. *Gazeta do Povo*, 09 out. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/ricardo-amorim/bolsonaro-e-haddad-as-licoes-da-eleicao-e-o-que-esperar-do-2o-turno/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AMORIM, Ricardo. Entrevista de Ricardo Amorim ao “Falando ao Fuca”. *Canal de Ricardo Amorim no YouTube*, 13 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WxW0FTel8hI>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

AMORIM, Ricardo. O futuro chegou. Você está pronto? *TEDx - Dante Alighieri School*, 09 nov. 2019b. Disponível em: <<https://www.tedxalighierischool.com.br/o-futuro-chegou-voce-esta-pronto-ricardo-amorim-tedxalighierischool/>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

ANDRADE, Patrícia Carlos de; VIOLA, Eduardo & LEIS, Héctor Ricardo. Revolucionando a agenda política. *O Estado de S. Paulo*, 13 abr. 2005.

ARAGÃO, Murillo. Ao fundo, à esquerda. *IstoÉ*, 26 ago. 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/ao-fundo-esquerda/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ARAGÃO, Murillo. Consenso e reformas. *IstoÉ*, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/consenso-e-reformas/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ARAGÃO, Murillo. João Goulart, um dos políticos mais extraordinários do Brasil. *O Tempo*, 29 nov. 2011a. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniaio/murillo-de-aragao/joao-goulart-um-dos-politicos-mais-extraordinarios-do-brasil-1.210528>>. Acesso em: 02 maio 2020.

ARAGÃO, Murillo. Um país inteligente e mais educado. *Site do Cientista Político Murillo de Aragão*, 10 ago. 2011b. Disponível em: <<https://murillodearagao.com.br/um-pais-mais-inteligente-e-mais-educado/>>. Acesso em: 02 maio 2020.

ARAÚJO, Carla. Após 'gafes', Planalto cria conselho 'informal' de comunicação. *Estadão*, 21 set. 2016. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-gafes-planalto-cria-conselho-informal-de-comunicacao,10000077496>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ARKO ADVICE. Site oficial. Disponível em: <<https://arkoadvice.com.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

AUGURIUM CONSULTORIA. Site oficial. Disponível em: <<http://www.augurium.com.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

AZEVEDO, Guilherme. 'PM protege negros pobres' – Para economista Samuel Pessoa, a polícia de SP aumenta expectativa de vida dos mais vulneráveis. *Uol Eleições*, 2018a. Disponível em: <<https://www.uol/eleicoes/especiais/entrevista-economista-samuel-pessoa-eleicoes-2018.htm#tematico-1>>. Acesso em: 14 maio 2020.

AZEVEDO, Reinaldo. A CAPA DE VEJA – Ou: Se Dilma for reeleita, o presidente do Brasil acabará sendo Michel Temer. Ou: Além de dizer que a governanta sabia da roubalheira na Petrobras, doleiro diz que pode ajudar polícia... *Veja*, 24 out. 2014a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-capa-de-veja-ou-se-dilma-for-reeleita-o-presidente-do-brasil-acabara-sendo-michel-temer-ou-alem-de-dizer-que-a-governanta-sabia-da-roubalheira-na-petrobras-doleiro-diz-que-pode-ajudar-policia-a-iden/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Deposição de Dilma marcará o fim da última tentação autoritária. *Folha de S. Paulo*, 5 ago. 2016a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2016/08/1799089-deposicao-de-dilma-marcara-o-fim-da-ultima-tentacao-autoritaria.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. Meus heróis não morreram de overdose. Alguns dos meus amigos de infância é que morreram no narcotráfico! E foi uma escolha! *Revista Veja*, 24 nov. 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/meus-herois-nao-morreram-de-overdose-alguns-dos-meus-amigos-de-infancia-e-que-morreram-no-narcotrafico-e-foi-uma-escolha/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Nem sua tia nem seu 'crush' são fascistas, escreve Reinaldo Azevedo. *Folha de S. Paulo*, 21 out. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/nem-sua-tia-nem-seu-crush-sao-fascistas-escreve-reinaldo-azevedo.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. O impeachment só será também seu se você estiver na rua no próximo domingo. *Revista Veja*, 9 dez. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-impeachment-so-sera-tambem-seu-se-voce-estiver-na-rua-no-proximo-domingo/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. O único golpe a que se assistiu foi o dado por Lewandowski. *Folha de S.Paulo*, 2 set. 2016b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2016/09/1809431-petralhas-deixaram-o-poder-mas-continuarao-rondando.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. Olavo, o mais novo petista, agora se empenha em provar que é um gênio. *Revista Veja*, 9 fev. 2017a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/olavo-o-mais-novo-petista-agora-se-empenha-em-provar-que-e-um-genio/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. PT: organização criminosa? *Folha de S.Paulo*, 05 dez. 2014b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2014/12/1557934-pt-organizacao-criminosa.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Reinaldo Azevedo detona Joice Hasselmann. *Canal do Alonso*, 19 fev. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0SMtivjsUzg&t=1173s>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Reinaldo Azevedo explica o que é direita xucra. *Jovem Pan*, 19 abr. 2017c. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/videos/arquivo/reinaldo-azevedo-explica-o-que-e-direita-xucra-1.html>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo et al. A miséria do materialismo. *Revista República*, ano 4, n. 40, 2000. Disponível em: <<http://revrepublica.com.br/edicao/40/4>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. 'Quero ser o Bolsonaro de saias', diz a deputada eleita Joice Hasselmann. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/quero-ser-o-bolsonaro-de-saias-diz-a-deputada-eleita-joyce-hasselmann.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

BARCELLOS, Marta. Cabeça renascentista. *Capital Aberto*, 1 mar. 2014. Disponível em: <<https://capitalaberto.com.br/secoes/retrato/cabeça-renascentista/>>. Acesso em: 14 maio 2020.

BATALHA da Maria Antonia resultou na morte de um estudante secundarista. *Folha Online*, 30 abr. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/04/397429-batalha-da-maria-antonia-resultou-na-morte-de-um-estudante-secundarista.shtml>>. Acesso em: 02 maio 2020.

BATISTA JR., João. Rachel Sheherazade: "Não fujo de briga". *Veja São Paulo*, 17 abr. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cidades/rachel-sheherazade-sbt/>>. Acesso em: 02 maio 2020.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo. In: BIDERMAN, Ciro; COZAC, Luis Felipe L.; REGO, José Marcio. *Conversas com Economistas Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 1996.

BERABA, Marcelo. Opiniões e direitos. *Folha de S.Paulo*, 19 nov. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om1911200601.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BERGAMO, Mônica. Djamila Ribeiro denunciará Twitter no Ministério Público por 'explorar o racismo e a misoginia'. *Folha de S.Paulo*, 27 jul. 2020a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/djamila-ribeiro-representara-twitter-no-ministerio-publico-por-explorar-o-racismo-e-a-misoginia.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BERGAMO, Mônica. Márcia Tiburi diz que decidiu sair do Brasil após invadirem sua casa. *Folha de S.Paulo*, 12 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/03/marcia-tiburi-diz-que-decidiu-sair-do-brasil-apos-invadirem-sua-casa.shtml>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BERTOL, Rachel. Filósofo acidental. *O Globo*, 25 maio 2000.

BETIM, Felipe. Laura Carvalho: "Distribuir renda no Brasil sem mexer nos impostos é quixotesco". *El País*, 04 jul. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/15/economia/1529091114_614722.html>. Acesso em: 01 maio 2020.

BEZERRA, Neemias. Após criticar Jair Bolsonaro, Rachel Sheherazade perde quase 40 mil seguidores. *O Canal*, 13 jan. 2018. Disponível em: <<https://ocanal.com.br/apos-criticar-jair-bolsonaro-rachel-sheherazade-perde-quase-40-mil-seguidores/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BLOG DO VILLA. Blog oficial do Marco Antonio Villa. Disponível em: <<http://www.blogdovilla.com.br/perfil/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

BÔAS, Bruno Villas. BNDES: Estou no processo e cumpri várias etapas, diz Gustavo Franco. *Valor Econômico*, 01 jul. 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/financas/noticia/2019/07/01/bndes-estou-no-processo-e-cumpri-varias-etapas-diz-gustavo-franco.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BOLLE, Monica. Azedume. *O Estado de S. Paulo*, 21 mar. 2018. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,azedume,70002235712>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BOLLE, Monica. Currículo. *Senado Federal*. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Curriculo_Monica%20de%20Bolle_pt.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BOLLE, Monica. Educando Bolsonaroistas. *O Estado de S. Paulo*, 27 fev. 2019a. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,educando-bolsonaristas,70002737100>>. Acesso em: 04 maio 2020.

BOLLE, Monica. Nosso Brasil. *O Estado de S. Paulo*, 30 jan. 2019b. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,nosso-brasil,70002699697>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BOLLE, Monica. Roda Viva. *O Estado de S. Paulo*, 31 ago. 2016. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,roda-viva,10000073056>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BOLSONARO, Carlos. Tweet. *Twitter*, 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1066384189719744512>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BOLSONARO, Flávio. *Mito ou verdade*. Rio de Janeiro: Tiziano Editorial, 2017.

BOM DIA BRASIL. Miriam Leitão: tsunami conservador atingiu as eleições no Brasil. *Bom dia Brasil*, 08 out. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7072186/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BORGES, Rodolfo. A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros. *El País*, São Paulo, 1 ago. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html>. Acesso em: 21 set. 2018.

BORNHAUSEN, Jorge. Raça, segundo são João. *Folha de S. Paulo*, 29 set. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2909200509.htm>>. Acesso em: 11 maio 2020.

BOZZO JÚNIOR, Carlos. Vladimir Safatle e Fabiana Lian apresentam 'Músicas de Superfície' em show em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://musicaemletras.blogfolha.uol.com.br/2020/02/27/vladimir-safatle-e-fabiana-lian-apresentam-musicas-de-superficie-em-show-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 02 maio 2020.

BRAVO, Zean. Djamila Ribeiro estreia na bancada de 'Amor & sexo' e diz que é preciso ser didática na TV. *O Globo*, 14 out. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/djamila-ribeiro-estrea-na-bancada-de-amor-sexo-diz-que-preciso-ser-didatica-na-tv-23153005>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BROADCAST. Site oficial. Disponível em: <<http://broadcast.com.br/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

BURGIERMAN, Denis Russo. O curso de Olavo de Carvalho, o artista da ofensa. *Revista Época*, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/o-curso-de-olavo-de-carvalho-artista-da-ofensa-23521208>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CAFÉ FILOSÓFICO. Filosofia na Alcova - Com Luiz Felipe Pondé e Marcia Tiburi. *CPFL*, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FV_gMhqQNAU&t=3s>. Acesso em: 01 maio 2020.

CAIXETA, Nely. Gustavo Franco é um neopragmático? *Exame*, [1996?]. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/neopragmatico-m0051305/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

CAIXETA, Rodrigo. Entrevista – Paulo Henrique Amorim. *Associação Brasileira de Imprensa*, 14 set. 2007. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/entrevista-paulo-henrique-amorim/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CAMPOS, Mateus. Editor de nomes conservadores, Carlos Andreazza se firma como voz dissonante do mercado de livros. *O Globo*, 31 jul. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlos-andreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179#ixzz4kvpH3GUJ>>. Acesso em: 21 set. 2017.

CANDIDO, Antonio. O mundo coberto de moços. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

CANO, Wilson. Instituto de Economia da Unicamp: Notas sobre sua Origem e Linhas Gerais de sua Evolução. In: SZMRECSÁNYI; COELHO (Org.). *Ensaio de história do pensamento econômico no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atlas, 2007.

CANTANHÊDE, Eliane. Bolsonaro, o novo Lula. *O Estado de S. Paulo*, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-o-novo-lula,70002568702>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CANTANHÊDE, Eliane. Entrevista com Eliane Cantanhêde. In: ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANTANHÊDE, Eliane. Sem essa de impeachment. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,sem-essa-de-impeachment-imp-,1632628>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARDOSO, Rodrigo. “Não sabia que casamento precisava de sexo”. *IstoÉ Gente*, 16 out. 2006. Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/373/entrevista/index_2.htm>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CARELLI, Wagner. Abaixo o imbecil coletivo! Todo poder ao indivíduo! *Revista República*, ano 1, n. 9, p. 34-43, jul. 1997. Disponível em: <<http://revrepublica.com.br/edicao/9/36>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

CARTA, Mino. Entrevista de Mino Carta. ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CARVALHO, Fernanda. Djamila Ribeiro: Sou fruto de um trabalho histórico de mulheres negras. *Revista Cult*, 3 jul. 2019a. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/djamila-ribeiro-sou-fruto-de-um-trabalho-historico-de-mulheres-negras/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

CARVALHO, Laura. Autoimperialista, o Brasil volta-se contra o próprio Brasil. *Folha de S.Paulo*, 04 ago. 2016a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2016/08/1798692-autoimperialista-o-brasil-volta-se-contr-o-proprio-brasil.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Laura. Ganhos marginais. *Folha de S.Paulo*, 12 maio 2016b. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2016/05/1770329-ganhos-marginais.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Luiz Maklouf. O ortodoxo. *Revista Piauí*, dez. 2006a. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-ortodoxo/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

CARVALHO, Nathália. Gazeta do Povo encerra versão impressa diária e investe mais de R\$ 20 milhões em jornalismo digital. *Portal Comunique-se*, 6 abr. 2017a. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/gazeta-do-povo-jornalismo-digital/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. A luta de classes no Brasil. *Diário do Comércio*, 9 fev. 2014a. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/a-luta-de-classes-no-brasil/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. Bolsonaro na história. *YouTube*, set. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ga6v11b8srY&list=PLOfYOI2JdIfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=42&t=24s>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Democracia, o caralho. *YouTube*, 6 nov. 2018b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rNYhYOvR0VQ&t=89s>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. É claro que sou... *Facebook*, 2 dez. 2014b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/411842038967876:0>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. Entrevista com Olavo de Carvalho. *Conversa com Bial*, 10 abr. 2019b. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7531387/programa/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Escola só serve para emburrecer! *YouTube*, 29 mar. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A6u2kGnBhFI>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Eu no governo? *YouTube*, 5 nov. 2018c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wh9B4ScBwXI>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Fatos e Mexericos. *O Globo*, 16 dez. 2000. Disponível em: <<http://old.olavodecarvalho.org/semana/mexericos.htm>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. Lógicas Paradoxais. *Revista Época*, 30 jun. 2001. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/logicas-paradoxais/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Nós, a direita. *Jornal do Brasil*, 9 mar. 2006b. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/nos-a-direita/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. *O Imbecil coletivo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CARVALHO, Olavo. O novo imbecil coletivo. *Diário do Comércio*, 30 out. 2012a. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/o-novo-imbecil-coletivo/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. Post Facebook. *Facebook*, 12 maio 2015a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/489295777889168/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Queda de braço. *Diário do Comércio*, 17 mar. 2015b. Disponível em: <<https://dcomercio.com.br/categoria/opiniaio/queda-de-braco>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Olavo. Saudades do jornalismo. *Diário do Comércio*, 23 abr. 2012b. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/saudades-do-jornalismo/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, Olavo. Um capítulo de memórias. *Diário do Comércio*, 23 jun. 2008. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/um-capitulo-de-memorias/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CASAGRANDE, Ferdinando. *Jornal da Tarde* – uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira. São Paulo: Alpendre, 2016. E-book.

CASTRO, Natalia. Com novos cenários e nova linguagem, Globo News pretende se aproximar mais do público. *O Globo*, 17 out. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/com-novos-cenarios-nova-linguagem-globo-news-pretende-se-aproximar-mais-do-publico-2939416>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

CENP-MEIOS. Disponível em: <<https://cenp.com.br/cenp-meios-apresentacao>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

CÉSAR, Daniel. Rachel Sheherazade por trás das câmeras do SBT Brasil: Tímida, reclusa e "princesa". *Na telinha*, 26 jul. 2020. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/famosos/2020/07/26/rachel-sheherazade-por-tras-das-cameras-do-sbt-brasil-timida-reclusa-e-princesa-148418.php>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CHAUÍ, Marilena. Entrevista com Marilena de Souza Chauí. In: NOBRE; Marcos; REGO, José Marcio. *Conversas com Filósofos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 299-336.

CHAUÍ, Marilena. *Entrevista de Marilena Chauí ao Roda Viva*, 3 maio 1999. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/61/entrevistados/marilena_chauí_1999.htm>. Acesso em: 11 maio 2020.

CHAUÍ, Marilena. Marilena Chauí: o impeachment e o ódio de classe. *Outras palavras*, 16 dez. 2015. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/marilena-chauí-o-impeachment-e-o-odio-de-classe/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CHAUÍ, Marilena. *Marilena de Souza Chauí: depoimento*. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2007.

CHAUÍ, Marilena. Um lugar chamado Maria Antônia. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

CIRINO, Adriano. Cresce demanda por livros sobre política. *Estadão*, 4 jan. 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-demanda-por-livros-sobre-politica,70003144140>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

COLETTA, Ricardo Della. Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele. *El País*, 02 dez. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html>. Acesso em: 12 fev. 2021.

COMOLI, Eliane. Médico e repórter, Julio Abramczyk faz 60 anos de jornalismo na Folha. *Folha de S.Paulo*, 1 jan. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/01/medico-e-reporter-julio-abramczyk-faz-60-anos-de-jornalismo-na-folha.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2020.

CONSTANTINO, Rodrigo. Conversa com moderados. *Rodrigo Constantino (YouTube)*, 3 out. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwqpTOc3HYI&list=PLOfYOI2JjDIfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=45>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Desafios homéricos. *IstoÉ*, 26 out. 2018b. Disponível em: <<https://istoe.com.br/desafios-homericos/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Empresário se suicida depois de demitir mais de 200 funcionários. *Gazeta do Povo*, 22 jun. 2016a. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/empresario-se-suicida-depois-de-demitir-mais-de-200-funcionarios/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Página virada. *IstoÉ*, 12 ago. 2016b. Disponível em: <<https://istoe.com.br/pagina-virada-5/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Para que servem as universidades? *Gazeta do Povo*, 27 mar. 2019a. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/para-que-servem-as-universidades-8nwgw75etm18n5bgocuou5sf5/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Polícia e ladrão. *IstoÉ*, 11 out. 2018c. Disponível em: <<https://istoe.com.br/policia-e-ladrao/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Post no Twitter. *Twitter*, 4 abr. 2019b. Disponível em: <<https://twitter.com/rconstantino/status/1113788253109411842>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Surreal. *IstoÉ*, 28 set. 2018d. Disponível em: <<https://istoe.com.br/surreal-2/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. Vídeo da semana: Entrevista com Joice Hasselmann. *Canal de Rodrigo Constantino (YouTube)*, 2 fev. 2018e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-gvWbNsm_k&t=1105s>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONTI, Mario Sergio. Entrevista no Programa Ponto a Ponto da BandNews TV. *BandNews TV*, [entre 2011 e 2013]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X1VLA_L7KQQ>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CONTI, Mario Sergio. Impeachment está para democracia como drones estão para guerra. *Folha de S.Paulo*, 16 ago. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2016/08/1803304-impeachment-esta-para-democracia-como-drones-estao-para-guerra.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CONTI, Mario Sergio. No Epicentro da Barafunda. *Revista Piauí*, ed. 82, jul. 2013. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-epicentro-da-barafunda/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. E-book.

CORREIO BRAZILIENSE. Mestres da Crônica. *Correio Braziliense*, 22 out. 2016. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/impresso/2016/10/2711387-mestres-da-cronica.html>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

COSTA, Mônica. Jessé Souza: “Tudo o que eu trouxe como reflexão vem da minha experiência como nordestino”. *Nossa Ciência*, 04 jul. 2018. Disponível em: <<https://nossaciencia.com.br/entrevistas/jesse-souza-tudo-o-que-eu-tenho-e-trouxe-como-reflexao-tem-a-ver-com-a-minha-experiencia-como-nordestino/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

CRUZ, Valdo. Paulo Guedes cria conselho consultivo de notáveis para elaborar reforma da Previdência. *G1*, 20 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2018/12/20/paulo-guedes-cria-conselho-consultivo-de-notaveis-para-elaborar-reforma-da-previdencia.ghtml>>. Acesso em: 08 maio 2020.

CUNHA, Joana. Após mais de uma década, Ibmecc volta a São Paulo. *Folha de S. Paulo*, 16 fev. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1859167-apos-mais-de-uma-decada-ibmecc-volta-a-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 01 maio 2020.

CUNHA JÚNIOR, Melchíades. O insuportável Diogo Mainardi. *O Estado de S. Paulo*, 22 jan. 2006.

CURRICULUM. Olavo de Carvalho. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/wp-content/uploads/2018/07/Olavo-de-Carvalho-Curr%C3%ADculo.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

DCM. VÍDEO: Ativista rebate Djamila Ribeiro após ser chamada de “garota clarinha de turbante”. *DCM*, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/video-ativista-rebate-djamila-ribeiro-apos-ser-chamada-de-garota-clarinha-de-turbante/?fbclid=IwAR3Gp8OHh1wIXaTmFfTivB0V_h6ZozHRrGYjLvscsd6uoKTeFFTwcqK5qgY>. Acesso em: 05 fev. 2021.

DEMARIO, Camilla. Ímpar entre seus pares. *Revista Imprensa*, p. 28-32, dez. 2013.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA PUC-RJ. Disponível em: <<http://www.econ.puc-rio.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

DÍALOGOS com Mario Sergio Conti. André Singer analisa a situação do PT, após impeachment. *Globo News*, 3 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/mario-sergio-conti-entrevista-andre-singer-cientista-politico-e-professor-da-usp/5425270>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

DINES, Alberto. Entrevista de Alberto Dines. ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DUAILIBI, Julia. A nova sinfonia paulistana. *Revista Piauí*, ed. 106, jul. 2015. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-sinfonia-paulistana/>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

DUBEUX, Ana; ROTHENBURG, Denise; CAVALCANTI, Leonardo. “Quem inventou o impeachment foi Dilma”, diz Murillo de Aragão. *Correio Braziliense*, 19 maio 2016. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/19/interna_politica,532608/quem-inventou-o-impeachment-foi-dilma-diz-murillo-de-aragao.shtml>. Acesso em: 01 maio 2020.

EDITORIA TRAVESSA. Sinopse de O que é isso, companheiro?. *Editora Travessa*. Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/o-que-e-isso-companheiro-1-ed-1996/artigo/cacc03f1-4779-4e5e-a622-2916d8565da7>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

ESCORSIM, Francisco. De volta às origens da “nova direita”: as revistas “República” e “Bravo!”. *Gazeta do Povo*, 13 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/de-volta-origens-da-nova-direita-revistas-republica-e-bravo/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ESTADÃO. AE no mundo das negociações eletrônicas. *Estadão* – comunicação interna, 01 abr. 2009.

ESTADÃO. Clientes aprovam compra da Broadcast pela AE. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1991.

ESTADÃO. Curso Estado de Jornalismo Econômico. *Estadão*. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/em-foca/curso-estado-de-jornalismo-economico/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

ESTADÃO. ‘Estado’ lança serviço pioneiro na web. *Estadão*, 25 fev. 2011. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estado-lanca-servico-pioneiro-na-web,56764e>>. Acesso em: 04 set. 2009.

ESTADÃO. Maior manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma. *Estadão*, 13 mar. 2016. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-em-todos-os-estados-superam-as-de-marco-do-ano-passado,10000021047>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

F5. Após ser demitido pela CNN Brasil, Leandro Narloch diz que não foi homofóbico. *Folha de S. Paulo*, 10 jul. 2020a. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/07/apos-ser-demitido-pela-cnn-brasil-leandro-narloch-diz-que-nao-foi-homofobico.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

F5. Rodrigo Constantino é demitido da Jovem Pan após comentário sobre caso Mariana Ferrer. *Folha de S. Paulo*, 4 nov. 2020b. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/11/rodrigo-constantino-e-demitido-da-jovem-pan-apos-comentario-sobre-caso-mariana-ferrer.shtml>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

FABRINI, Fábio; MOURA, Rafael Moraes. Temer coloca no Planalto sócio de consultoria que age no Congresso. *Estadão*, 07 maio 2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,temer-coloca-no-planalto-socio-de-consultoria-que-age-no-congresso-imp-,1682737>>. Acesso: 20 jun. 2017.

FAGNANI, Eduardo. Professores e intelectuais protestam contra Alexandre Schwartzman. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 dez. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/12/1722346-professores-e-intelectuais-protestam-contr-a-alexandre-schwartzman.shtml>>. Acesso em: 01 maio 2020.

FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. *The Intercept Brasil*, 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FASANO, Rogerio. Morre publicitário Enio Mainardi; leia texto de Rogerio Fasano. *Folha de S. Paulo*, 8 ago. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/morre-publicitario-enio-mainardi-leia-texto-de-rogerio-fasano.shtml>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

FAUSTO, Ruy. Reconstruir a esquerda. In: LISBOA, Marcos; PESSÔA, Samuel. *O valor das ideias: debate em tempos turbulentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 39-86.

FELLET, João. Olavo de Carvalho, o ‘parteiro’ da nova direita se diz ter dado à luz flores e lacraias. *BBC*, 15 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>>. Acesso em: 21 set. 2018.

FENAJ. Manifestação da CNE sobre o episódio da jornalista Rachel Sheherazade. *Federação Nacional dos Jornalistas*, 15 abr. 2014. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/manifestacao-da-cne-sobre-o-episodio-da-jornalista-rachel-sheherazade/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FENAJ. Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil. *Fenaj*. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contr-a-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

FENAJ; SJSP. Nota de solidariedade aos jornalistas Paulo Moreira Leite e Kiko Nogueira. *Fenaj*, 13 out. 2019. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/nota-de-solidariedade-aos-jornalistas-paulo-moreira-leite-e-kiko-nogueira/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

FERNANDES, Bob. Impeachment: golpe, e farsa, para escapar à Lava Jato. *Jornal da Gazeta*, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XycPYi5cSTY&list=PLOfYOI2JjDIfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=32>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FERNANDES, Christiane Costa de Matos et al. Djamila Ribeiro: uma voz para o nosso tempo. *Revista Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, v. 8, n. 2, p. 278-291, 2019.

FERNANDO Safatle diz que Rede está confortável na Chapa de Zé Eliton. *Diário da Manhã*, 29 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.dm.jor.br/politica/2018/08/fernando-safatle-diz-que-rede-esta-confortavel-na-chapa-de-ze-eliton/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

FERRAZ, Adriana; VASCONCELOS, Renato. 'Somos 70% contra o que se colocou como projeto de País', diz Eduardo Moreira. *Estadão*, 02 jun. 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,somos-70-contra-o-que-se-colocou-como-projeto-de-pais-diz-eduardo-moreira,70003322313>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FILHO, João; FELIZARDO, Nayara. Joice Hasselmann foi o ponto de partida de algumas das maiores mentiras da eleição. *The Intercept - Brasil*, 27 out. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/26/joyce-hasselmann-mentiras/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FIUZA, Guilherme. O fascismo fake. *Gazeta do Povo*, 12 out. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/guilherme-fiuza/o-fascismo-fake/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FIUZA, Guilherme. O pedalinho é nosso. *O Globo*, 12 mar. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opinia/o-pedalinho-nosso-18858214>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FIUZA, Guilherme. Orelha. In: FRANCO, Gustavo. *Crônicas da convergência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

FLORES, Paulo. O que são think tanks. E como eles influenciam a política. *Nexo*, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/12/01/O-que-são-think-tanks.-E-como-eles-influenciam-a-politica>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FOLHA. Cientista político estreia coluna na Folha. *Folha de S.Paulo*, 09 nov. 2012. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/1182715-cientista-politico-estreia-coluna-na-folha.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

FOLHA. Cientista político Fernando Schüler estreia coluna no site da Folha. *Folha de S.Paulo*, 15 nov. 2017. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1935448-cientista-politico-fernando-schuler-estreia-coluna-no-site-da-folha.shtml?mobile>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

FOLHA. Filósofo Vladimir Safatle estreia amanhã coluna semanal na Folha. *Folha de S.Paulo*, 08 nov. 2010. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0811201007.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

FOLHA. Leitor da Folha é ultraqualificado, mostra pesquisa. *Folha de S.Paulo*, 16 out. 2011. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2011/10/991055-leitor-da-folha-e-ultraqualificado-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

FOLHA. Protesto na av. Paulista é o maior ato político já registrado em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 13 mar. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1749528-protesto-na-av-paulista-e-o-maior-ato-politico-ja-registrado-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

FOLHA. PSDB pede ao TSE 'auditoria especial' no resultado das eleições. *Folha de S.Paulo*, 30 out. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541043-psdb-pede-ao-tse-auditoria-especial-no-resultado-das-eleicoes.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FONSECA, Bruno et. al. A revogada dos passaralhos. *Agência Pública*, 2013. Disponível em: <<http://apublica.org/2013/06/revogada-dos-passaralhos/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FORTI, Pamela; PACETE, Luiz Gustavo. Verve e artilharia. *Revista Imprensa*, p. 20-25, abr. 2010.

FRAGA, Érica. Economista, profissão: escritor. *Folha de S.Paulo*, 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/mercado/157116-economista-profissao-escritor.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2020.

FRANCIS, Paulo. In: *Memória Globo*. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/paulo-francis/perfil-completo/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

FRANCIS, Paulo. Nossos irmãos tubinambás. *O Globo*, 19 nov. 1992.

FRANCO, Bernardo Mello. Malditos Adjetivos. *Folha de S.Paulo*, 5 ago. 2016a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2016/08/1799076-malditos-adjetivos.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FRANCO, Gustavo H. B. A primavera liberal. *O Estado de S. Paulo*, 25 nov. 2018a. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-primavera-liberal,70002620228>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FRANCO, Gustavo H. B. *As leis secretas da economia* – revisitando Roberto Campos e as leis do Kafka. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FRANCO, Gustavo H. B. *Cartas a um jovem economista*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FRANCO, Gustavo H. B. Economia na PUC-Rio: Notas de uma testemunha. In: SZMRECSÁNYI; COELHO (Org.). *Ensaio de história do pensamento econômico no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atlas, 2007.

FRANCO, Gustavo H. B. Encanamentos. *O Estado de S. Paulo*, 31 jul. 2016b. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,encanamentos,10000066002>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FRANCO, Gustavo H. B. Mídia, economistas e jornalistas. In: *Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2003.

FRANCO, Gustavo H. B. O que há de bom pela frente. *O Estado de S. Paulo*, 27 out. 2018b. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-ha-de-bom-pela-frente,70002568222>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FRIAS FILHO, Otavio. Entrevista. In: ABREU, A; LATTMAN-WELTMAN, F.; ROCHA, D. *Eles mudaram a imprensa* – depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003a.

FRIAS FILHO, Otavio. Orelha de livro. In: NASSIF, Luís. *O jornalismo dos anos 90*. São Paulo: Futura, 2003b.

FURA BOLHA. Joice Hasselmann e Randolfe Rodrigues. *Fundação FHC*, 30 out. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=btk0-WqX2uo&t=412s>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

G1. Rio de Janeiro tem metro quadrado mais caro do país. *G1*, s/d. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL252524-9356,00-RIO+DE+JANEIRO+TEM+METRO+QUADRADO+MAIS+CARO+DO+PAIS.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

G1. Bolsonaro troca Joice Hasselmann por Eduardo Gomes como líder do governo no Congresso. *G1*, 17 out. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/17/bolsonaro-substitui-joyce-hasselmann-da-lideranca-do-governo-no-congresso.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

G1. Diogo Mainardi pede demissão da TV Cultura e deixa ‘Manhattan Connection’ após xingar advogado. *G1*, 04 maio 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/04/diogo-mainardi-pede-demissao-da-tv-cultura-e-deixa-manhattan-connection-apos-xingar-advogado.ghtml>>. Acesso em: 12 maio 2021.

GABEIRA, Fernando. *Documentário sobre Fernando Gabeira*. Direção e Produção: Moacyr Góes. Coprodução: Bufões Produções Culturais; Globo Filmes; GloboNews, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3RfYhcPb7Qw>>. Acesso em: 23 set. 2018.

GABEIRA, Fernando. Eleger ou derrubar. *O Globo*, 13 ago. 2018a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaoeleger-ou-derrubar-22969609>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GABEIRA, Fernando. Ninguém responde ao general. *O Globo*, 17 set. 2018b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaoninguem-responde-ao-general-23071443>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GABEIRA, Fernando. O capitão e o navio. *O Globo*, 08 out. 2018c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaoo-capitao-o-navio-23132019>>. Acesso em: 12 fev. 2021

GABEIRA, Fernando. O quinze. *O Globo*, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/o-quinze-15598184>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GABEIRA, Fernando. *Onde está tudo aquilo agora?* Minha vida na política. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GABEIRA, Fernando. Site oficial. Disponível em: <<http://gabeira.com.br/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GIAMBIAGI, Fabio. Bolsonaro deveria refletir e mudar. *O Globo*, 25 set. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaobolsonaro-deveria-refletir-mudar-23098464>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GIAMBIAGI, Fabio. Retórica infame. *O Globo*, 11 jul. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaoretorica-infame-19677773>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GIAMBIAGI, Fabio; PINHEIRO, Armando Castelar. *Rompendo o marasmo – a retomada do desenvolvimento no Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GIAMBIAGI, Fabio; SCHWARTSMAN, Alexandre. *Complacência*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GIANNOTTI, José Arthur. Maria Antônia: Uma certa geração da faculdade de Filosofia. SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

GLOBO NEWS. Djamilá Ribeiro sobre ameaça recebida pela filha: 'Passaram de todos os limites'. *Globo News*, 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/djamil-ribeiro-sobre-ameaca-recebida-pela-filha-passaram-de-todos-os-limites/8733381/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GOÉS, Marta. Entrevista ao Programa Provoações. *Provoações – TV Cultura*, 21 abr. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=usp0A7xsG9M>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GOMES, Ciro. Ciro diz que Bolsonaro renunciará e ataca Huck: 'estagiário' na presidência. *Uol*, 13 out. 2019a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u-b-sSCLK6o>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

GOMES, Luís Eduardo. De estrela do mercado financeiro a amigo do MST, a jornada de Eduardo Moreira. *Sul21*, 1 set. 2019b. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/09/de-estrela-do-mercado-financeiro-a-amigo-do-mst-a-jornada-de-eduardo-moreira/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GSHOW. Antonio Prata recorda início como escritor e fala sobre trabalho em tempos de pandemia. *Gshow*, 19 maio 2020. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/podcast/dialogos-virtuais/noticia/antonio-prata-recordainicio-como-escritor-e-fala-sobre-trabalho-em-tempos-de-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

HANATI, Yuri Al. “Eu sou de esquerda; o governo é de direita”. *Gazeta do Povo*, 09 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eu-sou-de-esquerda-o-governo-e-de-direita-4dyghfypyalnuobitlor6v32m/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

HASSELMANN, Joice. A dupla que roubou o futuro do país. *TVEJA*, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SLD8qpjNv1I>>. Acesso em: 21 set. 2018.

HASSELMANN, Joice. ARMAS!? VAI ENCARAR??? PENSE BEM. VEM AÍ UMA NOVA SÉRIE, UM NOVO BRASIL. *Joice Hasselmann TV*, 12 dez. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BqbZQroQeNk>>. Acesso em: 21 set. 2018.

HASSELMANN, Joice. Depoimento na Câmara dos Deputados – 1ª sessão legislativa ordinária da 56ª legislatura – 356ª sessão. *Câmara Legislativa*, 5 nov. 2019. Disponível em: <<https://escriba.camara.leg.br/escriba-servicosweb/html/58491>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

HASSELMANN, Joice. Entrevista – Joice Hasselmann: sem medo de dizer o que pensa. *Canal Leda Nagle*, 23 out. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h29MrLRGQhk>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

HASSELMANN, Joice. Jair Bolsonaro e Joice Hasselmann. *Pânico – Jovem Pan*, 09 out. 2018a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VAQO2rEwCQ0&t=1540s>>. Acesso em: 21 set. 2018.

HASSELMANN, Joice. Pensando Juntos. *Joice Hasselmann TV*, 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL9SoQxVz_PW6dMYhxvhRRw2ITbtLRT-fr>. Acesso em: 21 set. 2018.

HASSELMANN, Joice. Uma guerra, um propósito. *Série Pensando Juntos* (YouTube), 14 abr. 2018c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gUd7MfYmkTs>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

HESSEL, Rosana. Alexandre Schwartzman: ‘Mercado ou é ingênuo ou é cínico’. *Correio Braziliense*, 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/10/24/internas_economia,714632/alexandre-schwartzman-mercado-ou-e-ingenuo-ou-e-cinico.shtml>. Acesso em: 14 maio 2020.

HUGHES, Gabriela Aguerre. Vivo com o dinheiro! *Revista Imprensa*, p. 61, fev. 1995.

INFOGLOBO. Perfil dos leitores. *Infoglobo*. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/perfilLeitores.aspx>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. *Retratos da Leitura no Brasil*. 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.

ISMAEL, Ricardo et al. Entrevista com Luiz Gonzaga Belluzzo. *Cadernos do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p. 420-441, jul./dez. 2011.

ISTO É. Com dieta líquida e motivada pela ‘maldade’, Joice Hasselmann perde 20 kg. *Isto É*, 26 ago. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/com-dieta-liquida-e-motivada-pela-maldade-joyce-hasselmann-perde-20-kg/>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

IVC. Posição participação e evolução das publicações. *IVC*, 2000 a 2020.

JABOR, Arnaldo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. 18 jun. 2016a. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6960/arnaldo-jabor>>. Acesso em: 01 maio 2020.

JABOR, Arnaldo. Arnaldo Jabor desmente apoio a Bolsonaro. *Jornalistas Livres*, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BmDbf17GUF8>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JABOR, Arnaldo. O filho do jornalismo. *Revista Imprensa*, p. 52-53, abr. 1991.

JABOR, Arnaldo. *O malabarista* – os melhores textos de Arnaldo Jabor. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. E-book.

JABOR, Arnaldo. Os golpes do petismo. *Estadão*, 12 maio 2016b. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,os-golpes-do-petismo,10000050637>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JARDIM, Lauro. A Empiricus sai de ‘O Antagonista’. *O Globo*, 09 out. 2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/empiricus-sai-de-o-antagonista.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

JORNAL DA CULTURA, 16 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vq7dwcNTPKU&t=2113s>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

JÚNIOR, Janary; CESAR, Luciana. Decisão de Cunha sobre pedido de impeachment de Dilma deve ser lida nesta quinta. *Agência Câmara de Notícias*, 02 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/477179-decisao-de-cunha-sobre-pedido-de-impeachment-de-dilma-deve-ser-lida-nesta-quinta/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KOTSCHO, Ricardo. Mídia alternativa perde Nocaute e Conversa Afiada no mesmo dia. *UOL*, 01 ago. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/08/01/midia-alternativa-perde-nocaute-e-conversa-afiada-no-mesmo-dia.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

KRAMER, Dora. Calma no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,calma-no-brasil-imp-,1632602>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KRAMER, Dora. Entrevista com Dora Kramer. In: ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KRAMER, Dora. Histeria regressiva. *Veja*, 26 out. 2018a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/dora-kramer/histeria-regressiva/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KRAMER, Dora. No figurino do Andrade. *Veja*, 28 set. 2018b. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/dora-kramer/no-figurino-do-andrade/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KRAMER, Dora. O crepúsculo do macho. *Veja*, 18 ago. 2018c. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/dora-kramer/o-crepusculo-do-macho/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KUSHNIR, Beatriz. Verbete de Rubens Paiva. *Dicionário histórico biográfico brasileiro*, CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rubens-beyrodt-paiva>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LAMOUNIER, Bolívar. *Bolívar Lamounier (depoimento, 2012)*. São Paulo, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013. 66 pp.

LAMOUNIER, Bolívar. Candidatos, partidos e futuros alternativos. *IstoÉ*, 19 out. 2018a. Disponível em: <<https://istoe.com.br/candidatos-partidos-e-futuros-alternativos/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LAMOUNIER, Bolívar. Contragolpe democrático. *Folha de S.Paulo*, 21 abr. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/04/1763264-contragolpe-democratico.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LAMOUNIER, Bolívar. *De onde, para onde*. São Paulo: Global Editora, 2018b.

LAMOUNIER, Bolívar. Problemas causados por soluções. *IstoÉ*, 03 maio 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/problemas-causados-por-solucoes/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEBRUN, Gérard. A Maria Antônia e a formação filosófica em São Paulo. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

LEITÃO, Míriam. Entrevista com Míriam Leitão. In: ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a.

LEITÃO, Míriam. Força das instituições moderou o radicalismo dos candidatos. *O Globo*, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/forca-das-instituicoes-moderou-o-radicalismo-dos-candidatos.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEITÃO, Míriam. Lições de um magnífico jornalista diletante. In: FARO, Luiz Cesar; GATTO, Coriolano. *Mario*. Copyright Insight Comunicação, 2017. p. 189-198.

LEITÃO, Míriam. Miséria do debate. *O Globo*, 3 nov. 2013. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/miseria-do-debate-513932.html>>. Acesso em: 21 set. 2018.

LEITÃO, Míriam. Não é, mas pode ser. *O Globo*, 08 jul. 2015. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/nao-mas-pode-ser-569148.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEITÃO, Miriam. Prefácio. In: FRANCO, Gustavo. *Crônicas da convergência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006b. p. 19-22.

LEITE, Paulo Moreira. Banalidade do mal no Senado. *Brasil247*, 4 ago. 2016a. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/banalidade-do-mal-no-senado>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEITE, Paulo Moreira. Caçando blogueiros. *IstoÉ*, 2014. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/midia/a-caca-aos-blogueiros-por-paulo-moreira-leite/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

LEITE, Paulo Moreira. Comentarista político Paulo Moreira Leite analisa protesto de domingo. *TV Brasil*, 14 mar. 2016b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ABOh2vPEFvM&list=PLOfYOI2JjDfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=36>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEITE, Paulo Moreira. “Impeachment não é para você aprovar ou não uma gestão de presidente”, avalia Paulo Moreira Leite. *TV Brasil*, 02 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Sr9D-mDyWU&list=PLOfYOI2JjDfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=35>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEMONS, Nina. Marcelo Rubens Paiva. *TPM*, n. 113, 14 set. 2011. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/marcelo-rubens-paiva>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

LESSA, Carlos; EARP, Fabio Sá. Mais Além do II PND: O Instituto de Economia da UFRJ. In: SZMRECSÁNYI; COELHO (Org.). *Ensaio de história do pensamento econômico no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÓRIO, Bárbara. “Se estivesse no Brasil, estaria com medo”, diz Monica de Bolle. *Época*, 05 mar. 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/se-estivesse-no-brasil-estaria-com-medo-diz-monica-de-bolle-23500584>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

LIVRARIA DA VILA. Pop sim, e daí? *Blog Livraria da Vila*, [2018?]. Disponível em: <<https://blog.livrariadavila.com.br/pop-sim-e-dai/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LSE. Department of Economics. The London School of Economics and Political Science - Site oficial. Disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/economics>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LUNA, Cacilda. Paul Singer, uma vida dedicada ao ensino e à atividade política. *FEA-USP*, São Paulo, 19 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.fea.usp.br/fea/noticias/paul-singer-uma-vida-dedicada-ao-ensino-e-atividade-politica>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MAGNOLI, Demétrio. A carta que Haddad não escreverá. *Folha de S.Paulo*, 13 out. 2018a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2018/10/a-carta-que-haddad-nao-escrevera.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MAGNOLI, Demétrio. É fácil propor espelhismo entre Bolsonaro e Haddad, mas seria à base de sofismas. *Folha de S.Paulo*, 13 out. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2018/10/e-facil-propor-espelhismo-entre-bolsonaro-e-haddad-mas-seria-a-base-de-sofismas.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MAGNOLI, Demétrio. Em busca da ditadura perdida. *Folha de S.Paulo*, 28 maio 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2016/05/1775792-em-busca-da-ditadura-perdida.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. É preciso varrer o petismo. *Crusoé*, 26 out. 2018a. Disponível em: <<https://crusoe.com.br/edicoes/26/e-preciso-varrer-o-petismo/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. João Amoêdo é meu candidato. *Crusoé*, 07 set. 2018b. Disponível em: <<https://crusoe.com.br/edicoes/19/joao-amodo-e-o-meu-candidato/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. Meu primeiro e último voto. *Crusoe*, 20 jul. 2018c. Disponível em: <<https://crusoe.com.br/edicoes/12/meu-primeiro-e-ultimo-voto/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. O voto envergonhado e o voto sem-vergonha. *Crusoe*, 19 out. 2018d. Disponível em: <<https://crusoe.com.br/edicoes/25/o-voto-envergonhado-eo-voto-sem-vergonha/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. Tweet. *Twitter*, 9 out. 2014a. Disponível em: <<https://twitter.com/diogomainardi/status/520268807122993152>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MAINARDI, Diogo. Tweet. *Twitter*, 24 out. 2014b. Disponível em: <<https://twitter.com/diogomainardi/status/525544771805515776>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MANIFESTO SOBRE o caso envolvendo o Banco Central e o Economista Alexandre Schwartzman. *Petição pública*, 2014. Disponível em: <<https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR74543>>. Acesso em: 01 maio 2020.

MARASCIULO, Marília. Liberdade de imprensa é ser plural, defende o acadêmico Fernando Schuler. *Portal Imprensa*, 26 abr. 2017. Disponível em: <<https://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/79095/liberdade+de+imprensa+e+ser+plural+defende+o+academico+fernando+schuler>>. Acesso em: 01 maio 2020.

MARIANI, Daniel; TAKAHASHI, Fábio; ALMEIDA, Thiago. A posição ideológica de 1,8 mil influenciadores no Twitter em 2020. *Folha de S.Paulo*, 11 nov. 2020. Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/gps-ideologico/reta-ideologica-2020/a-posicao-ideologica-de-1-8-mil-influenciadores-no-twitter-em-2020.shtml>>. Acesso em: 01 maio 2020.

MARTINS, Thays. Jovem Pan demite Rodrigo Constantino depois de repercussão de fala sobre estupro. *Correio Braziliense*, 04 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/11/4886668-jovem-pan-demite-rodrigo-constantino-depois-de-repercussao-de-fala-sobre-estupro.html>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MCGANN, James G. 2018 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*, Pennsylvania, n. 16, 2019.

MEDEIROS, Jotabê. Mário Sergio Conti assume o “Roda Viva”. *O Estado de S. Paulo*, 17 ago. 2011. Disponível em: 10 fev. 2021.

MEDIA LAB – ESTADÃO. Quem somos. *Estadão*. Disponível em: <<http://patrocinados.estadao.com.br/medialab/about-me/>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

MEDINA, Alessandra. Os influenciadores do conhecimento. *GQ Brasil*, fev. 2021.

MELLO, Raphaela de Campos. Fernando Schuler: Alma na vida contemporânea. *Bons fluidos*, 20 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.fronteras.com/entrevistas/fernando-schuler-alma-na-vida-contemporanea>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

MEMÓRIAS DA DITADURA 1. Bibliografia de Eunice Paiva. *Memórias da Ditadura*. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/eunice-paiva/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MEMÓRIAS DA DITADURA 2. Bibliografia de Sobral Pinto. *Memórias da Ditadura*. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/sobral-pinto/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. Luiz Fernando Mercadante. *O Globo – Memória Globo*, 28 jan. 2004. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/luiz-fernando-mercadante/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. Na Moral. *O Globo – Memória Globo*. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/na-moral/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MENDONÇA, Ricardo. Marcia Tiburi relata ameaças e deixa o país. *Valor Econômico*, 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/03/11/marcia-tiburi-relata-ameacas-e-deixa-o-pais.ghtml>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MENEZES, Cynara. Por que sou contra o impeachment. *Socialista Morena*, 13 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/por-que-sou-contra-o-impeachment/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MENEZES, Cynara. Tweet. *Twitter*, 11 set. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/kerne_ary/status/1171810681269755906>. Acesso em: 09 fev. 2021.

MERTEN, Luiz Carlos. Caetano solta o verbo na volta de ‘Cinema Falado’. *O Estado de S. Paulo*, 18 dez. 2003.

MILLENÍUM. Imil na sala de aula. *Instituto Millenium*. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/imil-na-sala-de-aula1/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MILLENÍUM. Você sabe exatamente o que faz o Imil? *Instituto Millenium*, 16 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/voce-sabe-exatamente-o-que-faz-o-imil-2/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MODÉ, Leandro. LCA compra MCM e consolida liderança. *Estadão*, 12 abr. 2013. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,lca-compra-mcm-e-consolida-lideranca-imp-,1019995>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MORAES, Renato. A arte do polemista. *Revista Imprensa*, p. 10-14, set. 2004.

MORAIS, Fernando. [PROGRAMA #17 DCM NA TVT] “Nunca imaginei viver o golpe de novo”, diz Fernando Moraes. *Diário do Centro do Mundo*, 7 set. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bePGmwmbbGE&list=PLOfYOI2JjDIIfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=37&t=551s>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MOREIRA, Eduardo. 2016, um ano necessário. *Revista Exame*, 29 dez. 2016. Disponível em: <<https://exame.com/blog/eduardo-moreira/2016-um-ano-necessario/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MOREIRA, Eduardo. *Desigualdade & caminhos para uma sociedade mais justa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019a.

MOREIRA, Eduardo. *O que os donos do poder não querem que você saiba*. Editora Alaúde, 2017.

MOREIRA, Eduardo. Post no Facebook. *Facebook*, 7 fev. 2019b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eduardomoreirabrasil/posts/2164039790592265/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MOREIRA, João Almeida. Eduardo Moreira. O brasileiro que passou de banqueiro a porta-voz dos sem-terra. *Diário de Notícias*, 17 maio 2020. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/eduardo-moreira-o-brasileiro-que-passou-de-banqueiro-a-porta-voz-dos-sem-terra--12179963.html>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MOTTA, Adriana; MENEZES, Mariana. O jovem poder da mulher jornalista. *Revista Imprensa*, n. 149, jun. 2000.

NA MORAL. Politicamente correto. *TV Globo*, 5 jul. 2012. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/na-moral/p/5950/data/05-07-2012/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

NARLOCH, Leandro. Amoêdo e Meirelles são os ricos de que o Brasil precisa. *Folha de S. Paulo*, 15 ago. 2018a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2018/08/amoedo-e-meirelles-sao-os-ricos-de-o-brasil-precisa.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NARLOCH, Leandro. Entrevista programa Persona. *UFPR TV*, 4 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rzF68Y1qJpg>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

NARLOCH, Leandro. Eu não deveria, mas acho graça nas heresias de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 12 set. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2018/09/eu-nao-deveria-mas-acho-graca-nas-heresias-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NARLOCH, Leandro. Por que Dilma foi a pior da história. *Veja*, 11 maio 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/por-que-dilma-foi-a-pior-da-historia/pagina-comentarios-6/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NASSIF, Luís. A brincadeira do impeachment e os desvios de Aécio. *GGN*, 21 nov. 2014a. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/coluna-economica/a-brincadeira-do-impeachment-e-os-desvios-de-aecio/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NASSIF, Luís. A metralhadora giratória vesga de Ciro Gomes. *GGN*, 13 out. 2019. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/opiniaio/a-metralhadora-giratoria-vesga-de-ciro-gomes-por-luis-nassif/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

NASSIF, Luís. *O jornalismo dos anos 90*. São Paulo: Futura, 2003.

NASSIF, Luís. *Os cabeças-de-planilha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

NASSIF, Luís. O Xadrez da batalha do impeachment. *GGN*, 06 nov. 2014b. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/gestao/o-xadrez-do-jogo-do-impeachment/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NEVES, Maria Laura. Por que todos amam Djamilá? *Marie Claire*, 29 dez. 2017. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/12/por-que-todos-amam-djamila.html>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

NEW SCHOOL. Economics. New School for Social Research - Site oficial. Disponível em: <<https://www.newschool.edu/nssr/economics/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

NIELSEN; SNEL. Painel do varejo de livros no Brasil. *SNEL*, janeiro 2021. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/01/SNEL_13_2020_-_13T_2020.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NIELSEN; SNEL. Painel do varejo de livros no Brasil. *SNEL*, janeiro 2020. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/01/SNEL_13_2019_-_13T_2019.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NIELSEN; SNEL. Painel do varejo de livros no Brasil. *SNEL*, janeiro 2018. Disponível em: <<https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2018/02/13-SNEL-13-2017-13T.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NIELSEN; SNEL. Painel do varejo de livros no Brasil. *SNEL*, janeiro 2017. Disponível em: <<https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2018/02/1-SNEL-13-2016-13T.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NOGUEIRA, Paulo Eduardo. *Paulo Francis – polemista profissional*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

NOTA de repúdio – endereçada ao jornal Folha de S.Paulo em desagravo aos professores Leda Paulani e Luiz G. Belluzzo. *Plataforma Política Social*, 2015. Disponível em: <<http://plataformapoliticasocial.com.br/nota-de-repudio/>>. Acesso em: 11 maio 2020.

NUNES, Augusto. Confira a edição revista, aperfeiçoada e ampliada da lista dos que acham que mexer com o chefe supremo é mexer com eles. *Revista Veja*, 21 dez. 2012. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/confira-a-edicao-revista-aperfeicoada-e-ampliada-da-lista-dos-que-acham-que-mexer-com-o-chefe-supremo-e-mexer-com-eles/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

NUNES, Augusto. Entrevista de Augusto Nunes. ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

NUNES, Augusto. Lula vai descobrir que, de novo, quebrou a cara. *Veja*, 25 out. 2018a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/lula-vai-descobrir-que-de-novo-quebrou-a-cara/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NUNES, Vicente. Temer convida Denis Rosenfield para ser ministro da Defesa. *Correio Braziliense*, 05 abr. 2018b. Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/vicente/temer-convida-denis-rosenfield-para-ser-ministro-da-defesa/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NUNES, Augusto; VILLA, Marco Antonio. Villa: 'a oposição esquece que o povo quer impeachment'. *VejaPontocom* (YouTube), 28 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLfNNnIOkk0&list=PLOfYOI2JjDIFs0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=23&t=855s>. Acesso em: 12 fev. 2021.

O ANTAGONISTA. Exército não quer filósofo de Temer na Defesa. *O Antagonista*, 04 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.oantagonista.com/brasil/exercito-nao-quer-filosofo-de-temer-na-defesa/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

O ANTAGONISTA. Rolando rampa abaixo. *O Antagonista*, 01 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.oantagonista.com/brasil/rolando-rampa-abaixo/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

O GLOBO. ABERT publica nota de repúdio à declaração de Olavo de Carvalho contra a imprensa. *O Globo*, 18 dez. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/abert-publica-nota-de-repudio-declaracao-de-olavo-de-carvalho-contra-imprensa-23314029>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

OLIVEIRA, Ana Flávia. Djamila Ribeiro, a voz da consciência negra feminina no Brasil. *Vice*, 18 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/bmgkvd/entrevista-djamila-ribeiro-2016>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

OLIVEIRA, Eliane. Cotado para embaixada em Washington, Murillo de Aragão é chamado de petista por Olavo de Carvalho. *O Globo*, 13 mar. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/cotado-para-embaixada-em-washington-murillo-de-aragao-chamado-de-petista-por-olavo-de-carvalho-23517651>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ORSINI, Elizabeth. Um parecer errado acaba em escândalo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1994.

OSCAR, Naiana. Jorge Paulo Lemann: conheça a trajetória do bilionário dos resultados. *Seu dinheiro*, 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.seudinheiro.com/2019/jorge-paulo-lemann/jorge-paulo-lemann-bilionario/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

PADIAL, Karina; FORTI, Pamela. Independente convicto. *Revista Imprensa*, 26-31, out. 2010.

PAINEL. Os cem anos da Revolução Russa e o que ela pode ensinar. *Globo News*, 4 nov. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-painel/videos/v/painel-os-cem-anos-da-revolucao-russa-e-o-que-ela-pode-ensinar/6267266/>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. E-book.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1982. E-book.

PAIVA, Marcelo Rubens. Vá para Cuba?! *O Estado de S. Paulo*, 28 nov. 2016. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,va-para-cuba,10000091018>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PÂNICO. Glenn Greenwald. *Pânico – Jovem Pan*, 07 nov. 2019a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XvQg8UIS3us&t=1890s>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PÂNICO. Luiz Felipe Pondé. *Pânico – Jovem Pan*, 18 mar. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_MawuNB1Ej0&t=1107s>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PARAIZO, Danúbia. Página virada. *Revista Imprensa*, p. 28-32, jan./fev. 2015.

PARENTE, Ediane. Um ano de ouro para o mercado. *Inter-meios – Meio&Mensagem*, 28 fev. 2011. Disponível em: <<https://acervo.meioemensagem.com.br/#biblioteca/users/27158>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PEREIRA, Merval. A boca do jacaré. *O Globo*, 12 out. 2018a. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/boca-do-jacare.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PEREIRA, Merval. Ao mestre. *O Globo*, 27 jun. 2010. Disponível em: <http://www.carloscastellobranco.com.br/sec_avulsos_view.php?id=116>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PEREIRA, Merval. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. *ABL*, 2011. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/merval-pereira/discurso-de-posse>>. Acesso em: 21 set. 2018.

PEREIRA, Merval. Entrevista. In: SZNEJDER, Vitor. *Jornalistas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PEREIRA, Merval. Sem golpismos. *O Globo*, 18 nov. 2014a. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/sem-golpismos-555007.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PEREIRA, Merval. Semana perdida. *O Globo*, 16 out. 2018b. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/semana-perdida.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PEREIRA, Merval. Tendências e denúncias. *O Globo*, 24 out. 2014b. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/tendencias-denuncias-553108.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PERSEU ABRAMO. Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo. *Fundação Perseu Abramo*, 2017. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Pesquisa-Periferia-FPA-040420172.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

PESSÔA, Samuel. A armadilha em que a esquerda se meteu. In: LISBOA, Marcos; PESSÔA, Samuel. *O valor das ideias: debate em tempos turbulentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 87-108.

PESSÔA, Samuel. A hora maior do PT. *Folha de S.Paulo*, 14 out. 2018a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/2018/10/a-hora-maior-do-pt.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PESSÔA, Samuel. A universidade paga. *Folha de S.Paulo*, 29 jun. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/2014/06/1478158-universidade-paga.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PESSÔA, Samuel. Narrativas. *Folha de S.Paulo*, 4 nov. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/samuelpessoa/2018/11/narrativas.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa paulista – jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PINTO, Ana Estela de Souza. *Folha explica Folha*. São Paulo: Publifolha, 2012.

PIRES, Carol. Podcast Retrato Narrado. *Revista Piauí & Spotify Studios*, 2020.

PIZA, Daniel. Cronicamente corruptos. *Estadão*, 15 nov. 2001.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. São Paulo: LeYa, 2014a.

PONDÉ, Luiz Felipe. A formação de um pessimista. In: COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD, Denis. *Por que virei à direita?* São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PONDÉ, Luiz Felipe. A história do Brasil do PT. *Folha de S.Paulo*, 18 abr. 2016a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2016/04/1761876-a-historia-do-brasil-do-pt.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. Eleições 2018. *Luiz Felipe Pondé (YouTube)*, 1 out. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iFPVZQ7S3dg&list=PLOfYOI2JjDI5S0skPsnI-8U5LU9z_p-8M&index=44>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Filosofia para corajosos* – pense com a própria cabeça. São Paulo: Planeta, 2016b.

PONDÉ, Luiz Felipe. Liberal e conservador para além do senso comum. *Café Filosófico CPFL*, 6 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6gZWqgTqfZk&t=2023s>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. Olavo de Carvalho. *Luiz Felipe Pondé (YouTube)*, 6 jun. 2016c. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=E8kLR4QMDH0>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. Por uma direita festiva. *Folha de S.Paulo*, 21 abr. 2014b. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/04/1443306-por-uma-direita-festiva.shtml>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. Religião, família e costumes. *Folha de S.Paulo*, 5 nov. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2018/11/religiao-familia-e-costumes.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PORTAL DOS JORNALISTAS. Fernando Moraes. *Portal dos Jornalistas*. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/fernando-moraes/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PORTAL DOS JORNALISTAS. Miriam Leitão é novamente a mais premiada jornalista da História. *Portal dos Jornalistas*, 2019. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/miriam-leitao-reassume-a-lideranca-dos-premiados-jornalistas-da-historia/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PORTAL IMPRENSA. Leonardo Sakamoto é ameaçado de morte após publicação de falsa entrevista. *Portal Imprensa*, 18 fev. 2016. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/76149/leonardo+sakamoto+e+ameacado+de+morte+apos+publicacao+de+falsa+entrevista>. Acesso em: 01 fev. 2021.

PRATA, Antonio. 100% classe média. *Estadão*, São Paulo, 23 dez. 2008. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/blogs/antonio-prata/100-classe-media/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PRATA, Antonio. Crítica e autocrítica. *Folha de S.Paulo*, 27 mar. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonio-prata/2016/03/1754415-critica-e-autocritica.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PRATA, Antonio. Entrevista com Antonio Prata. *Drauzio entrevista*, fev. 2014. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/videos/drauzio-entrevista/drauzio-entrevista-antonio-prata/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

PRATA, Antonio. O meu avô. *Folha de S.Paulo*, 02 jul. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonio-prata/2017/07/1897748-o-meu-avo.shtml>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

PROGRAMA DA ELIANA. Participação de Rachel Sheherazade. *SBT*, 18 maio 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6SFqT2jJdDs&t=239s>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

PROGRAMA DO JÔ. Entrevista com Diogo Mainardi. *Rede Globo*, 6 nov. 2007. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4402654/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

PROGRAMA DA MÍRIAM LEITÃO. Quais são os caminhos da economia na crise política? *Globo News*, 25 maio 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/miriam-leitao/videos/t/miriam-leitao/v/miriam-leitao-quais-sao-os-caminhos-da-economia-na-crise-politica/5896198/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PROGRAMA DO RAUL GIL. Rachel Sheherazade participa do quadro "Elas Querem Saber". *SBT online*, 13 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I5DJKA9KQkY&t=2984s>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

QUEIROZ, Antônio Augusto de. As razões da eleição de um Congresso Conservador. *DIAP*, 2014. Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=24542:as-razoes-da-eleicao-de-um-congresso-conservador&catid=46:artigos&Itemid=207/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

REAÇA & COMUNA. Barraco na Mídia. *Poder360*, 21 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LzEtboFIA7M&t=343s>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

REDE GLOBO. Avenida Brasil é a novela mais vendida da Globo no exterior. *Rede Globo*, 02 jul. 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novelas/noticia/2013/07/avenida-brasil-e-novela-mais-vendida-da-globo-no-exterior.html>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

RELIANCE. Site oficial. Disponível em: <<https://www.reliance.com.br/Index.html>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

REPÓRTER BRASIL. Quem Somos? *Repórter Brasil*. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

REVISTA IMPRENSA. A informação antes da opinião. *Revista Imprensa*, p. 35-40, mar. 1988.

REVISTA IMPRENSA. Bateu, levou. *Revista Imprensa*, p. 20-26, jan. 1991.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Arnaldo Jabor. *Revista Imprensa*, dez. 1992-jan. 1993.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Arnaldo Jabor. *Revista Imprensa*, p. 49-57, jul. 1996.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Eliane Cantanhêde. *Revista Imprensa*, p. 20-26, mar. 2002a.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Fernando Gabeira. *Revista Imprensa*, p. 37-41, ago. 1995.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Fernando Moraes. *Revista Imprensa*, p. 25-29, jan. 1992a.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Marcelo Rubens Paiva. *Revista Imprensa*, p. 27-34, fev. 1998.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Mario Sergio Conti. *Revista Imprensa*, p. 25-30, out. 1992b.

REVISTA IMPRENSA. Entrevista com Paulo Henrique Amorim. *Revista Imprensa*, p. 20-27, maio 2002b.

REVISTA IMPRENSA. “Ripeness is all”. *Revista Imprensa*, ed. 164, p. 44, set. 2001.

RIBEIRO, Djamila. Bela, recatada e do lar: matéria da ‘Veja’ é tão 1792. *Carta Capital*, 20 abr. 2016a. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a.

RIBEIRO, Eduardo; BARONCELLI, Wilson. Fernando Moraes: um olhar no jornalismo e o outro na literatura. E os dois na grande reportagem. *Protagonistas da Imprensa Brasileira – Jornalistas&Cia*, 20 set. 2010.

RIBEIRO, Igor. Mercado cresce 1,5% em 2014. *Meio&Mensagem*, 27 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2015/04/27/mercado-cresce-1-5-porcento-em-2014.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RICAM CONSULTORIA. Site oficial. Disponível em: <<http://ricamconsultoria.com.br/ricardo-amorim.php>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

RIO BRAVO. Site oficial. Disponível em: <<https://www.riobravo.com.br/sobre-nos>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

RIZÉRIO, Lara. Schwartzman e Belluzzo têm novo embate e deflagram ânimos acirrados entre escolas econômicas. *Infomoney*, 28 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/politica/schwartzman-e-belluzzo-tem-novo-embate-e-deflagram-animos-acirrados-entre-escolas-economicas/>>. Acesso em: 01 maio 2020.

ROSENFELD, Denis. A esquerda em riste. *O Estado de S. Paulo*, 03 set. 2018. Disponível em: <<https://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-esquerda-em-riste,70002484904>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ROSENFELD, Denis. O impeachment ou o caos. *O Estado de S. Paulo*, 04 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-impeachment-ou-o-caos,10000024623>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SABINO, Mario. O oráculo de Ipanema. *Revista Veja*, ed. 2030, p. 128-131, 17 out. 2007.

SADER, Emir. Emir Sader analisa implicações da queda do governo Dilma nas relações internacionais. *TV Brasil*, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bdWEiwjzU5U&list=PLOfYOI2JjDIfS0skPsnl-8U5LU9z_p-8M&index=43>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SADER, Emir. *Entrevista de Emir Sader ao Programa Provocações*, 2003. Entrevistador: Antônio Abujamra. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/61401_provocacoes-emir-sader-2003.html>. Acesso em: 11 maio 2020.

SADER, Emir. O ódio de classe da burguesia brasileira. *Carta Maior*, 28 ago. 2005. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-odio-de-classe-da-burguesia-brasileira/19060>>. Acesso em: 12 maio 2020.

SADI, Andréia. Temer analisa nomes para o Ministério da Defesa. *O Globo*, 3 abr. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2018/04/03/temer-analisa-nomes-para-o-ministerio-da-defesa.ghtml>>. Acesso em: 21 set. 2018.

SAFATLE, Amália. "Está na hora de ser liberal", diz Samuel Pessôa, do Ibre. *Valor Econômico*, São Paulo, 05 abr. 2019a. Disponível em: <valor.globo.com/eu-e/noticia/2019/04/05/esta-na-hora-de-ser-liberal-diz-samuel-pessoa-do-ibre.ghtml>. Acesso em: 01 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. A universidade pública forte. *Folha de S.Paulo*, 09 ago. 2010. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0908201010.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SAFATLE, Vladimir. Ao final, Dilma foi afastada por um crime que nunca fora visto como crime. *Folha de S.Paulo*, 02 set. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2016/09/1809312-ao-final-dilma-foi-afastada-por-um-crime-que-nunca-fora-visto-como-crime.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SAFATLE, Vladimir. Entrevista de Vladimir Safatle. *Ipseitas*, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 8-16, jul./dez. 2015.

SAFATLE, Vladimir. *Entrevista de Vladimir Safatle à TVE Entrevista Especial*, 2019b. Entrevistador: Bob Fernandes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5yYkAJ0ldjY?>>. Acesso em: 11 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. *Entrevista de Vladimir Safatle ao Programa Provocações*, 2013. Entrevistador: Antônio Abujamra. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/61131_provocacoes-vladimir-safatle-2013.html>. Acesso em: 11 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. Nova Direita por Vladimir Safatle. *Quem Somos Nós*, 9 set. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VC6tITfhsGU>>. Acesso em: 02 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. Sem resposta. *Folha de S.Paulo*, 22 nov. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/10329-sem-resposta.shtml>>. Acesso em: 11 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. Uma velha má ideia. *Folha de S.Paulo*, 24 maio 2019c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2019/05/uma-velha-ma-ideia.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SAKAMOTO, Leandro. Golpe e Impeachment: As palavras têm o poder que conferimos a elas. *Blog do Sakamoto*, 23 abr. 2016. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/04/23/golpe-e-impeachment-as-palavras-tem-o-poder-que-conferimos-a-elas/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTIAGO, Homero et al. Um frágil diagnóstico sobre Marilena Chaui e as esquerdas. *Cult*, n. 218, p. 68-71, nov. 2016.

SANTOS, Aline Mendonça dos. Paul Singer: uma vida por outra economia. In: SANTOS, Aline. *Paul Singer: democracia, economia e autogestão*. Marília: Lutas anticapital, 2018. Disponível em: <<http://www.rededegestoresecosol.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Santos-Singer-Ebook-Paul-Singer-democracia-economia-e-autogestao-1.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2020.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SARDENBERG, Carlos Alberto. Dilma pode terceirizar o governo. *O Globo*, 19 mar. 2015. Disponível em: <<https://sardenberg.com.br/dilma-pode-terceirizar-o-governo/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SARDENBERG, Carlos Alberto. Um voto impossível. *O Globo*, 27 set. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/um-voto-impossivel-23104963>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SAYURI, Juliana. Duelo na rede. *Revista Piauí*, 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/duelo-na-rede/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

SCALZILLI, Guilherme. A Abril nos tribunais. *Observatório da Imprensa*, 4 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-abril-nos-tribunais/>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SCARDOELLI, Anderson. Vítima de fake news, Leonardo Sakamoto recebe ameaças de morte. *Portal Comunique-se*, 12 jul. 2018. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/vitima-de-fake-news-leonardo-sakamoto-recebe-ameacas-de-morte/>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

SCHÜLER, Fernando. “A esquerda deve fazer as pazes com a economia e com a democracia”. *Época*, 11 set. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/especial-impeachment/noticia/2016/09/esquerda-deve-fazer-pazes-com-economia-e-com-democracia.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SCHÜLER, Fernando. Cobrar mensalidade não é a melhor solução para universidades públicas. *Folha de S.Paulo*, 30 nov. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernando-schuler/2017/11/1939438-cobrar-mensalidade-nao-e-a-melhor-solucao-para-universidades-publicas.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2020.

SCHÜLER, Fernando. Existe ou não, afinal de contas, doutrinação ideológica em nossas escolas? *Folha de S.Paulo*, 15 nov. 2018a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernando-schuler/2018/11/existe-ou-nao-afinal-de-contas-doutrinação-ideologica-em-nossas-escolas.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SCHÜLER, Fernando. O paradoxo da democracia brasileira. *Folha de S.Paulo*, 19 set. 2018b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernando-schuler/2018/09/o-paradoxo-da-democracia-brasileira.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SCHÜLER, Fernando. Site oficial. Disponível em: <<http://fernandoschuler.com/bio/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SCHWARTSMAN, Alexandre. Mitologia do ‘golpe’ é um excesso de desonestidade intelectual. *Folha de S.Paulo*, 31 ago. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandreschwartzman/2016/08/1808668-mitologia-do-golpe-e-um-excesso-de-desonestidade-intelectual.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SCHWARTSMAN, Alexandre. Por que votarei nulo?. *Folha de S.Paulo*, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandreschwartzman/2018/10/por-que-votarei-nulo.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SCHWARTSMAN ASSOCIADOS. Disponível em: <<http://www.schwartzman.com.br/>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SECRETARIA de Negras e Negros do PSTU. Sobre a propaganda de Djamila Ribeiro à empresa 99. *PSTU*, 28 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/sobre-a-propaganda-de-djamila-ribeiro-a-empresa-99/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SEM TRETA. Privatizar é a solução? *My News*, 8 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=osfeE2SJEs0&t=276s>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SER MÉDICO. Inteligente e polêmico, o convidado desta edição é Paulo Henrique Amorim. Sem comentários!. *Revista Ser médico*, ed. 42, jan-mar. 2008. Disponível em: <<https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=345>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SHEHERAZADE, Rachel. Olavo tem Razão? *Blog da Rachel Sheherazade*, 23 mar. 2015a. Disponível em: <<http://rachelsheherazade.blogspot.com/2015/03/olavo-tem-razao.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SHEHERAZADE, Rachel. Rachel fala sobre o jovem vítima de justiceiros. *SBT Brasil*. 04 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=unVIpQHLDwE>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SHEHERAZADE, Rachel. Sheherazade: manifestações completam uma semana. Que efeitos geraram? *Jovem Pan News*, 24 mar. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k0nqYCZyh0g>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SCHEHERAZADE, Rachel. Tweets. *Twitter*, 2018. Disponível em: <[https://twitter.com/search?q=%23EleN%C3%A3o%20\(from%3ARachelSherazade\)&src=typed_query](https://twitter.com/search?q=%23EleN%C3%A3o%20(from%3ARachelSherazade)&src=typed_query)>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SILVA, Fernando de Barros e. Zero à esquerda. *Folha de S.Paulo*, 06 nov. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0611200603.htm>>. Acesso em: 01 maio 2020.

SIMÃO, Azis. Na faculdade. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SINDICATO dos jornalistas profissionais do município do Rio de Janeiro. Nota de repúdio do Sindicato e da Comissão de Ética contra declarações da jornalista Rachel Sheherazade. *Sindicato dos jornalistas profissionais do município do Rio de Janeiro*, 5 fev. 2014. Disponível em: <<https://jornalistas.org.br/2014/02/05/nota-de-repudio-do-sindicato-e-da-comissao-de-etica-contra-declaracoes-da-jornalista-rachel-sheherazade/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SINDIJOR PR. Conselho de ética comprova plágio praticado pela jornalista Joice Hasselmann. *Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná*, 22 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.sindijorpr.org.br/noticias/6066/conselho-de-etica-comprova-plagio-praticado-pela-jornalista-joice-hasselmann>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SINGER, André. Entrevista com André Singer - As democracias passam por um momento muito difícil. Entrevistador: Gilberto Maringoni. *Ipea – Desafios do desenvolvimento*, ano 12, 28 mar. 2016a. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3231&c?>. Acesso em: 11 maio 2020.

SINGER, André. Há uma profunda ruptura em curso. *Folha de S.Paulo*, 27 ago. 2016b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/andresinger/2016/08/1807526-ha-uma-profunda-ruptura-em-curso.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SINGER, André. Políticas de antecipação: a Folha na abertura democrática. In: *Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2003.

SINGER, André. Vai ter luta. *Folha de S.Paulo*, 17 set. 2016c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/andresinger/2016/09/1814215-vai-ter-luta.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SINGER, André et al. Coronavírus reforça urgência da união de forças democráticas contra Bolsonaro. *Folha de S.Paulo*, 24 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/coronavirus-reforca-urgencia-da-uniao-de-forcas-democraticas-contra-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SINGER, Paul. Nos arredores da Maria Antônia. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SJPMRJ. Nota de apoio à jornalista Miriam Leitão. *SJPMRJ*, 22 jul. 2019. Disponível em: <<https://jornalistas.org.br/2019/07/22/nota-de-apoio-a-jornalista-miriam-leitao/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SOUZA, Jessé. Quem deu o golpe, e contra quem? *Folha de S.Paulo*, 24 abr. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/04/1763753-quem-deu-o-golpe-e-contra-quem.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SZNEJDER, Vitor. *Jornalistas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

TAVARES, Flávia. Olavo de Carvalho, o guru da direita que rejeita o que dizem seus fãs. *Época*, 13 out. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/10/olavo-de-carvalho-o-guru-da-direita-que-rejeita-o-que-dizem-seus-fas.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

TENDÊNCIAS. Site oficial. Disponível em: <<https://www.tendencias.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

TEÓFILO, Josias. *O Jardim das aflições* – filme. 2017.

THE NOITE. Entrevista com Rachel Sheherazade. *SBT*, 12 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ojkhlZQ5iEU>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

THOMAZ, Danilo. Em tempos de turbulência, livros de não ficção impulsionam mercado editorial. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2019/08/23/em-tempos-de-turbulencia-livros-de-nao-ficcao-impulsionam-mercado-editorial.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

TIBURI, Marcia. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. *Revista Cult*, 20 jul. 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/maquina-misogina-e-o-fator-dilma-rousseff-na-politica-brasileira/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

TIBURI, Marcia. Carta aberta a Juremir. *Revista Cult*, 25 jan. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/marcia-tiburi-kim-katagui/>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TIBURI, Marcia. Entrevista para o Breve História. *Breve História – Parte 1*, 04 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=upMkJbAeTqI>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

TREFAUT, Maria da Paz. O mercador de ideias. *O Valor Econômico*, 08 abr. 2013. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2013/04/08/o-mercador-de-ideias.ghtml>>. Acesso em: 05 maio 2020.

TROFÉU IMPRENSA 2017. Rachel Sheherazade recebe Troféu Internet de melhor jornalista. *SBT online*, 9 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2rUA92cpZk>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TSE. PSDB pede cassação do registro de Dilma Rousseff e Michel Temer. *TSE*, 19 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Dezembro/psdb-pede-cassacao-do-registro-de-dilma-rousseff-e-michel-temer>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

TV FOLHA. Fla-Flu: Boulos quer MTST nas ruas; Demétrio diz que decisão cabe ao Congresso. *TV Folha*, 16 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BVgdsxzHvYs>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

UM ESCRITOR na biblioteca – Mario Prata. *Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, ed. 114, 8 maio 2014. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Um-Escritor-na-Biblioteca-Mario-Prata>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

UOL. Augusto Nunes sobre agressão a Gleen: “Não resisti à honra ferida”. *UOL*, 07 nov. 2019a. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/07/em-video-augusto-nunes-lamenta-briga-com-glenn-greenwald-no-panico.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

UOL. "Avenida Brasil", licenciada para 130 países, é a mais exportada da Globo. *UOL*, São Paulo, 08 jul. 2014. Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/vista-por-130-paises-avenida-brasil-e-a-novela-mais-exportada-da-globo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

UOL. Glenn após agressão: 'Violência no debate político é mentalidade fascista'. *UOL*, 07 nov. 2019b. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2019/11/07/glenn-apos-agressao-violencia-no-debate-politico-e-mentalidade-fascista.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

UOL. Joice chora ao detalhar ataques virtuais e ganha apoio até da oposição. *UOL*, 5 nov. 2019c. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/05/joice-chora-e-diz-que-sua-familia-tem-sido-atacada-o-coracao-nao-aguenta.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

URIBE, Gustavo; LIMA, Daniela; LIMA, Galeno. Manifestação contra Dilma reúne 2.500 pessoas em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, 01 nov. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1542047-ato-em-sao-paulo-pede-impeachment-de-dilma-e-intervencao-militar.shtml?cmpid=>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

VALENTE, Rubens. Veja a lista de jornalistas e influenciadores em relatório do governo. *UOL*, 01 dez. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/12/01/lista-monitoramento-redes-sociais-governo-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

VALOR PRO. Site oficial. Disponível em: <<https://www.valorpro.com.br/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

VANINI, Eduardo. Djamila Ribeiro comemora sucesso na academia e fora dela e não descarta carreira política: 'Pode ser que, daqui a alguns anos, eu me interesse'. *O Globo*, 12 jul. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/djamila-ribeiro-comemora-sucesso-na-academia-fora-dela-nao-descarta-carreira-politica-pode-ser-que-daqui-alguns-anos-eu-me-interesse-1-24523474>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

VENCESLAU, Pedro. À direita, sem perder a ternura. *Revista Imprensa*, p. 46-49, maio 2006.

VENCESLAU, Pedro. O amado algoz da nova esquerda. *Revista Imprensa*, n. 203, p. 10-14, jul. 2005.

VENCESLAU, Pedro; MORAES, Renato. Minha vida é um moinho. *Revista Imprensa*, n. 196, p. 16-19, nov. 2004.

VENCESLAU, Pedro; NALDONI, Thaís. O samba desafinou. *Revista Imprensa*, n. 198, p. 11-15, jan./fev. 2005.

VIANA, Francisco. O repórter que se apaixonou pela liberdade. *Revista Imprensa*, n. 198, p. 16-19, p. jan./fev. 2005.

VILLA, Marco Antonio. Bolsonaro: um pouco de serenidade faz bem. *Correio Braziliense*, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/impresso/2018/10/2785759-marco-antonio-villa.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

VILLA, Marco Antonio. Entrevista ao Roda Viva. *Roda Viva*, 16 jan. 2017. Disponível em: <https://tvcultura.com.br/videos/59782_roda-viva-marco-antonio-villa-16-01-2017.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

VILLA, Marco Antonio. Entrevista com Marco Antonio Villa para o projeto Memória Oral. *Biblioteca Mário de Andrade*, 13 fev. 2008. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/transcricao_marco_villa_1297185891.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

VILLA, Marco Antonio. O Brasil dá adeus a Lula. *O Globo*, 05 abr. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/o-brasil-da-adeus-lula-19015474>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

VOLT DATA LAB. Conta dos passaralhos. *Volt Data Lab*. Disponível em: <<http://passaralhos.voltdata.info/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

ZANATTA, Bianca. Literatura feminista puxa negócios na contramão do mercado editorial. *O Estado de S. Paulo*, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://pme.estadao.com.br/noticias/geral,literatura-feminista-puxa-negocios-na-contramao-do-mercado-editorial,70003245812>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo revisa a história em filmes e livros com visão de direita. *Folha de S.Paulo*, 12 ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. *Desafios da notícia: o jornalismo brasileiro ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; KORNIS, Mônica Almeida. *Mídia e Política no Brasil – Jornalismo e Ficção*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações – depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças Estruturais no Jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Org.). *Jornalismo e Sociedade Teorias e Metodologias*. Florianópolis: Insular, 2012, v. 1, p. 61-79.

ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique. Perfil profissional no ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 7., 2006. *Anais...* 2006. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/38447050/o-perfil-do-profissional-no-ciberjornalismo-servidor-sbpjor>>. Acesso em: 22 set. 2020.

ADORNO, Theodor W. et al. *The authoritarian personality*. New York: Harper & Brothers, 1950.

ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 33, ago. 2007.

ALEXANDRE, Thiago. *O Instituto Millenium e os intelectuais da “Nova Direita” no Brasil*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

ALMEIDA, Ana Maria F. O assalto à educação pelos economistas. *Tempo Social*, v. 20, n. 1, p. 163-178, 2008.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

ALONSO, Angela. A política das ruas – protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*, São Paulo, p. 49-58, jun. 2017.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Bolsonaro. *Novos Estudos*, v. 38, n. 1, p. 215-253, 2019.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A modernidade possível: Cientistas e Ciências Sociais em Minas Gerais. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1995.

BARBOZA, Darlan Praxedes. O jovem Prebisch (1901-1943). 2018. 151f. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Programa de Pós-graduação em Sociologia, USP, São Paulo.

BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. *Bourdieu and the journalistic field*. Polity Press, 2005.

BERGAMO, Alexandre. “Antigos” e “Novos” no jornalismo brasileiro dos anos 1980 e 1990: uma identidade profissional em disputa. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 19, n. 45, p. 337-368, mai.-ago. 2020b.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, Memória e História no jornalismo brasileiro. *Mana*, v. 17, n. 2, p. 233-269, 2011.

BERTONCELO, Edison. O uso da Análise de Correspondências Múltiplas nas Ciências Sociais: possibilidades de aplicação e exemplos empíricos. In: ANPOCS, 40., 2016. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPOCS. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st16-7/10296-o-uso-da-analise-de-correspondencias-multiplas-nas-ciencias-sociais-possibilidades-de-aplicacao-e-exemplos-empiricos/file>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. São Paulo: Unesp, 1995.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997.

BOLTANSKI, Luc. L'espace positionnel : multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe. *Revue française de sociologie*, 1973.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSC; Porto Alegre: Zouk, 2015a.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. E-book.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015b.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Intellectual field and creative project. *Social Science Information*, v. 8, n. 2, p.89-119, 1969.

BOURDIEU, Pierre. L'emprise du journalisme. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 101-102, p. 3-9, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, Pierre. The Political Field, the Social Science Field, and the Journalist Field. In: BENSON, R; NEVEU, E. *Bourdieu and the journalistic field*. Cambridge: Polity Press, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *The State Nobility*. Cambridge: Polity Press, 1996c.

BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 39, maio/ago. 2018.

BRAGA, Ruy. Terra em transe: o fim do lulismo e o retorno da luta de classes. SINGER, André; LOUREIRO, Isabel. *As contradições do lulismo – a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.

CALDEIRA, Teresa. Direitos humanos ou “privilégios de bandidos”? : desventuras da democratização brasileira. *Novos Estudos Cebrap*, n. 30, p. 162-174, 1991.

CANÊDO, Leticia. Herdeiros, militantes, cientistas políticos: socialização e politização dos grupos dirigentes no Brasil (1964-2010). In: TOMIZAKI, Kimi; CANÊDO, Letícia; GARCIA, Afrânio (org.). *Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 2013.

CARDOZO, Mariana. *Autoritarismo, classe e juventude: sociologia política de alunos do ensino médio de Juiz de Fora-MG*. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

CARLOTTO, Maria Caraméz. Inevitável e imprevisível, o fortalecimento da direita para além da dicotomia ação e estrutura: o espaço internacional como fonte de legitimação dos Think Tanks latino-americanos. *Plural*, n. 25, p. 63-91, 2018.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e conservadorismo liberal. In: CRUZ, Sebastião et al. (Org). *Direita, volver!*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: ideias, retórica e prática política. In: ANPOCS, 39., 2015, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPOCS, 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9620&Itemid=461>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CHAMPAGNE, Patrick. La double dépendance. *Hermès*, 17-18, 1995.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. Estratégias de socialização da igreja: o papel dos colégios católicos masculinos nos anos 1920-1950. *Educação em foco*, v. 15, n. 2, 2010/2011. p. 135-152.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. O céu é o limite: a educação escolar da elite carioca nos anos 1950. GT-14: *Sociologia da Educação*, 31ª ANPED, 2008. p. 1-19.

CHIARAMONTE, Aline. *Lutas simbólicas e doxa: jornalistas e acadêmicos no caso da 'lista dos improdutivos' da USP*. 2015. 214f. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Programa de Pós-graduação em Sociologia, USP, São Paulo.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

CONSOLIM, Marcia; BORDIGNON, Rodrigo da Rosa. Sociologia do campo científico e universitário. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 38, p. 7-20, jan./abr. 2018.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant. A dolarização do conhecimento técnico-profissional e do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado, 1960-2000. *RBCS*, v. 15, n. 43, jun. 2000.

DURAND, Pascal; SINDACO, Sarah. *Le discours “néo-reactionnaire”*: transgressions conservatrices. Paris: CNRS éditions, 2015.

DUVAL, Julien. Analisar um espaço social. In: PAUGAM, Serge (org.). *A Pesquisa Sociológica*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 218-237.

DUVAL, Julien. *Critique de la Raison Journalistique*. Paris: Éd. Le Seuil, 2004.

DUVAL, Julien et al. *Le “décembre” des intellectuels français*. Paris: Liber; Raisons d’Agir, 1998.

FAGANELLO, Marco Antonio. Bancada da Bala: uma onda na maré conservadora. In: CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. *A inteligência da música popular:* a “autenticidade” no samba e no choro. 2010. 414 f. Tese (Doutorado em Sociologia)–Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2010.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; MESSENERG, Debora. Um espectro ronda o Brasil (à direita). *Plural*, São Paulo, v. 25, p. 1-12, 2018.

GATTI, Vanessa Villas Boas. *Súditos da rebelião:* estrutura de sentimento da Nova MPB (2009-2015). 2015. 289 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2015.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

GRÜN, Roberto. A dominação, a doxa e o neoliberalismo: A revanche do baixo clero e a pista das homologias sociais. In: ANPOCS, 39, 2015. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPOCS. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt13/9565-a-dominacao-a-doxa-e-o-neoliberalismo-a-revanche-do-baixo-clero-e-a-pista-das-homologias-sociais?path=39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt13>>. Acesso: 10 jun. 2020.

GUAZINA, Liziane Soares. Jornalismo que tem lado: o caso dos blogueiros brasileiros “progressistas”. *Brazilian Journalism Research*, v. 9, n. 2, p. 68-87, 2013.

HABERMAS, Jürgen. The New Obscurity: the crisis of the Welfare State and the Exhaustion of Utopian Energies. *The New Conservatism*, p. 48-70, 1991.

HEY, Ana Paula. Elites, no plural. *Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 1-8, dez. 2017.

HEY, Ana Paula. *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico:* a educação superior no Brasil. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

KEINERT, Fábio Cardoso; SILVA, Dimitri Pinheiro. A gênese da ciência política brasileira. *Tempo Social*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 79-98, jun. 2010.

KLÜGER, Elisa. A contraposição das noções de técnica e política nos discursos de uma elite burocrática. *Revista Sociologia e Política*, v. 23, n. 55, p. 75-96, set. 2015.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. *BIB*, v. 86, p. 68-97, out. 2018.

KLÜGER, Elisa. *Meritocracia de laços:* gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil. 2017. 855 f. Tese (Doutorado em Sociologia)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando; CHAGAS, Viktor. Mercado Futuro: A Economia Política da (Re)Partidarização da Imprensa no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 323-356, 2016.

LE ROUX, Brigitte; ROUANET, Henry. *Multiple Correspondence Analysis*. Londres: Sage, 2010.

LEBARON, Frédéric. O campo dos economistas franceses no fim dos anos 90: lutas de fronteira, autonomia e estrutura. *Mana*, v. 7, n. 1, p. 9-29, 2001.

LIMA, Marcelo. *Jornalismo cultural e crítica:* a literatura brasileira no suplemento Mais!. Curitiba: Editora UFPR/Chapecó: Argos, 2013.

LIMONGI, Fernando. Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

LOUREIRO, Maria Rita. *Os Economistas no Governo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1997.

MANNHEIM, Karl. The meaning of conservatism. In: *Essays on sociology and social psychology*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1953. p. 94-119.

MARCHETTI, Dominique. Subfields of Specialized Journalism. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. *Bourdieu and the journalistic field*. Polity Press, 2005.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02>>. Acesso: 05 jun. 2020.

MEIRELLES, Allana. *Autonomia relativa e disputa por hegemonia na televisão pública: a participação dos movimentos sociais na TV Brasil*. 2016. 210 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

MEIRELLES, Allana; CHIARAMONTE, Aline. O Instituto Millenium na busca por poder. *Tempo Social*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 169-202, 2021.

MEIRELLES, Allana; CHIARAMONTE, Aline. Os economistas-colunistas no debate sobre as reformas no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 24, n. 47, p. 137-170, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/12845>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MEIRELLES, Allana; FERNANDES, Dmitri. A direita mora do mesmo lado da cidade: Especialistas, polemistas e jornalistas. *Novos Estudos – CEBRAP*, v. 38, n. 1, p. 157-182, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002019000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MENDONÇA, Wellington Pascoal. *A consagração de Graciliano Ramos*. 2018. 109 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MESSEMBERG, Debora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 621-647, 2017.

MICELI, Sergio. A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1995a. p. 341-396.

MICELI, Sergio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MICELI, Sergio. Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001a. p. 91-134.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

MICELI, Sergio. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1995b. p. 7-24.

MICELI, Sergio. O papel político dos meios de comunicação em massa. In: SOSNOMESKI, Saúl; SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Brasil: Trânsito da memória*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 41-67.

MICELI, Sergio. Palestra: Intelectuais, mídias e universidade pública em contexto de peleja. *Plural*, v. 25, n. 1, p. 172-177, 2018.

MICELI, Sergio. Por uma sociologia das Ciências Sociais. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001c. p. 11-28.

MICK, Jacques. Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”. *Perfil do Jornalista*, 2013. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. *Perfil do Jornalista Brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular, 2013.

MORAES, Vaniucha. *A elite dos jornalistas brasileiros: estratégias de legitimação e simbolização entre o período ditatorial e os anos pós-redemocratização*. 2017. 481 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política)–Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

NEIBURG, Federico. Economistas e culturas econômicas no Brasil e na Argentina: notas para uma comparação a propósito das heterodoxias. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 2, nov. 2004.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NOVELLI, José Marcos Nayme. As teorias sociológicas da inflação e o Plano Real: conflito e coalizão. *Política e Sociedade*, n. 6, abr. 2005.

OLIVIERI, Cecília. Política, burocracia e redes sociais: as nomeações para o alto escalão do Banco Central do Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, v. 29, p. 147-168, 2007.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? *Perseu*, n. 11, ano 7, p. 169-180, 2016.

PEDROSO, A.; UNDURRAGA, T. Jornalistas da economia e homens das finanças: uma dominação via imperativos profissionais? In: ANPOCS, 40, 2016. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPOCS. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/mr-7/10001-mr15-jornalistas-da-economia-e-homens-das-financas-uma-dominacao-via-imperativos-profissionais-1/file>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PERISSINOTTO et al. Redes sociais e recrutamento: o caso dos diretores e presidentes do Banco Central do Brasil (1994-2016). *Tempo Social*, v. 29, n. 3, p. 61-82, 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A direita mora do outro lado da cidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 10, p. 46-64, 1989.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. *Novos Estudos*, n. 19, p. 26-45, dez. 1987.

PINHEIRO, Dimitri; BERGAMO, Alexandre. Indústria Cultural no Brasil e o balanço da Sociologia: dois pesos, muitas medidas. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito (Org.). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz. *Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 268-277.

PINTO, Louis. *Le café du commerce des penseurs : à propos de la doxa intellectuelle*. Broissieux: Éditions du Croquant, 2009.

PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: Editores, Editoras e “Coleções Brasiliana” nas Décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Sumaré, 2001.

PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri. *As lógicas sociais do gosto: condicionantes das preferências, hierarquias simbólicas e legitimidades culturais*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

PULITI, Paula. *A Financeirização do noticiário econômico no Brasil (1989-2002)*. 2009. 286 p. Tese (Doutorado em Comunicação)–Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

REIS, Eliana; GRILL, Igor. Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil. *Tempo Social*, v. 29, n. 3, p. 137-159, 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. O JB é que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia. *Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 257-276, set./dez. 2018b.

RIBEIRO, Fábio Ricardo dos Anjos. *Telejornalismo policial e a legitimação do senso comum conservador em dois universos de recepção*. 2016. 209 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016b.

RIBEIRO, Fábio Ricardo dos Anjos; FERNANDES, Dmitri Cerboncini. Uma janela para o mundo: A apropriação socialmente diferenciada de telejornais policiais brasileiros. In: PULICI, Carolina; FERNANDES, Dmitri Cerboncini (Org.). *As lógicas sociais do gosto: condicionantes das preferências, hierarquias simbólicas e legitimidades culturais*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

RIDENTI, Marcelo. Mudanças culturais e simbólicas que abalam o Brasil. *Revista Plural*, v. 25, n. 1, p. 45-62, 2018.

ROCHA, Camila. “Direitas em rede: *think tanks* de direita na América Latina”. In: CRUZ, S. V. et al. (Org.). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

ROCHA, Camila. “*Menos Marx, Mais Mises*”: uma gênese da nova direita brasileira. 2018. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política)–Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. Em busca de um ponto cego: notas sobre a sociologia da cultura no Brasil e a diluição da mídia como objeto sociológico. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, p. 453-469, set.-dez. 2011.

RODRIGUES, Lidiane. Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002–2016). *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 277-312, mai.-ago. 2018.

ROXO, Marco Antonio. A greve como arma e o assalariamento como fim: o novo sindicalismo e o drama da identidade profissional dos jornalistas nos anos 1980. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, VI., 2008, Niterói. *Anais...* Rio de Janeiro, 2008. p. 36-37. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20greve%20como%20arma%20e%20o%20assalariamento%20como%20fim%20o%20novo%20sindicalismo%20e%20o%20drama.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SANTOS, Márcia Vanessa Malcher. *O cinema contemporâneo de Pernambuco*. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Sociologia)–Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2019.

SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. *Tempo Social*, v. 16, n. 1, p. 93-105, 2004.

SAPIRO, Gisèle. *Les écrivains et la politique en France*. Paris: Éditions du Seuil, 2018.

SAPIRO, Gisèle. Modèles d’intervention politique des intellectuels. *Le cas français. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 176-177, p. 8-31, 2009.

SERPA, Ana Carolina. *Lobão: do Vímãna à Veja*. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

SERPA, Ana Carolina; FERNANDES, Dmitri Cerboncini. Lobão e Caetano Veloso: desdobramentos da dialética nacional-estrangeiro. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 5, v. 2, p. 88-115, jan.-jul. 2018.

SERRA, Pedro Paulo Martins. *Jornalismo e televisão em perspectiva comparada: Brasil e França*. 2020. 247f. Tese [Doutorado em Sociologia]. Programa de Pós-graduação em Sociologia, USP, São Paulo.

SILVA, Leonardo Nóbrega. O mercado editorial e a nova direita brasileira. *Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, v. 13, n. 2., p. 73-84, dez. 2018.

SILVEIRA, Luciana. *Fabricação de ideias, produção de consenso: estudo de caso do Instituto Millenium*. 2013. 242 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SINGER, André. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2000.

SINGER, André. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. E-book.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabel. *As contradições do lulismo – a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava-Jato e contra a Reforma de Previdência. *Opinião pública e conjuntura política*, ano 9, n. 2, p. 2-7, ago. 2017.

STELLA, Marcelo. *Literatura como vocação: escritores brasileiros contemporâneos no pós-redemocratização*. 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, n. 17, p. 112-135, 2018.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, Sebastião Velasco et al. (Org.). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

TELLES, Helcimara. A direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia no protesto antigoverno. *Ponto e Vírgula*, n. 19, p. 97-125, 2016.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VILLAZÓN, Julio Córdova. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político. In: CRUZ, Sebastião et al. (Org.). *Direita, volver!.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DA ACM E DA ACH

A Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) e Análise de Classificação Hierárquica (ACH) foram elaboradas a partir de três principais eixos de análise: origem social (suplementares); posição no espaço social (ativas), desdobrada na relação com certas instituições (suplementares); e tomada de posição (suplementares). Para cada um desses eixos, foram construídas rubricas, variáveis e modalidades/categorias, as quais serão explicadas abaixo:

Posição no espaço social

Começo pela posição no espaço social, já que as variáveis ativas dos gráficos estão dentro desse eixo de análise. Foram construídas variáveis referentes a cinco principais rubricas: 1) posições na academia; 2) posições de poder econômico e político; 3) posições na imprensa tradicional; 4) posições na mídia eletrônica e digital; 5) posições no mercado editorial. Além disso, inseri também uma rubrica de variáveis suplementares, com dados sobre as instituições de ensino superior e as empresas de comunicação às quais os agentes se vinculam. Considerando a regra de aplicar um número de modalidades ativas menor do que o número de indivíduos, foi selecionado entre o elevado volume de dados coletados sobre os agentes – o qual superaria em muito o número de indivíduos estudados – aqueles que fossem mais representativos de cada um desses espaços e que marcassem de maneira mais coerente com a pesquisa qualitativa desenvolvida as distinções entre os agentes. Busquei assim equilibrar também o número de variáveis ativas por rubrica, assim como o número de modalidades ativas por variável – chegando a um total de 13 variáveis ativas, com 30 categorias ativas. Além disso, empreguei como suplementares ou agrupei (em casos possíveis) variáveis com frequências inferiores a 5%, seguindo, portanto, as convenções estatísticas estabelecidas (LE ROUX; ROUANET, 2010). Também optei por aplicar como suplementares as variáveis com número de modalidades mais elevadas (neste caso, com 5 ou mais modalidades) – que pudessem distorcer a análise – bem como aquelas com menor grau de confiabilidade dos dados coletados – evitando também a projeção de erros, mas podendo ao menos contar com elas na compreensão parcial da análise. As variáveis e modalidades empregadas são explicitadas a seguir. No caso das que foram projetadas como suplementares, haverá uma explicação sobre esta decisão:

- 1) Posições na Academia: nesta rubrica foram considerados o nível, área e local de formação assim como a ocupação de postos de docência e a dedicação à vida acadêmica.

- 1.1) Nível de formação: a) Graduação-: para aqueles que não concluíram o ensino superior; b) Graduação+: para aqueles que possuem o nível superior completo; c) Mestrado+: para aqueles que concluíram o mestrado – como apenas dois indivíduos possuem essa característica, com uma frequência menor do que 5%, essa modalidade foi aplicada como suplementar; d) Doutorado+: para aqueles que concluíram o doutorado.
- 1.2) Área de formação: a) Ciências Sociais e Humanas: incluindo aqueles que se formaram em Sociologia, Ciência Política, História, Geografia e Direito; b) Economia: reunindo os graduados em Economia, Administração e Engenharia; c) Filosofia: para os que se graduaram em filosofia; d) Jornalismo: para os que concluíram apenas o curso superior de jornalismo. Os que se graduaram em jornalismo e outro curso foram classificados por este outro, dado o perfil mais generalista e dada a menor valorização que os nomes estudados nessa pesquisa concedem à graduação de jornalismo; e) Sem graduação: reunindo aqueles que não completaram nenhum curso de graduação. Essa variável foi considerada como suplementar, dado o número elevado de modalidades.
- 1.3) Docência: a) Docência-: reunindo aqueles que nunca atuaram como professores universitários ou os que tiveram tal atividade por períodos muito breves, como um ou dois semestres; b) Docência privada: para aqueles que fizeram uma carreira mais longa no ensino superior privado do que no ensino superior público; c) Docência pública: para aqueles que fizeram uma carreira mais longa no ensino superior público do que no ensino superior privado.
- 1.4) Dedicção Acadêmica: a) Dedicção acadêmica+: agrupando os nomes que fizeram livre-docência e/ou que são pesquisadores com bolsa de produtividade do CNPq, ambos critérios internos à lógica da academia e que demonstram o investimento nessa atividade. Embora esses critérios não fossem suficientes para demonstrar a dedicação acadêmica caso a pesquisa estivesse sendo realizada com um universo de indivíduos ligado apenas à academia – ou seja, caso a pesquisa fosse sobre os professores universitários –, no universo dos intelectuais midiáticos, eles podem destacar os indivíduos que, a despeito dos investimentos em outras áreas, ainda se adequam a critérios de avaliação vigentes na academia brasileira hoje, ainda que impostos por agências de fomento, como no caso das bolsas de produtividade do CNPq; b) Dedicção acadêmica-: reunindo os nomes que não seguem as condições anteriores.

2) Posições de poder econômico e político: nesta rubrica foi considerada a ocupação em postos de poder político e econômico, tais como os cargos eletivos e de indicação política, os cargos no sistema financeiro, a atuação em agências de consultoria ou consultoria individual, a participação em *think tanks*.

2.1) Cargos políticos: a) Cargos políticos+: foram considerados os cargos em secretarias e ministérios federais, em secretarias estaduais e municipais, em instituições da burocracia estatal; como cargos eletivos e assessorias econômicas de parlamentares; e também aqueles nomes que se candidataram mas não foram eleitos, que prestaram consultorias informais, que contribuíram na elaboração de projetos de governo de candidatos à presidência da república, participaram no marketing político de campanhas eleitorais ou foram assessores de comunicação de parlamentares; c) Cargos políticos-: foram considerados os que não tiveram esses cargos e posições.

2.2) Sistema financeiro: a) Sistema financeiro+: foram considerados os nomes que trabalharam em bancos, não levando em conta os que apenas fizeram estágio ou os que atuaram na área de comunicação. Também não foram considerados os que apenas prestaram consultorias (já que há uma variável específica para esta); b) Sistema financeiro-: foram considerados os que não tiveram esses cargos e posições.

2.3) Consultorias: a) Consultoria político-econômica: para aqueles que têm sociedade em agências de consultoria ou as fazem individualmente nas áreas de política e economia; b) Consultoria em outras áreas: para aqueles que já prestaram consultoria em áreas ambientais, questões ligadas aos direitos humanos e à igualdade racial e de gênero, na área de publicidade e comunicação, na área educacional e jornalística; c) Consultoria-: reunindo aqueles que afirmaram não ter atuado nesta atividade ou que não tiveram essa informação encontrada (no caso daqueles que não puderam ser entrevistados).

3) Posições na imprensa tradicional: nesta rubrica, foram consideradas as posições em termos de hierarquia e prestígio no jornalismo em geral e na imprensa em particular, a ocupação atual em cargos do jornalismo *mainstream* ou em blogs e os veículos em que trabalham e escrevem.

3.1) Posições importantes na imprensa: a) Posições importantes na imprensa+: agrupando as figuras que alcançaram posições de hierarquia mais alta nas

redações, como cargos de chefia, correspondência internacional e colunismo político e econômico diário na imprensa escrita; b) Posições importantes na imprensa-: para os que não alcançaram tais postos.

- 3.2) Prestígio no jornalismo: a) Prestígio no jornalismo+: ter recebido o prêmio Esso, que foi um dos mais importantes do jornalismo brasileiro, e/ou ter sido citado em livros da História do Jornalismo como parte dos processos importantes de transformação da profissão (como fonte e/ou entrevistado), tais como as obras *Eles mudaram a imprensa*; *Elas ocuparam as redações*; *Jornalistas*; *Protagonistas da Imprensa Brasileira*; *Notícias do Planalto*; *História da Imprensa Paulista*; *Jornal da Tarde – uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira*; b) Prestígio no jornalismo-: para os que não preenchem os critérios anteriores.

- 3.3) Jornalismo *Mainstream* versus jornalismo blogueiro: a) Jornalismo *Mainstream*: considerando a posição atual dos profissionais em jornais, revistas, canais de televisão ou rádio mais ligados ao *mainstream*; b) Jornalismo blogueiro: considerando a posição atual dos profissionais em blogs próprios, grandes portais – como UOL, IG e Terra – ou em portais alternativos – como Brasil 257, DCM; c) Jornalismo-: reunindo aqueles que não atuam como jornalistas.

- 4) Posições na mídia eletrônica e digital: nesta rubrica, foram consideradas as atuações em canais de rádio e televisão assim como nas redes sociais.

- 4.1) Âncora ou comentarista de rádio e televisão: a) Rádio e TV+: agrupa aqueles que atuam ou atuaram no passado recente como apresentadores ou comentaristas em programas de rádio e televisão das grandes emissoras; b) Rádio e TV-: para aqueles que não atuam ou não atuaram no passado recente em canais de rádio e televisão.

- 4.2) Canal no *YouTube* (dados verificados pela última vez em outubro de 2020): a) YouTube+: agrupa os nomes que têm canal no *YouTube* com atividade regular; b) YouTube-: agrupa os nomes que não têm canal no *YouTube* com atividade regular.

- 4.3) Redes sociais (dados verificados pela última vez em outubro de 2020): a) Redes sociais-: agrupa os que não têm nem *Twitter*, nem *Facebook*, nem *Instagram* ou os que têm até dez mil seguidores nessas redes; b) Redes sociais+: agrupa os que têm entre 10 e 50 mil seguidores em alguma dessas

três redes; c) Redes sociais+: agrupa os que têm entre 50 e 100 mil seguidores em alguma dessas três redes; d) Redes sociais++: agrupa os que têm entre 100 e 500 mil seguidores em alguma dessas três redes; e) Redes sociais+++: agrupa os que têm entre 500 mil e 1 milhão de seguidores em alguma dessas três redes; f) Redes sociais++++: agrupa os que têm mais de 1 milhão de seguidores em alguma dessas três redes. Como esta variável excede o número de modalidades, ela foi aplicada como suplementar.

- 5) Posições no mercado editorial: nesta rubrica, foram considerados o volume elevado de vendas e a publicação de livros de ficção.

5.1) Best-sellers: a) Bestsellers+: agrupando todos aqueles que estiveram nas listas semanais, mensais ou anuais de obras mais vendidas do site *PublishNews*, desde setembro de 2010. No último período de verificação (outubro de 2020), os dados estavam disponíveis apenas até setembro de 2010. b) Bestsellers-: agrupando todos aqueles que não apareceram nessas listas, ainda que possam ter sido best-sellers em outros períodos. De todo modo, as listas do *PublishNews* parecem dar um retrato interessante dos nomes que ocupam este lugar contemporaneamente.

5.2) Publicação de livros de ficção: a) Ficção+: agrupando os nomes que já publicaram livros de ficção; b) Ficção-: agrupando os nomes que não publicaram livros de ficção.

- 6) Instituições de ensino e meios de comunicação: as variáveis dessa rubrica foram projetadas como suplementares, no intuito de complementar as análises empreendidas, demonstrando as oposições em termos institucionais no mercado de opiniões. Também contribuiu para a decisão de projetá-las como suplementares o fato de que cada variável era composta por um número elevado de categorias, as quais também são menos precisas, já que diante da circulação dos agentes por mais de uma instituição, tive que escolher a mais relevante do ponto de vista sociológico e das análises empreendidas na tese.

6.1) Veículos impressos: a) Folha de S.Paulo; b) Estadão; c) O Globo; d) O Globo/Estadão; e) Veja/IstoÉ; f) Blogs progressistas. Para a categorização, levei em consideração o veículo em que escreveram mais recentemente.

6.2) Canais de rádio e televisão: a) Organizações Globo; b) TV Brasil; c) TV Cultura; d) Jovem Pan; e) Outras emissoras: agrupa os apresentadores e

comentaristas de emissoras como Record, SBT, Grupo Bandeirantes, TV Gazeta e Jovem Pan; d) Rádio e TV-: para aqueles que não atuam ou não atuaram no passado recente em canais de rádio e televisão.

- 6.3) Instituições de graduação: a) Graduação na USP; b) Graduação na PUC-RJ; c) Graduação Internacional; d) Graduação em universidade federal; e) Graduação em faculdade particular; f) Sem graduação.
- 6.4) Instituições de doutorado: a) Doutorado USP; b) Doutorado Europa; c) Doutorado EUA; d) Doutorado Universidade Pública; e) Sem doutorado;
- 6.5) Instituições de docência: a) Professor na USP; b) Professor na PUC-RJ; c) Professor da FGV; d) Professor em universidades públicas; e) Professor em faculdades privadas; f) Sem docência.

Origem social

As propriedades de origem social foram projetadas como suplementares nos gráficos, tendo em vista três razões: 1) há menos dados disponíveis sobre a origem social dos intelectuais midiáticos e, como nem todos puderam ser entrevistados, há muitas informações faltantes; 2) esses dados, quando condensados para serem projetados no gráfico, tem suas precisões reduzidas; 3) como fatores explicativos, torna-se adequada sua projeção enquanto variáveis suplementares. São elas:

- 1) Ano de nascimento: a) Década de 40; b) Década de 50; c) Década de 60; d) Década de 70 e 80 (essas duas décadas foram agrupadas, considerando suas baixas frequências separadamente);
- 2) Cidade de nascimento: a) Capital – RJ e SP: agrupando aqueles que nasceram nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo; b) Interior de São Paulo e Minas Gerais; c) Outras regiões: agrupando os oriundos das regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste.
- 3) Parentes renomados: a) Parentes renomados+: foram considerados os nomes que têm pais, mães, avós ou tios que foram intelectuais, políticos, jornalistas e profissionais reconhecidos em suas áreas e/ou mesmo fora delas. Esses nomes ocuparam postos eletivos e/ou na burocracia estatal, fundaram universidades, foram militantes políticos, professores universitários reconhecidos em suas áreas, jornalistas famosos ou artistas. A maioria tem biografias e entrevistas publicadas no CPDOC, em livros e dicionários das áreas, e na imprensa; b) Parentes renomados-: para aqueles que não foi encontrada nenhuma informação nesse sentido.

- 4) Geração diplomada: a) Pais sem diploma: os pais dos intelectuais midiáticos que não obtiveram diploma universitário; b) Pais com diploma: os pais são a primeira geração com diploma universitário ou não foram encontradas informações sobre os avós, mas os pais fizeram uma formação superior; c) Avós com diploma: os avós dos intelectuais midiáticos já tinham diploma universitário. Quando os pais ou avós obtiveram diploma tardiamente, eles não foram considerados na categoria. Foram deixados em branco os casos em que não se encontrou nenhuma informação.
- 5) Classificação profissional dos pais: a) Atividade política e intelectual: inclui professores universitários, jornalistas, juízes (bacharéis), políticos nacionais; b) Executivo-profissional: inclui profissionais liberais (economistas, engenheiros, médicos e advogados), empresários (banqueiro, grande empresário, dono de construtora e agência de publicidade); c) Funcionário público: inclui bancários, militares, funcionários de outros órgãos federais, políticos e professores locais; d) Comerciante: inclui pequeno e médio comerciante local, farmacêutico, mascate, corretor de imóveis, negociador de terras; e) Trabalhador manual: estivador, trocador de mola de caminhão, caixa de supermercado. Foram deixados em branco os casos em que não se encontrou nenhuma informação.
- 6) Hierarquia profissional dos pais: a) Hierarquia alta: executivos de alto escalão, empresários, profissionais liberais, professores universitários, artistas e jornalistas reconhecidos; b) Hierarquia média: comerciantes, funcionários públicos e jornalistas de outras décadas (em que a profissão ainda não era bem remunerada); c) Hierarquia média e baixa: trabalhadores manuais, rurais e aqueles que relataram vir de classes médias baixas ou baixas. Foram deixados em branco os casos em que não se encontrou nenhuma informação.
- 7) Profissão das mães: a) Mães donas de casa; b) Mães com trabalho manual: empregadas domésticas ou cozinheiras; c) Mães professoras de escola: professoras primárias ou até o ensino médio; d) Mães com outras profissões: professoras universitárias, jornalistas, funcionárias públicas, profissionais liberais. Foram deixados em branco os casos em que não se encontrou nenhuma informação.
- 8) Envolvimento Político: a) Política nacional: inclui aqueles que têm pais, avós, irmãos, tios envolvidos na política nacional, seja como militantes, exilados, ocupantes de cargos da burocracia estatal ou políticos eleitos; b) Política local: inclui aqueles que têm pais, avós, irmãos, tios envolvidos na política local, seja como eleitos (prefeitos, vereadores), seja como militantes ou partidários; c) Política:

inclui aqueles que não tiveram parentes com envolvimento político. Foram deixados em branco os casos em que não se encontrou nenhuma informação.

Tomada de posição

As variáveis sobre tomada de posição podem ser organizadas em cinco principais rubricas: 1) a autoclassificação; 2) a tomada de posição em dois diferentes momentos de crise; 3) o perfil dos seguidores; 4) as instituições e organizações a que se vinculam; 5) os partidos a que se vinculam ou com os quais simpatizam. Elas foram projetadas como suplementares, já que não são elas que organizam o espaço social, estruturado pelas posições, e já que sua precisão pode ser mais questionada.

- 1) Autoclassificação: foram consideradas, em primeiro lugar, as respostas dadas nas entrevistas que realizei. Para aqueles que não foram entrevistados, considerei as declarações públicas, deixando em branco aqueles que se recusam a se posicionar: a) Esquerda; b) Centro-esquerda; c) Centro-direita; d) Direita. Os que se declararam de centro, foram solicitados a se direcionarem mais à direita ou à esquerda. Os que se afirmaram de direita nas questões econômicas e de esquerda nas questões de costumes, foram considerados como centro-direita.
- 2) Tomadas de posição em momentos de crise:
 - 2.1) Impeachment de Dilma Rousseff: a) Não é golpe: incluindo os que fizeram campanha para a deposição da presidenta e os que apresentaram argumentos defendendo a legitimidade do processo; b) É golpe: incluindo os que fizeram campanha contra a deposição e os que apresentaram argumentos contrários ao processo de impeachment.
 - 2.2) Eleições de 2018: a) Pró-Bolsonaro: incluindo os que fizeram campanha para Bolsonaro e os que, no segundo turno da eleição, afirmaram ser ele o candidato que causaria mal menor; b) Contra Bolsonaro: incluindo os que fizeram campanha contra Bolsonaro e os que, no segundo turno da eleição, afirmaram ser ele o candidato que causaria mal maior; c) Polos equivalentes: incluindo os que, no segundo turno da eleição, votaram nulo ou apresentaram argumentos que comparavam Bolsonaro ao PT, Lula e Haddad, frisando que os riscos seriam equivalentes em qualquer resultado.
- 3) O perfil dos seguidores: consultando a reta-ideológica dos seguidores de formadores de opinião no *Twitter*, divulgada pela *Folha de S.Paulo*, foi possível mapear o perfil ideológico das pessoas que acompanham boa parte dos intelectuais midiáticos nas redes

sociais: a) Seguidores-: para aqueles que não são incluídos na reta; b) Seguidores à esquerda; c) Seguidores ao centro; d) Seguidores à direita.

4) Instituições e organizações a que se vinculam ou por onde circulam:

- 4.1) *Think tanks*: a) Think tanks mais à direita: reunindo os que afirmaram participar, os que já palestraram ou frequentaram eventos, os que têm suas biografias publicadas ou seus textos reproduzidos em sites de *think tanks* como Instituto Millenium, Livres, Instituto Liberal e Instituto Mises Brasil. Essas organizações foram selecionadas, inclusive, a partir do depoimento dos nomes estudados e da projeção que esses think tanks tomaram nos últimos anos no país, conforme as partes deste trabalho que lidam com eles demonstram; b) Think tanks-: os nomes que não apresentam as condições anteriores.
- 4.2) Movimentos sociais: a) Movimentos sociais mais à esquerda: reunindo os que afirmaram colaborar, apoiar ou abrir espaço para algum movimento social ou os que demonstram publicamente apoio. Deve-se ressaltar que poucos nomes estabelecem uma vinculação fixa com algum movimento social, sendo essa participação muito mais esporádica e em termos de simpatia; b) Movimentos sociais-: os que não apresentam as condições anteriores.
- 4.3) Classificação dos veículos pelos quais circula (no caso de acumularem veículos *mainstream* e veículos com viés declarado, optou-se por considerar o de viés): a) Jornalismo *Mainstream*: reunindo os que escrevem ou circulam em veículos que não assumem um posicionamento político, com comentaristas e colunistas mais à direita e mais à esquerda do espectro político, tais como *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *IstoÉ*; b) Viés de esquerda: incluindo as figuras que escrevem ou circulam em veículos e programas identificados como à esquerda do espectro político, tais como *Brasil 247*, *DCM*, *Revista Carta Capital*, *Caros Amigos* e *Cult!*, além de blogs pessoais; c) Viés de direita: incluindo as figuras que escrevem ou circulam em veículos identificados como à direita do espectro político, tais como o jornal *Gazeta do Povo*, a rádio *Jovem Pan*, o site *O Antagonista* e blogs pessoais.
- 4.4) Partidos políticos: para além das vinculações mais diretas, foram consideradas também as expressões de proximidade, diálogo ou simpatia seja pelo partido em si ou por uma figura política ligada a ele, nas entrevistas que realizei ou nas entrevistas de outras fontes. Como algumas pessoas expressaram essa

proximidade com mais de um partido, alguns foram agrupados: a) PT/PSOL; b) PSDB; c) PSDB/NOVO; d) NOVO; e) PSL / BOLSONARO.

APÊNDICE B – TABELAS REFERENTES À ACM E À ACH

Tabela 30 - Indicadores de qualidade da ACH

Nome	Antes da consolidação	Depois da consolidação
Variância intracluster	0,308	0,299
Variância entre clusters	0,683	0,693
Taxa entre variância (η^2)	68,926	69,880
Critério Calinski-Harabasz (pseudo F)	19,963	20,880
Davies-Bouldin's index	1,076	1,060

Fonte: Dados gerados pela ferramenta SPAD.

Tabela 31 - Informações dos clusters

Cluster	Antes da consolidação			Depois da consolidação		
	Número	Porcentagem	Inércia	Número	Porcentagem	Inércia
1	8	15,686	0,021	8	15,686	0,021
2	8	15,686	0,056	7	13,725	0,041
3	8	15,686	0,048	8	15,686	0,048
4	13	25,490	0,114	12	23,529	0,105
5	8	15,686	0,026	9	17,647	0,033
6	6	11,765	0,043	7	13,725	0,051
Total	51	100,000	0,308	51	100,000	0,299

Fonte: Dados gerados pela ferramenta SPAD.

Gráfico 11 - Dendrograma da ACH. Fonte: Dados gerados pela ferramenta SPAD.